DANIEL MASTRAL

A HISTÓRIA DE MITHRY

Quando os sonhos parecem reais demais



PÓRTICO

Romance

A HISTÓRIA DE MITHRY

DANIEL MASTRAL

A HISTÓRIA DE MITHRY

Quando os sonhos parecem reais demais

PÓRTICO

Copyright © Daniel Mastral, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.



Leia e sinta-se livre

Preparação: Thiago Fraga
Revisão: Fernanda França e Project Nine Editorial
Diagramação: Project Nine Editorial
Capa: departamento de criação da Editora Planeta do Brasil
Ilustração de capa: Bruna Richter
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Mastral, Daniel
A história de Mithry / Daniel Mastral. – São Paulo: Planeta, 2019.
368 p.

ISBN: 978-85-422-1618-9

1. Ficção brasileira 2. Espíritos - Ficção 3. Demônios - Ficção I. Título

19-0589 CDD B869.3

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002.
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br



Era uma vez,
Muito, muito tempo atrás,
Um reino distante onde vivia um povo de coração puro.
Esse foi o primeiro povo que existiu em todo o Universo,
Antes de qualquer outro;
Eram chamados Filhos do Rei.
Não conheciam a cobiça, o ódio, a mentira ou a soberba.
Suas leis eram regidas por princípios simples:
Pelos laços do amor, da amizade e do respeito mútuo,
Pois essa era a sua essência.
E não se pode fugir de quem se é.
A pureza e inocência dos Filhos do Rei se equiparavam às dos animais,
Ou das crianças bem pequenas.
O rei e a rainha que governavam esse reino eram bons, dignos e justos,
Capazes de amar seu povo com o coração.
Havia paz e harmonia constantes entre os Filhos do Rei,
E os irmãos cuidavam uns dos outros.
Não havia pobreza ou doença,
Nem quem conhecesse lágrimas sem consolo.
Tudo era abundante, e tudo era para todos.
Até nas rivalidades inexistia a maldade,
E as diferenças não produziam nem inveja, nem desprezo.
Por causa dessa pureza de coração, os Filhos do Rei eram imortais.
Para que vivessem eternamente, no entanto,
Era necessário alimentar-se da Árvore Mágica.
A Árvore produzia Doze Frutos diferentes;
Cada Fruto marcava uma Estação.
E cada Doze Estações marcava um ciclo.
No início das Estações havia festas em todo o reino
Para celebrar a Colheita e a Vida.
Todos os Filhos do Rei comiam os frutos da Árvore Mágica,
Cada qual em sua Estação, e viviam para sempre.
Assim também se contava o Tempo,
Eternamente.

PRÓLOGO

TRIGÉSIMO CICLO

Estamos entrando no Trigésimo Ciclo. E eu ainda estou aqui!

Mas agora, pelo menos, consigo me *lembrar*. As lacunas apagadas da minha memória retornam em parte, fazem com que eu possa entender o começo, o meio e o fim. Ah, e como eu aguardo o fim! Aguardo a minha morte.

Porque, morrendo em breve, estarei diante de um novo começo. Um novo começo de verdade. Agora eu entendo. Eu vejo.

Mas demorou tanto...

Olho para trás e percebo que não havia nada pior para ocorrer! O que de *mais terrível* poderia acontecer ocorreu há muito tempo: no Décimo Terceiro Ciclo...

As mudanças foram tão profundas! Muitos acharam que seriam para melhor, eu, inclusive. Contudo... Ninguém imaginava o que estava por vir. Um verdadeiro pesadelo.

O Décimo Terceiro Ciclo passou, e findou-se.

No Décimo Quarto Ciclo, antes do amadurecimento do Oitavo Fruto, meu pedido foi atendido. Eu estava ciente da minha escolha e de que era o melhor caminho a seguir.

Porém, agora, vivendo no Trigésimo Ciclo, eu percebo... *Ah, sim!* Percebo como teria sido muito melhor... Muito melhor... Se o pedido tivesse sido negado a mim.

* * * *

DÉCIMO QUARTO CICLO SÉTIMA ESTAÇÃO

Deveria ter sido um dia de treinos e aulas como outro qualquer.

Bem, não exatamente como outro *qualquer*, já que os mestres-convidados tinham chegado havia poucos dias. O Curso de Especialidades que ocorria ao final das Estações começava, e a elite dos alunos da Arena – a maior escola marcial da capital – havia esperado ansiosamente durante toda a Estação.

Geralmente esses alunos já haviam conseguido admissão no curso extensivo integral da Arena – eram formados pelo Instituto, ou o estavam cursando – e compunham um grupo seleto de guerreiros com destaque em

vários treinamentos que desejavam complementar sua formação.

Por serem considerados extracurriculares, esses Cursos de Especialidades, assim como vários outros tipos de aulas oferecidos pela Arena, aconteciam em datas preestabelecidas. Eram abertos tanto para os alunos do próprio Instituto como para os que vinham de outras escolas marciais menores – desde que aprovados na rigorosa seleção.

Como de costume, naquela Estação – a Sétima –, os calendários com as aulas e os mestres-convidados haviam circulado pelo reino, assim como as datas dos testes de aptidão. O processo de seleção ocorria durante toda a Estação e atraía verdadeiras enxurradas de alunos e professores. Mas, em se tratando da Arena, só os melhores dentre os melhores eram escolhidos.

Muitas vezes, o aluno que pretendia candidatar-se ao Instituto Arena começava participando de cursos extracurriculares, a fim de "ambientar-se" e ter mais chances quando tentasse o Exame de Admissão. Justamente porque a data desses testes, que selecionavam alunos para o Curso Extensivo Integral, era sempre uma incógnita: nunca se sabia ao certo quando o Exame iria ocorrer. Mas, quando abriam as inscrições, uma profusão de guerreiros e alunos assomava dos quatro cantos do Reino.

Os testes eram aplicados ao longo dos dias. Apenas uma pequena parte, a *menor*, era aceita. Esses poucos privilegiados passariam a viver e respirar a arte marcial de modo a galgar os mais altos patamares, atingindo cada qual o seu nível máximo de habilidades. Se o nível máximo de um aluno não fosse considerado suficiente para o Instituto Arena, ele era dispensado. Mas futuramente poderia tentar uma nova Admissão, quando estivesse mais bem preparado.

No entanto, isso era raro. O Exame de Admissão, por si só o mais rigoroso de todas as escolas do gênero, tinha poder de avaliar por inteiro os candidatos, de modo que não fosse necessário dispensar qualquer aluno por falta de aptidão técnica, física ou intelectual.

Estudar na Arena era sinônimo de *conquistar* o seu lugar, e não somente no Exame de Admissão. "Para estar no alto, não basta chegar ao alto; é preciso saber fazer o mais difícil, que é permanecer no alto." Todos os alunos da Arena conheciam esse lema!

Significava um merecimento provado em todo o tempo e aprovado de todas as formas. As dificuldades a serem superadas e as conquistas eram diárias. Sempre havia alguma coisa acontecendo; e podiam ser bem estranhas. Quer dizer, quando menos se esperava, os alunos estavam diante dos testes mais complexos, "impossíveis" ou bizarros.

Era por isso que o Instituto Arena formava os melhores guerreiros. Não apenas os que venciam as competições, mas que possuíam algo além: eram moldados no caráter, na coragem e na unidade. Um time de guerreiros da Arena, na modalidade que fosse, era um time praticamente imbatível.

Porém, como em quase todos os lugares, e em quase todas as histórias, havia uma exceção. Uma peça improvável nesse contexto: uma garota.

Uma garota que, contra todas as expectativas, e para surpresa geral dos professores que aplicavam o Exame de Admissão na época, foi classificada, tornando-se aluna regular do Instituto Arena no Curso Extensivo Integral. Isso acontecera no Quarto Fruto do Décimo Ciclo.

Entretanto, por motivo de "força maior", ela não participou das recentes seletivas para o Curso de Especialidades da Sétima Estação do Décimo Quarto Ciclo.

Mas, mesmo sem ter passado por qualquer seletiva, a garota estava lá. Graças à intervenção de um dos professores titulares do Instituto, que conseguiu o "milagre"! Claro que, antes de qualquer coisa, ele levara o pedido à consideração do Rei, recebendo aval para agir como bem entendesse.

Portanto, o tal "motivo de força maior" foi praticamente o único motivo dado pelos professores titulares do Instituto aos mestres-convidados para justificar a presença da aluna, já que, aqueles que a conheciam, entraram em consenso alegando que "se tivesse feito o teste de aptidão, ela teria passado; e com louvor".

Além disso, a única aluna da Arena "teria que se ausentar muito em breve", deixando de frequentar as aulas "temporariamente", embora "sem previsão de retorno". Assim, por unanimidade, os professores consideravam "extremamente benéfica e salutar" a participação dela em algumas das centenas de opções oferecidas pelo curso.

Conversas, reuniões. Por fim, aquelas informações pouco elucidativas foram deixadas de lado e foi aprovado o pedido dos professores quanto à aceitação da garota. O professor responsável por encabeçar todo o processo – um dos principais capitães do Rei, e um dos príncipes – fora pessoalmente comunicar à aluna a decisão altamente improvável, alguns dias antes. Mais precisamente na véspera do início das aulas.

Ela pulou, e dançou, e gritou de alegria nos ouvidos do professor, tão alto, que ele quase saiu correndo. Mas teve que compartilhar da felicidade dela aceitando um pedaço de bolo de morango e respondendo a uma infinidade de perguntas sobre como ele havia "conseguido tal proeza" e outros assuntos relacionados, do tipo: "Mas então... o Rei deixou *mesmo*?".

Fora o fato de ouvir pelo menos umas cinquenta vezes sobre como ela estava "tão *infinitamente* triste e absolutamente *contrariadíssima* por não poder participar de *nada*, mesmo quando tinha *tudo* para estar ali".

Quando conseguiu falar mais que duas frases seguidas, o professor fizera uma interminável lista de recomendações, ameaçando a garota com vários e terríveis tipos de castigos caso ela lhe desse o mínimo motivo de arrependimento. Ela havia tomado um ar muito sério e jurado ao capitão que ele não se arrependeria jamais, de forma alguma.

Então, deixando de lado o terceiro pedaço de bolo, ele lhe entregou os prospectos dos cursos em que a tinha matriculado.

Havia encaixado a aluna no curso de Combate com Espadas (incluía as espadas duplas, especialidade da garota), Combate Corpo a Corpo (com e sem

armas e armas a serem escolhidas pelos alunos) e Arremessos (englobando, obrigatoriamente, faca e adaga, besta, arco e flecha e lança). O dardo e a corda ou martelo meteoro eram opções extras. O professor a pusera com dardo e corda.

Como era bom estar de volta à sua Escola! Mesmo que fosse apenas durante o Curso de Especialidades. Ela dissera isso muitas e muitas vezes, até quando se despedia do professor na porta de sua casa.

Depois que ele saiu, a jovem continuou pulando e dançando, rindo sozinha, conversando com seus animais. Ansiosa, aguardou pelo horário do início das aulas na manhã seguinte, embora soubesse, em parte, o que haveria de vir.

Conforme os dias passavam, ela se via mergulhada em um frenesi quase irrefreável de alegria, alvoroço e ebulição pura por poder estar em meio à movimentação na Arena.

Naquele início de tarde em particular, o grupo dela estava na arena principal para darem início ao segundo módulo de Combate com Espadas. Aquela arena gigantesca ficava ao ar livre, no topo do Instituto, e tinha formato de elipse, daí a origem do nome ser justamente Arena Elipse. Doze arcos em espiral suspendiam-se gloriosos acima dela, nas alturas, poderosos, de um lado a outro.

Os arcos eram construídos em um tipo especial de pedra, facilmente manuseável pelo aquecimento como se fosse vidro, e faziam alusão aos doze principais príncipes do reino. Como nas paletas dos artistas, as tonalidades eram fulgurantes e vívidas, cores e mais cores adornando os arcos e surgindo em meio a muito dourado, que cintilava sob a luz. Todos os arcos eram minuciosamente cobertos em toda a sua extensão por desenhos, símbolos e dizeres ancestrais, o que os transformava em verdadeiras obras-primas.

Entretanto, a função não era apenas embelezar. Os arcos tinham o poder de estender uma cúpula de energia sobre toda a Elipse, o que era muito útil a diversos tipos de treinamento: para diminuir a luz (desde uma leve penumbra à escuridão total) ou aumentá-la a luminosidades excessivas, mimetizando, assim, ampla gama de ambientes. A cúpula também tinha função de aclimatar o local, possibilitando desde temperaturas baixas às mais escaldantes.

Embora os subgrupos já tivessem sido divididos, as fileiras ainda não estavam formadas. Motivo: o grupo de mestres-convidados que viera dar início ao novo módulo – um grupo diferente –, o que fazia com que boa parte dos alunos mantivesse os olhos arregalados em sua direção. Na verdade, estavam em polvorosa, momentaneamente esquecidos de qualquer ordem.

Os professores e mestres da Arena estavam todos ali, presentes para as boas-vindas, orgulhosos, colocando-se ao redor de seus alunos. O barulho de pés arrastando-se sobre as enormes pedras azul-claras de granito polido do centro da Elipse somava-se a sussurros nem tão sussurrados e a farfalhares de roupas que se espalhavam por todos os lados. As conversas baixinhas

borbulhavam, mencionando os nomes famosos e épicos que estavam ali, diante deles, e suas incontáveis conquistas em torneios e campeonatos de elite, bem como as posições hierárquicas que muitos ocupavam no Exército Real.

Compenetrada, a jovem garota postou-se à sua fileira, no exato lugar onde deveria ficar, mesmo que os outros ainda não estivessem ali para facilitar o posicionamento. Isso não a impedia de, incomumente quieta, também avaliar os recém-chegados, hipnotizada. Eram cinco ao todo naquela tarde; todos muito fortes, de olhar penetrante. Carregavam história não só na mente e na memória, mas também no corpo. As cicatrizes falavam por si, especialmente *aquela*, no rosto de um gigante de músculos e força bruta, que cortava da têmpora esquerda quase até a asa do nariz.

A menina reparou muito bem nele, com olhos fixos e sem cerimônia, aproveitando o fato de ele estar mais perto dela. Que tipo de lâmina fizera aquilo? Qual oponente fora capaz de atingir daquela forma alguém aparentemente invencível? Ela só podia ficar imaginando, pensando, lembrando... *Será que ele estivera... Onde?*

Só podia supor. Perguntar seria inaceitável. Até podia ouvir os berros do capitão para repreendê-la, caso ousasse aproximar-se do guerreiro com tal conversa. Levaria um sermão. "Em vez de elogiar adequadamente alguma das qualidades dele, você lhe pergunta onde arrumou a maldita cicatriz?"

O burburinho foi parando bem rápido, quando, por fim, todos os alunos entraram em formação. Alguns professores faziam cara feia. Dos milhares de alunos que a Arena comportava, mais os que vieram de fora para tentar uma vaga, apenas cento e cinquenta estavam ali, no Curso de Especialidades.

Finalizadas as apresentações dos mestres e os rococós, não foram dadas dicas de como transcorreria o novo módulo. Um mistério proposital. Cada guerreiro deveria subir passo a passo, deixando que a luz da conclusão de um passo iluminasse o próximo patamar da escada.

"Aquecimento!", foi a única ordem.

Sentindo-se liberada, a menina puxou a espada das costas e a movimentou devagar, fazendo floreios. Mas, antes que pudesse sequer pensar, algo atingiu sua espada, lançando-a ao chão; a arma deslizou alguns metros antes de parar. Ao mesmo tempo o braço da garota foi puxado sem muita gentileza. Ela deu de cara com o professor responsável por aquilo. O capitão.

Ali ele não era o professor superlegal que comera bolo de morango e intercedera a favor dela. Parado à sua frente, braços cruzados, ele era bem mais alto e extremamente forte. O uniforme apenas realçava a compleição muscular sólida como rocha. O rosto dele estava fechado, e os olhos a fuzilavam.

— O *quê*? — Surpresa e um pouco irritada, ela tentou puxar o braço de volta. Mas a mão dele era um torniquete. — Não fiz nada de errado!

— *Mithry*. — O som do nome dela saiu áspero. — Alguém lhe deu ordem para empunhar a espada?

— Disseram “aquecimento”.
— Está vendo mais alguém com a espada em punho?
— É um curso de *Combate com Espadas*, professor.
— Que tal aquecer primeiro o corpo?
— Por que preciso imitar os demais?
— Talvez porque a maioria esteja certa?
Ela meneou de leve a cabeça, fazendo um muxoxo.
— Não vou matar ninguém. Prometo! — Mithry respondeu, erguendo olhos um pouco zombeteiros, mas duros, para o rosto do capitão.
Não se atreveu, contudo, a uma resposta mais petulante. Poderia ser cortada por indisciplina. Ele a tinha avisado incontáveis vezes.
— Chega de conversa — esbravejou o capitão. — Fiz-lhe sinal do outro lado da Elipse para que embainhasse a espada! Você nem me viu. Sabia que sou responsável por você enquanto está aqui, Mithry? Sabia que a ideia de trazê-la foi minha e...
— Sim, capitão! — Mithry respondeu, só notando depois que o tinha interrompido. Calou a boca.
— Só quero um comportamento exemplar de sua parte. Não desembainhe a espada sem receber a ordem.
— Está bem. — Ela deu um sorrisinho que flutuou até ele. — Não sou tão *perigosa* assim, capitão. Fique despreocupado! Além do mais, por que eu deveria estar prestando atenção em *você*? Hoje você é secundário, professor. — Mithry só queria provocá-lo, e continuou olhando duro, apesar do sorrisinho.
A coluna maciça de força física que era o capitão estava a um passo dela, com os braços potentes ainda cruzados sobre o peito. Mas não a intimidava, talvez porque algo estranho acontecesse naquele exato e preciso instante. O rosto de linhas firmes assumiu um quê inesperado de suavidade. Aquilo, sim, deixou Mithry bem ressabiada. Isso bastou para ela o encarar com mais atenção.
— Hum... Que foi?
Depois da bronca, os olhos castanho-dourados do professor assumiam, agora, um ar (*esquisitíssimo*)... De compaixão. *De compaixão?* Aquele não era o olhar que costumeiramente ele lhe reservava, por isso Mithry ficou bem quieta, e esperou.
Acho que o problema não era a espada, não, pensou ela.
Em vez de se explicar, o capitão deve ter achado que já havia perdido muito tempo, pois descruzou os braços e girou nos calcanhares.
— Vamos — disse ele. O tom não admitia discussão.
— Vamos? Mas aonde? — Ela permaneceu enraizada no mesmo lugar. E gritou: — Espere, professor! O módulo novo... caramba, professor!
— Venha já comigo. — Foi tudo o que ele respondeu.
Sem se virar para ela, o capitão fez um gesto de “me acompanhe” antes de apanhar a bolsa de lona grossa com alça que carregava por todos os lugares.

— Mas que *porcaria*! Que péssimo dia para ele cismar comigo! — Mithry foi pegar a espada caída no chão, e se abaixou furiosa. Embainhou-a novamente. — Isso porque ele é o primeiro a reclamar de atrasos! Droga! — Bufou. Depois gritou: — Ei! Capitão!

— Pare de gritar — ordenou, desviando a vista para ela. — Já bastam essas suas tatuagens malucas que assustam todo mundo.

De fato, todos olhavam na direção deles, querendo entender o motivo da comoção. Mithry lançou um sorriso na direção do grupo, e fez um "adeusinho" antes de virar-se de costas, certa de que todos olhavam para o pedaço da estranha tatuagem que ficava visível pela parte de trás da camisa. Aquilo era sempre motivo de olhares e comentários – estava ficando repetitivo.

— Pelo menos sou original — murmurou. — E trata-se de uma homenagem.

O capitão saía pelo portão norte, e a garota não teve alternativa senão correr atrás dele, que nem fazia questão de esperá-la.

— Pelas portas do palácio! Espero que isso seja por um bom motivo — rosnou ao alcançá-lo. — Um ótimo motivo! Sabia, professor?

— Não sei se você está lembrada dos rigores de seleção desta escola. A começar por uma idade mínima...

— Mas eu tenho! Tenho a idade mínima! Em cima, mas tenho!

— Uma idade mínima... — repetiu, olhando torto para a pupila. — Associada a habilidades físicas e técnicas refinadas.

— Que eu também tenh...

— E o principal: a aprovação *pessoal*, dada pelos professores e mestres da Arena, em função de suas habilidades e do controle emocional.

Desta vez, Mithry titubeou. Abriu a boca, mas as palavras fugiram. Então fez um beiço enquanto erguia as sobrancelhas. O capitão concluiu:

— Racionalidade, capacidade de concentração, rapidez em obedecer às ordens, disciplina obstinada...

— Mas, capitão! Sou *capaz* de...

— Determinação no seguimento *contínuo* das regras, comportamento *controlado*... Isso lhe diz algo? — O professor olhou firme para a aluna, sem diminuir o passo. — Traduzindo: controle emocional. Traduzindo *mais ainda*: nada de afobação, contestações desnecessárias, excesso de sílabas perante o questionamento de um superior, choramingos, ironias e blá-blá-blás. Como eu disse, bastam suas tatuagens. Você teria que removê-las para estar neste curso, quem dirá *estar* na Arena com elas, e eu...

— Elas não saem — balbuciou Mithry, murchando um pouquinho. — E... e você sabia muito bem disso quando me aceitou.

— É. Eu sabia. — O capitão suspirou. — Agora vamos. Chega de perder tempo!

Mithry ficou quieta. Para sua surpresa, eles realmente saíram da Elipse e entraram no Instituto. As passadas do professor eram largas, deixando

rapidamente para trás as várias portas ao longo do espaçoso corredor. Ali ficavam os alojamentos de professores e mestres-convidados, com quartos e salas para uso particular, além de um régio salão de banho.

As portas eram forjadas em ferro e ouro, com belos vitrais coloridos que rememoravam a Peleja. Quando os guerreiros passassem por aquele lugar, jamais haveriam de se esquecer de que houvera apenas uma guerra; e que os infindáveis alunos formados naquele Instituto seriam os principais responsáveis para que nunca mais houvesse outra. E, quando a paz retornasse, as Artes da Guerra poderiam voltar a ser cultivadas apenas para fins esportivos, em jogos e competições, como antigamente.

As paredes do corredor por onde professor e discípula passavam eram muito ornamentadas, com palavras antigas, desenhos e quadros imensos, dando espaço apenas para os enormes janelões. Por estes filtrava-se intensa luz que coloria os vitrais, lançando pinceladas de arco-íris ao longo do piso, das paredes e dando vida aos ornamentos. Sem contar a exuberante vista da gigantesca Arena Elipse, sem dúvida, a menina dos olhos do Instituto.

Nem todos os alunos tinham o privilégio de treinar na Elipse. Outras arenas menores posicionavam-se em todo o entorno do edifício principal, um pouco acima, um pouco abaixo, como as pétalas de uma enorme flor aberta. Cada qual com um formato diferente, que lhe rendia o nome.

Calado, o capitão continuou seguindo reto pelo corredor, a mão apoiada firmemente sobre sua bolsa. O chão era de mármore com arabescos em lápis-lazúli e ametista, e recebia, em espaços um pouco mais abertos, alguns tapetes com intrincados padrões e almofadas convidativas. Com passos graciosos, ele foi descendo as largas e belas escadas de ardósia em espiral (o capitão era contra o uso de elevadores), que davam acesso aos vários andares com os alojamentos dos internos e suas alas de banho e descanso.

Mithry seguiu em seu encalço, e o professor apenas continuou pelas escadas até um dos andares próximos ao térreo, quando, finalmente, tomou um dos corredores à direita, tão ornamentado quanto o outro de cima. No final deste, acessou outro enorme conjunto de escadas, que levava para outras alas do Instituto.

— Já sei. É uma reunião secreta! — Mithry ousou fazer piada, mal-humorada.

O capitão não respondeu. Agora eles estavam em um dos andares do Quadrilátero Acadêmico, com salas de aula e auditórios dispostos ao longo de quatro corredores infindáveis, unidos em formato de quadrilátero, cujo centro revelava, abaixo, um enorme e agradável jardim para o convívio dos alunos e professores.

Pelo visto iam continuar. O professor guiou Mithry pelo corredor leste, passando por auditórios e mais auditórios de onde se ouviam vozes de gente dando aula. Ela mesma tivera muitas aulas naquele lugar.

No Quadrilátero Acadêmico, as paredes exibiam um complicado desenho geométrico em tons de esmeralda, ouro e cobre. Muitas janelas mostravam,

em parte, as Arenas Pentágono e Dodecaedro. A Arena Pentágono era semelhante à Elipse: ao ar livre, embora menor.

Mas a Dodecaedro, forjada em vidro praticamente indestrutível, era fechada por completo. Tratava-se de uma imensa estrutura, brilhante como diamante, que se erguia diante dos olhos e parecia flutuar no ar – resultado das engenhosas estruturas de sustentação, tanto físicas quanto energéticas, elaboradas pelos melhores engenheiros do reino. A Arena Dodecaedro tinha dois acessos únicos: um corredor de vidro com uma esteira rolante que vinha da parte baixa do Instituto e outro que vinha de cima.

Mithry desviou os olhos das arenas de treinamento e olhou pelos janelões do outro lado, pois dali via-se uma parte da extensa vegetação ao redor. Isso se devia ao fato de que o Instituto ficava um pouco afastado do centro fervilhante da capital. Por um momento, a menina distraiu-se com a beleza das seringueiras gigantes, dos carvalhos milenares e das pencas de flores das primaveras e dos ipês, de onde uma revoada de pássaros saiu com estridentes sons canoros.

Quando deram por si, eles já tinham contornado o Quadrilátero Acadêmico e tomavam a escadaria que dava no refeitório. Tão grande que ocupava, ele só, um andar inteiro do Instituto.

— Você leu meus pensamentos, professor! — Mithry falou, demonstrando alegria pela primeira vez. — Quem sabe conseguimos algumas sobremesas?

Ele deu uma olhada de soslaio para Mithry.

— Não estamos no horário de encontrar sobremesas. Além disso, estou com um pouco de pressa.

Mithry lançou olhos grandes e esticou o pescoço ao passarem reto por um dos vários conjuntos de portas do refeitório. Dali, o último conjunto de escadas dava no primeiro andar, a biblioteca.

Aquela biblioteca era uma das preciosidades da cidade, apesar de ficar ali no Instituto Arena, sendo dona de uma quantidade incontável de livros. Mas não era a única, nem a maior. A maior e mais completa era a Biblioteca Real da Capital, que acumulava todo o vastíssimo conhecimento adquirido ao longo de milênios, em todas as áreas do pensamento e do conhecimento, além da história do rei e da rainha, e do início dos tempos.

Ao fitar as portas pesadas, tão altas e largas, esculpidas em blocos de carvalho e bronze, com figuras de querubins, minuciosamente entalhadas a ouro, a jovem guerreira encolheu-se.

Não havia mais para onde ir, a não ser que estivesse sendo levada para a ala administrativa do térreo (para encerrar sua matrícula?). Mas talvez esse não fosse o caso, já que começara o curso fazia poucos dias.

Conforme se aproximavam, ela olhou para os dois leões enormes, com olhos de ônix verdes, que ladeavam as portas da biblioteca. As estátuas eram maiores do que ela, e lindíssimas. Esculpidas em mármore muito polido, em tom de ouro antigo, suas texturas e nuanças variadas espalhavam-se em veios mais escuros pela pedra, como fios de seda em um tecido nobre, ou

como se fossem manchas de vinho em uma toalha fina.

Só podia ser para lá que os dois estavam indo. Em plena hora de treino. E treino com os *mestres-convidados* da Estação! Não poderia ser boa coisa, definitivamente. Mithry se pôs a imaginar quem estaria por trás das portas. Um pouco temerosa, ela começou a repassar mentalmente suas atitudes nos últimos dias, pulando de um fato a outro. Teria feito ou dito algo que merecesse advertência? Era impossível, afinal ultimamente estava se comportando bem. *Bem... impossível* não é, *não...*

Ela fez força para se lembrar do que poderia ser, para sair na dianteira.

Instintivamente, retardou as passadas, ficando um pouco para trás. O capitão olhou-a por cima do ombro. Embora Mithry fosse alta e sua musculatura perfeita e definida, naquele momento a jovem lhe pareceu frágil. Seria apenas impressão ou era porque ele já sabia o que estava para acontecer?

— Está demorando *por quê*? — Ele parou.

— Não entendo.

— O quê?

— *Quem* está aí na biblioteca? — perguntou reticente. — O que eu fiz?

O capitão foi obrigado a dar um leve sorriso.

— Não seja boba! Vamos dar uma volta.

Mithry arregalou os olhos.

— Mas tinha de ser *agora*, professor? — Não havia irreverência na pergunta. Apenas surpresa.

Ele passou direto pelas portas da biblioteca. Desceu os últimos lances de escada que davam acesso ao térreo, onde ficava, dentre muitas alas administrativas, a recepção do Instituto Arena. Ela estava cheia de pessoas que entravam e saíam. Muitos atendentes usavam aparelhagem tecnológica de ponta para cuidar dos interesses de cada um.

Mithry respirou um pouco mais aliviada quando os dois saíram para a rua.

* * * *

Depois de diminuir o azedume por estar perdendo as aulas – o que demorou um tempo, mas não muito –, Mithry finalmente decidiu aproveitar a caminhada. Estava acostumada a andar com a espada presa às costas, de forma que não lhe pesava, e a roupagem de treinamento era confortável: calças de couro azul-escuro muito leve, maleável e de ajuste perfeito ao corpo, e uma blusa branca solta de tecido grosso, com alças largas do mesmo couro da calça. Deixava ombros e braços à mostra, o que era um problema por causa das tatuagens...

Mithry usava um cinto de couro amarrado ao quadril que servia como suporte para diversas armas. Mas, no momento, só havia duas ali. Uma faca batanga adaptada (um segredinho dela). E um tessen de guerra.

Os dois não seguiram para a cidade; pelo contrário, saíram do perímetro.

As ruas e alamedas lindamente pavimentadas com diferentes tipos de pedras coloridas, rodeadas de árvores milenares e canteiros floridos exuberantes, foram dando espaço a caminhos cobertos de cascalho arredondado – mas igualmente bem cuidados. Estes eram ladeados por cerquinhas baixas, de madeira branca, que os separavam da terra, da grama, dos arbustos e da vegetação em volta.

Mithry notou que tomaram caminho oposto ao da Grande Cordilheira Orion, que ficou às costas deles. As várias cadeias de montanhas vinham do Norte, onde eram ainda mais altas e imponentes, com picos brancos fulgurantes, envoltos em luz. Elas invadiam o continente e, em alguns trechos, também contornavam a costa, por milhares de quilômetros. Ali, nos arredores da capital, a cadeia partia-se em majestosa formação de escarpas altíssimas, fiordes e cânions longos e profundos, por onde o mar, localizado a leste, adentrava. Para observar essas maravilhas naturais, era preciso sair da cidade rumo às encostas, caminhando na direção do mar, que não ficava distante.

Do lado oposto – por onde o capitão e Mithry caminhavam – a cordilheira cedera espaço aos planaltos e às planícies por onde se estendia a Cidade Dourada. Naquele ponto, os montes mais baixos, resquícios da cordilheira, exibiam intensas nuanças de verde, terracota e dourado que contrastavam com um tom predominantemente azulado. Este se dava em função de um minério brilhante presente na superfície, a krylia. Em formato de cristais trigonais e de diferentes tamanhos, ficavam unidas umas às outras, em blocos enormes.

Lembravam um pouco o quartzo. As krylias, porém, apareciam em conjuntos maiores, eram mais resistentes e coloridas, o que as tornava perfeitas para pavimentações de ruas e alamedas, ou para a fundação das mansões e dos edifícios. As jazidas eram de fácil acesso, justificando seu uso intenso. O mineral brotava com abundância na superfície, sem necessidade de escavar-se o solo, muito menos danificar o meio ambiente. Era inexistente qualquer tipo de destruição na Cidade Dourada.

Além disso, como tudo, a krylia constituía-se em uma fonte inesgotável. Depois que as enormes pedras do minério eram cortadas e retiradas, regeneravam-se naturalmente. Bastava esperar o tempo de reposição.

Aos poucos, enquanto Mithry e o capitão andavam, ela se distraía brincando com os rebanhos que pastavam, corria atrás dos coelhos de olhinhos inteligentes para afagar suas orelhas e jogava sementes – que aceitou de uma jovem cuidadora – para os gansos que a menina levava para passear.

Estavam caminhando na direção das planícies e dos vales infindáveis que permeavam a descida da Cordilheira para o interior do continente. As pessoas cumprimentavam o capitão com respeito, curvando de leve a cabeça. Ele respondia ao gesto rapidamente, mas o foco de sua atenção estava em observar sua acompanhante. Mesmo sem dizer nada, ele não perdeu os

sorrisos, os olhares e agrados que Mithry deu aos animais. Quando ela não estava empunhando uma espada, ou de mau humor, com raiva ou irritada por qualquer motivo, ficava bem meiga.

A certa altura, percebendo-se observada, Mithry olhou de soslaio para o professor, e deu um olharzinho malicioso.

— Se você me convidasse, talvez eu tivesse aceitado, sabia? — brincou.

— Aceitado o quê?

— Ora, se queria sair comigo, não precisava me *obrigar*, e ainda por cima me fazer perder o treino.

Ele olhou para baixo na direção de Mithry, erguendo uma sobrancelha. Naquela luz os olhos castanho-dourados do capitão adquiriam tons de verde impossíveis de descrever.

— Não foi bem isso que eu escutei daquela vez. — Foi a resposta do capitão.

— Aquele era um péssimo momento... — respondeu séria. — Mas reconheço que fui dura com você. Desculpe-me por minhas palavras. — Mithry pareceu sincera. No entanto, aquilo passou rápido como o vento, e ela acrescentou, debochada: — Sei que foi muito difícil para você abandonar a costumeira rabugice e tentar ser gentil comigo naquele dia.

As sobrancelhas ergueram-se ainda mais, como se isso fosse possível, e ele não disse nada. Mithry riu.

— Eu sei, eu sei... Você está sem palavras por causa da minha companhia! — Ela dava tapinhas no ombro do capitão.

As luvas da suave malha metálica rósea e dourada que a garota usava brilharam sob a luz. Presas apenas em torno do dedo médio, elas protegiam as palmas que empunhavam armas o tempo todo e também cobriam o dorso das mãos até o punho, em uma trama feminina e lindamente trabalhada. Resistentes, flexíveis e confortáveis, eram muito úteis e não atrapalhavam o uso de braceletes.

Mithry inclinou-se na direção dele e aspirou seu cheiro, sem cerimônia. Os cheiros eram muito particulares, mas ela gostava de cheiros; de esmiuçá-los e gravá-los na memória. Aquela era a oportunidade perfeita para sentir o do príncipe. Um intenso aroma florestal desprendia-se dele: musgo de carvalho – o que a intrigou um pouco, já que o capitão pertencia à linhagem do fogo – associado a cheiros verdes. Capim-limão; uma nota de hortelã. E algo como anis.

Ela sorveu aquilo e depois saiu correndo, deixando-o para trás. Foi até a beirada de um córrego cristalino e cheio de quedinhas d'água, serpenteante em meio às arvores do caminho, e que seguia seu curso calmamente.

— Que lugar bonito, não acha? — Mithry perguntou, mãos à cintura, olhando em volta. O capitão postou-se ao seu lado.

Os dois nunca tinham sido realmente amigos, nunca houvera oportunidade. Mas, desde que Mithry voltara ao Instituto, desde que o capitão intercedera, perante o Rei, para que a jovem participasse do curso... Ela

notava que ele tentava se aproximar. Se *reaproximar*, na verdade. Houvera a primeira tentativa por parte dele, tempos antes, à qual ela não deu nenhuma atenção. Estava com o coração tomado completamente por outras coisas, e o capitão não era uma delas.

A água parecia tão convidativa, borbulhando suavemente sob os raios de luz que se esparramavam por entre a folhagem, cintilando. Mithry adorava água! Sem esperar resposta, ela se sentou no chão e arrancou dos pés as botas de couro absurdamente macias, próprias para o treino.

— Vamos molhar os pés?

O capitão fez um ar de certo desagrado, afinal ele tinha de levá-la até... Tinha que falar-lhe e dar a notícia, pois *acabara* de receber a incumbência... Quer dizer, tinha o *dever* de... Isto é...

— Está bem — respondeu, por fim. — Mas não vamos demorar, está certo?

— *Sim*, senhor capitão! — Ela lhe deu o cumprimento do exército com tanto ímpeto, olhando para cima, que ele esboçou um breve sorriso. Era bem verdade que não havia uma hora *marcada*.

E depois de o comunicado ser liberado, tudo ficaria diferente. A data da partida estaria marcada, e então...

Ele meneou a cabeça imperceptivelmente. Não queria pensar naquilo agora. Então, tirou as próprias botas, ergueu a barra de sua calça e desabou aquele conjunto perfeito de força bela e bruta ao lado de Mithry. O capitão usava uma armadura peitoral de treinamento; era fina e maleável como uma segunda pele, mas resistente como metal. Era imponente, dourada, fulgurante.

Combina perfeitamente com cabelos e barba um pouco avermelhados... e olhos dourados, pensou Mithry, avaliando o conjunto. E a espada do capitão – *linda de morrer!* – ficava nas costas. Sempre. E sempre significava *sempre*. O último item infalível na indumentária do capitão era a bolsa de lona com alça.

Mithry deu um sorriso na direção dele. Estendeu a mão, tentando alcançar a bolsa misteriosa.

— O que você tanto carrega nesta sua bolsa surrada, hein? Deixe-me olhar!

— Nem pensar! — grunhiu o capitão.

— Está bem. Não olho. Mas então apenas diga.

— Dizer o quê?

— O que tem dentro. — Mithry fez cara de cachorrinho pedindo biscoitos. — Vai. Conta.

Ele suspirou. Abriu a bolsa, mas longe dela. Sacou umas batatas de dentro, e atirou uma para ela. Colocou as demais no meio deles.

— Um lanchinho! Oba! — Mithry mordeu a batata. — Tem alguma coisa doce também?

— Hoje não.

— Que pena!

Depois, o capitão tirou uma presilha masculina, agitou diante do nariz dela e prendeu os cabelos.

— Que mais? — indagou Mithry, colocando o resto da batata de qualquer jeito dentro da boca e pegando outra. Ser aluna da Arena e conviver tanto com o sexo oposto fazia com que, às vezes, seus modos deixassem um pouco a desejar.

— Já chega. — Ele apoiou os cotovelos ao lado do corpo, inclinando-se para trás depois de garantir a segurança da bolsa: do lado oposto à garota.

Ao contrário dele, Mithry soltou as duas tranças grossas que costumava usar nos treinos. Elas corriam pelas laterais da cabeça em um penteado bonito, desde a raiz dos cabelos, e então caíam pelas costas. Mithry quase nunca podia estar de cabelos soltos! As ondas longas e volumosas tombaram ao redor dela, formando os costumeiros cachos nas pontas. Em um ambiente menos iluminado, os cabelos assumiam o tom profundo de vinho tinto; mas ali, com raios de luz batendo em sua cabeça, eram vermelhos intensos, com tons de cobre incandescente.

— Veja só! — Mithry olhou para a postura relaxada do professor. — O grande capitão dos Exércitos Reais, o príncipe Mikhael, sentado com os pés na água, sem fazer coisa alguma! Sem nenhuma missão, nenhuma incumbência, parado no meio do nada, comendo batatas...

— É claro que estou em uma missão! Por que acha que estou trazendo você comigo?

— Ah, é.

A garota tinha até se esquecido. Eles *estavam* indo a algum lugar. Então Mithry apenas se deixou ficar olhando para a água fresca que acariciava seus pés, correndo por entre pedregulhos prateados, agitando plantinhas nas margens, e cujo sonido delicado era como uma canção de ninar. Sentia-se satisfeita em estar exatamente ali – pois era raro sair da cidade.

Então começou a falar e falar, contando coisas e fazendo perguntas, mas o companheiro não ouviu nem a metade. Mesmo procurando não aparentar, o capitão estava preocupado. Por isso deixava que a garota aproveitasse aquele momento de descontração. Ele *gostava* dela, afinal... Embora sua timidez geralmente falasse mais alto diante das damas.

Talvez ela desista dessa bobagem, pensou ele a certa altura, em um fiapo de esperança, entre as repostas monossilábicas e, por vezes, atrasadas. *Talvez perceba que é mesmo tudo uma grande bobagem.*

Foi despertado de seus devaneios por um borrifo suave de água na orelha.

— Convida a garota para passear e nem lhe dá atenção. É bem pouco educado... — Ela lhe sorria alegremente, os olhos brilhantes.

Mais uma vez, o capitão foi obrigado a sorrir de volta. Além de meiga, Mithry podia ser engraçada.

— O que está achando do treinamento?

— Bem diferente. — Ela ficou séria. — Está claro que não se trata mais só de esporte.

O capitão assentiu, devagar, com a cabeça.

— Estamos em guerra, não é? — falou ele.

Mithry lembrou-se do guerreiro que vira pouco antes, e da cicatriz que trazia no rosto. Sim. Estavam em guerra. Antes que pudesse dizer algo, sem mais palavras, o capitão tirou os pés da água.

— Está na hora. Vamos.

Mithry obedeceu. Quando ela se levantou, o capitão ficou olhando gravemente para as pernas dela, tatuadas de ambos os lados com aquela coisa *esquisita*. Aquilo ia até as coxas, ele sabia, embora o uniforme da Arena não revelasse. Encarou a menina.

— Às vezes fico pensando no que aconteceu com você enquanto esteve lá...

Mithry aproximou-se do ouvido do capitão e sussurrou, com voz soturna:

— Eu *enlouqueci*...

O professor virou o rosto na direção dela, enquanto franzia a testa, um pouco tenso. Mithry deu um risinho abafado.

* * * *

A paisagem estava diferente. A silhueta das Montanhas Orion há muito tinha se perdido ao longe, esmaecida, e diante deles estendiam-se apenas campos e mais campos, verdes, amarelados, dourados, acobreados ou coloridos. A distância, Mithry ainda não descobrira o que se plantava neles.

— Já andamos bastante. Estamos muito longe... — murmurou ela. — Para onde estamos indo, afinal?

O capitão notou um leve tom de impaciência.

— Calma. Você já vai saber — respondeu, de forma tranquila. — Você é muito ansiosa. Você sempre foi ansiosa demais...

— Isso não é ruim. Me leva a resolver mais rápido as coisas.

— Nem tudo precisa ser feito na correria.

— Olha só quem fala. Se não fosse por mim, jamais teria parado no riacho.

— É verdade. Mas... Só tenha paciência.

Mithry ficou em silêncio por mais algum tempo, então não aguentou e começou de novo:

— Mas é que eu nunca estive tão longe assim da Cidade Dourada. Me conta o que...

— Você já vai entender.

— Mas entender *o quê*, príncipe? Eu não vejo sentido nisso! Por que me tirou das arenas de treinamento? Justo agora quando eu iria aprimorar a minha técnica com as espadas duplas!

— Sim, sim...

— Sabe, mas parece que não liga! — Ela parou de caminhar e ergueu as mãos em um gesto de exasperação, olhando firme na direção dele. — Acho que você está com medo de que eu o supere em destreza. Só pode ser!

De novo, a sobrancelha do capitão deu um pulo. Mas pensou melhor e

resolveu levar o comentário com espírito esportivo.

— Está bem. Ok. Poderemos ver isso mais tarde, certo? Posso ensinar o que perdeu hoje — disse e acrescentou: — Fique calma, Mithry.

O tom suave da voz dele, tão distinto daquele que berrava ordens aos alunos, até a surpreendeu. E a forma como disse seu nome. *Mithry*. Quase com carinho. Para alguém tão reservado e solene, era de se levar em conta. Por isso ela retomou a caminhada, muda.

Mas o silêncio, outra vez, não durou muito:

— Estamos chegando? — arriscou. — Já está perto?

— Sim. Quase.

Um grunhido abafado por parte de Mithry. Ela não fazia ideia do motivo de tudo aquilo. O que fariam naqueles confins que não podia ser feito na Escola ou na cidade?

Os dois agora subiam uma colina, e a menina passou a se distrair cantando *bem* alto para irritar o capitão. Ele bufou, empurrando-a para a frente, até que chegaram ao topo da colina – que se estendia por um novo planalto. Ao longe, um par de elefantes pastava na beira do caminho, arrancando frutas das árvores. Mithry imediatamente correu até lá, estendendo a mão para acariciar a tromba dos animais. Era incapaz de ver um animal e não se aproximar.

— Oi, queridos amigos... — murmurou, com gentileza, aproximando o rosto da enorme face deles, olhando nos olhos, passando os dedos sobre o marfim das presas.

Os elefantes pareciam sorrir para a jovem. Era como se lhe falassem, enroscando as trombas ao redor dela e arrancando-lhe risadas. Do lado esquerdo à pequena estrada, estendia-se um lago grande, com águas cor de turmalina e margens de areia branca, e muitas árvores ao redor. Muitos animais passeavam por lá, descansando, bebendo água, nadando em bandos, brincando uns com os outros.

Mithry teve que sorrir diante do quadro que se estendia diante dela. Era tão bom vê-los assim! Em paz.

Do outro lado, Mithry surpreendeu-se com a visão de um campo infinito de flores que descia suavemente na direção de um vale, cobrindo-o por inteiro até onde a vista alcançava, espraiando-se, depois subindo em direção a outras colinas, ao longe. O lugar não era visível para quem vinha pela parte de baixo da estrada, somente a partir dali era possível contemplá-lo, do alto da colina.

Um forte aroma desprendia-se no ar, trazido pela brisa que subia do vale e que despenteou a longa cabeleira vermelha de Mithry em uma lufada.

— É aqui — falou o Capitão, abrindo um largo sorriso. — Olhe!

Ela virou a cabeça de um lado a outro, procurando. Não havia nada ali, exceto o lago de um lado, e o campo de outro. E os elefantes.

— O que devo olhar? — Não foi uma piada.

— Como assim, "*o que devo olhar*"? — inquiriu o professor com

indignação. — Não está vendo?

O campo perdia-se na distância, sob o céu incrivelmente rosado.

— São as flores? — Mithry estava perplexa. — Me trouxe até aqui para ver... um campo de *flores*? E tão longe assim da Cidade Dourada? Bem no horário do curso? — Ela cruzou os braços diante do corpo, com petulância. — Ah. Tenho certeza de que você está mesmo com *medo* de que eu o supere nas espadas duplas, capitão!

— É possível que você fique quieta só por um instante? E que pare de *se achar*? — Desta vez ele foi bem firme, os olhos faiscando. Passou o polegar e o dedo indicador com força sobre a testa, controlando-se.

Mithry estava bem contrariada. Mas fechou a boca.

— Venha, vamos descer até lá — falou o príncipe.

Ela bufou baixinho. Adorava flores! Verdade! Não havia nada mais lindo, porém... *na hora* das aulas? Com que propósito?

— Qual será o grande ensinamento de hoje? — Mithry murmurava em tom ínfimo, mas em uma altura que, ela sabia, chegava aos ouvidos do capitão. — Em vez de espadas duplas vamos aprender sobre... sobre *o que* mesmo? Ah, sim! Como fazer arranjos para festas! Por que não pensei nisso antes? — Ela deu um tapinha na testa. — Ou talvez as tais flores sirvam para a feitura de excelentes chás calmantes, ou algo do gênero. Estupendo! Preciso de um desses com urgência!

Quando chegaram perto, o perfume era ainda mais inebriante. Era um belo campo. Mas... e daí?

— Essas flores são especiais — falou o capitão, postando-se ao lado de uma das fileiras e estendendo o braço em sua direção. — Já as tinha visto?

Mithry observou, chegando mais perto.

— Não.

Ela olhou um pouco melhor. Os caules eram fortes e altos, praticamente do tamanho de um pé adulto de milho. Cada caule produzia até três ou quatro flores gigantes cujo formato lembrava um girassol, mas em um tom de amarelo muitíssimo mais forte. Ou então eram alaranjadas, porém igualmente intensas. Os pistilos, de cor violeta profundo, eram tão abundantes que pareciam tufos de grama saindo pelo miolo das flores. O contraste com as pétalas era impressionante.

— O que acha delas? — indagou o capitão.

— Para dizer a verdade, me parecem meio esquisitas — respondeu a garota. — São grandes demais... Essa combinação chamativa de cores... E tem essas... Essas "moitas" roxas no meio. Não sei dizer se são muito bonitas.

— Bonitas ou não, essas são as mythrarcas — explicou o capitão com tranquilidade, olhando Mithry nos olhos. — E são bonitas, sim, ora! De uma beleza exótica. Com um perfume muito peculiar.

— Está bem. Mythrarcas. Certo.

— Bom, você nunca as tinha visto; mas já ouviu falar delas?

— Não que eu me lembre.

— O Rei me disse que delas vieram a inspiração para o seu nome... Por isso ele me pediu para trazê-la aqui.

Mithry ergueu a cabeça com um sorriso zombeteiro.

— Eu? Uma flor? — Ela soltou um daqueles risinhos irritantes. — Quem dera, capitão. Eu até gostaria de ser doce, boazinha, cordata. Mas com certeza temos um engano aqui. São flores!

— E daí? Por que o espanto?

— Há de convir que eu não sou uma flor. Não faço o tipo frágil.

Parecia uma brincadeira. Mithry até olhou novamente para as mythrarcas, mas... o que elas poderiam ter em comum?

— Será, então, que o Rei se enganou ao escolher o meu nome? — aventou ela, estreitando um pouco os olhos. Aquilo, sim, seria bem mais sério, já que o nome era algo muito importante. Jamais um acaso. Mas aquilo...

Mithry estava um pouco desenxabida.

— Se o meu nome está errado... — Isso talvez explicasse muita coisa. No entanto ela não disse nada.

Em vez disso, ergueu a cabeça na direção do professor, esperando ele dizer alguma coisa. Os olhos quase transparentes de Mithry eram impressionantes. O raro e suave tom violeta-claro de suas íris tinha um halo levemente dourado ao redor. Naquele momento, brilhavam com um misto de espanto e incredulidade. Como o príncipe não dissesse nada, Mithry entendeu que, talvez, ainda não tivesse visto o que era para ver. Fosse lá o que fosse.

Então se aproximou mais; afastou as flores enormes e as folhas verde-escuras para espiar por baixo.

— Mas olha estas raízes! — gritou. — São roxas também. — Ela ajoelhou-se na terra para ver melhor. As raízes de cada caule eram muito firmes e saíam, em parte, para fora da terra. — Parecem... Ervas daninhas! As raízes vão se espalhando pelo chão como ervas daninhas.

Mithry ergueu-se, batendo a terra das mãos.

— Essas flores são feias — decidiu-se. — Parecem monstros enormes, que se espalham com suas raízes por todo canto, e... — Ela virou o rosto para o capitão dando piscadinhas. — E eu sou linda!

Ele preferiu não tecer comentário. Só desembainhou a espada lentamente.

Mithry lançou a mão para a própria arma, em um milésimo de segundo.

— Poxa, capitão, está tão bravo assim? Quer um duelo? Você perguntou o que eu achava e respondi...

— Essas flores... — disse o príncipe, erguendo a espada diante do rosto dela.

Mithry assumiu posição defensiva. Porém, no último instante o capitão desviou-se da menina e golpeou tão rapidamente que ela mal teve tempo de acompanhar. A parte de cima de uma flor foi decepada.

— Elas são indestrutíveis... — concluiu ele, embainhando a espada.

Enquanto Mithry embainhava a própria espada, em poucos segundos a flor fez brotar pequenas pétalas a partir do local do corte, que se desenrolaram

em um suave movimento. Mostravam-se ainda um pouco pálidas, mas, conforme eles olhavam, as pétalas novas começaram a colorir-se a partir do centro, vagarosamente. Como uma aquarela espalhando-se pelo papel. Em pouco tempo, a tonalidade tornou-se mais intensa e intensa, até se igualar à original.

Mithry ficou de boca aberta. No reino, tudo se regenerava. Mas não imediatamente. Não daquele jeito.

— Experimente — convidou o capitão.

— Tudo bem. Mas você cortou só a parte de cima. Talvez, se cortarmos o caule, ela não se regenere. Está vendo? Aqui embaixo, perto da raiz.

Propositadamente sem olhar para o professor, Mithry girou o corpo sem aviso, muito veloz, e a mão dela passou a um fio de cabelo da espada do capitão. Mas só pegou o ar.

— Muito esperto! — Ela deu uma risada alta, selvagem.

Mikhael estufou um pouco o peito e a olhou com triunfo, tecendo um sorriso nos lábios.

— Costumo aprender com meus erros — falou sarcástico. — Você pegou minha espada uma vez. Por pura sorte. Isso *jamais* acontecerá de novo.

Ainda rindo, os ombros chacoalhando, Mithry sacou a própria espada das costas e atingiu ferozmente a mythrarca por baixo. Mas o resultado foi o mesmo, só demorou um pouco mais. O caule se refez, e enquanto isso acontecia, as flores brotavam, cresciam e se coloriam fortemente.

— Como pode? — Ela estava encantada.

Começou a cortar planta por planta, como se enfrentasse diversos inimigos, dando saltos e giros, gritando e passando a espada por raízes e caules e flores em um ágil balé depredatório.

De repente, como que surgindo da própria terra, alguém apareceu e veio correndo pelo meio do campo de flores, gritando também.

— Ei, ei, ei! — Chegou correndo, e em segundos ele estava na frente dela. Ou melhor: estava *entre* ela e o conjunto de flores destruídas. — *Ei!* — gritou. — Vamos parar com isso?

— Oi, Theros. — Mithry respondeu calmamente. Voltando-se para o capitão, disse: — Você não avisou que, se eu cortasse as plantas, a terra faria brotar também um *jardineiro* dramático.

Theros vestia uma espécie de macacão bem grosso, marrom, com bolsos enormes, e trazia a tiracolo uma bolsa traspassada cheia de coisas. Os pés estavam descalços, os cabelos escuros e compridos presos em um rabo de cavalo.

— Mas que agressividade com as plantas! Este não é um lugar de treinamento!

Ela apontou a espada para o capitão:

— A culpa é dele! Mandou eu decepar as flores.

O recém-chegado lançou um olhar levemente irritado para Mikhael, mas não teceu comentários. Em um dos bolsos do macacão surrado guardou a

gaita dourada que sempre levava consigo e que, no afã de proteger as flores, deixara cair. Depois se abaixou para recolher os pedaços de flores que estavam espalhados por toda parte. Mithry reparou que a maioria das plantas já estava praticamente regenerada.

— O que essas flores lhe fizeram de mal? — Theros continuou olhando para Mithry com seus olhos azuis muito claros sem conseguir entender. — Elas não fazem nada, exceto embelezar e perfumar.

Embelezar, nem tanto. Aquelas *flores-monstro*. Já perfumar... era verdade. O aroma doce e profundo estava ainda mais pronunciado, dada sua extração forçada por meio dos cortes, impregnando o ar e pairando como uma névoa. Também se desprendia de Theros. Só que nele o aroma de mythrarcas misturava-se a algo mais cítrico.

Cítrico... e, para ela, um tanto pungente. Mesmo assim, era bom. Muito bom, na realidade. Mithry se lembrava do cheiro dele. Havia se acostumado tanto, e depois sentira *tanta* falta. A época em que ela e Theros estiveram juntos se assemelhava a uma lembrança de outra vida. Uma memória de outra Mithry. O cheiro fresco e estimulante de tangerina e bergamota misturado a algo que lembrava a própria terra, verbena e sândalo.

Mithry ficou com a espada esquecida na mão e inspirou o ar. Entre os Filhos do Rei, os cheiros corporais eram como uma digital, totalmente peculiares! Cada um tinha o seu, capaz de revelar não apenas a identidade, mas a linhagem e a hierarquia.

Mithry ficou olhando as mãos bem formadas de Theros, que exibiam unhas cheias de terra, enquanto ele se agachava para catar os talos cortados e as flores partidas. Depois enterrava aqueles pedaços, tocava a terra com a suavidade e a gentileza que lhe eram características quando realizava aquele trabalho. Ela sabia que aquele era um modo especial de usar as mãos: e devagar, os destroços se refaziam por completo, cada um deles originando uma nova planta, de modo que agora havia ainda mais delas do que no começo.

O príncipe Theros pertencia à linhagem da terra e podia abençoá-la com um simples toque. Ou destruí-la. Embora ele jamais fosse capaz de fazer algo assim. Seu poder restaurador e curativo estendia-se a todos os seres vivos.

Uma vez tendo terminado, agora mais calmo, Theros colheu uma das flores, a mais viçosa e bela, e a estendeu na direção da jovem. O rosto levemente anguloso inclinou-se na direção dela, os olhos procurando os da jovem.

— Obrigada! — a menina disse.

Sem querer revelar que o gesto mexia com ela, Mithry pegou a flor enorme e escondeu o rosto, um pouco corado, atrás dela. Apenas os olhos ficaram de fora, para retribuir o olhar de Theros.

Como faz com o leque, reparou o capitão, mas fez que não reparou, olhando para outro lado.

— Não tem de quê. — Theros desta vez enviou seu sorriso. Os lábios eram

encorpados, e o sorriso, amplo.

Mas aí ele acabou rindo, de repente.

— Que dualidade você é...

Mithry olhou para si mesma, reparando naquilo que Theros olhava: com uma mão ela segurava aquela flor gigantesca, e com a outra, a espada. Mas não era somente isso. Mithry sabia. Mas preferiu deixar passar. Não podia fazer nada a respeito, mesmo. Não agora. Não tão cedo. Talvez nunca.

Por isso, Mithry sorriu de volta brevemente. Desviou o rosto e embainhou a espada nas costas com um gesto preciso. Mas a flor, ela permaneceu segurando com ambas as mãos, e baixou o nariz para cheirá-la. Um gesto que o príncipe Mikhael também notou, com o sangue levemente fervente.

Ele podia ser capitão do Exército Real e deveria sempre demonstrar autocontrole, mas pertencia à linhagem do fogo e era pura explosão. Quer dizer, ainda que Mithry não tivesse qualquer compromisso com *ele*, a verdade é que ela também não estava mais compromissada com Theros!

Ao notar o desagrado velado do capitão, Mithry pôs-se a matraquear, mas se afastou um pouco de ambos, dando passinhos para trás.

— Bem que achei que aqueles elefantes eram seus, e, *puxa vida*, são lindos os desenhos novos que você pintou neles. Aliás, o que hoje faz por aqui? Estamos bem longe da Cidade Dourada — emendava uma frase na outra. — Resolveu trocar os laboratórios médicos por uma visita pessoal aos campos?

Mithry só queria provocá-lo, pois naturalmente sabia que ele sempre supervisionava boa parte dos principais campos. Mas queria dar a entender que não sabia mais nada da vida dele.

— Tinha que vir verificar o andamento da extração dos óleos essenciais das mythrarcas. Ficarei por aqui alguns dias, pois temos pouco tempo e muito trabalho. Não pode haver qualquer atraso ou erro. Caso contrário, eles não terão a mesma qualidade. E como eu, particularmente, gosto muito destas flores, não incumbiria mais ninguém para essa tarefa.

Theros estava começando a dedicar-se à medicina, mas seu amor pela botânica nunca deixaria de existir.

— Muito bem, "Solzinho".

— E por que está me chamando de *Solzinho*?

— Você acabou de dizer que ama essas flores esquisitas que têm cara de sol, Theros.

Theros riu abertamente.

— Está bem. Para você, sou o *Solzinho*, então.

Mithry revirou os olhos, observando enquanto ele ajeitava melhor o rabo de cavalo, que ameaçava se soltar. Em cada pulso, Theros tinha uma pulseira de couro trabalhada, discreta – o único tipo de adorno que se permitia usar. Ao contrário da maioria.

— Já reparou no seu estado? — Mithry baixou os olhos para os pés descalços, só para ter com o que implicar. Ele sempre fazia assim ao lidar com a terra. Apontou para o capitão. — Cansou de se parecer com ele?

Theros desviou os olhos para o irmão.

— Não me pareço com ele.

— Parece, sim.

— Não. Ele é arrumado demais para meu gosto. Branquelo demais. Ruivo demais... E se acha demais.

Mithry lançou um olhar enviesado para Theros diante dos comentários sobre a pele e a cor dos cabelos e barba do outro príncipe.

— Mas não se preocupe! Em você, Mithry, lhe cai muito bem o ruivo! — disse Theros, captando os pensamentos dela. — A pele de alabastro também. Já nele...

— Eu sou *lindo*! — retrucou o capitão, estufando o peito. — E você também é branco *demais*.

— Não. Sou na medida certa.

— Além de lhe faltarem músculos mais evidentes.

— Dispenso o visual de quem está prestes a massacrar o primeiro que cruzar o caminho.

O capitão riu, e o irmão riu de volta.

— Gosto do contato com a terra, com a energia que ela produz. — Theros suspirou. — Um dia desses, você deveria experimentar — falou para Mithry, olhando longamente para ela. — Trará bom resultado sobre seu temperamento.

Mithry franziu a testa e não respondeu. Theros achou que o seu comentário foi infeliz e ficou calado também. Por alguns instantes, ele refletiu sobre o momento que a jovem estava vivendo, o qual não era segredo para nenhum dos príncipes ou dos anciãos. Então, brincou com ela novamente, não desejando vê-la entristecida:

— E você não me parece nem um pouco bem-vestida também. — Ele queria mudar logo de assunto e escapar do constrangimento.

Cansada de ser observada por Theros, Mithry virou-se para o capitão, que agora estava a alguns passos, voltado para o campo de flores e de olhos fitos no horizonte, os braços cruzados sobre o peito. Introspectivo. Ela caminhou até ele e, suspirando baixinho, ficou postada ao lado. Entediada.

Theros, respeitoso, manteve o silêncio. Mas aproximou-se de ambos, devagarinho, e ficou postado perto da garota.

— Hum. Não quero soar rude, capitão. — Fez Mithry, olhando igualmente para a frente. — Mas já vi as flores... Flores indestrutíveis! Muito interessante. Meu nome foi inspirado nelas... Pronto! Lição aprendida. Agora podemos voltar para a Arena?

Ele pareceu arrancado de seus próprios pensamentos como uma ostra de sua concha.

— Não, não. Ainda não vamos voltar. Tenho uma notícia para te dar.

Os olhos dela se estreitaram um pouco. Que espécie de notícia precisava de tanto segredo e até um lugar como aquele para ser dada? Então Mithry olhou para ele. A luz incidia sobre os cabelos vermelho-dourados, formando um

halo luminoso que envolvia o rosto de Mikhael. Às suas costas, ela sentiu a mão de Theros pousar de leve sobre seu ombro.

— Mas você precisa ter certeza... — Mithry ouviu o botânico murmurar.

Ela olhou por cima do ombro, antecipando os olhos graves que combinavam com o tom de voz dele.

— Mas ter certeza do que, gente? — inquiriu, olhando de volta para o capitão. — Do que vocês estão falando? É alguma coisa séria? Pelas barbas do Rei, não vão me dizer que está havendo outra rebelião!

— Não. — O olhar do capitão era indecifrável. Ele apenas comunicou: — O Conselho aprovou o seu pedido.

Mithry ficou boquiaberta.

— E você me diz isso *assim*, professor? — Ela deu uma palmada amigável e estalada no ombro de ferro dele.

— Assim como?

— Com esse ar de... sei lá! De tragédia. Ora, vamos! É uma *boa notícia*!

Mithry começou a dar pulinhos de alegria ali mesmo, cantarolando, fazendo passinhos de dança. Não era a guerreira naquele momento, era apenas uma menina transbordando sua meninice. Os dois príncipes olharam um para o outro, sem poder fazer coro àquela felicidade toda.

— Então eu vou! Eu *vo-ou*! — Deu uma risada e continuou dançando. Então parou de repente. — Mas *todo* o Conselho aprovou? Todos os sete? Tinha que haver unanimidade. Isso quer dizer... Que vocês dois também aprovaram. E agora me vêm com esse ar de arrependimento?

— Não adiantaria nada termos votado contra. De todo jeito, seríamos a minoria — reclamou o capitão.

O Conselho Masculino era a última instância, a última barreira diante de qualquer petição, antes do próprio Rei. Especialmente aquela.

— Não achamos justo tentar vetar. Estamos assumindo que é melhor você experimentar de uma vez, já que quer tanto. Uma decisão dessa magnitude requer unanimidade absoluta, mas, por outro lado, votar a favor não significa que aprovamos. — Mikhael falava com seriedade. — Então, o que posso dizer é que apoiamos você. Todos os príncipes já foram comunicados. Até os que não compõem o Conselho — explicou ele, com pesar.

— Os impasses sempre existiram. Mas, finalmente, parece que se resolveu! — ela disse, com em leve dar de ombros.

— Desde que o pedido veio a nós, depois de passar pelo Primeiro Conselho, procuramos julgá-lo justamente. Afinal, o cerne da lei continua prevalecendo: honrar o Rei, respeitá-lo. E cuidarmos uns dos outros. O Rei muitas vezes dá seu veredito só de ouvir o Primeiro Conselho. Mas, nesse caso...

O Primeiro Conselho era feminino. Subordinado à própria rainha. O Rei sabia que a mente feminina é intrinsecamente detalhista, e seu coração, capaz de enxergar as minúcias, observar as entrelinhas e agir com a intuição que, nos homens, é substituída pela força e por atitudes práticas.

“Mas nesse caso...”, como dissera o capitão. Mithry entendeu muito bem, e ficou quieta. Ela ficou imaginando o que o Conselho Feminino havia debatido e designado acerca dela. Daria tudo para saber! Depois de tudo o que ela fizera! Além disso, Mithry tinha um talento todo especial para irritar e desafiar o mesmo sexo, mesmo que *não* quisesse. Mesmo que nem fosse sua intenção.

Melhor nem saber a opinião delas.

Um dia ela fizera parte daquele Conselho. Tinha acabado de ser aceita, pouco antes de partir pela primeira vez, e era o quinquagésimo membro. Agora, havia quarenta e nove. Quando ela voltasse, talvez pudesse integrá-lo novamente.

Por ora, não importava. Não mesmo.

— Quando eu posso partir? — Isso era o que Mithry precisava saber.

— No amadurecimento do Oitavo Fruto.

Atrás deles, uma revoada barulhenta de dezenas de garças que rumavam para o lago cor de turmalina, do outro lado, interrompeu os pensamentos dela por um instante.

— Não falta muito — sussurrou Mithry. Os olhos ficaram perdidos na distância do campo de mythrarcas por algum tempo. Então, um assobio baixinho: — Uau! Meu pedido foi atendido!

— Mas você tem ideia da dimensão desse pedido? — aparteou Theros, sem conseguir conter-se por mais tempo, porém falando com cuidado. Se a garota desistisse por si mesma, a decisão do Conselho seria vã.

— Será simplesmente uma experiência extraordinária — respondeu Mithry. — Algo sem precedentes.

— Sem precedentes. Agora você disse a coisa certa — tornou o capitão, tentando ter o mesmo cuidado. Uma palavra mal colocada e a chance de demovê-la da ideia se perderia em segundos. — Se você bem se lembra, o verdadeiro motivo desta “aventura”...

— Eu sei, capitão! — Mithry o interrompeu, o queixo erguido. — Eu sei que não estou recebendo um prêmio.

Os dois ficaram olhando na direção dela, mudos. Como argumentar contra tanta determinação?

— Mas, pelo menos, é o caminho que eu escolhi — ela concluiu. — Fico feliz que o Conselho me tenha permitido a escolha.

— Mas é tão exagerado — ponderou Theros, rapidamente. Ele deu um passo na direção dela e correu os dedos por seus longos cabelos cor de fogo. Um gesto terno.

— E desnecessário também — avaliou o capitão, dando outro passo na direção de Mithry.

— Mas eu *quero* ter essa experiência!

— Você poderia cumprir outro tipo de sentença — insistiu Theros.

— Menor — disse o outro.

— Mais amena — incluiu Theros. — Como todos os outros.

— E totalmente entediante. Chega. — Ela ergueu um braço firmemente, impedindo que os dois se aproximassem mais. — Será que vocês não entendem? Eu quero ir. Para mim, não é um castigo, é... um passeio, uma viagem. Uma "aventura", como você diz, príncipe. — Ela olhou para o capitão. — E extraordinária.

— Mas você *poderá* ir, Mithry. Em outro momento e sob outras circunstâncias! — considerou o capitão ainda; mas já sabia ser em vão.

Mithry não respondeu, apenas meneou a cabeça como quem diz: "Já me decidi".

Theros virou-se rapidamente para o irmão, e seus olhos diziam tudo: "Não adianta". Ele passou a mão nervosa pela testa, deixando um rastro de terra sobre a pele.

— Você não sabe o que vai enfrentar, Mithry — insistiu o capitão.

— Sentirá dores jamais sentidas, enfrentará tragédias que jamais imaginou serem possíveis. — Theros também insistiu.

Mithry deu um meio sorriso e afastou-se um pouco dos dois.

— Entendi tudo agora. — Apontou o dedo para o nariz do capitão. — Foi por isso que você me trouxe aqui! Não para ver as flores, mas para que *os dois* fizessem a minha cabeça, não é?

Eles se entreolharam.

— O Rei me pediu que a trouxesse para ver o campo — murmurou o capitão.

— E já que eu tinha que supervisionar a extração de óleos mesmo...

— Não faria mal algum nós nos encontrarmos, os três...

Theros fingia ajeitar melhor um montinho de terra sob uma das mythrarcas recém-nascidas. E concluiu:

— Apenas... pense melhor, está bem? Não precisa dar nenhuma resposta agora. E pode desistir no momento em que quiser.

— Bobagem. É tudo um exagero da parte de vocês. Vai ser, *sim*, uma grande aventura! — retrucou Mithry. — E, aliás, eu sei de outros que já foram, tá?

— Mas você sabe quantos voltaram? — Os olhos castanho-dourados do capitão estavam meio tristes. — Ou em que condições voltaram?

— Não importa. *Eu* vou voltar.

Intempestiva. Arrogante. Ousada.

Teimosa como uma porta, refletiu Mikhael. Furioso.

— Aqui é minha casa — Mithry continuou. — É meu lugar. Por isso é que eu vou voltar! São só umas... férias.

Theros passou a mão sobre os cabelos dela outra vez. Depois pousou as duas sobre seus ombros, como quem vai dizer algo. Irritada com tanto drama, Mithry desta vez se afastou com um tranco.

— Não me toque! Eu e você não somos mais um casal! Não pode me dizer o que fazer. E nem brigar comigo, nem esbravejar, nem dizer que estou agindo como uma maluca. Sou perfeitamente capaz de me virar sozinha!

Parece até que estou indo para uma sessão de tortura!

Havia mais que indignação ali. Um sentimento antigo, com o qual ela não queria ter de lidar. Mas Theros não se importou. Mithry era muito dada a rompantes de raiva e dizia ou fazia coisas de que, muitas vezes, arrependia-se depois.

— Mas e quando vier a tempestade? — Theros ainda ousou perguntar, com semblante realmente aflito.

Mithry não se fez de desentendida, porém ficou quieta.

— Quando a tempestade chegar lá, ela vai atingir você também!

Desta vez, foi Mithry quem se aproximou de Theros, chegando bem perto do seu ouvido.

— *Eu* sou a tempestade. — Era um sussurro apenas. Como o vento.

Theros até imaginava. Meneou a cabeça.

— Eu já vi você ir embora uma vez e não queria que isso se repetisse. Mas, se é assim que você quer... Vou estar com você. O tempo todo — falou com tristeza.

— O que quer dizer?

— O Rei permitiu. Acompanharei sua jornada. Mas não vou poder intervir em nada.

— *Nós* estaremos com você — enfatizou o capitão.

Desta vez Mithry sentiu um jorro de emoção subindo pelo meio do peito, uma mistura de contentamento e tristeza, e a sensação de ser querida. Mas também uma agulhada da saudade anunciada, que sentira uma vez.

— Vocês pretendem me vigiar, então?

Mithry tentou dar o risinho debochado no qual era mestra. Porém, não saiu como queria. Estava engasgada. Não quis deixar cair nenhuma lágrima atrevida e inoportuna, então chacoalhou as mãos e acrescentou:

— Muito bem, muito bem! Agradeço! Estou... lisonjeada. E... bem! Já que o recado foi dado, estou voltando para a Arena.

Virou-se tão rápido, na intenção de sair correndo, que a faca batanga apoiada no cinto voou longe. Um cintilar turquesa pincelou o ar quando a arma abriu-se em um leque ornamental. Com um gritinho, Mithry correu atrás dele.

— Que é isso? — perguntou o capitão, agora com curiosidade genuína, esticando o pescoço para o instrumento.

— Oh, é apenas uma adaptação da batanga comum. Pensei em ver se conseguia transformá-la em um tipo novo de *tessen.* — Agora, mais senhora de si, ela sacou o *tessen*, abrindo-o, para comparar as duas armas. — É uma tentativa. Preciso ver se funciona. Uma adaptação de batangas para damas!

A garota fechou o *tessen* em um gesto inesperado e muito rápido, enfiou-o no cinto e se abanou com a batanga.

— Porque eu *posso* ser uma dama! — Mithry enviou um sorrisinho para o capitão e avisou: — Vou precisar de você para testar minha arma!

Theros não gostou do sorrisinho, nem dos olhos violeta-claros por trás

daquela monstruosidade bélica, dando piscadinhas.

— Não entendo a graça que você vê nisso. — Ele foi dizendo, e esticou o braço para pegar a arma.

Entretanto a jovem fechou a batanga com a mesma destreza de antes e a puxou para trás das costas. Foi a vez de o capitão se adiantar para roubar a faca, mas Mithry, adivinhando a intenção, foi ainda mais rápida.

— Não conseguiram! — cantarolou.

Os dois ficaram parados na frente dela, esperando.

— Tudo bem... — Mithry deu um suspiro fingido. Estava feliz pelo interesse na arma. — Olhem!

Mithry mostrou como forjara encaixes para prender o leque turquesa intenso, cheio de pontas douradas e extremamente afiadas, na faca. Quanto a esta, os cabos duplos eram vermelhos e cheios de brilhantes entalhes azul-petróleo; a lâmina, levemente curva, dourada e vermelha tinha uma aparência letal.

— É uma arma adaptada. Preciso ver se funciona. Mas ficou linda, não? — Ela ergueu os olhos para os dois. — Que tal? Preferem a imagem da guerreira? — Mithry empunhou a batanga como se fosse atacar, mostrando só a lâmina, e lançou olhos ferozes na direção do capitão.

Então, como um raio, a lâmina estava guardada. E os cabos vermelhos, girando trezentos e sessenta graus, ao esconderem a lâmina faziam com que o leque desfraldasse entre eles, como uma vela ao vento.

— Ou, quem sabe, talvez prefiram a dama? — Mithry falou com vozinha suave. Desta vez piscou as pestanas para Theros, por detrás do leque.

— Até que é... hum... bem engenhoso — balbuciou Theros, sem saber o que dizer, já que armas eram tão interessantes para ele quanto sobras de uma refeição. Mas encarava os olhos dela atrás do leque.

— Que *bom* que gostaram! — Mithry fechou o leque com um gesto definitivo, e a lâmina vermelha e dourada se expôs novamente. — Só preciso confeccionar uma capa que mantenha essa lâmina bem presa e protegida quando fecho o leque. Senão tudo acaba voando do meu cinto de modo bem inconveniente.

Em um segundo ela virou as costas para os dois e desbravou pela estradinha, colina abaixo, os cabelos espalhados ao redor dela em uma massa solta e volumosa, a camisa branca esvoaçante.

— Obrigada, capitão! — gritou, sem olhar para trás, ao longe. — Obrigada, Solzinho!

— Aonde vai? — esbravejou o capitão, de volta.

— Sei o caminho de volta.

Os dois ficaram olhando até a silhueta de Mithry tornar-se um ponto saltitante, e que por fim desapareceu entre as colinas.

— Essa impulsividade ainda lhe causará muito mal — constatou Theros, pela milésima vez, balançando a cabeça, pesaroso. — Talvez Mithry se arrependa amargamente de sua escolha.

— Eu tinha expectativa de que a Mithry desistisse. Realmente!

— Você não a conhece.

— Conheço a teimosia dela. Mas podemos tentar demovê-la mais para a frente, ela só irá quando o Oitavo Fruto amadurecer. Talvez reflita. E perceba que fez a escolha errada.

— Será? Acha que talvez ainda possamos convencê-la? — Theros nutria expectativa.

O capitão inspirou fundo.

— Não sei. Porém é melhor não esperar demais, sabe. Posso não a conhecer do mesmo jeito que você, irmão, mas de uma coisa eu sei: Mithry não foi aceita no Instituto Arena por acaso. Ela tem habilidades extraordinárias. E não é do tipo que se amedronta. Mas, mesmo que *esteja* amedrontada, vai lutar contra isso. É uma guerreira não só no corpo, mas na alma. Está em treinamento, é verdade. Tem muito a aprender, de fato. Contudo, não gosta de ser derrotada. E dificilmente desiste.

— Convenhamos, a Mithry é mais como uma criança crescida. E por isso toma decisões erradas! — disparou Theros.

Era verdade. De muitas maneiras.

— Você tem razão — respondeu Mikhael. — Se fosse examinada hoje, ela teria muitos problemas com os testes de controle emocional da Arena. É voluntariosa demais, fala sem pensar, tem acessos de raiva e perde a cabeça, não respeita hierarquias, faz o que ninguém mandou, é arrogante...

Theros olhou na direção do capitão, um tanto surpreso.

— Mas ela tenta! — Mikhael reiterou rapidamente. — Justiça lhe seja feita! Mas nada acontece do dia para a noite. Quando cogitamos aceitá-la no Instituto, mesmo sendo mulher, foi uma faca de dois gumes. Ainda que as habilidades físicas e técnicas fossem suficientes, era emocionalmente imatura. Uma criança grande, como você disse. Mas imaginamos que, sendo submetida ao rigor da Arena e ficando em contato constante com guerreiros disciplinados e obedientes... enfim! Achamos que seria um modo de contagiá-la, de beneficiá-la indiretamente para vê-la desenvolver o perfil de uma guerreira de elite.

— Estava dando resultado? — Theros perguntou, curioso.

— Coitado do pobre infeliz que se dispuser a domá-la! — Ele apontou o dedo para si mesmo, fazendo uma careta. — Tentei me safar dessa incumbência logo no começo, mas não foi possível. — O príncipe passou a mão pelos fios soltos de seus cabelos. — Parecia até que ela estava indo bem, adaptando-se.

— E o que deu errado?

— Você se esqueceu? *Tudo* deu errado! A começar por toda aquela insanidade coletiva da qual ela participou!

— Ah, isso.

Theros assentiu. Não queria nem se lembrar.

— Todo o progresso da Mithry foi pelos ares. E, agora que ela voltou,

infelizmente o tempo é curto. Tive que me desdobrar para Mithry ser aceita no Curso da Estação. Depois de tudo, ela não seria aceita de volta tão cedo na Arena. Mas eu queria lhe dar um incentivo, um alvo enquanto esperava pela *Decisão*. Hoje ela foi a primeira a se posicionar em formação.

— Que pena que ficará por pouco tempo — lamentou Theros, com sinceridade.

Uma pausa longa. Apenas o som dos animais ao longe, no lago, se fazia ouvir. Então, o capitão concluiu:

— A verdade é que controlar uma fagulha ou outra por algum tempo não descarta o risco de explosões. E a Mithry é como um incêndio descontrolado.

Theros colocou a mão no ombro do guerreiro. Mas não havia o que ser dito.

— E agora essa aprovação do Conselho — continuou Mikhael. — Não que eu queira questionar, mas a decisão final era do Rei e ele não deveria ter permitido.

Os dois ficaram de novo em silêncio profundo por algum tempo, olhando para o infindável campo de flores.

— Acho que falarei com o rei sobre a decisão — Theros resolveu.

— E ela irá infernizar você pelo restante dos séculos por tentar boicotar suas "férias"! É por isso que o nome dela é Mithry.

— Espero, realmente, que ela seja indestrutível como as mythrarcas.

No campo, as flores eram embaladas, de um lado a outro, pelo vento.

* * * *

Enquanto corria, no coração da guerreira havia uma centelha de medo. Pequena, é verdade, mas estava lá.

Se fosse impossível de ser realizado, o Conselho não aprovaria a ideia por unanimidade. O Rei não daria seu aval.

Mithry segurava a batanga em uma das mãos para evitar perdê-la, porém nem a sentia mais. Mesmo antes de entrar na Cidade Dourada, Mithry viu o Palácio de Árkhaady ao longe, como uma gema valiosa sob a luz, absolutamente polido e dourado e fulgurante, quase incandescente.

Estava particularmente lindo naquela luz! Ocupava todo o horizonte à sua direita, sobre o Monte dos Lírios.

O gigantesco domo azul que encimava o palácio exibia uma cor de lápis-lazúli, só que infinitamente mais intensa. O tom azulado do domo variava de acordo com a luminosidade, e podia assumir desde tons de azul-água, até um profundo azul-cobalto. Sempre em intensidades extremamente brilhantes.

Mithry fixou os olhos ora em Árkhaady, à medida que o caminho a colocava de frente para o palácio, e em seus jardins forrados de lírios brancos; ora na Cordilheira Orion, cujas alturas iam ficando mais à esquerda. Mas ela corria sem diminuir o ritmo. Aquilo a acalmava, fazia com que gastasse um pouco da energia acumulada que não gastara no treino.

Agora estava quase na cidade. Não muito longe dali ficava seu próprio lar.

Próximas ao Palácio de Árkhaady havia dezenas de mansões, espalhadas em meio aos jardins e bosques, ou em torno do lago – o maior da Cidade Dourada. Suas águas fluíam ao longo da base do Monte dos Lírios, costeando parte da ala norte do Palácio; mas era diante de Árkhaady que o lago se estendia para todos os lados, quase a perder de vista, em curvas longas e graciosas que chegavam a se aproximar da Cordilheira.

Era da Orion que vinha a maior parte das águas do Lago de Prata – assim era chamado –, das cascatas e cataratas cristalinas no alto da Montanha, muito, muito além, perdidas entre centenas de geleiras. Milhares de outros lagos eram nutridos por elas, aninhados por toda a montanha, em planícies ou vales nas alturas, mas também no extenso planalto que abrigava a Cidade Dourada – uma verdadeira joia incrustada aos pés da Cordilheira.

A diferença principal do Lago de Prata, porém, além de seu tamanho, eram as águas mornas e agradáveis, abundantes em vida aquática e terrestre. Isso se devia ao fato de o lago estar alojado sobre uma antiga cratera vulcânica, de onde emergiam fontes termais.

A casa de Mithry ficava na margem mais distante, do lado oposto ao Árkhaady, onde o lago formava uma angra relativamente fechada: o melhor local do mundo inteiro! Era quase como se tivesse sido feito exclusivamente para ela.

Se forçasse a vista, ela conseguia entrever uma pequena parte da cúpula de sua casa, perto das encostas da Orion, escondida no meio de suas amadas árvores, que estavam todas floridas e exibiam borrões nas cores rosa, lavanda e amarelo. Mithry preferia assim: não tão perto da agitação, próxima ao Palácio, por ali mesmo, no próprio lago, com seus passeios de barco e carrinhos aquáticos, teleférico e toda a diversão que proporcionava às pessoas e aos animais.

A "Angra da Mithry" – como ela se dava ao luxo de chamar – era uma pequena enseada de tranquilidade e paz absolutas. O Lago de Prata à frente e a encosta das montanhas, de inclinação suave naquele trecho, atrás.

A garota acelerou o ritmo da corrida, ansiosa pelo aconchego de casa. Não iria mais para a Arena naquele dia. Naquele instante o Curso de Especialidades adquiria uma posição secundária. Ela precisava pensar.

Finalmente Mithry tomou o rumo das alamedas secundárias e as trilhas que conhecia tão bem, pelo meio do bosque, ao sopé das montanhas. Queria evitar passar por onde houvesse aglomeração de pessoas. Queria apenas correr até em casa sem ser parada por ninguém.

Esperarei pelo Oitavo Fruto. Não falta muito.

No meio das árvores do bosque o ar estava fresco, agradável. Mithry finalmente trotou pela alameda que a levava direto para casa, beirando o lago tão pertinho, que se quisesse parar e beber a água poderia fazê-lo.

Ninguém passava por ali. Na verdade, aquela alameda mais estreita não levava exatamente a lugar nenhum, exceto à casa dela. Era cheia de árvores,

cheia de flores silvestres por todo lado, crescendo livres, sem poda exagerada. E terminava na frente de sua casa.

A partir dali havia uma profusão de trilhas e caminhos em meio à floresta que se inclinava, forrando as encostas, que poucas pessoas além dela conheciam bem o suficiente para não se perder. Inclusive havia uma trilha ascendente, não tão fácil de seguir, mas que passava por entre a montanha e dava no alto de uma das poderosas falésias que terminavam abruptamente sobre o mar.

Era uma caminhada que Mithry gostava de fazer quando tinha tempo, e que levava uma manhã inteira, só na ida. Não apenas era um belo passeio, com vistas fabulosas quando se chegava ao topo da falésia, mas ela havia descoberto uma praia de areia branca e solta lá embaixo, encostada ao paredão, e praticamente oculta. Era literalmente uma piscina, rasa e quente, por causa dos enormes recifes de corais adiante.

* * * *

Ao chegar em casa, a jovem atirou as armas sobre um banco comprido de madeira maciça ao lado da entrada envidraçada e chutou longe as botas, que ficaram caídas por ali mesmo, no meio do caminho.

A morada era amplamente aberta, e compartilhava espaço com a natureza em derredor por meio de varandas, terraços e janelões. Diversas outras cúpulas de mansões podiam ser vistas, mas a distância, e só da beirada externa da angra. Dali, de dentro da casa e do quintal, a privacidade era completa.

Lira veio correndo. A tigresa branca era sempre a primeira a aparecer, dentre os muitos animais que moravam com a jovem. O nome derivava do fato de que, quando filhote, a linda felina miava doce e lamuriosa como uma canção tocada na lira.

A tigresa saltou na direção da dona, e as duas rolaram pelo chão, nas brincadeiras de sempre. Mithry terminou deitada sobre os tapetes coloridos de sua enorme sala, a cabeça apoiada na barriga do animal, que ainda insistia na farra, dando-lhe patadas amorosas na cabeça. Depois de um tempo afagando a tigresa, Mithry ergueu-se de um salto.

— Você nem imagina o que tenho para contar! — exclamou. — Venha!

Saiu para os fundos de sua casa, cujo extenso gramado levava à beirada repleta de avencas e samambaias da angra. Um barco de passeio com desenhos estilizados de borboletas estava ancorado no píer particular.

O quintal era muito grande, com verdadeiros tapetes de flores aos pés de dezenas de árvores frutíferas, altas e frondosas. As frutas que caíam eram logo comidas pelos animais, e aqueles que podiam iam buscá-las direto no pé. As flores também eram comestíveis. Mas a quantidade era tanta que não se acabava, incluindo o fato de renascerem como as frutas.

Mithry olhou para as flores e se lembrou das mythrarcas. Flores

renasciam, mas não naquela rapidez instantânea, como ela vira acontecer. Era aquilo que mais intrigava nas "flores-monstro". Embora tudo no reino fosse inesgotável, tudo renascesse, as tais mythrarcas eram diferentes... de *tudo*, afinal.

Mithry não estava disposta a avaliar o que aquilo significava; não agora.

Caminhou pelo quintal, passando perto da horta: mais uma fonte de alimento para seus animais, pois também brotava o tempo todo, era grande e variada, nem precisava cuidar muito. Os animais amavam! Mithry orgulhava-se muito de seu espaço, e como ele era eficiente e incrível não apenas para ela, mas para todos os seus amiguinhos.

Naquele momento tudo que Mithry queria era ficar em seu cantinho especial, a gruta. Por estar tão perto das encostas mais suaves da montanha, tinha o privilégio daquele esconderijo *dentro* de seu próprio esconderijo.

Ela mesma tinha construído uma pequena área especial na frente da entrada da gruta. Um muro de pedras vazadas, baixo, entremeado às árvores e coberto por trepadeiras delimitava o espaço, separando-o do restante do quintal. Ali dentro, Mithry plantara grande diversidade de flores mais raras – muitas delas sugeridas e providenciadas por Theros –; o chão era forrado de musgo e um caminho de pedrinhas redondas, prateadas como o luar, fora assentado cuidadosamente até a entrada da gruta.

Lira corria perto de Mithry, perseguindo insetos animadamente. Pegava seus brinquedos preferidos com a boca, pequenos aros de resina colorida e maleável que estavam espalhados por ali. A própria felina os atirava para o alto, só para correr e pegá-los no ar. Então os atirava de novo, e saía correndo e saltando atrás, em uma festa sem-fim.

Quando se cansava daquilo, agarrava-se com as quatro patas ao tronco de suas árvores prediletas e, com pulos ágeis, subia para os galhos acima. Mithry sabia que essa era uma demonstração de felicidade pura, por causa da presença da dona.

— Já está virando passarinho de *novo*, Lira? — Mithry ria e brincava com o animal. — Não, não. Você é uma tigrinha, entendeu? Não é passarinho. Eu sinto muito.

Lira descia com agilidade invejável, atirava-se de encontro à dona, colocava as patas enormes nos ombros dela e era abraçada de volta. Os ruídos que fazia pareciam pequenos motores de satisfação ronronante.

Os outros animais da menina foram aparecendo: alguns cabritinhos, gatos, cachorros, dois coelhos, um falcão que soltou um grito alegre em resposta ao chamado dela, diversas outras aves coloridas e falantes, incluindo emas. E um casal de corujas brancas. Por fim, um tigre imenso veio pelo meio das árvores – o companheiro da linda Lira. Tão bem-humorado e doce como o nome escolhido para ele: Merengue.

Os dois tigres moravam na casa, embora houvesse outros felinos de grande porte que gostavam de passar horas ali, na casa de Mithry, diariamente. Podia-se dizer que todos eram dela, no entanto, como gostavam de fazer

passeios longos, costumavam aparecer mais quando a luminosidade diminuía ou em dias alternados.

Vários outros animais que costumavam estar pelo quintal àquela hora davam seus cumprimentos. À sua maneira. Um olhar interessado, um ruído diferente, um grito de alegria, um aproximar-se para receber carinho. Os três crocodilos que sempre ficavam tomando sol na beira da angra, deliciados, olharam para Mithry. Mas estavam preguiçosos demais para se levantarem, embora abrissem a boca enorme para ela, como se sorrissem. Mithry sorria de volta e dizia alto os seus nomes.

Um dos cabritinhos que também corria perto de Mithry, em uma algazarra interminável, subiu nas costas de um dos crocodilos, dando saltinhos, antes de continuar desabaladamente pela grama. Os coelhos gostavam de correr, em especial, com aquele cabrito e davam saltos com as quatro patas no ar.

No meio do lago havia um grupo enorme de gansos, que nadava e mergulhava. Os gansos lançavam o olhar para a menina, de longe, imaginando se ela trazia algum quitute. Mithry atirou pedaços de pão, que não se esquecera de pegar, e os gansos vieram em revoada para perto dela.

Os golfinhos e as focas que Mithry conhecia – havia um bando grande no lago – gostavam de aparecer toda manhã. De modo que uma das primeiras coisas que ela fazia ao começar o dia era ficar sentada no píer, jogando frutas para eles e conversando. Mithry até nadava com os animais! Maravilhada, sempre, pela beleza e alegria que lhes era característica.

Mithry entrou em sua área especial diante da gruta, despiu a roupa de treino e largou-a no chão. Nem se deu o trabalho de apoiá-la no murinho de pedras. Os pés tocavam o fofo carpete de musgo. Só os animais tinham licença para ficar na gruta. Mais ninguém. Com exceção de Mamy, ocasionalmente.

A garota entrou. Subiu os degraus de pedra bruta, iluminados por filetes de luzes coloridas, até a banheira natural acima. Tinha formato arredondado, mas irregular, e três vezes o tamanho necessário para que Mithry se estendesse completamente em todas as direções. Além disso, era profunda o suficiente para atingir o extremo da perfeição. Havia, também, um canto onde era possível afundar em pé. Mithry havia polido a pedra até ficar inteiramente lisa.

Um engenheiro contratado instalara tanto as luzes dos degraus como as da banheira, que mudavam de cor. Uma centena de tonalidades diferentes! A água colorida refletia nas paredes revestidas de madrepérola – que ela também mandara fazer –, de modo que a gruta inteira parecia como cristal iluminado, como a superfície do mar sob o sol, agitando-se em infinitas cores e formas.

As águas vinham de algum lugar no centro da cratera vulcânica, abaixo do Lago de Prata. Chegavam ali borbulhantes e quentes. Mithry podia tocar a água e deixá-la na temperatura desejada.

O ambiente era solitário e tranquilo. Ideal para se limpar e permanecer

quieta depois de um dia de treino, ou apenas para ficar de conversa consigo e com os animais; ou para cantar à vontade – a acústica era muito boa ali! E Mithry tinha uma linda voz. Também servia de refúgio quando estava triste.

Mesmo não sendo no banho que ela repunha suas energias, Mithry adorava o contato com a água. Por isso entrou logo, emitindo um suspiro de satisfação, e deixou o corpo flutuar por alguns instantes, leve e solto. Depois afundou de uma vez, os cabelos espalharam-se ao redor dela como feixes líquidos de cobre incandescente, o calor delicioso envolvendo-a.

Era tão bom morar ali! Havia momentos como aquele, em que ficava pensativa: *Por que ir para tão longe? Por quê, afinal, tinha ido embora da primeira vez? Foi um erro. Colossal.*

E agora? Partiria de novo. Tudo que esperava, no mais profundo do coração, era que, desta vez, fosse a escolha certa.

Lira acomodou-se na porção superior da banheira, deitada na pedra morna, e seu companheiro junto dela. Merengue lambia as orelhas da tigresa, um retrato de paz e harmonia puras. Os cabritinhos faziam graça e continuavam correndo pelo jardim em frente, com os coelhos e os cães. Eles brincavam de perseguir as aves que, por sua vez, brincavam de se esconder.

Pouco depois, o falcão também entrou na gruta, e pousou em uma reentrância no alto, onde gostava de ficar. Os gatos foram aparecendo, tinham vários tamanhos e tons de pelagem. Disputaram lutinhas por um bom tempo, e depois se deitaram lado a lado nas pedras. Mithry divertia-se os observando, todos eles. Os animais tinham o poder de arrancar dela os sorrisos mais abertos e sinceros.

Quando todos se aquietaram um pouco, ou foram brincar em outro lugar, ela fechou os olhos e recostou a cabeça contra a pedra lisa.

Seu pedido... Aceito!

A notícia continuava provocando nela duas sensações. A primeira ainda era um pouco de receio. Mas a outra... Apenas a pura sensação de liberdade. Iria até aonde poucos tinham ido.

Ela *queria* isso, simplesmente ir. Além. Mais longe. Ver aonde poderia chegar, e o que aconteceria se conseguisse.

Ao olhar para Lira, porém, lambendo a pata, uma lágrima escorregou imediatamente por sua face.

— Vou sentir falta de vocês, meus amores.

Merengue abaixou a enorme cabeça, até onde Mithry podia alcançá-la com a mão. Ela o afagou. E deu um soluço, que não percebeu que estava segurando.

— Vou sentir falta de todos vocês!

Lira olhou na direção dela. Os outros animais também. Prestavam atenção.

— Ainda não voltei para ficar, sabe... mas um dia... vou voltar!

CAPÍTULO 1

ANO 30 A.C.

Ao lado do médico, a mulher caminhava pelo último dos corredores da masmorra.

Antes mesmo de chegar ali, era possível ouvir murmúrios e lamentos entremeados pelo arrastar de grilhões. Gemidos de dor, preces sussurradas, soluços. De vez em quando, gritos arrastados, cansados. Apavorados.

Mas a mulher não demonstrou nenhuma emoção. Seus olhos estavam frios, e sua alma, melancólica. Observou com atenção cada um dos condenados, separados individualmente nas pequenas celas de pedra e atados a correntes. Depois pediu ao médico que destrancasse as barulhentas portas de ferro, uma a uma.

A iluminação era pouca, de modo que os dois guardas que a acompanhavam ergueram suas tochas ao alto, para ela poder enxergar perfeitamente cada um dos prisioneiros.

O médico e a mulher verificaram que, àquela altura, um ou outro jazia inconsciente ou respirando muito mal. Nestes, os estertores da morte se faziam audíveis a distância, aquele som conhecido de pulmões encharcados com o próprio sangue da vítima. Outros já estavam mortos.

Cada um recebera um tipo diferente de veneno. E a mulher, mesmo sendo uma especialista em venenos, precisava testar minuciosamente tipos e dosagens para escolher a morte perfeita. Não poderia haver erros.

Por isso, todas as informações recolhidas ao longo do extenso corredor eram anotadas pelo escriba, tudo que o médico e a mulher conversavam. Ele fazia seu trabalho em silêncio e conscienciosamente, sem prestar atenção em volta. Estava acostumado. Se reportasse algum detalhe sobre o que via e ouvia, a qualquer um, seria decapitado imediatamente. Assim como sua família. Sem direito a rituais sagrados.

O mesmo servia para os guardas, que se mantinham impassíveis, acompanhando a visita.

Imperava ali tanto a morte quanto a mulher. E o cheiro de ambas se desprendia no ar. O da morte, impregnado nas paredes, parecia tornar a masmorra mais cinzenta; e o da monarca, perfumado no próprio corpo, exalava-se em ondas que não pareciam combinar com o local.

Mas era um engano. As duas combinavam, sim. Especialmente agora, quando a rainha desejava orquestrar a morte perfeita.

"Rápida, pouco dolorosa, e que não danifique o corpo físico."

A sua própria morte.

* * * *

Foi neste momento em que vi. Eu *vi* quando fizeram o veneno.

Uma composição deles, na verdade. Escolhidos pela própria rainha com base nos conhecimentos adquiridos ao longo de muitos anos, mas especialmente nas últimas semanas. Agora o queria para si.

"Desejo primeiro adormecer nos braços de Morfeu", a rainha havia dito.

Então, vi os cortes sendo feitos nas papoulas verdes, senti o cheiro desagradável que se espalhava por causa do calor. O suco leitoso pingava; depois, secaram-no e trataram-no até virar pó de ópio. A rainha gostava muito daquela substância, que tinha cinco elementos. Um deles era o elemento de Morfeu.

"O deus grego dos sonhos, do onirismo...", parecia uma escolha romântica, mas era totalmente racional. Grega na alma, a rainha sempre considerava Morfeu *uma* boa escolha. O primeiro convidado para cear à sua mesa de morte.

Então, sim, ópio! Em altíssimas dosagens, mas tomados lentamente, para evitar as náuseas e vômitos. O primeiro veneno.

"Desejo que meu corpo pare de funcionar, porém sem dor; como se ainda vivesse", foi o segundo pedido da rainha.

Vi as mãos que separavam a *Conium maculatum*, a cicuta. Estremeci por dentro, violentamente. Sócrates. O filósofo grego. "E por que não?"

Era ele o segundo convidado para a ceia da morte. À rainha parecia que Sócrates constituía-se em outra boa escolha! Condenado – assim como ela, em muitos sentidos –, o homem recebeu a concentrada infusão de cicuta. Apenas seis gramas, extraídas das flores e dos frutos. O abraço da morte chegava rapidamente. Meia hora. Mas empanturrado de sofrimento grotesco, na forma de paralisias progressivas, e com a mente alerta. Os pulmões eram os últimos a endurecer.

Estavam bem ali, diante de mim: as balanças, os vidros, as colheres dosadoras, o fogo e mais instrumentos que não reconheci. A dosagem de cicuta foi absolutamente precisa para o tamanho, o peso e a idade da rainha. O manto hipnótico e analgésico do ópio deveria cobri-la primeiro, denso e profundo o suficiente para mascarar a espada da cicuta. Que cortaria lentamente.

O segundo veneno.

"Desejo que meus lábios se aquietem, e não digam mais palavra alguma neste mundo, que a gélida beleza permaneça em meu rosto, e meu corpo adormeça."

As flores, quando as olhei, eram lindas, roxo-escuras. Mas o mal estava escondido nos tubérculos. Eles foram desenterrados e levados para a mesa de trabalho antiga – um bloco de carvalho –, para serem cortados; então

ficaram à sombra. E havia tanto calor ali! Até que a tintura de acônito ficou pronta.

Ah, mas como parecia ser o veneno errado! Em vez de quietude e paz, queimaria o sangue da rainha com excitação, euforia! No entanto, ela não mudou de opção. O efeito acelerador se desfaria nas sombras do ópio, assim como gotas de tinta em uma tigela de água. E ela obteria o efeito desejado.

Primeiro, o silêncio. Formigamentos, anestesias... nos lábios, na língua e na garganta, anulando as palavras, preparando-a para a passagem eterna. Depois, o Ka, o fogo do seu corpo, iria se desvanecer. O calor iria se perder, de dentro para fora, até que a pele estivesse fria e seu *Khat*, a bela forma física, se mantivesse preservado até a imortalização das feições, nos ritos fúnebres. Mas ainda não era o fim.

O fôlego da respiração seria insistente, mesmo sob a pressão da paralisia, e lutaria por horas. Uma lenta asfixia, da qual Morfeu pouparia a rainha, enganando-a com o sono profundo. E que Sócrates abreviaria com sua cicuta milimétrica.

A rainha desejava que a deusa grega Thêmis, com sua estonteante beleza, se juntasse a ela ali, em seu gélido sono; se assentasse diante da ceia da morte, e profetizasse sobre a vida da rainha no além-morte enquanto o coração dela ainda batia. Um encontro de deusas. Thêmis, detentora da razão e da justiça, a terceira convidada, poderia julgá-la, então. Em vida, pois a rainha não tinha medo.

"Por que temer o amor e a liberdade? A que é escravidão é motivo de terror."

Ela receberia Thêmis pouco antes do fim, a convidada para quem o acônito abriria as portas. O derradeiro selo de sua morte.

O terceiro veneno.

Então, o coração da rainha, o seu *Ab*, a fonte do bem e do mal, o centro dos pensamentos e o portador da alma, seria entregue a Ma'at. E que Ma'at finalmente pesasse seu coração e julgasse sua alma, na presença de Toth, Osíris, Anúbis e os demais juízes.

Ammith, a devoradora, não sorriria para ela!

* * * *

Tudo isso eu vi antes de acontecer. Foi assim mesmo. Primeiro vi os planos da morte; só depois a vida da rainha. Porque eu não podia *escolher* o que ver.

Os planos estavam prontos. As pesquisas, terminadas. Cada um dos detalhes do coquetel de venenos, estabelecidos. Então, eu *a* vi, com tanta clareza! Como se olhasse para mosaicos coloridos ou um caleidoscópio: cada faceta da personalidade complexa, vivaz e cheia de energia da rainha ficou estampada à minha frente. Era uma mulher obstinada, de inteligência brilhante, capaz de ofuscar quem estivesse perto. Seu jeito de ser traduziu-se

em um modo único de governar: engenhosidade nas estratégias, astúcia nas batalhas e talento político admirável.

Mas ao sair da masmorra, naquela manhã, o sol de outono não combinava com o seu interior. Justo ela, que amava tanto o sol! O sol era luz, e luz era alegria; havia, porém, um tempo que ela se esquecera de como era sorrir. Sorrir de *verdade*, não apenas por causa do frenesi da corte em seus derradeiros festejos. Sim, derradeiros!

A rainha sempre começava o dia no templo, fazendo suas orações a Isis, pedindo proteção e força. Mas naquele dia ela pedira que a deusa a ajudasse na Passagem.

Ela não temia a morte. Isso também era verdadeiro.

Poucos dias antes, viajara ao templo Taposiris Magna, onde verificou todos os preparativos pela última vez. Aquele era o esconderijo perfeito para as tumbas. Na última manhã, antes de retornar ao complexo do palácio, a rainha caminhara vagarosamente pelo templo, um dos mais sagrados. Sozinha. Tão cedo quanto o alvorecer. Ela presenciara os primeiros raios solares, que bateram nas águas do lago Mariut, incendiando-as.

Depois, no interior do templo, passeara ao redor da fonte sagrada, detivera-se diante dos santuários de Isis e Osíris, das estátuas gigantescas dos deuses, e sorrira brevemente.

Quando retornasse à ilha de Antirrhodos, aos aposentos reais no complexo do palácio e ao templo de Isis que frequentava todas as manhãs, sua consciência estaria preparada.

Agora faltava pouco.

* * * *

Nos últimos dias, a rainha isolou-se no mausoléu. Pensou e refletiu muito. Viveu a dor do luto. E não se rendeu.

Relembrou-se de tantas coisas! Desde seus dias de menina, quando corria como uma lebre pelos jardins e pomares, escondendo-se entre figueiras, romãzeiras e tamareiras, a túnica branca bordada esvoaçando ao redor do corpo. Em seu encalço, as pajens, aflitas com a possibilidade de a princesa machucar-se e de serem elas consideradas as culpadas.

Ainda adolescente, viu as estrelas de noite e o modo como brilhavam para ela. Incontáveis, sobre o templo de Isis em Philae, a deusa do amor e da magia, a grande deusa-mãe, a força fecunda da natureza. Ela vestia-se apenas com uma túnica de linho adornada, e levava sobre os seios o enorme colar de ouro com pedras preciosas. Os braços e antebraços jaziam cobertos por braceletes e, na cabeça, usava a coroa com os chifres de vaca sustentando o disco dourado. Às vezes a princesa preferia o diadema de abutre, que simbolizava aquele que transforma o decomposto em alimento, em nova vida. Mas o que ela mais gostava era das asas de falcão, abertas, desfraldadas, diáfanas.

Ali, em Philae, a princesa fora iniciada nos mistérios das artes mágicas, e aprendera a escrita de seu povo. Fora-lhe revelada toda a sabedoria acumulada por milênios e, nos salões da vida do templo, ela viu como eram feitos os papiros com cópias do Livro dos Mortos, e aprendeu os ritos funerários.

Lembrou-se do êxtase e de como era dançar com as sacerdotisas de Isis, uma serpente sobre os ombros e braços, e o *Tet*, o nó de Isis, em um diadema de ouro sobre a cabeça. A música era um dom dos deuses, para engrandecer a força do amor e da felicidade. Quando se tornou rainha, porém, houve danças e ritos de passagem especiais. Exclusivos para ela.

Tudo mudou a partir dali. *Tudo!* Ainda podia ouvir o som das vozes cantando e dos instrumentos de percussão, as flautas e harpas, o recitar reverberante dos ritos, o cheiro de incenso. E, então, ela e Isis eram uma só pessoa. Uma interação fora do tempo e do espaço.

Alguma coisa mudou em seus olhos. Eles passaram a espelhar uma força extraordinária e uma magia diferente.

Apesar de tudo isso, ela havia crescido em meio a guerras e ocupações estrangeiras e, com incômodo, reviveu a impopularidade de seu pai, cujo governo só se susteve com a ajuda de Roma, a quem o faraó pagava somas imensas. Vindas de tributos igualmente imensos. Como ela desejava que seu país fosse livre! Dia a dia, deparava-se com a ferocidade e arrogância dos romanos em Alexandria. A cidade *dela*!

"De que adianta cultivar a inteligência acima da beleza, se bárbaros se alegram em se refestelar à nossa custa?" Aquilo causava uma sensação de pesar e uma profunda tristeza.

"Quando tinha onze anos", a rainha se lembrava, "meu pai se refugiou em Roma, e elegeram minha irmã Berenice para reinar em seu lugar. Mas quando ele voltou, três anos depois, mandou matá-la. Ele ainda governou por quatro anos. Pouco antes de morrer, escolheu a mim e ao meu irmão mais novo para ficarmos em seu lugar. De acordo com o costume da Dinastia, nós nos casamos, mas meu pai sempre soube que eu seria a verdadeira governante".

Tinha dezessete anos, mas ela *faria* a diferença! Por trás das letras, da herança grega, persa e macedônica, seu coração era do Egito. Estava cansada e indignada com o peso do jugo romano! Em um mundo governado por homens, ela sabia que uma mulher precisava conhecer suas armas. E usá-las; *todas*! Até a capacidade de sedução. "Apenas uma de minhas muitas características", ela costumava dizer, com um sorriso travesso.

"Fiz tudo que considerei justo, por mim, por minha família e por meu povo. Mesmo quando tive de fugir para salvar minha vida, mesmo durante as guerras. Nunca meu amor pelo Egito arrefeceu, pois conheço as virtudes ancestrais da minha pátria. Tão mais antiga e linda do que a romana! E minha adorada Alexandria, uma enorme cidade, maravilhosa, rica, fervilhante... e uma ameaça a Roma."

A tristeza abateu-se sobre o rosto da rainha como uma mortalha sobre os

ossos.

"Já não posso fazer mais nada. *Alea jacta est*. Como dizia o primeiro que me amou."

Ela enfiou a cabeça entre as mãos. Não era hora de chorar. Agiria agora do modo como sempre vivera, com coragem e consciente do que devia ser feito.

A rainha então olhou para o cálice de ópio ao seu lado e o tomou nas mãos. Era hora!

O líquido tinha sido adoçado, e o odor de anis e cânfora se sobressaía. Não era ruim. Recostou-se ao leito, e as amas permaneceram em uma distância reservada. Iriam morrer junto à sua senhora.

* * * *

Caía a noitinha, mas as galeras de Júlio César insistiam em navegar por dentro de suas pálpebras fechadas. Então era o rosto dele que passeava diante dela, vez após vez, olhando-a. A rainha sorriu. César viera buscar uma coisa e encontrara outra!

O objetivo da viagem era deixar bem claro à rainha e ao seu *irmãozinho* que Alexandria – a grande metrópole do Oriente, o polo oposto – estava, sim, à mercê de Roma. Incluindo seus governantes. Enquanto o aguardava, a rainha sabia perfeitamente que não adiantava brigar por uma coroa sem valor. Era isso que ela significava diante de Roma: nada. Sua coroa era nada.

Ela sorriu de novo. César pretendia brigar com luvas de pelica. Era inteligente também. Enviou convites para que ela e o irmão o encontrassem. Admitiria o título da rainha – ou o do irmão –, em vez de substituir a ambos por um governador romano. *Boa* tática! Mas era só isso. Um título vazio.

"*Não* se eu puder evitar! Há outras maneiras de ter poder. *Eu* deixarei de ser nada, já que meu irmão está com medo."

Sem hesitar, ela foi ao encontro de Júlio César. Com urgência. E em segredo. "Dispensei minha guarda e saí sem nenhuma pompa. Lembro-me, ah! Lembro-me do calor sufocante dentro daquele tapete, e da pequena fresta por onde eu podia espiar. Um dos escravos reais me carregou sobre os ombros."

Tudo aquilo para conhecer César pessoalmente. Desta vez a monarca riu alto, por um instante, achando graça.

"Como estavam surpresos os olhos dele! Loucamente perplexos ao ver-me sair do presente que acabara de receber, como se eu fosse... uma visão! Nada mais, nada menos, que a rainha do Egito. E que rainha, afinal!"

Ela usou uma bela túnica carmesim, estava com os cabelos mais soltos do que presos. Mesmo tendo chegado dentro do tapete, usava a coroa e a braçadeira de ouro em estilo macedônio, ambas com rubis, turquesas, esmeraldas e pérolas. O diadema sobre a testa, os brincos e o colar eram marcados com hieróglifos que combinavam com a coroa. Colocou pulseiras de ouro trançado no outro pulso, bem como o bracelete de serpente, enrolado no

braço. O perfume... era o mais delicioso de todos!

A rainha riu de novo, mas agora baixinho. Lembrou-se de como a ligação foi imediata. Eles jamais tinham se visto antes.

"Ele me olhava, e meus olhos pintados, como se jamais tivesse visto uma mulher. Entretanto, devíamos tratar de negócios. César sabia que diante dele estava a mulher mais culta de sua época. Admito, porém, minha intensa curiosidade em conhecer o maior general do mundo e o imperador de Roma, cuja fama não conhecia limites."

A voz da rainha era adocicada naturalmente. A figura cheia de vivacidade se fazia graciosa, mas com um toque de humor, o que parecia cravar aguilhoadas no espírito do general romano. Ela sequer precisou de outros artifícios. A conversa cativante era seu ponto forte.

O semblante dela se enterneceu por um instante. Fora o primeiro encontro de César com a herdeira dos faraós. E por mais que *a priori* ela desejasse, mais que tudo, aliar seu império àquele homem... depois ela passou a querê-lo bem. Não foi exatamente amor. Mas algo próximo disso.

E o Egito foi o único que, a essa época, manteve-se independente diante do imperialismo romano. "Ah, meu querido, se tivesses visto teu império através de meus olhos, se sentisses os jugos que vocês impuseram a todos ao redor, como eu senti... então não hesitarias nem por um momento. Irias para os confins da Terra, e eu junto de ti, te acompanharia. Serias *livre*! Tu serias rei do Egito ao meu lado e depois o imperador do mundo oriental. Nosso futuro juntos não seria um prisioneiro do teu império, mas iria se estender aos confins! Como Alexandre! E nossos passeios pelo Nilo poderiam ter durado por muitas, muitas primaveras."

Ela fechou os olhos por um momento. Assim podia ter uma visão melhor do jardim, o lindíssimo jardim que César fizera para ela. Ela estava passeando por ali, e observava o sorriso dele, cada vez que a olhava. Sabia que ele a amava. Que falassem o que quisessem! É claro que havia murmúrios e falatórios, especialmente ali, em Roma. Onde os dois viviam agora, juntos.

"Júlio César mandou esculpir uma estátua de ouro minha e a colocou no Templo de Vênus", e isso trouxe uma pontada de mal-estar. "Assim que eu estiver morta, talvez ela seja destruída. Mas não importa! Nem hoje nem nunca, irão se esquecer de que, a meu modo, eu amei César, e *não* Roma! Fui parceira dos sentimentos e da vontade dele, assim como César também foi digno de partilhar o meu destino e o meu desejo de poder. Não queria apenas sobrepujar Roma, mas ir muito além." Um suspiro profundo. "A ambição é algo ruim?"

A rainha sentia os músculos relaxarem aos poucos. Mas não havia sonolência ainda; ou, talvez, muito leve. Não prestou atenção a isso. Agora era a vez de se lembrar de Cesário, o filho que tivera com Júlio César, seu primogênito!

Ela engoliu o soluço que brotava por Cesário, e preferiu olhar para a criança que ele fora, o menino de dois anos que brincava no jardim, a seus

pés, totalmente nu. César trouxera um brinquedo novo; ele amava o menino também. A rainha sentiu vontade de esboçar um sorriso. Lânguido, agora, preguiçoso. O filho que chocara o Egito e o Império Romano – um escândalo!

"Tu eras casado, mas tua esposa não passava de um enfeite. *Eu* que fui a tua mulher, por isso recebeste-me em Roma, por isso reconheceste Cesário como teu *filho legítimo*", o sorriso alargou-se um pouco nos lábios da rainha.

Mas então, repentinamente, aquela dor. De perda. Um soluço para cada uma das vinte e três facadas. Um túnel aberto no peito ao saber da morte dele. Do espanto do general, que sobrepujara até o sofrimento do corpo. "Até tu, Brutus, meu filho?"

A conspiração do Senado. E de novo ela sentiu o medo daquele instante. A tristeza. E a revolta. César não era um tirano, como muitos queriam fazer parecer! Agiram por inveja, por orgulho e culparam-na, indiretamente, pela morte dele, por sempre incitar sua sede de poder. Muito no íntimo ela também se culpou.

A viagem de volta a Alexandria foi vazia, exceto pela presença de Cesário.

"Não tornarei a ver-te neste mundo, meu querido, meu amigo", ela disse, ao partir, olhando para uma Roma quieta e mergulhada em sombras.

A rainha encolheu-se. Seu corpo parecia pesado. Não era uma sensação desagradável. Parecia um pouco anestesiada. Mesmo assim, embora as repudiasse, duas lágrimas acabaram escorrendo por seu rosto. Lágrimas que mais ninguém veria, exceto, talvez, Morfeu.

"*Alea jacta est*", como dizia seu amante.

* * * *

Ano 1959 d.C.

— Victoria? — Um tom suave, baixo, reverberava na cabeça dela. Como um martelar. — Victoria? Vic, filha!

A garota virou a cabeça e abriu os olhos assustadiços, arregalados, olhando ao redor.

— Victoria? — A mãe inclinou-se um pouco na direção da filha, e notou algo estranho, mesmo sem a garota ter feito qualquer ruído. — Que foi? Está tudo bem?

Victoria pareceu não notar a mãe. Ergueu as próprias mãos, olhou-as, revirou-as; elas estavam tremendo levemente; mexeu um pouco as pernas. Então tocou os olhos de leve. Estivera chorando agora mesmo, tinha certeza! Mas... onde estavam as lágrimas? Olhou em volta, esperando ver, não o seu quarto, não... *Era* outro lugar. Ela estava em outro lugar.

Naquele local de morte.

E, naquele lugar, ela sabia que a sua mente começava a escurecer. Devagarinho. E ela estava ficando mais quieta. O seu coração! Não estava

batendo como agora, um galope acelerado. Estava mais devagar.

Tinha certeza!

— O meu corpo, mãe... estava meio anestesiado, parece. — Ela ainda olhava para as mãos, depois tocava a cabeça. — E a minha *mente*! — Ergueu os olhos espantados para a mãe. — Estava tão esquisita.

— Teve outro pesadelo, né?

O rosto de Elizabeth estava preocupado, mas ela torceu para Victoria não notar. A menina encolheu-se, refugiando-se debaixo das cobertas.

— Ele morreu... — murmurou em um fio de voz.

— Quem morreu, Vic?

— *Ele*, mãe... — Só então Victoria se deu conta de que não estava falando coisa com coisa. Estava em seu quarto. Sua mãe ali. Suspirou. — Ah!

Outra vez aquela rainha, a mesma coisa. A mãe passou uma das mãos sobre os cabelos da filha, esparramados sobre os travesseiros.

— Meu amor, ninguém morreu — disse, suavemente. — E o seu corpo... Será que você não estava dormindo em cima do braço? Ele está formigando? Com certeza foi isso. Ele ficou meio anestesiado mesmo, e você acabou sonhando que...

— Não! Não foi o braço, e não foi um formigamento!

— Foi só um pesadelo, minha filha.

— *Mãe*... — Mas Victoria então parou, não continuou. Porque não era possível explicar. O quanto era real. Ela já tinha tentado fazer isso nas outras vezes.

— O que você sonhou agora? — indagou Elizabeth sentando-se na beirada da cama. — Cleópatra outra vez?

— Ah, mãe. É só bobagem minha. Acho que comi chocolate demais antes de dormir. Não quero mais falar sobre isso.

— Não acha que conversar a respeito poderia ajudar? — Mas Elizabeth falou isso por falar. Não sabia mais o que dizer. Não encontrava mais nada que ainda não houvesse *sido* dito.

— E acho que você tem razão — disse Victoria, para encerrar o assunto. — Talvez eu também tenha dormido em cima do braço.

Victoria continuou encolhida, debaixo de cobertores e um edredom com cores alegres. Mas Elizabeth levantou-se de onde estava sentada, ao lado da filha, e foi abrir as cortinas de renda, deixar entrar luz através dos dois janelões do quarto.

Era um aposento aconchegante, amplo, no segundo andar da casa. A cama de cabeceira branca trabalhada, com dossel, tinha aos seus pés um baú branco de madeira que combinava. As paredes do quarto todo exibiam um suave tom de cor-de-rosa, e acabamento em papel de parede com motivo de fadinhas minúsculas – escolha feita aos quinze anos, quando o quarto havia sido redecorado para agradar à jovem adolescente.

A escrivaninha, próxima a um dos janelões, estava arrumada. Uma bolsa de couro gasto jogada ao lado. A poltrona amarela com pufe combinando

ficava perto da outra janela, ao lado de um abajur de pedestal com cúpula de vidro que formava mosaicos de flores. As estantes brancas, cheias de livros, tinham sido feitas sob medida. Havia tapetes felpudos, almofadas macias e coloridas, algumas bonecas. Enfeites delicados em prateleiras. Lustres de candelabros e vidro. Um *closet* abarrotado.

O quarto de uma princesa. Elizabeth havia aberto as cortinas e venezianas, e recolheu um par de sapatilhas que estava no meio do caminho, pondo-o de lado.

— Está quase na hora do almoço, sabia, dorminhoca? — disse a mãe, tentando dar uma entonação alegre às palavras. — Seu pai está com fome! Ficou lendo até tarde de novo?

Victoria abriu um breve sorriso, com esforço. Elizabeth voltou os olhos por alguns instantes para a mesa de cabeceira da garota: um livro grosso, com a capa meio amassada, estava ao lado do abajur. E de uma caixa de chocolates meio vazia. Ela não viu o título. Se fosse alguma coisa polêmica, tinha certeza de que não era a hora.

Só queria distrair a atenção da garota. Animá-la! Porque, naquele momento, encolhida daquele jeito, a filha parecia realmente muito tristonha. E preocupada.

— Arrume-se e desça logo, está bem? — Elizabeth aproximou-se de Victoria e deu-lhe um beijo nas bochechas. — Não demore, meu amor, porque seu pai tem que voltar ao ateliê hoje à tarde.

— Mas é sábado.

— Ele tem uma encomenda importante. Lembra-se? Para o casamento do filho do prefeito. Todos os padrinhos precisam de sapatos iguais e vão tirar as medidas hoje. O prefeito, inclusive, precisa de sapatos, e todos irão junto com o noivo, que quer um par especial para a festa, com duas cores, e outro para a cerimônia. Vai levar as amostras de tecidos do traje, como se não bastasse.

Victoria mal ouvia. Mas Elizabeth continuou falando.

— *Como se não bastasse.* — A mãe repetiu, fazendo com que Victoria ouvisse desta vez. — O pai da noiva também vai, os irmãos dela, os tios, e... bem! Você pode imaginar! Todos decidiram mandar confeccionar sapatos especiais para o casamento. Imagine como foi conciliar a data. Este sábado foi o único dia que conseguiram para irem todos juntos à loja do seu pai. O que é uma grande honra!

— Eu sei, mãe.

— Vem gente até de *Lou*...

— Louisville e Lexington atrás do trabalho dele — interrompeu Victoria, completando a frase predileta de Elizabeth, com um ar de desânimo. — Mas papai tem empregados e aprendizes...

— Sim, é verdade. Porém, você sabe como o seu pai é. Graças a Deus não falta serviço, mas ele ainda se lembra das recessões, filha, da Grande Depressão. Você não faz ideia do que foi isso, meu bem.

— Claro que faço — resmungou Victoria. — Eu vou à escola, sabe?

Elizabeth balançou a cabeça com um sorriso, enquanto ajeitava as cortinas, prendendo-as nas abraçadeiras de metal e acrílico cor-de-rosa, com uma borboleta em cada ponta.

— Uma coisa é ouvir, mocinha, outra é viver. Como seu pai diz, "Se temos trabalho, que o façamos o melhor possível porque a gratificação"...

— "Virá!" — disseram as duas, em uníssono.

Elizabeth riu, surpresa com a súbita adesão da filha. Mas Victoria só queria provocar. O pai trabalhava demais.

— Está vendo? — falou a mãe. — Você sabe perfeitamente qual é o lema do seu pai. Ele teve de aprender pelo caminho das pedras, do modo mais difícil. Afinal, por que você acha que chamam de Quinta-Feira Negra um dos dias mais tenebrosos, o dia...

— Ah, mãe! De novo, não!

— Tudo bem. Não vou falar. — Elizabeth sentou-se de novo na beirada da cama da filha e cantarolou: — *Eu não vou falar...* — Uma pausa dramática. Daí ela acrescentou rápido, gracejando: — Do dia que precedeu o maior *crash* da bolsa de valores de Nova York, e da pior recessão da história dos Estados Unidos.

Aquela era a segunda frase predileta da mãe: a explicação perfeita para o fato de o pai ser um *workaholic* incurável! Victoria cobriu a cabeça com um dos travesseiros.

— Mas, mãe, você já está falando nisso de novo! Eu já sei! — Ela acabou cobrindo a cabeça com o travesseiro. Só para não mostrar um meio sorriso.

A mãe era jovem e bem-humorada. Sabia que, fazendo graça, Victoria acabaria rindo e melhorando.

— Ah, Vic! Você faz pilhéria. Mas *esse dia* marcou o início de tempos terríveis! — Ela puxou o travesseiro da filha, aproximando o rosto do de Victoria. E falou, em tom soturno, tom de Halloween: — Foi a *Quinta... Feira... Negra*... Uaah, ha-ha-ha-ha!

— Está vendo? Você também faz piada com os motivos do papai!

— Não estou fazendo piada, só tentando tirar você da cama — disse, mas Elizabeth ficou séria por um instante. — O papai sempre falou disso. Como o colapso continuou na segunda-feira negra, depois na terça-feira negra...

— Que tal a Semana Negra, logo de uma vez? — respondeu Victoria com humor sarcástico.

Elizabeth deu um sorriso.

— Não despreze! Eu só tinha seis anos, e minha família ainda vivia na Alemanha. Mas me lembro de algumas coisas, porque a crise dos Estados Unidos atingiu o mundo. Mesmo pequena, eu escutava meus pais falarem das notícias desesperadoras que vinham da América. Mas foi Milton quem me contou direito, muito tempo depois, quando nos conhecemos. Os milhões de acionistas da Bolsa, os empresários e investidores, todos liquidados depois de perder bilhões de dólares da noite para o dia. Teve quem perdeu *tudo*. Teve muita gente que se suicidou. As empresas fechavam, o desemprego disparou.

A situação dos bancos, então! Seu pai disse que milhares fecharam as portas. Não só porque tantas pessoas sacaram seus fundos, mas pela falta de pagamento de empréstimos. Fazendeiros deviam somas imensas, mas não tinham como pagar as dívidas, e eram obrigados a entregar suas terras para os bancos! Muita gente ficou na miséria, pelo país todo, sem comida, sem casa.

— Mas papai não era *bem* um fazendeiro. Vovô é que era! — retrucou, apenas para ser do contra, puxando o travesseiro de volta. — Papai não enfrentou as dificuldades por ele mesmo. Nem as terras do vovô na Geórgia acabaram leiloadas, ou queimadas em disputas.

— Sim, mas com seu pai a questão foi outra. Ele era adolescente, e viu os pais de muitos amigos irem à bancarrota. O pai do melhor amigo de Milton se suicidou; a viúva ficou na miséria. Eles se mudaram de repente, e seu pai nunca mais os viu. Milton tinha treze anos. É o tipo de coisa que assusta um garoto. Se não fosse ter um pai que conseguiu equilibrar as coisas graças a uma poupança considerável, eles teriam passado fome. Porque não havia emprego. Mesmo. Ponto-final. — Elizabeth virou a cabeça para um lado, pensativa. — Parece até que o seu avô adivinhava as coisas.

— Por quê?

— Seu avô já era desconfiado naquela época. Sempre foi desconfiado com bancos. Ele guardava boa parte de seu dinheiro em casa!

Victoria riu. Ela conhecia aquelas histórias, mas o jeito de a mãe contá-las, como se fossem sempre novidade, era engraçado. Elizabeth adorava contar em detalhes como a família do marido tinha sobrevivido à Grande Depressão.

— Seu avô teve sorte. Tinha dinheiro suficiente para desfrutar os preços mais baixos da maioria dos bens, apesar de também vender menos. Então, seu pai tem razão quando diz que...

— "Estresse pós-traumááático". — Foi a vez de a garota cantarolar. — Já se passaram trinta anos, mãe!

— Esse é o jeito do seu pai, Vic. Ele jamais deixaria um cliente na mão, quanto mais todos esses clientes importantes.

— Ainda bem que a prosperidade não é mais um problema... — falou Victoria, virando-se de lado na cama, entediada. — Imagine se papai *achasse* que algo nos falta. Não o veríamos mais. Eu teria que escrever cartas para o ateliê para contar sobre o boletim.

Elizabeth aproximou-se da cama para dar umas palmadas de mentira no bumbum da filha. Bem coberto por camadas e camadas de tecido macio.

— Dê graças a Deus!

— Hoje em dia as pessoas só pensam em comprar e comprar.

— Falando em comprar, segunda-feira chega minha nova máquina de lavar roupa! — Elizabeth estendeu um sorriso de orelha a orelha.

— O triunfo da modernidade e dos valores burgueses... — Victoria apoiou a mão atrás da cabeça. — Mãe, você não acha injusto que as mulheres tenham participado ativamente das guerras, para depois serem chutadas de

volta à chatice do cotidiano feminino? Quer dizer, quando *nos* usaram na Segunda Guerra, quando precisaram do auxílio feminino, fomos consideradas competentes. Agora usam os eletrodomésticos, os cosméticos, os carros e as roupas como moeda de troca. É tipo um "cala a boca e fique em seu lugar"?

— Shhh. Não me importo. *Adoro* modernidades! Agora se levante, menina, se quiser ver o seu pai hoje! A senhorita não levanta cedo mesmo nas férias. Vamos, vamos, saia desta cama *agora*, e venha para a mesa para não atrasar o seu pai. Fiz frango frito e torta de maçã, seus preferidos!

— Certo. Estou indo. — Fez Victoria, sem muito entusiasmo. Embora diante da menção do cardápio, o interesse em sair da cama tivesse aumentado consideravelmente.

Elizabeth desceu as escadas para o andar de baixo, ligeiramente incomodada. Apesar das histórias e das brincadeiras que fazia, já estava ficando nervosa com a história dos pesadelos. Tornaram-se frequentes demais. O que poderia tê-los desencadeado? Não havia motivo aparente.

Quanto à garota, observou por alguns segundos a luz do sol entrando forte e quente através das cortinas entreabertas. Dali, onde estava deitada, Victoria podia ver um pedaço de céu bem azul, e o topo de muitas árvores. Ela levantou-se e abriu as vidraças que a mãe mantivera ainda fechadas, inclinou o corpo para fora, respirando o ar fresco.

Queria varrer as lembranças do sonho. No seu íntimo, havia ainda aquela inquietação. Não tinha como explicar para a mãe, ou para si própria, que não era um sonho como os outros. De jeito nenhum. Como explicar os detalhes desconhecidos, dos quais jamais tivera ideia? Victoria não tinha a menor dúvida de que se tratava de algo incomum.

No início, ela havia mencionado à mãe o fato de sonhar com a rainha do Egito. Mas, conforme os sonhos se repetiam e se tornavam mais vívidos, ela deixou de falar a respeito.

O vento jogou os cabelos dela para trás. Era um típico dia do começo do outono, uma de suas épocas do ano favoritas. Pena já estivesse na última semana de férias. Isso não era tão legal.

Depois do almoço, pegou a bicicleta e foi à biblioteca, no centro da cidade. De novo. Ela vinha pesquisando sobre a rainha. A quantidade de detalhes nos sonhos incomodava. Nem mesmo nos livros encontrava certas coisas! Era perturbador.

Por um lado, desejava comprovar algumas informações: estavam tão frescas na sua mente como o cheiro da terra molhada após a chuva! No entanto, também tinha medo de se influenciar pelas leituras, apesar de desejar muito uma explicação. Plausível, é claro!

Se eles apenas *parassem*. Os sonhos. Por que não paravam? Cada hora era um. Um trecho. Aparentemente sua cabeça não suportaria a história inteira de uma vez, e ela era poupada pela... pela própria inconsciência? Não fazia sentido.

Os piores trechos eram... os do fim. Tão cheios daquele colorido denso,

mórbido. Victoria rezava, pedindo para não sonhar de novo. Pegava o livrinho de Salmos, e lia um. Ela já estava ficando com medo à noite. Antes de dormir. Mas então, como se para provocá-la, como se fosse uma piada de mau gosto preparada pelo seu inconsciente, aquilo não acontecia por alguns dias.

Quando Victoria já estava toda feliz e contente, certa de que havia, enfim, acabado... tudo retornava, com mais intensidade.

A jovem baixou os olhos para o livro sobre a mesa da biblioteca. Estava ali fazia um bom tempo, fuçando, remexendo, procurando detalhes. Mas não havia nada além do que já vira. História. Aulas de História.

Mas ela poderia desenhar a galera real de Cleópatra! Se tivesse o dom da pintura, poderia esboçar em uma tela o rosto da rainha! Era bela. Mas não demais. O que mexia com as pessoas era o riso, o sorriso e o olhar. O modo como falava, como fazia graça de repente, mas com o rosto sério, e todos ficavam olhando, *pensando*... se deviam rir, ou não. Geralmente, ela era a primeira que ria.

Alexandria fora destruída por terremotos e tsunamis, ela encontrou isso nos livros. Mas ela *vira* o palácio da rainha, o complexo com templos e portos que jamais fora encontrado! Victoria conhecia a cor do Nilo quando o sol se punha, e como ficava a terra depois da cheia. E o *calor* daquele lugar! O movimento que mexia com seu estômago ao velejar, passando por todo o Egito, por Mênfis, pelas pirâmides.

Cleópatra tinha seu próprio ateliê de perfume! Victoria sentira o aroma dos óleos, o cheiro deles ao serem passados na pele. Lembrava-se do cheiro da mirra. Mas como ter certeza? Jamais tinha sentido o aroma da mirra. Victoria sabia como era feito o vinho que a rainha vinha tomando, no final da vida, para dores de estômago. Era misturado a folhas de pinheiro, coentro, menta e alecrim. Às vezes também com outras plantas consideradas curativas.

Victoria pegou-se desenhando os contornos do curioso nó de Ísis no caderno, que estava ao lado, aberto. Um amuleto que a rainha usava em ocasiões especiais, e por estar diretamente associado ao sangue da deusa, tinha cor avermelhada. Assim como os cabelos da rainha: castanho-avermelhados, cacheados.

Já cansei de procurar alguma referência a Taposíris Magna, já que lembro perfeitamente desse nome... refletia Victoria, tamborilando com o lápis sobre o tampo da mesa. *Mas não encontro nada.*

A moça sabia que estavam lá. Os corpos, dela e de Marco Antônio. Ainda em Alexandria, mas longe do palácio. Submersos para toda a eternidade.

Se eu ficar lendo, talvez acabe sendo pior... Na verdade, preciso parar de pensar nisso.

Fechou o livro. Levantou-se da mesa, disposta a não voltar.

* * * *

CAPÍTULO 2

ANO 30 A.C.

A respiração da rainha estava mais lenta, profunda. O cérebro parecia flutuar. Apenas a dor de cabeça, leve, a incomodava.

Mas sua lucidez mantinha-se intacta. A ideia martelava na mente da rainha, fazendo com que falasse baixinho, raivosa: "Cada um faz seu próprio destino. E... jamais! Eu *jamais* desistiria! Desistir é para os fracos, os covardes".

Agora era a imagem de Marco Antônio, uma lembrança tão forte que inundava a mente dela. Mas havia também Otávio, aquele *odioso* filho de César, ambicioso e calculista, que jamais a apoiaria em nada. Por causa de Cesário, *le-gí-ti-mo*. Legítimo filho de César!

Ela não voltaria a ser nada.

"Entendi, claramente. Se Marco Antônio fosse o sucessor de César... poderia ser-me muito útil, mesmo dividindo o comando com Otávio." Ela inspirou fundo, puxando o ar. "Sim. Útil para a continuidade de meus grandes projetos. E como não sou fraca... eu *não era* fraca e nem... *covarde*... mexi minhas peças no tabuleiro."

Ela lembrava perfeitamente da posição do jogo: Otávio estava em Roma, para manter contato com o Senado e suas facções. E Marco Antônio desempenhava o papel de rei oriental, permanecendo nas terras romanas do oriente.

"Ele fatalmente iria me procurar em busca de aliança", lembrou a rainha. "Meu irmão, casado comigo... eu o havia envenenado há muito tempo, porque o Egito tinha necessidade de homens fortes, não de ratos covardes."

Dito e feito. O general romano estava na Cilícia quando a convidou para vê-lo, a fim de discutir a situação política da Ásia.

"Indiretamente queria que eu me explicasse sobre o assassinato de César, sobre ter apoiado o Senado, e *idiotices* semelhantes! Pois bem, garanti que ele tivesse bem mais que isso."

Eu *vi* a galera real egípcia! Era magnífica! Tanto que não queria acordar daquele sonho, e perdi-me dentro das memórias da rainha.

Percorria suavemente, subindo o rio em direção a Tarso, o dia quente, o céu azul, a brisa morna. Magníficas velas cor de vinho flutuavam. Os remos eram de prata. A popa da embarcação, coberta de ouro, brilhava como o próprio sol.

Toda a cidade empilhava-se ali, em ambas as margens do rio, com olhos

compridos para ver a beldade egípcia chegar, e o cortejo fantástico que a acompanhava. O burburinho do povo erguia-se, chegando aos ouvidos da rainha em sua tenda no convés, onde não havia um homem sequer! Apenas lindas jovens trabalhavam como ninfas. E a rainha era a própria Afrodite! O corpo ungido com óleo de *ambrette*; uma bela túnica de linho finíssimo entremeada por fios de ouro e bordada com pérolas, justa no corpo; o *kalasíris* transparente; e muitas joias. Sem falar, é claro, do perfume feito pelos próprios perfumistas da rainha.

"Eu sempre soube fazer uma entrada triunfal." Novo sorriso.

As águas do Cydnus, naquela luz, eram cor de malaquita; ao norte, mais ao longe, via-se parte da cordilheira Taurus. A galera real subiu o rio mais seis milhas, até o lago Rhegma, onde havia um embarcadouro seguro.

Marco Antônio, que esperava a rainha na praça, teve que caminhar até o porto e subir ao barco – que recendia a rosas. O aroma foi uma surpresa para o romano! A rainha do Egito costumava ordenar que essência pura de rosas fosse colocada nas velas de seu barco, a fim de que sua presença fosse notada sempre que passasse pelo Nilo.

Ao vê-lo, o sorriso espalhou-se pelo rosto dela; os olhos, pintados em preto e dourado, sorriam junto. Aquela maquiagem era exclusiva. Era feita com pó de minerais coloridos misturados a óleos vegetais, especiarias e ervas aromáticas. A figura da rainha extasiou Marco Antônio.

"Partilha comigo a refeição, general?"

Estava diante dele o melhor do Egito, servido em louça fina e rica, com baixelas de alabastro, talheres de prata, jarras de cristal. Pão feito com trigo, coentro e alho; cerveja servida em taças de mármore; aipo, pepinos, rabanetes, azeitonas, alfaces regadas com óleo de gergelim – "Ótimas para a fertilidade feminina e a paixão masculina", disse a monarca, gracejando, com uma piscadela.

E o banquete só estava começando: feijões frescos, enormes e suculentos, com molho de açafrão; carne bovina temperada com sal, nata, *curry* e cebolas; pescados com limão e hortelã, aromatizados com anis e outras especiarias extravagantes, que o romano desconhecia. Diante de suas indagações, a rainha explicava, às vezes até com sensualidade, a origem e o preparo.

Por fim, queijos em conserva, bolos de mel, cachos de uva, figos, melões, romãs e tâmaras particularmente rechonchudas, regadas com mel – o fruto das lágrimas vertidas por Rá. A sobremesa era acompanhada por vinho muito doce, aromatizado com sementes de papoula, servido em pequenos cálices de cristal.

Foi nesse momento...

Foi durante essas lembranças que a rainha sentiu seu coração mais vagaroso. Entretanto, já não havia nenhuma dor; a cabeça não latejava mais. Seu corpo relaxou ainda mais, ela acomodou-se melhor. Não sentia sono exagerado. O corpo não reclamava. Estava muito bem. Esperaria um pouco, então, para a segunda dose de ópio.

Marco Antônio ficou. Não apenas para aquela refeição, mas por várias semanas, ao acompanhá-la de volta a Alexandria.

"O parto...", a rainha teve que murmurar.

Uma nota de infelicidade. "O parto... estive só... mas dei à luz os gêmeos de Marco Antônio. Sol e Lua."

Uma avalanche de pensamentos tomou conta dela. As palavras não conseguiam acompanhá-los.

"Não o vi durante três anos. Ele não podia mais se ausentar de Roma. Precisava aplacar os ânimos do Senado. E de Otávio! Já que se viu obrigado a casar com a irmã do *imbecil*... Otávia. Era necessário fortalecer alianças políticas... essas coisas... pois meu filho, Cesário, sempre era ameaça..."

No meio da morosidade que ia tomando conta dela, um lampejo brilhou em sua mente.

"Mas o fato é que ele *voltou* para mim!"

E a rainha viu um homem vestido de Osíris, que lhe sorria, acompanhado de um olhar malicioso. Ao olhar para si, viu Ísis. Era o Lelat-al-Nuktah. A Noite da Lágrima. A Ísis se deviam as cheias do Rio Nilo, quando, uma vez ao ano, a deusa derramava lágrimas pela perda de seu amado Osíris.

Ano após ano, a morte e a ressurreição de Osíris eram relembradas nos rituais, no verão. Juntos, Ísis e Osíris simbolizavam a realeza do Egito: a rainha e Marco Antônio.

"Tudo com Marco Antônio era diferente. Meu amor por ele era diferente."

Lembrou-se das mãos dele, do corpo dele, do seu cheiro, de estar na cama com ele. O modo como ele acariciava os pés dela sem nenhum pudor, no meio de um banquete, chamando-a para a intimidade.

"Nós aproveitamos uma vida de delícias e prazeres inesgotáveis. Dei-lhe também o terceiro filho."

Ela queria conseguir enrodilhar em si mesma, mas o corpo estava frouxo e pesado demais. Queria abrigar as lembranças dentro do coração... só mais um pouco... só mais um pouco...

Mas a visão de todas as batalhas que enfrentaram juntos pulsava, como estrelas cadentes em chamas. Dez anos. Foi o tempo em que Marco Antônio conquistou territórios que favoreceram o Egito. A rainha queria garantir a grandeza de seu reino, e ele *a* queria como aliada para dominar o Oriente. E depois enfrentar Otávio.

"Marco, meu amado... ele repudiou Otávia e se casou comigo. E deu-me Chipre como presente de núpcias, a costa síria, a Judeia. E territórios na Cilícia... E em Creta... Só eu sei como ele me amou."

Aquilo bastou para arruinar definitivamente a aliança com Otávio, desejoso em ver o Egito transformado em província romana. E os territórios conquistados pelo general anexados ao império.

"Ele revidou. O bote de uma serpente. *Maldito*!"

A adulteração do testamento de Marco Antônio fez dele um traidor de Roma perante o Senado. O documento falso beneficiava o Egito, sua mulher e

seus filhos egípcios. Apenas.

A rainha não queria pensar naquilo: o começo do fim. Mas não adiantava. As memórias simplesmente vinham. Com esforço, ela rolou de lado sobre o leito, gemendo. Devagar, tentava puxar as pernas para perto do peito. Estava difícil, mas conseguiu. Um leve descontrole formava-se em seu interior.

"Eu deveria ter podido sentir. Deveria ter *sabido*! Eu sou..." – ela tentou encontrar um fio de voz para declarar aquela verdade, mas não encontrou. "Eu *sou* a encarnação da nova Ísis. Deveria ter podido prever o fim."

Seus pensamentos jorravam, a despeito da fraqueza do corpo.

"Mais uma vez! O Senado romano *conspirando*! Não abaixaríamos a cabeça para eles. Marco era o senhor do Oriente, e não faltava tanto assim para conquistarmos o império universal, com o qual tanto sonhamos. Claro que Otávio era o primeiro obstáculo", a rainha conseguiu trincar os dentes. "E, quanto aos partas, não fechariam o caminho ao Extremo Oriente para sempre. E eu nunca desisto. *Nunca!* Marco também não."

Mas agora ele está *morto*!

A rainha tentou apertar as mãos contra o peito, mas suas forças eram poucas.

"Se eu suspeitasse de como Otávio se tornaria poderoso, aquela víbora que teve a audácia de me pedir, mais de uma vez, que assassinasse Marco! Eu teria pensado em uma solução."

Por mais de uma década, os dois reis se digladiaram pelo controle do Império Romano, depois que César fora assassinado.

A rainha fez um esforço sobre-humano para abrir as pálpebras. Talvez fosse a última vez que contemplava aquele mundo. Olhou, com a vista embaçada, para as maciças portas de seu mausoléu e as pilhas de ouro, prata, pérolas, objetos de arte e outros tesouros que, jurara, iriam *queimar* com ela. Não terminariam nas mãos de seus inimigos.

Ela não podia esperar mais. Fez um leve sinal à ama, que a aguardava, atenta. A moça aproximou-se, estendendo o cálice de ópio.

* * * *

Uma calmaria a inundava. Realidade e fantasia se misturavam, era como sonhar acordada, mas em um torpor isento de sofrimento. As emoções estavam ligeiramente embotadas, as paixões, obnubiladas.

Mas, então, novo espasmo de aflição percorreu a rainha, mais forte do que a droga.

"Marco está morto, e eu nunca... *jamais*... irei me subordinar a Roma!"

Ela ainda podia sentir aquilo! O ódio viscoso percorrendo as entranhas, tão espesso que se grudava em seus órgãos internos. Uma fúria não humana; uma conexão com algo primitivo, feroz e visceral dentro de si.

De repente, sem aviso aquilo tinha sumido. No lugar do ódio, apenas uma confusão de fatos.

“Parecem confusos, agora, embora na realidade não o fossem... na época...”

Será que ela teria cochilado?

A rainha tentava virar-se para o outro lado, mas era impossível. Não conseguia sentir as pernas. Os braços estavam começando a ficar dormentes. Ela não se lembrava, mas já deveria ter tomado o restante do veneno, pois a boca formigava, quase anestesiada, e por isso a saliva escorria em direção ao pescoço.

Esse desconforto era mínimo se comparado ao furacão que ainda tinha na alma. Semelhante a uma profusão de ventos, trazidos pelos mensageiros, informações exaltadas, furiosas.

“Ah, sim... esses eram os ventos de Roma! Os ventos que *vinham* de Roma. Falava-se sobre exércitos sendo reunidos”, a rainha recordou. “Boatos!”, ela tentou falar; as palavras, porém, enrolavam-se umas às outras, escorregando e caindo.

Não eram apenas boatos. O Egito podia sentir o furor, mesmo a milhares de quilômetros de distância.

Agora ela estava com frio. Não sabia se eram os ventos gelados que carregavam a desgraça ou se era apenas o seu corpo querendo se desligar do mundo, flutuar para longe. Ela queria ir logo, logo e não mais ouvir as vozes que a condenavam, que condenavam seu marido. Ouvia a voz de Otávio.

“Essa mulher sempre foi inimiga do império! Dividiu Roma mais de uma vez, essa feiticeira vadia! Marco Antônio deve romper com ela definitivamente.”

Romper comigo... sua mulher... Ah, sinto frio.

“... Ele deve *romper* para cumprir seus deveres como cidadão romano. Caso contrário, se Antônio não a repudiar, não nos resta alternativa.”

Frio.

Ou ele rompe comigo, ou então...

Guerra.

* * * *

Impregnada no fundo dos olhos estava a memória dos navios de guerra de Otávio, às portas, em Accio, centenas deles.

A frota egípcia era maior e mais pesada. Mas eis o desastre! Um terror. Os navios leves e mais fáceis de manejar de Otávio conseguiram sobrepujar as quinquerremes oponentes: os navios de Marco Antônio, dos que ainda eram fiéis a ele no Senado; e os da rainha.

Sons de desespero. O ribombar de navio batendo contra navio e madeira despedaçada, a visão da artilharia lançando flechas incandescentes e as catapultas cheias de carvão em chamas. Fumaça e gritaria e a antecipação da morte e da desgraça.

Fui testemunha da maior batalha naval do mundo romano, em quase duzentos

anos, a rainha ainda pensou; seu corpo estava imóvel. *No fim do dia, acabara. A frota de Marco Antônio jazia incendiada, no fundo do mar. Conseguimos fugir, e permanecemos em Alexandria. Com nossos amigos dividimos o tempo, em noitadas. Alegremente, como se cada uma delas fosse a última. Ainda éramos donos do nosso destino.*

Foi quando ela deixou de sorrir de verdade. Aquela corte. Aquelas pessoas. Marco Antônio, seu marido. Todos eles prisioneiros dentro do Egito, com um resquício do que sobrara do exército. Era só uma questão de tempo. Ainda naquela época, a rainha antecipava o desfecho inevitável. O general desabando como uma estrela cadente. A imagem de Marco Antônio degolado, ou com as entranhas espalhadas ao redor do corpo, em um mar de sangue, povoava seu sono. Conseguia ver o rosto dele se desfazendo na terra, cor de cinza, os olhos opacos que se tornaram profundas crateras escuras.

"Está tão frio aqui..."

Otávio não veio logo em seguida a Accio. Não! Esperou tranquilamente o término do outono e do inverno. Então, um borrão na lembrança da rainha, a visão de Otávio no meio do verão de 30 a.C. chegando com estrondo e pompa.

"Assistimos ao cerco e à ocupação de Alexandria. E à rendição espontânea do que restava das nossas legiões, da cavalaria e da frota."

Fragmentos de acordos vãos, resquícios de tentativas de se salvar: tudo aquilo boiava em um mar dentro dela. Já não conseguia juntar as ideias em sequência. O casal tentou, cada qual a seu modo, forjar um pacto com Otávio.

Dor. Dor do veneno? Calculara algo errado? Ou era a dor indizível da perda?

Não sabia mais diferenciar coisa alguma.

E como o dia dá lugar à noite, Otávio recusou qualquer negociação.

Muito frio. E um coração que batia tão devagar...

* * * *

Isolada das realidades do mundo, agora a rainha sequer sabia que já estava trancada no mausoléu, com duas de suas servas. Como se já estivesse morta, ainda assim alternava sofrimento após sofrimento, tirado das lembranças, dos pesadelos – quem iria *saber*? –; tirado de um lugar muito, muito profundo.

Foi de lá que lhe sobrevieram as últimas visões.

* * * *

A rainha estava olhando para uma mulher que andava de um lado a outro, a garganta seca como a areia do deserto, os olhos desvairados, cheios de escuridão. Não conseguia entender que a mulher era ela mesma. Só eu sabia disso.

A mulher dizia: “Eles são os donos do Mediterrâneo, mas não importa. Sempre há um modo de vencer, e eu *nunca* desisto, não sou *fraca*, nem *covarde*... posso recriar meu império no Extremo Oriente, ou naquelas terras da Índia conquistadas por Alexandre. Posso transportar o que resta da frota egípcia de Alexandria para o Mar Vermelho, e atravessar de algum modo”.

Disseram-lhe que ela não passava de uma promíscua, uma bruxa. Mas aquela mulher tivera dois amores na vida. Com isso, também poupara seu povo do cativeiro e construíra um reino poderoso e próspero.

Dois amores. Teria sido demais?

Não. Com certeza, não.

* * * *

Enfim.

Aquela manhã.

Aquela. Quando tudo se decidiu.

Havia uma mulher no ritual do banho. Em profundo silêncio. Uma banheira de mármore com leite e mel mornos, aromatizada com pétalas de rosa e amoras, esperava. A mulher passava o sal marinho sobre o corpo, olhos fixos no nada; depois uma mistura de óleos, hortelã e gengibre.

Ela ordenara que trancassem a porta do mausoléu. Mas depois... (depois, quando?).

“Não sei.”

Gritavam lá de baixo, falavam sem parar! Que Marco Antônio, pela própria espada, tirava sua vida: era a tradição de honra romana. Acreditara que sua rainha jazia já morta.

A mulher olhou pela janela da torre. Um grito!

O ferimento ainda não matara o homem e, então, agonizante, ao saber que ela ainda vivia, pediu para ser levado até o mausoléu. Mas a porta da torre não abria! Que completo martírio! As amas ajudaram a senhora em seu desespero. Conseguiram alçá-lo, com cordas.

Um homem moribundo e coberto de sangue. A mulher soluçava.

No meio de seu sono de morte, a rainha também soluçou; e foi como um engasgo, um ruído cujo nome não há. Porque ela viu como a mulher deitou o homem no chão, depois rasgou as próprias vestes, arranhou o corpo. Então, o tomou nos braços pela última vez.

“Meu esposo, meu senhor, meu... *rei*!”

Uma taça de vinho. Foi tudo o que ele lhe pediu.

A rainha escutou o sussurro dele, no ouvido daquela mulher. Disse-lhe que salvasse a própria vida, caso conseguisse fazê-lo com honra.

A mulher apoiou a cabeça no peito dele, assentindo. E o aguardou até que partisse.

Ela, a lua brilhante sobre o mar, também estava partindo.

“Não viverei sem ele. Já perdi César para essa gente abrutalhada, despida

de princípios. Não lhes darei esse prazer de novo."

* * * *

Depois que o general morreu, eu vi a rainha saindo do mausoléu. Vi seu rosto, seus olhos pétreos. Permitiram-lhe realizar os ritos fúnebres e a mumificação de seu marido. Mas tudo aconteceu em segredo absoluto. Poucas pessoas e da máxima confiança da rainha: só eles souberam o que aconteceu. Onde ficou o corpo do general, até que ela fosse se juntar a ele.

Então, vi que era vez de Cesário, filho da rainha.

Ela ainda conseguiu inspirar um mínimo e dolorido fôlego de ar. Porque o corte agudo no coração foi demasiado: ela imaginara o imenso império – como o de Alexandre, o Grande! –, que Cesário governaria depois deles. Mas não... não aconteceria...

Presenciei como, em um derradeiro esforço, a rainha tentou ainda negociar com Otávio. Enviou-lhe seu cetro e seu diadema, implorou pela vida do filho e ofereceu sua captura em troca.

Mais uma vez a noite se seguiu ao dia, e Cesário foi massacrado.

Cesário... Marco...

"Não *consigo respirar*..."

Todo esse tempo eu vi o corpo dela com manchas arroxeadas, pétreo, frio.

Uma das últimas visões da rainha foi a da mulher, doente, pois não queria comer. Mas disseram que matariam *todos* os seus filhos se não comesse. Pois ele ia levá-la para Roma.

Nesta hora a rainha lembrou-se das crianças. Era ela mesma, por um instante. Contando histórias para os filhos.

* * * *

Não. NÃO!

Não seria levada como troféu para Roma. Jamais.

Mas não conseguia se mexer. Não respirava direito. Era realidade?

"Não sei!"

"Talvez se apenas houvéssemos abandonado Alexandria mais cedo... não *consigo* respirar..."

Ah! Era só impressão. Agora podia ficar tranquila. Claro que estava respirando. Sim. Só sonhava. Com uma lembrança esmaecida, talvez. Uma lembrança que era como fios desconectados, soltos, sem começo ou fim. E ela mesma vagava, flutuando sob um manto de estrelas. Imóvel e gelada.

Tanto frio...

De longe. Foi de longe que a rainha viu, pela última vez, aquela mesma mulher. Diante do seu rosto pairavam as moedas. As moedas... (que moedas?). Ah, sim... Agora se lembrava. As que a mandara cunhar, com as

efígies dela e do marido.

Depois, uma pequena placa de cristal apareceu. Só para lhe mostrar, pela última vez, as palavras doces e de encorajamento que costumava enviar ao homem que morrera em seus braços... quando ele estava em campanha.

Em um último lampejo de entendimento, aquilo lhe dizia, lhe fazia recordar, que Marco Antônio fora bem mais do que o seu "fantoche", como apregoavam.

Ele era seu companheiro de guerras, de paz, de sonhos, de alegrias e amores.

Desta vez, um soluço. Algo perto de um soluço de verdade escapou da boca da rainha.

Um murmúrio de passarinho.

E então, mais nada.

* * * *

ANO 1959 D.C.

Victoria acordou de repente, inspirando ar com sofreguidão, gritando, a mão sobre o coração.

— Mãe! Mãe!

Ela queria se levantar, mas não sabia para que lado se virar; não sabia onde estava a cama, onde estava ela mesma.

— *Mãããe!* — Um grito longo e estridente.

Elizabeth entrou correndo no quarto, os cabelos soltos e desalinhados, sem roupão sobre a roupa de dormir. Atirou-se em direção à filha, abraçando-a.

— Calma. O que foi? — Elizabeth sussurrou, tentando controlar as batidas frenéticas do próprio coração. Acendeu o abajur ao lado da cama. — *Shhhh*... Calma, Victoria. Sou eu, minha filha!

Victoria agora gemia e não aceitava o abraço da mãe, desvencilhando-se. Continuava extremamente angustiada. Elizabeth notou que a filha estava com a mão fechada sobre o peito e respirava muito, muito rápido, mas seus olhos nem pareciam contemplar o quarto, a mãe, o mundo ao redor delas. Literalmente parecia em pânico.

— Meu amor... — A mãe apenas ficou do lado. — Eu estou aqui com você.

Os olhos da garota, porém, ainda não tinham encontrado os da mãe. Ela olhava para... Nada!

— Minha filha, respire devagar, por favor... — Elizabeth tentava falar com suavidade. — Está tudo bem! Apenas respire... Devagar.

Depois de um tempo, aquilo pareceu surtir efeito. Aos poucos, Victoria diminuiu o ritmo célere dos pulmões em busca de ar.

— Meu coração *parou*, mãe! — exclamou, de súbito.

Elizabeth envolveu a mão que Victoria mantinha sobre o lado esquerdo do

peito.

— Vic... veja. Está batendo. Seu coração.

— Não, mãe... ele parou!

— Se tivesse parado, eu teria sentido! — Elizabeth olhou com intensidade para Victoria. — As mães sempre sabem se algo de errado acontece com os filhos, mesmo a distância!

Victoria lançou um olhar assustado para a mãe, mas querendo acreditar.

— Você acha que não? — murmurou a mãe. Abraçou a filha. Desta vez Victoria ficou quieta. — Espere até você ser mãe e tiver um bebê para amar. O amará tanto, que aprenderá a sentir o que ele sente.

Victoria estava tremendo.

— Estou com tanto frio...

— Claro. Uma parte das suas cobertas está caída para o outro lado! — Mais que depressa, Elizabeth contornou a cama e pegou o edredom que escorregara. Ajeitou sobre Victoria e prendeu as beiradas. Então pousou a mão sobre a testa dela. — Não me parece que esteja com febre.

A mãe abriu a gavetinha do criado-mudo e pegou o termômetro que sempre ficava ali. Colocou-o sob a axila da garota. Ela ficou tão quietinha e imóvel, agora, que a garganta de Elizabeth se apertou.

— Vou fazer um chazinho de erva-cidreira para você, filha... — falou Elizabeth, olhando Victoria nos olhos, sondando. — Então, podemos conversar.

Desta vez, Victoria fez que não, com a cabeça.

— Não quero falar disso, mãe.

— Tudo bem. Amanhã, então.

Victoria ainda sentia frio. Mas, ao retirar o termômetro, a mãe confirmou que não havia febre.

— Vou descer e fazer o chá em um instantinho. Já trago! — disse e abriu um sorriso com esforço. — Quer algo mais?

Victoria nem sabia direito o que queria. Não respondeu. Então, Elizabeth apenas saiu do quarto e desceu até a cozinha. Embora não demonstrasse, estava apavorada. Nunca tinha visto sua filha tão desesperada e perdida, nem depois dos outros pesadelos.

O que estava acontecendo?

Que pena o marido estar em viagem de negócios. Chegaria apenas no dia seguinte, por volta da hora do almoço. Ele tinha que ter visto e ouvido aquilo tudo. Então, daria mais crédito à situação. O pai achava que não era nada demais, coisa da idade, dos hormônios – Elizabeth detestava essas argumentações – para chamar atenção.

Quando voltou ao quarto da filha, procurou sorrir e entretê-la com conversas. Trazia a bandeja de cerâmica com a chávena e um prato com biscoitos amanteigados de canela. Feitos em casa.

— Mais uma vez... Seus preferidos! Como é bom ser filha única, né, meu bem? — brincou a mãe, pousando com cuidado a bandeja sobre o colo da

filha.

Victoria estava mais desperta agora, porém os olhos continuavam estranhos. Num misto de temor e perplexidade.

— Já está adoçado? — ela perguntou, olhando a chávena de porcelana pintada à mão.

— Está, filha.

Ela é sempre carinhosa, pensou Victoria. Até quando ela nem merecia. Pegou o chá, assoprou e começou a beber em golinhos. Estava bem doce, do jeito que ela gostava. A garota pegou biscoito após biscoito, intercalando com a bebida.

Tudo aquilo, somado à presença da mãe – falante, mesmo àquela hora da madrugada –, fez sua mágica. Victoria acabou se sentindo melhor. O frio passou. O coração estava batendo em um ritmo normal. Os pulmões não precisavam mais de litros e litros de ar em dois segundos.

Ela voltou a se acomodar na cama, puxou as cobertas para o pescoço. Elizabeth pegou um livro, sentou-se na poltrona amarela com uma manta sobre as pernas. Apesar do cansaço acumulado durante o dia, ela ficou ali, lendo e olhando na direção de Victoria, até a filha dormir.

* * * *

Victoria dormiu. Mas acordou com ecos dos sonhos na mente. Apenas ecos. Nada que lhe despertasse emoções muito fortes.

A frustração perversa de Otávio temia que Cleópatra ateasse fogo ao mausoléu depois da morte do general. Fez dois de seus homens entrarem pela janela da torre, mas já era tarde. Cleópatra estava morta.

O médico particular de Cleópatra, pensando consigo, conhecia a causa da morte, mas nada disse. Foi o único a examinar o corpo e mencionou duas pequenas picadas – feitas por ele mesmo. Victoria viu as vestes reais, o leito de ouro. As insígnias de poder macedônias e egípcias nas mãos dela. E o corpo de Marco Antônio, que permaneceu escondido, até que os dois pudessem ser levados juntos a Taposíris Magna. O suicídio do casal pôs fim à guerra. Mas depois da morte da última rainha, o Egito transformou-se em uma província romana.

Victoria suspirou, olhando para o teto, sonolenta. Seus pais não acreditavam em espíritos, fantasmas. Reencarnação. E ela... ela não sabia em que acreditar. Porém, vinha pensando no assunto. E se fosse o espírito de Cleópatra tentando falar com ela?

Ela fez um muxoxo, muito de leve: parecia ridículo! Nesse caso, qual seria o motivo? Era uma besteira cogitar tal coisa. Mas se não era o espírito dela... o que significavam aqueles sonhos?

A garota arrastou-se para fora da cama. Era sexta-feira. O último fim de semana antes de terminarem as férias. Mesmo passando das onze da manhã, Victoria estava cansada e foi aos trambolhões que caminhou até o banheiro, conjugado ao *closet*.

Meu Deus...

Parecia que não havia dormido, a julgar pelos ossos pesados. Estendeu a mão para a escova de dentes e o creme dental. Colocou uma quantidade generosa de creme nas cerdas e começou a escovar os dentes, ao mesmo tempo em que se sentava sobre a tampa do vaso sanitário. Escovou, escovou, até que a pasta ameaçava pingar no pijama, então foi para a pia.

Enxaguou a boca, lavou o rosto e estendeu a mão para a toalha ao lado, bordada com esmero pela mãe. Então, ergueu o rosto para o espelho. Seus olhos exibiam olheiras. *Que droga.* Passou a mão sobre a pele suave da face, e ficou olhando para si. Parada.

O rosto tinha formato harmonioso, com feições delicadas e um nariz levemente empinado. Os cabelos, dourados, caíam em ondas até as costas. Havia as sardas que ela detestava, mas que tinham a tendência de diminuir se não se expusesse demais ao sol. Os dentes eram muito bonitos. E Victoria tinha olhos grandes, inteligentes, cheios de... *Ai, que susto!*

Ela se afastou do espelho, em choque. Como não tinha visto antes?

Havia algo em seus olhos, agora estava muito claro. Mas tinha que haver algum engano. Victoria não estava entendendo e não havia a quem perguntar. Ela aproximou-se do espelho de novo. Olhou para dentro dos próprios olhos. Tinha alguma coisa neles que lembrava muito os olhos da rainha. Não exatamente a cor. Era alguma coisa... Victoria aproximou-se mais.

Mudou o ângulo do rosto. Deixou a luz do sol bater neles. Tentou olhar para o espelho do mesmo modo como vira Cleópatra olhar para as pessoas. Para Marco Antônio.

Era alguma coisa lá dentro. Muito lá dentro. No brilho que vinha da alma. E talvez Victoria só agora notasse a semelhança porque era *agora,* após tantos sonhos, que conhecia de cor o rosto e os olhos da rainha.

E aquilo, se fosse verdade, significava o quê?

* * * *

Apesar da massa de *fettuccine* feita em casa, com molho branco – seu preferido –, e da torta de framboesa deliciosa de sua mãe, Victoria esteve calada e distante durante a refeição. O pai havia chegado de Louisville e tinha subido para dar um cochilo e descansar da viagem.

Victoria havia deixado seu quarto relativamente bem-arrumado, ajudara Elizabeth com a louça suja, retirara o lixo. Mas ao olhar para o relógio de cuco que ficava na sala de visita, notou que eram apenas duas e quarenta da tarde.

— Mãe! Vou dar uma volta! — gritou da porta de casa.

Elizabeth, que se acomodava na salinha contígua à sala de estar, preparando sobre a mesa de trabalho o material para seus belos *patchworks*, ergueu a vista por um momento.

— Vai aonde, meu bem?

— Só dar uma volta de bicicleta por aí... A tarde está tão linda.

— Está mesmo! — Elizabeth estendia na mesa uma colcha lindíssima semiacabada em tons de vermelho, marrom e amarelo.

Desde que se entendia por gente, Victoria via a mãe lidando com costura, bordados, tricô, bicos de crochê e *patchworks*. Era um de seus passatempos prediletos. Elizabeth fazia lindos trabalhos para a casa, mas também recebia encomendas.

— Por que não convida Amy para ir com você? — sugeriu Elizabeth, o rosto se erguendo na direção da filha.

— Pode ser! — respondeu Victoria, o tom de voz insinuando que era ótima ideia, embora não tivesse a menor intenção de chamar a vizinha. As duas eram amigas desde a infância, mas hoje Victoria não queria companhia. — Tchau!

— Não chegue tarde, ouviu? Quero você aqui enquanto ainda estiver claro.

— Certo, *ma'am*! — Vic deu um sorriso sincero desta vez e voltou para dar um beijinho na bochecha da mãe. — Não se preocupe.

Ela desceu os degraus da varanda e contornou a casa até a garagem. Pegou sua bicicleta vermelha com cestinha e desceu a suave ladeira defronte sua casa, ladeada de árvores, em direção ao Lago Cumberland. Victoria morava em um bairro de classe alta, arborizado, tranquilo, com casas grandes e espaçadas umas das outras. Dali, para chegar ao ponto mais próximo do lago, era cerca de oitocentos metros. Havia inúmeros canais e pequenas enseadas de água cristalina, cercados de vegetação, onde se podia nadar e pescar. Um divertimento para quem morava nas redondezas, como a família de Victoria.

Ela gostava de ir até a margem ampla do Lago Cumberland. Adorava a porção mais larga do lago, de onde podia apreciar a grande extensão de água diante de si. Era um pouco mais longe, mas, ainda assim, muito perto para quem ia de bicicleta. E ela conhecia as ruas arborizadas pelas quais podia cortar caminho. Adorava o verde em volta, o azul do céu, a tranquilidade. Naquele trecho, de um lado ao outro do lago, era mais ou menos um quilômetro e meio.

Na verdade, o Lago Cumberland era artificial. Formou-se após a construção da barragem de Wolf Creek, que represou o rio Cumberland. O pai de Victoria contava dos muitos atrasos na realização da represa por causa da Segunda Guerra. Mas foi incrível quando todo o lugar começou a inundar! Victoria se lembrava. Um dos acontecimentos épicos de sua infância. Os jornais, as escolas e todo mundo falavam a respeito. Diziam que algumas cidades menores acabariam alagadas e comprometidas, tendo que se posicionar em níveis mais altos, assim como algumas fazendas. De fato, casas, celeiros e pontos comerciais tiveram que ser desocupados e foram derrubados pelo Corpo de Engenheiros do Exército.

Depois que a Barragem de Wolf Creek se fechou, a previsão era de que o enchimento e a expansão total do lago levassem dois anos. Mas houve chuvas muito fortes, que fizeram o trabalho em um ano. Em alguns lugares, ainda mais rapidamente. Pontos da era histórica do rio desapareceram. Os

benefícios do lago, no entanto, eram muito maiores.

Foi uma coisa incrível de acompanhar! A formação daquele lago enorme ao redor deles, das dezenas de canais que surgiram, adentrando a mata, formando pequenas lagoas que podiam chegar até o quintal das casas mais periféricas das cidades. Pérola do Sul, onde Victoria morava, ficava mais ao alto. Nada foi prejudicado pela expansão do lago, pelo contrário. Aquilo só trouxe mais prosperidade para a cidade rica e cheia de oportunidades: pousadas, hotéis, marinas, docas, turismo. Tudo em função do novíssimo Lago Cumberland.

Pearl of the South: Pérola do Sul. O nome vinha bem a calhar. Era, de fato, uma das mais belas cidades de todo o Sul dos Estados Unidos. Um dos locais mais cobiçados da região, especialmente depois do surgimento do lago.

Victoria suspirou enquanto sentia a brisa acariciar seus cabelos soltos, jogando-os para trás: ela teria adorado navegar pelo lago em um barco a vapor. Eles pareciam tão românticos! Os que saíam pelo rio Mississippi – cujos portos às margens chegavam às centenas – podiam ser enormes, chiques e com salões glamorosos, enfeitados para jantares e festas. Os livros de Mark Twain falavam muito dos vapores do Mississippi, já que o autor trabalhou como piloto de barco por alguns anos e conviveu com a sociedade americana emergente do século XIX – escravocrata, ignorante, brutal e cheia de elementos marginalizados –, de onde tirou inspiração para o cenário de vários de seus livros. Mas, infelizmente, fazia quase vinte anos que o legado dos barcos a vapor de passeio perdia espaço.

Agora a garota estava quase chegando. Victoria queria a solidão do lago e a companhia dos bichos. Na mochila que carregava às costas levava uma boa quantidade de pão amanhecido, sementes de girassol e abóbora, milho, cenouras e outras hortaliças que pegara da horta de sua mãe.

As margens do lago às quais ela tinha acesso eram cheias de vegetação, e o cheiro de húmus, plantas e terra molhada preenchiam suas narinas como um perfume. Era bom sentir aquele cheiro. Encostou a bicicleta na árvore costumeira e desceu o barranco, coberto de avencas e raízes, por uma trilha que, ela desconfiava, tinha sido feita quase que totalmente pelos seus pés. Havia uma margem relativamente espaçosa ali embaixo, e o bando de gansos já olhava para ela, a distância. Olhinhos azuis e castanhos, avaliando. Ela sorriu, colocou a mochila no chão e pegou o saquinho de papel pardo, chacoalhando-o:

— Olha o que tenho para vocês!

Debandada geral. O enorme grupo veio correndo e grasnando alto, alguns até ergueram um voo meio estabanado, ansiosos para chegar logo aos pés da garota. O sorriso se estampou no rosto dela, e enquanto partia pedacinhos e jogava, de modo a fazer com que todos recebessem pelo menos alguns pedaços, conversava com os animais.

Havia um ganso em particular, acinzentado com o peito branco – a menina já o conhecia de longe – que era muito esfomeado, e a bicava de leve

o tempo todo, puxando sua roupa. A solução era dar a ele um pão inteiro. Enquanto ele fugia, com outros atrás dele, Victoria podia continuar com calma alimentando os demais. Havia um casal de cervos que aparecia de vez em quando, especialmente quando ouviam a barulheira dos gansos.

Ela teve sorte naquela tarde, pois, embora assustadiços, não demoraram a surgir do meio da mata. Eles já a conheciam; mesmo assim, ficavam a uma distância segura. Os olhinhos atentos.

— Isso mesmo, seus bonitinhos... Não se aproximem demais — murmurou a garota. — Não confiem no ser humano.

Victoria atirou na direção deles, com suavidade e cuidado, as cenouras e hortaliças. Logo os pombos estavam em volta, em bandos, e andavam no meio dos gansos, dando voltas, arrulhando e comendo milho. Se *entupindo* de milho, melhor dizendo. Victoria riu. Os gansos e os pombos eram insaciáveis. Era engraçado observá-los!

Depois da refeição, ela se sentou ao tronco de árvore que costumava usar quando estava ali. Os gansos perceberam que o lanche havia terminado, mas continuaram por ali, "pastando", como Victoria gostava de dizer. Beliscando no meio da grama, sossegados. Os cervos chegaram até a água, mas um pouco mais longe dela. Próximos à vegetação. Tinham devorado tudo.

Aquele era um recanto muito agradável. Além daquelas comilanças que oferecia aos bichos, dali Victoria podia observar o lago enorme, a natureza em volta e ouvir o canto dos passarinhos. Até havia o bando de capivaras que passava nadando no final da tarde. Ou vinham andando, sossegadas, pela margem, até perto dela.

Victoria continuava sentada, consciente de não fazer qualquer coisa que se mostrasse como perigo iminente, e aproveitava. Falava em tom brando, encarava os olhos espertos e observadores. Um monte de "bolotas" de pelagem escura, todas tão lindas em seu bando! Os menorzinhos ainda brincavam entre si, debaixo de olhares atentos dos adultos.

Para a garota, era um verdadeiro paraíso. Depois de um tempo, tirou da mochila seu binóculo, e observou as garças do outro lado da margem, os patos que nadavam mais ao longe. Um exalar de contentamento – ali ela se sentia bem, sempre. Adorava ouvir os sons da natureza. Observar o que acontecia diante dela no lago, nas margens, observar os pequenos detalhes.

De modo que chegava a conhecer os animais que viviam por ali a ponto de saber se algum estava faltando; e nunca deixava de se perguntar o motivo. Teria sido morto por algum *idiota* com uma espingarda? Isso a deixava tanto triste quanto enraivecida! Aquele esporte *ridículo*, para pessoas inseguras que queriam se sentir poderosas à custa de abusar de seres indefesos. Ela não gostava nem de pensar nisso.

Um bando de andorinhas passou voando, em polvorosa, agitando-se em meio ao cume das árvores.

— Deve ser tão maravilhoso voar... — falou para si. — Imagine se eu pudesse voar de verdade, se eu tivesse asas de verdade?

Encostou-se contra o tronco da sua árvore, e apenas olhou a luz do sol batendo na água, fazendo o Lago Cumberland parecer um espelho de vidro. Era reconfortante olhar para a luz daquela forma, com os olhos quase se fechando na claridade, e a força do sol e calor se espalhando pelo rosto. Victoria nunca entendeu o motivo de enlevar-se tanto com aquilo. O sol batendo na água em movimento, fazendo-a refulgir em cores como pedras preciosas. Envolvia-se a ponto de às vezes se emocionar, como se aquilo lhe trouxesse uma sensação de paz e tranquilidade, como se as coisas estivessem certas em seus lugares. Parecia quase um atalho para as coisas da alma, para encontrar a si mesma.

Naquela tarde, porém, sentia-se estranha. Depois de brincar e alimentar os bichos, Victoria continuava com o sonho na cabeça. Ela os tivera muitas vezes, cada qual com muitos detalhes que, no final, se complementavam. Mas naquela noite tinha sido muito forte! Cada detalhe do mausoléu estava impregnado em sua mente. Os aromas. O gosto daquelas bebidas mortíferas. Ela estremeceu de leve, pois parecia que ainda os tinha na ponta da língua. E o efeito! Loucura total.

Havia sentido o corpo paralisado, dormente, a cabeça não raciocinava mais, o coração ia batendo cada vez mais devagar. Não conseguia respirar! Além daquela profunda tristeza no coração, a perda, o luto. Victoria sentiu que era como se ela fosse... desaparecendo... deixando de existir. E, quando seu coração finalmente parou de bater, foi invadida por um terror imenso.

Coitada de sua mãe. Estivera tão aflita naquela noite.

Entretanto o mais perturbador de tudo era que Victoria conhecia o desejo que Marco Antônio despertava em Cleópatra, e vice-versa; saciado tantas vezes antes daquele fim trágico. A aparência dele, a cor dos olhos, o modo como sorria. Suas mãos e como a tocavam. Aquilo estava aceso e vivo em sua memória. Ela sentia o rosto enrubescendo diante de sensações muito... primitivas. E que lhe eram desconhecidas na vida real, já que sequer completara dezoito anos. Mas ela experimentara sensações naqueles sonhos. Era esquisito.

Outro detalhe que ficou impregnado na mente de Victoria foi os aromas. Apesar de a rainha ser muito detalhista em tudo que envolvia rituais de embelezamento, a questão dos aromas era um capítulo à parte. Cleópatra parecia saber como um cheiro *muito* agradável era capaz de forjar marcas quase permanentes. Por isso, envolvia a si e a seus amantes em perfumes indeléveis. E quando fazia amor, aquilo era tão intenso! Depois, Cleópatra passava uma pequena pedra adocicada de perfume na boca antes de dar o último beijo. Para que o cheiro os obrigasse a pensar *nela* quando já não estivessem ali.

Victoria coçou a cabeça, desacorçoada. E se sua mãe descobrisse que tinha sonhos assim? Que vergonha! Seria levada direto para a igreja.

O máximo que ela já tinha experimentado nessa área fora aquele sentimento incapacitante, quando estava perto de Jared, seu colega de escola

desde o jardim: uma mistura explosiva, permeada a certo acanhamento. E uma sensação de calor no estômago, quando ele a beijara escondido atrás do carvalho gigante.

— Ai, ai, ai... — Victoria murmurou, as bochechas queimando. — Isso não caminha bem. Temos que parar com isso imediatamente. Esses sonhos e... e tudo isso.

Então ela se lembrou e estremeceu. Agora havia aquela impressão bizarra de que, por algum motivo *ainda mais bizarro*, houvesse alguma semelhança entre ela e Cleópatra. Victoria não ousava admitir, nem para si, o pior: e se ambas estivessem conectadas de alguma forma?

"Não", ela rebateu. "Impossível!"

Que coisa mais sem sentido!

"Nunca fui fã do Egito e coisas do tipo. Não tem nada a ver com a minha realidade."

Victoria fechou os olhos. Tinha vindo ao lago para relaxar e era isso que ia fazer. Mas, em um lugar muito profundo de sua mente, havia uma vozinha insistente. Tão baixinha que era quase um murmúrio inexistente.

E se nós duas formos a mesma pessoa? Victoria abriu os olhos imediatamente.

— Mas que absurdo é esse que você está pensando, hein, garota? Daqui a pouco vou achar que estou enlouquecendo!

Raios de ideia fixa! Um pouco irritada, ela virou-se para a mochila, para pegar uma maçã que trouxera. Mas alguma coisa desviou sua atenção, algo se mexeu e ela notou por visão periférica.

Victoria voltou o rosto para o lado mais profundo da mata, à sua direita, onde a beira do lago fazia uma leve curva para dentro. Dali, a vegetação que acompanhava a margem se estendia para a frente, além de onde ela estava. Era um trecho fechado, difícil de adentrar.

Por algum motivo, um calafrio percorreu a espinha de Victoria. Parecia que alguém a observava, de longe. De dentro daquele trecho tão cerrado de vegetação. A garota olhou melhor, semicerrando os olhos, apurando a vista. Já sentia o coração acelerado. Alguém. Alguém estava lá, em uma parte escura da vegetação.

Victoria pegou a mochila e apertou o tecido, só para ter algo para fazer com as mãos. Conhecia aqueles lugares desde a infância. Era seguro. Desviou os olhos para o outro lado, como quem não quer nada, como quem não viu nada. Mas a sensação de estar sendo *olhada* continuou.

Não é possível... outra vez, não...

A garota olhou de novo para o meio da vegetação. Forçou a vista para o mesmo ponto. Tinha algo ali, não era impressão. Era alguém escondido no meio da vegetação, onde havia pouco sol... ou seria alguma *coisa* escura, por si só? Um animal, talvez?

De vez em quando se falavam em ursos, alces. Mas Victoria jamais vira um deles, não ali. Além do mais, esses animais não atacavam pessoas sem se sentirem ameaçados. E muito menos ficavam observando daquele jeito fixo.

Aparentemente... era como se a vigiassem.

Victoria agora sentia o coração batendo nas têmporas. Tinha que haver uma explicação. Já acontecera antes, é verdade, aquela sensação de ser observada. Porém tudo se mostrara coisa da cabeça dela. Mas logo ali? Devagar, ela alcançou o binóculo que estava ao seu lado, sem desviar a vista do lugar suspeito.

A garota começou fazendo de conta que olhava para o lago, mas sua visão periférica continuava centrada no tal ponto. Foi virando o binóculo, como quem está apenas observando a natureza e os animais ao longe; então desviou para o lado da mata.

Não. Não parecia haver nada. Olhou melhor. Nada. Desviou o binóculo para outro lado, um pouquinho, disfarçando... e voltou a olhar para aquele lugar específico. Que estranho! Não havia nada, agora estava certa. Apenas árvores, troncos, terra e folhagem.

Contrariando a realidade, de repente um arrepio de puro medo percorreu seu peito como um choque elétrico, eriçando os pelos do pescoço. O corpo estremeceu involuntariamente. Porque, quer visse, quer não, algo a observava.

Victoria sentiu o coração sair pela garganta. Olhou de relance para os gansos, que ainda rodeavam por ali, ciscando no meio das plantinhas rasteiras, e não pareciam assustados com nada. O casal de cervos ainda estava na beira d'água, mas, igualmente, não assumiram posição de alerta.

A sensação de estar sendo observada era real, forte e assustadora suficiente para fazer Victoria levantar-se, aos trancos, e recolher sua mochila, jogando o binóculo dentro. Subiu a trilha correndo e quase tomou um tombo nas partes mais escorregadias. Mas ali estava sua bicicleta! Graças a Deus.

Victoria a empurrou pelo caminho no meio das árvores, que se elevava, mas em inclinação não muito acentuada. O chão, coberto de folhas secas, abafava o som de seus passos apressados. O tempo todo ela olhava para trás, ainda assustada, mesmo que não houvesse ninguém a perseguindo. Por azar, tropeçou em um pequeno e invisível buraco de coelho, o que a fez cair de joelhos no chão, sujar a calça *skinny* verde-água e derrubar a bicicleta de lado.

— *Maldição!* — Com a força feita na intenção de evitar que a bicicleta tombasse, uma de suas unhas bem cuidadas quebrou.

Olhou para trás de novo; a sensação de que não deveria ficar ali por mais tempo ou algo ruim poderia acontecer dominava-a. Victoria jogou para trás de um dos ombros os cabelos que teimavam em cair sobre o rosto, empurrou a bicicleta e subiu o restante do caminho quase correndo. Por fim, ali estava novamente a estradinha bem cuidada que dava acesso às ruas do bairro. Independentemente do que fosse, havia ficado mais lá embaixo, ela conseguia sentir.

CAPÍTULO 3

Victoria montou e saiu derrapando, pedalando em pé. Quase tomou novo tombo nos pedregulhos, apesar de ser expert no manejo de bicicleta. Provavelmente foi por isso que não caiu.

Pedalou bem rápido – se alguém a visse pensaria que estava tentando escapar da polícia!

De vez em quando, ainda olhava por cima do ombro, o medo fazendo rios de adrenalina percorrer o sangue. Por enquanto não queria tomar o caminho de casa. Primeiro, porque era mais ermo: apenas as belas ruas arborizadas, casas aqui e acolá, espaçadas, terrenos inteiros cobertos pela mata, parques e jardins enormes cortados por regatos e canais do Cumberland. Em segundo lugar, porque Victoria teria de arrumar uma boa explicação por chegar tão esbaforida e apavorada.

Então seguiu pelas ruas que saíam do seu bairro e davam acesso a vias mais movimentadas, algumas das quais diretamente no centro de Pérola do Sul. Embora o bairro fosse puramente residencial, e se espalhasse ao redor de uma das margens amplas do Lago Cumberland – sem falar nos riachos –, não ficava distante da "civilização", como Victoria costumava dizer, brincando.

Alguns quilômetros apenas e ali estava a agitação do tráfego, dos bondes, do tráfego de carros de última geração, das lojas e do comércio chique, de escolas e uma agradável praça pública com restaurantes e casas de chá e lanchonetes da moda. Justamente por isso o bairro era tão cobiçado. Era privilegiado por uma natureza exuberante e às portas da vida social. Mesmo que essa vida social não ficasse *exatamente* na região central de Pérola do Sul.

Era simplesmente o local de maior movimento, de maior glamour. O *point*, como diziam os adolescentes e jovens ricos dos bairros das redondezas e que podiam usufruir de tudo aquilo, sem se importar com a inveja alheia de quem não morava ali.

Victoria pedalou no mesmo ritmo frenético até estar perto da "civilização". Em alguns minutos, venceu três quilômetros de ruas que se cruzavam, dando espaço a mais movimento, tanto de pessoas quanto de automóveis. Um quilômetro depois, a garota desembocou no meio de uma das principais avenidas da cidade, que seguiria até a praça central, a Praça do Relógio, como era chamada pelos locais – apesar de o nome correto ser Jonathan Spencer Square, em homenagem a um dos antigos prefeitos da cidade, um homem verdadeiramente alucinado por obras públicas.

Filho de industriais ricos, Spencer não dependera apenas de recursos governamentais – que, aliás, para a reconstrução do Sul após a guerra civil,

foram poucos –, e tornou-se um dos mais fervorosos defensores dos investimentos privados. Engenheiro, inteligente e visionário, não economizou em melhorias. Foi o primeiro a usar recursos do próprio bolso e dar exemplo, fazendo de sua retórica um verdadeiro mantra. E deu o pontapé inicial para tornar Pérola do Sul o que ela era hoje.

De fato, fazia sentido: depois da guerra civil, das mortes, do êxodo e da economia completamente arruinada nos Estados Confederados, de que adiantava fazerem prosperar de novo as fazendas se não tinham uma cidade que fizesse jus ao progresso? Era, mesmo, preciso deixar as enormes somas de dinheiro sulista em território *yankee*? Apenas o Norte tinha o direito de se desenvolver?

E, assim, quase setenta anos tinham se passado. Pérola do Sul ficou famosa pelo uso de capital pessoal, que continuou ao longo dos anos e virou tradição, tornando-se, inclusive, motivo de orgulho e ostentação: quem doara dinheiro, quanto doara, que melhorias e reformas tinham conseguido para a cidade. Havia clubes, festas e leilões, tudo para reverte-se em dinheiro vivo. Contrariando as probabilidades, Pérola do Sul nasceu e cresceu naqueles confins do Sul do Kentucky, a pouco mais de vinte milhas da fronteira com o Tennessee. E não apenas cresceu, mas enriqueceu, atraindo cada vez mais investimentos, serviços e pessoas.

Foi somente perto da Praça do Relógio que Victoria diminuiu a velocidade da bicicleta. Não devia, nem queria chamar atenção. Parou um pouco, perto do meio-fio, e encostou um dos pés no chão de paralelepípedos a fim de fazer a respiração voltar ao normal. Mas a inquietação continuava. Sua boca estava tão seca que parecia cheia de areia; então tirou da mochila o cantil que havia levado, e bebeu toda a água de uma vez.

Victoria voltou a pedalar, contornando a praça. Deveria parar um pouco e se sentar em um dos bancos de jardim, ou seria melhor...

Seus pensamentos foram interrompidos quando deu de cara com Amy e outras garotas da escola paradas diante da Delicatessen Dreams, que agora servia café e chocolate quente às tardes, além de grande variedade de bolos e tortas.

Havia grande público feminino tanto dentro quanto fora da casa, afinal era uma sexta-feira no fim da tarde. E não estava frio. Victoria amaldiçoou-se por dentro. Ela deveria ter previsto isso, e dado a volta pelo outro lado da praça. Se o *point* aos sábados era o Twilight's Shed House, um barracão de madeira que imitava celeiro e reunia o melhor dos dois mundos – bandas de *country music*, botas e chapéus de vaqueiro, até roupas vindas de Nova York e Paris –, o Delicatessen Dreams estava se tornando o *gathering place* preferido das garotas refinadas, às sextas-feiras, o melhor ponto de encontro na praça.

Squaresville... squaresville... merda! – pensou Victoria, raivosa. É claro que toda a vizinhança estaria ali.

Amy enviou-lhe um aceno, e Victoria não teve opção a não ser guiar a bicicleta entre os carros aglomerados na rua e estacionados próximos às

calçadas. Havia vários outros *points* interessantes ao longo da rua, e muitos dos jovens ricos da cidade e dos arredores já estavam se reunindo.

Victoria parou diante das meninas. Todas sorviam seus milk-shakes com canudos extralargos, mesmo enquanto mascavam chicletes. Todas vestiam saias rodadas marcando a cintura e suéteres coloridos sobre blusas brancas de golinha.

— Oi, e aí? Onde você estava? — perguntou-lhe Amy, olhando-a por detrás de seus óculos de gatinho com grau. E logo baixou a vista para a calça suja da amiga de infância — *Cruisin' for a bruisin'*, Vic? Procurando por problemas, Vic? — Era uma brincadeira.

— Minha nossa, pelo visto surfando na lama — interveio Lauren, com uma risadinha de deboche. — *Grody*... Um tanto sujinha ela, e desarrumada, não acham?

Victoria, que nunca tinha ido com a cara da garota nova, fez um ar de tédio para ela:

— *Don't have a cow*, Lauren. Não fique tão animada, Lauren! — É verdade que Victoria não estava exatamente *arrumada*. E a parte de trás de sua calça também estava um pouco suja, pois ela se sentara na terra. — Com certeza, meu dia foi melhor do que o seu: trancada em casa para não sujar o vestidinho de grife — disparou Victoria. Não estava nem aí para as boas regras de educação.

Lauren fez beicinho e não se deu o trabalho de responder, como se Victoria não valesse o esforço. A moça viera de Washington D.C. fazia alguns meses e *só* usava vestidos comprados em Nova York. *Só, só, só!* Mas o problema não era esse. Era o fato de Lauren sentir-se no direito não apenas de se achar mais que todo mundo, porém de desdenhar das outras se lhe desse vontade. A tonta ainda não tinha notado que aquele ranço não funcionava em Pérola do Sul?

Lauren podia passar da total docilidade e gentileza (geralmente falsas, no entanto que lhe garantia o encanto das mães) para o mais azedo desdém, em segundos. Como as garotas a suportavam? Desde o início, Lauren e Victoria realmente não se bicaram.

Amy olhava de Lauren para Victoria, mas Mellany, ignorando-as, falou logo da festa:

— Faz dias que não te vejo! É hoje o *début* da minha irmã. Espero que não tenha se esquecido! Shell não fala em outra coisa, às vezes eu não vejo a hora de que a festa simplesmente acabe. É um tal de "meus pais vão apresentar sua *nova princesa* à sociedade". — Ela arremedou o jeito de falar da irmã. — E "estou começando uma nova fase, Mel. Você não vai mais poder me deixar em casa quando for a reuniões sociais no clube".

As garotas riram.

— Vamos ter que aguentar Shelley agora, meninas! — continuou Mellany. E pôs a mão na cintura, fazendo pose de quem desfila no concurso de beleza. — A mais nova "mulher" do pedaço, com permissão para uso de roupas

“adultas” e casamento.

— Não vá me dizer que Shell já está pensando em casamento.

Mellany revirou os olhos para cima. Era uma moça muito bonita, e seus cabelos pretos na altura do queixo estavam perfeitamente penteados, ondulados nas pontas, bem na moda.

— O enxoval da Shell, pelo menos, já está pronto de velho. Vamos ver o que acontece a partir de agora. Hoje ela me veio com essa: “A partir de amanhã vou estar disponível, *Mellany*”. — A jovem imitou de novo as frases de efeito de Shell. E o jeito de dizer “*Mellany*”, mostrando a língua para a irmã, todas conheciam. E riram de novo.

Então Mellany olhou de novo na direção de Victoria, ajeitando melhor o cinto que deixava sua cintura muito fina.

— Você vem, né? — E com um sorriso malicioso no rosto emendou: — Jared vai estar lá.

— Em um *début*? Aquele *flatter bum*? O bonitão? — intrometeu-se Lauren, só para espezinhar a recém-chegada, já que sabia do pseudoenvolvimento dos dois. — Um cara bonito como Jared, e que está indo para a faculdade! Qual é, garotas! Ele não haveria de se importar com festas de menininhas, muito menos aparecer em uma — falou Lauren e todas olharam para ela com ar de “se liga”, mascando os chicletes com mais força.

— O quê? — ela exclamou, de novo, como se todas estivessem erradas e só ela entendesse “das coisas”. — O cara tem um *flip-top*!

A gíria para carro conversível era tão usada por aquela garota!

— E daí? — retrucou Vic, cruzando os braços. — De onde você vem não é assim, *dolly*? Nunca teve um namorado que a levasse para sair em um *flip-top*? — Ela bateu as pestanas para Lauren. — Meu Deus, coitadinha...

A outra sorveu o milk-shake com ar irritadiço.

— Bem, ele irá, Vic! — continuou Mellany. — Não seria adequado que você o convidasse, mas eu encarreguei meu irmão disso, *ok*?

— Os dois não estão indo para Yale agora no outono? — Fez Amy. — Já não deviam estar lá?

— Só na semana que vem — respondeu Mellany. — E minha mãe estava quase louca, atrás de garotos para colocar na lista de pares das meninas. E, claro, eu insisti também. — Mellany deu um risinho adocicado. — Minha mãe nem estranhou que, de repente, Jared estivesse disposto a vir ao baile de debutantes.

— E o que você prometeu a seu irmão, em troca do favor que ele fez, Mellany? — quis saber Lauren, olhos sugestivos, girando a ponta platinada de seu rabo de cavalo até deixá-lo com um charmoso cacho.

— Prometi a meu irmão?

Ainda falando com Mellany, mas já olhando para Victoria, Lauren comentou maldosamente:

— Traduzindo: o que o seu *irmão*, Mellany, *prometeu* a Jared para convencê-lo a vir?

Lauren agora sorria para Victoria, olhando-a de cima a baixo:

— Alguma garota fácil?

Nenhuma das meninas deu risadinhas, especialmente Victoria. Aliás, ela tinha se esquecido completamente da festa que ocupara seus pensamentos por várias semanas, e o da maioria das meninas entre quinze e dezessete anos da Master Pearl Female High School.

— Você vem, né? — insistiu Mellany.

— Aanhh... — Vic não sabia o que dizer. Não naquele instante. Então optou pelo caminho mais curto: — É claro! Conte comigo.

— Acho bom você se limpar bem antes, e usar um vestido mais comprido, queridinha — provocou Lauren novamente. — Jared não há de querer uma moça com joelhos esfolados. E acho melhor consertar as unhas, se quiser mantê-lo...

De modo geral, Victoria não gostava de discussões com as meninas. Mas o pavio curto explodia rápido.

— Que inferno, me deixe em paz, *chata*! Não tem nada melhor para fazer? — gritou, colocando o rosto perto do de Lauren e apontando justamente a unha quebrada para o nariz da outra. — Pobre do coitado que ficar com você! *Você* é um tédio completo...

Amy apoiou a amiga e vizinha, e olhou para Lauren.

— Lauren. *Cut the gas!* Já deu por hoje. Quanta implicância de graça.

— Está bem, está bem. — Ela ergueu as mãos, sabendo que perdera. — Que falta de senso de humor. — A verdade é que Lauren invejava os longos cabelos dourados e a beleza da rival, além do namorado bonitão com *flip-top*.

— Não estou de bom humor mesmo, sua chatinha! — E Victoria pôs o pé no pedal e deu impulso para a frente. — Até mais, meninas!

Ela ainda deu uma olhadinha por cima do ombro na direção de Lauren, cantarolando bem alto:

— Vá para o inferno, Lauren!

— *Give me a bell!* — gritou Amy. — Vê se me liga! Vamos combinar de irmos juntas!

O grupo ficou olhando enquanto Victoria ia embora.

— Que será que deu nela? — comentou Mellany. — Victoria falou nessa festa durante semanas, e agora nem parece querer ir.

— Ela anda um pouco estranha mesmo... — Fez Amy, com um ar de certa preocupação.

— Vai ver é tensão pré-menstrual. — Lauren caiu na risada, deixando as outras boquiabertas. Não se falava naquele tipo de coisa!

A quieta Paige, que até então não se manifestou, juntou as duas mãos na cintura. Ela usava um batom vermelho absolutamente incrível e perfeitamente aplicado.

— Vic está esquisita faz tempo. Parece mais avoada, nas nuvens; e às vezes se assusta por nada.

— É mesmo? — ponderou Mellany. — Não reparei...

— Ela aparece menos lá em casa. — Foi a vez de Amy comentar. — Mas, quando vai, parece ser a mesma. — Franziu a testa. — Quer dizer... agora que você mencionou, Paige, talvez Vic esteja menos falante.

— Menos sorridente, às vezes — falou Mellany, de novo. — Mas não é nada que me chame muita atenção.

— Justo ela, que sempre teve aquela gargalhada contagiosa! — Amy sorriu ao se lembrar do riso da amiga de infância. — Ela está um pouco para baixo, eu acho. Não sei por quê. Ela não disse nada a vocês, disse?

As outras negaram com a cabeça.

— Ou, então, talvez ela esteja escondendo alguma coisa muito bem. — Paige cruzou os braços na frente do corpo, para se proteger do vento.

Isoladamente, nenhuma das garotas tinha prestado atenção. Mas agora, que todas falavam coisas parecidas, realmente podia ser que Victoria estivesse diferente.

— Todo mundo pode ter um dia ruim, não é mesmo? — falou Lauren com aspereza, querendo participar da conversa, mas sem saber o que dizer. Então sacou da bolsa um maço de cigarros.

— *Due backs?* Querem um cigarro?

As outras olharam para ela, e não disseram nada. Era difícil simplesmente mandarem Lauren para casa!

* * * *

Ao chegar em casa, Victoria ainda estava um pouco assustada. Ela deixou a bicicleta no quintal, jogada, e entrou pela porta lateral da cozinha, procurando passar rapidamente.

— Oi, mãe! — falou com uma voz que soava alegre, e já foi atravessando o recinto. Elizabeth preparava um ensopado de carneiro para a janta, e voltou o rosto na direção da filha antes que ela subisse sorrateiramente as escadas para o quarto.

— Vic, deixei seu vestido passado para a festa. Está na sua cama! Mas, olhe, à noite ainda está esfriando, então seria melhor usar o casaquinho bordô e... meu Deus, o que aconteceu?

A mãe olhava para o rosto da filha.

— Nada, mãe. Eu escorreguei no barranco do lago, foi só... — Victoria baixou a vista para a calça verde-água estragada.

— Não se trata disso. *O que* aconteceu?

— Ué, eu já disse... Escorreguei e...

— Não, não. Você está estranha. Me conte o que aconteceu. — Elizabeth enxugou as mãos em um pano de prato com bicos de crochê.

— Nada... mãe — mentiu a garota. — Não aconteceu nada, é só que... é que... as garotas me seguraram na praça, e a Lauren... consegue ser tão chata às vezes, sabe... então... foi isso.

O tom de voz de Victoria foi ficando mais baixo e mais lento conforme

olhava para o rosto da mãe, sabendo que ela não estava acreditando em uma única palavra. Elizabeth conhecia aquela expressão. Já tinha visto aqueles olhos antes – exatamente do jeito que estavam agora.

— Você está tendo aquelas sensação de novo? — Elizabeth perguntou, com voz séria, aproximando-se de Victoria. — Estou vendo que você não está bem.

A garota suspirou.

— É. Estou, sim.

— De novo sentiu como se alguém estivesse te olhando?

— É. — Victoria exalou o ar ruidosamente. E em seu olhar havia um misto de aflição e temor. — Das outras vezes, ele estava no meu quarto. Ficava me olhando. Mas quando eu percebia, e abria os olhos, ele não estava mais lá.

— Eu sei — murmurou a mãe, recordando os relatos assustados que tinha ouvido da filha, muitas vezes, no meio da noite.

Mas tinha passado. Aliás, fora antes dos pesadelos começarem.

— Ele se esconde quando eu olho.

— Filha... — Ela começou, com delicadeza.

— E hoje, ele estava lá na mata, perto do lago.

Elizabeth ergueu o supercílio.

— Como assim? Tinha alguém lá com você?

— "Alguém", não... a mesma coisa... não sei. A mesma pessoa. Peguei o binóculo para ver se enxergava melhor. Mas não tinha nada, porque ele sempre se esconde, mãe! Só que desta vez me deu ainda mais medo. — Ela lutou para engolir as lágrimas. — Porque me deu a impressão... Era como se alguma coisa muito ruim fosse acontecer.

Elizabeth apertou a filha em um abraço. Victoria nunca chorava!

— Mas muito ruim o quê, querida?

A garota demorou um pouco para responder, apenas sentindo o calor confortante do corpo da mãe.

— Como se estivesse para começar alguma coisa... horrível... e já tivessem dado corda no relógio. Sabe? Como se já estivessem marcando o tempo para isso acontecer.

— Mas que relógio, meu bem? — A mãe estava assustada.

— Não sei, mãe. É uma impressão de que deram corda no relógio, e eu não tenho como fugir. Entende?

— Mas, filha... por que você não pode acreditar que há coisas boas esperando por você? Por que precisa acreditar que há algo de pior à sua espera?

— Não sei, mãe. É como se eu não pudesse fugir disso.

— Como você chegou a essa conclusão?

— Essas sensações... de me sentir observada. Junto com os sonhos. Isso tudo, junto, me traz essa sensação. Me *diz* isso.

— Você é uma menina linda, inteligente, comunicativa... tem uma família que te ama. Por que, então? — Elizabeth não terminou a frase. — O que

poderia ser tão ruim assim?

Victoria apenas balançava a cabeça.

— Não sei, mãe. É só... como eu me sinto — respondeu em um fio de voz.

Elizabeth fez Vic se sentar na cadeira da cozinha e sentou-se diante dela.

— Querida, isso já está me preocupando, minha filha. Nas últimas semanas, as sensações de estar sendo vigiada haviam sumido. Mas então vieram os pesadelos, que têm ocorrido com certa frequência.

— Você acha que estou *inventando*?

— Não. De modo algum. Mas se você parar para pensar... não acha estranho tudo isso? Teve aquele dia em que você achou que a porta da cozinha estava batendo, insistentemente. Mas não estava.

— Estava, *sim*. E eu disse que tinha sido ele, mãe. Só que, quando você chegou na cozinha pra ver, ele se escondeu. Ele *sempre* faz isso. Sempre se esconde.

— Meu bem... — Elizabeth meneou a cabeça. Queria apenas que a filha percebesse que aqueles fatos eram estranhos. Nem pensava mais em perguntar *quem* era "ele", afinal. Porque Victoria não sabia. — Você se lembra do dia do quintal?

— Claro, como esquecer? — Uma resposta azeda desta vez. — Como me esquecer do fato de que vocês *não acreditam em mim*? — Ela foi elevando o tom de voz até terminar com um grito.

— Você fez seu pai sair no meio da noite. Na chuva!

Não era uma acusação, e Victoria sabia disso. Mas ficava exasperada por não conseguir comunicar-se, não conseguir fazer os pais *perceberem* que, realmente, algumas coisas estranhas vinham acontecendo na casa.

— Mãe. Vocês só não estão notando, ainda.

— Vic...

— Está bem. Eu me lembro do dia do quintal, mãe, se é sobre isso que quer conversar — resmungou Victoria, sem gritar, mas irritada. Elas já haviam tido aquela conversa. — "Estávamos-todos-vendo-televisão..." — recitou. — Segundo ato: "Eu notei quando alguém, ou alguma coisa, *grande*, passou rápido pela janela". — A jovem voltou-se para a mãe, os olhos faiscando: — Não tenho culpa de que vocês estavam entretidos demais com o programa, mas eu vi! Terceiro ato: "Eu gritei alto, várias vezes, porque *tinha alguém* no quintal, e o papai precisava saber". Quarto ato...

— Chega, Victoria. Já chega! Não estou *contra* você, minha filha! Só preciso entender o que se passa para poder ajudá-la.

A garota engoliu em seco, um pouco amedrontada só pela lembrança daquela noite. Parecia até que tinha acontecido na véspera. Lembrou-se dos seus gritos agudos, alertando a família. De como seu pai olhou primeiro pela janela, abrindo-a. E o modo como ele disse: "Não há ninguém no quintal". Mas Victoria ficara em pânico, insistindo no contrário. Por pura precaução, o pai pegou a espingarda atrás da porta da rua e saiu para o quintal. Voltou e garantiu que tudo estava certo, mas Victoria continuou assustada e não se

convenceu. Tinha certeza da ameaça do lado de fora.

E foi tão difícil se acalmar! Mesmo depois que a mãe a levou à varanda, e as duas desceram os degraus até o jardim, os respingos de chuva molhando os cabelos de ambas; mesmo depois do chá de erva-cidreira que ela lhe fez, bem quentinho e bem docinho.

— Meu amor, você não acha que se houvesse alguém de verdade em casa, naquela noite, o Tobi não teria latido, filha? Como estava quente, ele ainda estava lá fora, na varanda... — A mãe acrescentou um sorriso ao final da pergunta, tentando amenizar uma situação que estava fugindo do controle. — Aquele nosso danadinho faz escândalo até para os esquilos, os pardais, os coelhos!

Victoria sabia que o cachorro adorava ficar na varanda, "patrulhando", nas noites quentes de verão. Mesmo com chuva. Ele deitava no tapetinho da porta e ficava lá até ser recolhido para dormir na cozinha, onde ficava sua caminha.

— Mãe, eu não tenho explicação para isso. Só sei que ele estava lá ainda! Eu disse para o papai, quando nós duas entramos de volta. Aquela coisa, ou sei lá o quê... ele estava observando do meio das árvores. Já estou cansada de falar que...

— Ele se esconde — completou a mãe. Como se entendesse, como se tudo fizesse sentido. — Mas até do Tobi?

— Também, pelo visto... — Victoria deu de ombros. — E hoje... os gansos, os cervinhos, ninguém se assustou. Mas ele estava lá, porque eu *senti*, mãe. Não vi, é verdade. Hoje não vi. Mas senti, e foi tão *forte*... foi pior do que ver! — Ela se encolheu toda.

A mãe deu um suspiro profundo. Não tinha como convencer a filha do contrário, o que era bem esquisito. Victoria sempre foi racional, inteligente e corajosa, jamais inclinada aos medinhos e crendices interioranos. Tudo que vinha acontecendo era bizarro. Só de lembrar-se de como sua filha havia ficado alterada no quintal, naquela ocasião... Elizabeth não gostava nem de rememorar. Porque, talvez, se esquecesse do fato, pusesse uma pedra em cima, seria como se não tivesse acontecido.

Victoria encolhida, apontando, pedindo ao cachorro que encontrasse o estranho: "Ali, Tobi! Procura! Ele está ali!".

E Tobi abanava o rabo, não fazia nada. Os pais acharam que ela talvez houvesse visto mesmo alguma coisa, talvez um cervo assustado com os relâmpagos, uma coruja que passou voando baixo à caça de algum roedor.

— Está bem — disse Elizabeth, conformada, tentando não soar alarmista. — Se isso continuar acontecendo...

— Hoje aconteceu de novo! Foi a primeira vez fora de casa, então ele só pode ter me seguido. Mas o que ele quer comigo, mãe?

— Tem alguma coisa a ver com os sonhos que a tem perturbado?

Victoria pensou por um instante, mordiscando o lábio.

E se fosse Cleópatra que quisesse se comunicar com ela? Ainda não havia pensado nisso. Mas os pesadelos eram mais recentes, vieram depois desses

acontecimentos. Além disso, se fosse Cleópatra, Victoria tinha certeza de que sentiria uma presença feminina. Mas não. Tinha certeza de que era "ele".

Mas será? Será que poderia haver alguma relação entre os sonhos e a presença estranha? Teria que pensar nisso depois.

Então, a menina somente negou com a cabeça e acrescentou:

— Não. Não acho que uma coisa tenha a ver com a outra... — mentiu.

— Acho que devíamos consultar o doutor Schiller.

— Já disse que não preciso de médicos!

— Mas é apenas para termos uma opinião profissional. Ele cuida de você desde bebê.

— Por isso mesmo! O doutor Schiller é pediatra, ele entende de *crianças*!

Mr. Milton John, o pai de Victoria, vinha chegando. Tinha ouvido parte da conversa da sala de estar. O porte altivo e a compleição robusta preencheram a porta da cozinha quando ele passou.

— E você acha que é o quê? Não passa de uma pirralha. — Ele falou, abrindo a geladeira para pegar a garrafa de suco, e dando um olhar mais duro para a filha. — Estou começando a me cansar dessas suas histórias.

— Milton! — murmurou Elizabeth.

Aos quarenta e três anos, a figura do marido ainda era imponente e ele mantinha a força da juventude. Sua voz era grave, as linhas do rosto bem marcadas e os olhos escuros transmitiam firmeza e seriedade.

— Isso é só bobagem dela, Liz — falou, sem se preocupar que Victoria estivesse presente. — Tente não dar toda essa atenção, que tudo se resolve. Na minha época, se eu inventasse esse tipo de besteira, meu pai me dava era uma sova com rabo-de-tatu. — Ele se voltou para Victoria: — Sabia que o rabo-de-tatu resolve tudo, minha filha?

Victoria não respondeu, só olhou firme de volta para o pai.

— Vou lhe contar uma coisa. Eu costumava ter medo de escuro quando criança. Você sabia que meu pai me deixou *três* dias e *três* noites trancado no sótão? Para perder o medo!

O lábio de Victoria comichou de vontade de dar uma boa resposta. Porém, não se atreveu. Ela amava o pai e geralmente ficava feliz com a presença dele, com suas conversas. Porém tinha sido bem mais fácil conviver quando criança; depois dos treze anos, parecia que uma barreira se erguia entre eles. Mr. Milton esperava que a filha ainda gostasse de brincar com bonecas quando ela já olhava para Jared com outros olhos. Ver uma filha crescer e ter ideias próprias é sempre difícil – era Elizabeth quem punha panos quentes e tentava fazer com que as implicâncias do marido fizessem sentido para Victoria.

"Ele age assim, ou assado, por amar você", era o que costumava dizer.

Quando o pai estava daquele jeito, irritado e contrariado, Victoria sabia que era melhor calar a boca.

— Se eu tivesse um filho *homem*, não teria que aguentar esse besteirol todo. Já tinha resolvido a questão a meu modo — concluiu, de má vontade. —

Isso tudo é coisa de mulher!

— Eu *já* sei o quanto você queria um "filho homem". Mas, que pena, você só tem uma menina. É melhor se conformar, pai... — Victoria respondeu, sem pensar. Porcaria de pavio curto...

Milton John engasgou-se com o suco que mal começara a beber e seu rosto ficou muito vermelho. Não fosse o tempo que levou para se desengasgar e Victoria talvez levasse uns tapas; mas a mãe rapidamente tomou a rédea da situação:

— Não fale desse jeito com o seu pai, que lhe deu tudo! — Elizabeth sibilou, com mais severidade do que necessário, para que Mr. Milton escutasse. Ela própria crescera sentindo na pele o que era ter um pai que desejava um varão, mas, em vez disso, criou uma família só com meninas. Ela gesticulou com as mãos na direção da filha: — Vá! Suba para o seu quarto, Vic; o vestido está na cama.

— Vestido? Vestido para quê? — vociferou Mr. Milton. — Ela vai é comer no quarto hoje e ficar de castigo, para aprender a ter respeito.

A mãe, mantendo a cara feia para a filha, fez novamente um gesto apressado com a mão, mandando Victoria subir. A menina escapou da cozinha correndo, enquanto a mãe lhe dava cobertura.

— Não sei que espécie de educação você deu à sua filha, Liz! — disse o pai, baixo e contido.

Victoria, da escada, ouviu. Aquele tom de voz fazia com que ela tivesse vontade de se esconder no guarda-roupa, como quando era criança e aprontava alguma arte. O tom baixo era o pior de todos.

— Milton — começou a mãe —, sei que estava lendo seu jornal e lamento que tenha sido incomodado, mas...

— Ela está cada vez mais insolente — interrompeu Mr. Milton, carrancudo, encarando a esposa. — Parecida com essas feministas que eu *detesto*, que querem mudar a ordem natural das coisas! Estou lhe dizendo que vamos indo por um mau caminho. E o que você tem feito para pôr essa menina nos eixos?

— Meu bem, não exagere... — respondeu Elizabeth de modo suave. E abriu um sorriso. — Como vão os sapatos para a família do prefeito?

Era melhor não bater de frente. Ela tinha aprendido a falar doce, ser mansa e apenas observar. Deixar que pensassem que era tola e submissa, mas, com jeitinho, fazer as coisas do jeito que achasse melhor. Aprender a sobreviver no mundo dos homens.

— Os sapatos estão indo muito bem. Semana que vem viajo para buscar mais material com os fornecedores. — Desta vez, no entanto, o marido não ia se esquecer tão fácil assim do desacato da filha. Então continuou: — Aliás, Liz, entrei no quarto de Victoria esses dias porque um passarinho conseguiu se prender do lado de dentro. E o que eu vejo no criado-mudo dela? Um livro que me encafifou muito. Que tipo de literatura era aquela e o que estava fazendo ali?

— Qual livro, querido? — A filha lia muito.

— *O segundo sexo*. Daquela *zinha* que ensina nossas filhas a serem rebeldes, desbocadas, a questionarem seu papel na família e na sociedade. Esse conceito de contracultura me enoja.

— É para a escola — aparteou Elizabeth, tentando não deixar a voz falhar. Victoria arrumara o livro, ela não sabia nem onde, e pedira para não contar ao pai.

— Para a *escola*? — Mr. Milton ergueu uma sobrancelha. — Acho isso muito, muito estranho. Estão dando isso na Master Pearl?

— É apenas um resumo de dois capítulos.

— Pois bem, assim que Victoria terminar o trabalho tire aquele lixo de lá. Você precisa coibir os excessos dessa menina. — Ele até se esquecera do suco sobre a mesa, o que demonstrava sua indignação. — Outro dia a ouvi falando ao telefone sobre essa tal Simone de Beauvoir! Mencionando as antigas *suffragettes* do Reino Unido. Eu estava atrasado e, àquela hora, não pude pedir explicações de Victoria. Mas isso não pode continuar. Nos últimos tempos, essas feministas têm ficado impossíveis de suportar, além de estarem por todo canto. Não quero minha filha envolvida com esse tipo de coisa — declarou Mr. Milton John categoricamente. Ele ia saindo da cozinha, mas parou no meio do caminho. — Falando nisso, por que você permitiu Victoria deixar de frequentar o Clube de Economia Doméstica?

— Bem, Milton... Victoria já aprendeu o necessário.

Além disso, ela detesta, pensou a mãe.

— Pois bem, não vejo como essas atividades podem deixar de ser constantemente cultivadas. Sempre há o que aprender, não é mesmo? Tarefas como cozinhar, limpar a casa, cuidar dos filhos e dos maridos se esgotam? E quanto à lavanderia, à costura, aos bordados e outras atividades manuais? Não vejo Victoria fazer um bordado! E eu *sei que* o clube oferece diversas especializações também. Por que Victoria não se matricula... digamos... no curso de cuidados de enfermagem, por exemplo? É muito útil, concorda? Já imaginou se os soldados na última guerra não pudessem contar com esse tipo de preparo por parte das mulheres? — O marido olhou para Elizabeth com ar de quem diz: "Por que você mesma não pensou nisso antes?". — Nada é supérfluo, Liz; por isso trate de mandar sua filha de volta. Senhoritas e jovens senhoras da nossa classe social têm que ser experts nessas... coisas femininas. — Mr. Milton pegou o copo, mas antes de levá-lo à boca, completou: — E acho bom que Victoria comece a montar o enxoval. Que garota não quer ter logo um enxoval completo?

— Certo, meu bem. Fique despreocupado — respondeu a esposa.

Logo ele se esquecerá disso.

Liz sabia como lidar com o marido. E embora ele não estivesse dando muito crédito ao que Victoria vinha passando, ela teve que voltar ao assunto. Era importante:

— Vic... está passando por uma fase conturbada, Milton. Ela não está só

querendo chamar atenção. Estou ficando preocupada. Mesmo!

O marido a encarou.

— Como você mesma disse... são coisas de mulher — continuou Elizabeth, com um meneio de cabeça. — Mas ela é uma mulher, certo? Para ela, esses problemas são reais, querido.

— Um bom castigo resolveria tudo isso...

— Milton, por favor, eu lhe peço, dê um voto de confiança à sua filha. Ela está sofrendo e não sei por quê. Tem pesadelos, sente-se observada. Fica com medo. Agora mesmo você não disse que ouviu o que estávamos conversando?

— Ouvi que vocês falavam no assunto, mas não cheguei a escutar os detalhes. — Ele suspirou. — Pelo visto, isso *continua*, então.

— Não acho que ela esteja inventando. Pelo contrário. Vic sempre foi madura para a idade. Inteligente. Com ótimas notas. Não teria por que agir assim, justo agora. Eu *sei* que alguma coisa está acontecendo com ela, Milton. E realmente acho que devemos levá-la a uma consulta com o doutor Schiller. Hoje ela chegou aqui com a *cigarette* suja e rasgada, disse que caiu no barranco... Mas tenho certeza de que foi porque saiu correndo, porque estava com medo. Disse que alguém a estava observando no lago.

— Tinha alguém com ela lá? — Mr. Milton alçou o tom de voz e seus olhos se estreitaram. — Alguém *espreitando* minha filha? Ela viu *quem era*?

— Não, não. Não foi isso. Calma. — Foi a vez de Elizabeth suspirar. — Eu acho que... não era "alguém" de verdade. Mas ela acha que sim. Que tinha alguém a observando. — Ela suspirou de novo, agora mais fundo. — É aquilo que você já sabe, meu bem.

Mr. Milton John ficou em silêncio por um instante. Por fim:

— Está bem. Vamos marcar a consulta, já que você acha melhor. — Ele olhou para a esposa com condescendência. — Mas você vai ver, toda essa história não passa de bobagens. Ele provavelmente lhe receitará um calmante ou um desses medicamentos de mulher.

Elizabeth sorriu.

— Obrigada por entender que sua filha precisa de ajuda. — Aproximou-se do marido para dar um beijo no rosto dele. E brincou: — Ou você já se esqueceu de quem é o docinho do papai? A bonequinha?

Embora naturalmente um pouco sisudo, ainda mais quando contrariado, Mr. Milton deixou que a boca se repuxasse um pouquinho para cima. Victoria era, sempre foi, sua bonequinha. A única filha do casal.

— É uma pena que as bonequinhas tenham que crescer — avaliou. Aquele era o máximo de sinceridade a que ele se permitiria.

A falta de um garoto, com quem comer churrasco, pescar e treinar boxe... Elizabeth entendia. Ela sorriu e deu outro beijo no marido.

— Obrigada, Mil. Marcarei a consulta para a semana que vem. Vamos torcer para que não seja nada! — E como quem não quer nada, a mulher foi saindo da cozinha, falando naturalmente: — Vou ver se Vic precisa de ajuda com o banho, ou o vestido!

— Mas que *vestido*, afinal, Liz? Onde essa menina pensa que vai? Bonequinha, ou não, está de castigo!

— Milton, não faça isso. Sua filha precisa se divertir um pouco hoje, relaxar a cabeça, dar risada com as amigas. Segunda-feira as aulas começam.

— Aonde ela vai?

— Ao baile da filha dos Faridon, Milton. O *début*, lembra-se? Catie disse que aprendeu com os errinhos do *début* de Mellany, e pretendem acertar com tudo desta vez. Afinal, para apresentar bem uma filha à sociedade não se economiza. Especialmente porque os parentes do Norte virão todos! E as meninas não falam em outra coisa há semanas. Como perder um ritual de passagem tão importante na vida de uma adolescente?

— Hum — resmungou. Aquilo deixava o pai de mãos atadas. Os Faridon. — Onde vai ser essa festa?

— Pois é — Elizabeth animou-se. — Catie disse que fazer a festa de Mellany no salão paroquial não foi tão bom. O lugar acabou sendo apertado e...

— *Apertado*? Mas aquele salão é enorme! Quantas pessoas os Faridon convidaram?

— Ah, Milton, acho que umas oitenta pessoas, cem. Só sei que, na época, Vic contou que estava muito lotado, e a pista de dança ficou pequena. Agora, os Faridon optaram pelo salão de festas na Marina Eston. Vai saber quanta gente convidaram desta vez. É claro que Victoria não pode deixar de ir, seria uma grosseria!

— Huuum... — Mr. Milton meneava a cabeça, repetidas vezes, embora o semblante não estivesse muito satisfeito.

Elizabeth entendeu aquilo como uma concordância. Forçada, mas, ainda assim, uma concordância. Achou melhor subir para o quarto da filha.

— O ensopado de carneiro está quase pronto, querido, volto em um segundo...

Era a típica mãe e esposa sulista que se desdobra em duas, mas, quando quer, maneja as circunstâncias direitinho.

CAPÍTULO 4

Mr. Milton John parou na frente da televisão. Estava irritado. Não era sempre que podia estar em casa às sextas-feiras para assistir aos programas da noite. Só o que queria era *ficar em paz*, e aproveitar seu momento de lazer e descanso. Era o tipo de hora em que não tolerava problemas!

Mas o burburinho da conversa entre mãe e filha na cozinha o havia compelido a largar o jornal que estava lendo e ir pegar um suco, a fim de dar sua opinião – mais uma vez – sobre aquele assunto. Sua filha estava começando a exagerar com aquelas paranoias. Na opinião dele, quanto mais atenção dessem àquilo, mais a menina inventaria perseguições e ameaças.

Era até melhor ouvirem mesmo o doutor Schiller. Quando o médico afirmasse que não havia *nada* de errado, tanto filha quanto mãe seriam obrigadas a parar com aquele drama.

Bufando, ele se sentou novamente em sua poltrona favorita e pegou o jornal. Ainda não era hora do noticiário da CBS, *Douglas Edwards with the News*. Então, Mr. Milton lia primeiro o jornal. Depois assistia ao noticiário, em seguida à *Rawhide*, com Eric Fleming e Clint Eastwood e, por fim, via 77 *Sunset Strip*.

O programa 77 *Sunset Strip* era do tipo que ele não perdia! Os ex-agentes do governo interpretados por Efrem Zimbalist Jr. e Roger Smith eram incríveis e o tema agradava muito a Milton John. Sem contar que Edd Byrnes era bastante engraçado em seu personagem Kookie. Impagável!

Mr. Milton costumava assistir ao show com a filha, quase sempre, e davam boas risadas. Agora, lançado o famoso *single* de Edd Byrnes com Connie Stevens, "Kookie, *Kookie*, Lend *Me* Your Comb" – Kookie, Kookie, me empreste seu pente –, Victoria não parava de cantá-lo, bem alto, imitando o personagem, toda vez em que ligavam a televisão para ver o programa.

Naquela noite, ele assistiria sozinho. Apesar de Elizabeth estar sempre presente, permanecia mais entretida com seus bordados e tricôs do que com a série.

Milton John baixou os olhos para a notícia que lia no jornal. A leitura vespertina do jornal seguida pelos programas de televisão eram praticamente um ritual antigo, que tinha para o pai de Victoria a mesma importância da missa para o vigário. Mr. Milton se via realmente indignado quando era interrompido ou incomodado naquele período, fosse pelo que fosse.

Pelas manhãs, ele nunca tinha tempo para nada além do trabalho. E quando não estava viajando, ao fim do dia precisava de algo que o ajudasse a escapar dos "assuntos de mulher", com os quais era abalroado todos os dias,

ao chegar. Por isso a leitura do jornal antes do jantar era tão importante, bem como o noticiário – alguma coisa intelectual para preencher a mente. Depois, se era dia de assistir a outros programas, como às sextas-feiras, a família levava os pratos de comida para a sala, e era uma festa para Victoria.

Mr. Milton chacoalhou o jornal com força, e só então se deu conta plenamente de onde vinha a maior parte de sua irritação. Tinha bem mais a ver com a leitura do que apenas com a filha. O título da reportagem já lhe chamara atenção (negativamente) por fazer referência aos oito anos da entrada do Caso "Brown contra o Conselho de Educação" – 1º de outubro de 1951 –, em grau de apelação, na Suprema Corte. O assunto era introduzido com um blá-blá-blá sobre a década de 1950, que brevemente se encerraria, na qual tantos labutaram – e *viram* grandes vitórias – em relação aos direitos civis dos negros.

Havia um resumo (como se os leitores fossem *ignorantes*) sobre como Oliver Brown procurou reparação legal quando foi negada admissão, à sua filha de sete anos, em uma escola primária reservada a brancos, em Topeka, Kansas. Rejeitada, a menina viu-se obrigada a viajar de ônibus e frequentar uma escola distante, para afro-americanos, mesmo morando perto da anterior. A segregação racial nas escolas públicas era a norma em grande parte dos Estados Unidos, com força de lei em vinte e quatro estados.

Ao Caso Brown juntaram-se outros pleitos semelhantes, e era aí que começava o problema: claro que havia brancos envolvidos na questão!

Tinha sido McKinley Burnett, presidente local da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, o responsável por recrutar Brown e outros pais, estimulando a abertura do processo. O caso começou no Tribunal Federal do Kansas e acabou na Suprema Corte dos Estados Unidos, que, pouco mais de dois anos e meio depois, em uma decisão histórica e unânime, deu vitória a Brown e declarou a segregação racial inconstitucional nas escolas públicas.

O presidente da corte, Earl Warren, concluiu que "No terreno da educação pública não cabe a doutrina de 'separados, mas iguais'. As instalações educacionais separadas são inerentemente desiguais". Assim, os demandantes foram protegidos pela 14ª Emenda.

Segundo a reportagem, essa foi considerada uma das mais importantes decisões tomadas pela Suprema Corte, contrapondo-se exatamente ao caso "Plessy *versus* Ferguson", de cinquenta e oito anos antes. O senhor Plessy, em 1896, tivera a "ousadia" de se sentar em uma cadeira destinada a passageiros brancos em um trem, apesar de haver comprado sua passagem na primeira classe.

Por apenas um voto a Suprema Corte decidiu-se contra Plessy, alegando que acomodações "separadas, mas iguais" para negros estaria compatível com o princípio da igualdade. Segundo a reportagem do jornal, para maior irritação de Mr. Milton, concluía-se que essa tinha sido uma das *piores* ações da Suprema Corte. Fora a partir daí que se desenvolvera a famigerada

doutrina "*Equal but separate*": a chancela da política de segregação racial.

E o artigo continuava. Só piorando, no entender de Mr. Milton. Logo ficou claro que não se tratava apenas do Caso Brown, ou de Plessy, mas era, sim, um pano de fundo para mais uma apologia ao proeminente Dr. Martin Luther King Jr.

Como líder do Movimento Negro pelos Direitos Civis ao longo da década, o motivo do atual alarido decorria da viagem de Luther King à Índia, realizada havia poucos meses, junto com a esposa Coretta, e o amigo Lawrence Reddick. E, como se não bastasse a viagem, estava sendo lançada a biografia de Luther King, escrita por Reddick: *Crusader without Violence*.

Havia várias referências aos feitos e às doutrinas do líder negro, que empunhava a Bíblia em uma mão e, na outra, as técnicas estratégicas de Gandhi. "A resistência não violenta exige amor, mas não é um amor sentimental. É um amor muito severo que se organiza em ação coletiva para corrigir um erro, assumindo-se o sofrimento."

Na viagem, durante seus muitos discursos, o Dr. King fora enfático ao dizer que o princípio da não violência havia sido demonstrado, primeiro, não por ele, mas *naquele* continente, na Índia, pelo próprio Gandhi. Talvez tanta ênfase e apelo emocional se devesse ao fato de que muitos indianos já não acreditavam na existência de alguém que pudesse equiparar-se a Mahatma. Mas Luther King era o novo Mahatma. E, pelo fato de aos indianos serem muito aprazíveis os *black spiritual*, houve chance de Coretta cantá-los enquanto o marido palestrava.

Maldição, o pai de Victoria refletiu, em seu íntimo. *Já estou cheio dessa conversa fiada sobre direitos civis, luta não violenta, cruzadas pela independência, dignidade humana e igualdade racial nos Estados Unidos.*

Parecia-lhe a mesma bandeira das feministas que sua filha tanto aparentava apreciar: uma descarada inversão de valores, que poderia custar bem caro à sociedade e aos bons costumes.

King tivera a desfaçatez de declarar sua surpresa em relação à imprensa indiana, que os assistiu muito bem durante a viagem, e fez comparações com a imprensa norte-americana. Disse que, anos antes, a Índia dera cobertura mais clara e mais abrangente do que os Estados Unidos quanto ao boicote dos negros aos ônibus, em Montgomery, Alabama. E acrescentou que ainda hoje, quase três anos depois do *feliz* encerramento da história, ocasionalmente encontra um cidadão norte-americano que lhe pergunte: "Dr. King, como vai indo o boicote?". Aparentemente sem ter *noção* do que ocorrera.

Alguém precisa segurar esse homem. Mr. Milton John balançava a perna cruzada sobre o joelho.

A reportagem aproveitou o gancho do comentário de King sobre o boicote de Montgomery, e passou a discorrer sobre alguns "ícones" que lutaram pelos direitos civis dos negros e a discriminação nos Estados Unidos, durante a década de 1950. Claro, em um *pulo* ali estava a *irritante* Rosa Parks. Mr. Milton lembrou-se da costureirazinha do Alabama que, em 1955, não cedeu

seu lugar no ônibus a um homem branco. Foi presa e enquadrada. Ponto-final? É claro que não! O reverendo Martin Luther King haveria de deixar o fato passar em brancas nuvens? Claro que não!

Um assento no ônibus transformou uma mulher negra em um símbolo internacional da luta contra a segregação, fazendo-a entrar para a história! Esse foi o estopim do boicote. Milton John desgostava, desgostava *mesmo* do reverendo Martin Luther King Jr. desde o primeiro instante. Mas especialmente depois do *maldito* boicote ao uso dos ônibus! O protesto durou abomináveis trezentos e oitenta e um dias, e terminou – de novo – com uma decisão histórica da Suprema Corte, que tornou inconstitucionais todas as formas de segregação nos ônibus!

— Ah, que dia aquele... — falou Mr. Milton, exalando o ar. — Ainda me recordo. E agora o Dr. King ainda tem a cara de pau de mencionar a "boa cobertura de imprensa" indiana.

Que *importava* Rosa Parks? Que andassem todos eles, a pé, pela eternidade! Luther King tornara-se, há tempos, uma pedra no sapato. No sapato de *todo* o Sul!

Pelo menos, já deve ter sido preso umas vinte vezes até agora...

A verdade é que o doutor King viajava o tempo todo e aparecia em todo e qualquer lugar onde houvesse injustiça, protesto e ação. Entre suas eternas aparições, ele escrevia livros e numerosos artigos. E vinham mais protestos, outros boicotes, as marchas "pacifistas", essa luta absurda pela "liberdade".

Maya Angelou era outro ícone, ainda mais durante a última década, ao assumir o pseudônimo e se consagrar como atriz, cantora e dançarina. Ela havia sido a primeira motorista negra de ônibus em São Francisco. E a primeira mulher negra roteirista e diretora em Hollywood. Sem falar que já era próxima de Martin Luther King e Malcolm X: pronta para o movimento de direitos civis. E o Oscar da tal Hattie McDaniel? Um acinte. A reportagem seguia mencionando muita gente, o que desconcertava e enfurecia Mr. Milton John.

— O que querem, afinal? Não são mais escravos! Deveríamos acabar com metade deles só nas prisões. Pena que as autoridades competentes não conseguem exterminar de vez essas manifestações. Acho que bastões, chicotes, jatos de água e cachorros é muito pouco. Onde vão parar as Jim Crow Laws, que promulgamos nos estados do Sul, institucionalizando a segregação racial? Daqui a pouco estarão incentivando a miscigenação.

Ele estava adivinhando. A reportagem tendenciosa seguia falando do apoio de pessoas brancas à causa negra.

— Esses brancos traidores, simpatizantes de merda. Imagino que a tal Virginia Durr, que tanto apoiou a costureira, seja mais uma das mulheres que minha filha admira. — Mr. Milton já estava com o rosto meio avermelhado.

Então, ele parou de repente. Aliás... já tinha ouvido mesmo a filha dizer algo do tipo, sobre os "civilizados" do Norte que aceitavam o fim da segregação. E como os estados do Sul resistiam, ela "tinha vergonha de ser

sulista". Como aceitar essas discriminações, ainda mais depois do legado da Segunda Guerra, "depois dos genocídios"? E era por isso que "faria faculdade no Norte!".

Faculdade... humpf. Pois que espere sentada! Victoria tem coragem de vir falar em genocídios quando a mãe é uma ariana pura?

Por fim, reacendidos tabus e discussões, a reportagem insuportável e partidária terminava com o mais recente conflito de proporções épicas. O Little Rock Nine.

De novo não...

Sim. Mais uma vez vinha à baila o governador Faubus, que pairava nas folhas do jornal como o próprio demônio, cuspindo farpas e perdigotos: um símbolo nacional da segregação. Tudo em função do fechamento da Central High School, em Little Rock, Arkansas. Havia fotos da Guarda Nacional do Estado, convocada por Faubus, para impedir a entrada de nove estudantes negros na escola pública de exclusividade branca.

Que exagero! – Mr. Milton olhava as imagens dos soldados em bloqueios ao redor da escola e dos estudantes, além de fotos de Faubus com dizeres recortados de seus discursos.

"Não fui eleito governador do Arkansas para entregar todos os nossos direitos constitucionais como cidadãos a um governo federal autocrata e todo-poderoso." E: "É de minha responsabilidade defender o povo de Arkansas. O Supremo Tribunal cerra seus olhos para os fatos, e determina integração a 'qualquer preço'; mesmo que isso signifique a destruição do nosso sistema escolar e dos processos educacionais, além de ignorar o premente risco de desordem e violência que poderia resultar na perda de vidas (...). O povo não está disposto a pagar esse preço".

Mr. Milton lembrava-se dos discursos de Faubus, e até os pelos de seus braços se arrepiaram. Ele tinha sentido orgulho ao ouvir o governador falando. Ainda havia pessoas assim nos Estados Unidos da América! Com fibra, com princípios e dispostos a manter a ordem natural das coisas. Lutara até o final, usando todos os recursos contra os disparates da Suprema Corte e do presidente. Porque, sim, Eisenhower interviera! Interviera em Little Rock.

Havia fotos do presidente (ao lado das fotos de Faubus), de quando dera a acalorada entrevista ao ser questionado sobre o envio de tropas federais ao estado sulista. Mil soldados da 101ª Airborne! Os famosos *"Screaming Eagles".* Isso, sim, era o cúmulo da fanfarronada.

A legenda de Eisenhower: "Enviei as tropas ao Arkansas para fazer valer as decisões da Suprema Corte sobre a integração racial nas escolas públicas, tomando ação para defender o Estado de Direito e evitar a 'regra da multidão' e a 'anarquia'".

Na verdade, o presidente Eisenhower convocara os Eagles aos berros, segundo se noticiara na época, tal o teor da situação. Quase uma luta do bem contra o mal.

E pensar que a 101ª Airborne saiu, ironicamente, daqui do Kentucky... da base em

Fort Campbell.

Mr. Milton relembrou o fato, inconformado. E chacoalhou a cabeça: *Pois veja aonde chegou o Little Rock Nine. Nove alunos negros; o suficiente para mover a Casa Branca. Realmente, os tempos não são bons. Se essa gente não for coibida, vai acabar com o país. Toda hora tem alguma confusão causada por esses negros. De quê adianta a Suprema Corte continuar aprovando algo que vai desestabilizar completamente o Sul?*

Ele não entendia a motivação de reportagens como aquela.

Ah, os bons e áureos tempos da Klan. Não pensavam duas vezes para promover os ataques e linchamentos. Faziam o que tinha de ser feito! A separação de raças é fundamental para o sucesso da América. O racismo se mostra como o novo darwinismo social. Usem eles da não violência! Mas a seleção natural é violenta; é a lei da selva. Vence o mais forte.

Ele recostou-se na poltrona, tentando acalmar-se para assistir ao noticiário que começava.

— Como podemos permitir que eles planejem, liderem e se organizem contra nós, brancos? Por que os malditos *colored* querem usar as mesmas instalações que nós, os mesmos serviços, os mesmos empregos, as mesmas escolas, os mesmos parques e clubes, os mesmos bairros e as mesmas *malditas* lanchonetes dos nossos filhos? Se a Lei Federal não colabora, temos de manter os limites com nossas próprias mãos. Sou totalmente a favor dos grupos de supremacia racial. Eu mesmo faria parte de um deles, com prazer, e seria capaz de qualquer coisa!

O pai de Victoria notou que estava se empolgando, falando mais alto do que deveria. Então se calou de imediato. Não era inteligente mostrar aquele seu lado. Olhou na direção da escada, apurou os ouvidos. Mãe e filha continuavam no andar de cima.

Era melhor – era *bem* melhor, na verdade – que elas sempre vissem apenas a faceta calma e controlada do artesão de sapatos, o pai dedicado, o marido amoroso, um trabalhador digno e bom pagador de seus impostos. O típico cidadão norte-americano.

* * * *

No quarto de Victoria, o som da televisão ligada no noticiário chegava bem claro.

— Não estou com cabeça para ir a festa alguma! — declarou Victoria, ignorando o som alto, tão logo a mãe entrou no quarto e encontrou a filha jogada de bruços na cama, o semblante emburrado. — Já que papai quer *tanto* um filho, por que não adota um e me manda para o internato?

— Não fale assim do seu pai. Não me agrada. Seu pai adora você, Vic.

— Ele acha que sou uma mentirosa.

A voz de locutor de rádio de Doug Edwards estava irritando Victoria, que chacoalhou a cabeça. Com raiva do pai, acabava com raiva do programa dele

também.

— Filha... — Elizabeth sentou-se na beirada da cama e passou o braço pelos ombros de Victoria. — Ele só não está conseguindo entender. Para dizer a verdade, você sabe que eu também não. E nem mesmo você se entende, não é assim?

Victoria assentiu levemente com a cabeça, contrariada.

— Mas papai fala comigo de um jeito que me deixa brava.

— É só o jeito do seu pai. Não ligue para isso. Entretanto, além dessas sensações estranhas, dos pesadelos, vejo você mais irritada e ansiosa, também. Mais tristinha. Não é uma crítica, Vic. Só constatação. Vou marcar uma consulta, ok?

— *Fab...* — Ela resmungou. — Ótimo! Fabuloso!

Elizabeth tentou suavizar o clima e animar a garota para o programa da noite.

— Tome seu banho. Depois te ajudo com a maquiagem e os cabelos, quer?

— *Não* quero ir à festa.

— É claro que quer! — Elizabeth disparou animadamente e levantou-se da cama. — Falou nisso por semanas. Comprou um vestido incrível. Deixe de bobagem. Vamos! Vá para o banho.

— Mãããe...

— Além do mais, Carolyn já combinou que passa aqui lá pelas sete e meia da noite. Ela vai levar você, Amy e Paige. E seu pai busca as três. — Carolyn, a vizinha desde sempre, era mãe de Amy; Paige morava três quadras abaixo.

Independentemente da notícia lá embaixo, Victoria ouvia trechos espaçados, entre a voz da mãe. Mas o célere discurso do âncora continuava soando.

— Mas que televisão chata! — exclamou Victoria, com um tipo de raiva que não lhe era peculiar, batendo com as mãos na cama.

Elizabeth não ligou para o chilique e entrou no banheiro de Victoria, ligando o chuveiro. Sequer esperou resposta. Ficar em casa amuada não ia ajudar a filha em nada. Era melhor que se saísse e se divertisse.

Victoria enfiou a cabeça embaixo do travesseiro. Pelo menos o noticiário durava só quinze minutos. Douglas Edwards falou alguma coisa sobre melhorias da trilha Ho Chi Minh, no Vietnã, mas o que atiçou os ouvidos da garota foi algo sobre as Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, que estavam dando início, naquele outono, ao treinamento de soldados do Laos em técnicas de guerra não convencionais.

Era isso mesmo? Uma intervenção militar no Laos? Victoria tirou o travesseiro do rosto e sentou-se. Fora invadida por uma sensação súbita de mal-estar. Aquilo não podia ser coisa boa. Mesmo que a ação viesse com rótulo de "oferecer treinamento". Treinamento para quê? Claro que era para acabar com o Vietnã do Norte e jogar isso na cara dos russos.

Um arrepio no corpo. E se o governo dos Estados Unidos inventasse *realmente* de mandar tropas para lá? E se começassem a recrutar soldados e

caíssem de cabeça naquela guerra? O mal-estar deu lugar a uma raiva crescente. Uma raiva até desproporcional, Victoria tinha consciência disso. Mas não sabia por qual motivo.

Como o ser humano é terrível! Como é mau, inconsequente e egoísta!

Elizabeth saiu do banheiro enxugando as mãos na toalha bordada. Dirigiu-se para a janela, ajeitando as cortinas e afofando almofadas na poltrona.

— E o Jared? — A mãe perguntou, querendo mudar de assunto.

— Sei lá! — Victoria deu de ombros.

— Como assim? Vocês não se viram durante todo o verão? — O rosto de Elizabeth demonstrava surpresa. — Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada.

A imagem do jovem de dezoito anos sendo recrutado para o Vietnã, transformado em um fuzileiro ou algo do tipo, e dando adeus a ela e à família dentro de um uniforme militar... Victoria fechou os olhos rapidamente e se esforçou para tirar a ideia da cabeça.

— É que eu estou meio cansada de paquerinhas, mãe.

— Paquerinhas? — Elizabeth surpreendeu-se mais. — Não me pareceu que Jared fosse só uma paquerinha.

— Mellany disse que ele vai estar lá na festa, de modo que vamos acabar nos vendo hoje... — O rosto da garota estava tão sem entusiasmo, que Elizabeth sentiu o coração apertar. O que estava acontecendo com sua filhinha? Fora sempre tão alegre e divertida. Por que aquele abatimento todo?

— E, mãe... — Victoria acabou interpretando mal a expressão no rosto de Elizabeth. — Não precisa ficar tão preocupada. Estou bem. Mas se você estava esperando um noivado para *agora*, antes que Jared vá para Yale, esqueça. Não sou como a Mellany.

A amiga fora pedida em casamento no início do verão. Um partidão! Recém-formado advogado em Harvard e já convidado a ingressar em uma companhia importante em Washington, D.C. Eles se casariam no verão seguinte, e nem bem o anel estava no dedo de Mellany e os preparativos para o evento começaram imediatamente, a todo vapor.

— O noivo de Mellany já é mais velho. Jared vai querer se divertir na faculdade e aproveitar — acrescentou Victoria. — Que garoto ia gostar de entrar na faculdade já amarrado com uma menina da cidadezinha natal?

— Um garoto que sabe o que quer! — Elizabeth atravessou o quarto, pois tinha que voltar ao andar de baixo para servir o ensopado. — Sempre gostei muito do Jared. E sempre notei o quanto é apaixonado por você. Sem falar que vem de uma família ótima! Vocês já foram namorados.

— É, e já terminamos antes, também... duas vezes.

— Mas desta vez parecia que vocês estavam se entendendo. Estiveram juntos o verão todo! Estávamos esperando que ele lhe fizesse a proposta agora, sim. Ou acha que seu pai iria permitir tanto vaivém de um rapaz em casa, saindo com a filha dele, se não imaginasse que...

— Jared *veio* falar com papai? — Victoria interrompeu, espantada.

— Veio, sim. Logo que as férias começaram. Pediu para vê-la durante o verão, e tinha boas intenções com você, deixou claro logo de cara. Ele não lhe contou nada?

Victoria negou. Mas um sorriso surgiu em seus lábios.

— Acho que ele ficou com medo de que, se contasse, eu iria fugir dele logo na primeira semana do verão. Acho que preferiu aproveitar o tempo antes...

— Para te conquistar com cuidado. Isso não é bom? Não merece atenção de sua parte?

— Não pensei que ele achava que estávamos namorando... tipo, sério! — Victoria deu uma risada, divertida. — Jared, Jared, seu *grande* espertalhão!

— Está vendo? Pare de *assustar* os rapazes, minha filha!

— Mas, mãe, eu quero fazer uma faculdade, quero trabalhar.

Elizabeth pôs as mãos na cabeça.

— Sim, minha filha, mas não desperdice um bom partido por causa disso. Depois que se formar, Jared não voltará a Pérola do Sul. Ele vai ganhar o mundo. Sem um compromisso, quem vai ficar aqui, presa, é você.

— Claro que não! A senhora acha que eu só saio daqui se for casada, é isso? De jeito nenhum! Não preciso de marido para realizar meus sonhos. Quero ir para Nova York, quero estudar, me sustentar, quero morar sozinha por um tempo. Não faz parte de meus planos me casar tão cedo.

— Bom... se você não sente por Jared o mesmo que ele por você, é melhor esperar mesmo. Também não desejo ver você casada à força.

Victoria não respondeu.

— Agora, vá logo tomar seu banho. Carolyn disse que não se atrasaria.

A mãe saiu do quarto, ainda mais preocupada. Até pouco tempo, Victoria só falava em Jared para cá, Jared para lá, e tinha ficado encantada com o noivado de Mellany. Claro, a ideia de fazer uma faculdade no Norte sempre esteve presente no coração da menina, mas não parecia ser uma prioridade máxima. Ela curtia as fofocas, as revistas, os filmes e os passeios, como a menina travessa e comunicativa que era.

Não que a filha quisesse um noivo no momento: não. Elizabeth sabia disso. Mas como Jared viera ter aquela conversa com Mr. Milton, no início do verão, as expectativas também aumentaram. Se o rapaz não propusera o noivado, é porque Victoria deixara claro, de um jeito ou de outro, que não o queria.

Por um lado, a mãe entendia. A garota tinha expectativas próprias da idade – ainda que um pouco avançadinhas –; e misturar faculdade com casa para cuidar e marido... e filhos...

Contanto que Victoria não espere demais..., Elizabeth pensou.

Mas sabia que não era uma decisão fácil. O eterno dilema das mulheres: a carreira, ou o casamento e os filhos. Ela mesma não pudera seguir com os estudos. O pai era totalmente contra a ideia de filhas ilustradas. Arrumara bem rápido um noivo, tanto para ela quanto para as irmãs.

Mas Elizabeth, casada aos dezesseis anos, em 1939, mal convivera com o marido escolhido. Ainda viviam na Alemanha, e em 1940 ele fora mandado

para a guerra, bem como boa parte dos homens de sua família. Da dela também. A jovem esposa enviuvara rapidamente – o marido havia comemorado a Queda da França, mas perdera a vida na batalha de Stalingrado, em dezembro de 1942.

No ano seguinte, Elizabeth, uma das irmãs e a mãe delas tiveram a sorte de conseguir, naquelas alturas, simplesmente largar para trás o que tinham e cruzarem o Atlântico rumo aos Estados Unidos. Muita gente tinha saído da Alemanha. Contudo estava cada vez mais difícil. Entretanto, como fossem de família nobre, puramente ariana, o pai de Elizabeth – um Oberführer da SS, cargo de alto escalão –, ao antever o que provavelmente viria, embarcou a família. Embora ele mesmo não tenha deixado o solo alemão. Apenas uma das irmãs de Elizabeth permanecera na Alemanha. Queria esperar pelo marido. Nunca mais tiveram notícias dela.

Quanto ao pai de Elizabeth, o avô que Victoria jamais conhecera, morrera nos bombardeios em Berlim.

Era por isso, e por outras coisas que só uma mulher entende, que Elizabeth desejava que sua filha pudesse ter a chance de escolher seu futuro. Já bastava chamar-se "Victoria", nome da mãe de Elizabeth; e "Ann" – o segundo nome da mãe de Milton. Carregar o nome das duas avós era homenagem suficiente.

Victoria Ann deveria poder viver sua vida de modo como as avós, e mesmo a mãe, jamais puderam.

* * * *

O *début* estava lindo. O tema era Verão em Paris. Tudo cor-de-rosa e verde "Tiffany". Balões cor-de-rosa e verdes bem femininos amontoados, flutuando em direção ao teto, muitas flores, muitas velas cor-de-rosa, iluminação incrível e uma pista de dança quadriculada preta e branca. Marina Eston mostrava-se como o lugar perfeito, pois dali também se tinha acesso à baía do Lago Cumberland, através das enormes portas envidraçadas que davam para um jardim. Os pais da debutante queriam *mesmo* arrasar!

A noite estava agradável, só havia um vento fresco, de modo que a maioria das garotas abusava de vestidos com mangas curtas ou alças. E, óbvio, havia *petit-pois* de todas as cores e estilos. Shelley – a debutante – estava em um modelo vermelho e branco, abaixo dos joelhos, ajustado na cintura por um cinto preto. Nos pés, sapatilhas, além de óculos vermelhos de gatinha.

As melhores amigas dela usavam modelos parecidos, mas em cores diferentes. Shell não ligou, porque no meio da festa trocaria de vestido para dançar a valsa com seu pai. E *aquele* modelo era segredo, até para as amigas!

Quando Victoria entrou com Amy e Paige, ficaram um pouco perdidas na multidão. Por fim, Paige avistou Mellany, que estava perto de uma das portas do jardim, em uma roda, mostrando seu anel para quem não o vira – e também para quem já o vira. Mesmo de longe, Victoria podia ver os suspiros

das garotas.

— Mellany é uma sortuda! Foi a primeira a ficar noiva — comentou Amy, com uma pontinha de inveja.

Quando as três aproximaram-se da roda e Mellany as viu, correu em sua direção. O romântico vestido azul-celeste, super-rodado, com uma camada de tule azul aparecendo por baixo da saia principal esvoaçava em torno dela. Os cabelos pretos imitavam os penteados de Mrs. Ruth Ann Kelly. Mellany era muito linda, de um jeito especial. E sem inveja das outras. Ela cumprimentou as amigas, elogiou as roupas de todas, mas foi Victoria quem levou um cutucão nas costelas:

— *Classy chassis!* — falou Mellany, com um gritinho, olhando Victoria de cima a baixo. — Que corpão, hein! Que bom que veio! — Abraçou a amiga. — Estava achando que você não viria!

Victoria deu um sorriso.

— Não perderia por nada. — Ela esforçou-se em parecer sincera.

— Amei seu vestido, Vic! Que diferente! Não acham, meninas? — Mellany indagou com franca surpresa, e olhava para Amy e Paige sem deixar de incluir as outras que estavam antes com ela, na roda, e vinham chegando aos poucos.

— Ela está linda! — elogiou Amy com sinceridade. — Nem parece a mesma garota de hoje à tarde — disse e piscou para a amiga.

Victoria apenas abriu o belo sorriso de novo. Algumas das moças, aquelas que a conheciam menos, olhavam com inveja não só para a beleza pouco comum da recém-chegada, mas para o vestido. Um modelo pouco mais curto que o das outras, mas reto, com linhas simples e cintura marcada levemente, um pouco abaixo da linha natural. Era divertido e sensual ao mesmo tempo, todo lilás, mas com detalhes levemente geométricos em cinza-claro. O *petit-pois* preto dava um tom gracioso sobre o lilás, mas em pequenos detalhes nas mangas – bem, bem curtinhas –, e em apenas uma lateral da saia.

Em vez das sapatilhas e dos sapatos de saltinho baixo da maioria, Vic optou por uma bota branca de cano alto. Afinal, ainda estavam no Sul, e uma linda bota era sempre uma linda bota.

Usava batom rosado, leve, e olhos mais marcados que lhe davam um ar meio *dark*. O que chocou as meninas! No bom sentido, pois o cinza-claro dos olhos de Victoria parecia saltar diante delas. Porém, foi o penteado que causou mais furor. Os cabelos dourados estavam meio presos, meio soltos em uma trança lateral, longa e elegante, que vinha desde a raiz frontal dos cabelos. Victoria já vinha pensando em fazer uma trança havia dias. Mas, ao se arrumar naquela noite, ao sentar-se diante da cômoda e olhar-se ao espelho, decidiu de vez.

Por que não aproveitar? Entre as suas amigas, somente ela tinha fios longos suficientes para um penteado como aquele. A moda ditava que o comprimento das madeixas femininas deveria ser na altura do queixo ou dos ombros. Mas Victoria não dava bola para moda – não desse jeito idiota, para

ficar como uma cópia desinteressante de outras dúzias de garotas. Faria algo bem mais surpreendente.

Além do mais, Victoria lembrou, Cleópatra usava tranças muito elaboradas de vez em quando, presas em nós decorativos, ou enfeitadas com rosas naturais. E costumava borrifar pó de ouro nas tranças e até nas sobrancelhas.

— Bem, eu não vou usar rosas, nem ouro... mas *vou* usar trança!

Ela havia mesmo treinado fazê-las, várias vezes, do modo como se lembrava no sonho – é claro que não iria ao *début* com uma trancinha de cada lado, como uma pobre garota em plena conquista do Meio-Oeste, em uma carroça puxada por mulas.

Um velho colar de pérolas falsas que arrebentara, mas cujas contas ainda estavam por ali, na cômoda, serviu para enfeitar o penteado. Apenas uma ou outra pérola, presa delicadamente por linhas de costura finíssimas, que ela entremeou aos feixes de cabelo, tornando-as invisíveis. Nessas horas percebia como valia a pena o trabalhão de manter cabelos lindos e enormes! Só para ver as outras babando.

— Vire-se! — pedia Amy, admirando as pérolas. — *Fab*, Vic!

Nada de rabos de cavalo ou de se afogar em *hairspray* ou tintas de cabelo. Victoria já não aguentava ver as garotas assim. Claro que não iria dizer nada. E, olhando em torno, viu pelo menos meia dúzia de vestidos idênticos a alguns que ela mesma tinha e que nem queria usar mais.

— Que lilás sexy esse seu, meu Deus! — exclamou Mellany depois, puxando-a pela mão. Falou ao ouvido da amiga, em parte pela altura da música, em parte pela profusão de ouvidos atentos aos seus cochichos: — Jared perguntou de você.

— Preciso ao menos cumprimentar a Shell...

— Depois, *depois*! — exclamou Mellany. E a primeira noiva da turma de amigas praticamente arrastou Victoria até o outro lado do salão, para mais perto de onde um grupo grande de rapazes estava reunido, avaliando as moças ao redor.

Como que abalroados por uma onda gigante, a moda *rock'n'roll* imperava entre eles. Boa parte imitava James Dean – que apesar do fim trágico e precoce, continuava um ícone –, e a outra parte imitava Marlon Brando; o que significava que estavam todos iguais: camiseta branca, jeans justos e jaquetas de couro estilo aviador. A porção restante era totalmente Elvis, com camisa de gola aberta no peito, um blazer jogado por cima, além de muita brilhantina nos cabelos. Dava para notar que estes esperavam, incontidamente, que a banda tocasse o melhor da festa: as músicas de Presley. Já havia quem cantarolasse ou imitasse o jeito do artista dançar. *Rock'n'roll*, sim, mas com batidas de *country* e *rhythm and blues*. Afinal, Elvis era do Sul!

A banda – vinda de Nashville – estava arrasando! Trazer aqueles caras deveria ter custado uma fortuna!

Como quem não quer nada, Mellany aproximou-se da mesa principal –

toda enfeitada com o tema e as cores da festa, iluminada em um lindíssimo tom verde-azulado –, como que para mostrar alguma coisa para Victoria. O noivo dela, Paul, já esperava pela aparição e aproximou-se para cumprimentar as duas. Jared estava com ele.

Logo em seguida, Paul enlaçou a cintura de sua noiva e a puxou para a pista de dança. Tinham começado a tocar Elvis! Justiça seja feita: aqueles dois arrasavam. A animação de Mellany e seu noivo ma-ra-vi-lho-so fez com que os garotos e as garotas mais jovens formassem seus pares, em vez de só ficarem se olhando a distância. A festa estava começando para valer e prometia render o que falar por dias!

Jared estava bonito, com os cabelos escuros bem penteados para trás. Sua jaqueta marrom tinha um cheiro gostoso, de couro misturado a perfume masculino, que Victoria aspirou fundo conforme o jovem chegou perto dela.

— Uau! Muito linda! — Ele a elogiou, um sorriso no rosto, abaixando-se para dar um beijo em sua bochecha.

— Obrigada.

Jared portou-se como quem, aparentemente, não notara a falta de entusiasmo da garota nas últimas semanas, depois de todo um verão de beijinhos e amassos. Victoria sentiu-se grata por ele apenas *estar* ali, sorrindo, sem intenção de interrogá-la sobre se estaria bem. E, caso negativo, qual era o problema? Sem cobranças. Sem falatórios. Ele fez exatamente o que devia.

— *Come on snake, let's rattle!* Vamos dançar! — disse, animado, pegando a mão dela. — Você dança tão bem quanto Mellany, e eu encaro o desafio.

Victoria agora sorriu abertamente. Jared era tão *earthbound*: tão confiável. Desde que ela se lembrava, Victoria o conhecia. Ela o conhecia desde sempre. Depois de um tempo, estava rindo e animada. Os dois rodaram, pularam, fizeram todos os passos e se abraçaram. Refrigerante e ponche sem álcool era servido o tempo todo, com os acepipes, antepastos e comes da festa. Tudo uma delícia.

— Acho que já transpirei *litros*! — exclamou Victoria, abanando-se em uma pausa entre as músicas. — Espero que meu cheiro ainda o agrade.

Jared riu alto. A maioria das meninas não diria algo assim.

— "Baby, você é o *ginchiest*"! — Ele usou a gíria imortalizada por Kookie, e foi Victoria quem deu uma gargalhada.

— Adoro Kookie!

Era por isso que o rapaz gostava dela. Era espontânea, engraçada se não estivesse de mau humor. Falava o que pensava; e pensava bastante com sua mente inteligente e ágil. Sempre falava em fazer jornalismo, trabalhar no *The New York Times*, e escrever um romance nas horas vagas. Ser escritora. Era uma aspiração e tanto!

Diferente do sonho americano da maioria das moças. Que vivia em um mundo em que a maior aspiração feminina era ser bela e bem cuidada, casar-se cedo com um marido respeitado, ter vários filhos, ser uma boa mãe, cuidar

do lar, enfim... O *american way of life*.

Por um lado, Jared admirava aquela disposição em Victoria, mas era difícil conciliar os próprios sonhos com os dela. Não podia acorrentá-la, e sabia que a garota também não iria abdicar de si por ele. De modo que o que houvera entre os dois – sem contar os namoricos infantis de antes – seria relembrado, com carinho, como o verão das despedidas.

CAPÍTULO 5

O tempo passou voando. Volta e meia, Victoria percebia uns olhares de Lauren, que, mesmo fazendo o tipo vadia sensual, ainda perdia o tempo dela para encarar a outra.

De repente, era o grande momento do *début*. Shelly apareceu com o vestido de "moça", para dançar com o pai. O vestido era praticamente de uma Scarlett O'Hara moderna, branco, longo e muito rodado, com decote em formato de coração. A música não era uma valsa exatamente, mas um foxtrote ao som de Sinatra, o que agradava muito pai e filha.

— Ela está tão linda! — exclamou Victoria, enquanto a irmã de sua amiga dançava.

Logo mais todos os pares acompanharam o casal. Jared enlaçou a cintura de Victoria e rodou com ela pelo salão. Sim, ele gostava *muito* dela. Era uma pena mesmo... Mas ele precisava de uma esposa e um lar estável no futuro. Alguém para cuidar de seus filhos. Pelo menos três.

Era melhor não pensar nisso e apenas dançar. Abraçá-la e dançar. Era a última festa antes de viajar para a universidade. E, então, tudo seria diferente. A banda entrou na sessão Glenn Miller, Benny Goodman, *swing*, bolero, *folk songs*, chá-chá-chá. E *country*. Foi por causa disso que Jared simplesmente inclinou-se para a frente e beijou a parceira, enlaçando sua cintura e puxando-a para perto. Victoria correspondeu ao beijo. Era bom. Era como desaparecer em uma nuvem e não pensar. Não pensar em nada.

— *Crazy*... — ele disse, depois. E beijou Victoria de novo, por mais tempo. Os dois nem estavam mais no ritmo da música.

As mães responsáveis por patrulhar a festa, claramente distinguíveis por usarem calças *cigarrete* – para facilitar a locomoção –, blusas coloridas e cabelos presos, passavam perto o tempo todo, dando olhares na direção dos casais. Carolyn, a mãe de Amy, não tardou a se aproximar de Victoria e deu uns tapinhas no ombro dela:

— Juízo, menina! — Ela lançou um sorriso para a garota; então olhou firme para Jared: — E você se comporte, Jad. Ninguém quer arruinar a ida para a faculdade, não é mesmo?

Os dois deram risadinhas depois que Carolyn virou-se.

— *Cowabunga!* — disparou Victoria para Jared. O beijo dele era bom.

— Obrigado! — falou Jared, sem nenhuma humildade. — Vai dizer que era fã de Howdy Doody?

— De carteirinha. Até parece que você não!

— "*It's Howdy Doody Time... It's Howdy Doody Time.*" — Ele sussurrou perto

do ouvido dela o começo da musiquinha de abertura.

Victoria riu. Quem não assistiu àquele programa infantil?

— Vamos sair? — perguntou Victoria, e ele não entendeu. A garota fez um gesto com a mão na direção das portas do jardim. — *Cut out!* Sair, sair!

Dando as mãos, correram para o jardim perto da baía. Não tinha muita gente ali. Só casais de mãos dadas ou grupos de pais conversando. Estava mais friozinho, por causa do vento que vinha do lago. Mesmo assim, estava agradável, especialmente depois de se acalorarem tanto dançando. Ainda dando risada, eles caminharam pelo jardim, entre as árvores.

— Uau, como está fresquinho aqui fora — falou a menina, dando uma corrida até os deques. Foi até a ponta, e se deixou olhar a água escura, as mãos à cintura. Depois ergueu os olhos para cima. O céu estava cheio de estrelas.

Jared a alcançou e abraçou pela cintura. Eles ficaram ali, em silêncio, apenas olhando a noite. Depois, de mãos dadas, voltaram devagar.

— Me lembro de subir nessas árvores — Victoria falou, enquanto caminhava pelo deque, na direção do jardim — Mas foi há tanto tempo. A Marina não era tão grande e nem existia ainda o salão de festas.

— Eu me lembro. Aqueles famosos almoços de domingo ao ar livre! Sua mãe trazia sempre aquela torta de amora, que meu Deus... vou sentir falta disso.

Victoria deu um soquinho no braço dele, rindo.

— Apareça em casa sempre que quiser torta.

— Você subia tanto em árvores que até quebrou o braço. *Disso* eu lembro muito bem! Foi naquela ali. — Ele apontou o dedo para o carvalho gigante.

Vic sorriu diante da lembrança. Mas a árvore guardava recordações melhores do que um braço quebrado. Jared sabia disso. Os dois foram caminhando na direção do carvalho antigo, instintivamente. Ladeado por outras árvores, ele era o mais majestoso. A garota o contornou e ergueu os olhos para o galho, agora meio escondido pela folhagem, de onde caíra. Quase uma década antes.

— Foi uma confusão. — Victoria lembrou-se, de modo nostálgico. — Você foi o único que não gritou, nem saiu correndo, mas me ajudou a levantar e me levou até meus pais.

— E como você chorava!

— Também! Mas você conseguiu me acalmar um pouco. Senti que alguém estava tomando conta de mim até encontrarmos minha mãe. — Victoria olhou para Jared com o que poderia ser gratidão. — Você sempre cuidava de mim. Não sei como aguentava! Uma pirralha atrás de você o tempo todo.

— Brincamos tanto, não foi? Você era que nem um moleque, igual aos outros com quem eu brincava. E, se precisasse, batia em quem não a respeitasse.

Victoria inclinou a cabeça para trás, em uma risada solta.

— E não é mesmo? Eu era bravinha, né?

Ele a olhou, como quem diz: "Era?". Victoria riu solto de novo.

— E hoje estamos aqui, no mesmo lugar... — comentou Jared. Olhou nos olhos dela. — Quem sabe onde estaremos amanhã?

Jared empurrou o corpo de Victoria de leve contra o tronco da árvore, pressionando-o com o seu.

— Você sabe que eu quero você? — brincou; uma das mãos colocou uma mecha solta da trança atrás da orelha de Victoria. — Será que consegui deixar isso claro? — E de novo a beijou, mais fundo. Victoria enroscou os dedos na gola da jaqueta dele, puxando-o ainda mais perto. Mas depois, caindo em si, ela se esquivou um pouquinho.

— Eu sei, Jared, de suas intenções... e pensei a respeito. Mas sua vida já está feita. Não sei se me encaixo nela.

— Você é muito mais que uma *dolly* para mim, uma garota fofa com quem passar um verão...

Victoria olhou para ele. Não queria falar daquilo. Jared entendeu o recado; o que eles tinham era somente o agora. Aquele tinha sido mesmo um verão e uma festa para se despedirem. Jared entendia. Inclinou-se para ela de novo; seu primeiro amor. Beijou-a devagarinho, com gentileza, porém de modo apaixonado. Victoria sentiu a mudança e correspondeu do mesmo jeito. Mas então...

A garota interrompeu o beijo repentinamente, com um estremecimento do corpo. Jared ficou espantado:

— Que foi? — disse e rapidamente olhou para trás, por cima do próprio ombro, imaginando se alguém teria aparecido. Um *pai*, quem sabe.

Victoria continuava segurando a gola do rapaz, mas agora não era com desejo. Estremecia. Olhava para o lado, perscrutando as árvores que iam além do carvalho, descendo para o outro lado da baía, onde se ancoravam os barcos.

— Você *viu* aquilo? — Ela indagou. Até sua voz soava diferente.

O jovem olhou de novo para trás, as mãos ainda apoiadas na cintura dela. Depois para o meio das árvores.

— O quê? O que você viu lá?

Victoria ficou em silêncio por um instante. Então, devagar, afastou-se dele, olhos fitos no outro lado do jardim, além do carvalho gigante. Jared veio atrás e postou-se ao lado dela.

— Ele está ali — A voz dela era de temor. A garota cruzou os braços sobre o peito, tentando reter o calor do corpo, que parecia esvair-se rapidamente. — Não é possível... Não é possível...

Jared continuava sem entender. Intrigado, olhava de Victoria para as árvores e das árvores para Victoria, tentando saber o que assustava a garota com tanta intensidade. Colocou o braço sobre os ombros dela, em uma posição de proteção.

— Vic, apenas me diga: quem está ali? — Ele estreitava os olhos, erguia o pescoço e olhava melhor. — Não estou vendo ning...

— *Shh!* Escute.

Silêncio. Jared ficou calado, embora não conseguisse ver ou ouvir nada. Pelo menos, nada que pudesse causar aquela reação. Especialmente porque a música ainda se sobressaía a qualquer som.

— Está *ouvindo*? — Victoria segurou a mão que Jared tinha pousado sobre seu ombro. Parecia ainda mais assustada. Murmurava, meio que de si para si: — Antes ele só me observava de longe. Nunca tinha escutado nenhum som ou palavra...

Então Victoria calou-se e ficou à escuta novamente.

— Mas *quem* tem te observado? — O tom de Jared ficou grave.

— *Shh*, Jared! — Victoria tinha os olhos arregalados e deu um passo para trás.

Jared estava ficando assustado também, não porque houvesse sinal de perigo, mas porque a garota parecia muito alterada, sem motivo aparente. Segurou a mão dela.

— Calma, Vic... Eu vou até lá ver se tem alguém, ok?

— Não! — gritou e segurou o braço dele com as duas mãos. — Não vai lá.

— Por quê? Está tudo bem.

De repente, Victoria voltou a ficar muito quieta, olhando fixo naquele ponto no meio das árvores. Largou o braço de Jared sem perceber.

— Eu entendi... — Ela sussurrou. — Mas então por que você não me conta agora?

— Contar o que, Vic? — Jared tentou abraçá-la, mas Victoria esquivou-se.

— Você não quer me contar... — Ela repetiu, como se houvesse alguém lá adiante para escutá-la. O medo misturou-se com desespero. — Não quer! Você não quer falar!

— Contar *o quê*? — insistiu Jared. Não queria acreditar que aquilo era mesmo o que estava parecendo. Ele a chacoalhou pelos ombros, de leve, mas falou com firmeza: — Victoria. Olha para mim!

Ela olhou para Jared, porém com olhos que pareciam vê-lo só em parte.

— Não é você! É ele! Ele está lá. Só quer me torturar! — Victoria estava muito perto de entrar em pânico. — Por quê? — gritou para as árvores. — O que foi que eu te fiz?

— Você não fez nada, Vic, pelo amor de Deus... não tem nada lá. Eu vou te levar para dentro e depois vou lá olhar, certo?

— Não! *Não!* É perigoso, Jared! — Victoria começou a respirar muito rápido, e o rapaz sentiu as mãos dela frias ao segurar as dele, pegajosas de suor frio. — Ai, meu Deus! — Victoria sentia como se fosse perder o controle. Era por causa do medo, por causa *daquilo* lá!

Os lábios começaram a formigar; o coração deu um pulo até a garganta e ficou ali, pulsando contra ela. A garganta parecia que ia se fechar.

— Não consigo respirar! — Victoria agitava-se, punha a mão no pescoço e puxava o ar.

— Calma! Respire devagar, Vic. Devagar.

Não adiantava. Jared olhou em volta, procurando alguém para mandar pedir ajuda. Ele não podia sair dali. Victoria estava branca como a lua e tremia, o corpo se agitando em espasmos; volta e meia, ainda gritava para as árvores:

— Me *conta*! Fala o que é! — Ela sentia que estava a ponto de chorar de medo, mas de raiva também.

Uma onda de tontura chocou-se contra ela, um vergalhão que fez os joelhos de Victoria fraquejarem, e o estômago contraiu-se com força. A menina não vomitou por pouco. Mas parecia que o mundo todo rodava. Sentiu que Jared a amparou contra o próprio corpo, e continuava tentando acalmá-la. No entanto, Victoria não conseguia prestar atenção ao que ele dizia. Agora suas mãos e o rosto também formigavam. Vic continuava puxando o ar sofregamente para os pulmões, mas parecia que ia sufocar ali mesmo, e morrer. A sensação de uma tragédia iminente apoderou-se de Victoria de tal forma que sua cabeça pendeu para trás.

Vou desmaiar, Victoria pensou. *Vou mesmo desm...*

— Victoria! Vic? Você está bem? — A voz dele parecia vir de longe.

Jared segurou a garota e a tomou nos braços, carregando-a. Victoria não estava realmente desmaiada, pois sentiu que ele a levava, ainda chamando seu nome. Mas sua cabeça rodava demais. Estava zonza e enjoada e com frio e *medo*...

— Victoria? *Vic!*

— Não consigo... respirar... — Ela tentou explicar, em um murmúrio. Mas não conseguia falar direito. Tudo que Victoria queria era que o ar entrasse dentro dela, e falar atrapalhava esse processo.

— Mas você *está* respirando. Não se preocupe. Respire mais devagar.

A lembrança de Cleópatra morrendo invadiu a memória de Victoria e tudo se tornou em puro pavor. Ela gemia baixinho. Sua cabeça apenas pendeu de encontro ao peito de Jared. Por algum tempo. Ela não sabia quanto tempo, porque tudo se perdeu, se misturou. A festa, a música, as vozes.

A garota só queria sair dali, para longe daquela *coisa*, então afundou o rosto contra Jared, e não se mexeu, exceto pelos tremores involuntários que ainda chacoalhavam seu corpo.

* * * *

Havia luzes fortes contra seu rosto, e vozes que falavam em torno dela.

— Vic parecia estar fora da realidade. — Essa voz era de Jared, aflito, tentando explicar. — Ela estava com muito, muito medo mesmo. Em pânico, na verdade! Transpirando, tremendo. Respirando rápido.

Victoria não queria escutar aquilo e se encolheu toda.

— Olha, ela está acordando. — Essa voz não era conhecida. Mas em seguida o braço da garota foi apertado por um manguito; provavelmente um aparelho de pressão.

Talvez tivesse sido trazida para a enfermaria da Marina, ou alguém havia chamado um médico, os bombeiros, ou sei lá! Ela não sabia. E nem se importava. Perguntaram como se sentia, e lhe estenderam um copo de água e um comprimido para tomar. Victoria obedeceu.

Uma manta fora colocada sobre seu corpo, entretanto, Victoria ainda sentia frio. Respondeu às perguntas do médico, mas tudo em que conseguia pensar era *nele*... e no que lhe dissera. Nunca tinha ouvido sua voz. Era grave, antiga e feroz. Mas isso ela não iria contar a ninguém.

Manteve os olhos fechados mesmo quando as sensações ruins começaram a melhorar. Devia ser efeito do comprimido. Pouco a pouco ela se sentia mais relaxada.

* * * *

Victoria ouviu a voz da mãe, vinda do corredor adjacente à sala em que ela estava. Elizabeth abriu a porta, apressada, o rosto preocupado. Victoria abriu os olhos e contemplou o semblante lívido da mãe.

— Minha filha... — Ela inclinou-se sobre Victoria, beijando-a no rosto. — Como você está? O que aconteceu?

Victoria meneou a cabeça em uma forte negativa. Não queria falar sobre aquilo. Se a mãe estivesse muito curiosa, que perguntasse a Jared ou ao médico.

— Onde estou? — Foi tudo o que a menina perguntou.

— Na enfermaria da Marina.

Victoria ouviu Mr. Milton falando com outro homem, na antessala da enfermaria. Provavelmente era o médico. Volta e meia ouvia a voz de Jared com eles. O rapaz saiu assim que a mãe da jovem chegou.

Entendendo que a filha não queria falar, Elizabeth abriu um guardanapo, tirando de dentro um sanduíche de presunto feito às pressas e uma garrafa térmica com café preto e forte. Haviam sido informados, em casa, de que a filha tinha passado mal na festa e desmaiado.

— Sente-se, Vic... — pediu a mãe. — É melhor comer alguma coisa.

Victoria sentiu braços que a ampararam pelos ombros, ajudando-a, e só então notou a presença de Amy e Mellany atrás da maca, juntas e quietas. Envergonhada, Victoria nem sabia o que dizer. Aceitou o sanduíche, mas apenas algumas mordidas deixaram seu estômago prestes a explodir. O café, porém, ajudou a desanuviar a cabeça.

Então Victoria voltou-se para as amigas.

— Mellany... você está perdendo a festa da sua irmã e a companhia de seu noivo, que já vai viajar... me desculpe. Já estou melhor.

— Não seja boba! — A amiga respondeu, com carinho. — Só queremos ver você bem.

Amy aproximou-se, segurando a mão de Victoria.

— Ficamos muito preocupadas. Jared estava tão... desconcertado...

Mellany deu um cutucão nas costelas de Amy, que fechou a boca. Mas Victoria entendeu e concluiu:

— Eu sei. A essa altura ele deve estar pensando que sou completamente lunática.

— Não diga uma coisa dessas — aparteou Elizabeth, postada como um cão de guarda aos pés da cama. — O médico disse que você teve uma crise de ansiedade — explicou.

Seja lá o que isso queria dizer, pensou Victoria.

— Você se alimentou direito hoje, minha filha? — A mãe olhava para a maior parte do sanduíche largada no colo de Victoria.

Victoria assentiu.

— E durante a festa? O médico disse que talvez o açúcar no seu sangue tenha caído... e essa baixa tenha desencadeado os primeiros sintomas desconfortáveis, que acabaram terminando na crise de ansiedade.

— Foi o que o médico disse?

— Sim! — declarou Amy. — Você não tem com o que se preocupar, sabe. Não quer dizer que vá acontecer de nov...

Novo cutucão de Mellany, mais forte. Ela olhou na direção de Amy com olhos ferozes. Victoria notou, outra vez, mas fez que não. Sabia que Amy tinha boa intenção, queria tranquilizá-la; só lhe faltava um pouco de traquejo. Quando a amiga ficava nervosa, sempre dizia bobagens. Essa era Amy. Estava tudo bem.

Alguém bateu à porta. Em seguida, Mr. Milton entrou, olhando para a filha com atenção.

— Está melhor? — indagou, perscrutando o rosto da garota.

— Estou, pai. Me deram um remédio e já está tudo bem.

— Quem bom. Fico contente. Quando estiver pronta, poderemos ir.

— Ah, você não vai mais ficar na festa? — reclamou Amy.

— Acho que nem você, Amy. Está quase no horário combinado. Vamos levar você e Paige para casa — falou Mr. Milton.

Amy murchou. Mellany atreveu-se a interferir.

— Está muito cedo ainda, Mr. Milton... Deixe as meninas ficarem, por favor. Paul, meu noivo, pode levá-las mais tarde.

— Isso depende dos pais delas.

Mellany virou-se rápido para Amy.

— Tem um telefone aí fora. Ligue para os seus pais. Vão cortar o bolo já, já!

— Tá!

Amy saiu em uma corridinha.

— E você? — Mellany voltou-se para Victoria, ajeitando os cabelos dela com suavidade. A linda trança estava meio desmontada. — Vai mesmo embora? Podemos arrumar seu penteado, e depois Paul leva você também.

— Não — interceptou Mr. Milton. — Victoria precisa descansar. Tomou um calmante e vai ficar sonolenta. É hora de irmos.

— E onde está o médico? — Fez Elizabeth.

— O médico já me deu uma receita e as instruções para Victoria.

Assim, Victoria apoiou o restante do sanduíche ao lado do travesseiro, e se levantou com a ajuda da mãe e de Mellany. Ainda estava com as botas calçadas. Mas o vestido, ela notou, estava amassado.

— E Jared? — Victoria perguntou. — Ele deve ter tomado um susto e tanto.

— Está aí fora, esperando para ter notícias de você... — comentou Elizabeth, com um olhar significativo que a filha preferiu ignorar. Ela e Jared não teriam um futuro juntos. O que não invalidava o carinho que sentia pelo rapaz, nem tornava mais agradável o sentimento, parecido com o luto, que invadiu seu coração.

Mr. Milton abriu a porta da sala e saiu na frente. Apertou a mão do médico, depois a de Jared.

— Meus pais me deixaram ficar! — Amy veio correndo pelo corredor. — Vão avisar os pais de Paige.

— Então, espero vocês no carro — disse Mr. Milton para a esposa e a filha.

— Vou com você! — aparteou Elizabeth. — As meninas acompanham Victoria. Está tão frio e, nessa correria, saí sem casaco.

Desculpa esfarrapada. Não estava tão frio assim. Era por causa de Jared, que se aproximou de Victoria, olhando-a nos olhos, ainda preocupado. Mellany e Amy disseram que esperariam a amiga na recepção da enfermaria, e saíram atrás dos pais dela.

O médico despediu-se com um aperto de mão, e disse:

— Coma bem, durma bem, certo? E se poupe de muita atividade física nesses dias. Procure descansar. Se precisar, pode tomar os calmantes que receitei. E se isso acontecer de novo procure o seu médico.

Victoria assentiu. E, uma vez sozinhos no corredor, Jared abraçou Victoria forte por um tempo, quieto.

— Que bom que melhorou... — falou, por fim.

— Obrigada, Jad — Victoria respondeu, com sinceridade. — Por tudo. É sério!

Ele entendeu que o "tudo" não se referia apenas àquela noite. Jared então se inclinou, e ia dar um beijo nela, mas Victoria se afastou.

— Não gosto de despedidas, Jad. Antes de viajar, apenas... me ligue. Sempre serei sua amiga, se quiser ser meu amigo.

Ela foi caminhando pelo corredor, sozinha. Antes de sair rumo ao jardim, olhou por cima do ombro, com um sorriso:

— E se quiser torta de amora... já sabe, né?

Jared sorriu de volta. Um sorriso meio triste. Mas assentiu, enfiando as mãos dentro dos bolsos da calça.

* * * *

Chegando em casa, Victoria sentia-se um pouco sonolenta, de fato. Mas *precisava* tomar um banho quente antes de se deitar. Havia transpirado tanto ao dançar a noite toda, e depois aquela crise de ansiedade terminara o serviço ao encharcá-la novamente com suor frio.

— Quer tomar um pouco de *minestrone*? — perguntou a mãe. — Fiz para o jantar. Está muito gostoso.

— Ah, mãe, acho que não. Só aquele sanduíche me deixou entupida.

Elizabeth deixou passar a expressão inadequada; não era hora de aulas de boas maneiras.

— O médico disse a seu pai que era para você se alimentar direito. Está muito magra.

— Eu sei. Ele me disse isso também. Mas não estou com fome.

— Depois do banho, então. Só um pouquinho.

Victoria fez que sim com a cabeça e subiu para o quarto. O abajur ao lado da cama e o abajur próximo à poltrona estavam acesos. Ela entrou no *closet* sem se dar o trabalho de ligar a luz, abriu o zíper do vestido e, ao passar pela banqueta no centro do aposento, o largou ali; depois arremessou as botas longe.

Passou para o seu banheiro, e lá acendeu somente a luz sobre a pia, como gostava de fazer. Ficava uma leve penumbra no recinto, que ela sempre associara à sensação de quietude e paz.

Victoria tirou a lingerie e a colocou no cesto. Abriu o chuveiro, ajustou a temperatura. Então ficou diante da bancada cheia de produtos de beleza, caixas, frascos de perfume e um jarro com algumas gérberas. Mesmo que fosse mais gostoso um banho de imersão, a jovem estava sem paciência de encher a banheira naquele momento, e sem vontade de esperar. Só queria sentir a água lavando os resquícios daquela noite.

Desfez o que restava da trança, literalmente arrancando os fiozinhos com as pérolas que, agora, só sabiam se enroscar. Pegou seu frasco de demaquilante, jogou uma boa quantidade em um algodão e pôs-se a limpar a maquiagem dos olhos. Enquanto fazia isso, foi entrando no chuveiro.

A água bateu contra as costas, o pescoço e os ombros. Que alívio! Victoria terminou de limpar os olhos e arremessou o algodão cheio de sombra escura e rímel preto no cestinho de lixo, por cima da porta do boxe. Ela sempre acertava.

Mas agora, depois de tudo, e com um calmante circulando no sangue e na mente, Victoria errou o alvo.

— Porcaria... Estou mesmo um trapo.

Ela deixou a água escorrer então pelo rosto e pelos cabelos. Não havia sensação melhor do que aquela na *vida*. Ficou ali debaixo d'água por um tempo, a cabeça ora abaixada, ora erguida direto para a água acima. Só depois pegou o shampoo. Lavou os cabelos muito bem, duas vezes, depois deixou o creme rinse agir no terço final dos fios até as pontas. Pegou o sabonete perfumado e começou a se lavar.

Suspirou fundo, sentindo dor no peito. Vai ver era resquício de tanta tensão. A garota só lamentou não poder lavar a lembrança daquilo... *Dele!* E até se encolheu ao relembrar do tom daquela voz. Mesmo debaixo da água quente, sentiu um calafrio percorrer a espinha.

Aquilo tudo estava cada vez mais estranho. Mais assustador. Victoria tinha certeza de que a sua taxa de açúcar no sangue estivera ótima a noite toda. Só o tanto que tomara daquele ponche de frutas! Não... Ela tinha açúcar de sobra.

O que a deixara em pânico fora *aquilo*. Tê-lo visto, ao passo que Jared não vira coisa alguma. Tê-lo *ouvido*... quando Jared também não ouvira nada. Novo calafrio. A voz... Victoria a ouvira *tão* claramente. E o mais apavorante: ainda que o vulto estivesse ao longe, indefinível, as palavras soaram *pertinho* do seu ouvido. Como se ele sussurrasse só para ela. E o timbre! Tinha alguma coisa nele... que não parecia humano.

Victoria enxaguou o creme rinse e penteou os fios apressadamente por puro nervosismo. *Tinha* que parar de pensar naquilo!

Mas não conseguia. Desde que voltara à razão, ainda na enfermaria, continuavam latejando na cabeça as palavras que ouvira. E por cuja resposta ela praticamente implorara!

Victoria pegou a escova de dentes que ficava dentro do boxe, no suporte, e escovou os dentes com força. Sua gengiva até sangrou. Ela não tinha explicação para o que ocorrera, para nada do que *vinha ocorrendo*, e o pior! Para quem contaria tais coisas? Não havia ninguém.

Mesmo sua mãe... Ela ficaria apavorada. Por causa dos pesadelos, da sensação que a filha referia, de sentir-se vigiada, e Elizabeth já queria chamar o doutor Schiller. Se a garota contasse que ouviu uma voz... Melhor não.

Ao acabar de se banhar, Victoria ainda ficou no chuveiro, observando a água correndo rápida pelos ladrilhos lisos, escoando pelo ralo. Fez força para não chorar. Estava com medo. Medo de vê-lo, medo de lhe sentir a presença – como acontecera no lago naquela mesma tarde! E muito, *muito* medo de ouvi-lo. Medo de que aparecesse no quarto. Ou de que ela tivesse um pesadelo com ele... dizendo, mais uma vez...

"Tenho uma surpresa para te contar..."

Victoria fechou os olhos. Não queria chorar. Por que ele não contava logo? Por que se recusou a *dizer*?

Além disso, aquela frase estava repleta de promessas terríveis. Primeiro, dava a entender a continuidade das aparições, já que havia algo a ser revelado. E, segundo... que espécie de "surpresa" poderia haver, *meu Deus do Céu*, ainda mais vinda de... de quem?

De alguém que não existia, ou que existia? As duas hipóteses eram péssimas.

Victoria fechou a torneira do banho com força demais. Pegou a toalha, enxugou-se, envolveu o corpo no roupão felpudo cor-de-rosa e apanhou a escova de cabelos. Passou a mão no espelho sobre a pia para retirar a umidade

vaporizada sobre ele, e começou a desembaraçar os fios. Estava quase terminando. Ela notou como o rosto ainda parecia pálido, apesar do banho quente.

Tudo estava quieto agora. Nem mesmo os sons da parte inferior da casa chegavam aos seus ouvidos, nem mesmo o familiar pio de corujas ou gansos grasnando ao longe. Ela aproximou o rosto do espelho para ver se restara qualquer resquício de maquiagem antes de descer. Tinha que tentar tomar um pouco do *minestrone*.

Mas, enquanto se debruçava para perto do espelho, algo chamou sua atenção. Atrás dela. Por puro instinto, Victoria não se virou, só ergueu a vista e observou o reflexo no espelho: havia um movimento pequeno, um dançar de luz e sombra no *closet* escuro.

Naturalmente porque a janela do quarto ainda estaria aberta. E, é claro, o vento jogaria as cortinas para perto do abajur, e as sombras se moveriam.

Victoria ficou congelada no lugar. E, em míseros instantes, ainda pelo reflexo no espelho, ela *viu* uma sombra. Que não deveria estar ali. Uma sombra grande demais, parada ali, no *closet* apagado. Em segundos, parecia-lhe que aquela sombra tomava forma, e tinha um rosto... Não exatamente humano; e os olhos naquele rosto a encaravam, olhavam direto nos seus olhos... Através do espelho.

Victoria continuou paralisada, não mexeu um único músculo. Apenas o coração continuou batendo, tão alto. Sua respiração falhou, ela prendeu o fôlego. Aquele olhar pareceu durar uma eternidade.

Um sussurro dentro da mente, um fiapo de lembrança.

"Anúbis?"

No mesmo ouvido, Victoria discerniu perfeitamente a voz. A mesma voz do *début*.

"Tenho uma surpresa para você: está chegando a hora. O relógio despertou de novo. Prepare-se, pois vou destruir tudo o que lhe é importante!"

Gritos. Gritos tão altos que doeram nos ouvidos da garota! Era ela mesma gritando. Deu passos cambaleantes para trás até bater em uma das paredes do banheiro, e escorrer por ela até o chão.

Foi o pai quem a encontrou, sentada ali. O rosto era um borrão de terror.

* * * *

O doutor Schiller foi chamado às pressas. Entrou na casa carregando sua maleta preta e os cabelos, brancos nas têmporas, estavam um tanto desalinhados.

Victoria tinha se acalmado, mas não muito. Estava no quarto, com a mãe, e tentava tomar o chá de erva-cidreira, porém as mãos tremiam e seu estômago estava prestes a rejeitá-lo.

— Não adianta fazermos perguntas. Ela não diz nada e, quando diz, não faz sentido! — Foi Mr. Milton quem, entre irritado e preocupado, recebeu o

médico e explicou o que ocorria, a começar pela festa. Ou melhor, a começar pela ida ao lago naquela tarde. Melhor ainda: a começar pelos pesadelos e sensações bizarras. — Ela já tomou um calmante hoje, Schiller — finalizou Mr. Milton, ainda na sala de visitas. — E, agora, estava aos berros. Parece que viu um vulto. Mas não há nada. Não sei o que pensar, porque não é a primeira vez.

O pai até sabia o que pensar. Imaginava. Mas era melhor deixar o médico dar sua própria opinião.

— Vamos vê-la — disse o doutor.

CAPÍTULO 6

No quarto, Elizabeth foi a primeira a falar. Sentada na cama ao lado da filha, ela contou, de novo, sobre os pesadelos, que Victoria acordava gritando, suada, o coração saindo pela boca, mas pouco falava sobre o que sonhara.

— Às vezes, doutor Schiller, acho que Victoria anda mais assustada. Olha muito para os lados, como se houvesse algo ou alguém à espreita.

Victoria olhou para a mãe. Elizabeth jamais dissera isso daquele modo.

— Às vezes ela diz que se sente observada, e isso a assusta muito. Vejo minha filha mais irritada também. Um pouco triste. — Olhou na direção de Victoria. — Angustiada, eu acho. Mais sonolenta. Sem vontade de fazer as coisas que normalmente faria, como procurar as amigas e estar com elas.

Desta vez Victoria se surpreendeu. Ela não achava que a mãe estivesse reparando com tanta atenção. O médico escutou tudo, fez perguntas, esmiuçou os sintomas. Examinou a jovem. Por fim, indagou sobre a saúde dela de modo geral.

— Pois muito bem, mocinha! — Ele disse, ao colocar o estetoscópio e o termômetro na maleta. — Não há nada de errado com o seu corpo, neste momento. Parece-me bem saudável fisicamente. Isso é bom! Vou agora conversar com seus pais lá embaixo para que você possa descansar. Deixarei com eles as receitas e explicarei todos os cuidados necessários para que você fique bem. — Ele sorriu para a garota que conhecia desde bebê. — Quanto a você, deve dormir. Nada como um novo dia, não é mesmo? Não se preocupe, é só uma fase, querida. Vai passar. — O doutor Schiller foi pegando dentro da maleta material para aplicar uma injeção.

— Vou aplicar meia ampola, apenas, pois ela já tomou calmante essa noite — explicou aos pais.

— O que vai dar? — Quis saber Mr. Milton.

— Pentothal. É um barbitúrico. Fará com que ela se sinta relaxada e durma bem melhor.

Após a aplicação, o médico ficou por ali, jogando conversa fora e observando as reações da paciente. Verificando que ela estava bem, já um pouco sonolenta, respirando com tranquilidade, sem náuseas, dores ou qualquer reação alérgica, ele tirou a pressão dela mais uma vez.

— Tudo em ordem — declarou. Guardou o aparelho de pressão na maleta e foi saindo do quarto, fazendo sinal aos pais para acompanhá-lo.

— Sua mãe já volta, tá? — falou o doutor Schiller a Victoria, um pouco mais alto do que o normal. — Quero apenas conversar com seus pais.

Victoria não teve forças para perguntar o que ele achava que ela tinha.

* * * *

— Veja bem, Mr. Milton... sou pediatra. — O doutor Schiller falava olhando para o pai da paciente, e uma xícara de chá providenciada pela mãe soltava vapor à sua frente. — Mas procure me manter informado. Mesmo assim, é claro que não posso fechar nenhum diagnóstico com base em uma consulta.

— O senhor aceita um pedaço de bolo? — perguntou Elizabeth, desenxabida com a situação da filha, mas prezando pela hospitalidade.

— Obrigado, *ma'am*. Aceito.

Enquanto Elizabeth providenciava o bolo, o médico continuou sentado à mesa da cozinha, mãos juntas sobre ela, encarando o semblante sério de Mr. Milton.

— Se o que houve hoje fosse um episódio isolado, eu ficaria com a hipótese de uma hipoglicemia seguida por crise de ansiedade. Mas, avaliando o conjunto e levando em consideração tudo que me relataram... não seria interessante uma consulta com um psiquiatra?

— Psiquiatra? — Elizabeth franziu a testa, a faca do bolo esquecida na mão. Do jeito como a mãe da paciente estava, sem maquiagem e com uma touca de dormir esquecida na cabeça, parecia ainda mais jovem.

— Já ouviram falar em conversão histérica?

Os pais ficaram olhando para o médico, calados.

— Os sintomas que Victoria apresentou hoje na festa podem ter sido, sim, uma crise de ansiedade. Repito isso. E ponto. Pode nunca mais acontecer. Por outro lado, verifico que há uma série de pequenos episódios recorrentes acontecendo com a menina. Não sei se já ouviram falar em Breuer ou Freud, mas, segundo eles, os sintomas histéricos ocorrem quando a paciente retém ou bloqueia, geralmente de forma inconsciente, algum processo mental carregado de emoção.

— O que quer dizer? — perguntou novamente a mãe, ansiosa, apoiando o prato com o bolo diante do médico.

— Essa intensa carga emocional estrangulada, impossibilitada de exprimir-se pelas vias normais, acaba somatizando. Significa que os sintomas emocionais criam sintomas *físicos*, que se descarregam no corpo da paciente, sem controle e culminam em crises que podem ser violentas...

— Mas então ela está inventando os sintomas? — murmurou Elizabeth. — Acho impossível.

— Não me entenda mal. Victoria os sente plenamente. Na verdade, os sintomas da histeria são chamados de conversão, e a conversão é justamente a transformação de um sintoma emocional em físico. É isso que quero enfatizar: a *origem* dos sintomas físicos é emocional. Uma dor emocional.

— Mas de que sintomas emocionais o senhor está falando? — perguntou o pai, um pouco carrancudo.

— Bem, Milton, isso eu não tenho como dizer. Mas, em geral, eles

decorrem de desejos inconscientes, ou de lembranças sepultadas no passado, que foram vividas como estresses ou traumas psíquicos. Os psicanalistas que mencionei acreditam tratar-se de coisas vindas de um passado muito remoto. Entretanto – o médico foi mais cauteloso, tomando um gole de chá e cortando calmamente um pedaço do bolo – Freud percebeu que a questão da sexualidade estava presente na maioria das suas pacientes tratadas. Uma sexualidade reprimida fortemente, ou condenada, ou relacionada a ideias perturbadoras.

— Minha filha não tem traumas, doutor Schiller — falou Milton John, secamente. — Muito menos ideias sexuais reprimidas. Isso é um absurdo.

O médico foi sábio em não retrucar. Apenas continuou:

— Bem, vamos chamar genericamente de estresse emocional, seja de onde ou o que for. Pode mostrar-se como algo irrelevante para você, Milton, que é um homem experiente e adulto. Mas isso não isenta Victoria de ter vivido, sim, experiências que ela entendeu como muito negativas. E cujas reminiscências, perturbadoras ou embaraçosas, ficaram trancafiadas tão fundo, que ela sequer tem consciência. Mas que podem estar contribuindo para o quadro atual. — O doutor comeu mais bolo. — É apenas uma possibilidade, claro, e não um diagnóstico.

— Por que Vic simplesmente não nos conta, então? Por que não diz o que a incomoda?

— Porque ela não se lembra, Liz — aparteou Mr. Milton, novamente. — Ele acabou de dizer isso. Baseado no tal Freud, não é mesmo? Daí a ser realmente verdade, temos um longo caminho.

Elizabeth tinha dificuldade para entender aqueles conceitos. Era difícil compreender como questões da mente tinham poder de interferir na saúde física de alguém.

— Freud notou que pensamentos perturbadores ou desejos conflituosos, reprimidos ou mantidos inconscientes — respondeu o doutor Schiller, ao comentário do pai —, ainda assim podiam causar fortes sentimentos de culpa e ansiedade intensa nas pacientes. Vocês me disseram que Victoria tem pesadelos. Essa pode ser uma forma de aliviar os sintomas psíquicos. Mas, pelo visto, não está sendo suficiente. Então, essa energia negativa "se acumula", porque as pacientes não conseguem elaborar esses traumas. Então, quando temos um "gatilho", a crise acontece. É uma crise sem causa orgânica conhecida.

— Gatilho? — indagou Elizabeth, a tez pálida.

— Algum fator desencadeante. Pode ser qualquer coisa. Nem sempre a paciente encontra lógica na relação entre causa e efeito. Na verdade, suspeita-se que as pacientes histéricas estão "divididas" em duas partes. Uma é o "eu consciente e moral", a Victoria de sempre, que vive em sociedade e se comporta adequadamente. A outra Victoria é, realmente, "*alguma outra coisa*", problemática, irracional, instintiva e que precisa ser contida de alguma forma. A sensação de sufocação, os acessos dramáticos,

dormências, desmaios, incapacidades repentinas de falar ou de ingerir alimentos, audição prejudicada, vômitos. Victoria apresentou, em maior ou menor grau, alguns dos sintomas clássicos da histeria. Sem querer alarmá-los, afinal é meu dever orientá-los, a histeria, quando grave, pode mostrar-se até com paralisias de membros, cegueiras temporárias, convulsões, contorções do corpo que podem ser tão sérias a ponto de causar prejuízos motores.

Elizabeth estava apavorada.

— E o que devemos fazer?

— Como eu disse, por ora deixem que ela descanse. Deem o calmante à noite, para dormir melhor, por alguns dias. Por sinal... — O doutor Schiller abriu sua maleta a fim de selecionar dois comprimidos vermelhos, que entregou à mãe. — Um amanhã à noite e outro na próxima. É Seconal. Farei a receita para que possam mandar o farmacêutico aviar o medicamento. Ela só deve tomar sob supervisão, em caso de necessidade real.

Elizabeth pegou as duas cápsulas, olhando-as antes de guardar dentro de um pequeno pote no armário alto da cozinha.

— Se o problema continuar, procurem um bom psiquiatra. A psicanálise tem por objetivo tornar consciente aquilo que está inconsciente e, assim, tentar atingir a cura. — Ele terminou o chá e o bolo. — Delicioso, Mrs. Elizabeth. — E muito importante: mesmo se tratando de minha opinião pessoal, aconselho vocês a evitar dizer coisas do tipo "Isso é frescura" ou "É só coisa da sua cabeça", ou condená-la de qualquer forma. O sofrimento psicológico de Victoria é real, e diminuí-lo, por não o entendermos, é uma forma muito cruel de boicotar a melhora.

— Doutor... — murmurou Elizabeth, cansada. — Notei que o senhor se referiu a "pacientes femininas" o tempo todo. Mulheres. Estou certa ou foi só força de expressão, já que Victoria é uma garota?

— Sim, você está certa. A histeria tem sido relatada basicamente como uma doença feminina.

— E quanto às aulas? — O pai foi mais prático. — Começam segunda-feira.

— Farei um atestado. Talvez fosse bom que a menina mudasse de ares um pouco, antes de começar o ano letivo. Se ela concordar, é claro. O objetivo é minimizar qualquer estresse, e não causar outro. Uma semana fora. Seria possível?

— Já viajamos nessas férias. Mas ela adora a casa do avô — ponderou Elizabeth, olhando para o marido.

— É — admitiu Mr. Milton. — Poderia ser uma opção. A fazenda dos meus pais fica na Georgia.

— Perfeito! — exclamou o doutor Schiller. — Ficamos assim, então. Avisem a família do ocorrido, apenar para que estejam cientes. Mas ninguém deve abordar o assunto, exceto se a própria Victoria o fizer. A ordem do dia é comer bem, dormir bastante, ler um livro e fazer coisas que a agradem. Se

precisarem novamente de mim, estarei à disposição. — O médico foi erguendo-se da mesa. — Seu bolo é realmente maravilhoso, Mrs. Elizabeth!

* * * *

A primeira semana de aulas era geralmente marcada por apresentação dos professores, explicações sobre o curso, integração entre os alunos e pouca matéria. Justamente por esse motivo, os pais de Victoria não hesitaram em dar ouvidos à sugestão do médico.

Embora inusitada, Victoria ficou feliz com a proposta. Era bom sair um pouco de Pérola do Sul, e deixar para trás tudo aquilo que a atormentava. Pelo menos, era o que ela desejava fazer: deixar para *trás*. Dormir em outro quarto, passear por outros arredores. Não era possível que ele a seguisse até *outro estado*. Ela ia acabar percebendo que tudo não passou de uma fase ruim, como dissera o doutor Schiller.

É verdade que andava tensa e irritadiça. Quem não ficaria, afinal, com tudo o que vinha acontecendo? Mas Elizabeth tinha observado bem: Victoria estava sentindo também uma tristeza inexplicável que não condizia com sua personalidade. A jovem não havia realmente notado, concentrada nos eventos mais chamativos.

Sua mãe era fogo... Com aquele jeitinho de não se mostrar invasiva, ia radiografando a filha de cima a baixo! E o sono, então? Quando Elizabeth mencionou o fato, Victoria relembrou-se de todas as vezes em que, se deixassem, passaria o dia na cama.

Por isso e mais um pouco é que a possibilidade de ir à Georgia surgia como uma luz no fim do túnel. Mesmo que Victoria já houvesse viajado durante as férias, com a mãe e a tia Elsa, irmã de Elizabeth, o tio Elthon e os três primos. Mas fora logo no início das férias escolares, e a garota ainda não estava vivendo aquela montanha-russa emocional.

Tinham ido à Florida, três semanas em Miami Beach e aproveitado muito sol e tranquilidade. Mr. Milton não pudera ir, nem por um fim de semana. Segundo ele, não podia deixar a loja ao "deus-dará" e os funcionários e aprendizes por conta própria.

"Com o capitão fora do barco, o barco afunda", ele gostava de dizer. Não deixava de ser verdade, mas era também a desculpa favorita de um *workaholic*. "Sim, um *workaholic*!", gritava Victoria, atazanando o pai.

A fazenda era totalmente diferente. Seria uma válvula de escape muito providencial. Victoria tinha muitas boas lembranças de infância relacionadas à casa dos avós paternos.

A propriedade era próspera e rica; entranhada na região bucólica e pacata perto da cidade de Washington, no Condado de Wilkes, na região do Piedmont e não muito longe da capital da Georgia, Atlanta. Umas cem milhas de distância, talvez; mas, com todo o investimento feito em estradas de todo tipo, era até rápido, e bem divertido.

Não se sabe se por sorte ou destino, Mr. Otto nunca cultivou algodão e saíra relativamente inteiro de todos os problemas que o produto enfrentou. Incluindo a Grande Depressão, quando a fazenda não desmoronou, mesmo sendo a Georgia um dos estados mais atingidos pela crise. Depois disso, a fazenda de gado leiteiro diversificara sua produção, investindo também nos pessegueiros.

Desde pequena, Victoria ouvia dizer, sempre com certo silêncio repleto de assombro, qual era o imponente título dado à Georgia – *Empire State of the South* –, embora fosse um estado agrário. Mas era o codinome *Peach State* que mais lhe trazia recordações, provavelmente pela generosa quantidade de pessegueiros cultivados ao redor da casa da fazenda e pelo fato de viver em cima das árvores e comer as frutas até quase explodir, junto com os primos.

Victoria também sempre sorria ao recordar da figura da avó, na cozinha, cercada pelas criadas, com um enorme avental bordado e descascando pêssegos ao som de *Georgia on my Mind* – enquanto as crianças tentavam roubá-los. Eram expulsas debaixo de gritos e ameaças (falsas) de não comerem o doce, quando pronto, e essa era a parte preferida da brincadeira: fazer novos planos, ainda melhores, sobre como roubar frutas lavadas e descascadas, sem serem vistas pela "Dona da Cozinha". Porque, apesar dos cabelos brancos, a "Dona da Cozinha" ainda era "Forte como uma vaca leiteira" – tudo nas palavras da própria avó.

Porém, quando as crianças se comportavam, eram bem-vindas à cozinha da vovó. E ela contava todo tipo de histórias, desde as de sua infância simples, o pai austero, as negras escravas que cuidavam da casa, até o que Mrs. Ruth Ann considerava o acontecimento do século:

— Foi em dezembro de 1939. Dia 15. Estivemos em Atlanta, seu avô, eu e minha irmã solteira, para a estreia do filme *Gone with the Wind*! Teve muitas partes filmadas em Atlanta. Oh, isso mesmo, *bem* aqui! Vimos Clark Gable e Vivien Leigh ao vivo. Como era linda a diaba daquela Scarlett O'Hara! E Olivia de Havilland, claro! Mas Hattie McDaniel, a atriz afro-americana que levou o Oscar, não pôde entrar no evento. Apesar de tudo, fiquei com um pouco de pena da pobre, mesmo sendo a coisa certa a se fazer. Não se podia misturar demais as coisas, mesmo naquela época. Podia causar algum tumulto, sabe.

Quando pequena, Victoria não entendia direito o que era esse tal "tumulto". Embora desde cedo soubesse que nem o pai, nem o avô, gostavam que ela brincasse com crianças negras, daí a isso ser motivo de confusão...

A cidade de Washington também tivera bastante importância na época da infância de Victoria. Era aonde ela sempre ia com as criadas ou a avó, para "dar uma volta" na Biblioteca de Mary Willis, projetada no estilo Queen Anne. A primeira na qual Victoria entrou. Tinha ficado extasiada diante da torre com tampa de abóboda e com os vitrais, sem falar na quantidade de livros que, para uma criança pequena, parecia fantástica. E era grátis! Victoria tinha verdadeira adoração pelo lugar. Acostumou-se a retirar livros, um após o outro, desde que aprendera a ler.

Mais tarde, adolescente, foi na própria Mary Willis que Victoria conheceu o nome de um dos ícones da região: Sarah Porter Hillhouse. Para seu espanto, Sarah fora a primeira editora de um jornal feminino nos Estados Unidos, e isso nos idos de 1804, trabalhando para *O monitor*.

Foi nesse momento em que Victoria realmente achou que poderia tornar-se, – *sim*, por que não? –, uma jornalista e escritora de sucesso!

Ao lado de tanta modernidade, foi também em Washington que a primeira mulher foi enforcada, dois anos depois.

* * * *

Na manhã seguinte, domingo, Mr. Milton John acertou os detalhes da viagem com o pai, o avô de Victoria, Mr. Otto John d'Angerville.

Victoria iria de trem. O pai não tinha como levá-la, em função dos compromissos das segundas-feiras. Inadiáveis. A garota estava contente com isso, porque não era sempre que pegava um trem, quanto mais sozinha.

Foram tantas vezes que Victoria passeou de bicicleta, acompanhando alguma linha férrea, e sua mente perdia-se naqueles instantes, inundada com ideias de ir para *algum* lugar. Era um sentimento forte e inexplicável. De simplesmente... "querer ir".

Se por acaso Victoria conseguisse ver um dos trens passando, ela pedalava mais rápido ainda, o máximo que podia, sentindo o vento bagunçando seus cabelos. Aquilo produzia a sonhada sensação de liberdade, uma vontade estranha de correr, correr! Ela soltava as mãos do guidão ou pedalava em pé. Gritava alto para o trem, tentava ver quem estava dentro. Queria poder ir até o fim da linha, ver *onde* iria dar. O que poderia *encontrar*. Que espécie de aventuras poderia *viver*! *Acho que é por isso que eu gosto tanto de andar de bicicleta*, pensava.

Era um fato. Era uma forma de... ir! Quando muito criança, Victoria não tinha permissão para se afastar demais de casa. No entanto, à medida que foi crescendo, ia cada vez mais longe. Cinco quilômetros. Depois cinco em outra direção. Então dez. Às vezes até mais.

Foi descobrindo os lugares dos quais gostava, as alamedas que desembocavam em ruazinhas simpáticas e que depois se transformavam em trilhas que saíam da cidade, cruzavam as fazendas ou se embrenhavam vegetação adentro, dando em trechos inexplorados do Lago Cumberland.

No verão, Victoria descia as colinas pedalando ao máximo e parecia que o vento erguia a bicicleta, era como se pudesse realmente sair voando. Levava Tobi junto, que ainda era mais novo e podia correr muito. E ele voava ao lado dela, os dois como borrões pelas estradas. No inverno, Victoria não parava: era um gorro na cabeça e um par de luvas nas mãos. No rosto sentia o beijo gelado do ar que vinha do lago, agitando ainda mais as mechas douradas que ficavam para fora do gorro. Tobi corria também, com a diferença de que Victoria não deixava que ele entrasse na água para nadar.

Ela chegava em casa com as bochechas coradas, e era ainda mais gostoso aproveitar o calor da residência. O cachorro desabava aos pés da menina e dormia a sono solto, cansado.

Por fim, depois de alguns anos, realmente não havia mais para onde ir. Victoria conhecia os quatro cantos da cidade e dos arredores. Queria sair de Pérola do Sul. Ir para o Norte do país, queria estudar e trabalhar. Queria ir, ir, ir.

Enquanto Victoria arrumava sua bagagem, aquela sensação voltou a preenchê-la. Um desejo profundo de liberdade? Talvez. Sim. Ao selecionar calças, vestidos e pares de luvas para pôr na mala, pequenas seleções de pensamentos espalhavam-se em sua mente como as roupas e as luvas espalhavam-se sobre a cama. Mas eram pensamentos banhados por uma gotinha ácida de inconformismo.

Seu pai começara a dar o contra para as ideias dela já há uns bons dois anos. Restava a Victoria refugiar-se com a mãe.

— Se meu pai tivesse um filho homem, já estaríamos em algum estado do Nordeste. Ele pode ter um ateliê em qualquer lugar do país! Por que temos de ficar aqui para sempre? Bem se vê que ele não está preocupado com a qualidade da minha educação superior! — Victoria reclamava para a mãe. — E se eu não correr atrás, vou terminar é casada com algum pretendente que o papai escolher antes que qualquer dos meus sonhos se realize.

— Ah, Vic, não exagere...

Elizabeth sempre ficava em cima do muro. Não queria alimentar as ideias da filha, mas também não queria asfixiá-las. Criada como moça ariana, participou da *Jungmädelbund*, ou "Jovens Donzelas", mas muitas de suas atividades eram semelhantes às dos garotos da mesma idade, com programa de atividades ao ar livre, esportes, presença nos desfiles militares e coisas semelhantes. O objetivo era doutrinar os jovens entre dez e quatorze anos nos princípios da ideologia nazista.

Aos quatorze anos, Elizabeth seguiu para a *Bund Deutscher Mädel*, a "Liga das Jovens Alemãs". Ela adorava! As moças aprendiam sobre os deveres da maternidade e afazeres domésticos. Na Alemanha Nazista, dava-se extrema importância ao principal papel das mulheres, que era gerar muitos filhos saudáveis e propagar a raça ariana. Elizabeth não só se acostumara à ideia, mas *ansiava* por ser uma ótima parideira, mãe e esposa. Pena só ter tido uma filha...

Contudo, dada a iminência da guerra, a mãe de Victoria só ficou um ano na Liga das Jovens Alemãs, pois foi recrutada para a *Hitlerjugend,* a Juventude Hitlerista, que se tornou obrigatória a partir de 1936. Foi nesse ano que Hitler decretou uma lei tornando extintas quaisquer organizações não nazistas para jovens. Elizabeth ingressou em 1938, aos quinze anos, meio a contragosto. Ela, assim como quase oito milhões de jovens arianos puros de ambos os sexos, entre quatorze e dezoito anos, sujeitou-se a uma disciplina semimilitar, participou ativamente dos acampamentos, da propaganda

nazista e da maciça doutrinação. Cantou as músicas, marchou, sem contar com atividades paramilitares e treinamento militar.

— Você sabia, mãe, que essa imagem da mulher dona de casa, a esposa maravilhosa e mãe de vários filhos deveria mudar? Mãe?

Elizabeth voltou de seu devaneio para o quarto onde estava com a filha, ajudando-a a fazer as malas.

— Desculpe, querida, acho que me distraí.

Victoria ficou olhando para a mãe, mas por fim continuou:

— São os homens que impõem essa condição sobre as mulheres, sem nos dar escolha, e ainda acham que o nosso maior desejo na vida é cuidar de cinco crianças, ter um fogão novinho para cozinhar para elas e para o marido e... e fazer o melhor bolo premiado de todos os tempos. Simone de Beauvoir...

— Quem?

— Ah, é uma escritora e intelectual francesa.

— Francesa? Hum...

— Formou-se filósofa, imagine só! É teórica do existencialismo, ao lado de Sartre.

Elizabeth nem se deu o trabalho de perguntar sobre o existencialismo.

— E pasme! — A filha continuava, entusiasmada. — Foram os *pais dela* quem a incentivaram a seguir o sonho de ser uma escritora. Cresceu em um ambiente culto, dedicou-se profundamente aos estudos. Queria entender os segredos do mundo. Isso não é incrível, mãe? É até poético! — Victoria fez um gesto com a mão a cada palavra, como se regendo uma orquestra invisível. — Entender os segredos do mundo! Não acha poético? Essas palavras, para mim, são como uma canção que me toca a alma. Veja aonde uma mulher pode chegar se não estiver presa à cultura quadradinha machista. Especialmente aqui no Sul. Ela foi ativista política, é feminista. E diz que é pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem. Somente o trabalho pode garantir uma independência *concreta*. Independência! Entende? Só sendo independente do homem, sendo *livre* para fazer o que quiser, uma mulher poderá encontrar o valor perdido que ninguém lhe dá.

Elizabeth achava graça.

— Mas então você não quer um marido? Seu grande sonho é ser "independente"?

— Eu deveria ter que escolher um ou outro? Por quê? Por que eu não posso ter os dois?

— Você vai precisar de um marido muito esclarecido, minha filha.

— Portanto, eu não penso nisso. O Sul tem ideias atrasadas, mãe. Se eu me casar por aqui, jamais vou poder ir embora.

Victoria tinha medo de acabar ficando como a mãe. A garota pensava a respeito, mas nunca dizia. Não havia por que ofender Elizabeth. Ela era feliz daquele jeito, pronto!

— Como seria bem mais fácil se eu tivesse irmãos. Homens! O caminho

estaria mais aberto para mim também.

— Aos poucos talvez ele entenda isso melhor, meu bem... — Elizabeth, no fundo, torcia para que sim.

— Quando Simone de Beauvoir publicou *O segundo sexo*, causou um rebuliço, sabe. Tanto de admiração quanto de estranhamento. É uma obra enorme, dividida em dois volumes. Um clássico do feminismo. Ela mostra que a própria "feminilidade", a própria "essência feminina" é uma espécie de conto de fadas criado pelos homens. Eles nos dizem do que gostamos, o que devemos fazer, como pensar, como viver. E nós consentimos. Para agradá-los. Porque temos que manter a nossa segurança. Dependemos deles, não é? Mas estamos nos mutilando. Simone diz que ninguém nasce mulher, *torna-se* mulher. Quer dizer, *eles* nos ensinaram que aceitação e dependência nos são próprias. Inatas do caráter, assim como um monte de outras chatices. Mas as mulheres deveriam poder escolher o próprio destino... Eu pretendo escolher o meu!

— E posso saber onde você arrumou esses livros?

— Encomenda pelo correio? — A jovem abriu um sorrisinho. — Não conte ao papai, hein!

— Seu pai já viu e não gostou nada, nada. Você deixou o livro aí, na cabeceira, acho, e ele viu.

— *Merda!* — Victoria deixou cair no chão o par de sapatos que carregava.

— *Vic!*

— Desculpe. O que você disse a ele?

— Que era um trabalho para a escola.

Victoria atirou-se contra a mãe, abraçando-a e dando beijos estalados em suas bochechas.

— Nem consegui ler tudo ainda. Vou deixar escondido. Obrigada!

* * * *

Na segunda-feira, bem cedinho, Victoria saiu com o pai no carro da família – um Dodge Custom Royal, cinza, do ano anterior. Mr. Milton não gostava de carros com cores extravagantes.

Saíram da cidade no sentido da Barragem de Wolf Creek, margeando os canais do Lago Cumberland por uma estrada estreita – uma das que foram financiadas por Jonathan Spencer e outros investidores, e que serviam Pérola do Sul. Olhando pela janela, a garota apreciava o sol, em especial quando explodia em cheio nas águas dos canais, em uma infinidade de tons. Estava uma manhã lindíssima de outono, despertando em Victoria o desejo de brilhar, por dentro, com a mesma intensidade daquele dia cintilante.

Logo acessaram a rota 127 próxima a Rowena, e então rumaram para o Norte, agora em sentido oposto a Wolf Creek. Cerca de três milhas mais à frente, a 127 fazia conexão com mais uma das rotas de Spencer. Em ótimo estado de conservação, aquela estrada era bem maior, e os locais a chamavam

de Trilha Verdejante. Ia direto a Edmonton.

Esse era o caminho que Mr. Milton costumava fazer sempre que ia a Louisville. O outro braço da Trilha Verdejante, mais curto, nomeado Pequena Trilha, ia para Columbia.

Pai e filha não conversaram muito, apenas amenidades. Já era difícil o suficiente para Mr. Milton se lembrar de que aquele era um dia de aula que Victoria perdia e por quais os motivos. Victoria se concentrava na paisagem, sem se permitir dar espaço a melancolias.

Trinta e duas milhas pela Trilha Verdejante e estavam em Edmonton. Então, era pegar a rota 68 até Glasgow. Mais dezesseis milhas. Ali, Mr. Milton costumava deixar o carro em um pequeno estacionamento perto da estação ferroviária. Era o melhor ponto para fazerem uma conexão para a Ferrovia Nashville-Louisville.

Uma vez nesta, Mr. Milton iria direto para Louisville cuidar de seus negócios e encontrar-se com fornecedores de couro; uma viagem de pouco mais de oitenta e cinco milhas. Quanto à Victoria, com ticket para as dez e quinze da manhã, rumaria no sentido oposto, para o Sul por duzentas e dez milhas, até Chattanooga, no Tennessee.

De acordo com a herança do Sul, a jovem viajaria em uma das incríveis locomotivas Dixies – que se opunham às Northerns. Mesmo sendo uma viagem longa, o trem era muito confortável, rápido e luxuoso. Como Victoria conseguira uma passagem direta, de Chattanooga, ela poderia continuar até Atlanta, pois há dois anos a Louisville-Nashville expandira seu território anexando a Nashville-Chattanooga-Saint Louis, que se conectava tanto a Memphis quanto a Atlanta.

Mesmo assim, eram mais quase cem milhas e isso queria dizer que Victoria chegaria à cidade somente no finalzinho da tarde.

Na estação, Mr. Milton acompanhou a filha até a plataforma de embarque dela. Despediu-se dando um beijo em sua testa, e sorriu:

— Tenha juízo, hein? Preste atenção aos horários e trate de comer direito durante a viagem.

Victoria sorriu de volta, assentindo, segurando animadamente seu bilhete na mão. Estava impecavelmente trajada com seu vestido rosado de *petit-pois*, com luvas pretas, cinto, chapéu com redinha e bolsa de mão combinando, exatamente como uma jovem *lady* deveria se apresentar.

CAPÍTULO 7

Victoria ficou um bom tempo apenas olhando pelas janelas, contemplando a paisagem e o sol. Depois, passou a se divertir com as revistas que havia comprado. Estava mais acostumada a ler livros, mas, de vez em quando, uma revista feminina caía bem. Como naquele momento. Afinal, era um passeio.

Ao lado de anúncios dos novos batons da Max Factor e de incríveis trajes de banho estilo *pin-up*, havia fotos de Marilyn Monroe na reportagem sobre seu último filme. *Quanto mais quente melhor* estava sendo considerada a comédia mais engraçada da atriz e prometia perder apenas para a cena do vestido esvoaçante de *O pecado mora ao lado*. Também já se falava no próximo filme de Elvis Presley, a ser lançado dentro de um ano – *Estrela de fogo*.

Como Elvis é lindo, meu Deus!, admirou Victoria, pela enésima vez.

Victoria continuou folheando as páginas por alto, e viu – e cobiçou – os sapatos Clark, de salto. Lin-dos! Ainda que ela achasse que os produtos de seu pai não perdiam em nada para a marca. Havia um anúncio da própria Dixie Line, elogiando os serviços, o pessoal de apoio altamente qualificado, a segurança, o conforto e a eficiência dos trens: "A melhor maneira de resolver os seus problemas de locomoção".

Victoria abriu um meio sorriso. Eles descreviam cada tipo de trem e as linhas oferecidas. Victoria estava em um Dixie Flyer. Era engraçado poder constatar tudo de perto, e ver, nas fotos, o que estava ali, ao alcance da mão. Mas o sorriso se desfez em uma careta ao contemplar duas páginas inteiras dedicadas à Arno: um infame anúncio-fazendo-de-conta-que-era-reportagem, em que uma moça vestida de noiva, muito satisfeita e alegre, estava cercada de produtos da linha. Aspirador de pó, enceradeira e liquidificador.

— Minha nossa... o nome do artigo deveria ser *O primeiro dia do fim da sua vida* — Victoria murmurou baixinho. E ela se lembrou de Simone de Beauvoir. — Como essa mulher tem razão!

Ao menos, para ela. Porque garotas como Mellany, Shelley e Amy adorariam toda a linha Arno e mais um pouco.

Feminismo à parte, Victoria demorou-se observando as lindas lingeries – ela tinha um fraco por lingeries! As garotas da revista mostravam cintas-ligas de tecidos suaves, delicadas e glamorosas. Havia vários modelos fantásticos, que ela se lembraria de procurar em Atlanta, além dos sutiãs com bojo cônico para combinar.

Contudo, o que entreteve Victoria por um bom tempo foi a matéria principal, intitulada "Mulheres incríveis das últimas décadas". Fotos grandes

eram acompanhadas por uma pequena biografia na parte inferior.

A garota observou atentamente a foto de Winnie the Welder, uma das duas mil mulheres que trabalharam em navios durante a Segunda Guerra Mundial: linda, uma jovem com trancinhas, enfiada em roupas masculinas e sujas, com um maçarico nas mãos. Contrastando com Winnie estava a incomparável Coco Chanel, a pioneira dos designs contemporâneos de roupas. Ela abolira o espartilho, odiava as anquinhas e tinha aversão por cintas apertadíssimas. Revolucionou a moda com modelos soltos e esportivos, que fizeram sucesso entre as grã-finas.

Ela própria usava cortes masculinos..., lembrou-se Victoria. *E o perfume Chanel nº 5 foi admirado no mundo inteiro.*

Victoria contemplou com admiração genuína a foto de Marie Curie, impressionada com o seu currículo: uma das maiores sumidades em química e física da história do século XX, pioneira em pesquisas sobre radioatividade. Estudou matemática na Sorbonne – Uau! –, e na École Supérieure de Physique et de Chimie Industrielles de la Ville de Paris – Uaaaau! – ela conheceu Pierre Curie. Casados, os dois dividiam as pesquisas, incluindo experimentos com urânio, polônio e rádio. A exposição demasiada a esses elementos causaria a morte de Marie, mais tarde. Com o marido, ganhou o prêmio Nobel de Física em 1903. Oito anos depois, ela conquistou novamente um Nobel, dessa vez, em química.

Amelia Earhart, com roupas de piloto, cabelos curtinhos, estava sorrindo ao lado de seu avião Electra. Defensora dos direitos femininos, ela superou preconceitos e foi a primeira mulher a sobrevoar, sozinha, todo o Atlântico na década de 1930. Recebeu a condecoração The Distinguished Flying Cross por isso; mas Amelia estabeleceu vários outros recordes.

Victoria ficou olhando fixamente, por algum tempo, os olhos daquela mulher que não aceitava o convencional. Não se adaptava às escolas ou não terminava os cursos, mas serviu como enfermeira na Primeira Guerra. E... *Voava!* Queria ser livre. Isso era tão claro! Fez parte da Associação Nacional de Aeronáutica. O jornal *The Boston Globe* considerou Amelia uma das melhores pilotos dos Estados Unidos. Na verdade, foi uma das maiores aviadoras que o mundo já viu.

Apesar de tudo que aquela mulher conquistou para si e para as demais, o final da história era triste. Ao tentar dar a volta ao mundo, já tendo sobrevoado mais de vinte e duas mil milhas e faltando cruzar o Pacífico, precisava pousar em uma diminuta ilha. Um navio da Guarda Costeira norte-americana faria contato por rádio e outros dois navios acenderiam todas as suas luzes para marcarem a rota para Earhart. Mas ela perdeu contato com a Guarda Costeira durante uma tempestade. Enviou mensagem dizendo achar que já estava sobre eles, mas não conseguia vê-los. Nem o corpo nem o avião foram encontrados, mesmo tendo o governo norte-americano enviado nove navios à sua procura, além de sessenta e seis aviões. Ela tinha trinta e nove anos.

Victoria ficou olhando. Só olhando. Estranhamente, os pelos de seus braços arrepiavam-se com aquela leitura.

Depois vinha Erika – apenas Erika –, a jovem húngara que tinha quinze anos em 1956. Uma mulher de rosto sério, com olhos velhos demais para sua tenra idade, engajada na luta contra a União Soviética. Nas mãos, empunhava a arma com a qual enfrentava o mundo dos homens. *Estará viva ainda?* – pensou Victoria.

A foto seguinte fez os olhos de Victoria começarem a arder: enfermeiras norte-americanas desembarcando, em 1944, na Normandia; todas paramentadas como soldado. Se imaginassem o que iriam enfrentar! Contudo, não constava o nome de nenhuma delas. Apenas "enfermeiras". Elas ajudariam médicos a tentar salvar muita gente depois do Dia D. Nessa data, 6 de junho de 1944, houve a maior invasão anfíbia americana de todos os tempos, com o desembarque de mais de cento e sessenta mil homens na costa da Normandia; sem contar com quase vinte e cinco mil soldados da Airborne lançados no ataque aéreo e o transporte de equipamentos, para criar uma nova frente de ataque a partir da França.

Então Victoria arregalou os olhos para aquelas quatro pilotas de caça! Uma foto de 1945. As quatro caminhavam sorrindo, lado a lado, os caças ao fundo. U-A-U! Todas jovens, bonitas, usando calças largas de tecido grosseiro, botas e casacos militares. Mulheres que lutaram pela nação, mas cuja nação sequer lhes mencionava os nomes. Quanto tabu a vencer, quantas privações a sofrer... Quanto treinamento! Qual seria a história particular de cada uma delas?

Mesmo sem entender a emoção que preenchia seu peito, fluindo como uma cascata, Victoria enxugou rapidamente a lágrima que escorreu por sua face. Amelia, as enfermeiras, o Dia D, as pilotas de caça. Aquilo mexia com ela de um jeito esquisito.

Baixou os olhos para a revista de novo. Eva Perón – Victoria nunca tinha ouvido falar dela. Fora uma das principais articuladoras do movimento peronista na Argentina. Evita conquistou o povo com sua política populista, voltada à classe mais pobre, sendo vista como um símbolo de esperança para os necessitados. Antes atriz, ela havia conhecido Perón em 1944, durante uma campanha para as vítimas do terremoto de San Juan. Após forte atuação na campanha presidencial dele, Evita tornou-se primeira-dama. Suas ações políticas foram fortes e ousadas, criou o Partido Peronista Feminino e deu direito de voto às mulheres em 1947.

Amada pela classe mais baixa da população, Evita era violentamente atacada pela oposição, que desgostava de seu marido. As massas queriam-na como vice de Perón em eleições próximas, cargo que ela não se julgou digna de aceitar. Evita morreu com apenas trinta e três anos, em 1952, de um câncer diagnosticado seis anos antes. A morte dela causou comoção de Norte a Sul, de Leste a Oeste no país. O velório durou catorze dias. Nas ruas de Buenos Aires, os argentinos empilhavam-se, na tentativa de despedirem-se

dela.

Com a queda de Perón, o corpo embalsamado da mulher foi retirado do túmulo pelos militares, temendo que o local virasse ponto de romarias e adoração. Evita foi enterrada na Itália, com nome falso. O corpo não fora devolvido ainda a Perón.

E havia Mata Hari – o "Olho da Manhã".

Holandesa, ela acabou casada com um militar, morou na Indonésia, separou-se e, de volta à Europa, radicou-se em Paris. Sem sustento, posou nua para artistas e até se prostituiu. Mas foi como dançarina exótica que ganhou fama avassaladora no início do século XX. Cabelos e olhos escuros, a pele muito branca e traços de rosto marcantes, sua foto mostrava-a muito enfeitada, com adereços de metal e contas coloridas nos pulsos e braços, muitos colares e brincos, enfeites grandes, com pérolas e pedras nos cabelos e na cabeça. Usava um bustiê de metal brilhante, trabalhado com muitas contas, a barriga à mostra, véus e tecidos diáfanos fazendo papel de saia. Lembrava as indianas.

Um famoso jornalista francês descreveu sua dança como "felina, extremamente feminina e majestosamente trágica"; completava dizendo que "possuía milhares de curvas, e movimentos de seu corpo tremiam com milhares de ritmos". Outro jornalista teria mencionado Mata Hari como detentora da "graça flexível de um animal selvagem". Havia quem tivesse escrito que ela não dançava, mas primeiro fazia uma prece diante do ídolo como as sacerdotisas fazem nos seus cultos. Sua mais famosa interpretação era a "dança dos sete véus", dada a paixão com que a interpretava. Hari dizia que suas danças eram espiritualidade.

Victoria olhou as roupas, os enfeites. Olhou os enfeites... Depois as roupas.

O formato do nariz. As roupas, a pele.

Aqueles enfeites... Embora fossem diferentes do que Victoria vira, nos sonhos com Cleópatra, já que a rainha usava joias de verdade, a premissa era a mesma. Victoria pensava com os olhos perdidos em cada detalhe da dançarina.

A questão principal... era o *tipo* de dança! Lembrava *algo*.

Victoria tinha tentado pesquisar sobre como as sacerdotisas do Egito executariam danças ritualísticas. Não havia muita coisa. Mas, agora, lendo a respeito e vendo a foto... tinha certeza de que aquilo que Mata Hari exibia era uma pálida mescla desse tempo ancestral, o sopro frágil e incompleto de uma dança esquecida e cuja perfeição perdera-se no tempo. Uma dança que se redescobriu e se modificou, moldada por culturas tão antigas quanto a egípcia: a indiana, a turca, a árabe.

Victoria sacudiu a cabeça. De onde tirava essas ideias? Não era nada disso que ela queria pensar. Ela queria se lembrar de alguma coisa que não vinha à sua mente, embora estivesse ali pertinho, quase ao alcance...

Victoria olhou pela última vez para o rosto de Mata Hari.

Os olhos... o modo de olhar, às vezes... lembrava algo, ou alguém.

Não era Cleópatra. Cleópatra havia dançado assim, mas a dançarina que ensinara à rainha... ou às sacerdotisas, antes mesmo da rainha. Quem teria sido? Qual era a origem mais distante daquela dança?

Sem nenhuma resposta, é claro, e a Victoria só restava continuar a ler. Acusada de espionagem, Mata Hari foi julgada por um tribunal militar e morta por fuzilamento durante a Primeira Guerra Mundial. Ela era tão enigmática que atiçou a curiosidade de escritores, biógrafos e cineastas. Os historiadores, muitos anos depois, ainda não tinham entrado em concordância sobre a veracidade de sua culpa. Muitos a consideraram uma vítima. Mata Hari era agora um símbolo da coragem e ousadia femininas.

Por fim, terminando a reportagem, ali estava Indira Gandhi, primeira-ministra da Índia por três mandatos consecutivos, um ícone feminino na política oriental. Uma estrela sobre um palco já ocupado completamente por homens. Uma mulher poderosa que se erguia contra a segregação por castas.

Para finalizar, mesmo não sendo das últimas décadas, havia um enorme fotografia de uma jovem mulher samurai, completamente paramentada para a guerra. *Que impressionante!* Mas com um pequeno arranjo de flores no alto da cabeça... Um sinal de que ainda era uma mulher. Victoria deixou escorrer outra lágrima.

Ela ficou virando e revirando as páginas e olhando infinitamente para aqueles rostos, alguns extintos, fazendo parte do passado. Ficava imaginando o que cada uma daquelas mulheres tinha sentido e pensado, e que espécie de *força* as tinha guiado contra a correnteza da vida a fim de experimentar o impossível! Quantos tinham se levantado contra elas como ventos tempestuosos, gritando em seus ouvidos, usando de força emocional e até física, dizendo que não podiam fazer nada daquilo? De quantas coisas abdicaram? Quanto sofrimento isso acarretou?

Enquanto olhava, para algumas mais do que para outras, algo se mexia dentro de Victoria. Alguma coisa bem lá no fundo, despertando, abrindo os olhos. Como um vulcão, soltando fumaça...

Ou... um relógio. Tiquetaqueando. Marcando alguma coisa. O *tempo* de alguma coisa – ou o tempo de *reconhecimento* de alguma coisa?

Ela estremeceu – podia ser algo não necessariamente bom, pois fora *ele* que mencionara o fato.

Victoria não sabia. Ergueu os olhos.

Ou seria o tempo de *se lembrar* de algo?

Lembrar. Aquilo ficou pulsando. *Lembrar*. Mas não fazia sentido.

Victoria não entendia. Mas algo na matéria, nas fotos, nas histórias, mexeu com ela. Um calafrio inesperado e desconfortável percorreu seu corpo. Então, largou as revistas de lado e resolveu ir ao vagão-restaurante para o almoço.

* * * *

Era melhor se recompor um pouco. Depois de passar no toalete, Victoria entrou no restaurante, e admirou as mesas que se alinhavam dos dois lados, com toalhas brancas de linho, talheres brilhantes e louças finas. O cardápio estava à disposição sobre elas. Havia jovens garçons encostados às paredes, no espaço entre as mesas, de prontidão.

Victoria caminhou pelo vagão acarpetado, atraindo olhares e sorrisos de cavalheiros, aos quais não correspondeu por mais de dois segundos. Apenas o que mandava a boa educação. Sentou-se em uma das mesas menores. Segundo o anúncio da Dixie Line visto na revista, todas as refeições eram à la carte, o serviço, impecável, e a cozinha, imbatível. Agora ela teria chance de comprovar tudo.

Depois de escolher o prato, foi atendida prontamente. Tudo muito chique! Enquanto aguardava, ficou olhando pela janela. Algumas paisagens eram mesmo deslumbrantes.

Apesar de tudo, aquela *coisinha* ficou latejando em seu coração. Mesmo diante da sobremesa. *Preciso me lembrar...* Mas Victoria fez questão de ignorar e pediu uma segunda sobremesa. Saiu do restaurante, agradecendo ao garçom que lhe abriu a porta. Fez outra visita ao toalete e retocou a maquiagem antes de voltar ao seu lugar.

Pegou o livro que trouxera, porém não conseguiu se concentrar nele. Aquelas mulheres... algumas, mais que outras... elas tinham deixado alguma coisa sangrar dentro de Victoria. E o que *sangrava...* Aquilo parecia novo. Começara devagarinho com a leitura, como se um pequeno vaso sanguíneo estourasse sob a pele. Trazendo aquela sensação indistinta de identificação; que ia além das meras palavras de uma biografia ou da admiração pelos feitos realizados.

Por quê? Será que era só porque Victoria desejava poder fazer o mesmo e ser dona do próprio destino? Ou era alguma outra coisa... mais profunda e mais intensa... entranhada na alma... no inconsciente, como dissera o doutor Schiller?

Victoria tinha impressão de que outros vasos iriam estourar, por todo o corpo, até haver uma intensa hemorragia. Sangue podia significar vida. Será que, talvez, esse sangrar trouxesse de volta algum conhecimento que estava preso, retido, fora do seu alcance?

Um fio solto de um novelo de lã... Alguma coisa que tinha origem longínqua. Mas *o* que, afinal? O que estava errado com ela?

Quando a tarde estava pela metade, alguma coisa pesada parece que tombou no coração da jovem. Aquela melancolia. Sua mãe tinha percebido antes dela. Mas agora estava tão clara!

* * * *

Parece que as pessoas neste trem estão olhando demais para mim...

E não apenas *demais*. Olhavam-na esquisito. Como se a vigiassem. Se

Victoria desviava os olhos de alguém, virando para o outro lado, apenas encontrava mais pares de olhos voltados em sua direção.

Bobagem, ela se obrigou a raciocinar. É só impressão.

Só que, por mais surreal que fosse, não parecia ser impressão. Victoria desviou rapidamente a vista de duas jovens irmãs que a encaravam firme, mascando chicletes. Os olhos delas pareciam querer saltar das órbitas.

Quando ergueu a vista, reparou em um rapaz sentado à frente, só que duas fileiras adiante. Ele não estava lá antes, na primeira parte da viagem. Não que ela se lembrasse. Deveria ter entrado no trem em alguma parte do caminho. Por um instante, quando os olhares dos dois se cruzaram, Victoria lembrou-se tanto de Jared.

Os mesmos cabelos escuros, o mesmo tipo de casaco de couro marrom; até o rosto tinha traços parecidos. Mas a pele era mais morena, como se o jovem tivesse ascendência indígena. E os cabelos eram mais compridos, debaixo do chapéu de caubói. Era um pouco diferente dos rapazes de sua cidade, mas, ainda assim, lhe lembrava Jared.

Pensar em Jared, naquele momento, não era interessante. Não mesmo, pois junto trazia a lembrança da noite de sexta-feira para sábado, o término pavoroso do *début*, os acontecimentos em casa e a visita do doutor Schiller. Ela drogada com sedativos. E agora, por mais que quisesse se sentir como a jovem dama de classe em um passeio, na verdade estava sendo enviada à casa do avô por recomendações médicas.

Porque estava doente, de alguma forma inexplicável e medonha. Ela sabia. Por mais que quisesse fugir da verdade, ela sabia.

Contra sua vontade, o coração começou a bater mais forte. Retumbava na garganta e no pescoço e até nas têmporas, como um martelo medieval. Suas mãos estavam transpirando muito, o mesmo suor frio e pegajoso.

Não não não não não não...

De novo não. Não ali. Não agora! Pensar naquilo, pensar em se descontrolar só fez piorar tudo. A respiração começou a ficar curta, ofegante e, por mais que inspirasse fundo, seus pulmões não se enchiam o suficiente. Logo ficaria sem ar. Sem dúvida, morreria asfixiada ali mesmo.

Estranhamente, a opção de morrer lhe trazia mais conforto do que a iminência do pânico. Se morresse ela iria... iria para *outro* lugar, para longe daquele desastre iminente e dos *olhos* daquelas pessoas. Ela se remexeu no assento e levou a mão ao pescoço. *Que falta de ar, meu Deus!* Mas, se morresse, estaria segura! Longe também dos pesadelos e da *coisa* que a vigiava e até já tinha lhe falado. *Ameaçado*, na verdade!

TUM TUM TUM TUM – todos deviam estar ouvindo seu coração!

Ela olhou para o relógio de pulso. Faltaria muito para chegar? Então Victoria apenas tentou se controlar. Mas estava suando, respirando apressada como um peixe tirado da água, a cabeça ribombando. A mente começou a se dissolver naquele oceano apavorante.

Parecia que algo horrível a espreitava. De novo? *De novo, meu Deus?* Ela

começou a se abanar com a revista, compulsivamente. Só esperava pelo final, pela libertação completa, morreria ali e...

— Você está bem, minha filha? — Uma senhora sentada perto dela inclinava-se em sua direção. Victoria olhou e viu os olhos dela. Eram esquisitos; pareciam abertos demais, fixos demais, como se quisessem enxergar sua alma. Como se quisessem *sugar* sua alma para fora dela.

Em um sobressalto, Victoria afastou-se um pouco da mulher.

TUM TUM TUM TUM!

— Estou bem — conseguiu pronunciar.

Do outro lado do corredor, o rapaz que se parecia com Jared acabou se levantando e veio em sua direção.

Não não não!

Ele ficou parado no corredor perto dela, em pé, com uma garrafa de água na mão e um copo na outra.

— Com licença, *miss*. Gostaria de um pouco de água? Ajuda a acalmar... — Parecia não saber o que dizer.

A jovem olhou para cima, assustada. A voz dele estava abafada, como que vinda de longe. Ou então era aquele *estrondo* dentro da cabeça de Victoria que abafava a voz do rapaz. Ela não conseguiu responder nada. Mas fixou os olhos na garrafa e no copo, longamente. Sua boca estava seca como o deserto.

Victoria ergueu os olhos para o rapaz de novo, avaliando-o melhor. Os olhos dele eram meio alongados, meio indígenas, meio orientais. Mas não a incomodavam. Embora houvesse algo de estranho neles, não era ruim como os olhos da senhora ao lado. Ou das irmãs que mascavam chiclete. Pelo contrário, eram belos os olhos daquele jovem.

Então, com um braço trêmulo, Victoria estendeu a mão na direção da garrafa, porque não podia evitar. Muito seca. Sua boca. *Muito*... seca.

O jovem fez menção de pôr a água no copo, mas ela arrebatou a garrafa antes disso, quase a arrancando das mãos dele. Victoria apoiou a boca no gargalo e bebeu até a última gota, em meio a respirações entrecortadas. A vista embaçava, pontinhos pretos como fagulhas dançavam diante dela. Iria desmaiar?

Não... pelo amor de Deus, não, não...

Boa parte das pessoas por perto agora realmente olhava em sua direção, fazendo comentários baixinhos.

Mas Victoria não percebeu. Totalmente centrada em *conseguir* se acalmar. Levou de novo uma das mãos ao pescoço, e fez o possível para tentar respirar mais devagar; puxando o ar, e depois soltando. Mais de-va-gar. A garrafa de água estava esquecida na outra mão de Victoria, até que o rapaz abaixou-se um pouco para pegá-la, tirando-a da garota. Pousou de leve a mão sobre o ombro dela.

Victoria sentiu que as *mariposinhas* pretas na frente dos olhos pareciam, aos pouquinhos, desaparecer.

— Sente-se melhor, *miss*? — indagou o jovem; mas era óbvio que ela

ainda não estava bem.

— Vai ver ela tem medo de andar de trem — comentou, baixo, um homem meio calvo sentado ao lado de sua esposa, que segurava um bebê.

— Será? Está aqui há tanto tempo. Coitadinha — falou a esposa. — Parece uma folha de papel de tão pálida.

— Pode ser que nunca tenha viajado sozinha — aventou outra mulher, olhando discretamente para trás.

— Mas ela parecia bem até agora há pouco. Eu até a vi no restaurante — declarou um homem mais velho, que viajava com outros dois senhores. Tinham cara de fazendeiros.

— Por sorte, o simpático rapaz ali está tentando acalmá-la um pouco. Não sei quando ele entrou no trem. — A esposa cochichava para a outra mulher, e esta para os outros que estavam próximos.

— Alguém reparou em que estação ele subiu?

Ninguém respondeu. Pelo visto, todos estavam ocupados com outras coisas quando o tal jovem chegou. Mas, estrategicamente, ele *estava* ali agora, antes que a moça tivesse um piripaque completo.

Alheia aos comentários, Victoria lamentou já ter tomado toda a água, tão rápido, pois ainda sentia sede. Porém, avaliando melhor agora... aquela água pareceu ter efeito mágico ou então Deus que de fato existia e resolvera olhar por ela naquele instante.

O jovem aparentemente notou a pequena melhora e não perdeu a deixa, perguntando:

— Até onde vai, *miss*?

Victoria engoliu em seco, passou as palmas úmidas das mãos sobre a saia. Estava acalorada agora.

— Até Atlanta — respondeu, por fim.

— É a minha cidade!

Victoria não disse nada, as sensações angustiantes dentro dela falando ainda mais alto do que ele. A senhora ao lado sorriu amavelmente para o rapaz.

— Sente-se aqui, meu jovem. — Cedeu o espaço.

— O quê? — Fez Victoria olhando para a senhora. *Que olhos estranhíssimos ela tem...* — O que disse?

— Foi com ele que eu falei, meu bem!

— Ah.

A senhora fez um sinal ao jovem, e disse baixinho:

— Tente acalmá-la. Não vi aliança, mas vai saber se não está grávida, não é mesmo? Esse mal-estar todo...

O rapaz não demonstrou qualquer reação diante do comentário inconveniente, mas sentou-se perto de Victoria.

— Talvez ajude se você tentar respirar mais devagar. — Ele comentou, apoiando a garrafa vazia em um dos joelhos.

— É que... eu tento, mas não estou conseguindo...

— Você vai conseguir. Tente. Verá como se sentirá melhor. — Olhou nos olhos dela. Parecia ter certeza do que dizia.

Victoria tirou o chapéu que a incomodava e o largou sobre o colo. Pegou a revista, abanando-se, com mãos que ainda tremiam um pouco. E se concentrou em respirar.

— Como eu disse, moro em Atlanta — disse o rapaz que, aparentemente, achou melhor distrair a moça com alguma conversa paralela, em vez de reforçar os sintomas. — É a primeira vez que vai até lá?

Ele recebeu olhares de aprovação dos passageiros em volta.

— Estive lá... só de passagem. — *Naquele momento, menos era mais,* pensou Victoria.

Silêncio.

Enquanto ele olhava para ela, Victoria olhava de um lado para o outro, ainda sentindo-se ameaçada. Causa: desconhecida. Ela tinha consciência da *estranhice* daquilo. A senhora fez um gesto discreto com o braço na direção do moço, incentivando-o a continuar a conversa.

— Tem parentes por lá? — inquiriu, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Não.

— Ah, é uma cidade linda! Você deveria conhecê-la melhor!

Victoria fez que sim com a cabeça; e o jovem foi falando sobre a capital da Georgia, seu tom de voz calmo, o sotaque do Sul ainda mais acentuado do que o dela, e o sorriso aberto exercendo, pouco a pouco, um efeito positivo sobre a garota.

— Você já chegou a ver o Edifício de Candler? Tem dezessete andares, é o mais alto da cidade. Foi construído pelo magnata da Coca-Cola, sabia disso?

Victoria começou a sentir como se o aperto no coração afrouxasse devagar. Bem como seu ritmo frenético. Depois, o ar realmente foi entrando melhor no peito. Ela conseguiu se recostar em seu assento, somente naquele instante notando que seu corpo estava quase para fora dele. Acomodou-se melhor. O latejar espesso na cabeça estava mais suave.

O rapaz continuava tentando conversar, pacientemente; mas às vezes Victoria não conseguia acompanhar o que ele dizia, perdendo-se no meio. Quando finalmente se sentiu melhor, ficou envergonhada.

— Me desculpe... — disse a ele. — Não sei o que me deu. E todo o trabalho que você está tendo, obrigando-se a conversar comigo...

— Ora, não foi nenhum problema, *miss*. Pelo contrário.

Victoria inspirou fundo, sentindo que o ar agora entrava totalmente. Que alívio imensurável!

— Já estou melhor. Agradeço muito! — Victoria enviou um sorriso chocho para ele. — Parece que nem sei qual é sua graça...

— Anderson Smith, a seu dispor. — Ele abriu de novo o largo sorriso, tirou o chapéu do alto da cabeça um pouquinho só. — A senhorita provavelmente dormiu pouco, ou não comeu o quanto deveria. Minhas irmãs

passam mal o tempo todo quando não dormem e não comem.

Victoria teve que sorrir de verdade diante do diagnóstico. "Comer" era um assunto muito sério no Sul.

— Sua mãe deixa que a senhorita não coma o suficiente? — perguntou o jovem. E, sem esperar resposta, continuou: — Minhas irmãs têm essa coisa de ficarem magras. Essa coisa de se parecerem com manequins. Imagino que a senhorita entenda.

Victoria abriu outro sorriso e assentiu. Antes fosse mesmo apenas isso: um regime exagerado.

— Eu como o suficiente, Mr. Anderson. Mas muito obrigada por sua atenção.

— E o seu nome, *miss*?

— Victoria. — Ela não disse mais nada.

— Quem sabe ainda nos veremos por aí, *miss* Victoria. — Os olhos alongados e bonitos sorriam para ela. O que a fazia se lembrar... de novo... de algo.

— Quem sabe, Mr. Anderson.

Ela se recostou ainda mais. De repente, sentia-se exausta. Não tardou e estava cochilando. Acordou somente na estação em Atlanta. Victoria desceu, sonolenta e com os cabelos um pouco emaranhados. Nem tinha visto onde o simpático senhor Anderson ficara, pois não estava mais sentado ao lado dela.

O horizonte explodia em tons violáceos e alaranjados, o crepúsculo quase estaria à sua espera. Como não tinha visto ninguém ainda, pegou sua mala e foi em direção a um banco, para se sentar.

Foi quando Mr. Anderson aproximou-se, segurando... o chapéu dela!

— Ai! — Victoria sentiu as bochechas um pouco quentes. — Que distração! Obrigada.

Ele estendeu o chapéu na direção dela.

— Espero que jante bastante e tenha uma longa noite de sono, *miss* Victoria!

— É, parece que estou no mundo da lua...

— Posso perguntar para onde vai agora? Precisa de um táxi?

— Na verdade, espero pelo meu avô. — Ela olhou para os lados.

— Ficarei aqui até ele chegar. — Mr. Anderson ergueu um dedo. — Aguarde um minuto.

O rapaz voltou em seguida com um sanduíche e uma garrafa de Coca-Cola. Victoria riu:

— Oh, muito obrigada!

Os dois ficaram por ali, na plataforma.

— E a sua bagagem? — perguntou Victoria, dona de si. — Pegou o meu chapéu e esqueceu-se de sua própria mala? — brincou.

— Hoje não levo bagagem.

Não demorou muito e um austero senhor de cabelos bastos e completamente brancos, de barba muito bem-feita, aproximou-se da garota.

Mas, em vez de olhar para a neta, olhava para o homem ao lado dela, com ar imediatamente irritado.

Anderson Smith adiantou-se e tocou o próprio chapéu com um dedo, olhando para o avô da jovem.

— Senhor — disse estendendo a mão.

Mr. Otto não ergueu o chapéu, descontente com aquele intruso ao lado de sua neta, mas apertou a mão dele. *Bem* forte. E sem nenhuma palavra agradável. Anderson *apertou* de volta, olhos firmes e fixos dentro dos olhos do recém-chegado.

— Sua neta precisa de cuidados.

Victoria nem acreditou que ele estava dizendo aquilo! E que olhava para seu avô com aquela intensidade... predatória – ela devia estar vendo coisas. Mas, enfim, depois de alguns segundos constrangedores e silenciosos, o rapaz desviou-se do rosto do velho e olhou para a moça, parada entre os dois, antes que ela fosse forçada a falar alguma coisa para salvar a situação.

— Não se esqueça da sua bagagem. — Ele disse. E deu uma piscadinha para Victoria.

— Não vou.

Victoria estendeu a mão para apertar a dele, mas Anderson se inclinou rapidamente e deu um beijo na mão da jovem, os olhos escuros brilhando para ela.

— Cuide-se — falou e se afastou, com passos amplos, sumindo no meio da multidão.

* * * *

— Está bonita, minha neta! — comentou o avô, depois que o jovem se foi, debaixo do olhar perscrutador de Mr. Otto. — Fez boa viagem?

— Ótima! — Ela não contaria sobre o episódio horrível, nem sob tortura.

— O que aquele sujeito estava fazendo aqui com você? — O avô agora a olhava com firmeza, como se ela fosse culpada de alguma coisa.

— Ah, ele só veio devolver o meu chapéu — respondeu Victoria, um tantinho irritada. — Esqueci-o no trem. É que eu cochilei, e...

— Como ele sabia que o chapéu era seu?

— Não sei, vô! Deve ter visto na minha cabeça.

— Estava tão entretido com você que, mesmo tendo que cuidar da própria bagagem, cuidou também da sua?

Victoria revirou os olhos de leve. Estava bem cansada.

— Foi apenas uma gentileza. E ele não trazia bagagem.

— Huum. Teve tempo de lhe dizer isso, *hein*? O que mais ele lhe disse?

— Nada de mais, vô. O que o senhor espera que eu diga? Que conversamos sobre o tempo?

— Não fui com a cara desse fulano.

— Ele apenas esperou que o senhor chegasse. — Victoria suspirou. —

Como eu disse, foi apenas gentil... não precisa se preocupar!

Sem mais nenhum comentário, o avô pegou a mala da neta.

Hoje em dia, não se pode deixar uma moça sozinha por mais de meia hora! – Mr. Otto pensou enfurecido. *Cinco minutos é o máximo, se ela for bonita como minha neta.* Bufou audivelmente. *Que tempos estamos vivendo!*

— Venha. — Ele passou um dos braços sobre os ombros da neta, em atitude possessiva, enquanto carregava a mala baú com a outra. — Sua avó a espera no carro.

* * * *

Fazia tempo que Victoria não via os avós paternos. Quase um ano e meio, na verdade, desde o início do verão anterior. O avô, como seu pai, era um pouco sisudo; de forma que os laços entre ele e a neta não eram tão próximos.

Victoria nutria especial carinho pela avó, que a estreitou nos braços assim que a garota aproximou-se do carro – um Chevy Impala turquesa novinho, que Victoria ainda não conhecia –, apertando-a forte e dando-lhe beijos nas bochechas.

— Está magra! — disse, olhando Victoria de cima a baixo enquanto a segurava pelas mãos.

— Eu? Magra nada.

— Não discuta com os mais velhos. Vamos tratar de engordá-la nesta semana.

Victoria riu. Mrs. Ruth Ann continuava a mesma.

— Pelo amor de Deus, vó, não invente excesso de comidas gostosas esta semana.

— *Shhh!* Não diga nada. Esse é o *meu* departamento! Como vai arrumar um bom pretendente com os ossos saltando para fora?

— Meus ossos não são visíveis.

— Os homens gostam de poder apertar um pouco as coisas...

— Vó! — sussurrou Victoria, rindo baixinho. — Que coisa para a senhora dizer!

Foi a vez de Mrs. Ruth Ann gargalhar. Adorava soltar umas frases chocantes quando estava feliz. Mr. Otto nem estava escutando, ocupado no porta-malas, ajeitando sabe-se lá o quê.

— Já a senhora está forte como uma vaca leiteira! — Victoria sabia que isso era um grande elogio.

— Mas é claro, criança. E pretendo permanecer assim pelos próximos vinte anos, no mínimo. Se o seu avô me der paz! — Ela enviou um olhar fingido de irritação na direção do marido.

Um grunhido foi a resposta, enquanto o avô batia o porta-malas.

Atlanta ficava ao sopé das Montanhas Apalaches. Eles seguiriam para o leste, pela rota 278, cruzando as regiões mais baixas do Piedmont, que era o remanescente erodido das cadeias montanhosas mais antigas. Uma região

invadida por florestas e vistas sobre vales que Victoria conhecia desde a infância. Pena que agora era praticamente noite. Parte das árvores já deveria estar da cor do outono, época das mais lindas, uma vez que no Piedmont ainda havia um pouco da flora das Montanhas Great Smoky e Blue Ridge, ao norte. Ambas cordilheiras dos Apalaches.

As encostas ao longo da estrada eram cheias de musgo e líquen, com abundantes nogueiras e diversos tipos de carvalho, magnólias da tulipa e abetos, faias e rododendros. Entretanto, a névoa tomava conta de alguns dos pontos mais baixos do relevo, e até passava um pouco sobre a estrada, já que caíra uma chuva passageira à noitinha.

Em meio ao bate-papo, principalmente entre as mulheres, Mr. Otto dirigia sem pressa, rumo à cidade de Madison, cinquenta e cinco milhas distante de Atlanta. Dali continuou no sentido de Greensboro e Crawfordville, ainda pela rota 278, beirando a Oconee National Forest e passando sobre o rio Oconee. De Madison a Crawfordville eram mais trinta e cinco milhas.

Eram oito e meia da noite, já passadas, quando saíram da 278 e pegaram a rota estatal 47 da Georgia, que ia para Sharon e Washington. Para chegar à fazenda, porém, não precisavam ir até Washington. Já estavam pertinho. Mais uns trinta e cinco minutos.

Passando por Sharon, o avô de Victoria continuou por apenas mais sete milhas na rota 47, então desviou para oeste, guiando seu Chevy Impala por estradas menores e mais rurais, em direção às porções mais largas do lago Clarks Hill. A fazenda situava-se um pouco ao Sul de Washington, um recanto agradável entre a cidade, o rio Savannah – que fazia divisa com a Carolina do Sul – e o lago Clarks Hill.

CAPÍTULO 8

As três horas e pouco de viagem foram agradáveis para Victoria, apesar do cansaço e do episódio horrível do trem – que ela faria questão de se esquecer. Aliás, se não fosse pelo jovem rapaz, Victoria nem imaginava o que poderia ter acontecido. Ou melhor, imaginava, sim: o trem tendo de parar na estação mais próxima para descarregá-la em algum pronto-socorro ou posto dos bombeiros, levada por alguma alma caridosa.

Que horror! Victoria intimamente agradecia a Deus por não ter ocorrido o pior. Engraçado como o Mr. Anderson conseguiu acalmá-la, de uma forma como nem Jared conseguira, na festa. Ele tinha alguma coisa especial.

Mas ela não queria pensar mais nisso. E com sua avó falando e contando "causos", animada e firme e forte como rocha, como sempre lhe fora característico, ficava mais fácil se esquecer. Mrs. Ruth Ann trazia alento à alma da neta por sua simples presença, sem nem notar.

Quando o Chevy turquesa embicou na estradinha que levaria à propriedade, Victoria abriu todo o vidro de sua janela. O cheiro de mato e terra recém-molhados pela chuva invadiu suas narinas. Que cheiro bom! Ela ergueu os olhos para cima, com a cabeça para fora: nuvens esparsas eram como fiapos de algodão varridos pelo vento, mas a noite estava clara. A palidez da lua iluminava os campos e as árvores. Victoria inspirou fundo.

A casa ficava um pouco acima do restante da propriedade, no que se podia chamar de "colina"; porém não chegava a tanto. Mesmo assim, o nome pegou: Casa da Colina. Havia pequenos lampiões antigos, acesos com fogo, ao longo da trilha de cascalho branco que levava até a porta principal.

A construção robusta e bem-cuidada mostrava que a situação financeira do avô continuava sólida como pedra. Estilo vitoriano, dois andares, uma beleza requintada e elegante, mas com alguns detalhes que a faziam única. A cumeeira tinha um ângulo relativamente fechado no segundo andar, inclinando as águas do telhado até o beiral, e formando o famoso "chapeuzinho" – como Victoria chamava, quando criança, pois era igual ao telhado de sua casinha de bonecas.

A casa dos avós tinha seis saídas de chaminés, pois ventava muito no inverno; enquanto a casinha de Victoria só tinha uma.

A varanda em torno de toda a parte inferior da casa era ladeada por cercas brancas de madeira, recém-pintadas. De onde o carro vinha, pela alameda principal, havia ao menos dez janelas lado a lado, considerando os dois andares da residência, e que podiam ser vistas, em parte, no meio dos muitos pessegueiros e carvalhos imensos do quintal. Com venezianas ainda abertas,

à espera deles, mostravam-se cortinas e luzes por detrás, o que trazia alusão à Victoria, ainda agora, a casinhas de fadas no meio da floresta. Era aconchegante e muito tranquilo. Mas a visão trouxe um caroço estranho para a garganta dela, e os olhos arderam de novo. A garota preferia que as circunstâncias de sua vinda fossem outras.

Entretanto, tratou de se recompor logo; o avô estacionava o carro diante da porta principal, ladeada por quatro janelões que iam do piso ao teto, para deixar Victoria e Mrs. Ruth Ann.

Enquanto os dois criados mais antigos da fazenda já abriam a porta, ouvindo "boas noites" de Mrs. Ruth Ann e as primeiras ordens, Victoria olhou para o maior carvalho de todos, não muito distante da casa. O antigo forte indígena das crianças jazia, ainda, em perfeito estado sobre os galhos poderosos da árvore.

Parte daquele território, desde Atlanta, foi outrora habitada pelos índios creek e cherokee, que aos poucos perderam suas terras e foram obrigados a migrar para regiões que seriam do estado de Oklahoma – depois da ordem emitida pelo Congresso, em 1830. As viagens forçadas e as recolocações ficaram conhecidas como A Trilha das Lágrimas – e Victoria sentiu outra vez a garganta apertar. Pelo visto, ela estava muito sensível... Nunca tinha sido o tipo de pessoa melancólica, chorona e dramática. Muito pelo contrário.

Mas tudo há de ficar bem. Eu estou aqui justamente para isso.

Ela se lembrou das aventuras que as crianças inventavam: eram índios cherokee em lutas contra colonos – e todas elas queriam ser cherokee, então tinham que tirar a sorte no palitinho. Às vezes, porém, o forte era dos confederados, que entravam em guerra contra yankees "imaginários". Imaginários e fantasmas, sim, porque ninguém queria ser yankee mesmo.

O mais divertido, entretanto, e que por vezes acabava levando o grupo para longe da Casa da Colina – eles procuravam fazer de conta que não havia criadas e babás acompanhando-os – era o grande mistério de Washington: a lenda do ouro perdido dos confederados! Estava enterrado em algum lugar da região, quem sabe até mesmo ali, na fazenda!

Eles imaginavam o baú enorme, e *totalmente* cheio de ouro – um montante que já valia cem mil dólares quando desapareceu, em 1865. Mais de oitenta anos depois, na época das brincadeiras, Victoria, os primos e algumas crianças brancas da região inventavam somas astronômicas a serem desenterradas. Organizavam empreitadas cheias de horríveis perigos, em territórios turbulentos, distantes, habitados por feras e índios, na intenção de resgatar o tesouro.

E a tarde corria lépida enquanto ficavam todos entretidos com a "viagem", os mapas coloridos e as mochilas de suprimentos cheias de biscoitos e frutas. Os adultos tinham um pouco de sossego, mas era só até que alguém ralasse os joelhos, ou fosse empurrado *de propósito* – essa ênfase era importante. Ou no caso de haver alguma briga homérica e uma das crianças aparecer com um punhado do cabelo de outra criança nas mãos. Nesse último caso, palmadas e

castigos resolviam.

Embora Victoria fosse neta única por parte do avô, havia vários primos e primas que vinham da família da avó. Mas às vezes não havia nenhum deles presente. Victoria posava de princesinha, então. Neta e filha única.

— Vamos, Vic! — chamou Mrs. Ruth Ann, arrancando Victoria dos devaneios. — Vamos entrar, porque o ventinho está frio.

* * * *

Patsy e o marido, Clay, conduziram as mulheres para dentro, Patsy e Mrs. Ruth Ann falando ao mesmo tempo, e Clay, sempre dedicado, carregando a mala de Victoria. Eram comentários sobre a viagem, notícias sobre o andamento do jantar e respostas às diversas perguntas de Mrs. Ruth Ann.

O grupo todo entrou na ampla sala principal, cujo piso gasto e limpo era todo de madeira de pinho, coberto por tapetes de cores e tamanhos diferentes, mas que, em conjunto, harmonizavam-se bem. A escada para o andar de cima, um amplo caracol com corrimão de ferro ornamentado, ficava praticamente no centro de tudo, inclinando-se para a esquerda e para cima. Os tetos eram brancos e impecáveis, as paredes idem. Algumas eram pintadas de amarelo – cor predileta da avó –, em pontos estratégicos para captar luz.

Aquele ambiente tinha várias áreas em comum. A sala de estar era a principal, com uma enorme lareira acesa, belos quadros, jarros de cristal com flores e linda mobília antiga. Para a direita havia uma sala de música adjacente, apenas um degrau abaixo do ambiente anterior, equipada com piano, um gramofone vermelho antigo – com corneta de metal dourada e cunhada com desenhos de flores –, e um rádio da última moda, além de outra lareira. O telefone *vintage* ficava entronizado sobre uma mesa de canto, e era o xodó da avó. Feito em bronze cinzelado, todo cheio de entalhes e rococós, pesava mais de dois quilos. O disco central era incrustrado com um delicado camafeu que representava uma coroa.

Uma saleta íntima ficava conjugada à sala de música. Mas ela parecia-se mais a um jardim de inverno, todo envidraçado e cheio de plantas, com sol inundando-o na maior parte do dia. À esquerda da sala de estar ficava a biblioteca, que fazia parte do conjunto como um todo, separada apenas por portas francesas que estavam sempre abertas.

“Livros devem ser mantidos arejados”, era o que pregava Mrs. Ruth Ann. De fato. Todas aquelas estantes até o topo das paredes estavam abarrotadas de livros dos mais diversos e que não podiam correr o menor risco de serem infectados por fungos.

Por todos os ambientes havia sofás sobrepostos com xales, poltronas e mais poltronas, mais tapetes, pufes, montes de almofadas, cadeiras em torno de mesinhas de centro, mesinhas de canto com abajures de diversos tipos, uma cadeira de balanço de madeira, cristaleiras e estantes, fotografias e enfeites.

Tudo aquilo misturado, com o bom gosto e o toque da irreverência da avó, somado a algumas *baguncinhas* permanentes aqui e acolá, era o que fazia a casa ser especial. As baguncinhas eram todas de Mrs. Ruth Ann: bordados inacabados soltos sobre cadeiras, ou em uma mesa de centro; uma máquina de costura em um canto improvável da sala de música, mas onde batia muito sol; livros de receitas esquecidos sobre as lareiras e chinelos perto de poltronas ou debaixo de mesinhas.

Ela era o oposto de Mr. Otto, a quem a praticidade, o jeito metódico e a organização eram assunto de primeira grandeza. Até por isso seu escritório ficava no segundo andar, bem longe da "bagunça e da confusão".

Victoria tirou o casaco, apoiando-o no encosto de uma poltrona. Olhou para cima. Os lustres de candelabros estavam acesos. Eram dos mais lindos que Victoria já viu, de ferro retorcido e cristal. A avó os chamava de *chandeliers*. Para a tarefa de limpá-los, a confiança repousava apenas e tão somente sobre a criada Patsy que, muitos anos antes, já não sendo tão nova, sofrera queda de uma escada fazendo justamente a limpeza dos *chandeliers*.

Desde então mancava de uma perna, mas passara a ter moradia permanente na fazenda – em uma casinha própria –, além de aumento de salário. Era muito mais do que tivera a avó de Patsy, uma das muitas escravas do bisavô de Victoria. E muito mais do que tivera a própria mãe dela, que morreu no parto, apesar da assistência recebida dos patrões. Aconteceu ali mesmo, na fazenda, na época do pai de Mr. Otto.

Assim, levando em conta as premissas filosóficas e existenciais do atual dono da casa – muito parecidas às de Mr. Milton –, aquela era uma concessão sem tamanho feita aos empregados negros. Clay tinha agora cinquenta e dois anos. Patsy, cinquenta e cinco. A velha senhora trabalhava para a família há mais de quarenta anos, ajudando a mãe desde garota. Tinha visto o pai de Victoria crescer. Perdera dois irmãos na Primeira Guerra. O filho mais velho na Segunda Guerra. Mas sobravam-lhe as três filhas, ainda empregadas na fazenda com os maridos e a prole, e os outros dois filhos, também com família formada. Todos moravam nas extremidades mais distantes da propriedade.

Mrs. Ruth Ann foi direto para sua cozinha verificar tudo com os próprios olhos, depois de mandar Victoria subir. Clay carregou a mala, e Patsy subiu atrás dele, manquitolando apressada ao lado da neta da dona da casa.

No extremo oposto da casa, mais perto da cozinha, ficava o salão de jantar. Projetado com imensas portas-balcão, tudo era vidro e madeira ao redor da mesa maciça, com lugar para vinte e duas pessoas – dez de cada lado e duas à cabeceira – sobre um tapete realmente gigantesco. O estofamento das cadeiras foi substituído, Victoria notou, do alto da escada e de longe: agora era um azul-cobalto realmente bonito, em vez do floral de antes.

* * * *

Ao entrarem no quarto, Clay depositou a mala aos pés da cama e saiu com um cumprimento. Patsy abriu um sorriso para a jovem, que Victoria retribuiu; conhecia a empregada desde sempre. O quarto que passou a ocupar quando vinha à fazenda não era mais o quarto de criança no meio do corredor, mas um dos principais com o próprio banheiro e uma sacada com vista para os jardins dos fundos.

Estava arrumado com lençóis e cobertas limpos, cheirando à lavanda. As cortinas diante dos janelões tinham sido lavadas e estavam semiabertas, deixando entrever o jardim lá em baixo, a piscina e o pomar das crianças adiante. Os detalhes eram coisa da avó: dois vasos com belas flores do campo enfeitavam a mesinha de cabeceira e a escrivaninha. Toalhas brancas macias jaziam dobradas sobre a cama, bem como um roupão felpudo branco. No chão, chinelos do mesmo tecido macio, combinando. Victoria sorriu.

— Fique à vontade, *miss* Victoria Ann — falou Patsy, que sempre a chamou pelos dois nomes, mostrando os itens que a moça já havia notado. O sotaque sulista dela era tão carregado que algumas palavras pareciam estar pela metade. Depois, com as mãos à cintura, a senhora riu e comentou: — *Miss* Victoria Ann está tão linda agora! Parece sua mãe quando moça.

— Ah, não chego aos pés da beleza de minha mãe...

— Claro que chega, *miss*, é claro que chega! — ela respondeu com aquele sotaque, como se fosse uma verdade incontestável. Então Patsy inclinou-se rapidamente, em uma mesura: — Com a sua licença, *miss* Victoria Ann, vou descer e ver se *ma'am* precisa de mim. A senhorita tem tempo de se lavar e trocar de roupa. Caso queira, não é mesmo? — falou, com simplicidade. — Para o que precisar, estou às suas ordens!

— Obrigada, Patsy — respondeu a moça, ainda entretida com o quarto. O papel de parede antigo tinha sido trocado. Agora havia um com delicadas rosas cor de lavanda sobre um fundo marfim. Mas o que chamou sua atenção foi um quadro novo: uma ampliação de fotografia. Dela mesma!

Sorrindo abertamente ao notar o interesse da menina, Patsy saiu, meneando a cabeça e falando:

— Viu, *miss* Victoria Ann? Que lindeza que é a senhorita? E vem dizer que não é como a mãe, que deixou o patrãozinho de queixo caído... — Patsy deu uma leve risadinha, lembrando-se do deslumbramento do pai dela pela jovem alemã, que ainda por cima falava um péssimo inglês.

Victoria olhou para a foto. Ela estava com um vestido roxo *acinturado* e bastante rodado. A saia tinha recebido um belo bordado, feito à mão, com renda cinza-pérola levemente brilhante. Os cabelos muito louros estavam bem penteados, formando uma cascata de cachos sobre um ombro. Os olhos cinza-claros cintilavam sob aquela maquiagem meio *dark*, fazendo com que eles se destacassem tanto. Uma das mãos estava postada delicadamente à cintura. As unhas, perfeitamente pintadas em tom róseo suave, combinavam com o batom do mesmo tom.

Ela ficou observando por um longo tempo, esquecida de tudo. Não fazia

muito tempo que aquela fotografia fora batida. Tinha sido no último aniversário dela, em janeiro. Há poucos meses! Onde *estava* aquela garota?

* * * *

— Vó! Como a senhora tem aquela foto? — indagou Victoria ao entrar na cozinha. — É tão recente!

— Pedi à sua mãe, nem me lembro quando. Só tenho fotos suas de criança!

— Adorei! Obrigada! Aliás, estou sentindo um cheiro de... é *gumbo*? — Victoria arregalou os olhos, farejando perto do fogão. Levou um safanão com o pano de prato.

— Tenha modos de dama! — brincou a avó. — Uma dama não vem bisbilhotar o fogão. É isso mesmo! Sei que é um dos seus pratos favoritos.

— Pelo visto, todos andam fazendo meus pratos prediletos — disparou Victoria, puxando uma das cadeiras da mesa da cozinha e sentando-se.

— Sinal de que todos a amam. — E com um grito para a sala: — Otto! Ande *logo*! Saco vazio não para em pé!

A cozinha da vovó era o cômodo mais impagável da casa, desde sempre. Tinha paredes azul-claras e pé-direito alto. Ao encontro da única parede de pedra havia um forno à lenha. O forno comum ficava do outro lado do recinto. Havia não apenas uma, mas duas geladeiras, que estavam dispostas entre as estantes e os gabinetes de madeira branca, todos cheios de louças e travessas. Algumas bem antigas e valiosas. As panelas de ferro e cobre ficavam penduradas, em ganchos, sobre os balcões compridos abaixo das inúmeras janelas.

A mesa ocupava o lugar de honra no centro da cozinha e era um dos locais prediletos das crianças para o café da manhã ou da tarde. Aliás, era um dos lugares prediletos de todos.

A cozinha dava para um pátio de tijolinhos, onde ficava o complexo de lavanderia e a área de serviço. Mais abaixo, o galinheiro. Um pouco adiante, descendo a alameda, ficava o chalezinho de Patsy e Clay. Pequeno, porém sólido e quente, onde o casal de meia-idade cultivava a própria horta e um diminuto jardim. Agora, eles ajudavam a administrar o serviço de outros empregados. Patsy como governanta e Clay como administrador da casa.

A noite com os avós foi boa, até abriram uma garrafa de vinho e Victoria pôde tomar um pouquinho. Tudo ficaria bem. Era só se concentrar nisso.

Tudo ficaria bem.

Depois do banho, ao deitar, Victoria ficou olhando as estrelas pelas cortinas entreabertas, até cair no sono. Já era bem tarde. Mas não sentiu medo nem viu ou ouviu nada estranho. Mesmo no trem, apesar do susto todo, ela não detectara a presença *dele*. Para ser sincera, Victoria não sabia bem o que ocorrera. Tinha ficado mexida com a reportagem, depois melancólica; ela ficou perturbada com a sensação de ter de se lembrar de alguma coisa ou de estar chegando o tempo de algo. Depois as pessoas pareciam estranhas –

podia ser só um sintoma, como todo o resto?

Era provável. Mas a presença daquele jovem, que saíra sabe-se lá de onde, tinha evitado o pior. Disso Victoria tinha certeza.

Latejando no peito, uma sensação quente espalhou-se muito aos pouquinhos: esperança. Esperança de que tudo seria novo a partir da manhã seguinte, e as últimas semanas ficariam no passado. Victoria suspirou fundo. Do mesmo jeito como tudo apareceu, tudo iria embora.

Ela até conseguia fazer alguns planos. Conseguia voltar a pensar seriamente na faculdade e em como dobrar o pai quanto a isso. Conseguia até ver o futuro, quando estaria em Nova York, trabalhando no jornal, escrevendo; quem sabe até encontrando um grande amor que entendesse seu estilo de vida. Sim, isso mesmo.

Quanto à semana que tinha pela frente, iria aproveitá-la! Andaria a cavalo e ficaria na piscina aproveitando o sol do início do outono. E, quem sabe, iria também a Atlanta. Poderia sair cedinho e gastar um dia passeando e fazendo compras na cidade – quem sabe encontrando aquelas lingeries que tinha visto no anúncio. Atlanta tinha vários atrativos. Havia lanchonetes grandes, sorveterias, cinema e uma biblioteca pública enorme. E sempre muito verde por todo lado, o que a fazia muito agradável, cheia de magnólias, de *dogwoods*, pinheiros e carvalhos.

Como uma das cidades mais importantes do Sul, Atlanta impressionava até quem vinha de Pérola do Sul. A cidade de Victoria era considerada grande, mas possuía apenas um quinto do tamanho da capital da Georgia.

Um dos principais objetivos de ir até lá era, porém, porque Victoria queria ter a chance de conhecer algumas universidades. Mesmo que ela não tivesse intenção de estudar no Sul, jamais pudera sequer *ir* a uma delas! Mr. Milton John não estava nenhum pouco convencido em deixar a filha cursar o ensino superior. Victoria morria de vontade de conhecer a CUNY, em Nova York, que era pública; mas... até então tinha ficado só na vontade.

Aproveitaria aquela semana para xeretar por ali mesmo. Quem sabe uma visitinha à Universidade Estadual da Georgia, que também era pública e ficava no centro de Atlanta. Antes ela estava ligada à Georgia Tech. Sem falar que, a título de curiosidade, se tivesse tempo, a garota também queria dar uma passada em uma das Historically Black Colleges and Universities: a CAU ou a Morris Brown Colored College, ambas privadas.

Victoria adormeceu ao som conhecido do vento balançando a copa das árvores e do ocasional pio de corujas, enrodilhada em sonhos para o futuro.

* * * *

Os planos de Victoria começaram a falhar logo na manhã seguinte, a começar pela dificuldade em sair da cama. Sentia-se exausta e não havia motivo, pois tinha dormido igual a uma pedra. Mesmo assim, arrastou-se para fora da cama quando Patsy veio chamá-la, a pedido de Mrs. Ruth Ann.

A jovem tomou o desjejum em companhia da avó, pois o Mr. Otto havia saído bem cedinho.

Victoria comeu uma torrada sem vontade, e só aceitou um ovo com bacon. Meio copo de suco de pêssego e uns golinhos na xícara de café terminaram de encher seu estômago por completo. Nem parecia ela mesma, sempre faminta logo cedo!

Conversou pouco. Respondeu a perguntas com respostas monossilábicas e fez comentários com no máximo uma frase. Duas, caso se esforçasse bastante. Alegou estar ainda muito cansada.

— Quer ir comigo à feira de flores? Hoje é o dia dos produtores exporem-nas no galpão de um sítio aqui perto. Vale a pena conhecer! Vamos encontrar orquídeas lindas. Você poderia comprar um vaso para sua mãe. Depois almoçarei com duas amigas em Washington.

— Ah, vó, prefiro ficar por aqui mesmo, agora de manhã.

— Está bem. O objetivo é descansar! Quem sabe amanhã à tarde possa vir comigo ao chá de panela da filha dos Stuart? É o evento da semana! Lembra-se dela?

— Margareth! É claro. Subimos juntas em muitos pessegueiros, mas ela jamais conseguiu me capturar quando eu era cherokee.

— Não é mesmo? Essas brincadeiras de vocês... — Mrs. Ruth Ann sorriu, saudosista. — Não sei se você se lembra, mas você era a mais moleca, Vic! Mais moleca do que os garotos. Estava sempre inventando alguma coisa.

Victoria meneou a cabeça, assentindo.

— É verdade. Eu era uma "arteira". Sei que dei trabalho para vocês.

— Que trabalho, o quê? Ter netos é uma bênção!

Então ela deu um beijo na cabeça da neta e foi pegando a bolsa. Arrumada para sair, Mrs. Ruth Ann tinha os cabelos grisalhos presos em um coque alto, estruturado, e usava um *tailleur* azul-acinzentado de bom caimento. Além das joias com pérolas, sempre clássicas para encontrar as amigas. O chapéu era cor de creme, combinando com as luvas, os sapatos e a bolsa. Um lenço amarelo no pescoço dava um charme.

A senhora não notou nada de errado com a neta; compreendeu o cansaço e não fez nenhum comentário ou pergunta. Recomendações do médico, era o que Elizabeth explicara.

Após Victoria ficar sozinha em casa, voltou imediatamente para a cama, mas não conseguiu dormir. Depois de virar e revirar de um lado a outro, irritada com aquilo, resolveu levantar de novo. Mas continuava cansada e precisava de alguma coisa que a distraísse e ajudasse a passar o tempo. Entretanto, não tinha vontade de fazer nada.

Ficou sentada em um dos bancos do jardim dos fundos, perto da piscina, descalça e de pijama, com os cabelos soltos e despenteados. Nem se dera o trabalho de fazer um rabo de cavalo, pelo menos. Toda desarrumada, só queria o sol batendo no rosto. Estava com preguiça até de colocar um traje de banho; mas ficar ali só lhe deu mais sono.

Quando estava cabeceando no banco, arrastou-se até o quarto e pegou o biquíni da mala. Rosa com estampa floral, a parte de baixo tinha cintura alta e a de cima era como um sutiã com bojo. Ousado demais para uma mulher adulta ou casada. Mas para Victoria ainda era aceitável. Mesmo porque ela tinha comprado a peça com a mãe, durante a viagem à Flórida, e o pai não tinha visto. Melhor assim! O biquíni já tinha sido "inaugurado" em Paris há mais de doze anos.

Tudo bem que foi um escândalo... E até foi proibido, em alguns lugares. Mas agora já chega dessa besteira, né? Marilyn Monroe usou, Brigitte Bardot também. Adolescentes que curtem moda agora também usam. Ponto-final.

Foi o primeiro momento do dia em que se sentiu melhor: olhando sua silhueta toda curvilínea dentro do biquíni, o formato lindo dos seios e um belo bumbum. Ótimo!

Voltou para a piscina, jogou-se na espreguiçadeira e lá ficou, rodando como um filé na grelha.

* * * *

O chá de panela da Margareth foi agradável. Embora Victoria tivesse tomado bastante sol, não estava com a pele danificada. Talvez resquício do bronzeado de Miami Beach, que ela achava ter perdido por completo. Ainda bem, pois precisava estar vestida adequadamente, e os vestidos de coquetel – apropriados para a ocasião – eram curtos e com decotes que, alguns anos antes, só eram usados depois das seis da tarde.

Victoria tinha levado um, por pura precaução, e Patsy em pessoa o havia passado. Era um vestido de *chiffon* verde-água com sobreposição de tule azul-escuro e decote de ombro a ombro, revelando lindamente o colo realçado por corselete. A altura era nos joelhos, e Victoria usou com sapato *trop belle* de salto médio, um modelo fenomenal em couro trabalhado, com detalhes vazados de flores, verde e bege.

Por sorte, uma das primas de Victoria tinha esquecido na Casa da Colina um chapéu que combinava adequadamente, pois era azul-escuro – da cor do tule –; e não foi difícil arrumar um par de luvas azul-escuro com a própria noiva. Sendo o sapato absolutamente *bárbaro*, ninguém iria ligar para o fato de não combinar exatamente com o chapéu e as luvas, mas com o vestido. Iriam entender como um detalhe *avant-garde* e ultrafashion para as mais ousadas.

Afinal, Victoria não tivera ideia de trazer mais de um chapéu de passeio para a fazenda, onde pretendia usar só o chapéu de caubói branco que tinha deixado lá nas últimas férias.

Assim, depois de relembrar vários momentos da infância e adolescência com a amiga, reencontrar outras, participar de algumas das brincadeiras, conhecer outras jovens e comer doces e bolos, Victoria ficou cansada. O que ela estranhava deveras. Nunca fora seu feitio. Muito cansaço e muito sono,

misturado com aquela tristeza sem causa que se abatia sobre ela, às vezes mais, às vezes menos.

Victoria sempre foi o oposto: elétrica, comunicativa e extrovertida. Mas agora, na verdade, tudo que ela queria era ir para casa e ficar quieta, quem sabe lendo alguma coisa, sozinha, no quarto. Apesar disso, ela precisou ter um pouco de paciência, pois Mrs. Ruth Ann estava para lá de falante, ao lado das mães e das outras senhoras da festa.

Se a avó notou o abatimento repentino da neta, Victoria não sabia dizer. Mas, de repente, a senhora começou a se despedir, e Victoria fez o mesmo.

— Felicidades com o seu casamento! — desejou, de coração, à Margareth.

— E você? Já está noiva? — perguntou, à queima-roupa, uma das moças que Victoria tinha conhecido naquela tarde. Justamente aquela que havia ficado encarando-a várias vezes e medindo-a de cima a baixo, filmando-a por inteiro o tempo todo.

Invejosa! – havia pensado Victoria, e nem lhe dera muita atenção. Mas fez questão de dar uma boa resposta naquele momento:

— Por enquanto, estou *fugindo* de compromissos! Meu namorado queria me dar um anel, mas terminei com ele... — Victoria abriu o sorriso radiante, entupindo a outra, que murchou imediatamente, pois todas ao redor verificaram a veracidade de suas palavras. — Sabe como é? — Olhou a outra nos olhos, de cima, até porque Victoria era mais alta. — Acho que não, então explico melhor, *dolly*: Nova York, faculdade de jornalismo, me tornar repórter, escritora. Uma mulher independente. *Mais tarde* dou espaço para um rapaz que me entenda e me mereça. Captou a ideia?

A outra devolveu um sorriso ainda mais murcho, e só pensou com seus botões: *Antipática!*

* * * *

O dia seguinte foi parecido com os anteriores. Sem novidades. Victoria conseguiu ânimo para dar uma volta a cavalo, foi longe, andou por toda a fazenda de manhã. Ela com ela mesma. Depois ficou jogada de novo na beira da piscina, à tarde, mais morta do que viva debaixo do sol. Só quando sentia muito calor é que dava um mergulho rápido: um choque térmico daqueles, pois a água estava fria. Mas a sensação era pra lá de gostosa.

No outro dia, Victoria havia planejado ir a Atlanta, mas desistiu. Só de pensar em acordar antes de o sol nascer, enfrentar uma viagem de três horas, perambular o dia todo para cima e para baixo, e depois o mesmo tempo para voltar... perdeu a coragem. Ficava exausta só de imaginar. E não teria companhia. Estranho. Porque isso nunca era problema.

Mas agora estava sendo. Victoria parecia depender do incentivo de alguém para arrastá-la, para fazê-la se animar com qualquer coisa. Até as coisas de que ela mais gostava, como compras. Na verdade, às vezes ela sentia que precisava de um guindaste para simplesmente se mover e sair da cama, do

sofá, ou da banheira. O corpo pesava mais do que seus cinquenta e seis quilos.

O que era *aquilo*, por Deus? Aquela sensação de torpor, de indisposição, de abatimento e desinteresse? Mrs. Ruth Ann já estava notando a apatia, tendo, inclusive, inquirido a respeito. Estava ficando preocupada. Veio com uma conversa meio desconversada, indagando se Victoria não estaria ficando resfriada... ou se a enxaqueca continuava – já que essa fora uma das desculpas que a jovem havia usado para justificar uma tarde inteira na cama.

Victoria falou a verdade. Ou uma meia verdade: estava cansada e sem vontade de fazer muita coisa. Talvez fosse o início de uma gripe, pois ficou entrando e saindo da piscina gelada.

Sexta-feira à noite Victoria se obrigou a ir a um evento social em Washington, ao qual Mr. Otto e Mrs. Ruth Ann precisavam comparecer. Alguma coisa do Rotary Club de Atlanta ou algo do tipo. Victoria nem quis saber direito. Deixar de ir não era uma opção. Quando deu por si, estava no meio de uma festa enorme, com danças e cavalheiros a convidando.

Como gostava muito de dançar, depois de passado o choque inicial, ela se divertiu bastante. Aparentemente, a mistura de adrenalina e açúcar – havia coquetéis sem álcool para as jovens *ladies*, mas Victoria tomou também um pouco de ponche e provou docinhos deliciosos, além de alguns salgados – tinha conseguido uma façanha e tanto.

Vendo-a mais feliz, Mr. Otto apresentou a neta a vários cavalheiros mais velhos e a seus filhos. Pelo visto, não era apenas o pai que queria Victoria casada sem demora, e ali, a julgar pelo entusiasmo do avô, era um dos melhores lugares para conhecer o rapaz-de-família-rica-e-bem-sucedido que todos almejavam para ela.

Victoria sorria, dançava e dispensava um a um.

Imagine se me caso com um desses tipos, até um arrepio se movia por sua espinha. *Vou morar em uma fazenda pelo resto da vida, e o máximo de ação que terei serão festas como essas, nas quais empurrarei minhas filhas para os filhos destes cavalheiros.*

Um ou outro daqueles jovens era até interessante. E os avós tinham dado mais do que sinal verde. Mas não. Nem pensar.

Assinaria sua sentença de prisão perpétua se desse qualquer passo em falso. E "passo em falso" era igual a um sorriso um pouco mais meloso, o telefone de sua casa, mais que dez minutos de conversa, mais que três danças seguidas com o mesmo rapaz; e o pior erro de todos: um beijo.

Victoria saiu-se perfeitamente bem, desvencilhando-se de tudo que pudesse prendê-la de forma irreversível.

* * * *

No sábado, logo depois do almoço, os avós saíram. Cada qual para seu compromisso. Mesmo convidada a juntar-se a Mrs. Ruth Ann, Victoria preferiu ficar em casa.

— Acho que hoje vou ficar tomando um pouco mais de sol.

— Não exagere demais nesta piscina, hein! Sua pele é tão linda, tão branquinha. O bronzeado já está bom!

Victoria deu um beijo estalado na bochecha da avó.

— Pode deixar — garantiu.

Mr. Otto saiu com sua picape e a senhora usou o Chevy Impala turquesa. Patsy estava na cozinha, cantarolando e preparando coisas gostosas para o jantar. As outras criadas já tinham arrumado e limpado o andar de cima, de modo que Victoria subiu para se trocar e não encontrou ninguém pelo caminho.

Contudo, ao entrar no quarto, acabou desistindo da piscina. Ao olhar-se no espelho do banheiro, achou que a avó tinha razão. A pele estava bonita; mais sol seria demais. Mas os cabelos estavam ressecados depois do verão, e ela achou que o melhor seria preparar uma máscara de hidratação e ficar lendo no jardim.

Entrou direto no banho, lavou os cabelos muito bem, passou o creme rinse, enxaguou tudo e saiu com a toalha enrolada na cabeça. Foi para a cozinha, pegou meio abacate e uma banana, bateu no liquidificador com duas colheres de sopa de mel. Então colocou a mistura em um pote de cerâmica e foi para o jardim, onde ficou na espreguiçadeira passando a mistura com todo o zelo, ao longo de todos os fios. Depois envolveu a cabeça em um saquinho plástico limpo e voltou a enrolar na toalha.

Entrou para beber água, e enquanto esperava o tempo para a máscara fazer efeito, acabou zanzando pela casa enorme, como fazia quando criança. Naquela época, Victoria achava que poderia encontrar algum tesouro perdido naquela casa tão grande, e de fato seus avós às vezes escondiam doces ou presentinhos para que fossem encontrados por ela. Atrás do armário de louças. Embaixo do tapete da biblioteca. Em algum vaso na sala.

Os mapas do tesouro eram fornecidos, com desenhos e indicações, para que ela levasse tempo na distração e se divertisse. Filha única, na ausência dos primos e outras crianças, às vezes Victoria dependia dos adultos para passar o tempo de forma saudável. Uma sensação de nostalgia a invadiu. De repente, a menina queria voltar a ser criança mais uma vez, e viver naquele mundo resguardado, onde não existia maldade. Não de *verdade*. Era um mundo bonito, com pessoas boas que cuidavam umas das outras e onde os sonhos podiam sempre se tornar realidade.

Victoria foi andando devagar por cada canto da casa, entrando nos cômodos, observando os detalhes, cada objeto e móvel; olhando a vista de cada janela e deixando-se invadir pela sensação que os ambientes lhe transmitiam. Abrindo a mente para cada uma das recordações guardadas e escondidas entre aquelas paredes.

No segundo andar, no final do corredor, estavam, do lado oposto ao quarto que ela ocupava, as enormes portas francesas do escritório particular do avô. As cortinas com xadrez marrom e azul fechavam a visão de quem vinha pelo

corredor, deixando o aposento bem longe “da bagunça e da confusão”.

Aquele era um lugar no qual Victoria raramente havia entrado; e, se o fazia por algum motivo, nunca podia permanecer lá dentro. Era uma espécie de “zona proibida” declarada, guardada por senhas invisíveis – que ela não tinha. O escritório era quase como a caverna encantada de Ali Babá, que precisava das palavras mágicas para abrir. Ou como Aladim e sua lâmpada maravilhosa, cujo segredo precisava ser desvendado primeiro e somente depois tudo fazia sentido.

Então, por algum motivo bem estranho, os pés de Victoria rumaram direto para o escritório, as pernas dando passadas largas e decididas, quase que sozinhas. Talvez a porta estivesse trancada, como quase sempre acontecia, ainda mais o avô não estando em casa. É claro que não seria tão fácil assim. Claro. A casa estava com visitas: por isso é que ele passaria a chave naquela fechadura ainda mais depressa. Mesmo que ela fosse a visita. Naturalmente.

A porta se agigantou diante dela, a fechadura parecia respirar sozinha, com vida própria aos olhos de Victoria, tal a curiosidade que a invadiu. Mas por qual motivo Mr. Otto deixaria seu reduto pessoal desguarnecido de segurança? Nenhum motivo. Obviamente. A porta estaria trancada. Sem dúvida.

Sem dúvida nenhuma.

Então por que ela estava andando até o outro lado do corredor com toda aquela pressa repentina?

Victoria escutou um sopro. Um sopro de voz. Como fora naquele dia com Jared, ou mesmo depois, em casa, no banheiro. Ela estacou imediatamente. O coração bateu mais rápido, as mãos ficaram frias, a respiração ameaçou acelerar. Victoria ficou parada, prestando atenção. Teria *mesmo* ouvido alguma coisa? Olhou para trás, pelo corredor. Estava claro, iluminado. Nada havia que parecesse assustador. Mesmo a sensação de ser vigiada... inexistia.

Victoria controlou a respiração. Tinha sido impressão.

Mas aí, de novo. Uma voz que lhe falava. A voz *dele*.

As palavras ecoaram em seu ouvido, vindas do nada, como um beijo frio.

Continue. Vou te mostrar uma coisa...

Embora fosse bem semelhante ao que ocorrera na semana anterior, agora parecia bem diferente também. Porque não estava causando aquele terror de então. Era como se as palavras soassem... amistosas, desta vez. Como se ditas por... um amigo.

Victoria apenas obedeceu e seguiu ainda mais rápido até o escritório, mas agora tinha certeza de uma coisa. Estendeu a mão e pegou a maçaneta com firmeza, achando que a porta não iria simplesmente continuar ali, sólida e impenetrável, como sempre. Não. A porta iria...

Ela ouviu o barulho da maçaneta girando. *Abriu!* A porta... abriu!

CAPÍTULO 9

Sorrindo, Victoria entrou. Fechou a porta atrás de si. Por um instante deteve-se, estática no meio do cômodo, olhando em volta. Esperando o coração se acalmar. E obrigando a mente a agir apenas como se fosse criança de novo, e não uma intrusa. Sem nenhum problema, nenhuma aflição, apenas seguindo mais um mapa do tesouro.

"Tenho uma surpresa", chiou a voz fria. Mas não parecia ameaçador como no banheiro; ao contrário: soava sedutor. Um cúmplice.

Sem pensar, ela deu alguns passos. Se a porta estava aberta, é porque havia alguma coisa importante ali. Ela se lembrou: *O relógio... O tempo...* Descobrir algo, então? Reconhecer? *Lembrar?*

"É aqui que devo procurar?"

Ela quase podia ouvir o sussurro no ouvido. "Sim. Procure."

Sentindo uma leve agitação com a expectativa, com a possibilidade de encontrar respostas, Victoria começou a olhar a estante de livros pessoais do avô. Correu o dedo pelas lombadas. Nada que chamasse atenção. Olhou os quadros nas paredes, olhou atrás dos quadros. A maioria deles era fotografias em preto e branco, antigas, com o avô jovem ao lado de amigos ou familiares.

Ela foi se aproximando da escrivaninha de mogno maciço, olhando. Como quem não quer nada. Como quem não está fazendo nenhuma coisa errada, nem bisbilhotando, nem nada.

Victoria aproximou-se o suficiente para correr os olhos sobre o tampo da mesa. Havia um elegante bloco de notas com capa de couro, a caneta Montblanc Meisterstück apoiada em cima, ao lado um par de abotoaduras com detalhes em ouro. Uma pilha de papéis jazia colocada do outro lado, todos bem alinhados um ao outro, sem desleixo. A garota olhou um a um. Contas, cartas empresariais, anúncios de aditivos para ração animal. A Festa do Pêssego. Nada importante.

Abriu o bloco. Ali também não havia nada demais: telefones, endereços, agenda semanal. Ela então se sentou na cadeira do avô e pôs as mãos sobre a mesa, tamborilando. As unhas estavam pintadas de rosa-escuro naquela semana. Deu uma olhadela de soslaio para as gavetas do lado direito. Será?

Estariam trancadas ou...

Sem se dar tempo para hesitar, quase sem olhar, Victoria simplesmente estendeu o braço, pegou o puxador de prata da primeira gaveta e puxou de uma vez. Aberta...

Desta vez foi impossível não respirar apressadamente. Ela não tinha ideia de qual conjunção de planetas e estrelas absolutamente *incomum* fizera seu

avô ser tão descuidado!

Logo em cima, a garota viu algo em que seus olhos se demoraram. Ela sentia como se muitos olhos se debruçassem sobre seu ombro, sobre a mesa, olhassem do teto e dos cantos escuros das paredes – como os monstros faziam, quando ela era pequena. Victoria não sabia por que tinha se lembrado disso.

Eram anotações feitas à caneta e lápis, encadernadas com um espiral plástico. Mas não se tratava de qualquer anotação: pareciam fórmulas. De química, lhe pareceu. Ou algo do gênero. A questão é que aquilo não fora escrito por *qualquer* pessoa. Não.

Victoria reconheceu a letra; não de Mr. Otto, mas do *pai* dela; era a caligrafia fina e inclinada de Milton John, as letras bem delineadas. Ela não tinha dúvidas. Pegou o maço encadernado de anotações imediatamente, sinos soavam em sua cabeça, badalando e badalando e badalando.

Victoria colocou as anotações sobre a escrivaninha e foi virando página a página. A cada movimento, ficava mais confusa. E perplexa. Aquilo... independentemente do que fosse, demonstrava um conhecimento complexo muito além das capacidades de seu pai. Quer dizer... era um assunto sobre o qual ele não podia ter qualquer... noção! Não podia. Porque seu pai era um artesão. Um incrível artesão de sapatos finos, ponto-final.

Ele não entendia de química, ou biologia, ou sabe-se lá o quê! Quando muito ele conhecia a formulação de cola para couro. E seu avô era apenas um fazendeiro. Ele também não tinha a menor ideia do significado daquilo!

Bem, talvez não seja a letra do meu pai, afinal, raciocinou Victoria, esforçando-se ao máximo para acreditar. Talvez, se acreditasse muito, acabasse sendo a verdade. É apenas uma caligrafia muito *parecida...* Ela aproximou o rosto e analisou. Não havia dúvida. Era a letra do seu pai.

Mas... por que o avô guardaria aquele tipo de coisa, que interesse teria em... Ela revirou a apostila, irritada. Interesse em... O que era aquilo? Victoria folheou as páginas de novo, agora mais depressa, tentando chegar a alguma conclusão que, principalmente, fizesse sentido.

Estava claro que se tratava de um relatório. Um relatório muito minucioso... Sim, era isso. Um relatório sobre... SOBRE...

Victoria sentia a mente travando. Travando como uma engrenagem com falta de óleo, e que dava um pequeno pinote a cada inspiração dela. Estava enganada. Seus olhos a estavam traindo.

Era um relatório. Certo. Quanto ao assunto...

A garota chegou à penúltima página. Ficou surpresa – foi mais um *susto* mesmo – ao ver uma foto grande, do mesmo tamanho das outras páginas do relatório. Havia sido tirada, aparentemente, em um... laboratório? Victoria inclinou a apostila, analisando. Era um laboratório, sim. Dava para ver parte de uma bancada de alumínio e um armário de vidro. Mas pelo tamanho e modernidade do espaço, pelo grupo aparentemente seleto que posava em primeiro plano – umas trinta pessoas –, todos em uniformes brancos, estava

mais que claro que se tratava de algo importante.

Mas então Victoria arregalou os olhos e sua mente deu mais um pequeno pinote. Ela segurou o fôlego. O homem no centro do grupo. Era *seu pai*! Sorrindo, absolutamente confortável naquela posição de destaque. Ainda mais estranho: era uma imagem recente.

Um arrepio percorreu as costas dela, como se estivesse recebendo a água gelada de uma cachoeira. Seu pai. Bem à frente, e no centro; uma posição inequivocamente notável, como se fosse o chefe daquela equipe. Aquilo era absolutamente... desconcertante e muito perturbador! Seria alguma indústria farmacêutica? Não fazia sentido. Ela soltou o ar ruidosamente.

E que avental impecável era aquele, tão diferente daqueles de lidar com o material dos sapatos que Victoria havia visto, por toda a vida, seu pai vestir? E aquela gravata ajustada, de boa qualidade, que Victoria não conhecia? Jamais havia visto seu pai usando...

Ela baixou os olhos para a lista de nomes registrada abaixo, sentindo o corpo tremer. Ali estava. Milton John d'Angerville/ Vaughan/ Waldegrave. O primeiro nome da lista.

D'Angerville. O sobrenome de seu pai. Do seu avô. O sobrenome *dela*. Não havia dúvida alguma. Os demais nomes da lista não lhe eram familiares, mas o que deixou Victoria muito incomodada foi notar que alguns deles tinham, claramente, origem russa. Ou eram de algum lugar do Leste Europeu. Algum lugar da Cortina de Ferro.

Mas como assim, meu Deus?

Victoria olhou o rosto das pessoas, um a um. Não dava para ver detalhes, pois eram muitos, e para enquadrar o grupo inteiro, as pessoas não estavam tão próximas à câmera. Mas, na fileira da frente, era possível notar nas lapelas uma espécie de broche ou insígnia militar, incluindo a de Mr. Otto? Nenhum emblema conhecido, mas... não dava para ela ter certeza.

Victoria exalou. De novo, ela estivera retendo o ar dentro do peito. Virou a última página do documento e seus olhos se embaçavam enquanto tentava ler, parágrafo após parágrafo, e assimilar o significado obscuro daquelas palavras.

"Desenvolvimento de armas de destruição em massa..."

"Considerações gerais: além de armas químicas e nucleares, a guerra biológica..."

"Vírus e bactérias letais em fases finais de testes."

"Resultados em humanos demonstram que..."

"O Serviço Secreto Norte-americano... (etc... etc... *não entendi*) finaliza decisões que darão novos rumos à concepção de conflito armado..."

"Colaboração conjunta de países aliados..."

Victoria não conseguia ler mais. No final do documento havia várias sequências numéricas e códigos, além de nomes estranhos; provavelmente codinomes... dos projetos... ou... das pessoas. Ela não sabia mais. Algo do tipo.

Seu estômago estava oco e gelado, o coração tinha se grudado contra a

caixa torácica, e a sensação nauseante de descer por uma montanha-russa parecia infinita. Victoria apoiou a cabeça nas mãos. Seu pai trabalhava para o governo dos Estados Unidos... ou para a União Soviética?

Victoria tinha estudado um pouquinho de história e política internacional no colégio. Mas mesmo que não tivesse estudado nada, qualquer pessoa sabia que aquilo... *Não podia!* Quer dizer... ela estava lendo uma coisa que *não podia* ser real.

Se por um lado havia a Conferência de Ialta, ocorrida logo após a Segunda Guerra Mundial, quando as potências aliadas reuniram-se para discutir o fim do conflito, estabelecer a paz e os territórios de cada país, havia também, indiscutivelmente, a Guerra Fria. O país de Victoria e a União Soviética sempre haveriam de rivalizar pela disputa política, econômica e militar no mundo. Eram polos opostos, com ideologias opostas! Digladiavam-se para tentar implantar em outros países os seus sistemas políticos e econômicos! – o Vietnã era só um terrível exemplo disso.

Não. Os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas... Eles não trabalhavam juntos!

Não.

Era tudo um terrível engano. Definitivamente alguma coisa não batia naquela equação. Em especial porque os dois países já estavam armados com dezenas, tipo, centenas de mísseis nucleares. Iriam agora desenvolver outros tipos de "artefatos" de guerra. Ok. Até aí, dava para entender. Mas iriam fazer isso *juntos*?

A Paz Armada estava estabelecida. O mundo, o universo inteiro sabia que um conflito direto envolvendo as duas potências provavelmente acabaria destruindo o planeta.

Até que não deixava de ser uma boa ideia... Victoria refletiu, amarga. *Acabar com essa humanidade corrupta, mentirosa, egoísta...*

E, sim, a Corrida Armamentista também era um fato. Porém, esse fato era o cadafalso em que se apoiava a paz. Enquanto houvesse equilíbrio bélico, a paz estaria garantida. Por isso Estados Unidos e União Soviética espalhavam exércitos e armas em seus próprios territórios e em territórios aliados, como em um jogo de xadrez. Eles *não* jogavam do mesmo lado do tabuleiro!

O que significava aquele relatório, então? Que espécie de piada de mau gosto?

Olhou de novo para o que tinha em mãos. Todo aquele investimento... – estava óbvio que era *muito* investimento em pessoal, em espaço, em pesquisa, em tempo e somas financeiras. Era só olhar a foto, ver a qualidade do relatório e do laboratório. Parecia coisa de filme de ficção científica. Mas para quê?

Era mais um item em um arsenal bélico que não parava de crescer e que ficaria guardado, agourando os opositores... Ou algo a ser utilizado em algum momento? E mais: o material pertencia a qual nação? Nada fazia sentido para ela.

Entretanto, deixando isso de lado, o fato de os documentos estarem ali, na gaveta de seu avô: significava que ele *sabia* das tais pesquisas, então. Mas sabia *como*? Será que contribuía financeiramente com o projeto? Poderia ser uma hipótese. Implausível, pois o experimento parecia estar ligado ao Serviço Secreto... Se dos Estados Unidos, se da União Soviética, se de ambos...

Como um fazendeiro da Georgia poderia sequer ter acesso a esse tipo de informação? E o pior, o que seu pai fazia no meio daquilo?

Victoria chacoalhou a cabeça devagar. Seu cérebro parecia tão oco quanto seu estômago. Cérebro e estômago, tudo igual naquele momento, preenchidos por coisa alguma. Ou melhor, avaliando melhor, talvez seu estômago não estivesse assim tão vazio; mas poderia ficar em segundos.

Victoria lutou contra o enjoo. Olhou de novo para o rosto do pai. Realmente não havia explicação ou lógica. Apesar disso, era possível chegar a algumas conclusões bem desconcertantes.

Meu pai é um cientista. O trabalho como artesão é apenas uma fachada. Então... meu pai é um... espião?

Victoria pousou as palmas das mãos sobre o relatório, desvanecida no meio de tantas perguntas. Foi então que aquela sensação tão conhecida gelou seus ossos, cobrindo-os como se fosse um manto de neve. Estava ali. *Ele*. E ele estava *rindo*, Victoria sabia.

As palavras "amistosas" de antes, o fato de não a assustar logo de cara, o fato de incentivá-la a ir adiante... Tudo uma encenação! Uma encenação que terminava exatamente ali: ela olhando em volta, completamente perdida, os olhos e o coração alarmados. E aquela coisa rindo dela; rindo à custa dela. Era essa a surpresa?

Era isso que precisava descobrir?

— Mas por quê? Por quê? — ela sussurrou. Agora estava petrificada.

Cada vez ficava mais fácil sentir, ou perceber, o ponto onde a criatura estava. Pela escuridão que às vezes se formava ao redor, pelos olhos que ela às vezes via, pelos calafrios que percorriam seu corpo, trazendo aquele medo, aquele pânico incontrolável. Como um punhal atravessado em seu peito. E agora... o cheiro. Algo nauseante que se desprendia dele.

Victoria virou-se para trás devagarinho, olhou por cima do ombro. Ele estava perto da janela. Ela tinha a impressão de ver os olhos alongados, as orelhas pontudas de Anúbis, mas era algo diferente, mais forte, mais poderoso.

Embora ela não o visse de fato. Só sabia que estava lá. Um cheiro indefinido, mas desagradável, era tudo que conseguia reter com os sentidos, um misto de pólvora e carne podre.

Mais um pouco e estaria em pânico, a garota sabia. Seria invadida pelos sintomas do pavor e ficaria inutilizada como um trapo velho; se sentiria cheia de agulhas pelo corpo, formigando, seu cérebro querendo desvanecer, o coração ameaçando atravessar as costelas e saltar para fora, os pulmões se contraindo, fechando, a garganta sendo espremida por um torniquete – um

complô para impedir o ar de entrar. E perderia o controle.

"*Gostou* da surpresa?"

Uma pergunta cantarolada, em tom de zombaria. Apavorada, Victoria não esperou para ver o que ocorreria, ou o que mais aquela *coisa* falaria. Pegou o documento, bateu a gaveta com um estrondo, e se levantou da cadeira do avô como se fosse um boneco de mola libertado de sua caixa apertada.

Mr. Otto ria. Ria alto, ria dela. Victoria não queria escutar. Não de verdade! Ela percebia a sensação daquele escárnio, a impressão do riso, mas não queria nem imaginar se escutasse audivelmente.

Correu para a porta do escritório, a apostila nas mãos.

"Ponha de volta, ponha de volta!" – era isso que sua razão dizia – "Sua imbecil! Está fazendo a coisa *errada*. Deixe esta merda bem aí!".

Contudo Victoria ignorou a sabedoria da razão, saiu do escritório batendo as portas francesas com tanta força que poderia ter quebrado as lâminas de vidro. Ela pretendia correr de volta para o seu quarto, esconder-se. Ficar longe *dele*.

Precisava pensar!

Mas não houve tempo de pensar. Não quando, de maneira maquiavelicamente bem sincronizada, aos primeiros passos agitados dados pelo corredor, Victoria escutou a voz do avô na sala lá embaixo. Ele estava chegando!

Completamente desvairada, Victoria desceu as escadas aos trambolhões, por um milagre não caiu de cabeça pelos degraus. Só conseguiu ver Patsy – com quem seu avô estivera falando – voltando na direção da cozinha. Mrs. Ruth Ann não estava por ali ainda.

Então Victoria irrompeu sala adentro; o avô mal tinha tido tempo de pendurar a jaqueta e o chapéu no cabideiro perto da porta de entrada. Os dois estavam, aparentemente, sozinhos.

— Vô! — Ela falou mais alto do que gostaria. Foi quase um chamado à ordem.

O homem voltou-se na direção dela, estranhando a agitação da neta. Mas foram os olhos dela que o intrigaram. Havia algo queimando ali. O pai da jovem já tinha explicado aqueles sintomas estranhos que Victoria vinha tendo, e a opinião do médico; mas até aquele momento Mr. Otto não dera lá muito crédito. A garota estava na fazenda fazia quase uma semana e seu comportamento fora praticamente normal. Exceção feita a uma certa indolência e apatia que nunca fora do perfil de Victoria.

— Que aconteceu, Victoria? — perguntou, voltando-se para ela.

Os olhos dela estavam furiosos. As mãos tremiam. Ela se questionava se conseguiria falar sem gritar. Então Victoria primeiro ergueu a apostila nefasta, ao lado do próprio rosto.

Mr. Otto notou, enfim, o que havia nas mãos de sua neta! O documento. Victoria viu que ele reconheceu o que era *incontinenti*. Foi a vez de a jovem notar os olhos e o rosto do avô literalmente se transformarem. Uma

verdadeira e surpreendente metamorfose, pois ele passou das feições normais, ainda que naturalmente austeras, para uma máscara de fúria que ela jamais imaginara contemplar.

— Onde você encontrou isso, sua *enxerida*? — O tom de voz empregado foi baixo, porém cortante. Ele avançou na direção de Victoria. Era um homem corpulento, forte, mas Victoria não se encolheu, nem quando Mr. Otto arrancou o relatório das mãos dela com força.

— Eu achei isso na sua gaveta! — sibilou Victoria, em um rompante de petulância.

O avô parou a poucos centímetros da neta e, com olhos muito frios, fixos nos dela, continuou falando no mesmo tom baixo. Era evidente que ele não desejava causar nenhum alarido.

— Você teve a *coragem* de entrar em *meu* escritório particular e mexer em *minhas* coisas? — Aquilo parecia um rosnado; a voz dele estava rouca de agressividade.

— Então tudo isso é verdade? — Victoria oscilou entre a perplexidade e a raiva. — E você tem coragem de esconder de todos nós? Você e o *meu pai*? — Desta vez ela gritou. — Talvez a família devesse ser comunicada quando os anciãos inventam de associar-se aos inimigos da América, e agir como *traidores*!

O avô lhe deu uma bofetada no rosto. Victoria voou até a lua e voltou, estupefata. Não soltou um pio e não baixou o rosto depois do impacto.

— Não se atreva a falar alto, menina — disse Mr. Otto, controladamente. Mas, de algum modo, ele parecia letal.

— Pode me bater — desafiou Victoria, colocando a palma da mão sobre a bochecha quente, uma crosta dura sendo criada em torno do coração. — Mas agora eu já sei! — Ela soltou um som como uma risada, mas pareceu mais um grunhido. — O comunismo... Deveria ser contido, no entanto, vocês trabalham para eles? Há quanto tempo, vô? Trabalharam para Stálin, aquele criminoso disfarçado? E agora, por mais que Khrushchev não seja um tirano igual a Stálin, ainda é o líder político do mundo comunista. Vocês estão envolvidos com o governo soviético, ou o quê? Meu pai trabalha para Eisenhower ou para Khrushchev?

O avô segurou Victoria pelo braço, com muita força, e o apertou. Victoria quase deu um grito de dor, mas conteve-se. O rosto dele quase se encostava contra o dela.

— Fico muito feliz em notar como seus conhecimentos são abrangentes. Não sabia que se interessava por política — disse ele, com sarcasmo. — E, já que mencionou, foi o "tirano" Stálin quem ajudou a acabar com a Alemanha de Hitler. Se é que lhe interessa...

Mr. Otto riu. Era um deboche.

— Seu pai tem toda razão. Providenciaremos um casamento o quanto antes para você. Com toda certeza não irá para uma universidade! Uma fedelha como você, achando que entende o mundo. Jornalismo, feminismo.

Ser escritora. — Um muxoxo de descaso. — Só para nos atormentar.

Victoria não conhecia aquele homem. Um homem que tivera a coragem de lhe bater no rosto, de olhá-la com aqueles olhos enfurecidos como se ela não fosse sua neta. Um homem claramente capaz de agir movido pelo ódio. Não, ela *nunca* o conhecera de verdade. — Fez força para naquele momento não pensar no pai. Enquanto ela também *não* o conhecia...

Procurando não demonstrar reação diante das palavras dele, Victoria indagou:

— Então, parece que meu pai tem alguma formação acadêmica, afinal. Ele fez faculdade? Que faculdade ele fez?

Mr. Otto não se mexeu. Estático, sua voz era baixa e feroz, e ele não soltou o braço de Victoria.

— Vou avisá-la apenas uma vez, Victoria. Preste muita atenção. Se você abrir a boca... — O avô olhava no fundo dos olhos dela. Victoria quase podia garantir que o azul-claro dos olhos dele estava turvo por uma sombra escura. Ele repetiu: — Se você abrir a boca e disser uma palavra sequer sobre isso, a quem quer que seja... eu, pessoalmente, tornarei sua vida um inferno!

A pele clara do rosto de Mr. Otto estava mais pálida, e os dentes um pouco mais expostos do que o necessário. Ela não teve nenhuma dúvida de que ele estava falando a verdade. Estava a ameaçando de verdade.

— Nem pense em me desafiar, Victoria. Faça isso e só terá a perder. Terá *tudo* a perder.

Ela encarou o avô, recusou-se a baixar o olhar. Era uma ameaça. Ele a chacoalhou com um safanão.

— Quero você fora de minha casa — foi o veredicto. — Sua avó comentou comigo hoje, mais cedo, que havia pensado em convidá-la a ficar mais uns dois ou três dias. Não sei se ela lhe fez o convite, mas você *vai* embora amanhã. Hoje já está muito tarde, infelizmente. Não vou conseguir condução para você. *Maldição*! — Uma pausa. — Poderia mandar Clay levá-la... — Mr. Otto falava de si para si agora; mas o aperto no braço não afrouxou.

Parecia realmente considerar a hipótese de enfiar Victoria na picape e mandar o jovem empregado, que às vezes servia como motorista, direto para Pérola do Sul. Mas declinou, avaliando os problemas. *Chamaria muita atenção, esse desespero de sair da fazenda*, pensou.

Era verdade. Além disso, Victoria e Clay passariam a noite na estrada. O homem estava cansado de um dia de trabalho.

— Mas se você tivesse uma *crise* de saudades de casa... —reconsiderava. — Poderia mandar Jason.

Jason era um dos filhos de Clay e Patsy.

Entretanto, Mr. Otto pareceu achar que toda aquela mobilização acabaria sendo vista com maus olhos. Mrs. Ruth Ann seria totalmente contra, mesmo obrigando Victoria a insistir que queria ir embora. Mas o fato é que, em condições normais, o avô jamais acataria qualquer ataque histérico da neta, e a seguraria na fazenda, sem problemas, até a manhã seguinte.

Por fim, suspirou. Um ruído grosseiro e irritado. Não havia o que fazer.

— Que *pena* estar tão tarde... — O homem baixou a cabeça para Victoria novamente. Havia um leve traço de zombaria em sua voz e olhos. Aquilo fez com que ela, de súbito, notasse alguma semelhança com aquela *criatura*. O mesmo escárnio misturado ao mesmo ódio e à mesma sagacidade meticulosa e cruel.

Victoria fez menção de puxar o braço que o avô apertava. Já o sentia formigar. Só que ele aumentou o aperto, sem se incomodar se a estava machucando.

— Amanhã de manhã você vai embora. Você arrumará um ótimo argumento para convencer sua vovó de que não ficará mais alguns dias. Vai dizer que está com saudades da mamãe, que precisa voltar para a escola. Afinal, precisa aprender mais sobre assuntos relevantes e absolutamente imprescindíveis para sua existência. E seja lá o que eu disser, você vai confirmar *cada palavra minha*, seja para sua avó, seja para sua mãe. Está me ouvindo bem?

Victoria assentiu com a cabeça, apenas uma vez. Esforçou-se em não demonstrar sinais de medo. Continuava a olhá-lo nos olhos, embora seu rosto latejasse e o braço estivesse sem circulação, além de dolorido.

— Conversarei também com seu pai sobre essa sua *sandice* de fazer faculdade. Pode dar adeus a isso! Aliás, notei vários rapazes interessados em você no baile do Rotary. Ótimo! Há alguns bem promissores. Cujo pai eu adoraria ter no meu círculo íntimo de relacionamentos.

Finalmente, Mr. Otto encarou de novo a neta, com uma frieza impressionante.

— Você-me-*entendeu*?

De novo Victoria assentiu, mordendo o lábio inferior, sem dar um pio. Então, em um gesto brusco, o avô soltou o braço dela, ao mesmo tempo em que a empurrou para longe dele. Victoria ficou com a certeza de que, se pudesse, ele lhe daria uma surra.

O homem parecia se controlar exatamente para não fazer isso. Virou-se de costas para ela e enrolou o documento em um canudo. A fúria contida, mas palpável, pairava em volta dele como uma nuvem carregada de chuva.

— Eu não quero mesmo ficar mais aqui! — Victoria respondeu baixo. Virou as costas e saiu correndo escada acima.

Entrou no quarto, fechou a porta à chave e enfiou-se na banheira assim que a água atingiu dez centímetros. Ficou sentada, quieta, os braços envolvendo os joelhos, olhos fixos ora na parede, ora nos azulejos do chão, ora no suave movimento da água, até que a banheira quase transbordasse. Só então se lembrou dos cabelos cheios da máscara de hidratação.

Saiu da banheira para retirar o excesso da gororoba de abacate-banana-mel, e jogar direto no lixinho do banheiro. Depois, enxaguou os fios no chuveiro, mesmo sem prestar atenção ao que fazia; então voltou para a banheira. Victoria sentou-se e inclinou o corpo para trás, deixando só o

pescoço de fora. A água estava bem quente. Ajudava a relaxar o corpo.

O corpo... mas a mente continuava em polvorosa. Tudo aquilo era verdade! Sua família estava trabalhando para o governo da União Soviética... ou dos Estados Unidos – aquilo não estava claro – para desenvolver armas de destruição em massa.

Era mais do que sério, mais do que sigiloso. Agora Victoria não tinha nenhuma dúvida, a julgar pela atitude aberrante tomada pelo avô. Agressiva. Como se pudesse matá-la com um simples olhar. Victoria continuava estupefata. Como era possível conviver com pessoas e jamais conhecê-las? Estava óbvio que ela não conhecia seu avô, mas ainda pior... nem o próprio pai.

A garota deslizou as pernas para a frente e afundou a cabeça de uma vez na banheira, os cabelos espalharam-se ao redor de sua cabeça como tinta dissolvida na água. Abriu os olhos. Ali, tudo ficava amortecido. Os sons, a vida e a dor.

Poderia não sair mais dali. A água era confortável; sempre fora. Ela adorava água. Quando não aguentou mais, ergueu-se e respirou. Teria tempo para pensar no que faria a respeito durante a viagem de volta. Estava muito, muito confusa, mas fazer nada não era uma opção! Pensou na avó: *Será que ela sabia de alguma coisa?*

Mas não podia perguntar.

E minha mãe?

Não. Elizabeth não sabia de nada. Era alemã, ariana e tinha sido doutrinada por Hitler, porém tinha o coração bom e jamais seria conivente com tudo aquilo. Preferiria ser uma mulher desquitada a ser casada com um monstro.

Bem mais tarde, quando a água já estava de morna para fria, Victoria resolveu sair do banho e enrolar-se no roupão felpudo branco. Tinha ouvido batidas na porta em mais de uma ocasião, e apenas tinha gritado de volta que estava no banho. Patsy tinha batido, a avó tinha batido. Enquanto ela enrolava os cabelos limpos em uma toalha, ouviu a avó novamente, batendo na porta trancada do quarto.

Victoria correu para abrir, mas sem vontade de encará-la.

— Seu avô me disse que você estava indisposta e que preferia comer aqui mesmo... — começou a senhora, avaliando o rosto da neta. — O que está sentindo? Aquela enxaqueca outra vez?

— Também — admitiu Victoria. Porque desta vez era verdade. Fazia uns bons vinte minutos que a dor só apertava. E esforçando-se para parecer natural, disse: — Mas estou com cólica. — Esboçou um sorriso, com muito custo. — Não disse isso a ele, é claro.

— Ah, coitadinha. — Mrs. Ruth Ann afagou o rosto da neta, inteiro vermelho por causa do banho de banheira. Melhor assim; ela não notaria a marca vermelha na bochecha e, com sorte, no dia seguinte estaria melhor. — O ônus de ser uma mulher.

— É. — Fez Victoria, inclinando o rosto sobre a mão suave da avó. Queria poder falar, poder chorar, mas sabia que era impossível. Uma onda de náusea a atingiu. Se era pela enxaqueca, se pela cólica forte, a menina não sabia. Na pior das hipóteses era resultado do choque.

Constatando o ar abatido da neta, a avó foi prática:

— Tudo bem. Vou mandar Patsy fazer um chá de capim-santo, camomila e canela. E duas colherinhas de orégano.

— Orégano, vó? — Victoria fez careta. — Essa eu não sabia.

— Ajuda muito, filha. E a bolsa de água quente, claro. Primeiro vamos aliviar essa cólica, depois mando seu jantar. Tem certeza de que não quer mesmo descer?

Victoria negou, tentando manter o sorriso.

— Estou cansada. Vou tomar um comprimido de Nebs para a enxaqueca, e ficar aqui quietinha. Sempre os trago comigo. E como foi o seu dia? — A jovem indagou, querendo mudar de assunto.

— Oh, eu tinha a última reunião por causa da festa do outono. Foi muito produtiva. Finalmente terminamos de organizar tudo; os convites já foram distribuídos. Se não fosse chato para você, teria te convidado. Por falar nisso, você comentou com Otto que vai mesmo voltar amanhã? Pensei que poderia querer ficar até terça ou quarta...

— Bem que eu queria poder, vó, mas já perdi uma semana de aula... — Victoria tentou falar com convicção e de modo natural. — E é o último ano, sabe... como é... né?

Mrs. Ruth Ann não sabia, pois não estudara muito, mas a senhora assentiu.

— É uma pena, querida, porém eu entendo. Sua passagem já está mesmo comprada. Espere que vou chamar Patsy. — E a avó saiu para o corredor e gritou para baixo, na altura da escada, chamando a empregada.

Victoria a escutou falando com Patsy sobre o chá e a bolsa de água quente; e dando orientação para trazer o jantar depois. Victoria realmente abriu a bolsa e pegou o frasco de Nebs e engoliu o comprimido com água da torneira mesmo. Quando Mrs. Ruth Ann voltou para o quarto, Victoria estava no *closet* vestindo o pijama. Quando saiu, os cabelos soltos e molhados caindo nas costas, ela perguntou da maneira mais casual possível:

— Por que meu pai não quis fazer faculdade, vó? Com o dinheiro do meu avô, ele poderia ter ido para qualquer uma que desejasse.

— Seu pai sempre foi muito inteligente. Não é porque eu sou mãe dele, que sou mãe coruja. — A senhora sorriu. — Ele era mesmo. Mas Milton achava que as universidades não ensinavam o que ele queria aprender.

— E o que ele queria aprender? — volveu Victoria, em um fio de voz, mas disfarçou fazendo outra careta e apontando para o abdome.

Mrs. Ruth Ann sentou-se na cama.

— Seu pai gostava de ciências. Engraçado, né? Para quem acabou se tornando um artesão do couro! Mas ele queria alguma coisa... Como é que

dizia mesmo? — Mrs. Ruth Ann puxou pela memória. Por fim deu outro sorriso: — *Avant-garde*. Queria ser um cientista para "descobrir coisas". Claro que um curso de biologia e farmácia não era *avant-garde* o suficiente. Ele acabou fazendo apenas um semestre e desistiu. Isso foi em... 1933 ou 1934, eu acho. Milton tinha dezessete para dezoito anos.

— Mas como que eu nunca soube disso?

— Não é importante, imagino. Nem comigo ele costumava falar no assunto. Mas uma mãe sempre consegue "sentir" o filho. Você verá quando for mãe. Seu pai considerava esse episódio de sua vida um fracasso. Quem o assistiu na época foi seu avô. Otto viajou para vê-lo na universidade, a fim de decidirem o que fazer.

— Onde ele estudou?

— Em Atlanta. Só que detestou o curso. Otto disse-me que Milton estava muito desestimulado, mas não queria voltar para casa, para a fazenda. Não depois de ter morado na capital. Então, enquanto não se decidia por outro curso, seu avô conseguiu um estágio para ele na loja de um grande amigo. Era para ser algo temporário. Milton aprenderia o ofício e trabalharia na loja, para ter como se sustentar em Atlanta. Até decidir o que queria da vida. A verdade é que seu pai nunca mais voltou para cá. Eu mesma vi meu filho poucas vezes depois. Ele sempre estava ocupado, trabalhando, aprendendo.

— Essa parte eu sei. Papai conseguiu um estágio com esse amigo do meu avô, um grande artesão de couro. Ele tornou-se um hábil artesão também, e começou a fazer bastante sucesso. Não só era exímio com os itens habituais, mas inovava, sobretudo em sapatos femininos.

— Sim, é verdade. Usando couro colorido, pedrarias, rendas, estampas e novos designs. Uma mulher podia esperar até meses por um par encomendado.

Victoria franziu a testa.

— Contam-me essa história desde que eu era pequena. Mas... Então, meu pai desistiu da faculdade, e de ser um cientista, para tornar-se um artesão de sapatos? Não é esquisito?

— Sim. Mas apaixonou-se pela profissão. Como é a vida, não é mesmo? — A avó sentou-se ao lado de Victoria, na cama. E piscou para ela: — Cá para nós, sempre achei essa história de cientista puro fogo de palha. Se não fosse, Milton não teria desistido tão rápido. Do jeito que era turrão, aquele menino!

— A senhora nunca esteve no campus? — aventurou-se Victoria a perguntar.

— Não. — A senhora puxou um fio invisível da frente da blusa, sem querer mostrar ressentimento. — Isso era coisa de pai e filho.

Victoria agitou-se um pouco. Quem garantiria que Milton John estivera estudando mesmo em Atlanta? Quem garantia que o tal ateliê ficava, de fato, na cidade de Atlanta?

— E esse ateliê de Atlanta? — perguntou, sem querer parecer muito afoita ou agitada. — Esse a senhora conheceu, né?

— Sabe que nunca deu certo? — A senhora riu. — Cada vez que fazíamos planos, alguma coisa não dava certo, de última hora.

Victoria notou que a avó não queria demonstrar nenhuma frustração.

— Mas se meu pai não vinha muito para cá, e a senhora não foi ao campus ou ao ateliê... como vocês se viam?

— A gente não se via muito, como eu disse. Nos falávamos por carta. Ele escrevia uma vez por semana. Às vezes telefonava. Milton costumava me ligar com moedas, mas não tinha muito dinheiro para gastar com isso. Eram conversas rápidas. Mas fico feliz porque ele se tornou muito bom no que faz! Valeu o sacrifício — Mrs. Ruth Ann comentou, com orgulho. — Uma mãe cria um filho para o mundo, e não para si.

Victoria ficou imersa nos próprios pensamentos. Quando deu por si, havia perdido parte da conversa, e levou um tempo para processar que a avó tinha mudado o tema, e falava da mãe dela.

— Passaram-se alguns anos, e foi quando Milton conheceu sua mãe.

— Mas minha mãe era de Boston. Recém-chegada da Alemanha. No entanto, os dois se conheceram em um baile em Louisville.

— É verdade. Milton estava lá negociando uma compra grande com um fornecedor de couro. E Elizabeth estava passando um feriado prolongado na casa de duas amigas. Duas irmãs, na verdade, que tinham aproveitado a data para visitar os pais aqui no Sul.

— Hum. Quem diria.

— Pois não é? Seu pai não contou nada sobre estar interessado em uma jovem. Só fiquei sabendo quando ele decidiu oficializar o noivado. Seu avô e eu viajamos a Boston para conhecê-la. Posso dizer que gostei dela logo de cara. Muito linda, assim como você, educada. Embora falasse inglês com um sotaque muito forte, ainda.

— Nessa época minha mãe trabalhava como vendedora em uma loja em Boston.

— Sim. Pena que quase não tinha família. A guerra ainda estava em curso, e ela estava sozinha nos Estados Unidos, com a irmã. A mãe tinha falecido logo depois da chegada. Elizabeth sempre achou que foi de tristeza. — Um suspiro. — E eu tive vontade de acolhê-la. Era tão novinha! Acho que ela mal tinha completado vinte anos naquela época. E seu pai ficou muito apaixonado por ela.

— É, minha mãe sempre conta isso.

— O engraçado é que Milton nunca tinha demonstrado vontade de se casar. Mas sua mãe, com aquele sotaque alemão e a pele tão branca que parecia leite, os olhos verde-água... Ela roubou o coração do meu Milton.

Victoria sorriu de leve.

— Mas como os dois foram parar em Pérola do Sul? Por que não continuar em Atlanta? Ele já não era sócio do ateliê?

— Sim, ele era sócio no ateliê. Mas queria um negócio próprio, que ele fosse o único dono.

— Só sei que minha mãe sempre teve vontade de voltar para Boston — disse a garota. — Pelo menos no começo, eu acho. Mas meu pai saiu de Atlanta e montou o próprio ateliê em Pérola do Sul. Por que não ir de vez para Boston, afinal? Seus produtos fariam ainda mais sucesso no Norte.

— Ter o próprio ateliê era um sonho dele. Meu filho dificilmente abdicaria por completo do ambiente bucólico das fazendas. Além do mais, precisava estar perto dos fornecedores. Não podia comprar couro no Norte, já atravessado por outro. — Mrs. Ruth Ann encarou Victoria, com certa curiosidade. — Pérola do Sul era, sempre foi, uma cidade-modelo. Seu pai nunca comentou nada?

Victoria deu de ombros.

— Sua mãe não tinha família, apenas a irmã. Uma vez que Elizabeth se casou com Milton, por que ficarem, os dois, tão longe da *nossa* família também? O mais correto era os dois permanecerem no Sul. Perto de nós. Não precisava ser *tão* ao Sul quanto na Georgia, eu entendo. Mas Pérola do Sul parecia um meio-termo aceitável. Pena que Elizabeth e eu nos encontramos tão pouco. Mesmo depois do casamento. Como você sabe, seu pai raramente vem à fazenda.

Mr. Milton sempre alegava estar ocupado demais para largar os negócios. Quando Victoria via os avós, fora do período de férias, era nas raras ocasiões em que eles iam a Pérola do Sul, pois Mr. Otto também não podia largar a fazenda sozinha.

— Mas imagino que Elizabeth sempre tenha sido feliz em Pérola do Sul — concluiu a avó. — Pelo menos, nunca me disse o contrário.

— Sim, ela é feliz, sim.

— Pois então. A vida é movida pelas paixões, minha filha. Se estamos felizes, já conseguimos muito.

Victoria assentiu com a cabeça várias vezes. Patsy entrou carregando a bandeja com o chá e a bolsa de água quente. Victoria apenas torceu para não estar pálida demais.

CAPÍTULO 10

ANO 1431 D.C.

Sou prisioneira de guerra há nove meses. Há cinco estou entre os ingleses, no castelo em Rouen. Rouen é a sede do governo inglês na França, e cheguei aqui na antevéspera do Natal.

Estou encarcerada, dia e noite. É o meio do inverno. E o julgamento começou.

Tenho vivido aqui meus piores dias. A cela é sempre escura demais. Embora possa sentir o cheiro da neve, o vento quebra meus ossos. Não há companhia, exceto minha própria consciência. E os cinco guardas que me vigiam o tempo todo, do lado de fora da cela. Eles não são os únicos que me olham. Há olhos por toda parte. Vigiam-me e avaliam e medem, sem parar, até quando durmo ou alivio as necessidades fisiológicas.

Foi assim desde o começo, desde que cheguei aqui. E só há homens. *Todos eles* homens, nenhuma mulher.

Quem exatamente me acusa, ou por que, eu não sei. Ninguém me diz muita coisa. Ou melhor, eles me dizem, sim, todos os dias, o principal: o quanto sou odiada. Não há necessidade de palavras; eu vejo em cada olhar, em cada brutalidade, em cada riso de escárnio.

Mas pior do que o frio, mais horrendo do que os olhares, a depreciação constante e não saber direito o que ocorre é não poder participar da comunhão com meu Senhor! Até disso me privaram! Não me permitem ver um sacerdote ou fazer a confissão!

Rolo de lado sobre o catre e seguro as lágrimas. Esse é o verdadeiro sofrimento, a solidão espiritual. Estou oca como uma caixa de madeira sem nada dentro. Se não pretendem negociar meu resgate com a França, por que ainda não me mataram? Não entendo. Será que receiam que isso possa alvoroçar por demais o povo?

Ah, o povo! Sempre dividido entre os ingleses e nosso querido Charles, o Sétimo.

No entanto, o que acontece aqui é muito estranho. Se matar-me agora não é uma boa opção, também noto que estão muito empenhados em encontrar uma saída aceitável. O bispo Cauchon, encarregado do meu caso, aparentemente pretende cumprir a missão. Mas qual, exatamente, é ela?

Nesta cela escura se fazem ainda mais vívidas as cores do massacre de meu vilarejo, efetuado pelos soldados ingleses...

Eu era só uma criança. E como já não os suportava! Ninguém os suportava

mais! Eu só queria os ingleses fora do nosso meio, queria longe! Eu *os quero* longe daqui! *Longe!*

Então, por que estou aqui, presa, se há tanto a fazer?

É a terceira vez que me interrogam. Sempre que entro no salão, fico perplexa com a quantidade de gente. Por que tantos deles estão aqui? O que querem, afinal? Um dos guardas disse-me, a fim de me deixar mais perturbada, que há bispos, abades, teólogos e especialistas no cânon, todos cobertos de títulos e diplomas. Mas essas são reuniões feitas a portas fechadas.

Houve audiências públicas também. Antes. Contudo, tenho impressão de que a segurança de minhas respostas, baseadas em uma inteligência simples e franca, acabou por constranger o júri. Acho que não querem que eu ganhe a simpatia do povo, que costumava acompanhar essas sessões. Então os interrogatórios passaram a ser secretos.

Não sei por que continuam a me fazer tantas perguntas. O que esperam que eu lhes diga? Entendo que é um tribunal muito poderoso, mas não passam de pessoas hostis e perversas. Só dos estudiosos, estão aqui quase sessenta. Junto com os homens da igreja, tentam me encurralar o tempo todo com as perguntas. Querem me confundir. Apegam-se a mínimos detalhes. Já que não posso confiar em ninguém, também não tenho grande intenção de colaborar. Porém, pretendo continuar de cabeça erguida.

Ouço a voz grave e irritada de Cauchon, ainda agora no meu ouvido, falando contra mim: "Ela se recusa *terminantemente* a se submeter à Igreja, e ao poder de Deus investido na nossa mais sagrada instituição". Cauchon me olha cuspindo faíscas pelos olhos. "É uma mulher presunçosa e jactanciosa."

Não apenas percebo a fúria dele, mas a dos representantes da Igreja no tribunal. "Eu me submeterei", respondi. "Mas apenas a Deus e ao papa."

Percebi que minhas respostas diretas desarmavam meus inquisidores, tanto quanto os chocavam. Mas tal alegação gerou comoção maior do que eu esperava. Querem que eu aceite submeter-me à Igreja Militante. No entanto, não posso fazer isso, *não o farei*, pois não confio nesses homens. É como se eles já tivessem um veredito, não importa o que eu diga ou faça. Por mais que não deseje ser insolente nem afrontar a Igreja, não me resta saída. Não me preocuparei em agradá-los.

"Nem vou me permitir ser julgada por qualquer homem, seja ele da Igreja, ou não; aceito somente o julgamento do próprio Deus. Pois foi Ele que me enviou!", é o que eu digo.

Escuto os cochichos e murmúrios de indignação. Continuo e digo o que penso diante do tribunal:

"Por que eu devo responder às suas perguntas cheias de espertezas, enquanto o sangue do povo francês é derramado? Enquanto meu povo morre de fome nas ruas, vocês, que interrogam a mim, estão cobertos com tecidos caros e joias, procurando erros onde não os há. É por isso que não pretendo colocar as minhas *Vozes* à apreciação desses representantes da Igreja; e nem

deixarei que considerem verdadeiras, ou não, as revelações que recebi."

Só vejo rostos e olhos sombrios. Pessoas cheias de hostilidade e implicâncias, que não desejam realmente me ouvir. Olham-me, julgando-me uma impertinente. De fato, sou. Preciso ser. Só querem que me confesse culpada, então ficarão satisfeitos. Não responderei mais às suas perguntas. Não quando só vejo "provas" contra mim, e jamais alguém que me defenda. Eu mesma me defenderei, então! Posso ser pouco mais que uma adolescente, porém sou forte. Não passo de uma pastora ignorante, é verdade. Mas sou a enviada de Deus. Sou uma jovem pastora guerreira, é o que sou. Importa que só tenho dezenove anos?

Cauchon não aceita nada do que digo. Não quer entender. Falo de maneira simples, porém vejo a indignação nos olhos dele, no modo como coça o queixo enquanto avalia o meu rosto pálido. Imagino que, certamente, Cauchon achava que minha determinação em continuar a defender meu rei e minha missão se desvaneceria facilmente, estando eu aprisionada. Que eu morreria de puro pavor diante deles. Imagino que todos esperavam que eu negasse de imediato o que fiz, e tudo em que creio.

Talvez minha resistência o tenha surpreendido. É, acho que a obstinação surpreendeu a todos.

Pedi que levassem meu caso ao papa ou ao concílio geral. Mas não foi permitido. Durante muitas semanas Deus me liderou, e liderou o exército da França por meu intermédio. Todos acreditaram Nele, por minha causa! E o povo francês, desconjuntado, como um boneco de madeira quebrado, me amou; meu delfim me amou. E meu exército me amou! Amou o poder da minha paixão pela França! O poder de incendiar generais, soldados e reis, e jamais me curvar! Todos eles pertenceram a mim!

Sorrio um pouco, lembrando-me de como meus companheiros mais próximos criticavam, irritados, meus modos prepotentes – assim diziam –, de dar ordens. La Hire era um grande líder militar e exímio cavaleiro. Mas olhava para Jean de Dunois, o futuro conde, o bastardo de Orleans, e reclamava de mim, falando alto para que eu escutasse: "Ela só *faz* o que quer!". Dunois olhava de rabo de olho para mim, enquanto La Hire continuava grasnando que eu tinha uma *impertinência infernal*... Tudo bem. Eu o perdoei por isso. Reconheço que seu temperamento colérico era parecido com o meu.

Sorrio um pouco mais. Até nem sinto a lufada de vento gelado nas minhas costas. Ele não estava dizendo nenhuma mentira, afinal. E sei que Dunois concordava, mesmo que ficasse quieto.

Mas é que eles *não entendiam*, por minha Santa Mãe de Deus! Não entendiam a simplicidade do que o Deus do Céu exigia, e que eles só tinham de acreditar e obedecer. Só precisavam se mexer! Era por isso que eu gritava com eles. Por isso me levantava e marchava, mesmo para ir sozinha. Ah, quanto me exasperava que fossem tão lentos no começo. Mas é que não conseguiam ouvir as palavras que o Deus do Céu também *gritava* no meu

coração. Ele queria pôr um fim no padrão de derrota francesa debaixo do jugo inglês, em um único golpe! Para isso o exército apenas tinha que conhecer a disciplina de atacar como uma única força unida e só recuar quando fosse a hora.

Pela ousadia de acreditarem em mim, e no Rei do Céu, assim aconteceu em Orleans. Desde então, eu fui totalmente responsável pelo exército francês e por suas estratégias e táticas. Achavam-nas absurdas, às vezes; como a questão da artilharia. Por isso eu tinha que gritar mais e sair cavalgando na frente, como louca. Mas ganhei a lealdade e confiança dos generais, o amor e a admiração dos soldados. Todos me seguiram.

La Hire foi um dos poucos que me aceitaram logo de cara. Ele aprendeu a importância das orações antes das batalhas. Já Dunois era muito jovem. Dava risada de minhas escaramuças com La Hire. Mas os dois teriam morrido em meu lugar, se assim fosse necessário.

"Como ela fez isso ou aquilo?", eu os ouvi conversando, entre eles, muitas vezes. Ora, foi o Deus do Céu que me levantou.

Sinto falta deles. E de Jean d'Alençon, um dos meus comandantes mais importantes e fiéis, o qual era também um alento quando me encontrava muito agitada. Acompanhou-nos até as campanhas no Vale do Loire. Ele sempre foi gentil, mesmo diante da lama, do frio e da pouca ajuda que tivemos, no final.

É. Eu sinto falta deles. De todos eles.

E se Deus se importa com o destino das nações, também haverá de se importar com o meu, pois Ele também me ama.

* * * *

Homens da Lei; homens da Igreja. Todos aqui. Para testar-me. Para ver minhas reações. Fiquei sabendo do tal tratado anônimo. Disseram-me isso hoje – ou ontem... –, já não me lembro bem.

Um tratado em latim contra *mim*? Escrito por um homem de Letras, da universidade de Paris...

"O quê?"

Fiquei paralisada com a informação. Seria verdade? Mas qual a motivação? Não compreendo... Se alguém me fez tantas críticas, por que não mostrar o próprio rosto?

Não importa. Já fui testada e observada pelas autoridades da Igreja francesa. Em liberdade, digo, antes de começarem as conquistas. Antes de me darem um exército. Para averiguar se o que eu dizia tinha valor ou não.

A começar das desconfianças assim que cheguei a Chinon. Fizeram-me passar por um desafio, sem que eu soubesse, pois esconderam Charles no meio de um salão cheio de nobres, com medo de que eu pudesse matá-lo... *Matar* meu rei! Como se eu pudesse sequer pensar nisso...

Quando fui apresentada, supostamente, ao delfim, percebi que não era ele.

Não era Charles! O meu Deus e Rei ajudou-me a encontrá-lo, sem demora, em outro canto da sala, disfarçado, olhando de longe.

"Senhor, vim conduzir os seus exércitos à vitória", foi assim que falei ao delfim da França, nosso querido Charles VII, conforme o Rei dos Céus me dirigiu. Quando estivemos sozinhos, mostrei a ele o que o Senhor queria, e o exército que deveria dar-me. E eu libertaria Orleans.

Mesmo assim meu delfim me fez passar por provas perante os teólogos reais, conselheiros e alguns homens da lei. E as autoridades eclesiásticas em Poitiers submeteram-me a um interrogatório durante quase quatro semanas, com a presença do chanceler da França e arcebispo de Reims, Renaud de Chartres. Mandaram, inclusive, atestar minha virgindade, já que era parte da profecia de Merlin – a virgem de Orleans.

"Virá uma Virgem da fronteira da Floresta de Carvalho que irá curar o reino."

Eles me avaliaram cuidadosamente, até entender o propósito santo e real de minha missão, sem nada encontrar que me desabonasse. E, afinal, confiaram em minhas palavras. Assumi o comando militar da França com a autorização do delfim Charles VII e da Igreja Católica.

Agora, contudo, aprisionada há meses, os ingleses fazem exatamente o oposto: presumem de antemão a minha culpa, e apenas querem prová-la de qualquer jeito. Não pretendo pensar nisso. Não agora.

Quanto eu desejava ver o delfim coroado rei... Oh, Deus! Quanto...

Sou grata ao meu Deus ter-me permitido ver tal coisa e sentir tamanha alegria. Por isso, e pelas vitórias ganhas, e por cada estratégia e pelo amor dos meus companheiros, é que eu jamais duvidei das *Vozes, jamais*! Nem do destino da França, pois elas me falavam, me faziam entender, tão claras e confiantes e às vezes tão altas que mais pareciam sinos dentro da minha cabeça. Impulsionando-me para a frente, para *a frente*, mostrando-me o que fazer.

Assim foi em Orleans. A primeira batalha. Talvez a mais terrível.

Já estava muito impaciente. Sabendo que Orleans estava ocupada, tinha de agir logo. E os investigadores em Poitiers demoravam-se, insistindo para eu mostrar algum sinal. Eu apenas lhes respondia, vez após vez: "Em nome de Deus, não vim a Poitiers para provar nada. Levem-me a Orleans, e eu lhes mostrarei os sinais ali, na missão para a qual fui enviada".

Finalmente!

Finalmente!

Porém, o exército que me deu o delfim ainda não confiava em mim. Tive de brigar, gritar e ser forte! Eles iam me escutar de algum modo! E o que deviam escutar era que tinham que confiar em Deus, e no que Ele falava por meu intermédio. Eu era o instrumento, mas a *Voz* era *Dele*!

Mais uma vez rolo o corpo para o outro lado, sobre o catre. Meu corpo dói, apesar de já ter me acostumado a dormir no chão. É por causa do frio. Emagreci muito, também. Tento proteger as costas do ar gelado, e me

encolho o melhor possível.

A promessa que Deus fez naquele dia volta à minha lembrança. Tão forte e bela, que sinto as lágrimas querendo sair pelo meu rosto.

"Os franceses farão, sob meu comando e do Deus dos Céus!", gritei para eles. "Os maiores feitos jamais realizados em toda a história cristã!"

Todo o fervor borbulhava em meu peito, todo o orgulho da minha pátria incendiava meu coração. E raiva! *Raiva* contida prestes a explodir, porque há oito meses os franceses cercavam Orleans, mas não conseguiam superar as defesas inglesas que sitiavam a cidade. É bem verdade que eu quase não conseguia conter a mim mesma, desejando partir contra o inimigo imediatamente. Mas pedi que todo o meu exército se confessasse, que os padres os abençoassem e rezassem a missa.

Então, estando tudo pronto, subi no cavalo que me foi dado, com a armadura que me foi confeccionada; e segurei alto o estandarte. Segundo as *Vozes*, eu havia mandado buscar uma espada em Fierbois, no santuário de Saint-Catherine. Era essa a espada que eu deveria usar para conduzir a França à vitória!

Cavalguei sozinha até perto do muro, onde pudessem me ver e ouvir. Mandei cartas aos ingleses, e lhes dei a chance de se retirarem em paz, sem derramamento de sangue. Eles, no entanto, riram e xingaram-me de coisas horríveis. Na carta, pedi para escreverem em meu nome. Eu disse a eles, ingleses, que não tinham direito sobre o reino da França.

> "O Rei dos Céus vos ordena e manda, por meu intermédio, eu, Joana, a Donzela, que abandoneis vossas fortalezas e volteis para vosso país, do contrário eu moverei contra vós um ataque tão poderoso que jamais se apagará de vossa memória. Eis o que vos escrevi pela terceira e última vez, e não mais escreverei."

Para ficar bem claro de que se tratava, assinei JESUS, MARIA, com o sinal da cruz, e coloquei também o meu nome. Eu obedeci à diretriz do Senhor. Fiz com que o exército obedecesse também; de modo que Deus derrubou o cerco em Orleans. Perdemos homens, e vi sangue sendo derramado. Mas não era apenas o sangue francês.

Não pude deixar de sorrir, ali no escuro. "Donzela de Orleans." Assim passaram a me chamar, e não somente "Joana, 'A ruiva'".

Em pouco mais de dois meses, conquistamos mais três cidades no Vale do Loire, e derrotamos os ingleses também em Patay. Eles têm medo de nós, agora. Têm medo de *mim*! Mesmo quando fui ferida em batalha com uma flechada, e me recuperei, os ingleses viram isso como de mau agouro para eles. Já não lutavam com vigor de antes.

Viajei com o delfim até Reims. Ele temia ir sozinho. Liderei as tropas francesas e tomamos diversas cidades da mão dos ingleses antes de chegarmos, todos a salvo, em Reims. E a conquistamos também!

Nunca me esquecerei da Catedral de Reims naquele dia, o dia da coroação

de Charles VII. Como estava linda, e como tudo se banhava no sol do verão! Havia tanto entusiasmo em todo o povo, tanta alegria pela reconquista de parte do reino, e por nosso amado delfim, coroado rei nesse dia. Participei da cerimônia. Depois me ajoelhei diante dele, chamando-o "Meu rei" pela primeira vez.

O perfume da esperança espalhava-se no ar. Olhavam-me em meu cavalo, amavam-me por tê-los conduzido à vitória!

A França está cansada dos ingleses e de seus aliados! De nosso território ocupado há décadas! Milhares já morreram nessa guerra que dura cem anos; talvez milhões!

* * * *

Acordei hoje sentindo um aperto, uma pressão no peito, por causa do interrogatório. Eles vão me acusar de heresia. Começo a ficar com medo, e uma inquietação enche o meu corpo, de tal modo que é difícil ficar parada. Ando de um lado a outro, mesmo no escuro.

Por que não sou submetida apenas à Igreja ou apenas ao poder secular? Mas os dois vêm contra mim. Por quê? Ao meu modo, em tudo lhes mostrei firmeza e agi com coragem, sem deixar de mencionar, sempre, meu amor por minha pátria e meu rei; mas os inquisidores não desistem.

Cada coisa que digo revela-se depois como uma arma nas mãos deles contra mim.

Disseram-me que sou ré de um tribunal eclesiástico; e também enfrento um processo acusatório, a pedido da Universidade de Paris, que é fiel aos ingleses. Ao que parece, a Universidade de Paris – que acumula favores e concessões dos ingleses – considerou as minhas vitórias uma verdadeira humilhação. Pierre Cauchon foi um dos seus antigos reitores – e isso me parece muito significativo. Além disso, segundo os ingleses, ele prestou "muito bons serviços à diocese de Beauvais".

Como um cachorrinho dos ingleses, Cauchon estava refugiado aqui em Rouen, e foi escolhido para ser o presidente do meu tribunal. À medida que as acusações se desenrolaram, percebo que estou sendo julgada, de fato, pela Inquisição.

Não entendo como pode ser isso, uma vez que já havia sido avaliada em Poitiers pela Igreja. O que mudou desde então? Nada, exceto pelo vexame por que passaram os ingleses.

Todos eles mentem a meu respeito. Esse julgamento *inteiro* é uma mentira. O pretexto é religioso, mas, na verdade, é tudo política, tudo do interesse da Inglaterra. Sou tratada como prisioneira de guerra, trancafiada em um cárcere inglês e vigiada por carcereiros ingleses.

Quando saio do tribunal, continuo ouvindo, o tempo todo, as acusações, as mentiras, as armadilhas nas perguntas, tudo para me fazerem cair em erro. Disseram que minha confiança "Sendo tão férrea, não passa de presunção e

um erro de fé". Minha fé em Deus era *presunção*? Ou então: "Ela tem atitudes de homem, atitudes bélicas contrárias à sua condição de mulher. Mas afirma que é por ordem de Deus que enverga traje de homem e age assim, negligenciando todos os itens de roupa próprios ao seu sexo. Ela cortou os cabelos curtos e monta a cavalo paramentada com uma armadura, empunhando uma espada e um estandarte! Mais absurdo ainda é que tenha recebido a *eucaristia* nesses trajes".

Ao ser interpelada sobre isso, respondi que por nada no mundo me obrigaria a um juramento que envolvesse *não* voltar a envergar essas vestimentas ou deixar de usar armas.

Ando de um lado para o outro, na penumbra. Como poderia ser diferente? Se Deus me mandasse novamente ao campo de batalha, para combater os ingleses, eu faria tudo de novo, sem hesitar.

Mas eles insistem! "Deus fez o homem e fez a mulher, cada qual com suas características. Por que Deus iria contra seus próprios princípios nos enviando uma mulher para fazer o papel de homem? Pois o tempo todo esteve no meio de homens e de soldados, blasfemando contra Deus, pois raramente houve uma mulher por perto."

Porém, havia os padres. Havia confissão, comunhão e a bênção de Deus. Em tudo isso eu tenho certeza de que bem procedi, e que obedeci firmemente a Deus e às suas ordens. Por fim, acabo me cansando de responder. De novo e de novo.

Ouço a voz deles mesmo depois de se calarem. Vejo seus olhos maquiavélicos, mesmo que agora esteja no escuro de minha cela. E sinto meu coração batendo, raivoso, como se ainda estivesse diante de meu tribunal, ouvindo tantas injustiças. Encolho-me ainda mais no catre de palha – como se isso fosse possível – e apoio as mãos sob a cabeça para esquentá-las.

Tantas pessoas importantes desejam me ver desacreditada, me ver transformada em herege. É só porque o poder de Deus em mim os assustou?

Cauchon me disse que estão escrevendo doze artigos, todos baseados em minhas respostas. E deles estão extraindo todos os meus "crimes contra a fé". Fiquei olhando para ele, que apenas me sorriu.

"Melhor pensar nisso, Joana."

Senti o sangue pulsar forte, de súbito, em minhas têmporas. *Maldito!* Tenho vontade de rasgar aquele sorriso dele. Às vezes, o bispo grita a plenos pulmões, aproveitando que estamos dentro da cela "Porque, *sim*". Muitas vezes sou interrogada aqui mesmo na torre. Até o Cardeal Henrique Beaufort, chamado "santo" Eusébio, já me interrogou, aqui mesmo, nesta prisão.

Imagino que isso não vá constar nos autos do meu processo.

"Diga que é uma bruxa, mulher! Uma feiticeira! Confesse de uma vez! É isso que você é. Só pelos poderes das trevas você poderia ter feito o que *fez*", e ele, então, desfere um golpe contra mim, contra minhas costelas.

Todo o meu fôlego sai do peito e me curvo sobre mim. Quando me recupero o suficiente, olho em sua direção. Tenho certeza de que minha

aparência o assusta e de que meu rosto revela algo que ele preferia não ver.

"Não importa o quanto vocês me torturem, bispo. Não importa o quanto perguntem." "Eu vim do fogo, e o fogo me purificará. Eu não tenho medo dele... do fogo." Não sei dizer exatamente de onde isso saiu, eu apenas o disse. Aquilo fazia todo sentido para mim.

Pude ver o branco dos olhos de dois dos guardas mais próximos. Mas Cauchon apenas continuou insistindo:

"Então você confessa que é uma bruxa?"

Dou um sorriso para ele. Um sorriso que sei ser tudo, menos amigável.

"Eu vi o Céu, bispo. Lá é minha casa. E não importa o que você faça, eu vou voltar para lá. Esse é o meu destino."

A intuição era forte dentro de mim; não sei quando ela se instalou, mas, por algum motivo, parece que... eu não faço parte desse mundo. Cauchon aproxima-se de mim, ao mesmo tempo em que os guardas disfarçadamente afastam-se: para mais perto da porta de minha cela.

"Então... se você viu o Céu... quer dizer que você saiu do seu corpo, Joana? E foi até lá?"

Abaixo a cabeça. Penso um pouco. Não lhe darei esse prazer. O prazer da resposta que ele tanto quer.

Ergo apenas os olhos. Fixo-os bem no fundo dos olhos do bispo, por entre os meus cabelos, um pouco compridos agora. Meus dentes ficam expostos mesmo sem que eu me esforce. Falo, e minha voz sai carregada de cólera.

"Vocês que me acusam... *Todos* vocês! Serão hóspedes especiais nos porões do inferno."

O bispo me encara, emudecido. Terei visto um lampejo de medo nele? Se vi, foi muito rápido. Mas me regozijo.

"Eu *vou ver* isso! Cada um de vocês, no inferno..."

"Sua ousadia não tem limites", refuta Cauchon. Mas vira as costas e sai da cela.

* * * *

Depois dos interrogatórios, às vezes reflito, aterrorizada, tentando entender... Terei agido por conta própria ao avançar contra Compiègne, por causa da minha própria ira, da minha impaciência e revolta e desejo de justiça? Se não tivesse ido, não teria sido capturada.

Porventura, estarei aqui porque eu – *Eu!* – não obedeci ao comando divino de parar? Tento segurar as lágrimas, mas desta vez elas caem. Se meu Deus não mais me havia falado, por que fui adiante e marchei? A quem posso culpar, senão a mim?

Tentei me atirar do torreão do castelo de Beaurevoir quando soube que tinha sido comprada, por dez mil libras, pelo rei da Inglaterra. Fui trazida para cá, para Rouen. E aqui estou. Em solo inglês.

Há dias em que me sinto melhor. Há outros em que meu espírito está

abalado e alquebrado. Fico pensando, aqui no escuro, sozinha comigo mesma. E me dói o coração. Minha alma fica perdida, e nada há que possa me acalmar. Questiono minhas intenções mais profundas.

Quanto do que fiz não teve a ver com justiça, mas fui movida pela vingança? Por ódio aos ingleses? Será?

Mas as guerras simplesmente *existem*, e ninguém vai à guerra para perder. Ou você mata, ou você morre. Ou eu matava os ingleses, ou permitia que os franceses fossem mortos por eles, a começar pelos meus companheiros. Por que deveríamos nos permitir sermos mortos pelos ingleses?

Fiz algo errado? Por que Deus me deixa aqui... nesta prisão? Por que estou aqui? Fui a única capturada em Compiègne, e acredito que possa ter sido traída. Mas o Senhor e Rei dos Céus não haveria de avisar-me?

É nessa hora que meus pensamentos se enchem de pedregulhos, iguais aos dos campos de batalha, e não consigo pensá-los direito. Mesmo assim, me esforço, e penso: *como Deus me avisaria, se eu não escutava mais as* Vozes? *As* Vozes *eram portadoras da vontade de Deus.* Mas...

Desde a coroação em Reims. Elas se calaram.

É aí que minha cabeça lateja. E dói! Como se entre os pedregulhos surgissem espinhos a se enfiar dentro da minha cabeça, gritando, gritando tanto que ponho as mãos nos ouvidos. "Era o sinal para você ter parado!"

Eu me levanto e giro de um lado a outro, caminho pela cela, movida pela dúvida. Falo comigo mesma, às vezes durante muito tempo. Não sei quanto tempo, só sei que é bastante. "Você deveria ter se retirado dessa guerra depois da coroação em Reims, Joana... Como desejava Charles. Você já tinha cumprido sua missão", repito para mim. "Por que foi teimosa e estúpida, *Joana*?"

Como eu poderia ter certeza? Na época, quero dizer...

Porque essas conclusões... Sou eu quem falo isso agora, cogito sobre ter parado naquele momento; são as vozes de minha própria cabeça. As *Vozes* Santas, eu não as escuto mais.

A crua verdade é que, uma vez coroado, Charles VII não atendeu aos meus pedidos para aumentar as forças de combate. Mas precisávamos ir a Paris! Por que parar? Como era possível que Charles realmente *governasse* sem ter o domínio de Paris? Mas fomos derrotados na tentativa de entrar na cidade...

E nosso rei não queria mais o confronto armado; queria negociar. *Negociar*!

Eu não negocio com os ingleses! Simplesmente *os expulso* daqui! Mas nosso amado Charles teve medo. Ele abriu trégua, e não pude fazer mais nada.

Ai, meu peito se estraçalhou por dentro, e ainda o sinto estraçalhar-se. Por quê? Por que ele não podia apenas aceitar o presente de Deus, que lhe devolvia sua terra? Por que não aumentar as tropas e marchar adiante?

Que razão eles tinham para começar a questionar as forças que agiam em mim, e por mim? Não era Joana a questão, não se tratava de mim! O que importava era o povo oprimido da França! Não estavam cansados de décadas de vitórias inglesas na disputa pelo trono?

Por isso, quando Charles me afastou, tive paciência por alguns meses, esperando que mudasse de ideia. Tentamos nos posicionar em algumas batalhas, porém nada funcionou. Como o rei nada fez, por fim reuni meus homens e fui, por conta própria, a Compiègne. Mesmo sem autorização dele. Era a primavera de 1430.

Mas, por algum motivo, estando nós em Compiègne, durante o ataque ao campo de Margny, controlado pelos borguinhões, fecharam as portas da cidade precipitadamente e fui capturada por um escudeiro borguinhão. Mais tarde, levaram-me ao Castelo de Beaurevoir e, durante todo o verão, acreditei na chance de ser libertada mediante pagamento de resgate, ou por troca de prisioneiros. Esperei por uma proposta da França, mas nada ocorreu.

Meu rei não me resgatou. Nunca mais vi nenhum dos meus homens. Por fim, fui obrigada a aceitar o inevitável: que fui largada aqui para apodrecer. Estou sozinha. Ninguém me defenderá.

E se não ouvi direito a voz de Deus antes, como posso esperar que Ele me ajude agora?

* * * *

Quando entram em minha cela, seja dia ou noite, fico apavorada. As torturas estão piores, muito piores. Eles já perderam a paciência comigo faz tempo e decidiram que vão me fazer falar.

"Por bem ou por mal, Joana!", ameaçou-me Cauchon. "Você *não vai* me deixar em má situação!"

Como não querem que me apresente ao tribunal toda machucada, fazem-me coisas que não vão chamar tanta atenção. Espancam-me, mas poupam meu rosto. Não me deixam dormir, noites e noites seguidas. Cada vez que caio no sono, os guardas fazem uma barulheira ensurdecedora com uma barra de ferro nas grades, ou jogam água gelada no meu rosto. Deixam-me com as roupas molhadas, sem nada para aquecer-me.

Meu corpo todo dói, pois estou permanentemente acorrentada a grilhões. A verdade é que, se tenho oportunidade de ferir esses malditos ingleses, eu o faço. Os guardas têm medo de mim. Não apenas pelas acusações de bruxaria, mas porque consegui matar um deles. Todos já tinham levado chutes, socos e mordidas. De modo que tomavam cuidado até para me dar comida.

Mas não esperavam que conseguisse forjar uma arma.

O chão da cela tem uma camada de pedras assentada sobre terra. Aos poucos, sem alarido e sem chamar atenção, consegui remover uma delas cavando nas bordas com os dedos. Não são pedras grandes; e fiquei esfregando-a e dando *batidinhas*, até que um dos lados ficasse afiado o suficiente. Os guardas não se importam de me ouvir falando ou rezando sozinha. Acham que sou meio louca. Mas minha voz encobria o ruído suave da afiação.

Todos os dias eu preparava minha arma, depois colocava a pedra

exatamente no mesmo lugar. Um dia, um dos guardas entrou para deixar a comida. Cometeu o erro de se aproximar demais de mim, e o ataquei, dei uma pedrada em sua cabeça com toda minha força. O sangue espirrou, e ele desabou.

Vieram todos acudi-lo, foi uma confusão. Bateram em mim, porém não liguei. Aí puseram as correntes em mim, e nunca mais as tiraram. Fiquei sabendo que o guarda tinha morrido.

Mesmo depois disso, quase consegui acabar com outro guarda. O homem entrou para pegar o balde de necessidades. Eu estava em pé, encostada à parede. Dei um olhar mais comprido em sua direção, o que pareceu irritá-lo.

"O que você está me olhando, bruxa?", perguntou.

"É estranho ver um estrume andar."

Ele apoiou o balde no chão. Aproximou-se de mim. Chegou quase a encostar o nariz no meu.

"Sabia que eu posso te matar qualquer hora dessas?", me disse.

"Não. Você *não* pode", respondi. "Só o tribunal pode me condenar e me matar. Se você fizer isso, se me matar aqui na cela, será considerado assassino. E ficará no meu lugar."

O erro dele foi vacilar por alguns segundos ali, tão perto de mim. A corrente já estava posicionada em minhas mãos, na sombra. Assim que ele virou-se para sair, passei-as pelo seu pescoço. Apertei o mais forte que consegui, como um garrote, jogando meu corpo para trás enquanto empurrava sua lombar com meu joelho. Exatamente como tinha aprendido nos acampamentos de guerra.

Meus companheiros, afinal, me ensinaram várias coisas. Aprendi algumas técnicas. Inclusive naquele ano que passei junto aos que estavam com Robert de Baudricourt, capitão das tropas Armagnac estabelecidas em Vaucouleurs. Antes de o capitão decidir me mandar a Chinon.

"Você não pode escapar do seu destino", sussurrei em seu ouvido, enquanto ele engasgava e tentava, em vão, afrouxar a corrente. Eu quase podia sentir o odor putrefato do seu pavor: "O demônio vai vir buscar a tua alma. Teu nome está gravado no livro da morte".

Uma pena que os outros tenham achado a demora estranha e vieram acudi-lo. O homem estava totalmente aturdido. A frente de sua calça mostrava que não havia mais urina dentro dele. Saiu da cela, com ar de terror. Eu sabia o que ele estava pensando. Dei uma risada baixa.

"Ela é uma bruxa de verdade...", escutei-o balbuciar, com voz rouca, fora da cela. "E me amaldiçoou."

Cauchon fez questão, mais tarde, de dizer que o testemunho dele seria levado em conta no tribunal do Santo Ofício. E de novo tentava me persuadir, desta vez com docilidade fingida, tentando me explicar o óbvio.

"Joana, a função do tribunal da Inquisição é fazer com que você reconheça seus erros perante a Igreja Triunfante. E retorne à verdade!"

"Quer que eu me confesse culpada...", respondi a ele.

"Se não o fizer, sabe que a justiça civil pode puni-la por seus atos, já que não há distinção entre os crimes comuns e os delitos contra a fé. Um réu que se mostre arrependido e disposto a se submeter a quaisquer penitências, é do interesse da Igreja", continuou. "Já os impenitentes, que não reconhecem seus erros, os relapsos, passam a ser responsabilidade do poder civil. É isso o que você quer?"

Nada respondi.

Mas não. Não é o que eu quero.

Por que em momento algum pensaram em levar em conta o processo pelo qual passei em Poitiers?

* * * *

E então me levam novamente diante do tribunal.

"Joana levou a França à derrota ao tentar entrar em Paris no dia da Festa da Natividade da Virgem. Isso nos diz muito, não é mesmo? A falta completa de respeito à festividade religiosa custou-lhe a vitória. Se Deus estivesse mesmo com ela, se as tais '*Vozes*' fossem de fato verdadeiras, teria sido assim? Ela nos declarou profecias infundadas, baseadas em sua própria alma. É uma falsa profetiza que afirma ter visto São Miguel, além de Santa Catarina e Santa Margarida, que lhe apareceram corporalmente. Segundo a acusada, são destes três as *Vozes* que ouve."

Mais uma vez. Ouço o burburinho que percorre o recinto como rastro de fogo em pólvora.

O Bispo Cauchon nunca entendeu a questão das *Vozes*... Ele acha que é algo sem importância para mim, quando se trata exatamente do contrário. Se não fosse Deus a guiar-me por meio delas, como poderia ter sido bem-sucedida em diversas batalhas? Como posso, agora, dizer o contrário? Mas o bispo me faz passar por torturas mentais o tempo todo em que está comigo, como se não bastasse o desgaste físico. A tortura física. Tudo o que diz e faz é para me causar medo e pavor.

Eles quebraram meus dedos. Os guardas me mantiveram no chão, e não pude fazer nada. Seguraram o meu pé e quebraram o segundo dedo com uma martelada. Esmigalharam-no. Não há como caminhar ou fazer qualquer coisa sem sentir dor. Sinto dor o tempo todo, além de frio. O dedo está preto e tenho medo de que seja devorado por uma infecção ou fique podre.

Depois de quebrarem o primeiro, voltaram na noite seguinte. Enquanto eu era segurada pelos guardas, me debatendo, ouvia os gritos de Cauchon:

"Fale a verdade! Ou você me *fala* a verdade, ou quebrarei o outro dedo! Diga que suas *Vozes* são uma farsa; que você deu ouvido a demônios."

Eu não podia dizer, pois eu tinha ouvido as *Vozes*! Alto e clara e perfeitamente como se ouvisse outro ser humano. E sabia que elas vinham de Deus.

Gritei e esperneei. Não falar a "verdade" custou-me o outro dedo.

"É uma mulher insubmissa, Joana, que idolatra sua própria pessoa."

No tribunal, ele declarou que me fiz adorar, oferecendo as mãos e as roupas para que fossem tocadas e beijadas. "O que também é crime!", completou, olhando-me muito feio.

Até da torre do castelo de Beaurevoir o bispo acha tempo de lembrar, acusando-me de que tentei me matar, o que é um pecado mortal.

"Tudo que fiz, fiz em nome de Deus...", eu digo, pela centésima vez. E, como sempre, isso pareceu chocá-los.

"Essa mulher representa um perigo real, não apenas para a fé católica, mas também para a sociedade. Ela tornou-se popular demais, o que a fez ainda mais arrogante e presunçosa. Recusa-se a dobrar-se ao poder eclesiástico, antes desdenha dele, até dos mais altos. Diz reportar-se diretamente a Deus! Diz ser enviada *Dele*! Essas 'revelações' não passam de superstição e uma fanfarronada ridícula."

Estou muito cansada. Minha vista se turva. Sinto muita dor.

"Não me submeterei a nenhuma ordem ou a nenhum homem, mas somente a Deus, e lhe cumprirei todas as ordens."

O bispo meneia a cabeça.

"Então não há nada que eu possa fazer para ajudá-la, Joana. Se insiste na recusa de se submeter à Igreja, comete o crime de apostasia. Está claro que é uma bruxa, mistificadora e sacrílega, que blasfema contra Deus e contra os santos! Uma mulher agitadora e rixosa, que só fez perturbar a ordem pública, além de incitar a violência e o derramamento de sangue ao assumir a vocação de soldado. Ela induz ao erro tanto os poderosos como os humildes com seus poderes maléficos, sendo ignorante dos preceitos católicos!"

"Mesmo que a Igreja quiser obrigar-me a algo oposto ao que recebi de Deus, não consentirei nisso; apenas nas ordens Dele, seja pelo motivo que for."

"Você é uma contestadora da fé! Está usando muito mal seu livre-arbítrio, e não se cansa de blasfemar contra Deus e os santos de forma escandalosa; certamente isso acabará mal."

"Estou certa de que serei conduzida ao Paraíso."

Santa Margarida e Santa Catarina disseram que, se eu conservasse a minha virgindade, seria levada ao Paraíso.

* * * *

Entram na minha cela. Tarde da noite é agora, eu acho. Perdi a noção de tempo. No entanto imagino que seja mais um interrogatório.

Dois dos guardas seguram archotes. Tento me apoiar no cotovelo, cubro um pouco os olhos com a outra mão. Um calafrio percorre minha espinha por causa do modo como me olham. De modo estranho, com sorrisos estranhos, como que antecipando algo. As sombras distorcem seus rostos de um modo anormal, ou será só impressão? Parecem-me animalescos.

Meu estômago embrulha imediatamente. Encolho-me na cela, não quero pensar no que aquilo significa, mas as paredes nuas não têm como me proteger. Busco minha coberta, porém não é mais do que um farrapo de pano fino.

Mãos agarram meu corpo, minhas pernas e braços, e tudo que posso fazer é me debater e chutar. Cravo as unhas em qualquer coisa que sou capaz de agarrar, mas alguém me bate no rosto, alguém agarra meus cabelos e puxa minha cabeça para trás. Mãos envolvem meu pescoço como um torniquete.

Começo a gritar. Gritos medonhos, lancinantes e não posso parar, não quando entendo o que pretendem fazer. De mim sai este som pavoroso, de puro terror. Não sei como esses urros não fazem com que eles desapareçam daqui, correndo, certos de que a mão de Deus os matará imediatamente.

Percebo outros gritos, mas esses não são meus; gritos de crueldade pura, como se fossem bestas no lugar de seres humanos. Não sei quantos estão aqui, mas há incentivo ao que está acontecendo. Grito, berro, urro, choro. Minha garganta está em fogo. Outras partes do meu corpo estão em fogo ainda pior. E aquilo não acaba... Queima e queima e me destrói. Minha mente parece que vai apagar. Talvez eu tenha desmaiado em algum momento, eu não sei.

Só sei que agora estou sozinha aqui na cela.

Não consegui me mover do lugar; só me enrodilhei em mim mesma. Todo meu corpo está ressentido, cada músculo; estou destroçada. Tento não pensar no que isso significa...

Choro baixinho, e cada soluço tem um som que não sei de onde vem. Alguns minutos... Minutos? Não sei. Eu não sabia que eles tinham esse poder, mas entendi que o que aconteceu aqui foi capaz de roubar toda a minha dignidade, toda a minha honra e todo o seu valor de uma só vez.

Sabiam que minhas santas revelaram-me que ganharia a salvação, se conservasse a minha virgindade...

Depois de algum tempo – não sei quanto – atrevo-me a tocar o sangue que mancha a parte interna de minhas coxas, para ver se está diminuindo. Parte está frio e coagulado, inclusive no chão ao meu redor. Mas a dor não diminuiu; a dor dentro de mim, que se espalha como óleo fervente... Depois como gelo; e então se anestesia, coberta de vergonha, tristeza e lágrimas. Tornei-me menos do que nada.

Quando abro as pálpebras, vejo os cinco homens que sempre me vigiam. Eles olham para mim, interessados e depois se entreolham como se dissessem: essa *vadia* teve o que merecia.

* * * *

Levam-me ao cemitério de Saint-Ouen. Para minha surpresa e terror, há uma fogueira acesa. Enorme. Minha boca se seca por completo, meu corpo estremece sem parar. Deixam claro que querem que eu assuma o que tenho

veementemente negado, que confesse meus erros e crimes.

Foi então que cedi... Assinei a confissão...

Disseram-me que não me matariam; minha punição seria a prisão perpétua, mas em uma prisão da Igreja. Onde seria vigiada por mulheres. Entretanto, mesmo depois da confissão, os ingleses não me libertaram; ao contrário, trouxeram-me de novo para cá, para a torre, onde devo fazer penitência com pão e água. Estou muito decepcionada e triste e com muita raiva, por não terem me enviado à prisão sob comando da Igreja.

Ouvi de novo minhas *Vozes*, após tanto tempo. Ouvi as *Vozes*! Que me aconselharam. E me repreenderam por ter abjurado para salvar minha vida do fogo.

Imploro para que me mandem vir um padre, e que ele ouça minha confissão. Meu corpo desregulou-se, a saúde me falta. Vomito sem parar, sinto dores na barriga. Meu nariz ficou sangrando. Terei comido algo envenenado? Minha mente está escura. E estou muito, muito cansada... Faz um ano que estou nesta prisão.

Não suporto mais esses soldados ingleses, que só sentem ódio e desprezo por mim. Não aguento mais vê-los ou olhar para a cara deles! Escutar suas vozes e suas risadas... ver sua arrogância, e ser ridicularizada por eles. Estou cansada de ser o divertimento da Inquisição.

Então, eu não pensei mais. Agi por impulso, sem mais um pingo de paciência. Ou inteligência. Não importa. Disse que as *Vozes* continuavam falando comigo. Eles rasgaram minhas roupas e, no lugar delas, entregaram-me roupas de homem. E eu as vesti.

A verdade é que não posso mais dizer que Deus não fala comigo ou negá-Lo!

Por isso, Cauchon me baniu. Estou expulsa da Igreja, como se fosse um membro leproso. Fiz questão de olhar nos olhos dele, deixar claro que minha morte era injusta.

"Bispo, morro por sua causa. Confirmo isso diante de Deus."

Sonho com meu país livre. Esse foi o meu crime. Mas não digo mais nada.

Então a Igreja me entregou ao poder real, entregou-me a eles. E faz apenas cinco dias – *cinco dias!* –, mas já têm um veredito. Disseram-me que tive um momento de lucidez, reconheci meus pecados, e a Igreja, na sua benevolência, havia me perdoado. Por que voltei atrás?

"O fiz por medo da fogueira", respondi. "Mas agora mantenho tudo que falei antes. Prefiro morrer a continuar sofrendo os martírios a que estou sujeita nesta cela inglesa."

Então, rasparam meus cabelos.

* * * *

Sim, eu deveria ter imaginado que os ingleses tinham todo interesse em me ver *exatamente* nessa condição. Agiram em conluio com a Igreja para me

entregar nas mãos do rei. Afinal, lhe causei muitos danos, de forma que não quer apenas matar-me, mas causar-me muitos danos também. E tornar a lembrança que o povo tem de mim a pior possível. Sendo eu completamente desmoralizada, isso desmoraliza Charles VII também, por ter acreditado em mim.

Às vezes fico pensando em Charles... que nada fez durante todo o processo inquisitorial. Imagino que não me julgue mais útil, e que esse meu fracasso seja sinal de que Deus não está mais comigo. Indiretamente, ele concordou com tudo.

* * * *

30 de maio de 1431. É hoje.

Logo de manhã, dois frades vieram à minha cela, preparar-me. Um deles ouviu minha confissão.

Agora, vejo a luz do sol. É tão claro que quase não enxergo nada!

Sinto o calor da luz no meu corpo, e como é maravilhoso, meu bom Deus! É por isso que não me importo com a visão das escadas que me levarão até o pedestal lá em cima, preparado para mim. Nem olho por mais de alguns segundos para os feixes de lenha, já posicionados, em sua base.

Só quero sentir o sol. Ver a luz.

Não me importo mais. É uma sensação que nem sei descrever. Como se eu fosse um pote de mel, emborcado de cabeça para baixo há meses e meses, e o conteúdo houvesse escorrido lentamente, lentamente, até o último resquício. Assim me sinto. Mas não como se restasse agora um sentimento de desesperança ou terror.

Não. É apenas como estar vazia, apenas restando a certeza de não ter decepcionado a Deus, nem às *Vozes* que me guiaram.

Ontem, uma delas falou comigo de novo. Mas parecia diferente de algum modo; diferente no modo como falou, na entonação que usou. Parecia alguém diferente, que estava ali mesmo, ao meu lado.

"Você conseguiu", disse-me ele; havia um toque de alegria. Até orgulho, acho.

Parecia tão familiar. Um familiar... *familiar*. Mas não sabia onde o ouvira antes.

"Você honrou a Deus e não esmoreceu. Você conseguiu. Está tudo bem. Amanhã virei buscá-la."

Está tudo bem...

Dormi a noite toda. Fiz tudo que podia. Tanto para mudar o destino da França quanto para me defender perante a Inquisição. Que me importam os ingleses, o bispo, ou quem quer que seja?

Agora, enquanto passo pelo corredor na Praça do Velho Mercado, cercado de gente, debaixo do sol, uma sensação expectante vai me preenchendo.

"Logo mais não estarei mais aqui! Hoje é o último dia!"

E isso me faz exultar por dentro. Falta pouco, falta pouco!

Não me importo com as pessoas; não me importo com os gritos, com os xingamentos; não me importo com nada. Apenas isso: "Falta *pouco*; estou indo embora daqui...".

Sobre o pedestal há um monte de inscrições. Não sei o que querem dizer, mas imagino que sejam meus pecados, pois estão em letras grandes.

Subo os degraus. Ajudam-me a escalar a montanha de lenha. Lá em cima, encosto-me ao pedestal, viro-me de frente para a multidão. O carrasco começa a envolver meu corpo com correntes.

Sei que meus olhos estão tristes. Não imaginei que morreria aqui em Rouen, que este seria o lugar do meu túmulo. Olho para os telhados, para as fachadas das construções ao redor da praça.

Aparentemente, estou sozinha. Sinto meu coração batendo forte.

Ah, sim. Agora fazem a gentileza de ler os escritos:

> "Aquela que se fez conhecer como Donzela, mentirosa, perniciosa, abusadora do povo, advinha, supersticiosa, blasfemadora de Deus, presunçosa, descrente na fé de Jesus Cristo, jactanciosa, idólatra, cruel, dissoluta, invocadora de diabos, reincidente, apóstata, cismática e herética."

A voz dele vai sumindo, tornando-se sons sem sentido. Pingos d'água em uma fornalha quente, que logo viram vapor e nada resta deles. Parecido ao que logo acontecerá comigo: meu corpo vai se desvanecer como vapor. Com a diferença de que o meu espírito permanecerá para sempre.

"Está tudo bem", ele me disse. "Virei buscá-la."

Sinto-me tão grata por essa certeza, que as lágrimas escorrem por minhas faces. Já não posso enxugá-las, pois atam minhas mãos para trás neste instante. Talvez pensem que estou chorando de medo.

Sim, há medo. Há medo e tristeza pelo que vou viver em instantes; mas há muito mais alegria por deixar este mundo! Por ser liberta!

Vejo o crucifixo diante de meus olhos. Que bom! Pedi a um dos frades que estiveram comigo pela manhã que o erguesse por meio de um suporte, e o mantivesse diante do meu rosto. Meus olhos podem vê-lo. Fixo meus olhos na cruz, por entre as lágrimas, e espero.

A multidão grita coisas que não me atingem. Mas logo percebo as primeiras nuvens de fumaça, erguendo-se, subitamente, até o meu rosto. E ficam intensas, tão rápido. Por um momento, entro em pânico.

"Água! Deem-me água-benta!", grito.

Mas olho a cruz de novo, que me traz esperança e paz. Então fico quieta. O som do fogo está tão alto, pavoroso; acho que escutei a voz de Cauchon, gritando, mais uma vez, que eu me arrependa e peça perdão a Deus. Um relâmpago de entendimento passa por minha mente, sem que eu faça qualquer esforço: a vingança pertence a Deus. E Ele se vingará...

As labaredas sobem tão altas que me engolfam! Mas quando começo a

sentir que estão me queimando, o meu amigo vem ver-me. Em instantes, ele aparece no meio do fogo, sorrindo, e me estende a mão. Que rosto familiar... E entendi que fora ele quem me havia falado na noite anterior.

Não sinto nada, exceto um calor morno; não vejo nada, exceto a mão estendida e o seu sorriso. Não ouço nada, ou melhor, quase nada... O som das chamas chega até mim, só que parecem estar muito longe agora.

Sei que estou indo embora.

* * * *

Lendas vão ficar sobre os meus últimos momentos de vida. Meu corpo ficou lá; a multidão se acotovelando para ver melhor. Mas era apenas o corpo de Joana, a Ruiva, a Virgem de Orleans. Falo assim porque eu já não sou ela. O anjo de meu amado Senhor buscou-me, logo no começo daquela última tortura.

Mas agora acabou.

Os ingleses fizeram desaparecer o que restou dela. De Joana. As suas cinzas, o que sobrou em meio aos escombros e à pira, foram lançadas ao Rio Sena. Um último ato de desdém, que não será esquecido.

CAPÍTULO 11

ANO 1959 D.C.

Mrs. Ruth Ann ainda estava na sala de estar, lendo. Há pouco, o marido havia subido para o quarto. Esteve irritado a noite toda, recusando-se a conversar muito sobre qualquer assunto. Assistiu à televisão e se recolheu.

Quanto à neta, havia jantado no quarto e foi dormir cedo.

Foi com um sobressalto que a senhora escutou algo como gritos. Estava meio que cochilando. Percebeu, com o livro nas mãos. Teria ouvido direito? Era Victoria? Um som de choro e súplicas. O que estava acontecendo?!

O livro quase voou de suas mãos. Mrs. Ruth Ann levantou-se, o mais rápido que sua idade permitia, e foi em direção às escadas.

Ouviu gritos, agora tinha certeza. Gritos pavorosos, inumanos, entremeados com sons de agonia. Ela subiu as escadas para o andar de cima quase sem se apoiar no corrimão. Sua neta estava sendo assassinada! Alguém tinha entrado no quarto e...

A avó escancarou a porta e quase deu um encontrão em Mr. Otto, que já estava no quarto, a espingarda em punho. Mas era apenas ele; não havia mais ninguém ali. Então ela viu a jovem se debatendo em meio às cobertas, metade delas estava no chão. Os braços de Victoria se agitavam, como se rechaçassem alguém, um animal, quem sabe?

A senhora voou até a neta, bem a tempo de impedi-la de rolar direto para o chão. E a menina dormia tão pesado, mesmo naquele frenesi! Foi difícil acordá-la. A avó a segurou pelos ombros, tentando conter os movimentos convulsivos de seu corpo.

— Victoria! Victoria! Minha filha, por Deus, acorde!

Diante de todo aquele escarcéu, com um grunhido de irritação Mr. Otto apenas apoiou a arma ao lado da porta.

— Que significa isso, afinal?! — ele indagou.

— Eu não sei... Acho que são aqueles pesadelos dela. — Foi a resposta, baixinho. — Victoria! Acorde, minha filha...

A avó debruçava-se sobre a neta, que, enfim, parecia sair do pesadelo e acordar para o mundo real.

Mas o que era real?

— Eu vi! Estava lá — Victoria falou, apontando para um ponto diante de si. — Bem ali! Um crucifixo, em chamas! Eu preciso dele, ainda preciso dele...

— Vic, acalme-se!

— Lá! — continuava apontando com o braço. — Estava queimando. Estava

queimando junto com o corpo!

O avô deu um suspiro que era mais um muxoxo de indignação.

— Era só o que me faltava!

Um olhar congelante da mulher o fez ficar quieto.

— Acalme-se, filha...

Só naquele momento Victoria pareceu perceber onde estava e quem estava com ela. A presença do avô era ruim, o que o homem pareceu notar, enquanto olhava a neta com ar de intenso desagrado.

— Vó, eu vi o crucifixo. Eu vi! — Victoria falava baixo, esperando que só a senhora a ouvisse.

— Está bem. Mas foi um pesadelo. Por que isso a assustou tanto? — perguntou Mrs. Ruth Ann, com suavidade.

— Não, não, vó, você não está entendendo...

— Pelo visto isso vai levar tempo! — resmungou o avô.

— Pois vá pedir a Patsy que faça um chá calmante, e bem quente, com muito açúcar.

— Crucifixos queimando? — O homem ainda estava postado ao lado da porta, a espingarda agora apoiada no ombro. — Vou esclarecer o motivo dessa comoção. Fazia tempo que ela não vinha para a Georgia. É só recordação daquela história da Klan, aquele suposto "trauma" de infância. Estar aqui fez algo se remexer em sua cabeça, é só isso.

Mrs. Ruth Ann abanou as mãos para o marido com ferocidade, como quem diz: "Que assunto para abordar agora!".

Apesar de a organização secreta ter perdido força depois do final da Segunda Guerra, o sentimento pelo "Velho Sul" ainda existia em alguns lugares. A Georgia era um deles.

Assim que Mr. Otto saiu do quarto, a avó voltou-se para a jovem:

— Fale devagar, para que eu entenda, querida... O que te causou tanto medo?

Victoria sentou-se na cama; baixou o rosto, olhando, passando as mãos sobre o peito. Até afastou a gola do pijama e olhou por dentro dela, avaliando alguma coisa além da compreensão da avó. Por fim, puxou os joelhos ao encontro do peito, em uma atitude quase protetora. Tremia, mesmo com a temperatura agradável dentro do quarto. Mrs. Ruth Ann pegou as cobertas caídas ao lado da cama e as enrolou sobre o corpo da neta, que ainda respirava de forma entrecortada. As mãos de Victoria se enrolaram fortemente na coberta. Quieta agora, os cabelos caíam sobre o rosto.

A avó acendeu a luz do abajur. Victoria estava pálida.

— Foi o crucifixo que a assustou?

Victoria negou com a cabeça, em silêncio. E quando Mrs. Ruth Ann achou que ela não iria continuar, a garota acrescentou:

— O crucifixo era a minha salvação. Eu o vi queimando, e queria estender a mão, e tocá-lo, mas não podia porque estava amarrada. Mas então chegou um enviado de Deus... Um anjo, eu acho... — Os olhos dela lacrimejaram. —

Ele estendeu a mão para mim.

— Mas isso é uma coisa boa, não é?

Victoria concordou com a cabeça. Sentia um belo incômodo na garganta e ficou quieta. A avó tentava entender, mas não parecia fazer sentido. Será que Mr. Otto tinha razão? Era só uma mistura de lembranças? É verdade que havia sido um episódio horrível, mas... as coisas são como são.

Na penumbra do quarto, Victoria estava calada, abraçada aos joelhos. Mrs. Ruth Ann esperou um pouco, na intenção de que a neta conseguisse se acalmar o suficiente, e tateou com cuidado:

— Mas se o anjo ajudou você, e não foi o crucifixo que lhe causou medo... então, por que gritava tanto, Vic? Fiquei muito assustada, e...

— Eles arrancaram os mamilos dela... os *meus*! Quer dizer, os meus... mas que eram os dela.

— Como assim? Do que você está falando?

— Com tenazes em brasa. — Victoria apoiou a cabeça entre as mãos. — Estavam gritando, gritando com ela, queriam saber a verdade. E eu estava chorando... Ela estava, eu acho, alegando que já dissera a verdade. Então rasgaram suas roupas...

Vitoria começou a chorar de novo, puxando a coberta sobre o rosto, gemendo e soluçando.

— Eu senti! — A voz veio abafada.

— Meu bem... — Mrs. Ruth Ann não sabia o que dizer. Seu semblante estava aflito.

— Primeiro um... depois o outro... e ficaram buracos pretos, queimados, cheios de sangue! E eu *senti* a dor... Por isso estava gritando. Foi aí que eu vi o crucifixo, mas ainda estava doendo muito...

A senhora apenas abraçou a neta. Não havia o que dizer, exceto que fora um pesadelo. E foi o que ela fez.

Depois de alguns minutos em completo silêncio, os passos de Patsy se fizeram ouvir à entrada do quarto, os cabelos presos em rolinhos sob uma touca, os olhos assustados.

— Boa noite... — A bandeja foi posta na mesinha de cabeceira, onde a avó fizera um espaço. Patsy olhou o rosto de Victoria. — Ela está bem, *ma'am*?

— Não. É claro que não está. Se estivesse, não precisaria de chá a esta hora. Você já adoçou?

A criada pegou a xícara.

— Sim, *ma'am*.

— Colocou bastante açúcar?

— Sim, *ma'am*.

Enquanto Victoria tomava, a avó refletia a respeito. Elizabeth já havia mencionado os outros pesadelos. Com Cleópatra, parecia. Ela não tinha dado atenção, Elizabeth parecia estar exagerando. Mas, agora, depois do que presenciara... depois do que ouvira...

Por isso, Mrs. Ruth Ann se sentiu tentada a indagar:

— Esse sonho... esse pesadelo... Tinha alguma coisa a ver com alguém em especial? Alguém que você conheça?

Victoria fungou. Ela sabia exatamente de quem se tratava.

— Joana. Joana D'Arc.

A avó fez um meneio com a cabeça, tentando disfarçar sua reação de espanto.

— É mesmo? Ah!

— Sim, só que não era ela. Era eu. Era eu quem estava lá.

* * * *

Mais tarde, já em sua cama, escutando o ressonar explosivo do marido, Mrs. Ruth Ann ficou imaginando se tudo aquilo teria algo a ver com aquele trauma antigo. Mas por que agora?

É verdade também que Victoria assistira ao filme sobre a vida da mártir francesa. Mas já fazia dois anos. Será possível que as duas coisas poderiam, de repente, se juntar para causar um pesadelo tão intenso?

Ela recordou o episódio traumático. Tinha sido em 1951. Victoria tinha uns nove anos, e ficara muito impressionada quando puseram fogo na primeira paróquia católica de Washington, criada em 1790. Estava havendo um encontro de jovens adolescentes, e havia muitos deles. Inclusive de cidades próximas, o que incluía quatro rapazes negros. Embora não fosse adolescente, Victoria fora mandada à paróquia, mesmo sendo de uma família inteira de protestantes. Às vezes era difícil distrair uma criança o tempo todo.

Na véspera do encerramento do evento, tarde da noite, houve um incêndio na paróquia. E todos comentavam, no dia seguinte, que os quatro rapazes foram encontrados mortos. Não havia como esconder nada da menina, pois todos estavam falando.

Victoria escutara todas as versões terríveis, todos os detalhes escabrosos, embora o pároco, na intenção de preservar as crianças e os adolescentes, houvesse falado em "acidente".

Mas na porta da igreja – o que restara dela – estava afixado um desenho grande de homens mascarados, montados em cavalos também mascarados. Um deles levava a cruz incendiada.

Até os empregados dos avós, aos cochichos, com olhos arregalados e rostos cheios de dor, discutiam os detalhes, o dia todo. Mesmo na frente de Victoria.

Então, irritado, Mr. Otto fez questão de contar à neta o que de fato havia ocorrido; e que não se tratava de acidente. Isso levou à abordagem de assuntos desagradáveis, mas que "faziam parte da vida", segundo ele. E o homem passou a discorrer sobre as ações "drásticas, mas necessárias" que a Ku Klux Klan era obrigada a tomar. Os assassinatos, os linchamentos, os bombardeios, os corretivos, os estupros – e incêndios criminosos. Tudo para conterem a concessão de direitos civis aos afro-americanos. Sem falar na

questão antissemita. Sem falar na questão contra os católicos, os estrangeiros, enfim! Tudo que não era "racialmente puro".

Mrs. Ruth Ann lembrava-se de Victoria naquele dia. Ainda com o vestido amarelo que havia posto para ir à paróquia, mas agora já sem as luvas novas e o chapéu combinando, mantinha os olhos arregalados diante das palavras do avô. A senhora se lembra de ter suspirado, muito fundo. Ela não podia mudar a ordem como as coisas se davam.

E Victoria nunca tinha se esquecido das palavras de Mr. Otto: "Isso é culpa de republicanos brancos radicais que querem... *O quê*? Um império negro no Sul! A Klan tem o direito de se posicionar contra. Precisa continuar a agredir e matar negros. Especialmente aqueles que, porventura, tenham adquirido algum tipo de bem no pós-guerra. Como era o caso do pai de dois daqueles moleques que foram mortos".

Victoria era criança, mas sentiu um gelo na coluna. Dois irmãos morriam ao mesmo tempo, ao lado de um amigo e um primo. Já tinham lhe contado.

"Veja, Victoria, isso não é aceitável para os brancos, que eles acumulem posses. Afinal, como pessoas sem inteligência e preguiçosas, que até ontem só serviam para serem escravas, podem *ter* alguma coisa?"

Mr. Otto havia batido com uma mão sobre a coxa, chamando-a para o colo dele. A garota foi, mas queria que a conversa acabasse logo.

"Às vezes, para manter a ordem tem-se que usar de violência. Porque os negros não entendem outra linguagem. Eles são como animais. Sabia que as pessoas que fazem parte da Klan são inteligentes, ricas e poderosas? E elas fazem o que fazem para nos proteger. Os brancos são melhores, e é por isso que temos de dominar. Antes, todo o povo do Sul estava assustado, preocupado com o que essa gente poderia fazer."

"Por que estavam assustados?"

"Porque Abraham Lincoln libertou quatro milhões de escravos. Muitos fazendeiros empobreceram sem eles. Então o governo começou a dizer que eles eram como nós, eram iguais. E vieram professores do Norte para dar aulas aos negros. Jovens professores, *traidores*, que tiveram que ser expulsos daqui pela Klan! Foi preciso agir com severidade para manter nossa sociedade livre do mal. Instruir esses negros poderia ser um perigo terrível para todos nós, e uma franca decadência."

"O que é decadência?"

"É quando você é uma pessoa boa, tem uma bela casa, um carro e frequenta os melhores lugares, e trabalhou para ter isso; e de repente existe o perigo de perder tudo. Perder a exclusividade, e dividir *tuuuudo* com pessoas inferiores. Isso é decadência."

Victoria não entendeu como os negros poderiam fazer essas coisas; então, apenas perguntou:

"Mas aqueles meninos não eram pessoas boas? Não estavam querendo nos fazer mal. Só estavam na igreja, aprendendo sobre Jesus, Maria..."

Mr. Otto olhou a criança com extremo desagrado, o que fez Victoria calar-

se e olhar para o chão.

"Você não ouviu nada do que eu lhe disse? Vamos, vá brincar no jardim! Tenha certeza de que, se aconteceu tudo isso, foi porque eles mereceram."

O que Victoria nunca soube, afinal não se conta essas coisas a uma criança assustada, é que o pai do vovô Otto tinha lutado ao lado dos confederados na Guerra Civil. Era pouco mais do que um adolescente. Depois, tornou-se membro da Klan, por ter entendido que a organização era uma continuação da confederação.

Mrs. Ruth Ann lembrou-se de que o próprio Otto, tendo aprendido os valores com o pai, seguiu seus passos e foi um participante ativo do QG em Atlanta, depois de 1915. O número de *klanistas* chegaria a cinco milhões na década de 1920. Depois de nove anos na Georgia, a sede se mudou para Washington, D.C. Até governadores e senadores receberam a investidura da Klan.

Casada desde antes disso, a jovem Ruth Ann teve o único filho em 1916. Milton John, o pai de Victoria. O nome dele fora escolhido por Otto. "É um nome especial", dissera o marido. "Ele estará destinado a grandes coisas."

Ela imaginou que todos os pais de um filho *homem* deveriam pensar assim. Mas Milton era um artesão de sapatos. Ele vinha de uma linhagem de homens poderosos, e poderia ter feito carreira política facilmente. Recebeu inúmeros convites, mas não se interessou. A vida às vezes é curiosa.

Antes de dormir de verdade, Mrs. Ruth Ann levantou-se mais uma vez. Caminhou com passos leves até o quarto da neta. A porta estava entreaberta; ela olhou, e a garota permanecia quieta na cama.

"Que bom que dormiu."

* * * *

Contemplando a bela manhã, Victoria ainda estava um pouco nervosa. Seus calcanhares batiam levemente no chão, os braços cruzados sobre o peito, o semblante de poucos amigos. Mal havia respondido ao cumprimento de um ou outro que tomaram assento perto dela.

A noite fora péssima. Não bastasse o pesadelo medonho, absurdamente colorido, real e impressionante, depois disso, a cada vez que começava a cochilar, acordava sobressaltada. Tinha a impressão, de novo, da presença daquela *coisa* estranha que a perseguia. Parecia que ele sorria no meio do escuro, como se fizesse parte daquela sombra.

Victoria, meio dormindo, meio acordada, não sabia se era um sonho de novo, ou se era real. Quando despertava o suficiente e olhava melhor, não via nada. Então, de novo cochilando, e a presença estranha estava ali, bem perto de sua cabeceira. E se alimentava dela, de suas emoções fervilhantes, de seu medo e de sua raiva.

"Espero que esteja gostando das surpresas..."

A voz parecia cantarolar, vibrando dentro do seu corpo.

Uma noite eterna.

Mas levantou bem cedo, antes dos avós. Afinal, era domingo, e Mr. Otto precisava de um dia para dormir até depois de o sol raiar. Aproveitando-se disso, Victoria saiu da casa de fininho quando ainda era noite, depois de deixar um bilhete comunicando sua partida. Não queria ver o avô nem pintado de ouro.

Inventou várias bobagens, mais para convencer Mrs. Ruth Ann. Sobre *precisar* ver o namorado – como se Jared fosse mesmo seu namorado –, pois os dois tinham se falado ao telefone e ele dissera que iria mais cedo para New Haven, a fim de resolver alguns "problemas burocráticos de última hora" – aquela desculpa esfarrapada haveria de servir; pessoas idosas não iriam adivinhar que Jared devia estar na faculdade fazia dias – e blá-blá-blá. Victoria acrescentou o fato de que ela mesma não poderia esperar nem mais um minuto, sabendo que Jared estava de partida imediata para tão longe. E que se esquecera de comentar o fato no dia anterior, por causa de sua indisposição.

Mandou muitos beijos e elogiou a sempre maravilhosa comida da fazenda, prometendo voltar em breve.

Victoria tinha arrumado tudo às pressas. Colocou no corpo o único vestido que ainda estava limpo e passado, e apenas jogou as coisas na mala. Bastava que a tampa da mala baú fechasse. Prendeu os cabelos em um rabo de cavalo aceitável, escondeu as imperfeições do penteado com o chapéu, enfiou as luvas debaixo de um braço e foi bater à porta de Clay e Patsy, dando as mesmas desculpas para convencer o empregado a levá-la até Atlanta.

— Meu avô *só pode* ter se esquecido de comentar que eu sairia bem cedinho *mesmo*! — arrulhou Victoria, recusando a xícara de café que Patsy pretendia fazer, tão rápida como se movida por rodinhas acopladas aos pés.

Clay era forte, com músculos rígidos, ainda agora, depois dos cinquenta anos. Era um touro para qualquer trabalho. Estava acostumado a usar o carro de serviço para ir a Washington. Às vezes, até mesmo a Atlanta, ou outros locais onde o avô tivesse negócios.

Durante a viagem, enquanto via o sol nascer, Victoria terminou de arquitetar seu plano. Para despistar o avô. No caso de ele querer vê-la de qualquer jeito, ou querer dizer-lhe alguma coisa importantíssima da qual se esquecera – como a sua deserção imediata da família – ou simplesmente caso fosse atrás dela.

Por mais que a ideia de Mr. Otto vindo até Atlanta também, com o outro carro, como se à caça de uma prisioneira foragida, fosse absurda, ela preferia não arriscar. Depois que o empregado a deixou na estação, retirando a mala do carro e querendo acompanhá-la ao embarque – o que Victoria recusou veementemente, fazendo uso de um de seus melhores sorrisos –, a jovem conseguiu um táxi. Havia vários por ali, à espera de passageiros, ou então os despejando no meio-fio.

— Aeroporto Hartsfield-Jackson — ela disse ao condutor.

Victoria teve que esperar quase duas horas por um voo que a tirasse da Geórgia e pousasse em um lugar que fosse minimamente aceitável. Isto é, que lhe facilitasse o acesso para sua cidade. Mas, como o avô não fazia nem ideia de onde ela estava... Victoria sentiu-se melhor.

No começo, ficou perdida e teve que pedir informações. Descobriu que não conseguiria nenhum voo direto para o Kentucky, mas, fazendo as conexões, podia ir para Louisville, Lexington ou Evansville. Quando Victoria disse que seu destino final era Pérola do Sul, a aeromoça que a atendia falou que havia uma conexão da Delta Air Lines em Columbia, onde ela poderia descer.

Victoria ficou radiante. Aquele era, sem dúvida, o melhor trajeto. Não importava quanto tempo esperasse pela conexão. De Columbia seria muito fácil voltar para casa pela Pequena Trilha de Spencer.

Antes que Victoria perguntasse mais alguma coisa, a atendente ofereceu um panfleto com os números telefônicos dos principais aeroportos, ferrovias e terminais de ônibus do país.

— Compre moedas para a cabine telefônica.

A moça apontou o caminho. Victoria agradeceu. Depois que saiu do guichê, com sua passagem na mão, a jovem fugitiva estava satisfeita. Tratou de comprar um café, ovos, torradas e bacon, suco de laranja, um pedaço de torta de pêssego e, sentando-se a uma das mesinhas no movimentado restaurante-lanchonete, devorou tudo. Longe da fazenda, do tal documento macabro, do pesadelo... seu apetite estava intacto.

Afinal, fora seu avô quem a expulsara da fazenda. Um regozijo interno a reconfortava pelo modo como simplesmente dera o fora de lá! Victoria acabou dando umas risadinhas, imaginando a cara de Mr. Otto quando Clay contasse que ela já havia embarcado. Pior ainda: se o homem tentasse saber o horário do trem, para avisar o pai dela... daria com os burros n'água!

Victoria estava livre e incógnita por várias horas. Era sua maneira de dizer que não seria manipulada por ameaças. Por outro lado, a perplexidade pairava sobre ela ainda, como um véu. *Farei de sua vida um inferno.* E aquilo soara verdadeiro.

Mas a jovem não tinha medo. O que o avô poderia fazer, afinal? Ela não podia ser assassinada, simplesmente, como faziam com os negros. Contudo, o que realmente a deixara mais atônita, e *perdida*!, era que estava plenamente convencida de que seu pai não era apenas um artesão de calçados.

Ia ter que saber como lidar. Não fazia nem ideia de como olharia para o rosto do pai.

* * * *

Nesse ínterim, no momento em que Victoria estava no aeroporto, um pouco irritada por pensar nessas coisas, mas achando que saíra na dianteira, na verdade o avô já dera o primeiro lance. Mr. Milton John havia recebido o telefonema de seu pai, mal havia raiado o dia.

O “bom dia!” de Mr. Otto ao filho foi um rosnado, o que significava péssimas notícias, com toda certeza.

— Que aconteceu? — indagou o pai de Victoria em tom grave.

— Aconteceu que ela descobriu.

Um momento de silêncio. A mente de Mr. Milton trabalhava rapidamente, avaliando umas dezenas de hipóteses que combinassem com essa declaração. Devia ter ouvido mal; afinal, o pai o havia tirado da cama.

— Você me ouviu, Milton, ou preciso repetir?

— Ela... Ela quem?

— Ora, quem! *Sua filha*, Milton!

— Mas descobriu *o que, pai?* — A voz dele subiu alguns tons. Algo também subia e descia pelas suas costas, causando arrepios que ele fez esforço para conter. É só o outono; está frio.

— Fale baixo. Quer que Elizabeth escute alguma coisa?

Milton John sentou-se na cadeira da cozinha, diante do telefone.

— Me diga o que está acontecendo.

— É isso mesmo que você ouviu. Sua filha *xereta* e *insolente* descobriu sobre o trabalho, sobre sua participação, descobriu tudo!

— Mas *como* isso aconteceu? — A pergunta, mesmo em tom baixo, soou estrondosa. Aquilo não podia ser sério.

— Como ela descobriu? Remexendo em meus pertences! Elizabeth não dá educação à sua filha, Milton?

— Victoria sempre foi um tanto... impulsiva. Teimosa. Com ideias feministas, difíceis de lidar.

— Ótima resposta, Milton, ótima! — Seguiu-se uma pigarreada que mais pareceu outro rosnado. — Pois vou lhe dizer uma coisa: Victoria saiu daqui sem se despedir, deixou só um bilhete. Está furiosa e certamente irá confrontar você.

Mr. Milton teve que rir baixo diante da bizarrice da situação.

— Isso é um absurdo. — Ele coçou a testa furiosamente. — Imagino que os documentos não estavam acessíveis, *não é mesmo*, Mr. Otto?

O circo estava armado. Quando o filho chamava o pai pelo primeiro nome, isso significava iminência de catástrofe.

— Se estavam, ou não, a questão é a seguinte: sua filha de dezessete anos está a par do projeto. E se os russos souberem disso, cabeças vão rolar! — sibilou o homem, entredentes. — Tenho a impressão de que eles não hesitariam em acabar com ela. Ou *comigo*, já que foi aqui que Victoria conseguiu a informação.

Um suspiro profundo e ruidoso surgiu, seguido de uma risada súbita e entrecortada.

— Por isso, meu filho, eu acho melhor você *resolver* isso. Quando eles ficarem sabendo, é questão de sobrevivência estarmos com tudo resolvido.

— E o quê? — Nova risada. Uma risada curta e rápida. Era a adrenalina fazendo efeito. Milton John levantou-se da cadeira. Nesses momentos era

melhor rir para deixar sair a pressão. Ele conseguia pensar melhor depois.

Ao longo dos anos, seu treinamento o ensinou a esconder as fraquezas, fossem quais fossem, e lidar com elas. Talvez por isso ele risse; significava o oposto do que sentia. Emoções podiam ser traiçoeiras. E ele gabava-se de escondê-las muito bem.

— Pare de rir como um idiota — reclamou o pai. — Pensei bastante a respeito e tenho a solução. Apenas me ouça.

* * * *

Victoria recostou a cabeça no encosto da poltrona, sentindo a aceleração da aeronave se preparando para a decolagem. Ela não costumava voar. Só duas vezes, para as férias na Flórida, uma vez, quando estivera em Nova York, no Natal, e mais outra durante a viagem de formatura, quando a turma toda foi para Orlando.

Sozinha, era a primeira vez. Se o avião caísse, ninguém saberia que ela estava ali. Imaginou alguém ligando do necrotério – ou seria alguém da companhia aérea a dar a notícia –, e falando com Mr. Milton, depois que seu corpo fosse identificado.

"Infelizmente temos más notícias, senhor. Sua filha adolescente estava a bordo do avião que caiu", e começaria a dar detalhes.

Victoria se viu tentando adivinhar a reação do pai. O que será que ele pensaria? Entraria em choque, em desespero por perder a única filha... ou daria graças a Deus, por não ter que lidar com as coisas que ela agora sabia?

Parece que eu sempre soube...

Era como se ela tivesse uma percepção intuitiva, um *feeling*, um *imprinting* de que seu pai escondia alguma coisa. Olhando pela janelinha, observando as nuvens e o céu, Victoria lembrou-se de várias situações e de detalhes. Eram coisas que acabavam passando despercebidas no dia a dia, mas que se ela juntasse tudo...

Sua mente trabalhava rápido. Às vezes Victoria escutava o pai falando baixo ao telefone da cozinha, como que cochichando. Quando ela entrava, Mr. Milton logo punha o fone no gancho, com um comentário ou despedida breves. Victoria sempre teve a impressão de que ele não gostava de falar ao telefone na frente das pessoas. De modo geral. A não ser que estivesse conversando com alguém conhecido, da família ou amigos.

Outras vezes Victoria aparecia de surpresa na loja de calçados do pai, para visitá-lo, já que ficava pertinho da praça do *point*, onde ela ficava, às vezes, após a escola. Queria ir a uma das lanchonetes, nas sextas-feiras, e passava primeiro no ateliê para pedir mais dinheiro.

Mas aconteceu, algumas vezes, de Mr. Milton não estar. Sem qualquer aviso.

"Onde foi meu pai?", a menina perguntava a algum funcionário. Era estranho que o chefe não estivesse, já que "Capitão fora do barco..." – como o

homem mesmo dizia – "O barco afunda".

"Ele foi até Louisville ver um fornecedor de couro", era a resposta, quase invariavelmente.

Victoria aceitava a explicação. O pai viajava bastante por causa de seus negócios. Mas, pensando melhor agora, por que ele iria a uma cidade grande em busca de couro? O melhor couro era encontrado nas fazendas, e não em um lugar como Louisville. Este era o local certo para entregar o produto, isto é, os sapatos prontos. Será que o funcionário havia se enganado?

Ela se remexeu um pouco, incomodada, os calcanhares batendo de novo no chão. E o "armário secreto do papai" – era como a menina o chamava. Um móvel feito sob encomenda. O modo como seu pai trancava conscienciosamente aquele armário de madeira nobre, imponente, colocado contra a parede dos fundos do seu escritório particular em casa! Agora, era, no mínimo, estranho. O que havia dentro? Não haveriam de ser desenhos de sapatos.

O problema não era o fato de o pai *ter* um escritório ou *ter* um armário ou estante exclusivos. Seu avô também tinha. Os pais de suas amigas tinham. Aparentemente todos os homens de família precisavam de um ambiente exclusivo dentro de suas casas para guardar livros, trabalho e outras coisas.

Mas o "armário secreto" de Mr. Milton agora saltava aos olhos de Victoria. O pai o fechava à chave – duas portas com chave, a interna e a externa. Depois, passava o cadeado nas trancas avulsas.

A aeromoça passou oferecendo bebidas, mas Victoria mal a viu. Mal agradeceu. Apenas ficava se perguntando: *Por quê? O que ele guardava ali, que precisava ocultar de forma tão obsessiva?*

A garota lembrou-se de como gostava de chatear o pai, quando criança, fazendo perguntas sobre o armário secreto. O armário fantasma. O armário proibido. Mr. Milton às vezes dava uma risadinha. Em outras, apenas mandava-a embora, enxotando-a com as mãos para fora do escritório.

Como minha mãe nunca percebeu nada?

Certa vez, Victoria lembrava-se de ter visto o pai chegar do serviço em casa – supostamente da loja de calçados –, mas com uma mancha, visivelmente de sangue, na camisa. Elizabeth ficou assustada, correu para o marido indagando se tinha se machucado. O marido apenas deu um beijo na testa da esposa, mimando-a pelo seu excesso de zelo, e disse que um funcionário novo havia se ferido ao cortar o couro.

"Corri para ajudá-lo", o homem explicou. "Mas como estava sangrando muito, mandei-o à botica de Mr. White. O coitado precisou de pontos!"

Incrível como mãe e filha aceitavam aquelas explicações, mas por que duvidar?

Só que, avaliando melhor: metódico e absolutamente criterioso com era Mr. Milton, será que permitiria um funcionário novo fazer algo para o qual não estivesse qualificado? *Justo* Mr. Milton, todo regrado e cartesiano? Era de se estranhar. E o fato era um só: Victoria havia estado na sapataria dois ou

três dias depois – e não havia ninguém machucado no balcão ou atendendo aos clientes. Ela apenas inferiu que a pessoa machucada pudesse estar nos bastidores da loja, e nem pensou mais no assunto.

Mas e se não fosse o caso? Ela se arrepiou toda.

Onde o pai poderia ter arrumado aquela mancha de sangue, que nem se dera o trabalho de esconder? Era muita certeza de que a mulher e a filha eram duas idiotas. Victoria sentia-se traída. Extremamente traída.

Ela se lembrou também de todas as vezes em que a oratória de seu pai não parecia compatível com sua condição de homem simples do campo, que havia crescido em uma fazenda da Georgia.

Por exemplo, Mr. Milton fazia algum comentário mais elaborado sobre alguma coisa, e Elizabeth até se espantava, sorrindo, encantada: "Uau, como você sabe disso?". Invariavelmente, a resposta era: "Eu li a respeito".

Uma dessas vezes, ele comentava sobre um pesticida, sobre o fato de que estavam fazendo testes de toxicidade. E falou com propriedade, diferenciando pesticidas, herbicidas, agrotóxicos. O pai nem trabalhava naquele ramo. Por que o interesse a ponto de discorrer sobre o assunto? Na verdade, Victoria sempre achou que o pai agia daquele modo para impressionar a mãe, pois recebia olhares curiosos e aprovação incontida por parte da mulher que amava. Que nunca deixou de amar.

Mas, agora, Victoria tinha outra opinião. E se realmente o nível intelectual dele estivesse muito acima do que elas suspeitavam?

A verdade sempre esteve debaixo de nossos narizes. Mas vemos o que queremos.

Ela havia sido muito tola; a mãe, nem se fala. Mr. Milton falava o que queria e as duas acreditavam. Mas acabou! Victoria não ia ficar como tola, mais uma mulher daquela família enganada pelo Lobo Mau, como Chapeuzinho Vermelho! O documento que encontrou na fazenda provava que seu pai estava envolvido em coisas muito sérias. O modo como o avô reagiu comprovava tudo. Ele a ameaçou! Isso não saía da cabeça dela.

Ah, quando chegasse em casa! Estava se sentindo ultrajada e indignada. Primeiro, pela mentira. Mas, pior ainda, era o fato de estarem envolvidos naquele trabalho sujo.

Como minha avó nunca suspeitou que meu pai tinha, afinal, formação acadêmica?

Novo arrepio sacudiu de leve o corpo de Victoria – a aeromoça havia deixado uma garrafinha de água diante dela. Victoria nem sabia em que momento, mas a abriu e bebeu tudo.

A voz de Mrs. Ruth Ann veio flutuando até seu ouvido: "*A verdade é que seu pai nunca mais voltou para cá. Eu mesma vi meu filho poucas vezes depois que ele foi embora da fazenda. Ele sempre estava ocupado, trabalhando, aprendendo*".

Victoria ficou tentando juntar as peças do quebra-cabeça. Supostamente, depois de ter ido para Atlanta, Mr. Milton aceitou voltar para a mesmice da fazenda, e de fato não o fez, mesmo depois de casado; com raras exceções. De outro lado, o avô também fazia corpo duro para ir a Pérola do Sul. De tal

forma que nora e sogra pouco conviveram. Por quê? Seria proposital?

Se seu pai era um espião, quanto menos contato familiar tivesse, melhor. Era assim nos livros e nos filmes. De fato, poderia ser perigoso. Espiões eram pessoas sozinhas. Por que Mr. Milton havia constituído família, então? Era isso que não se encaixava. Por que ter mulher e filha para mentir a elas sobre tudo?

A voz da avó soou de novo, contando a história que foi tantas vezes repetida ao longo dos anos, que acabou se tornando verdadeira: Milton aprendeu o ofício de sapateiro e trabalhava em uma loja de um *amigo do marido*, "Para ter como se sustentar em Atlanta. Até decidir o que queria da vida". Um amigo de Mr. Otto. A julgar como o avô estava enfiado naquela merda toda, o tal "amigo" poderia ser qualquer um envolvido nas mesmas falcatruas.

Como saber se meu pai estava mesmo em Atlanta? Victoria continuava encafifada. *Minha avó não conheceu o campus. Sequer conheceu o ateliê onde meu pai aprendeu o ofício, e do qual se tornou* sócio!

Os calcanhares dela moveram-se ainda mais rápido, atraindo o olhar do senhor que ocupava o assento ao lado. Victoria pediu desculpas e procurou se controlar.

Meu pai escrevia uma vez por semana para minha avó... e só às vezes telefonava. E se...

O coração de Victoria bateu mais rápido. *Diante dessas circunstâncias, meu pai poderia estar em qualquer lugar dos Estados Unidos... Em qualquer lugar do mundo! Estudando e aprendendo e se tornando um cientista* "avant-garde"! *E só meu avô sempre soube de tudo!*

Alguma coisa havia acontecido durante aqueles anos. Alguma coisa da qual Mrs. Ruth Ann *não* sabia e nem devia tomar conhecimento. Como aceitar o fato de uma mãe praticamente não encontrar mais o único filho? Por que ele tinha desaparecido da vida dela? Parecia um complô de Mr. Milton John e Mr. Otto para mantê-la na ignorância – ou seria para protegê-la?

Mas então meu pai conheceu a minha mãe...

Mrs. Ruth Ann havia dito que Elizabeth tinha virado a cabeça do filho. Até Patsy sabia disso. Victoria deu uma palmadinha na testa.

É isso!

A voz da avó veio clara na memória: "*Até então, ele nunca tinha demonstrado vontade de se casar*"... E também: "*Só fiquei sabendo quando ele decidiu oficializar o noivado. Seu avô e eu viajamos a Boston*" – não seria mais aceitável que Milton levasse a futura noiva à casa dos pais, na fazenda?

Não estava nos planos! Não era para meu pai ter se casado. Era um risco desnecessário, mas... acho que se apaixonou de verdade... Por outro lado, minha mãe era só mais alguém a ser despistada, enganada; um problema a mais. E eu também!

Victoria estava estupefata. Ela *sempre* soube. Aquela intuição à qual Victoria jamais dera importância lhe dissera, a vida toda, que havia algo mais por trás das atitudes e da personalidade de seu pai. Ela não deixaria nunca

mais de dar atenção ao próprio coração, e ao que ele lhe dizia. Nunca mais!

Louisville. O tal "fornecedor": *mencionado duas vezes, tanto pelo funcionário da loja quanto pela avó.* Elizabeth também sabia dessas viagens. Victoria franziu a testa. *Se porventura não houvesse fornecedor de couro algum... Então, essa informação parece ter mais importância do que aparentava. Qual a ligação do meu pai com essa cidade?*

* * * *

Ao descer em Columbia, Victoria sentia-se perturbada. A viagem havia sido rápida demais, mas no avião ofereceram um almoço leve. Naquele momento, mesmo se quisesse, não conseguiria comer nada.

Era o começo da tarde quando Victoria saiu do aeroporto, no meio de um monte de gente que ia e vinha, e olhou a fila de táxis estacionada no meio-fio adiante. Quanto custaria uma corrida até Pérola do Sul? Já tinha gastado bastante com a passagem de avião.

Se não tivesse o suficiente para pagar um táxi, iria se informar como fazer para ir de ônibus. Antes que pudesse se mexer, porém, foi abordada por um dos taxistas:

— Táxi, *miss*?

— Depende — respondeu. — Quanto custa para me levar até Pérola do Sul?

— Para a senhorita, quinze dólares.

— Só posso pagar nove. — E já era muito!

O homem sorriu e fez um gesto com a mão indicando o carro.

* * * *

À medida que o tempo passava, mais difícil era responder ao taxista com comentários educados, independentemente do que fosse. Além do mais, Victoria não estava afim de conversar. Queria chegar logo. *Chegar logo!* Queria olhar o pai nos olhos.

Olhou pela janela do táxi. Eles seguiam pela Pequena Trilha quase até Rowena, e de lá, direto para Pérola do Sul. Não mais que vinte e poucas milhas. Naquela velocidade de tartaruga ia levar praticamente uma hora para chegar em casa.

— Não podemos ir mais rápido?

— Infelizmente não, *miss*. Não posso tomar uma multa.

Só então Victoria olhou para o velocímetro e percebeu que iam a uma velocidade compatível com a via.

— Droga... — resmungou baixinho.

— Mas não demora. Chegaremos logo!

— Sei.

— Vai visitar parentes?

— Não.

Silêncio. Para que a deixasse em paz, antes que o motorista engatasse mais perguntas ou comentários sobre o tempo, Victoria encostou a cabeça no banco e fez de conta que estava dormindo.

Para dizer a verdade, ela estava meio descontrolada.

* * * *

Eram, mais ou menos, duas e meia quando Victoria chegou e entrou pela porta lateral da cozinha – que sempre ficava aberta – como um furacão, e batendo-a atrás de si. Elizabeth estava na cozinha e pulou de susto.

— Meu Deus, minha filha! De onde você saiu?

— Estava chato na fazenda! — Foi a única resposta.

— Não, não é isso. Seu avô ligou aqui cedinho, disse que você estava vindo. Como chegou aqui? Por que não ligou para buscarmos você? Aliás, você chegou meio cedo, parece.

— Vim de avião. Não quis incomodar o meu pai. Ele... — Victoria tentou parecer natural. — Ele está em casa?

— Não. Teve que dar um pulo no ateliê.

— Em pleno domingo?

— Para ver um lote do couro que deixou tingindo. Mas acho que não demora.

Victoria passou pela cozinha carregando a mala e foi direto para as escadas.

— Já comeu alguma coisa? — gritou a mãe.

— Não estou com fome!

— Meu Deus, o que deu nessa menina?

Elizabeth preparou-se para subir atrás dela, mas escutou Victoria batendo a porta lá em cima, depois de gritar mais uma vez:

— Vou tomar um banho!

A mãe meneou a cabeça. Às vezes Victoria era dada a rompantes de raiva. Agia sem pensar e com impulsividade. Certamente, alguma coisa tinha acontecido para ela voltar daquele jeito, mas já sabia que devia deixar a filha esfriar a cabeça antes de perguntar qualquer coisa.

Victoria não conseguia se acalmar. Estava impaciente, zangada, falando sozinha sobre a melhor abordagem quando o pai chegasse do serviço. E se fosse até a loja? Não! Ele a mandaria embora. Tinha que pegá-lo em casa.

Entrou na banheira. Levou uma das revistas que havia comprado para tentar pensar em outra coisa. A água quente sempre a acalmava, e estava deliciosa. A inquietação pareceu amenizar um pouco. Olhou a revista com olhos cansados. A última noite havia sido terrível.

Largou a revista, jogando-a no chão ao lado da banheira. Victoria fechou os olhos. Era o primeiro momento em que parecia relaxar, e o peso das horas

agoniantes dobrou-se sobre ela, cobrando seu preço. Que cansaço...

Em um canto obscuro de sua mente, Victoria pressentia que algo ruim podia realmente acontecer. O tique-taque maldito daquele relógio – ou fosse o que significa aquela metáfora – continuava incomodando sua mente, com seu sonido baixo e constante.

Mas agora estava sonolenta demais para pensar no assunto. A luz do sol filtrava-se pela janela alta do banheiro e batia sobre a água. De olhos fechados, aproveitou o calor ameno. *Deveria* ser a luz do sol, ela não tinha forças para averiguar. A mistura de cansaço, estresse, medo, raiva e a longa viagem a derrubava.

Naquela transição entre vigília e sono, quando tudo parecia disforme, uma presença se derramou, como metal líquido, preenchendo cada espaço do seu ser. Como um calor morno e profundo. Era mesmo o calor do sol?

Victoria tentou abrir os olhos, mas estavam muito, muito pesados. Não, não era o calor do sol...

Outro calor.

Havia uma presença boa ali perto dela. Algo suave, porém forte. Poderoso. Seria mais uma impressão causada por sua suposta loucura? Victoria tentou aguçar os sentidos, mas percebeu que não precisava abrir os olhos; enxergava melhor ao mantê-los fechados. Sim.

Algo estava perto dela. Não mais a coisa horrível, não mais a voz inquietante e ameaçadora que ria dela. Havia algo bom e forte. Ou alguém. Que estava presente ali para... confortá-la? Estaria mesmo escutando isso?

Victoria concentrou-se no calor morno em torno dela. Não da água, apenas, mas...

Ela se concentrou na sensação de não estar sozinha. Alguém estava presente.

Victoria sentia estar quase caindo no sono. Alguma coisa a fazia lembrar-se do sonho da outra noite, quando aquela voz diferente falava com Joana, na véspera de sua morte: “Você conseguiu. Está tudo bem. Virei buscá-la”.

Aquela presença perto de Victoria dizia algo como...

Ela teria que atravessar um vale. Mas ele a ajudaria na travessia. Um vale... *Um vale?*

O relógio. *Aquele* relógio, no qual deram corda. Ele tiquetaqueou mais alto, mais firme dentro dela. Victoria soube que o tempo estava esgotando-se, e o que deveria aconteceria em breve. Estava perto agora. Muito perto. Por isso aquela presença estava ali.

Sua mente embotava-se de sono. Suas pálpebras eram cortinas pesadas. Era impossível manter-se alerta por mais um minuto.

* * * *

Décimo Terceiro Ciclo Oitavo Fruto

O príncipe estava feliz com o presente. Feliz, mas desconfiado. Feliz? Preocupado. Preocupado, não. Um pouco indignado, e alegre... Perplexo. Alegre e perplexo. Ah!

Ele nem sabia direito. Foi uma surpresa.

Sentiu nas mãos fortes a pedra, avaliando-a. Era lisa e perfeita, de beleza e brilho singulares. E a *cor*... Onde o rei conseguia pedras tão belas? Não era comum. Era especial. Assim como ele, príncipe Loukás, era especial. Claro!

Ele era o comandante da Guarda Real. E a Guarda Real constituía-se como a escolta pessoal do rei. Loukás não tinha limites dentro do palácio. Todos os lugares lhe eram permitidos, todas as dependências, tudo. Inclusive o Salão Real do próprio rei, o Salão do Trono, o *Kissei Kavod*.

Loukás estava acostumado ao convívio com o rei. Quase sempre, quando este desejava descansar depois de um dia atribulado, convidava seu comandante a sentar-se à mesa. Os dois compartilhavam vinho, conversa e risadas. Havia outros príncipes, naturalmente, e que muitas vezes se juntavam a eles. Mas Loukás tinha certos privilégios, e passar algumas horas diárias com o rei era um deles.

Saber-se querido, importante, e uma companhia agradável, idem. Afinal, o rei cercava-se de pessoas nas quais confiava e a quem dedicava especial estima. E, realmente, Loukás vivera os momentos mais gratificantes, alegres e significativos de sua vida na companhia do rei. Hierarquicamente falando, acima do comandante da Guarda, havia tão somente a rainha, eterna companheira do rei.

O príncipe Loukás olhou de novo para a pedra. Ele já tinha oito. Sua hierarquia lhe conferia o direito de receber nove pedras. Mais tarde, quem sabe, poderia chegar a doze.

Agora ele recebera a nona... Mas não havia sorriso em seu rosto. Ou, melhor, o sorriso se desvanecera assim que o rei se fora. Loukás não parava de pensar: *Por que o presente viera justo agora?*

Alguma coisa havia por trás daquilo, porque o rei jamais – *jamais* – agia de modo leviano. A superfície da pedra nova estava morna nas mãos do príncipe, enquanto ele a virava de um lado a outro. Ela era achatada, como um medalhão. Linda!

Loukás lembrou-se de outro dia, e de outro presente. Foi tão especial! O príncipe havia guardado a experiência no coração, como um tesouro precioso: o dia em que foi nomeado o guardião das Pedras de Fogo. Tanto tempo atrás...

O rei dera uma festa especial, em sua homenagem. Mas ele não sabia o motivo. Todos os príncipes e princesas estavam presentes, e o rei sorria em sua direção, toda hora. Os anciãos também olhavam para Loukás com aprovação, e sorriam.

A certa altura, o rei fez parar as danças e a música; então veio e o abraçou com força, anunciando o motivo da celebração: ele, o príncipe Loukás, estava sendo escolhido para o posto de guardião real. Loukás ficou estupefato com a honra recebida! E tão inesperada! O rei costumava fazer essas coisas. Mas não

sempre, e nem para qualquer um.

O coração do príncipe encheu-se de um misto de alegria e ansiedade e uma inquietação boa. Os olhos de ônix, amendoados, brilharam.

"Mas... *o quê* eu devo guardar, rei?", ele havia perguntado.

"As Pedras de Fogo."

Um "*Ohhh*" geral percorreu os convivas, os familiares e amigos. Sabiam que era uma posição de muita grandeza. E houve palmas, gritos, e Loukás se perdeu em meio a abraços e beijos e sorrisos de todos os demais.

Depois... ah!

"A primeira vez em que entrei com o rei no local onde as Pedras de Fogo eram guardadas, no Salão do Trono..."

Loukás não pôde conter um pequeno sorriso. "Meu corpo inteiro sentiu o poder que emanava delas, a mistura de energias diferentes, pujantes e imensuráveis, a vibração térmica, a eletricidade faiscante, a própria vida do centro do nosso mundo e de cada átomo e da própria luz, e até o que eu desconhecia! Mas podia captar com meus sentidos!"

O príncipe aprendeu como as Pedras de Fogo, depositários de energia, funcionavam. Todos os tipos de energias fundamentais existentes eram guardadas ali, desde as mais rudimentares – para carregar as baterias dos discos de luz, por exemplo, ou para abrir um portal –, até as mais valiosas, como a energia de cura ou a energia vital. As pedras eram preciosas por si só. E seu lugar era ali, no *Kissei Kavod*, o Salão Real, e apenas ali. Descansavam em seu reduto, o *Grande Yotzer*.

"Rei, estou honrado com a sua escolha", balbuciou o príncipe durante a celebração. Mas, quando estavam os dois a sós, Loukás manifestou sua inquietação.

"Eu não sei como fazer isso. Como devo guardá-las!"

"O guardião não precisa *protegê-las*", o rei sorrira. "Elas estão à disposição de todos. Sua função é ser responsável por elas."

"Sim..."

O rei passou o braço em torno dos ombros do príncipe em um gesto caloroso.

"Mas não fique tão preocupado, ora essa!", disse o rei com uma risada. "É um cargo de grandes responsabilidades, mas você está pronto para assumi-lo! E eu estou aqui, afinal, e vou ensiná-lo a lidar com elas. E também a fazer os relatórios de que necessito. Venha. Vou lhe mostrar!"

Então os dois sentaram-se juntos, e primeiro o rei abriu um grande livro. Gentilmente, explicou como deveria fazer o trabalho administrativo. O príncipe ouviu com concentração absoluta, e aprendeu o mais depressa possível. Depois, o rei convidou:

"Vamos vê-las, então!"

O príncipe Loukás ergueu-se quase com um salto, seus cabelos pretos como a noite dançaram sobre os ombros. Aquilo foi tão especial! Tão incrível! Entrar no *Grande Yotzer*, o local de descanso das Pedras de Fogo, e caminhar

por ali...

Ele sentiu as variações de temperatura do ambiente, viu as cores e as luzes, e o rei pegou uma a uma, cada pedra, e as colocou em suas mãos. Explicou desde o significado até as propriedades diversas, bem como sua aplicação.

Novamente, Loukás manteve olhos de águia e ouvidos muito atentos. Não queria decepcionar o rei, a quem dedicava profunda admiração, ternura e amor! Faria aquele trabalho com devotamento e eficiência absolutas.

Mesmo agora, tanto tempo depois, o príncipe ainda se lembrava, de modo vívido, de como se sentiu especialmente querido e amado naqueles momentos. Absorveu cada palavra que lhe foi dita pelo rei, cada gesto e cada toque. Só de estar *ali com o Rei*! Apenas os dois: sim. Pai e filho. Aquilo *era* importante. Tão importante que, logo depois, Loukás tatuou em ambos os antebraços o novo cargo que ocupava.

Uma lembrança para sempre! E que não deixava de ser mais um adorno – ele apreciava adornos!

Mas agora os olhos do príncipe se estreitavam, e ele fechou o punho como um torno ao redor da nona pedra que recebera. Respirou profundamente. Não era hora de acalentar lembranças, mas de raciocinar. O que tinha mudado tanto de lá para cá?

A pedra era uma turquesa. Azul, azul, *azul*.

Por quê? *Por que* uma turquesa?

"Então é porque ele sabe", compreendeu Loukás. "Mas *como*? Como o rei sabe, se tudo está sendo feito com tanto sigilo?"

Estivera andando de um lado a outro em uma das margens do Lago de Prata, então se sentou no chão, apoiou o punho fechado sob o queixo. Ele era mais forte do que musculoso, de boa altura e muito belo. Mas fechou os olhos para engolir as lágrimas.

Enquanto isso, seu coração batia rápido, um pássaro aprisionado na gaiola, batendo contra as grades, ferindo-se, ferindo-se; não suportando mais ficar ali dentro. E relembrou as palavras do rei, que tinha ido ao seu encontro pouco antes, bem ali, no lago, onde Loukás estava sozinho. Trabalhando em um novo projeto, a cabeça inclinada sobre papéis.

O rei apenas se sentou ao lado dele, cotovelos apoiados nos joelhos dobrados. Quando o príncipe lançou um olhar surpreso na direção do rei, este abriu a mão direita, mostrando o presente.

"Essa pedra é uma lembrança", disse seu pai, com suavidade, olhando-o nos olhos.

A garganta do príncipe fechou-se imediatamente. Ele tentou não desviar seus olhos dos olhos do rei, mas não conseguiu. Tentou sorrir, porém não foi um sorriso verdadeiro.

"Não importa quanto você se afaste, Loukás. Mesmo que você vá muito longe... Essa pedra o fará se lembrar do lugar ao qual pertence. Para onde irá voltar."

“Voltar?”, o príncipe havia conseguido balbuciar. Mas não conseguiu dizer mais nada. Será? Será que o rei desconfiava?

Agora, no entanto, a certeza fincou-se como uma lâmina: sim, o rei *sabia*. Sabia o que estava se passando na mente do príncipe. A pedra... Ele havia esperado tanto por aquilo. Deveria ser um presente e uma conquista; mas, *nesse* momento... seria um aviso?

* * * *

O príncipe ficou no Lago de Prata por um tempo. Deixou as folhas do novo projeto, bagunçadas pelo vento suave, serem lançadas de um lado a outro. A brisa acariciava também o seu rosto. Loukás, desgostoso, observou quando elas foram sendo levadas para longe, uma a uma. Não importava mesmo.

Será que eu vou ter coragem de fazer o que pretendo?, era a pergunta que não queria calar.

De novo ele impediu as lágrimas importunas de cair. O pássaro na gaiola deu pinotes, sua cabeça se enfiando no meio das grades, o sangue escorrendo pelo bico.

O rei sabia e mesmo assim o tratou com amor, com afeto. Trouxe o presente. Loukás queria explodir de choro – por sentir o amor! Mas ao mesmo tempo, aquela cólera insana, uma vontade de esmurrar o rei. Por quê... *Por quê*...

Havia vários porquês.

“Vou trair o amor?”

O punho do príncipe apertou ainda mais a bela turquesa.

“Se eu der as costas ao meu pai, será que eu um dia poderei mesmo voltar?”

Havia um sentimento de perda, tão sólido quanto a pedra. Por outro lado... ele tinha tanta raiva!

Isso começou quando... É, ele sabia quando. Era por causa do capitão. Por causa de Mikhael.

Eles eram irmãos, e muito próximos. Como almas gêmeas. Talvez fosse por isso que os ciúmes atingiam com tanta aspereza o príncipe Loukás. Era muito difícil quando o rei mostrava apreciação crescente e até certa predileção por Mikhael. Por que isso *agora*? Ele, Loukás, sempre tinha sido o predileto. O mais querido, o mais amado dos doze príncipes, o que estava mais próximo do rei.

Embora fossem todos parecidos fisicamente, eram tão diferentes em personalidade!

E agora Mikhael fazia suas próprias conquistas, galgava seus próprios patamares, roubando a atenção do rei! Atenção que Loukás queria continuar tendo apenas para si. Cada vez que ele era desprezado, cada vez que suas ideias eram ignoradas ou consideradas dispensáveis, toda vez que o rei inclinava-se sorrindo para o *capitão*... Ah! Sorrindo, batendo no ombro dele e

o considerando melhor!

Loukás morria um pouco por dentro. E, ao lado da dor, havia raiva. Depois fúria, então cólera. Queria espancar o irmão que sempre fora seu melhor amigo. Ele era o responsável por fazer Loukás perder seu lugar no coração do rei. O lugar especial que sempre teve.

Agora o capitão era o príncipe predileto, o mais querido. O que recebia mais atenção. O que era ouvido e consultado e recebia... Mikhael tinha mais pedras do que ele! E isso doía. Loukás se esforçava, fazia de tudo para chamar atenção do rei.

A rainha, sempre perceptiva, dizia, sorrindo, que ele estava vendo coisas que não existiam. Era uma bobagem. Consolava-o quando sentia-se amuado, ou irritado, e explicava que ele estava vendo com lente de aumento. O fato de Mikhael ter privilégios não invalidava os que Loukás havia recebido.

"Há muito para conquistar, Loukás", ela dizia. "Não se preocupe com as conquistas de seu irmão. Faça as suas! O amor do rei por você não mudou em nada."

Mas o príncipe não se deixava convencer. E aquela raiva incandescente não ia embora; impregnava. Junto com a sensação fria da rejeição. Não fosse a crescente predileção do rei, a união aparentemente indissolúvel entre Loukás e Mikhael jamais se apagaria.

Uma página do projeto ainda rolava por perto, enganchando-se nas botas do príncipe. Mas ele chutou a folha longe. A gota d'água, o que fizera o coração dele transbordar e tomar providências fora a questão dos projetos. Projetos arquitetônicos.

Loukás tinha ideias incríveis, grandiosas, inusitadas e únicas! Pelo menos ele achava que sim. Então, por que o rei as rejeitava, uma a uma, *todas* elas? Ele não entendia.

Sim, o rei explicava. Conversava. Fazia perguntas. Mas o príncipe continuava sem entender.

Se Mikhael projetasse uma fonte para a praça, até mesmo sem graça – na visão de Loukás –, era aprovada imediatamente e entregue aos arquitetos e engenheiros para que começassem o trabalho.

Argh! Aquilo tinha o poder de *acabar* com a vida dele!

Então, ansioso, ele pensava em outra coisa, algo que faria o queixo do rei cair, algo jamais imaginado, e começava a desenhar, febrilmente. Apenas para ser rejeitado outra vez.

Ele olhou para as folhas que o vento levava: mais um projeto descartado pelo rei. Loukás esteve tentando aprimorá-lo, mas como o rei sequer lançou um olhar para o que o príncipe estava fazendo ao vir lhe entregar a pedra... Estava claro que não seria aceito.

Loukás fervilhou de raiva. Tratava-se de uma estátua. Um cavalo gigantesco de pedra absolutamente polida, forte, majestoso, cravejado de pedras preciosas, revestido de ouro em algumas partes. E repleto de símbolos, de quebra-cabeças ocultos e enigmas que apenas os mais inteligentes

poderiam desvendar! Algo inigualável, com o que ele gastou horas e horas! Afinal, o rei adorava alegorias, charadas, brenhas e segredos por trás de segredos. Tinha sido com o rei que Loukás havia aprendido aquele tipo de coisa e fizera para agradá-lo...

Mas o rei insistia em dizer que a proposta de todo o paisagismo e arquitetura da Cidade Dourada não se destinava a exaltar pessoas. Mas qual o problema? Qual o problema em assinar o próprio nome no projeto? Não era para ser visível. Aqueles que conseguissem desvendar todos os quebra-cabeças e incógnitas iriam perceber *quem* projetara aquilo tudo: Ele! Loukás. E ficariam admirados!

Só que o rei vetou a ideia do cavalo, fazendo o príncipe lembrar-se do projeto anterior: uma torre imensa da qual se pudesse contemplar todo o reino, os quatro cantos do Universo e a Cidade Dourada de ponta a ponta. A recordação da torre só puxou na memória a ideia dos círculos de pedra gigantes que... na posição certa, acumularia energia inesgotável para a travessia de portais.

Loukás quebrou, sem querer, um dos lápis coloridos que segurava. Nem havia percebido que estava com o objeto na mão. A questão da torre, em especial, não saía mais da sua mente, e ele se lembrou de quão *vexatória* foi a sua situação!

Loukás havia pedido que o Conselho se reunisse, pois iria apresentar seu novo projeto; o que ele fez, orgulhoso, explicando e falando entusiasticamente sobre cada detalhe da poderosa torre. Um lugar que receberia os príncipes, a nobreza, os mais graduados em hierarquia.

Mas então...

As palavras do pai reverberaram de novo em sua mente, como se ditas naquele instante.

"*Mas não podemos fazer uma torre nesses moldes. Privilegiando apenas alguns. Todos nós somos iguais. Não há espaço para isso, entende, príncipe?*"

Espaço moral – era o que o rei queria dizer.

"Não podemos colocar alguns acima e outros abaixo."

Mas era impossível que todos subissem às alturas da torre! Era para ser um local especial! Afinal, as hierarquias existiam! Não era assim que o rei se comportava? Ele por acaso permitia que todos entrassem no Salão Real, ou no *Kissei Kavod*? Permitia passagem livre ao *Grande Yotzer*, como se se tratasse de uma festa ao ar livre? O rei não colocava o *capitão Mikhael* à frente dos demais?

Tudo funcionava desse jeito: é claro que havia diferenças. Por isso Loukás não compreendia o motivo de ser tão *repulsiva* a ideia de salientar diferenças.

E como ele havia ficado mortificado naquela ocasião! Simplesmente exposto diante de todos, exposto para ser reprovado. Mikhael estava lá, é claro, e deu-lhe um olhar de... *O quê?* Complacência? Pesar?

Pois sim. Ele que se danasse! O capitão, com aquela vida absolutamente regrada e a cabeça cheia de ideias insossas – Loukás as achava insossas –,

vinha agora lhe lançar olhares de pena? *Pena*! Quando faltava a Mikhael o toque da grandeza, da imponência, da magnificência. O brilho que Loukás tinha de sobra!

Um jato vulcânico de cólera invadiu novamente o príncipe. O rei sabia. Sabia de tudo. Não havia dúvida. Ele tinha, afinal, observado suas atitudes, seus olhares de desprezo, de ciúmes para o irmão. Sua ira. Por mais que Loukás achasse estar escondendo bem seus sentimentos, entendia agora que não era verdade.

Mas... E quanto ao *resto*? – O problema era o resto!

O príncipe inspirou muito fundo. Loukás queria poder acreditar que todo o resto continuava em segredo, e que seria uma grande surpresa no final, mas... Não. A turquesa em suas mãos era a resposta. O rei estava ciente. Sabia que o príncipe estava muito perto de ultrapassar o ponto sem retorno.

Mas Loukás iria até o fim. Não tinha como retroceder agora.

Antes de se erguer, a fim de ir para sua casa, escutou a voz do rei, mais uma vez, agitando suas memórias:

"*Se você fizer o bem, sempre será aceito, Loukás.*"

O bem. O *bem*! O príncipe fazia o bem. Era o rei que não entendia sua maneira de ser. E que *não sabia* dividir direito a atenção entre os filhos! Isso é que não era fazer o bem, certo? O rei também não era capaz de fazer o bem, sempre.

Mas talvez...

Quem sabe... uma última tentativa.

Em um ímpeto, o príncipe juntou seu material e recolheu as folhas espalhadas. Secou em instantes as que estavam molhadas, com o calor morno que fez emanar das próprias mãos, e saiu correndo. Iria apresentar ao rei seu novo projeto arquitetônico para a cidade agora mesmo! Ele havia pensado e levado em conta as sugestões do rei para desenvolver a nova ideia.

Era provável que o rei não houvesse *reparado* no que Loukás estava fazendo, afinal, a entrega da pedra era o mais importante naquele momento. O projeto estava praticamente concluído. Se desta vez o rei lhe desse uma resposta diferente, se ele tão somente *aceitasse*... Tudo ficaria diferente dentro de Loukás.

O príncipe Loukás correu rápido como o vento. Ele sabia para onde o rei tinha ido.

* * * *

Enquanto Loukás tentava engolir o excesso de emoções conflitantes, notou que o rei observava com interesse suas folhas de desenhos.

Quem sabe *desta* vez...

"Eu poderia falar a respeito?", inquiriu Loukás, ansioso.

O rei fez um gesto de aquiescência com a mão. O príncipe engoliu em seco e, emendando uma frase na outra, começou a falar.

“É uma grande honra para mim – para todos os príncipes! – poder participar das obras de embelezamento e melhorias da cidade, rei. E, como o senhor sabe, eu gostaria muito de ter um projeto meu aprovado. Como pode... *ahãm*...”, ele estava nervoso. “Como o senhor pode ver, eu estava pensando nesse belo conjunto de prédios. Veja como sua estrutura é totalmente diferente de tudo que existe. Eu os projetei com a capacidade de concentrar energias.”

À medida que Loukás falava, à medida que olhava para o rei e tentava adivinhar seus pensamentos, o que o príncipe viu foi uma sombra. Uma sombra que cobriu o rosto do líder.

O príncipe parou de falar.

“Não vai aprovar, não é?”, Loukás perguntou, mordendo o lábio. Os olhos negros e amendoados estavam inflamados de irritação.

O rei meneou a cabeça.

“Meu filho, é de fato uma obra com opulência e extravagância. Mas para que acumular tanta energia em um determinado local? Isso pode desequilibrar nossa harmonia. Pode desestabilizar nosso mundo. Da forma como você as projetou, haverá uma soma tão grande dessas energias, que resultarão em uma energia que você desconhece. Uma espécie de energia *escura*. Turvarão o brilho que tanto prezamos. Consegue entender? Não precisamos conhecer o amargo para dar valor ao que é doce. Há limites que não devem ser ultrapassados.”

“Já sei.” O príncipe trincou o maxilar. “Já sei de tudo isso. O senhor deseja que seus filhos sejam todos iguais, não é? Todos pensando da mesma forma, agindo da mesma maneira. Todos eles *iguaizinhos* ao senhor. Tudo que se destaca é enjeitado, recusado e tratado com repulsa.”

“Mas por que você tem que colocar os seus ícones em tudo o que faz?”

Fúria. O rei já sabia como o príncipe se sentia.

“Pois muito bem!”

Loukás pegou as folhas, começou a amassá-las e picá-las, descontrolado. Com insolência, pisou em cima delas, e ainda cuspiu sobre o que restava de seu trabalho. Então, em um gesto impetuoso e rápido como o pensamento, um jato de fogo saiu dos dedos do príncipe. Ele mirou os diversos pedaços espalhados e os incinerou.

Então, deu as costas ao rei. Saiu pisando duro, disposto a não voltar.

“Meu filho!”, o príncipe ainda escutou o rei chamá-lo.

No entanto, Loukás saiu da presença do rei. Sem pedir licença, sem se despedir. Sem sequer olhar para trás.

Muito, *muito* tempo depois, o príncipe haveria de se lembrar dessa situação com pesar e tristeza. Se ele tivesse voltado, se ele tivesse ouvido... Ele deveria ter olhado para trás, ao menos. Teria tido uma chance a mais. Uma chance *a mais* para evitar o que iria acontecer.

Entretanto, a partir daquele dia, Loukás perdeu-se dentro de sua cólera, como em um labirinto sem saída.

“Eu irei adiante. Farei o que me propus. E se eu tiver um grupo que me apoie, não vou mais estar sozinho. Se houver quem me entenda, quem perceba a injustiça do rei não apenas em relação a mim, mas a muitos dos outros... não serei a única voz contrária! Qual o problema em ser diferente? Pensar diferente? Eu posso – e *vou* – mostrar a todos que existem novas possibilidades, além das oferecidas pelo rei. E que isso não precisa ser um grande drama.”

Começaria falando a alguns de seus irmãos mais próximos. Ele já sabia o que dizer e o que fazer para convencê-los.

* * * *

Naquela mesma tarde, o príncipe Loukás foi atrás de Aleph Aryéh. Provavelmente o irmão ainda estaria no pomar da Mithry, junto com ela. Os dois eram muito amigos, e Loukás tinha ouvido alguma coisa sobre fazer tortas de amora após o treino na Arena.

A proximidade entre a garota e alguns dos príncipes vinha justamente de frequentarem a Arena juntos. Mas desde *antes* de ser aceita no Instituto mais famoso e mais seleto do reino, de passar nos testes, ou de ter idade suficiente para prestá-los... Desde *sempre* a princesa corria atrás deles, pedindo para lhe ensinarem o que sabiam.

Queria ser uma guerreira. De *qualquer jeito*. Uma aspiração incomum, levando em conta o nível técnico que ela desejava alcançar. No mínimo, tornar-se uma das melhores entre os melhores. E, se possível, ser *a* melhor dos melhores! Mithry gostava de ficar no meio dos guerreiros, gostava de seus afazeres, de suas brincadeiras, de seus passatempos. Sempre achara mais fácil estar entre os príncipes que com as princesas, “cheias de tarefas e aspirações chatas”, segundo ela.

Mithry não se importava de ficar suada com exercícios extenuantes, de rastejar na lama, de passar dias em campanhas simuladas na Arena, ou de ter folhas e galhos presos nos cabelos enormes, de tal modo que, às vezes, era necessário cortar uma mecha ou outra para soltá-los. Não ligava de se machucar incontáveis vezes, corta-se, arranhar-se, ter calos nas mãos e nos pés; ou de precisar ir à enfermaria para consertar algum membro. Tudo fazia parte.

E as princesas gostavam de presilhas nos cabelos arrumados, de estar limpas e cheirosas – o tempo todo –, e usar roupas incríveis em vez de uniformes rasgados. Mithry também gostava de se arrumar. Ficava linda arrumada. Mas uma coisa não excluía a outra. E o sonho de tornar-se guerreira valia qualquer preço.

Loukás escutou de longe as risadas, enquanto caminhava pela alameda que daria na frente da casa de Mithry. Ele entrou pela lateral, sabendo que as risadas e a gritaria vinham dos fundos, do pomar na beira do Lago de Prata. Ao se aproximar e ver os dois, ficou com mais raiva.

Por que os outros ficavam rindo quando ele estava imerso naquele oceano de infelicidade e amargura?

Ele viu Mithry vir correndo, os cabelos pulando para todos os lados e uma cesta cheia de frutas na mão. Gritava para Aleph que ele estava muito demorado. Ao passar pela cesta do amigo, pegou um punhado de amoras e arremessou-as na cabeça dele.

— Chega, seu lerdo! Eu já tenho o suficiente. Em vez de colhê-las, você está só comendo, né? Não consegue nem colher frutas sem acabar com elas.

Ela pegou as duas cestas e continuou correndo. Ia levá-las para dentro de casa, para sua cozinha. Nem viu que o príncipe Loukás estava chegando. A tigresa branca, que não desgrudava da dona, saiu correndo atrás, com as cabritas no encalço. Merengue, preguiçoso, avaliava se corria também ou se continuava deitado aproveitando o calor. Nesse dia, um leopardo estava ao lado do tigre: Mambo. Mambo e Meregue eram como irmãos: inseparáveis, apesar de Mambo ser mais xereta e ausentar-se mais tempo de casa.

Havia gansos para todos os lados, gatos espalhados sobre as árvores ou na varanda. Cães que brincavam com bolinhas, correndo no meio das árvores. E muito mais. A casa de Mithry fervilhava de vida animal.

Aleph Aryéh, em vez de ir para dentro, esticava o braço para pegar mais frutas e comê-las. Loukás foi chegando perto, como uma nuvem escura.

— Pelas portas do palácio, que cara é essa? — indagou Aryéh, tomando um susto com a aparição silenciosa. Ele sabia como o irmão, de vez em quando, era dado a alterações drásticas de humor. Mas ali, naquele momento, parecia haver algo mais. Algo diferente.

— Sabe, Aleph... — disse Loukás, sem preâmbulos. — É que eu tenho imaginado umas coisas.

— Nada de mais quanto a isso — brincou Aryéh, que sabia o quanto o outro príncipe era dado a imaginar coisas.

— Nada de mais. É verdade. — Loukás ficou quieto. Chutou as folhas caídas no chão, pesaroso.

— Mas fale. Diga o que você está pensando, e o que o incomoda — incentivou Aryéh, caminhando na direção da varanda dos fundos da casa de Mithry. — Quer umas amoras?

Mas Mithry saía naquele exato instante a fim de averiguar porque Aryéh se demorava tanto; e deu de cara com os dois parados perto da varanda. Sentiu de pronto que havia algo *errado* no ar, mesmo que Loukás tenha tentado disfarçar. Algo errado... nele.

— Que foi? — O semblante dela ficou sério. — O que aconteceu?

Loukás e Mithry se entreolharam.

— Ora. Nada. Que haveria de ter acontecido? — respondeu o recém-chegado.

— Não sei. Me diga você.

Ele deu de ombros. Por ora, não queria dizer nada a ela.

— Você está vendo coisas — resmungou Loukás.

Mithry não insistiu. Sabia que o príncipe não ia abrir a boca; não até que tivesse vontade.

— Aleph e eu vamos fazer uma torta — disse ela. — Não quer participar? — convidou.

— Não. Digo: *agora*, não. Outra hora.

— Então? — arriscou Mithry mais uma vez, aproximando-se do príncipe. — Fale de uma vez, Loukás. Você *veio* até aqui, já *está* aqui. Conte o que houve.

— É que eu tenho sentido algumas coisas... — começou Loukás de novo, todo embaraçado. — Coisas que nunca senti antes. Na verdade, tenho imaginado e pensado e sentido coisas... diferentes.

— Mas que tipo de coisa? — indagou Mithry.

Ela ficou olhando para o príncipe, que ficou quieto de novo. Ele tentou, mas não ia conseguir falar nada. Não ali, não naquele momento de descontração de seus amigos. Então desconversou:

— Na verdade, não é nada.

Aryéh tentou salvar Loukás de mais constrangimento:

— Bem, seja o que for... — Ele deu umas palmadas amistosas no ombro do companheiro. — Acho que não é nada que uma boa torta não resolva.

— Ele tem razão! — falou Loukás erguendo as mãos e assentindo com a cabeça. Seu semblante, contudo, continuava sombrio. — Me mande um pedaço ou dois, mais tarde — pediu a Mithry. — Vou indo.

Girou nos calcanhares e foi caminhando de volta pela alameda de primaveras, floridas e enormes.

— Mas *espere*, criatura! Não quer mesmo ficar? — Mithry ainda gritou.

— Ele há de ter algum projeto em andamento — emendou Aleph Aryéh, brincalhão.

— Tenho mesmo! — respondeu o príncipe, um pouco rude, sem se virar para trás.

Mithry ficou olhando até ele sumir entre as árvores, caminhando sobre a infinidade de pétalas caídas, um tapete cor-de-rosa. Mordeu o lábio inferior algumas vezes, pensativa. Havia algo que ela não conseguia decifrar.

Mas algo esquisito estava acontecendo com o príncipe.

CAPÍTULO 12

ANO 1959 D.C.

Victoria acordou com o colorido do sonho diante dos olhos, quase como se pudesse ver aqueles três "personagens" ali mesmo, no quarto. Junto, a pungente sensação de familiaridade em meio à estranheza. Um sentimento adormecido que pulsava. A perda de alguma coisa ou alguém; uma saudade do que viveu – ou do que não havia vivido? –, saudades do desconhecido.

Desconhecido?

O rosto dos dois homens... era tão belo! O corpo de ambos tinha forma tão perfeita que parecia até inumana. E os olhos? Lindos. Diferentes. Um tinha olhos verdes: Aleph. Mas o de olhos e cabelos pretos estava com o coração pesado, sombrio; muito desgostoso: Loukás.

Por causa do rei. Mas que rei? Isso Victoria não tinha como responder.

Aquela garota de cabelos vermelhos. Victoria já tinha sonhado com ela, não tinha? Alguma coisa em um jardim... Não, em um campo de flores! As flores tinham um nome esquisito, Victoria não se recordava mais. Só sabia que tinham algo a ver com o nome da garota. Tão linda, tão jovem! Com o sorriso aberto e uma alegria contagiante. Quanto aos homens, eram príncipes, todos eles.

Mas *de onde*, exatamente? Esses últimos eram diferentes dos outros dois. Os que estavam no campo de flores. Pelo menos Victoria achava que sim. Que lugar era aquele?

Assim como quando sonhava com Cleópatra, e mesmo após o sonho com Joana D'Arc... Victoria ficou com aquela certeza impressa no coração: sabia que aquele lugar existia, bem como a garota, os príncipes... Ela só sabia *onde* era.

Porém, Victoria também tinha a sensação de que algo estava para acontecer na vida da menina. Algo ruim.

Como na minha vida, o pensamento passou por Victoria como um sopro gelado. Ela se lembrou do que lhe fora dito: "Prepare-se, pois vou destruir tudo o que lhe é importante!".

Victoria pôs-se em pé. A água estava praticamente fria. Embora tivesse dormido, estava tão cansada! Enrolada na toalha, seguiu para o quarto e olhou o relógio na mesinha de cabeceira. Era melhor se apressar. Talvez o pai já tivesse chegado.

Victoria entrou no *closet* e pôs-se a pegar qualquer coisa para vestir. Enquanto isso, tornava-se mais ansiosa e irritada. Não via a hora de resolver

aquela situação; quer dizer, "resolver" era colocar tudo para fora!

O sol se punha cada vez mais cedo agora. Logo seria noite. Decidida, ela abriu a porta do quarto e desceu.

* * * *

Ao entrar na sala de estar, viu que seu pai estava mesmo em casa. Ele lhe lançou um olhar frio, de reprovação.

Apesar de que isso não fosse infrequente agora. A filha já era uma moça, e não a garotinha do papai. Uma moça independente demais, com sonhos "estapafúrdios" demais, com opiniões demais para uma mulher. Mr. Milton desejava uma filha que simplesmente se comportasse, arrumasse um bom noivo, se casasse e enchesse a casa de netos.

— Boa tarde. — Ela se obrigou a dizer, ao passar pela sala.

Ele não respondeu.

Mau sinal, pensou Victoria.

Seu coração batia forte, em parte pela corrida para vestir-se, em parte pela proximidade do confronto. Foi até a cozinha pegar um copo com água, até a língua estava seca como uma folha de papel. Victoria ainda teve tempo de ver a mãe saindo pelo jardim lateral, sem perceber que a filha havia descido. Estava indo até a casa da vizinha e, a julgar pelos apetrechos da batedeira sobre a bancada, junto a diversos ingredientes, Elizabeth ia preparar um bolo.

Vai ver faltou alguma coisa.

A garota bebeu a água em goles grandes, olhando pela janela. Escorreu um pouco pelo queixo, molhando a gola de sua blusa. Quando se virou para ir ao encontro do pai, tomou um susto violento ao vê-lo parado atrás dela.

— Meu Deus... — Victoria murmurou, contrariada. O coração saltava da boca. — Que susto!

Ela apoiou o copo sobre a mesa da cozinha e se sentou, as pernas tremiam. O pai sentou-se de frente, encarando-a com olhos muito profundos, direto nos olhos dela.

— Tem alguma coisa que você queira me perguntar? — Não houve indireta ou preâmbulo.

Então Victoria não se fez de desentendida.

— Por que você escondeu isso da gente?

— Escondi o quê? — Tom de voz gelado.

Victoria deu um sorrisinho.

— Você é alguma espécie de chefe de laboratório ou coisa parecida?

— Não. Sou simplesmente aquele que faz as botas e os sapatos mais procurados do Sul.

— *Não.* — Ela elevou um pouquinho o tom de voz, sacudindo a cabeça devagar. — Você é mais do que isso.

Uma pausa. Como não houve resposta, Victoria continuou:

— Eu sempre achei você inteligente demais, pai. Articulado demais. Culto

demais. Por que não montou seu ateliê em Boston, como mamãe queria? Poderia continuar encomendando o couro de seus fornecedores e teria mais clientela lá. Por que permanecer aqui? Aliás... o que há em Louisville? Garanto que não é nenhum fornecedor de couro!

Teria visto um vislumbre de ira nos olhos de seu pai? Mesmo assim, ela continuou:

— Essa história de ser um comerciante de calçados... isso deve ser um disfarce para você. Morar em uma cidade menor, meio fora do mapa, é conveniente. Mas não é isso que você é de verdade — ela afirmou. — O que você é, pai? Um agente secreto? Um espião?

O pai deu uma risada sarcástica.

— Acho que você está vendo muitos filmes de ficção, Victoria. *Experiência diabólica* já saiu de moda. Sabia? *Museu de cera*... — Ele a olhava com um misto de diversão e raiva. — Ou será que você está lendo muito 007?

Victoria fechou o semblante. Era bem verdade que *Cassino Royale* e *Moscou contra 007*, junto ao restante da coleção de Ian Fleming, faziam parte de sua mesa de cabeceira. Mas daí a achar que ela era uma idiota... Victoria sabia o que tinha visto na casa do avô.

— Se você se interessasse por coisas femininas, se limitasse a ver *Sinfonia em Paris* ou... ou... — continuou Mr. Milton, gesticulando com raiva. — Ou... *Sabrina*! Essas bobagens não passariam por sua cabeça.

Victoria detestava ser menosprezada por sua condição feminina. Aquilo era pôr lenha na fogueira, e o pai sabia disso muito bem. Então, furiosa, ela levantou-se devagar da cadeira, debruçando-se sobre a mesa e chegando mais perto do rosto do pai.

— Você... fabrica... armas de guerra. Armas de morte! Você não faz botas, *papai*!

Mr. Milton John levantou-se também, deu a volta na mesa para chegar perto da filha. Bem perto. Os olhos faiscavam com gelo e fogo e algo mais escuro e denso.

— Você quer mesmo começar uma guerra... comigo? — indagou. O rosto era uma máscara pétrea de cólera.

— Não. Eu só quero a verdade.

— Ah! — Mr. Milton apoiou as mãos sobre o tampo da mesa, o rosto muito perto do rosto da filha. — Você quer a verdade? — Então ele falou com desdém: — Eu. Faço. Botas. Sapatos. Sandálias. — Aproximou-se um pouco mais. Victoria não se moveu. — E você, continue com a sua vida.

Victoria sentou-se de novo. Com os braços cruzados sobre o peito. Avaliou o rosto do pai enquanto mordia o lábio inferior.

— Mas por que você faz isso? — Ela inspirou fundo. — É isso que não entendo. Por que os russos? Quanto ganha para isso? A América não é rica o suficiente para você? Se você é um homem estudado, pai... por que não empenha seus esforços para colaborar com o nosso país, que te deu tudo?

— Poupe-me desse *discursinho* patriota. E por falar em dar tudo: eu é que

lhe dei tudo e nunca lhe faltou nada. Quem paga seus cosméticos, Victoria? O que está te faltando, e muito, são bons modos! Sua mãe falhou terrivelmente com você. E eu deveria ter sido muito mais rígido, cortado suas asinhas feministas logo no começo. É isso que dá! Direito de voto, de escolaridade, de ter uma profissão! Nossa sociedade está liberal demais! Homens e mulheres não são iguais! Todo esse blá-blá-blá, e veja o que tem nos trazido. Uma filha contestando o pai dessa forma.

— Quer saber? Estou cansada dos seus preconceitos. E não mude de assunto, pai. Não sou eu quem está em pauta agora. É você! — Ela quase gritou.

— E o que você espera que eu diga? Hum? Que eu confirme suas tolices?

Victoria subitamente lembrou-se, como se um flash acendesse em sua mente, dos cachorros do vizinho da esquina, anos antes. Latiam demais. Incomodavam. O pai já tinha reclamado com os donos da casa e de nada adiantou. A jovem recordava-se de como, certa noite, indignado ao extremo, Mr. Milton dissera baixinho: "Vou dar um jeito nisso!" – nem havia percebido que ela tinha escutado.

Os cães tinham amanhecido mortos, praticamente sem sangue no corpo. Boa parte dos vizinhos foi ver os animais – ela não; Victoria tinha ficado triste e chocada.

Os comentários eram horríveis: "Por Deus, aqueles animais tiveram uma hemorragia tão violenta que o sangue saiu por todos os lados. O quintal estava todo lavado de sangue".

— Os cachorros do vizinho... — Victoria murmurou, então, de repente, com ar de repulsa. — Então foi mesmo *você*, pai? Eu tinha me recusado a acreditar, na época. Parecia crueldade demais. Aquilo não era um veneno comum! — Não foi uma pergunta. — Você... Você usou uma arma militar contra os cachorros?

O pai a encarava sem nenhuma reação.

— É esse o grande trunfo, então? Os militares vão *secar* a população, fazer com que o sangue da América escorra pelo ralo junto com a água do esgoto? Vocês vão acabar com todos os indesejáveis, não é, *papai*? Todas as minorias! Os negros. As mulheres "indomáveis". Os homossexuais. Os judeus. Quem mais?

Mr. Milton desceu o punho com violência sobre a mesa. A mesa estremeceu, mesmo sendo de madeira forte.

— Eu não admito que você me conteste dessa maneira! Isso já passou de todos os limites!

Os dois desviaram a vista para a janela ao mesmo tempo: Elizabeth vinha caminhando pelo jardim, uma cesta com ovos apoiada no braço. Mal deu tempo de ambos recomporem os semblantes, e ela subiu os degraus da escada da cozinha e entrou. De início, Elizabeth não notou nada estranho.

— Oi, filha! Que bom que desceu! — E para o marido: — Suellen sempre tem papo! Não me deixava vir embora, e acabamos combinando um chá para

amanhã à tarde. Imagine que ela me disse, Milton, que aquele novo casal da casa amarela...

Victoria sequer ouvia. Estava paralisada, as mãos sobre o tampo da mesa, olhos saltando do pai para a geladeira, para o fogão, de novo para a mesa...

— Vocês estão esquisitos — disse Elizabeth, por fim, passando do marido para a filha. — Aconteceu alguma coisa que eu não estou sabendo?

A jovem encarou o pai.

— Conte para ela, *papai*. Conte o que você faz nas horas vagas!

Era hora de pôr em andamento o ardil que Mr. Otto tinha em mente. Ele sequer teria que preparar a situação; estava tudo ali mesmo, diante dele. A faca e o queijo na mão. Então, o homem deu um suspiro profundo e virou-se para a esposa com olhos compassivos – como ele conseguia mudar tão rápido?

— Elizabeth, estou ficando muito preocupado... — Ele coçou a cabeça, como se estivesse decidindo se devia ou não falar.

— O que foi, Milton? — inquiriu a mulher, pondo os ovos sobre a mesa.

— Sua filha está tendo alucinações.

— Como assim? — O rosto de Elizabeth tornou-se apreensivo.

— Eu já lhe disse que ela não está bem. Victoria está imaginando coisas.

— Ah, estou imaginando coisas? — rebateu Victoria, indignada.

— Minha filha, o que está acontecendo?

— É incrível! — A jovem ergueu-se. — Ele quer se *safar* me incriminando, mãe!

— Está vendo? — grunhiu o pai, fazendo cara de perplexidade.

— Mas "se safar" de que, minha filha?

— Esses sintomas só estão piorando.

— Não tenho sintoma nenhum! — Victoria gritou.

— Seu pai sempre quis o melhor para você, Vic. Por que tanta agressividade? Ele trabalha de sol a sol para não nos deixar faltar nada e...

— É, ele *trabalha mesmo*, mãe, você nem imagina!

— Vic! Não seja desrespeitosa. Eu já lhe disse isso.

— Mãe. Me ouça. — Um olhar sério. — O papai está trabalhando com os russos. Ou para os russos, sei lá!

Elizabeth arregalou os olhos e os voltou para o marido, mas não pelo motivo que a garota queria. O homem ergueu as sobrancelhas sugestivamente, enquanto comentava baixinho, como se Victoria não estivesse.

— Eu não estou dizendo?

— Muito engraçado! — gritou Victoria, de novo, cada vez mais raivosa. E para Elizabeth: — Não acredite nele, mãe! O papai está trabalhando com os russos! Está desenvolvendo armas de guerra!

Elizabeth franziu a testa, sem saber o que dizer. Puxou devagar uma cadeira da mesa e sentou-se.

— Você se lembra dos cachorros dos vizinhos, aqueles que morreram, que

sangraram? Foi ele quem matou os bichinhos, mãe, com uma arma de guerra. Ou sabe-se lá o quê!

— Ela está descontrolada — comentou Mr. Milton, sussurrando, para Elizabeth. O pai aproximou-se, estendendo a mão para segurar a da filha. Victoria a puxou descontroladamente.

— Cínico! — desferiu.

— *Vic!* — Desta vez Elizabeth estava brava. Mas Victoria nem ligou para a mãe.

— Pare de fazer esse joguinho para a mamãe. Você é um espião! — Ela apontou o dedo na direção do pai e olhou para a mãe. — Tudo o que ele faz, a loja, os sapatos! São uma fachada para não chamar atenção. Eu *vi* os documentos! Negue que não há documentos, pai!

— Mas o que você viu, filha? — Tentou começar Elizabeth.

— Lá na fazenda. Estão com o vovô. Há relatório e fotos. Ele dirige um laboratório secreto!

Elizabeth teve vontade de apoiar o rosto nas mãos e de chorar, mas logo se recompôs. Olhou para o marido.

— Viu? Não disse? — falou Mr. Milton no mesmo tom baixo e controlado.

— *Pare de tentar me fazer parecer louca!* — Victoria gritou ainda mais alto. — Telefone para o vovô, então, mãe.

— Mas ele já ligou aqui hoje, meu bem. Conversou com o seu pai, falou de sua partida intempestiva. Ele e sua avó não entenderam por que você agiu assim. Na verdade, estão preocupados com você.

— E o que minha avó teria para se preocupar comigo? Eu deixei um bilhete explicando meus motivos para vir logo para casa.

A mãe estendeu o braço para segurar a mão da filha. Victoria estava quieta.

— Você sonhou com Joana D'Arc, não foi?

A jovem ergueu os ombros.

— E daí? — perguntou com maus modos.

— Mas você disse para sua avó que era você. Que *você* era Joana D'Arc. Não foi?

— Foi só uma impressão.

— Ah, minha filha, não sei. Será que você está bem, mesmo? São várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Os pesadelos. Os ataques de pânico, a tristeza sem causa... os vultos que você diz ver...

— Mãe, eu não estou maluca. Isso não tem nada a ver com a história do papai! Eu *vi* os documentos. Estavam na mesa do vovô, na gaveta.

Mr. Milton olhou de soslaio para Elizabeth, em um movimento bem calculado e muito convincente, a mistura perfeita entre preocupação e perplexidade. Victoria não se conteve, lançando um olhar furioso para o pai.

— Você deveria ter sido ator! — grunhiu ela, entredentes. — Acho que se sairia bem melhor.

— Bem, aí está! — O pai cruzou os braços, em uma posição de quem está tomando uma decisão. — Acho que devemos levar em conta a orientação do

doutor Schiller. Ele falou em uma consulta psiquiátrica.

Elizabeth ficou quieta. Se não estava contestando, era porque concordava.

— Mãe! Não é possível! Estou dizendo que meu pai é... — Ela estava tão aflita, que não encontrava mais as palavras para fazer-se entender. — Ele trabalha com os russos...

— Vou levar você a uma consulta com um psiquiatra que é muito renomado — comentou Mr. Milton, com ar de pena, mas firme, como convinha a um pai dedicado. — Amanhã mesmo, se possível, em caráter de urgência. No mais tardar esta semana. Vamos tomar um atalho em relação a essa situação. E todas as providências!

O homem virou-se para a esposa.

— Não concorda comigo, querida?

Elizabeth fez um movimento com a cabeça, assentindo. Victoria revirou os olhos para o alto.

— Vamos enfrentar isso juntos, meu bem... — disse o pai, com voz serena, suave. — Você não está sozinha.

— E eu posso saber *quem* você tem em mente? — indagou Victoria. — Você também é versado em psiquiatria?

— Eu me *informo* sobre as coisas. Mas o que estou querendo dizer é que vou procurar por um dos melhores médicos do país. Talvez o Schiller tenha uma indicação.

Victoria olhou profundamente para o pai. Queria esganá-lo. Aquele sentimento belicoso até a surpreendeu. Mas era obrigada a admitir que ele saía na dianteira. Fora muito convincente. A mãe sequer cogitava que o que a garota dizia poderia ser real. Na verdade, Elizabeth olhava de um para outro, aparvalhada, sem saber como ajudar.

— Bem, acho que vou ligar para o Schiller — considerou Mr. Milton, olhando para Elizabeth.

Ela acrescentou, depressa, antes que Victoria dissesse mais alguma coisa:

— Acho que é bom. É só uma avaliação... não é, Milton?

— Ela olhou para o marido, aflita.

— É claro. É para o bem de nossa filha.

Victoria virou as costas para ambos e saiu da cozinha batendo a porta com força. Estava quase chorando de raiva! Os pais ouviram a porta do quarto dela batendo estrondosamente lá em cima.

— Meu Deus... — disse Elizabeth, apavorada. Nunca tinha visto a filha tão descontrolada. — Precisamos ajudá-la.

— Ela será ajudada — falou o marido, apertando a mão da esposa com firmeza. — Encontraremos a pessoa certa.

* * * *

Ao trancar-se no escritório, espumando de raiva, Milton John sentou-se à sua mesa. Resmungando baixo, ele tirou o fone do gancho e discou um

número de cabeça.

— Alô? — Veio a voz do outro lado. Mesmo naquela *única* palavra, o sotaque alemão era levemente perceptível.

— Ralf? — disse Mr. Milton.

— Sim?

— Sou eu. Milton.

— Ah, sim, Milton, não o reconheci de imediato. Sua voz está diferente.

— É que estou para lá de furioso com uns problemas aqui em casa. Preciso de sua ajuda.

— Pois fale.

— Quero que você atenda minha filha.

Um pequeno momento de silêncio.

Então a resposta veio em um tom mais sério:

— Diga o que quer — disse Ralf.

— Não tenho alternativa. Me escute.

Eles conversaram por alguns minutos, combinando os detalhes. Ao final, a voz do doutor Ralf Muller estava fria.

— Está certo disso, Milton?

— Como eu disse, não tenho alternativa.

— Posso vê-la na terça, às três horas.

— Nos vemos na terça-feira, às três da tarde — repetiu o pai de Victoria.

* * * *

Na segunda-feira após a escola, Victoria passou na biblioteca, no centro da cidade. Queria conseguir detalhes da vida Joana D'Arc, para comparar ao seu sonho.

Enquanto folheava os livros, espantava-se. Mais uma vez, tudo de que se lembrava do sonho era real, *mais* que real: era absolutamente preciso. Ela foi lendo até o final dos capítulos para ver o fim da história.

Joana conseguira mudar o destino da Guerra dos Cem Anos! Não só as vitórias que obteve, mas sua morte estimulou o nacionalismo francês. A imagem mítica da jovem guerreira tornou-se símbolo de união nacional, e os franceses avançaram sobre os inimigos, conseguindo vantagens que jamais haviam tido. Mesmo após a execução de Joana, a França manteve sua ascendência militar na guerra durante mais duas décadas.

Victoria enxugou as lágrimas, e o peito queimou com um calor estranho. Os pelos do braço se arrepiaram de emoção.

Embora a partir de 1347 a peste negra tenha se alastrado ferozmente pela Europa, matando mais de um terço da população, Charles VII sobreviveu. Em 1453 foi assinada a paz entre franceses e ingleses. Charles passou a governar a França com poderes quase absolutos, fazendo ruir qualquer pretensão inglesa de possuir domínios na França. Chegava ao fim a Guerra dos Cem Anos, a guerra pela disputa do trono francês, e com a vitória dos franceses.

O papa Calisto III, em 1456, nomeou uma comissão para reexaminar o processo que condenou Joana D'Arc. A comissão anulou o julgamento, considerando-o inválido, bem como todas as acusações. Victoria sentiu-se leve e sorriu.

Algumas coisas, porém, por mais que ela procurasse e folheasse os livros, Victoria não encontrou. Nada sobre Joana ter matado algum guarda, ou ter sido... estuprada ou... enfim... todas aquelas coisas monstruosas. Mas como se tratava da Inquisição, só se podia esperar deles o pior, ainda mais com uma prisioneira cujo contexto político só agravava as coisas.

Victoria deitou a cabeça de lado sobre a mesa da biblioteca, aproveitando o sol que batia sobre a madeira. A garota sentia o calor no rosto e sorriu de novo. Não estava pensando no fato de que Joana foi declarada inocente e até canonizada no início do século XX.

Não. Ela estava sentindo o calor. Do sangue. Mais uma vez. O sangue quente que espirrou nela quando matou o guarda. Sangue no seu rosto, nos seus braços. No chão. Tinha sido tão bom! Mergulhar na morte e se vingar. O sangue espalhado no chão ficou quente por um tempo, Joana fizera questão de verificar. Quente como o sol suave que espelhava sua luz sobre ela.

Talvez esses detalhes tenham sido suprimidos pela Igreja Católica.

Victoria saiu quase saltitante da biblioteca, e pegou a bicicleta, alegre. Ela desconhecia aqueles meandros da vida da mártir católica; aliás, antes do sonho, ela desconhecia a maior parte de tudo. Sua família era protestante. E, até então, Joana D'Arc fora tão somente uma figura histórica, vista em um filme do qual pouco se lembrava.

Mas agora era diferente. Por que, exatamente, Victoria não saberia dizer, mas aquilo mexia com ela, com quem ela era. Saiu voando pelas alamedas, o vento fazendo dançar os cabelos atrás dela. Joana não morrera em vão!

Victoria pedalou para o Lago Cumberland. Naquele trecho, a floresta era mais fechada, e estava ainda úmida com a chuva da véspera. O cheiro de terra molhada era um dos que Victoria mais gostava. Recendia a vida. E agora com tudo ensolarado, o sol batendo sobre a folhagem, sobre a terra... era magnífico!

A jovem deixou a bicicleta em uma alameda não distante de sua casa, encostada em uma árvore, e foi andando pela trilha conhecida, que descia vários e vários metros até um pequeno riacho, cheio de suaves quedas-d'água que caíam aos borbotões entre as pedras redondas do leito do rio. Havia ali um antigo tronco caído sobre ele, perto da encosta, e Victoria conseguia passar para o outro lado caminhando por ele.

Dali, Victoria sabia que, embrenhando-se um pouco mais na floresta, dava para sair do outro lado, perto do enorme leito principal do Cumberland.

Mas, nesse dia, ela apenas se sentou perto do riacho e, apoiando os pés descalços nas pedras roliças da margem, observava a água muito fria que descia de uma das quedas e vinha acariciar seus dedos, submergindo-os, em um sussurro constante. Pena que as verdadeiras quedas do Cumberland – as

Cumberland Falls – ficavam longe. Uma vez estivera lá, em uma excursão da escola, na primavera, para ver se teriam sorte em contemplar o Bowmoon.

Precisavam da lua cheia – por isso a data da viagem foi escolhida em função dela –, mas também de um céu claro. E *tiveram* muita sorte! O Bowmoon era como um arco-íris da noite, iluminado pela luz da lua. Lindo! E as quedas-d'água também não ficavam atrás. Não à toa as Cumberland Falls eram chamadas de Niágara do Sul.

Mesmo sem Bowmoon, Victoria também teria gostado bastante de vir à noite para a floresta em torno de Pérola do Sul. Mas seu pai não permitia. Tinham acampado pela região, mas em grupos maiores e com a presença de adultos "responsáveis".

Victoria queria vir sozinha, ver a noite sozinha, escutar os barulhos da floresta e contemplar o céu por entre as folhas das árvores. Ela com ela mesma, e a noite ao redor. Mas...

A garota tirou os pés da água e sentou-se com as costas apoiadas em uma árvore, como gostava de fazer. O pai comunicou à mãe, no domingo mesmo: "A consulta está marcada para terça à tarde", ele dissera, com aquele semblante falso de preocupação. Elizabeth havia subido até o quarto de Victoria para vê-la, e foi quando Mr. Milton entrou. Quando a esposa indagou onde e com quem, o pai limitou-se a dizer que havia conseguido uma ótima indicação, e era um médico bastante conceituado. O consultório ficava em Louisville.

Victoria encarou o pai, avaliando suas atitudes. De novo: Louisville. Seria coincidência? Ela não disse nada.

Mas valia a pena tirar a dúvida com um profissional. Poderia ser benéfico, até se o médico dissesse que ela estava ótima, *todos* teriam que engolir. O tiro sairia pela culatra. Além do mais, muito no fundinho, Victoria sentia que seria libertador falar sobre o que vinha sentindo, abertamente, com alguém que entendia da mente humana.

Além disso, indo a Louisville, quem sabe encontraria alguma *pista*. Algo que ligasse o pai àquela cidade. Será que, porventura, havia mais coisas a serem descobertas?

Seria lá o tal laboratório?

Ela descobriria. Mesmo que precisasse seguir o pai. Ela descobriria.

* * * *

A manhã do dia seguinte tinha cara de outono. Fria e com um vento constante que balançava a copa das árvores.

Victoria teria apreciado o passeio de carro até a estação, não fosse o objetivo final: a consulta. De manhãzinha, muito cedo, antes de sair com os pais, ela já estava relutante e um pouco temerosa em se expor. No entanto era melhor não pensar muito. Uma coisa de cada vez. Daria risada quando o médico a considerasse em perfeita posse de suas faculdades mentais!

Mais uma vez ela estava dentro de uma Dixie da Ferrovia Nashville-Louisville. Agora em sentido contrário, indo para o Norte. Ocupou-se mais em ler revistas do que em conversas com a família. Chegando à enorme estação em Louisville, Victoria apenas enfiou a revista debaixo do braço e pegou a bolsa ao descer do trem.

A Union Station em Louisville ficava na confluência das principais linhas ferroviárias do Leste, Oeste, Norte e Sul. Construída no final do século XIX, tinha uma linda arquitetura românica. A fachada feita de calcário tinha tamanho considerável e lembrava uma catedral, com um vitral enorme no centro, várias torres – incluindo a torre do relógio –, e uma abóbada. O telhado era de ardósia sobre ferro e madeira.

Por dentro, a estação também era impressionante, com um átrio muito grande encimado por uma varanda gradeada. O piso formava mosaicos, as paredes eram de mármore e madeira. Uma iluminação suave vinha das janelas de ambos os lados do átrio, além da claraboia.

Victoria teria tempo de comprar alguns cartões-postais, na saída da estação – desejava mandar para Amy, Mellany, Paige e as amigas –, enquanto o pai conseguia um táxi. Mas desistiu.

O que tinha para contar?

CAPÍTULO 13

Waverly Hills era absolutamente enorme.

Causou espanto tanto na mãe quanto na filha o fato de irem até lá.

— Waverly Hills é um sanatório para tuberculosos! — dissera Victoria, de modo duro, assim que ouviu o pai informar o endereço ao motorista do táxi.

— Agora não é mais *só* para tuberculosos. A cura já foi encontrada, não é mesmo? Você esperava que o potencial de um hospital tão grande fosse desperdiçado?

Victoria não respondeu, porém ficou intrigada.

— Quem recomendou esse médico? — perguntou Elizabeth. — Foi o doutor Schiller?

— Na verdade, não. Foi um colega dele.

Victoria continuou quieta. O que ela sabia sobre o sanatório, aprendeu na escola, muito embora a maioria das pessoas já tivesse ouvido falar sobre o lugar. Funcionava como um importante centro de tratamento de tuberculose, doença que assolou os Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX.

Na verdade, a tuberculose – chamada de peste branca – obrigou milhares de pessoas a se exilar por anos em sanatórios ou em cidades de "clima bom", para se tratar do que foi considerado o mal do século. Até a cura ser descoberta, a doença foi uma epidemia de proporções épicas, cuja desgraça e miséria entraram para a história. Havia sanatórios e hospitais espalhados por todos os Estados Unidos, tentando tratar a tuberculose, no início do século. Eram centenas de lugares, onde médicos indicavam o tratamento clínico e cirúrgico da doença, em função do quadro do paciente.

Victoria tinha estudado nas aulas de História as dez piores pestes enfrentadas pela humanidade. A tuberculose fora uma delas. Embora as estudantes tenham conseguido reportagens antigas sobre diversos sanatórios que trataram a peste branca, Waverly Hills teve destaque, justamente por ficar no estado do Kentucky, em Louisville.

Na cidade de Louisville não tinha espaço em hospitais comuns para abrigar os doentes tuberculosos. Havia casos em excesso, pois as áreas úmidas ao longo do rio Ohio pareciam favorecer a proliferação da bactéria. No começo do século XX, na intenção de conter a doença, abriram um sanatório especial, de madeira, com dois andares e dois pavilhões ao ar livre, cada um para vinte pacientes em tratamento inicial da peste. Foi assim que começou o Waverly Hills Sanatorium.

Em 1911, começaram os preparativos para a construção de um novo Hospital da Cidade de Louisville. Porém, logo ficou decidido que não era

possível admitir pacientes com tuberculose pulmonar. O Conselho de Tuberculose recebeu vinte e cinco mil dólares a fim de providenciar um hospital adequado e de atendimento exclusivo para esse tipo de público.

Em um ano todos os pacientes tuberculosos internados no Hospital da Cidade foram transferidos para casas temporárias, em tendas, baseadas em Waverly Hills. Em dezembro de 1912, o hospital foi aberto e conseguiu abrigar outros quarenta pacientes. Dois anos depois, adicionou-se um pavilhão para crianças, com cinquenta leitos. Este não se destinava apenas às crianças doentes, mas também aos filhos de pacientes internados.

Daí para a frente, o objetivo era adicionar um novo prédio a cada ano para que Waverly Hills crescesse continuamente. Mas pelo fato de haver frequentes restaurações nas estruturas de madeira, era necessário um hospital mais resistente e durável, bem como mais leitos. Muito mais leitos; afinal, a demanda era muito grande. Então, foi construído o edifício de cinco andares que foi inaugurado em 1926 e que poderia abrigar mais de quatrocentos pacientes.

Victoria e suas colegas de classe encontraram material com fotos de pacientes sorridentes no solário do quinto andar, enfermeiras uniformizadas de modo impecável, uma ala infantil com paredes coloridas onde faziam uma festinha de aniversário. O típico corte de cabelo dos anos 1920 imperava entre as moças, envoltas em roupões nas épocas mais frias, e até mesmo com shorts e sutiã no verão, tomando sol na varanda, fazendo poses. Era um lugar agradável, no alto de uma colina, e que oferecia tratamento diferenciado, incluindo *workshops* para distrair os pacientes, estação de rádio que podia ser acessada de cada leito, televisão, salão de refeições, cafeteria, livraria e escola para os pequenos.

Depoimentos de pacientes e de familiares, principalmente do final dos anos 1920 e início dos anos 1930, elogiavam o hospital. Como a carta do senhor Thomas Spies, que foi publicada pelo editor do *Courier Jornal* em dezembro de 1927: *Gratitude at Waverly Hills*.

A foto dos médicos, lado a lado diante da fachada da entrada, atestava a idoneidade e o propósito daquele complexo gigante na luta contra a tuberculose. Um dos diretores do hospital explicava que o tratamento, a princípio, consistia em grandes quantidades de ar fresco e sol, além de muito repouso e uma dieta forte e saudável. Por isso os pavilhões abertos no início, e mesmo depois, no hospital novo, as janelas estavam constantemente escancaradas. Além de possuírem, é claro, uma cozinha pronta para atender um exército. O artigo do *Courier*, de janeiro de 1943, comemorava a aquisição da primeira máquina de raios X portátil do sanatório.

Por Waverly Hills passaram milhares de pacientes em quase duas décadas, mas depois do final da Segunda Guerra, com a introdução da antibioticoterapia, os casos da doença diminuíram de maneira gradual e, consequentemente, a mortalidade. O que deveria ser comemorado como uma grande conquista, no entanto, era maculado por boatos e reportagens

assustadoras que surgiram desde então.

Se verdade, ou não, era difícil saber ou comprovar, uma vez que, nos picos da epidemia, Waverly Hills estava sempre em quarentena.

Contava-se que o sanatório-modelo aos poucos degringolou. Infelizmente, a experiência no longo prazo mostrou que o tratamento à base de ar fresco e muito sol não dava resultado. Os pacientes eram deixados diante das janelas *ad infinitum*, não importava a estação do ano. Algumas fotos causaram espanto às garotas, pois às vezes os cobertores dos doentes ficavam cheios de neve.

Casos avançados de tuberculose mostravam que a doença espalhava-se praticamente por todo o corpo: coluna, cérebro, rins, garganta, ossos, pele e glândulas. Os médicos tinham tentado de tudo, mas os tratamentos cirúrgicos surtiam pouco efeito.

As alunas conseguiram ter acesso a reportagens mais recentes na biblioteca – do início dos anos 1950 –, que descreviam a superlotação do sanatório, além de um número total de mortes elevado. Na casa de milhares de pessoas. Teria *mesmo* acontecido? Falavam sobre maus-tratos, sobre experiências terríveis e malsucedidas e de famílias inteiras arrastadas para o sanatório. Falavam de pessoas que haviam se suicidado. Parecia meio exagerado. Tipo um "disse me disse" .

Elas haviam encontrado um gráfico em um jornal falando em cerca de cem falecimentos por ano em Waverly Hills e em número decrescente até 1940. Mas não fazia sentido, pois os antibióticos entraram em cena anos depois. Parecia uma notícia tendenciosa. Quais dados deveriam levar em conta?

Ficou claro que o número de mortes no sanatório era assunto tabu. Houve quem dissesse que não havia registros; portanto, ninguém saberia ao certo. Mas, na realidade, os registros médicos reais aparentemente não tinham sido encontrados.

Por fim, as meninas acharam um dos exemplares de *The Waverly Herald* – uma espécie de boletim informativo para pacientes e funcionários –, de 1955. Ele havia sido diligentemente copiado no trabalho para o colégio. Os "Heralds" eram compilados pela equipe do sanatório, e aquele incluía anotações do próprio diretor do hospital. Se quisessem esconder algo ou manipular informações, quem iria dizer o contrário?

Ficava a incógnita. O trabalho delas terminava com os boatos de que o lugar era assombrado. Mas a verdade é que a colina onde estava situado Waverly Hills sempre havia sido "assombrada". Antes mesmo de o sanatório ser erguido, a colina era nomeada Spirit Hill pelos nativos americanos. Segundo eles, era melhor permanecer bem longe dali. Os indígenas jamais haviam construído qualquer coisa naquele lugar.

* * * *

Victoria ficou impressionada ao ver Waverly Hills pessoalmente, mesmo

de longe. Era um verdadeiro colosso! Não apenas pelos cinco andares, mas pela extensão do prédio, que seguia infinitamente.

A parte alta do sanatório despontava no meio do bosque, no alto da colina. Uma construção com paredes amarronzadas, de fachada reta, repleta de janelas lado a lado. Hera cobria parte das paredes. Acima do quinto andar, bem lá no alto e na mesma direção da entrada principal, havia um conjunto de torres com desenhos formados por tijolinhos expostos.

Como já tinha visto fotos do sanatório de todos os ângulos para o trabalho escolar, Victoria sabia que havia estátuas de gárgulas sobre a torre, mesmo que dali não pudesse enxergar direito. Ela sempre tinha achado aquilo bem esquisito.

Milton John pediu para o taxista parar no meio-fio, ao lado da entrada do túnel que levava à construção lá em cima.

— Não prefere que eu os leve até lá, senhor?

— Estou um pouco adiantado. E a entrada principal, pelo que me informaram, não é muito usada. Disseram-me que é mais fácil acessar o túnel, e que o pessoal, tanto da equipe quanto os pacientes, costuma entrar por aqui. É isso mesmo? — indagou Mr. Milton com naturalidade. Como faria um sapateiro ignorante e inexperiente com a cidade grande. Mas *não* o cientista. Aquilo aguçou os sentidos de Victoria.

— Sim, senhor, é isso — disse o homem do táxi. — O túnel é muito usado realmente. E já que estão adiantados... pode ser interessante.

Victoria teria ouvido um tom soturno na voz do homem?

— Como turista, quero dizer! — O homem emendou. E o sorriso que ele deu ao ficar com uma boa gorjeta desmentiu aquela impressão. Era ela quem estava cheia de histórias na cabeça!

Depois de saírem do táxi, Elizabeth comentou:

— Por que o médico preferiu atender aqui, Milton? Ele não tem consultório na cidade?

— Sim, mas como a consulta da Victoria foi um encaixe, ele preferiu nos esperar em seu gabinete aqui, onde está trabalhando hoje.

O túnel levava as pessoas da base da colina até o sanatório, cento e cinquenta metros acima, no topo. Era uma passagem sem nada de especial, quadrada, com paredes cinzentas e nuas, e dividida ao meio. De um lado havia uma longa fileira de degraus que permitia às pessoas entrar e sair do hospital, sem o risco de andar pela colina íngreme e perigosa, especialmente durante o inverno ou em dias de mau tempo.

O outro lado do túnel era ocupado por uma rampa com trilhos e um carrinho movido por um sistema de cabos. Certamente utilizado para carga e descarga, afinal, o sanatório precisava de todo tipo de abastecimento.

Victoria estava interessada em conhecer o sanatório. Boatos à parte, a verdade é que o maior legado de Waverly Hills haveria de ter sido positivo! Enquanto subiam as escadas, em fila indiana, ela lembrou-se de que o túnel também fora usado para remover os pacientes mortos, para carros funerários,

fora da vista dos outros pacientes. Era natural. Qualquer hospital precisa desse tipo de coisa.

A menina observou os dutos de ar no teto, que deixavam entrar luz e ar fresco. Volta e meia, cruzavam com pessoas em serviço, trocavam cumprimentos educados.

O que chamou atenção de Victoria negativamente, porém, foi o fato de ninguém sorrir. Dizer boa tarde parecia apenas um protocolo, e na verdade estavam todos envoltos em uma névoa, gelados como mortos-vivos, sem nem notar o fato.

Enquanto isso o carrinho subia com alimentos, depois descia novamente, voltava a subir. Victoria esforçou-se para fazer dissipar a crescente sensação de desconforto, já que o lugar parecia bem movimentado. *Mas meio opressivo*, refletiu Victoria de novo.

Ela olhou as costas do pai, subindo os degraus à frente. Ele não pareceu, em momento algum, espantado com Waverly Hills. Ao contrário de Elizabeth, que olhava tudo com olhos grandes, nem mesmo para disfarçar Mr. Milton fazia de conta que aquele não era o seu ambiente.

O pai estava desenvolvendo armas de guerra. Armas biológicas. Um calafrio percorreu o corpo de Victoria. Será? Será que seu pai costumava vir a Waverly Hills? Já que... já que ele vinha tanto para Louisville...

Quer dizer, a pergunta exata era: há *quanto tempo* ele vinha? A cura da tuberculose fora descoberta há cerca de quinze anos. E se ele estivesse envolvido com o laboratório desde antes dessa época? Seria possível desenvolver uma bactéria da tuberculose modificada ou resistente ao tratamento? Ou poderia ser criada uma nova bactéria a partir da bactéria da tuberculose?

Victoria não sabia se era possível manipular aqueles agentes de infecção e não queria nem pensar naquilo. Era um filme de terror. E o mais terrível é que não era ficção, era real. Aliás, parando um pouco para avaliar agora, mesmo com os dutos de ar, parecia que o túnel tinha um certo cheiro de... de algo químico. De formol? Ela conhecia o cheiro das aulas de química. Mas havia algo mais... um cheiro de carne em decomposição.

Embora Victoria nunca tivesse sentido cheiro de cadáver, aquilo lhe remetia à ideia de um. Ou melhor, ela *havia sentido* algo parecido... O cheiro da coisa... No escritório do avô.

Embora diferente, o cheiro não era bom, não parecia algo saudável. Não. Com certeza, não. Mas devia ser impressão, porque já não morriam tantos pacientes ali, nem se transportavam tantos corpos pelo túnel. Certo?

Ela respirou pela boca, querendo poupar-se dos cheiros. Mas, à medida que iam adiante, Victoria começou a se lembrar mais dos boatos de horror do que das infindáveis reportagens e fotos sobre as coisas boas e excepcionais de Waverly Hills.

Olhou para o rosto da mãe, que vinha atrás dela. Elizabeth não parecia particularmente incomodada, pelo contrário, olhando melhor, estava bem

normal. Seria impressão sua, então? Não era possível. Mesmo com a ventilação o corredor parecia asfixiante a Victoria.

O psiquiatra não vai achar nada em mim. E, quem sabe, meu pai é quem tenha que passar por uma avaliação. Se eu disser como vem me tratando... querendo que eu seja uma prisioneira, que não estude, nem trabalhe. Vamos ver até onde ele consegue levar essa farsa.

* * * *

Após saírem do túnel, deram em um acesso estreito, mas que era ainda suficiente para passar uma maca. Paredes e teto pintados de branco, tubulações correndo pelo teto... Já estavam dentro das dependências do hospital.

Finalmente chegaram a um corredor mais largo onde, de um dos lados, havia fileiras de portas. Passaram por elevadores de serviço. E, no final do corredor, grandes portas duplas com um letreiro vermelho em cima: NECROTÉRIO. Realmente, a entrada pelo túnel dava nos bastidores de Waverly Hills!

Alguém abriu uma das portas pelo lado de dentro justamente quando Victoria passava. Um homem com avental branco, que não lançou a eles mais que um olhar.

Victoria não conseguiu enxergar nada, embora tivesse tentado. Mas o cheiro era mais desagradável, porque, de algum modo, o odor ruim misturava-se ao cheiro leve de comida. Fato é que a mistura era nauseante para a jovem.

* * * *

No primeiro andar, Victoria sentiu-se um pouco melhor. Havia movimentação de mais pessoas e ela leu algumas placas indicando a direção da recepção, dos raios X e do laboratório, bem como a barbearia e a biblioteca.

O consultório do médico tinha uma plaquinha com o nome dele na porta e, ao entrarem, pareceu aconchegante. Havia um sofá de couro além das cadeiras diante da mesa pesada, de mogno maciço, e luminárias grandes em mesinhas menores. Um belo tapete fofo, um lustre muito bonito – que ainda não estava aceso – e paredes claras.

Enquanto se faziam as mesuras costumeiras de "Boa tarde, boa tarde, fizeram boa viagem? Parece que o tempo está mudando", Victoria apertou a mão do médico e sentou-se na cadeira indicada. Havia um quadro na parede que chamou sua atenção. Uma réplica de *O grito*, de Edvard Munch. Que lugar para um quadro daqueles!

Ela observou os enormes aquecedores a óleo, iguais aos que havia avistado em todos os andares. Parecia fazer frio, no inverno. O médico acomodou-se

diante de sua mesa, encostando-se ao espaldar da cadeira, que era muito chique também. Parecia a cadeira de um presidente.

Sobre a mesa, Victoria notou alguns livros, vários lápis bem apontados, canetas, e o que a garota achou que fosse o cabo prateado de um bisturi. Na enorme estante ao lado, também de mogno maciço, estava o restante da biblioteca particular do médico. Na parede ao fundo, atrás da cadeira dele, uma série de quadros exibindo diplomas diversos.

— Pois não, em que posso ajudá-los? — indagou o médico, olhando primeiro para Mr. Milton.

— Precisamos que nossa filha seja avaliada.

Quando o médico olhou para a jovem, ela desviou a atenção de um molde em madeira no canto de uma das mesinhas: um crânio esbranquiçado, aberto, exibindo um cérebro entalhado e pintado em tom róseo. Ela olhou para o médico e sorriu um pouco, avaliando-o também.

Era um homem esguio e alto, perto dos quarenta e poucos anos, cabelos grisalhos bem repuxados para trás com gel; usava óculos de aro arredondado, pequenos, e a barba parecia estar sem fazer havia dias.

— Meu nome é Ralf Muller. Como vai? — indagou o homem, fitando-a fixamente sob as sobrancelhas espessas. Ele tinha um sotaque leve. Alemão? Austríaco?

— Estou bem.

Ele apanhou uma caneta e começou a girá-la habilmente entre os dedos. Para lá e para cá. Bem rápido. Para lá e para cá. Mas o olhar fixo no rosto de Victoria continuou intacto.

— O que a traz a Waverly Hills? — inquiriu de novo.

Foi o pai quem respondeu:

— Minha filha começou tendo uns pesadelos esquisitos... depois uns surtos de pânico e a sensação de ser observada. Agora está delirando.

— Não, eu não tenho del... — refutou Victoria.

— Você está delirando? — Foi a vez de o médico interromper a garota.

Mr. Milton continuou, como se Victoria não tivesse dito nada:

— Pois veja só o senhor: minha filha acha que eu sou um espião a serviço da União Soviética.

— E você é *um* espião soviético? — O médico deu um sorrisinho sarcástico para o pai.

— Sim, sou. Sou da KGB — relatou Mr. Milton, revirando os olhos para o doutor Ralf.

— Hum. Certo. E qual seria a sua missão?

— Minha missão, ora... Minha missão é acabar com o mundo! Dominar a Terra.

— Claro! Mas que pergunta a minha. Uma missão muito nobre.

— Milton... — chamou Mrs. Elizabeth, com um sorriso forçado, notando que os dois homens só queriam descontrair o ambiente, mas achando um pouco exagerado.

Ele segurou a mão da esposa, sorrindo e sem se importar para o olhar fulminante de Victoria.

— É só uma brincadeira, querida. Afinal, nossa filha... Tudo que eu mais desejo é que ela fique bem.

Victoria olhou firme para o pai, decidida a não se deixar irritar. Ralf Muller notou o olhar.

— Então, garotinha. Seu pai trabalha para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e pretende acabar com o mundo. Você está tendo pesadelos e crises de pânico. — Ele girou a caneta velozmente outra vez. — Você ouve vozes?

O olhar da jovem baixou apenas por um instante. Falaria a verdade ao médico:

— Sim. Eu acho que sim — disse, baixinho. — Às vezes.

— Foram as vozes que disseram que seu pai é um espião?

— Não. — Ela responderia apenas o que fosse perguntado.

— Hum... — A caneta revirava nos dedos. Para lá e para cá. Depois ele tamborilava sobre a mesa com a outra mão.

Isso já está me dando nos nervos, pensou Victoria.

— E as vozes falam no seu ouvido... — Ralf arregalou bem os olhos para Victoria, sempre fixamente, sem desviar a atenção. — Ou dentro da sua cabeça?

Victoria segurou o olhar dele, sem se mexer. E respondeu:

— Não sei precisar exatamente... Mas parece que *fala* no meu ouvido, eu acho. Não é na minha mente.

— No ouvido direito... ou no esquerdo? — Novamente olhos arregalados na direção dela.

Aquilo parecia tão supérfluo. Mas a jovem franziu a testa, tentando se lembrar, e responder a pergunta.

— Não sei.

— Você escuta uma voz e não sabe de onde ela vem?

— Eu... não sei. Só sei que parece ser no ouvido. Uma voz vinda de fora, e não da minha mente.

Caneta para lá. Para cá. Para lá...

E os dedos da outra mão correndo sobre o tampo da mesa como se por um teclado de piano. Victoria estava começando a achar aquele homem muito cheio de tiques nervosos.

— Eu estou falando com você agora — continuou Dr. Ralf. — De onde vem a minha voz?

— Da minha frente. Do senhor.

— E você acha que a minha voz é um delírio?

— Não.

— E por quê?

— Porque eu estou te vendo.

Ralf pareceu satisfeito com o rumo da conversa.

— Você vê... coisas?

— Às vezes.

Dr. Ralf novamente abriu bem os olhos na direção dela. Depois olhou em volta, inclinando-se sobre a mesa.

— Você está vendo alguma coisa *agora*?

— Não.

— Nada? — insistiu, enquanto a caneta voava entre os dedos. O olhar dele não se desviava de Victoria. — Tem certeza?

— Sim. Só vocês.

Mrs. Elizabeth fez menção de falar alguma coisa, mas Mr. Milton ergueu rapidamente a mão no ar, em um gesto claro de "fique quieta". O médico olhou para Victoria por mais alguns segundos, em um silêncio total, como se isso pudesse fazer com que lesse sua mente.

E mudou o assunto:

— Desde *quando* você tem pesadelos?

— Isso vem desde que ela era criança — comentou Mr. Milton.

— Não, esses pesadelos são mais recentes... — disse a mãe.

— Você se esqueceu daquela história dos monstros? — inquiriu Milton, olhando sério para a mulher.

— Mas isso era coisa de criança...

— Você via monstros? — Ralf Muller não perdeu a oportunidade.

— Era só uma sensação... não sei se eu estava acordada ou sonhando. Às vezes, parecia que havia um monte de monstros ao redor da minha cama.

— Hum... Monstros. E eles estavam zangados? — Os olhos brilhavam na direção da jovem, mais que arregalados. — Estavam tristes?

— Ah. Não sei. Eles só me olhavam.

— E por que eles te olhavam? O que você tem para ser olhado?

Victoria deu levemente de ombros. Tec-tec-tec-tec-tec-tec da caneta. Depois a cavalaria de Guilherme Tell sobre o tampo da mesa. Victoria olhou firme na direção daqueles dedos que não paravam.

— Falavam alguma coisa? — perguntou o médico novamente, dada a falta de resposta da paciente.

— O quê? — Victoria encarou-o.

— Os monstros. Diziam alguma coisa?

Tec-tec-tec.

— Olha... — murmurou Victoria. — Esse barulho está me incomodando. E, não. Os monstros não falavam nada.

— Certo. Barulhos também te incomodam? — O doutor Ralf encostou-se novamente ao espaldar da cadeira.

— Ahn?

— Barulhos incomodam?

— Depende do barulho...

— E o silêncio? Incomoda?

Victoria ergueu as sobrancelhas.

— Não...

— Mas é no silêncio que você ouve as vozes.

— Normalmente, sim. Mas não sempre. — Ela se lembrou da festa, quando estava com Jared. Estava bem barulhento naquela ocasião.

— Então o silêncio pode ser perturbador.

— Não. O silêncio é bom. É só que... — Um muxoxo de indignação. — O senhor está me confundindo.

— *Eu* estou confundindo você?

Victoria mordeu o lábio, com um pouco de força. Especialmente ao sentir o olhar do pai cravado nela.

— É. Um pouco.

— Não faço nada para confundi-la. Estou apenas fazendo perguntas, avaliando você. *Eu* sou o psiquiatra.

— Sim, é claro, mas...

— Então me diga: como eram esses seres monstruosos que a observavam?

Victoria se pegou coçando a testa.

— Não me lembro de ter visto o rosto deles. Eu só sabia que eles faziam uma roda ao redor da minha cama... Como se estivessem se amontoando, se acotovelando, para olhar. Para mim. Olhavam fixamente para mim. E eram muitos. — Victoria preferiu não mencionar que tivera uma sensação semelhante, no escritório do avô, logo que achou o documento.

— Hum-hum...

Tec-tec.

— E isso foi apenas durante a sua infância? Você nunca mais sentiu ou sonhou com esses seres?

Tec-tec-tec.

Victoria lembrou-se da figura da *coisa*. Os monstros não pareciam ter a intenção de assustá-la. Já a *coisa* queria definitivamente produzir o resultado oposto. Era um divertimento para ele. E, lembrando-se disso, a menina foi tentada a não contar nada também, mas... foi adiante.

— Recentemente eu acho que vi, sim, alguma coisa parecida. Mas não eram muitos. Parecia ser apenas um só... — Victoria engoliu em seco. — Só que mais forte.

O médico balançou a cabeça, várias vezes, enquanto o canto da boca se retorcia um pouco para cima. Os olhos dele pareciam querer sugar a alma dela. Era um pouco desconfortável. Mas talvez fosse assim que os psiquiatras agissem. Era o trabalho deles, enxergar a alma das pessoas, não era?

— E você se sentiu ameaçada por esse monstro? — perguntou Ralf Muller, por fim.

— Sim. Agora, sim, me assusta — murmurou.

— Antes não a assustava...

— Não.

— E o que mudou?

Victoria pousou as mãos sobre o colo e entrelaçou fortemente os dedos,

mesmo a contragosto.

— Eu não sei.

Uma cavalaria, forte e poderosa, ecoou sobre o tampo da mesa.

— Esse monstro aparece nos pesadelos?

— Não.

— Não? Então, são delírios!

— Eu não sei!

Quando deu por si, Victoria tinha falado além do que desejava. Era como se, no íntimo, quisesse ter alguma coisa boa para falar.

— E qual teria sido a última vez em que você teve os pesadelos?

— Foi... domingo. Mas não foi bem um pesadelo.

— Um sonho. Os sonhos também podem ter significado. — E o Dr. Ralf apertou os olhos na direção dela. — Conte-me, conte-me.

Tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec! Um frenesi manual.

— O senhor poderia parar com essa caneta? — Victoria pediu, com o máximo de educação possível. — Eu não consigo me concentrar.

— Você tem dificuldade de concentração? — Estalou o doutor Ralf.

— Não, quer dizer... com o senhor mexendo os dedos... com esse barulho...

— Ainda bem que você não dirige ainda, não é mesmo, minha cara? Teria muitas coisas que a distrairiam no caminho.

O médico anotou mais algumas coisas na ficha dela. Victoria ficou olhando.

— E quanto ao seu sonho?

Victoria remexeu-se, desconfortável, na cadeira. Esforçou-se para não apertar os dedos.

— Eu estava tomando banho e acabei cochilando.

— Como assim? Você dormiu enquanto estava no *chuveiro*? — disse Mr. Milton, perplexo.

— Não, pai! Eu estava na banheira, ora essa! Mas me bateu um sono muito forte.

O doutor Ralf anotou mais alguma coisa. Victoria ficou imaginando o que seria: "Costuma dormir na banheira, poderia se afogar no processo?".

— Eu só cochilei porque estava muito cansada. Não tinha dormido bem na véspera.

— Você costuma ter noites maldormidas com frequência?

— Não, não, doutor. Durmo bem. — A jovem foi enfática. — Eu durmo bem.

O médico ficou encarando a jovem. Ela ficou encarando o médico.

— O sonho?

— Eu sonhei com um lugar. Foi estranho, e não foi, ao mesmo tempo. Porque era um lugar... Que não era aqui.

— Aqui, aqui? Em Waverly Hills?

— Não. Aqui na Terra. Eu acho. Não era na Terra.

Nessa altura Elizabeth olhou de soslaio para o marido. Ele não parecia muito preocupado. Deu uma olhadela para a esposa, de volta, querendo dizer:

“Calma, fique tranquila. Estamos em boas mãos”.

— Está bem — volveu o médico. — E onde você está agora?

Tec-tec-tec. Baixinho.

— Bom, eu agora estou aqui.

— Aqui onde, menina?

— Aqui. No consultório.

— Mas você é daqui... Ou é de lá?

— De lá onde? — Espantou-se Victoria.

— É você que está me dizendo que sonhou com um lugar que não é aqui.

— Sim, mas...

— Esse lugar... Seria um outro planeta?

Victoria abriu a boca, porém, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o doutor Ralf continuou, olhando firme:

— Outra dimensão?

Pausa.

— “Onde” você estava, criança?

— Doutor, eu não faço a menor ideia. Foi um sonho! Mas acho que a questão é como eu me senti. Eu... — Ela percebeu um súbito incômodo na garganta. — Eu *sinto* falta. De lá.

Tec-tec-tec-tec-tec-tec-tec.

— É como se ali fosse a minha casa. — Victoria engoliu o bolo o melhor que pôde. — Era como se fosse a minha casa, eu acho, mas, por algum motivo... Eu saí de lá, sabe. Mas eu não sei por que eu saí de lá.

— Minha filha... — Elizabeth disse, baixinho, estendendo a mão para segurar a dela.

— Fique quieta, Liz — resmungou Mr. Milton.

— Então, está me dizendo que você não mora na sua casa, Victoria? — Foi a vez do médico.

— Moro, sim, eu moro. Mas é que...

— Você nasceu aqui, no Kentucky?

— É.

— Sempre morou na sua cidade? Sempre estudou lá?

— É.

Novamente o canto da boca de Ralf Muller se repuxou um pouco para cima.

— Mas você não é daqui.

Victoria sorriu também. Falando daquele jeito, *parecia* bem maluco!

— É só uma sensação. Um sonho...

— E o que mais? O que você fazia, nesse sonho?

Foi só então que Victoria percebeu como aquilo era um disparate. E ficou desconcertada.

— Ah... *hãm*... bem, para dizer a verdade... não é que era eu no sonho, sabe...? Eu, tipo *eu*, entende?

— Ah. Não era você?

— Ela andou sonhando esse tipo de coisa, doutor! — aparteou o pai. — Sonhou ser Cleópatra, sonhou ser Joana D'Arc.

Tec-tec-tec-tec-tec!

— É mesmo? Sonhou com as duas personagens, então?

Maldição! Dito daquele jeito! Victoria olhou para o pai com raiva, enquanto o doutor anotava coisas furiosamente na ficha dela.

— Na verdade, Victoria sonhou que ela mesma... ela mesma era, como vou dizer? — Tentou Elizabeth, na intenção de ajudar.

— Ela *era* Cleópatra?

— Sim. Como "se" fosse. Mas... — A mãe olhou para a filha.

— Há quanto tempo isso vem ocorrendo?

— Uns dois meses e pouco? — Elizabeth olhou para Victoria de novo, que assentiu, esquiva.

— Mas esse sonho de ontem foi muito diferente — respondeu Victoria, não querendo ir fundo na questão "Cleópatra/Joana D'Arc". — Havia uma menina. Da minha idade, parece.

— Quinze? — Fez o Dr. Ralf com ar entediado.

— Eu tenho dezessete — corrigiu a jovem. — Era uma menina ruiva.

Elizabeth passou a mão pelos cabelos até então impecáveis, com nervosismo. Mr. Milton só ouvia. Desta vez mais interessado.

— Mas você é loura. Não é ruiva.

— Não.

— Pois bem, continue. Que fazia a menina ruiva?

— Ela estava em um jardim, perto de um lago. Muito feliz. Com dois homens.

As sobrancelhas do médico foram às alturas. Os olhos estavam arregalados e vidrados. A caneta rodopiava, esquecida naquela movimentação infinita. A cavalaria retornou.

— Esse barulho está me incomodando — disse Victoria, novamente.

— *Dois* homens?

— Sim. Era como se fossem amigos muito próximos, ou algo assim. Como se todos pertencessem ao mesmo clã... Eu acho. Tudo estava bem, no começo; era um lugar lindo. Mas quando o segundo homem chegou, alguma coisa aconteceu. Alguma coisa... — Victoria percebeu uma espinha de peixe na garganta de novo.

Ela não entendia o motivo daquela emoção deslocada. Será que o médico também percebia?

— Alguma coisa ruim — repetiu. — Apenas isso. Acho que ia acontecer algo ruim.

Um momento de pausa. Todos em silêncio; todos se entreolhando.

— E essa "coisa ruim" teria a ver com as suas crises de pânico? — Aparentemente, o médico achava que a "garota ruiva" e "os homens" eram produto de seu inconsciente. — Ou com os pesadelos?

Victoria ficou pensando. Mais uma vez.

— Acho que com nenhum dos dois. É uma sensação interna. De que algo vai acontecer.

— Mas com você ou com a menina ruiva?

— As duas. — Victoria baixou um pouco a cabeça. Parecia bizarro. Ela percebia isso. Como se as duas fossem uma.

— Fale de quando você sentiu muito medo. O que desencadeou isso?

— Geralmente, é a sensação de que algo está me observando.

— O monstro.

Victoria deu um meneio com a cabeça.

— Porque ele *quer* me assustar. Diz coisas para me assustar! Fica me olhando e rindo. Aparece no meio do escuro.

O doutor Ralf Muller apoiou a caneta sobre a mesa. Victoria respirou mais aliviada.

— Pois muito bem. A esquizofrenia... — começou ele, olhando para a menina.

Elizabeth emitiu um leve grunhido, que fez Ralf desviar o olhar por apenas um segundo, antes de voltá-lo novamente para a moça.

— A esquizofrenia é uma doença das mais devastadoras. E o problema é que não sabemos muita coisa sobre ela. É desencadeada por um trauma? É uma condição genética? Uma soma de fatores? Não sabemos. O que sabemos é que a esquizofrenia é uma doença permanente.

Elizabeth de novo alisava o penteado com nervosismo.

— Trata-se de um transtorno mental crônico, no qual o paciente perde o contato com a realidade. Mas com o tratamento adequado — continuou o médico —, uma pessoa que tem a doença pode viver uma vida com certa qualidade. Quanto aos sintomas mais clássicos, o paciente ouve vozes, tem ilusões e alucinações. E tem delírios.

— Eu *não* tenho delírios! — contestou Victoria. Já estava irritada com aquele homem. Parecia que ele a queria descompensar de qualquer jeito. — Não sei como explicar, mas aquela *coisa* me parece real.

— Sim, você tem delírios — afirmou o doutor Muller categoricamente. — E não estou falando do seu pai a serviço dos comunistas. — Um pequeno sorriso. — Mas você está me contando vários detalhes. Às vezes vê essa "coisa". Um monstro. Sente-se perseguida e acuada por ele, que diz coisas que a incomodam. Essa paranoia pode ser um sintoma de delírio. E uma subdivisão da esquizofrenia, a esquizofrenia paranoide.

— Mas é isso que o senhor acha que ela tem? — perguntou Elizabeth, assustada.

— Não estou fechando nenhum diagnóstico ainda. Apenas avaliando sua filha. Pessoas com esquizofrenia paranoide muitas vezes se comportam de maneira mais articulada e "normal". Se formos compará-las a outros esquizofrênicos, é claro. Mas a existência de delírios ou alucinações bizarras, não compatíveis com a lógica dos pensamentos... isso me faz ficar em alerta. Por outro lado, vejo que o discurso e o modo de agir de sua filha não estão

exatamente desorganizados, e não há uma diluição das emoções que caracterize um embotamento afetivo. Na verdade, isso só comprova o meu diagnóstico, já que esses sinais não são muito expressivos na esquizofrenia paranoide. Eles são característicos de outros tipos de esquizofrenia. — O doutor Ralf Muller desviou-se de Elizabeth e olhou para Victoria outra vez. — Parece-me também que você apresenta uma distorção da realidade, caracterizada por ilusões que a fazem achar que é outra pessoa, como Cleópatra e Joana D'Arc. Ou, então, que está em outro lugar. Como no caso da tal ruiva de outra galáxia.

Victoria ficou irritada pelo modo como o médico falou. Como se desdenhasse dela ou do que sentia. Mas a menina recusou-se a ficar preocupada. Ela não se sentia como se *fosse* uma esquizofrênica. Em outras palavras, uma louca. Se era uma doença tão grave, ora! Ela estava bem demais para estar com aquela doença. Victoria queria acreditar nisso.

Lá no fundo, porém... uma sementinha muito pequena de dúvida ficou no coração dela.

Será? Será que o que estou vendo e sentindo... não é real?

O doutor Ralf Muller espraiou as duas mãos sobre a mesa. A caneta finalmente foi parar no pote, de onde nunca deveria ter saído.

— Ok, mocinha. Por ora, terminamos. — Ele levantou-se e deu a volta em torno da mesa, aproximando-se da jovem. — Sugiro que você passe esta noite conosco!

Os olhos estavam mais que esbugalhados, e Victoria sentiu um cheiro leve de bebida alcoólica no hálito dele.

— Ficar aqui? — Victoria olhou na direção dos pais. — Mas...

— Para realizarmos mais alguns testes.

Victoria teria visto o médico lançar um olhar significativo ao pai?

Victoria sacudiu a cabeça de leve, imperceptivelmente. Tinha que *parar* com aquilo. Era só impressão, coisa da sua cabeça. Se continuasse realmente achando que o médico e o pai se conheciam, ia ser diagnosticada, ainda mais rápido, com paranoia. E ela não queria isso.

— Mas eu não vim para passar a noite. Vim só para uma avaliação, para ter uma conversa.

— Querida, você diz que não é daqui e que sente falta de um lugar onde você nunca esteve. Você acha que seu pai é um espião dos comunistas e pretende destruir o mundo. Diz que ouve vozes, mas não sabe precisar de onde vêm. Tem sonhos e pesadelos nos quais, aparentemente, assume a identidade de outra pessoa. Vê monstros, que a observam sem uma causa clara, ou que lhe dizem coisas assustadoras... — Ele a fitou friamente. — Você não está bem, minha cara. Claramente, não está bem.

O médico apoiou a mão pesada sobre o ombro de Victoria.

— Você está no lugar certo. — A voz era sombria. Ou era mais uma impressão de sua cabeça? — Hoje... você será minha hóspede. Eu gosto muito de hóspedes! Especialmente garotinhas que aparentam não ter solução. Mas

nós temos a solução para você. Faremos o melhor possível para endireitar essa sua vidinha!

Ele falou "vidinha" como se quisesse apenas ser simpático e dar um tom leve a algo sério, mas soou, para Victoria, no mínimo, o oposto. E parecia tão simplista. Victoria olhou na direção da mãe, que não disse nada.

Então ela virou-se de novo para o médico.

— Mas o que vocês vão fazer, que eu precise ficar aqui até amanhã?

— Aqui nós cuidamos de doentes, minha cara. É isso que um sanatório faz.

— Não podemos começar os testes agora? E meus pais me esperam.

— Impossível.

Victoria olhou, desta vez, na direção do pai. Ele estava impassível, olhando-a de cima, quase como se ela fosse uma desconhecida. Aquilo a deixou com mais raiva ainda. Não lhe daria o gosto de vê-la assustada. Então Victoria ergueu os olhos na direção do médico, assentindo com a cabeça, devagar.

— Excelente! Agora você não está bem, menina... Mas vai ficar! Confie em mim. Por ora, consulta encerrada. — O doutor Ralf Muller esticou a mão na direção de Mr. Milton, que se levantou da cadeira que ocupava e apertou-a fortemente. Depois o médico virou-se para Elizabeth: — *Ma'am*. — Inclinou-se levemente. — Foi um prazer. Não se preocupe, sua filha está no melhor lugar. Agora vou chamar os enfermeiros que irão levá-la aos aposentos.

Elizabeth ergueu-se também, apertou a mão do médico.

— Ela vai ficar bem, doutor? — indagou a mãe, receosa.

— É claro! Como eu disse, ela está no melhor lugar. Vai gostar daqui. — Olhou para Victoria por cima do ombro. — Talvez ela até queira *ficar* por aqui! Hoje em dia Waverly Hills tem pouca tuberculose, ah, ah, ah! Isso é bom. Sobra espaço para os que precisam mais.

Elizabeth não gostava muito do senso de humor daquele médico, mas alguém tão proeminente tinha licença poética para algumas esquisitices. Uma parede cheia de diplomas, uma estante cheia de livros... era nisso que tinha de confiar. Essas eram as credenciais. E ele era o diretor do hospital! Alguém com muitos livros na prateleira tinha que ser um homem sábio. E alguém que tinha muitos diplomas na parede era um homem culto e inteligente.

Então Elizabeth aproximou-se da filha, deu-lhe um abraço apertado.

— É só uma noite, meu bem... — disse no ouvido da garota. — Vai passar rápido.

Victoria lhe lançou um olhar meio pálido, mas não disse nada.

— Podem vir pegá-la amanhã à tarde — dizia Ralf Muller para Milton. — Quatro horas está bom?

— Claro! — respondeu o pai.

— Então, amanhã teremos uma nova conversa. Boa tarde!

Milton John deu um beijo na testa da filha. Victoria esquivou-se um pouco.

— Você vai ficar bem. Nos vemos amanhã.

Victoria não respondeu. Olhou para a mãe, já na porta. Ela lhe enviou um

beijinho assoprado e um olhar de ternura. Victoria estava perplexa demais para corresponder.

Assim que eles saíram, dois enfermeiros corpulentos entraram.

— Por gentileza, nos acompanhe, senhorita. — O tom era seco, frio. Victoria obedeceu.

CAPÍTULO 14

Os enfermeiros subiram de elevador com Victoria até o terceiro andar. Quando a porta abriu, saíram para o corredor e seguiram por ele.

Victoria notou como os corredores eram longos. Contudo, não era possível ver até onde iam, pois havia uma curva. Alguns pacientes andavam por ali. De um lado havia quartos e fileiras de portas-balcão de madeira, envidraçadas, que davam acesso a uma varanda tão longa quanto o próprio corredor. Havia macas, cadeiras e camas puxadas para a varanda. Do outro, quartos com janelas.

Os enfermeiros guiaram Victoria na direção de um lance de escadas, estreito, que levava ao quarto andar. O corredor em cima era parecido.

Victoria foi encaminhada até uma pequena sala de exame. As paredes eram pintadas de branco, e havia uma maca e duas cadeiras postadas perto da janela com vista para o bosque. Sobre uma mesa de alumínio havia seringas de vidro, frascos, um termômetro, um aparelho para medir pressão e outros utensílios. Do outro lado, um pequeno armário branco de metal, fechado, e uma balança.

Aparentemente era uma saleta para coletar exames e avaliar o estado geral de pacientes antes da internação. Victoria sabia que funcionava assim, pois esteve internada uma vez, dois anos antes, quando operou de apendicite.

Mas, muito diferente daquela ocasião, agora ninguém conversava com ela, nem tentava ser simpático, muito menos acalmá-la. Acalmá-la, sim, porque desde que vinha subindo as escadas para o quarto andar, Victoria passou a escutar muitos gritos. De desespero ou dor, ela não sabia precisar. Mas partiam de mais de uma pessoa e tinham uma intensidade considerável. Um deles, em especial, se sobressaía aos demais pela potência, pela fúria: "Quero sair daqui!".

Outros eram somente berros, volta e meia, sem formação de palavras ou frases. "Aaaaah... Aaah... *Aaaah*..."

Logo que saíram no corredor, Victoria encolheu-se, procurando saber de onde vinham os gritos. Aparentemente, dos fundos do corredor. Mas não dava para saber com certeza, pois eram intermináveis. Como o som ecoava, causava uma péssima primeira impressão. Era impossível que não se escutassem os gritos de fora do prédio, com tantas janelas abertas.

Seria por esse motivo que tinham vindo pelo túnel? Se chegassem pela porta principal, ela teria escutado os gritos?

Victoria não sabia o que pensar, então optou por não pensar. Ia ficar só até o dia seguinte. Olhou para os enfermeiros, mas nenhum deles olhava em sua

direção. Era como se ela nem existisse. Então, ficou quieta.

"Quero sair daqui! Não aguento mais!"

Mas por que gritavam tanto?

Victoria tentou, forçosamente, se concentrar em si mesma, mas o seu coração ficou mais acelerado. Chamou atenção dela o fato de que não havia pacientes zanzando por ali como no andar de baixo. Quando entrou na tal saleta de exames, tinha certeza de que seu rosto deveria estar pálido. Contudo, lhe disseram para se sentar e esperar. O cheiro de éter incomodava um pouco. Um dos enfermeiros ficou parado à porta, aparentemente para vigiá-la. Imaginavam que ela tentaria fugir?

Acomodada em uma das cadeiras, os olhos da jovem estavam fitos na porta aberta. O enfermeiro passeava ali mesmo, pelo corredor, aparecendo na frente da porta de vez em quando. Em dado momento, Victoria começou a ouvir o som de vozes *normais*, mas em meio a gritos que ficavam mais altos. Deveria ser do pessoal de enfermagem, que trazia consigo algum paciente.

Na verdade, Victoria notou, era a voz daquele paciente que berrava com mais fúria. O som foi ficando bem próximo, sinal de que iam passar por ali. Ela ficou esperando. Iria descobrir o motivo de tanto desespero.

Quando passaram na frente da saleta, Victoria viu duas enfermeiras que vinham trazendo uma maca. Elas conversavam alto, para se sobressaírem aos gritos; mas sem demonstrar grande preocupação com o homem deitado ali, que gritava a plenos pulmões. Ele estava sob um lençol cheio de sangue, e os braços e as pernas deveriam estar amarrados, porque, apesar dos gritos, o homem permanecia no lugar.

— Me tirem daqui! Quero sair!

O paciente agitava a cabeça de um lado e de outro e, por um breve instante, os olhares dele e de Victoria se cruzaram. O paciente deveria saber que ela estava fazendo a internação, por suas roupas de viagem e cara de espanto, pois começou a gritar para ela sem parar, meio delirante:

— Sai daqui! Sai daqui! Sai daqui!

O pessoal que empurrava a maca apressou-se, enquanto o enfermeiro que tinha ficado para vigiar Victoria comentou:

— Ele não está bem, mesmo. Passou por outro procedimento.

Aquela explicação era para ela? Victoria não havia perguntado. Mas por que havia tanto sangue? Victoria virou o rosto e concentrou-se na paisagem do bosque, olhando pela janela. Logo o dia iria terminar, a noite cairia. Ela faria os testes que o médico havia mencionado e o dia seguinte chegaria logo.

Por fim, uma enfermeira entrou na saleta. Não era nenhuma daquelas que empurravam a maca – ainda bem! Ela aferiu a pressão da jovem, a temperatura, o pulso, o peso e colheu seu sangue. Enquanto Victoria dobrava o braço, segurando o algodão sobre a picada da seringa, mandaram-na seguir para outra sala, maior, um pouco adiante no corredor.

Assim que entrou, Victoria viu que havia um grupo de médicos e enfermeiras. Aparentemente, esperavam por ela. Só então percebeu que os

primeiros enfermeiros deveriam ser apenas técnicos e auxiliares.

— Boa tarde — disse um dos médicos, o mais velho, sem entusiasmo. Parecia só protocolar.

Enquanto isso, ele se debruçava sobre o que deveria ser a ficha dela, ainda dando uma lida. Victoria tinha quase certeza de que era a mesma em que o doutor Ralf havia registrado seu relato.

— Boa tarde — respondeu.

— Por favor, tire suas roupas atrás do biombo.

— Mas por quê?

Como assim? Aquilo era totalmente desnecessário!

— Porque precisamos ver se você tem cortes, arranhões e outros sinais de automutilação. As pessoas com perturbação mental costumam fazer isso.

— Bem... — respondeu Victoria, nervosa. — Eu posso lhe assegurar que não tenho nenhum ferimento desse tipo.

— Sim, mas nós precisamos constatar e fotografar o seu corpo antes da internação.

— Então, eu gostaria que os homens se retirassem — falou firme.

— Receio que isso seja impossível.

— Mas...

Uma enfermeira de pequena estatura, com cabelos escuros pincelados por fios grisalhos, e que despontavam por baixo de sua touca, deu um passo na direção de Victoria. Devia ter cerca de quarenta e cinco, cinquenta anos. Seu avental era impecável.

— Eles são os especialistas, minha filha, e têm que estar presentes. Fique calma. Tudo que estamos fazendo aqui faz parte da rotina. Todos nós estamos acostumados a isso.

"Quero sair! Quero *sair*!"

Ainda dava para ouvir os gritos do homem a distância. Victoria preferiu ignorar, bem como os outros gritos que escutava desde que havia chegado ao quarto andar. Embora fossem esporádicos, continuavam constantes.

Victoria inspirou profundamente. Ia ter que passar por aquilo, não havia alternativa. Entrou atrás do biombo. Deixou o chapéu ao lado, bem como as luvas, sobre a cadeira que estava encostada à parede. Então abriu os botões de seu casaquinho verde-escuro e o apoiou sobre as luvas, depois abriu os botões do vestido verde-água. Ela sentiu o ar frio contra a pele. Em poucos instantes a mesma enfermeira espiou atrás do biombo, falando:

— Tire tudo. Não deixe nenhuma peça.

Quando a mulher viu que Victoria havia obedecido, afastou o biombo, expondo a garota nua. Ela permaneceu meio de lado, os olhos baixos. Os cabelos caíam até quase a cintura, presos em parte por uma fivela.

— Fique de costas.

Um dos médicos aproximou-se com a máquina fotográfica, enquanto a enfermeira erguia os cabelos da garota. *Flash, flash.*

"Aaaah... Aaaaaah!"

— De frente agora. Descruze os braços.

Flash, flash, flash. Depois um lado do corpo, o outro. A parte interna das pernas, dos braços, o pescoço. A enfermeira pediu para Victoria sentar-se em uma cadeira e espalhou os cabelos dela, verificando se o couro cabeludo estava em ordem. Por fim, fotografaram mãos e pés.

Terminada a sessão de fotos e todo o constrangimento, Victoria enfiou-se atrás do biombo novamente. A enfermeira estendeu um avental branco.

— Não posso ficar com o meu vestido?

Urros pavorosos e repentinos. "Socorro!" Esses eram novos.

— Não. Vai ser bem mais confortável para dormir com o avental, acredite. Se você for ficar por muito tempo, seus parentes podem trazer outras vestimentas.

— Não! Só fico até amanhã! — respondeu Victoria, com pressa. A enfermeira apenas olhou para ela e não respondeu.

Victoria vestiu o avental de mangas compridas enquanto escutava os comentários da equipe na sala. Nada que chamasse sua atenção. Além do mais, nem teve muito tempo para ouvir, pois logo escutou a voz da enfermeira de novo:

— Entregue também o seu relógio de pulso, esse anel, a correntinha e os brincos — disse.

— Posso ficar com a minha fivela de cabelo? — perguntou Victoria.

— Não, filha. Você não imagina como qualquer coisa pode virar uma arma. — A enfermeira observava para ver se Victoria não tinha mais nada. Depois pegou os sapatos e as meias finas e estendeu um chinelo hospitalar. — Seus pertences ficarão guardados até a sua alta.

— Vou embora amanhã — Victoria falou de novo, sentindo gosto naquelas palavras.

— O doutor disse que você ficará entre vinte e quatro e setenta e duas horas conosco.

O olhar da enfermeira era estranho.

— Não. Só fico até amanhã. Vou apenas fazer uns testes.

A mulher não respondeu, outra vez. E os demais estavam ocupados terminando suas anotações e não prestavam atenção ao que ela dizia.

"Me deixem sair! Quero sa-ir!"

"Socorro!"

"Aaaaaah... Aaaaah..."

— Me acompanhe — pediu a enfermeira, carregando as coisas de Victoria nos braços.

A tarde vinha caindo. Victoria estremeceu, mas não era de frio. Pegaram as mesmas escadas estreitas que ela percorreu antes, com os enfermeiros, e subiram para o último andar. As duas foram caminhando pelo longo corredor, sem falar mais nada. Ali a temperatura estava agradável porque as janelas não estavam abertas e os aquecedores tinham sido ligados.

Mesmo assim, Victoria estremeceu novamente. Diferente do que ela tinha

visto nas fotos para o trabalho escolar, nas reportagens e nas matérias, o ambiente não trazia acolhimento, e a visão dos leitos, muito menos. Eram tantos! A maior parte do hospital estava ocupada. Mas ali no quinto andar também não havia pacientes à vista.

Deve ser o horário. Talvez o banho... ou o jantar...

Fato é que estavam todos nos quartos. Havia salões com leitos coletivos dispostos lado a lado, mas também quartos menores, individuais ou duplos. A maioria era semelhante aos do andar de baixo.

Victoria percebeu que ali, em alguns pontos do corredor, a pintura das paredes mostrava pontos de umidade e bolor. Talvez, por ser o último pavimento do sanatório, houvesse goteiras e infiltrações de água. A verdade é que tudo parecia meio escuro. As lâmpadas, aparentemente, não conseguiam dar conta do tamanho do ambiente ou então era Victoria que estava vendo tudo com lentes de óculos de sol.

O mais perturbador, porém, era a sensação de que os gritos eram intermináveis. Só de estar ali, mais que assustada, Victoria se sentiu triste.

Elas passaram por um trecho de corredor diferente. Havia portas de ambos os lados, com quartos pequenos, claustrofóbicos. Victoria nem sabia mais onde estava.

Finalmente elas entraram em um quarto mais adiante. Comprido, havia janelas grandes e camas enfileiradas, separadas por biombos de tecido. Só deu tempo de Victoria olhar para o rosto das mulheres que estavam ali, todas deitadas, algumas de penhoar e touca, conforme ela seguiu pela fileira de camas. A dela era a penúltima.

Seria impressão ou podia sentir um odor leve de urina disfarçado por cheiro de remédios, ou algo do tipo?

Meu Deus do céu...

A enfermeira parou aos pés do leito que a garota ocuparia. A última cama não estava visível, encoberta por um biombo, de modo que Victoria não viu se havia alguém lá.

Transformada em paciente, Victoria deitou-se, embora fosse a última coisa que queria.

* * * *

A enfermeira de cabelos grisalhos, de quarenta e cinco ou cinquenta anos, tinha acabado de sair. Victoria tentou olhar pela janela e esquecer os gritos, a sensação sombria que a invadia e a necessidade crescente de que os testes começassem de uma vez.

"SOCORRO!" Aquele berro foi particularmente alto. Será que gritavam tanto assim em todos os sanatórios? Será que aquilo era normal? A julgar pela indiferença de todos, não parecia estar ocorrendo nada de mais.

Na cama, Victoria agora podia escutar os gemidos mais sutis que vinham de lugares mais próximos, os lamentos e soluços. Uma infelicidade pairava

por todos os cantos, parecia que escorria pelas paredes e se infiltrava nas frestas das janelas, das camas.

Era diferente do terceiro andar. Ou mesmo do primeiro andar, onde ficava a recepção, e também o escritório do doutor Ralf. Por mais que houvesse caminhado pouco por esses lugares, ainda assim parecia que tinha um clima diferente. Mais leve.

Aparentemente, quanto mais alto subiam, mais carregado ficava o ambiente. Inclusive, foi a partir do quarto andar que Victoria começou a ouvir os gritos.

Para sua surpresa, não se passaram cinco minutos e apareceram os dois enfermeiros que a tinham acompanhado no elevador. Sem sorrisos e sem cumprimentos, postaram-se um de cada lado e pegaram as correias de couro que estavam presas na lateral da cama e foram envolvendo-as nos pulsos de Victoria.

— Não precisam me amarrar! — A jovem protestou, tensionando os braços.

As mãos deles eram como prensas. Apertaram as correias, e ponto-final.

— Eu não vou fugir daqui — falou Victoria com certa ironia, de cara feia.

Aqueles homens pareciam bem broncos para trabalhar em um lugar como aquele.

— É o procedimento padrão. Todos vocês dizem que não vão fugir. — Foi a resposta curta e direta. — O que a impede de descer as escadas e sair?

— O bom senso? — retrucou Victoria.

Uma mulher do outro lado do biombo falou, com voz fraca. Um resmungo, mais para si própria do que para Victoria:

— Todos querem fugir daqui... mas a única saída é a morte.

Um dos enfermeiros sorriu diante do olhar surpreendido de Victoria. A situação parecia ser muito engraçada para ele. Vinda de outro biombo mais perto da porta, outra voz soou, irritada, agressiva:

— Ah, mais uma? Chegou mais uma? Ah! Mais uma no inferno! Mais uma! Mais uma, mais uma...

Victoria havia acabado de passar e *todas* olharam para ela. Como aquela mulher não se lembrava disso?

— Cala a boca! — gritou outra voz. — Cala a boca, sua maldita! Quer visitar o necrotério?

E do corredor, vinda de algum outro quarto, a mesma voz de antes, muito alta e muito agoniada:

— Socorroooo! Socorrooo! *Socorroo!*

Victoria estremeceu. Não ia ser uma noite fácil. Será que os testes eram feitos ali na enfermaria? Quando deu por si, estava sozinha, esquecida em seu biombo. Os dois enfermeiros tinham ido, ela nem percebera. Victoria estava inquieta.

— Quero saiiiiiiir! — Outro urro da mesma mulher.

Estava escuro lá fora. Talvez fosse hora de jantar. Certamente depois dele,

os exames iriam finalmente começar, então ela dormiria e já seria o dia seguinte. Mais alguns poucos testes e iria embora. Às quatro da tarde. Tudo aquilo seria parte do passado e poderia continuar com sua vida.

Porque eu não sou esquizofrênica, logo... isso tudo acaba amanhã.

Uma ideia passou pela mente dela. Será que aqueles pacientes internados eram todos psiquiátricos? A voz de seu pai falando que não se podia desperdiçar um investimento do tamanho de Waverly Hills despencou das alturas e bateu no chão da sua mente. Será? Será que estavam reservando algumas alas para pacientes de psiquiatria?

Estava aflita com aquelas ideias. De repente, o pescoço estava coçando. Victoria esticou-se o máximo que pôde, tentando aproximar o pescoço da mão. Por que justo agora o pescoço coçava? E também sua cabeça? Oh, que aflição! Não era possível coçar aquelas partes, e nem ajeitar o cobertor melhor, pois uma parte tinha ficado presa sob suas costas e incomodava.

Procurou não pensar na maldita coceira, que teria que passar sozinha, sem nem uma coçadinha da parte dela. E o tempo também foi passando. Victoria puxou as pernas para cima, apenas para se movimentar. O cobertor engastalhou um pouco de um lado. Ela baixou a perna correspondente. Queria virar de lado, mas não podia. Precisava ter paciência.

* * * *

O tempo passava. Os gritos diminuíam e voltavam a crescer, em intervalos. Parecia que as pacientes nunca ficariam todas quietas ao mesmo tempo. Victoria estava se acostumando com aquele padrão.

O estômago apertou um pouco. Seria fome? Não sabia dizer. Aliás, aquele jantar estava demorando.

Victoria olhou pela enésima vez na direção da janela que ficava quase na frente do leito dela. O céu estava escuro, com estrelas totalmente escondidas sob as nuvens pesadas de chuva.

Que tempo horrível.

Nada acontecia. Ela parecia abandonada. Suas costas e os pulsos começavam a doer. Se ao menos estivesse com o relógio de pulso poderia saber as horas. Queria saber quando começariam com os testes! Ninguém lhe informava nada!

Então, como aparentemente era assim que funcionava, Victoria decidiu gritar como as outras. Primeiro, com o máximo de educação:

— Por favor, enfermeira! Poderia vir aqui um instante? Enfermeira?

Victoria parou e esperou. Nada. Que droga que sua cama ficasse um tanto longe da porta. Gritou de novo:

— Por favor, enfermeira!

Então ouviu pela primeira vez uma voz que vinha do último leito, aquele que Victoria não sabia se estava ou não ocupado. Era uma voz suave e fraquinha, que parecia a de alguém mais idosa e que lhe respondeu:

— Não adianta você gritar, menina. Ninguém vai vir até aqui.

— Mas como assim? Isso é um desrespeito muito grande! Eu não sou uma "paciente", só vim fazer alguns testes.

Victoria ficou irritada. Gritou ainda mais alto, puxando as correias de couro. Parou de puxar quando os pulsos ficaram vermelhos e as mãos pareciam um pouco inchadas pela circulação ruim. Mas continuou gritando:

— Enfermeira! Eu quero ir ao banheiro! Só ao banheiro!

Foi completamente ignorada. A não ser pela voz ao lado:

— Não adianta, menina. Poupe sua voz.

— Não quero poupar minha voz. ENFERMEIRA! Quero ir ao... — Ela puxou violentamente os pulsos. — Quero ir ao banheiro!

Mas ninguém apareceu e Victoria gritou até cansar. Seus pulsos estavam ficando em carne viva; os dedos, inchados, já doíam para dobrar.

Devia ter se passado mais de uma hora quando veio o jantar. Uma auxiliar empurrava um carrinho com vasilhas de alumínio numeradas. Algumas enfermeiras – nenhuma que Victoria tivesse visto antes – acompanhavam o carrinho, soltando as pacientes, sempre de olho. Devia ser o pessoal do turno da noite, pois os enfermeiros truculentos também não eram os mesmos. Mas, aparentemente, aqueles homens tinham como única tarefa vigiar e acudir em caso de alguma "intercorrência".

Victoria viu que algumas pacientes saíram do quarto. Deveriam comer em algum outro lugar, provavelmente em uma mesa. Outras comeriam ali mesmo. Incluindo a mulher idosa ao lado e Victoria.

Sem dizer nada, a menina pegou a sua vasilha. Os braços também doíam, mas pelo menos *alguma* coisa estava acontecendo. Ela olhou o conteúdo, e não gostou do aspecto. Parecia uma gororoba indefinida. Cheirou. Fez uma careta. Já estava para lá de tanta raiva.

— Você pretende ficar aqui me olhando enquanto eu como? — reclamou Victoria para a enfermeira que estava parada junto ao biombo e a observava.

— Sim. É o procedimento. Você é nova — a mulher respondeu, impassível. — Devo verificar se você vai comer tudo.

Victoria olhou de novo para o interior da vasilha.

— Mas o que é isso, afinal?

— É algo muito nutritivo, desenvolvido pelos nossos nutricionistas. Pelo menos de desnutrição ninguém vai morrer.

— Eu não quero comer isso. Não estou com fome. Até amanhã não ficarei desnutrida.

— Você tem que comer. — A voz não admitiria resistência.

— Mas eu *não* quero.

— Olha só. Você escolhe: fazemos do jeito fácil ou do jeito difícil. Você pode comer sua refeição por bem ou vamos colocar um funil na sua garganta e a faremos engolir tudo do mesmo jeito.

A mulher falou com muita convicção. Victoria não duvidou nem por um instante que eles fariam exatamente aquilo. Então era por isso que a gororoba

era pastosa – para poder ser enfiada goela abaixo de quem a recusasse. Inimaginável!

Furiosa, Victoria olhou para a mulher com olhos chispando; então pegou a colher e comeu tudo de uma vez, o mais rápido possível, sem nem sentir direito o gosto.

— Pronto. Está feliz? — Victoria largou a colher na vasilha.

— Muito. — A enfermeira estendeu um copinho de plástico com vários comprimidos diferentes dentro. — Agora você toma os remédios.

— Certo. Já vou tomar.

A enfermeira encheu outro copo com água.

— É para tomar *agora*.

Um enfermeiro brutamontes estava parado perto do biombo. Victoria pegou dois comprimidos iguais, primeiro, e colocou-os na boca. Bebeu um gole grande de água e tentou o velho truque de engolir a água, mas não os comprimidos. Talvez conseguisse fazer isso com todos.

Não funcionou. A mulher apertou a boca dela como se fosse a de um bebê e olhou dentro. Os comprimidos escaparam debaixo da língua. Aquelas enfermeiras deveriam estar muito acostumadas a fazer esse tipo de coisa.

— Trate de tomar isso — ordenou. — É para você engolir.

Não havia jeito. O copo com água foi erguido na direção dela mais uma vez.

— Mas que remédio é esse?

— Um remédio para você melhorar.

Desconfiada, Victoria depositou os dois comprimidos de volta no copinho que a mulher segurava.

— Vim aqui fazer uns testes, e não tomar remédios que nem sei o que são. Sou uma cidadã americana, e você não pode me obrigar!

— Não posso? — Ela deu uma olhada para o brutamontes, que avançou na direção de Victoria e segurou seus braços enquanto a enfermeira abria a boca da garota mais uma vez. — É para você *engolir*! — disse, com rispidez.

Indignada, Victoria cuspiu os comprimidos à medida que iam sendo postos em sua garganta. Mas eram dois contra um. O homem colocou a mão, pesada e pegajosa, sobre o rosto dela, tampando seu nariz e mantendo a cabeça dela firmemente prensada contra o próprio peito.

Victoria sentiu alguma coisa se acendendo dentro dela, uma raiva cega, e começou a chutar e a se contorcer. Um terceiro sujeito veio em auxílio dos outros dois, e ela foi segurada de tal forma que não conseguia se mexer, nem respirar, com aquela mão nojenta que segurava seu rosto e tampava seu nariz. Ela *teve* de abrir a boca.

Imediatamente, Victoria sentiu que seu maxilar foi erguido com violência para cima, ao mesmo tempo em que alguém segurava com força a arcada dentária inferior. Era impossível fechar a boca – bem que ela tentou! Os comprimidos foram enfiados de qualquer jeito e a água foi derramada por cima. Victoria a engolia o que não se derramava sobre a camisola.

Victoria tentava gritar, mas, com a boca presa daquele jeito e a água se

esparramando, tudo que conseguia era emitir sons furiosos que vinham do fundo da garganta. Ela engasgou e tossiu convulsivamente. Por fim, a largaram. Os três enfermeiros lançaram olhares para ela como quem diz: "Aprenda logo quem é que manda aqui".

Toda aquela medicação – uns sete ou oito comprimidos – estava agora em seu estômago. Victoria olhou para eles cheia de fúria, mas, sem dar atenção a isso, os dois homens aproximaram-se para prender novamente as correias em seus pulsos. Victoria puxou os braços:

— Eu quero ir ao banheiro primeiro!

Ninguém respondeu. Um dos homens então segurou as pernas da jovem contra o colchão, enquanto a mulher segurava um dos braços. O terceiro foi afivelando as correias com força.

— Quero ir ao banheiro! — Victoria gritou, com voz aguda. — Vocês são surdos?

— Se você não ficar quieta — disse a mulher, olhando-a firmemente. — Vou prender suas pernas também.

— Mas eu preciso ir ao banheiro!

— Essa aqui vai dar trabalho, pelo visto... — resmungou um dos homens.

— É, estou percebendo — respondeu a enfermeira, de cara amarrada. Aparentemente, Victoria representava um contratempo desagradável em sua noite de trabalho perfeita. — Vou ter que chamar o doutor.

Todos saíram da "baia" dela. Victoria se esticava, mas era impossível ver muita coisa além dos biombos. Então, ouviu mais uma vez aquela voz fraca vinda do último leito.

— Não conteste o doutor, menina... concorde... só concorde com tudo que ele disser.

Presa de novo, Victoria não respondeu. Estava toda suada, molhada com a água que caíra em sua roupa, descabelada. Até o lençol embaixo dela estava molhado. Os pulsos doíam. Estava estarrecida com o tratamento recebido. Não era possível que aquele fosse o procedimento padrão. Ah, quando contasse isso aos pais no dia seguinte!

Tentou se acalmar. Encostou a cabeça no travesseiro, que agora estava em uma posição incômoda, só que não tinha como ajeitá-lo. Mas Victoria não conseguia relaxar, atenta a qualquer movimentação ao redor. Por alguns instantes, os gritos pareceram parte do ambiente, agora ela os ouvia novamente.

O tempo foi passando e nada acontecia. A que horas iriam fazer os novos exames? Aos poucos, a gritaria foi diminuindo. Pelo menos, perdendo a intensidade. A julgar pela quantidade de remédios que ela mesma havia tomado, Victoria supunha que os calmantes estavam fazendo efeito nos pacientes, para garantir sossego durante a noite. Em algum momento eles tinham que descansar, afinal.

Victoria não sabia se tinha, ela própria, tomado algum calmante, mas, independentemente, Victoria se sentia bem desperta. A noção de tempo,

porém, parecia perdida. Não havia relógio, e ela estava presa ali fazia horas.

Tentou fechar os olhos e imaginar que estava em outro lugar, mas a inquietação a dominava. E agora, realmente, a vontade de usar o banheiro estava incomodando. Alguém estava chorando baixinho ali mesmo, no quarto dela, mas Victoria não sabia em qual leito.

* * * *

Passos aproximaram-se, cada vez mais altos. Victoria ficou atenta.

O rosto do doutor Ralf Muller apareceu na baia de Victoria. Vinha acompanhado dos dois brutamontes de antes. Eles pareciam mais dois guarda-costas do que pessoal de hospital. Victoria já tinha entendido *muito bem* o motivo de haver esse tipo de pessoa na enfermaria.

Não houve cumprimentos. O médico tinha o rosto sério, para não dizer carrancudo. Aproximou-se da cama dela. Bastante. Ficou bem ao lado da cabeceira e olhou fundo nos olhos de Victoria.

— Você pretende continuar causando problemas?

O cheiro de bebida invadiu as narinas dela, e Victoria tentou recuar o rosto, no entanto não havia saída. Ele não estava bêbado; mas, certamente, gostava de uma dose ou outra nas horas vagas.

— Não, não pretendo causar problemas. Eu só gostaria de saber quando faremos os testes.

Enquanto Ralf Muller aproximava o rosto tão perto do dela que os narizes quase se tocaram, ele respondeu, em um tom baixo e controlado:

— Faremos quando eu decidir que é a hora.

— Mas meus pais virão me buscar aman...

— Faremos quando eu decidir que é a hora.

Ele afastou o rosto dela um pouco, e Victoria respirou melhor. Achou por bem não contestar, conforme havia dito a senhora ao lado. Com voz contida, pediu:

— Eu realmente preciso ir ao banheiro.

— Você irá ao banheiro quando nós dissermos que é para ir.

Victoria torceu para que suas feições não demonstrassem a raiva que a invadiu diante daquela resposta. Além disso, aquele maldito sotaque dele a estava irritando.

— Eu preciso ir agora, doutor... — falou Victoria, quase entredentes.

— Não é hora de ir ao banheiro. Aqui temos hora para tudo. — De novo, ele aproximou o rosto do de Victoria. — Tem hora para ir ao banheiro, tem hora para comer, tem hora para tomar banho, hora para tomar sol. Temos hora para tudo, e você precisa aprender isso *logo*. Sabia? Precisa aprender que no mundo existem regras! — O tom de voz do médico ficou mais severo. — Pessoas *desajustadas* como você não entendem as regras da sociedade, não as respeitam! Querem regras especiais a cada piripaque que têm.

Victoria obrigou-se a fixar os olhos nos dele, perplexa.

— Você está dizendo que sou desajustada? Quer dizer, nesse curto período de tempo em que estou aqui, você já tem um diagnóstico fechado? Não foi isso o que você disse aos meus pais.

— Sou psiquiatra, mocinha — falou acompanhado de um sorriso sarcástico. — Sabe, tive pena da sua mãe, que me pareceu uma mulher distinta e que não merecia uma pancada tão forte da vida, assim, de repente. Vamos deixar ela se acostumar aos poucos com a realidade.

— Que... que realidade? — indagou Victoria, com a voz ligeiramente trêmula, e se odiando por sua fraqueza.

— Eu conheço uma maluca de longe, minha cara. É por isso que você vai passar uma *longa* temporada conosco.

Victoria ergueu a cabeça, aproximando-se do rosto do médico. Fechou as mãos em punho, mesmo sem perceber.

— Ah, não vou, não. Amanhã meus pais estarão aqui para me pegar. Eu só fiquei aqui para uma avaliação mais completa, como o senhor mesmo disse.

— Isso. O combinado foi que você seria a-va-li-a-da. Já liguei para seus pais, avisando, e eles não virão amanhã.

Victoria sentiu o peito subitamente queimando por dentro. Um calor que começava no centro dela e se espalhava. E enquanto se espalhava ia ficando frio, cavando buracos dentro dela, onde o medo e a impotência tentavam se esconder, se refugiar, para não virem para fora em um jato de pânico.

— Mas... o senhor não pode me manter aqui.

O médico sorriu ao ficar com o corpo ereto.

— Não posso? Você está *louca*, fora da realidade. Eu tenho anuência de seus pais para fazer o que julgar necessário. Tudo para que a filha deles fique boa.

— Não. Eu estou aqui apenas para... — A garota não encontrava palavras melhores. — Para uma breve avaliação!

— Sim. Eu disse isso, não foi? Mas veja só, você preferia que eu dissesse à sua mãe que estava internando por tempo indefinido a filhinha de cristal dela em um manicômio? Como eu já disse — ele frisou bem —, senti pena dela. Acho eu que você ficará aqui conosco por um bom tempo.

Victoria não soube o que responder. Ao lado dos buracos cheios de medo e impotência cavados em seu peito, ela percebeu o coração ribombando contra as costelas e a respiração ficando mais curta. O doutor Ralf Muller lançou o último olhar gélido para a paciente e virou as costas.

Antes de ele sair, seguido pelos "guarda-costas", Victoria gritou:

— Preciso ir ao banheiro!

— Faça aí mesmo.

* * * *

A noite foi horrível.

Os remédios deixaram-na zonza. Depois que o médico saiu, Victoria puxou

e repuxou as correias, apesar de os pulsos já estarem feridos. Sentia ira, medo, tristeza, uma mistura excruciante que só ficou menos intensa quando um torpor começou a pairar sobre ela.

Victoria cochilava, mas acordava logo, pelo menos assim lhe parecia. Por causa do desconforto de não poder se mexer, das mãos inchadas e da vontade aguda de esvaziar a bexiga. Ou, então, talvez não tivessem lhe dado uma dose muito alta de calmantes – mas ao se lembrar da quantidade de pílulas ingeridas, ela afastou a hipótese.

Talvez eu esteja agitada e preocupada demais.

Sempre que se via desperta, ou *meio* desperta na penumbra do quarto, Victoria sentia um cansaço desproporcional. Seu corpo parecia em frangalhos, mas o alívio do sono profundo não vinha. A noite parecia eterna. Por trás do véu das drogas, tudo parecia meio distorcido, e não apenas o tempo.

Mesmo assim, volta e meia, ainda gritava para ir ao banheiro. Quando abria os olhos, era difícil focar em qualquer coisa, e não era só por causa da penumbra. Mas houve vezes em que achou ter visto alguém passando perto da cama – certamente uma enfermeira –, e Victoria falava alto e gritava. Bem mais do que ela teve realmente consciência.

Os sons lhe pareciam incômodos, e a risada de enfermeiras no corredor soava estridente. Às vezes sentia o ambiente rodar, como se estivesse em um barco em alto-mar. Ela gemia e reclamava, meio fora de si.

Vencida pelas drogas e pela exaustão, em algumas horas Victoria apagou. Acordou com vultos perto dela, e ouvia coisas do tipo: "Acho que vamos ter que colocar uma camisa de força nela". Victoria não sabia se era um sonho ou realidade.

Quando o dia amanheceu, vieram abrir as cortinas e o sol escorreu sobre a parte superior da cama dela. Somente neste momento Victoria percebeu que estava posicionada perto de uma das portas-balcão que dava na varanda.

Ainda cheia de sono, ela reconheceu a mesma enfermeira mais velha que a havia recebido na véspera. O turno da manhã de novo. A cabeça pesava, os olhos dela estavam turvos. O corpo doía de ficar na mesma posição.

O grupo sumiu e ela ficou ali, tentando acordar e desanuviar a cabeça. O cheiro de urina que sentiu na véspera não era impressão sua. Na verdade, as macas fediam, aqueles corpos fediam a excrementos, a sangue... a... Foi quando Victoria sentiu a poça molhada sob seu corpo e percebeu o forte cheiro de urina.

Aquilo não podia ter acontecido...

— Eu... eu pedi para ir ao banheiro... — murmurou, muito envergonhada, quando apareceu uma nova enfermeira, que ela não reconheceu. — Acho que não consegui segurar.

Um ar de pouco-caso foi tudo que Victoria recebeu. A mulher estava acompanhada de dois "guarda-costas", e aproximou-se para soltar as amarras. Em seguida, pegou uma bandeja do carrinho estacionado atrás dela. Victoria afastou-se da poça de urina, ficando mais perto dos pés da cama.

— Aqui está o seu café da manhã.

Victoria olhou: uma torrada com ovo por cima e um pouco de leite. Pelo menos ela conseguia reconhecer o que estava comendo. Enquanto a enfermeira saía, a jovem ficou escoltada pelos brutamontes. Fez o possível para ignorar a presença daqueles homens e ficou meio de costas para eles, virada para a porta-balcão.

Resolveu beliscar um pedaço do pão. Estava bom. Enquanto comia, a enfermeira retornou com lençóis limpos. Victoria suspirou aliviada. Também lhe foi entregue um novo avental, mas ela não tinha roupas de baixo limpas. Mesmo assim a mulher mandou tirar as que estava usando. Victoria ficou muda. Ainda estava zonza.

— Não queremos você com infecção nas partes, não é mesmo? Ou assaduras que irão infeccionar e apenas nos dar trabalho para tratá-las.

Mais do que envergonhada, Victoria tirou a lingerie e a colocou sobre a mesinha de cabeceira ao lado da cama, uma bolotinha apertada.

— Vamos pedir para sua família mandar algumas roupas.

Victoria não teve forças para retrucar. Sua alta hospitalar não dependia daquela mulher, e sim do doutor Ralf. Sem vontade de comer, a garota empurrou forçosamente a comida até o fim, já que seu estômago parecia ter encolhido.

Então, ela foi novamente atada às correias. Com a diferença de que, antes, a enfermeira fez um curativo nos pulsos dela.

— Pare de puxar as amarras — disse ela, com ar sério, olhando o rosto de Victoria. — Senão, esses ferimentos vão piorar mais.

— Não vão me soltar?

— Ainda não.

— Quando, então?

— O doutor Ralf é quem decide.

Ela pegou a bandeja vazia, a calcinha de Victoria e voltou pelo mesmo caminho. Os brutamontes a acompanharam. Mesmo com os lençóis novos, o colchão ainda estava molhado. Claro que, se esse era o procedimento padrão, a enfermaria *inteira* iria cheirar a urina e fezes.

Algum tempo depois – Victoria não sabia precisar quanto –, a enfermeira mais velha chegou à baia de Victoria. Trazia consigo uma bandejinha de alumínio com seringas preparadas.

— O que é isso?

— Ordens do médico.

— Mas *o que* é?

— Medicação para você melhorar, filha.

— Mas... não pode me dizer o nome, pelo menos?

— Com certeza não é nada que você conheça.

Victoria tinha visto, rapidamente, enquanto ficara mais perto dos pés de sua própria cama, que praticamente todos os biombos estavam fechados e afastados das camas das pacientes – o que permitia uma visão melhor do

ambiente.

— Você não vai tirar o meu biombo daí?

— Ainda não.

— Por quê?

— Você é nova. Até se estabilizar, melhor se resguardar.

— Ou é porque não querem que as outras vejam o que vão fazer comigo?

— Todas sabem o que ocorre aqui. Estique o braço.

A mulher apertou o garrote no braço de Victoria, pegou a veia e injetou lentamente as drogas. Será que era porque ela tinha dado trabalho para engolir os comprimidos na véspera? Ou porque notaram que ela mal dormiu, e precisava de doses maiores?

Fato é que, em instantes, tudo estava escuro. E Victoria não viu mais nada.

CAPÍTULO 15

Em algum momento...

Que momento?

Quanto tempo havia se passado?

Impossível saber.

Quando Victoria teve consciência de si novamente, ela sentia uma forte dor no pescoço e na cabeça. A boca estava seca, grudando, com gosto ruim. Engolir era difícil, mas também porque a garganta parecia queimar. Teria... gritado? Muito? Ela não se lembrava.

Onde estava?

Tentou erguer a cabeça, mas estava pesada demais. Os músculos da parte posterior do pescoço pareciam estirados ao máximo, há tempos, a julgar pela dor. Então Victoria esforçou-se para abrir os olhos, porém as pestanas estavam grudadas – isso acontecia quando ela chorava antes de dormir. Teria chorado, então? Ou... o quê?

Victoria forçou a abertura ocular, mas realmente não estava conseguindo; quando estava prestes a desistir e cair de volta no sono, sentiu algo frio e molhado na pele do rosto. Ergueu a cabeça diante do estímulo e tentou projetar o corpo para trás. Só então percebeu que estava sentada. Por isso o pescoço ficara pendendo para a frente por... quanto tempo? Não sabia.

— Tenha calma — disse uma voz masculina, que não era a do doutor Ralf, felizmente.

Victoria percebeu que o dono da voz passava algo úmido sobre seus olhos, uma gaze molhada, talvez. Enquanto ele fazia isso, Victoria tentava, por todos os meios, puxar os braços, cruzados sobre seu peito, para longe do corpo. Não era possível. Victoria tentou se mexer, de algum jeito, e percebeu que não podia. Nem as pernas.

Ela começou a gemer, a choramingar.

— Calma — repetiu a voz.

Finalmente! A água descolava suas pálpebras, e Victoria conseguiu abrir os olhos. Assustada, olhou em volta, mas tudo estava enevoado. Esperou as coisas entrarem em foco. Esperou que algo fizesse sentido.

Ela estava amarrada. Em uma camisa de força, e isso a perturbou. Demasiadamente. O estresse de ver-se daquele jeito acordou de vez a mente dela. Não estava em sua baia, nem no quarto. E o pior: diante dela o doutor Ralf jazia estacado, bem à sua frente. Estavam em uma sala, e outros três homens de avental branco os acompanhavam.

Victoria olhava de um para outro, e eles a olhavam de volta. Olhavam... e

nada.

— Você sabe quem é? — indagou um dos homens, por fim.

A boca estava muito seca, os olhos ainda turvos, mas Victoria respondeu:

— Sou Victoria.

— Qual o seu nome completo?

— Victoria Ann d'Angerville.

— Sabe onde mora?

Ela deu o endereço completo. Estaria em uma consulta? Seriam, finalmente, os malditos testes?

— Quantos anos tem?

— Dezessete.

Uma pausa. Anotações.

— Você está escutando vozes agora?

— Não. — Ela encarou o médico que a interpelava. E acrescentou: — Só a voz de vocês.

Aparentemente, o doutor Ralf não gostou do comentário.

— Você está brincando conosco, mocinha?

— Não. Só disse que estou ouvindo a voz de vocês perfeitamente. — Ela se sentia bem desperta agora. Talvez pelo estresse que significava estar ali, amarrada, e à mercê deles. — Sinal de que eu não estou surda, não é mesmo? Então vocês podem me tirar desta camisa de força agora?

O doutor Ralf ficou olhando fixo para ela, por trás daqueles óculos redondos, enquanto os outros três se entreolhavam.

— Bem... — falou o doutor Ralf, que deveria ser realmente o médico-chefe. — Eu preferiria não ter que usar de minha "hospitalidade" para com você neste momento. Acho que você já notou que, aqui, tudo pode ser feito do jeito fácil ou do jeito difícil.

Victoria ignorou o comentário.

— O jeito fácil é o seguinte: não ouço vozes, não estou surda, dormi muito bem, graças ao seu coquetel de drogas, sem pesadelos e sem pânico apesar do modo como fui tratada. Estou ótima. Então... imagino que os testes acabaram!

— Por que você acha que está nessa camisa de força, menina?

Victoria olhou fixo para ele. Depois falou entredentes:

— Não faço a mínima ideia, doutor Ralf.

O médico que havia limpado a secreção seca de seus olhos falou um pouco, talvez na tentativa de salvar a situação. Nem por isso ele soava mais simpático que seu chefe.

— Estamos começando a tratá-la, Victoria. Para isso, precisamos verificar vários parâmetros. Na primeira noite, esperávamos que você dormisse profundamente, e não foi o que aconteceu. Pode ter sido a ansiedade, mas o fato é que você se mostrou muito resistente. Por isso, temos que ir ajustando as medicações. Além disso, é importante avaliarmos diariamente sua consciência perante a realidade, a formação dos seus pensamentos, o seu humor e as suas emoções. Por que está tão irritada?

— Estou irritada... — Victoria até fechou os olhos por um instante, contendo a raiva. — Porque vocês mentiram para mim, não me deixaram sequer ir ao banheiro, assim que cheguei me amarraram como se eu fosse uma assassina perigosa, e ninguém, absolutamente ninguém, me explica o que está acontecendo!

— É um período de adaptação.

— Adaptação? A quê?

— À rotina do sanatório, aos medicamentos. Os primeiros dias são importantes. Como eu disse, estamos começando a tabular as dosagens dos seus remédios e ver como você reage. É um trabalho moroso, e leva algum tempo.

— Então, os tais testes que iam levar uma noite...

— Não queríamos ter que trazer você amarrada para a enfermaria. Era melhor que viesse por si mesma.

— Mentindo para mim e para os meus pais?!

— Vamos nos concentrar no trabalho a ser feito? Teremos que verificar que drogas melhor servirão para o seu caso, e em que dosagem. Se você colaborar, ajuda.

— Quanto tempo isso leva?

— Algumas semanas. *Se* você colaborar.

— Semanas?

— Melhor isso do que ficar por aí como louca, com os sintomas que descreveu e sem tratamento.

Victoria ficou quieta por algum tempo. Os médicos faziam anotações, compenetrados. Mas ela percebeu que o doutor Muller a encarava com olhos zangados. Era como se ele não gostasse dela, de graça. Por quê?

— Vamos continuar nossa conversa? — disse Muller, por fim, em tom seco.

Victoria assentiu quase imperceptivelmente. Ele continuou fazendo perguntas sobre como se sentiu com a medicação, e como estavam os sintomas. Quando aquilo terminou, a jovem inquiriu:

— Por que estou em uma camisa de força?

— Porque você se recusa a tomar os remédios.

— Mas eu tomei injeções.

— Estou falando dos comprimidos.

— A enfermeira me fez tomar, antes do jantar.

— Isso foi no primeiro dia, e tem sido assim desde então. Acha que vamos passar por esse malabarismo toda vez? Você não é a única paciente neste sanatório. Não podemos perder tempo precioso a cada vez que você tem que engolir uma maldita pílula.

— Como assim, "no primeiro dia"? Isso foi ontem, não?

— Faz quatro dias que você está aqui — respondeu o doutor Muller com ar de extrema satisfação. — Cabe a você manter um comportamento aceitável e verá como as coisas melhoram.

Victoria estava muda, perplexa, estupefata. Quatro dias! Ela não se lembrava de ter comido, de ter acordado e dormido... e...

— Vocês vão me deixar assim? — perguntou, agora assustada. — Tão dopada que não sei o que ocorre, nem em que dia estamos, nem nada?

O doutor Muller não respondeu.

— Terminamos por hoje.

Ele abriu a porta da sala e chamou alguém pelo nome. Um "guarda-costas" apareceu.

— Mas... — Victoria tentou se mexer, mas era impossível. Ela gritou, de puro desespero. Estava acordada agora, porém no próximo minuto poderia não estar mais; e o que fariam com ela? — O senhor não pode me deixar *assim*, doutor Ralf!

O enfermeiro foi levando a cadeira de rodas para fora da sala.

— Doutor Ralf! Por favor! Me solte! Eu *tomo* os comprimidos, mas me solte! Por favor!

Era o fato de ter ficado fora de si, por quatro dias, que a apavorava completamente.

— Doutor Ralf! — Victoria gritava ainda mais alto, conforme sua cadeira era empurrada corredor afora. — Por favor! *Me solte! Me solte!*

Na sala, os médicos terminaram as anotações como se nada de mais estivesse ocorrendo – como sempre.

— Essa aí ainda não está domada — disse um deles.

— Mas vai ser. Vai ser. Ela ficará mansa igual a um carneirinho — respondeu Ralf Muller, com um sorriso que mais pareceu um esgar. — O pai dela me contou sobre as impressões do médico da família: histeria.

— Esquizofrênica e histérica?

— Bem, é o que parece — opinou um terceiro médico.

— Hoje foi o primeiro dia em que a paciente mostrou um pouco de consciência, diante de nós. Não é cedo para fecharmos diagnóstico? Até então, nos outros dias, estava totalmente afundada — comentou o médico que havia limpado os olhos de Victoria.

— Não estamos "fechando" diagnóstico, doutor — interveio Ralf Muller, com semblante fechado. — São *hipóteses* diagnósticas. Quanto ao fato de ela estar "afundada", não há outro modo de estabelecermos as dosagens medicamentosas corretas para ela. Na primeira noite, eu esperava que ela dormisse profundamente, mas não foi o que aconteceu. Agora, vamos rever a prescrição. — Muller comandou. — Acho que vamos precisar iniciar também as medidas alternativas.

* * * *

Apavorada e perdida, Victoria sentiu-se petrificada diante do fato de não se lembrar dos últimos dias! O enfermeiro girou a cadeira de rodas para colocá-la diante do elevador, e o mundo ao redor girou junto. Portas, janelas,

paredes e chão, tudo girou. A náusea a invadiu e Victoria sentiu como se fosse desfalecer. A certeza de que, estando ali ficaria indefesa, *completamente* indefesa... atingia-a como um tijolo na cabeça.

A garota lembrou-se do olhar que viu Ralf Muller lançar ao pai dela no final da consulta, quando estavam todos no consultório dele. Naquela hora Victoria se questionou se tinha sido só uma impressão, mas agora...

Ela não queria pensar naquilo, não queria ter razão. Não queria nem imaginar que o médico e Mr. Milton pudessem mesmo se conhecer de antemão, e a internação dela estivesse relacionada ao que havia descoberto sobre as armas de guerra.

Tipo... um castigo...

Victoria começou a chorar.

* * * *

Quando passaram pelo corredor do quinto andar, Victoria viu a senhora grisalha saindo da estação de enfermagem.

— Oh, você já voltou, Victoria. — E para o "guarda-costas": — Deixe a cadeira ao lado da cama dela, já estou indo.

Victoria continuava chorando baixinho, os soluços saíam do fundo da alma. O homem entrou no quarto e deixou a cadeira de rodas ao pé da cama que devia ser a dela. Victoria não tinha muita certeza. Mas, ao contemplar o biombo fechado e uma mulher mais velha dormindo na cama do fundo, perto da parede, teve certeza de que era ali.

O brutamonte foi embora sem se despedir. *Imbecil!* Para fazer aquele tipo de trabalho, *daquele* jeito, como se lidasse com gado, só tendo desvio de caráter. Deviam escolher a dedo aqueles tipos!

Então, uma palavra despontou na mente dela, uma lembrança: "Manicômio". Foi este o termo utilizado pelo doutor Ralf, ela agora não se lembrava bem de quando havia sido, mas ele tinha dito isso, exatamente isso! Um jorro de fúria invadiu o coração de Victoria, revolta e conturbação mesclando aquele sentimento primitivo e poderoso. Ela não tinha como limpar o rosto, cheio de lágrimas escorridas, mas percebia adrenalina correndo nas veias, como fogo líquido.

Aquele fogo líquido fazia as lágrimas cessarem, deixando só espaço para a fúria e para a revolta. Victoria começava a entender o motivo de tantos gritos naquele lugar. Ela mesma já tinha gritado tanto!

A enfermeira que "já estava vindo" demorou um tempão, e ela ficou ali, na cadeira de rodas, presa à camisa de força. Viu que algumas pacientes estavam em suas camas, todas dormindo. É claro. Deviam tomar doses cavalares de "medicação" – esse era o termo politicamente correto para o que faziam com elas.

Por fim, a mulher grisalha chegou.

— Por que estava chorando? — indagou, aproximando-se de Victoria.

A menina não respondeu. Apenas enviou um olhar na direção dela, que dizia tudo. A enfermeira começou a soltar uma das correias que prendiam os pés da paciente à cadeira.

— Então é isso que vocês fazem aqui? Entopem as pacientes com drogas, para quê? Terem sossego? Não serem incomodados pelas "loucas"?

— Calma, filha...

— Calma?

A mulher, abaixada aos pés da cadeira, ergueu os olhos para Victoria.

— Se você não se comportar, terei que chamar o enfermeiro — avisou.

— Claro, claro! — Victoria sabia que, se continuasse agindo daquele jeito, seria pior. Mas não conseguia se controlar. — É isso que fazem por aqui, já entendi! Tudo na base da força bruta!

A enfermeira suspirou, foi até a porta do quarto e chamou alguém. Quando o brutamonte assomou à porta, o mesmo que saíra sem se despedir, a fúria de Victoria triplicou. Assim que o sujeito aproximou-se, Victoria impulsionou a perna que já estava com a amarra meio solta e quase – *Quaaaase, maldição!* – acertou um chute bem centralizado no estômago do imbecil. Mas o homem devia passar por isso o tempo todo e esquivou-se sem dificuldade.

— É uma verdadeira onça, essa daqui! — disse ele, sorrindo para Victoria, como se já a conhecesse de uma vida inteira.

Victoria gritou de ódio, alto e forte, sacudindo a cabeça, a única parte do corpo que conseguia mover depois que ele prendeu a perna dela outra vez. Os cabelos caíam sobre o rosto, entravam em sua boca.

— O doutor Ralf mandou dizer que, se ela se mantivesse nesse estado aqui na enfermaria, iríamos começar a hidroterapia. — A voz da enfermeira estava turvada pelos gritos de Victoria. — Ajude-me a levá-la até lá. Ou melhor! Deixemos que ela espere *aqui.* — Lançou um olhar significativo ao homem, o que passou despercebido a Victoria, com os cabelos caídos sobre o rosto. — Vou primeiro preparar a água, depois chamo mais alguém.

* * * *

— O que vocês vão fazer comigo? — Victoria continuava berrando, olhando para o enfermeiro postado perto dela. — *O quê*? Alguém pode me dizer?

O homem ignorou-a por completo. Com as mãos atrás das costas, foi até a varanda, ficou olhando a vista. Que raiva, que raiva, que raiva terrível! Aquele fogo líquido inflamava as veias da garota, caía direto no coração e era bombeado para o cérebro, e o deixava queimando! E porque queimava insuportavelmente é que Victoria ficou reclamando e gritando o tempo todo. Já que estava acordada pela primeira vez em *quatro* dias, eles que escutassem sua revolta por completo.

— Me tirem daqui! Me sol... Arrrrgh! — Uma tentativa de morder a camisa de força. — ME SOLTEM!

As pacientes do quarto observavam Victoria com olhares sem luz, como se alguém as houvesse apagado. A senhora ao lado continuou dormindo, a boca aberta, a saliva escorrendo, em sono mais que profundo. E havia uma mulher jovem, duas camas adiante, que nem parecia notar o escândalo; apenas se ocupava em fazer caretas com a boca e em torcer as mãos, em pé ao lado da porta-balcão.

Alguns minutos depois, a enfermeira grisalha retornou, acompanhada pelo brutamonte número dois. A mulher empurrou a cadeira de Victoria para fora do quarto.

— Para onde está me levando? — perguntou Victoria, virando a cabeça para trás o tanto quanto podia.

— Que tal um banho? — Ela sorriu. — Desde que você chegou, não pudemos levá-la para o banho.

Victoria ficou quieta por alguns instantes, piscando para a enfermeira. Não poderia ser assim tão simples, tranquilo e direto. Um banho seria um prêmio. Prêmio que o doutor Ralf não lhe daria; não era possível.

Mas ela calou-se por um pouco, até entrarem em uma sala com várias banheiras próximas umas das outras. Havia apenas uma janela pequena na parede dos fundos. Entretanto, não parecia um salão de banho, afinal as banheiras não ofereciam privacidade, apenas estavam ali, lado a lado, expostas, como se fossem camas em um quarto.

Ao vê-las, Victoria começou a se inquietar novamente. Iriam tirar sua roupa na frente daqueles homens? Iriam colocá-la no banho diante de quem quer que, porventura, passasse por ali?

Levada até a banheira mais ao fundo, que estava cheia de água, o brutamonte número dois aproximou-se para desatar as correias dos tornozelos. Antes que o fizesse, contudo, Victoria questionou a enfermeira:

— Você vai tirar minha roupa na frente deles?

A enfermeira aproximou-se de Victoria e falou com voz calma, olhando nos olhos dela. Mas sem maldade. Isso Victoria conseguiu notar, mesmo em meio àquele pesadelo. Era um olhar diferente, que não mostrava regozijo com a situação, mas agia para o bem da paciente – ou o que consideravam que era o "bem" para ela.

— Esse é um tratamento para você se acalmar. Você está agitada demais, prejudicando sua recuperação. Vamos optar por não sedar você, por enquanto. A água estará fria, e ficará aqui por algum tempo e ver como seu cérebro reage à hidroterapia.

O brutamonte número dois soltou as pernas dela da cadeira. Victoria ficou quietinha, esperando estar livre, e antes que o homem se afastasse, levou um chute na coxa e outro de raspão no braço.

— Assim não dá! — reclamou o homem, tentando esconder a ira.

O outro aproximou-se e, somando forças, seguraram as pernas de Victoria. Elas não ficariam soltas, colocaram uma correia avulsa em torno delas. Então, levantaram a jovem da cadeira e a arrastaram, enfiando-a na banheira.

Victoria gritou e urrou ao sentir a temperatura desconfortável, a água encharcando a camisa de força e entrando em contato com sua pele.

Tentou bater as pernas juntas e molhar todos eles, mas prenderam seus joelhos. O máximo que Victoria conseguia era se contorcer um pouco, o que já estava a deixá-la exausta.

Victoria começou a choramingar:

— Não... não... por favor... eu vou me afogar toda amarrada nesta banheira!

— Não vai se afogar. Tenha calma — falou a enfermeira.

— É só isso que você fala, mas que *merda*! Para eu ficar calma, ficar calma! Não dá para ficar calma!

As pernas estavam contidas, o corpo estava contido; seu pescoço foi apoiado contra uma pequena almofada, e então colocaram um tecido tão grosso quanto a camisa de força sobre ela. Esse tecido era quase como uma segunda camisa de força, amarrada fortemente em torno da banheira por múltiplas correias, e que deixava apenas o pescoço de Victoria para fora. Não exatamente para restringir ainda mais os movimentos dela, mas para manter o seu corpo imerso por completo na água. O espaço estreito em torno do pescoço não a sufocava, porém impedia que se matasse afundando a cabeça para dentro da banheira.

* * * *

Victoria estava sozinha. A luz do quarto havia sido apagada e uma cortina espessa foi puxada sobre a única janela – o que significava que o ambiente estava praticamente escuro, mesmo sendo dia ainda, lá fora.

Victoria gritou e xingou por certo tempo. Esteve tão suada e acalorada, de tanto fazer esforço dentro da camisa de força, que um banho de verdade talvez pudesse acalmá-la. Mas aquilo...

À medida que Victoria passou a gritar menos, e ficou parada dentro da água, o frio começou a entrar em ação. A fúria flamejante latejava por dentro, mas começou a arrefecer. A cólera transformou-se em frustração, depois em profunda tristeza. Ela desatou no choro, outra vez, enquanto o corpo tremia.

* * * *

— Nunca entendi por que enfiá-las na água desse jeito. — Havia comentado o "guarda-costas" número dois, que tinha tomado os chutes, quando estavam fora da vista da paciente.

Ele era o mais novo ali. A enfermeira suspirou:

— Os psiquiatras dizem que a água tem elevado potencial curativo. Banhos superquentes ou muito frios podem tratar vários transtornos mentais. Um paciente apático e melancólico pode melhorar com a água quente, bem como

aqueles com insônia persistente ou ideias suicidas. No caso de agressividade, hiperagitação e descontrole emocional, como é o da Victoria, usamos água fria. É um tratamento muito eficaz, que pode purificar o cérebro doente. A menina sairá de lá melhor.

* * * *

De novo. Quanto tempo se passou? Horas? Dias? Victoria não sabia. Depois de todo o estresse, e ainda sob o efeito residual de medicamentos, ela sentia sono; mas era impossível dormir na água fria. Victoria não tinha forças para mais nada, exceto tremer.

Tinha gritado e chamado pela enfermeira, dizendo que estava com muito frio, que pegaria uma pneumonia e morreria. Como ninguém a atendeu, tremer e rezar e choramingar baixinho era o que lhe restava. De vez em quando, sua cabeça cambaleava para um lado, mas em seguida Victoria acordava – pelo menos, ela achava que era em seguida.

* * * *

Alguém entrou na sala das banheiras. Acendeu a luz. Victoria piscou, tentando ajustar a vista. Era a enfermeira da noite.

A mulher aproximou-se de Victoria, seu capuz estava perfeitamente arrumado sobre os cabelos, e o avental do uniforme era *acinturado*, como o das demais.

— Está mais calma? — Foi a pergunta.

Victoria assentiu, sem palavras. Só queria sair dali. A enfermeira virou as costas, mas voltou em seguida, acompanhada de um brutamonte número três.

— Você vai se comportar, ou tenho que chamar mais ajudantes?

Victoria assentiu de novo.

— Vai se comportar?

— Sim.

Os dois então começaram a abrir as correias da lona sobre a banheira.

— Se você nos chutar, como fez à tarde, vou deixar você aí — avisou a enfermeira mais uma vez. — A noite toda! Entendido?

— S-sim.

Victoria foi puxada de dentro da banheira como um saco de batatas ensopado, os cabelos escorrendo pelas costas e pelo rosto em cascatas. Uma vez em pé, Victoria tremia como vara verde e mal se sustentava.

— Melhor chamar o Jeff também — disse a enfermeira. — Ela é grande, não tenho força para isso. Vai acabar se estatelando no chão.

Eles puseram-na sentada na cadeira de rodas enquanto a mulher saía e o auxiliar continuava de olho na jovem. Do modo como as pernas de Victoria

estavam amarradas, era difícil se ajeitar na cadeira. O auxiliar a deixou meio-de-lado-meio-sentada. Por sorte, os outros dois não demoraram.

Debaixo de Victoria havia se formado uma poça. O corpo dela era uma massa rígida e dolorida em função dos músculos mantidos na mesma posição por horas a fio, sem falar nos tremores causados pelo frio – parecia que ela tinha feito ginástica a tarde toda. Soltaram suas pernas, e depois começaram a desamarrar as correias da camisa de força às suas costas.

Ao perceber que os braços estavam ficando soltos, Victoria recomeçou o choro. A restrição de movimentos aos poucos se desfazia. O tecido ensopado da camisa de força foi retirado de cima dela. O avental do hospital por baixo era apenas mais um pedaço de pano amarrotado, grudado contra sua pele.

— *Comporte*-se, hein? — avisou a enfermeira mais uma vez, pegando uma toalha.

Um dos auxiliares pediu para Victoria erguer os braços. Ela não protestou, e o homem puxou o avental pela cabeça dela. Era o tal Jeff, que chegara por último. A mulher começou a enxugar o corpo da paciente, totalmente nu. Victoria não tinha força para se cobrir com as mãos, esconder-se. Mantinha a cabeça baixa e os olhos nos chão. Sentia-se humilhada até a alma.

— Ela ainda não tem roupa de troca... — murmurou a enfermeira, fazendo Victoria vestir um avental seco. — Isso precisa ser resolvido logo com a família. Por que ninguém do turno do dia providenciou que fizessem uma remessa?

A mulher falava para si mesma, já que o assunto não era da alçada dos auxiliares. A toalha molhada foi parar no assento da cadeira de rodas. Mesmo vestida, Victoria se sentia nua.

— Consegue andar? — perguntou a mulher.

Victoria não queria se sentar naquela cadeira nem por um decreto. Então fez que sim, e deu alguns passos.

— Vamos, então. Você tem que comer alguma coisa e tomar os remédios antes de dormir.

* * * *

Victoria comeu a gororoba sem reclamar. Abriu a boca e tomou a medicação. Nem ligou para a quantidade, ou o formato, ou a cor dos medicamentos. Não perguntou para que serviam. Não lhe interessavam as pacientes do quarto dela, por trás de seus biombos, nem os gritos de outras coitadas infelizes.

Victoria só queria dormir e esquecer-se de tudo. Pensando bem, não era nada mal deixar de perceber os dias e o tempo se passando. Era até melhor!

Ela arrastou-se para a cama sem uma palavra. Só queria se aninhar em uma bolota, esquentar-se debaixo dos cobertores. Quando a enfermeira aproximou-se para colocar as amarras nos pulsos, Victoria desatou a soluçar tão sentida que a enfermeira hesitou.

— Não me amarre, por favor. Meu corpo inteiro está doendo. Me deixe dormir quieta... Por favor! Por favor!

— Mas você pode se levantar no meio da noite, cair, bater a cabeça, sair da enfermaria. Atacar outro paciente ou alguém do pessoal de plantão.

— Eu não...

— Se isso acontece — interrompeu a enfermeira —, o doutor Muller vai comer o meu fígado.

— Se me deixar dormir em paz, juro que não saio da cama.

A mulher deu um suspiro profundo.

— Não posso. Ainda não temos autorização para deixar você solta.

Victoria soluçou de novo. Os cabelos dela, molhados, eram um emaranhado. Tentaram usar a escova de outra paciente, mas só para alisar um pouco, e sua face era o protótipo do desconsolo.

— Mas... — volveu a enfermeira. — Se você jura que vai ficar quieta, Victoria... amarro só um pulso. Você pode dormir virada para um lado, se quiser. Está bem assim? Um pulso.

Victoria assentiu. Seus olhos estavam se fechando. A enfermeira pegou o material para os curativos nos pulsos dela, e Victoria mal a viu sair do quarto. Mesmo com um pulso amarrado, a menina conseguiu se aconchegar na ponta da cama, com as mãos debaixo do travesseiro, as pernas dobradas. Dormiu.

* * * *

Victoria não sabia que dia era.

Nem há quantos dias estava no sanatório.

Tudo parecia misturado, como vidros de tinta quebrados e jogados todos juntos no chão. Uma caixa de pintura destruída, uma enorme confusão de tons e cores... Cada cor, uma sensação misturada à outra, sem começo, meio ou fim. Apenas acontecendo. Existindo.

Um emaranhado de cheiros, toques, gemidos, lágrimas, comprimidos, agulhas, comida enfiada na boca, palavras rudes, palavras menos rudes, mãos, correias, restrições, gritos, berros e dores...

Medo. Desespero. Inquietação.

Sono, sono, sono, sonosonosono...

Mesmo assim, por mais de uma vez Victoria teve a nítida impressão de ver passar, perto de si, macas que carregavam pessoas mortas, sem um lençol sequer para cobri-las.

* * * *

Certa manhã, milagrosamente, Victoria percebeu-se um pouco mais desperta. Conseguiu notar a presença de uma mulher baixa, grisalha, com uma touca esquisita. Estava ao lado de sua cama. A garota não sabia o que a

mulher estava fazendo ali, e ficou olhando com atenção, tentando lembrar-se de quem era aquela pessoa.

Sentiu o sol batendo sobre sua cama. Ah! A mulher abria as cortinas. De repente, notou que Victoria a observava, e abriu um leve sorriso.

— Bom dia! Como se sente hoje?

Victoria levou um tempo para entender que era a enfermeira. Levou outro tanto para conseguir responder. Sentia a boca extremamente seca, o raciocínio lento, a cabeça vazia.

— Quero... tomar banho. — Foi a primeira coisa que ela disse.

Victoria não tinha recordação de haver entrado em um chuveiro desde a chegada. Nem se lembrava de ter se sentado a uma mesa para comer como gente. Por que estava presa o tempo todo? Ela baixou os olhos para os pulsos: tinham criado uma casca grossa que estava caindo em alguns pedaços. Significava que estavam cicatrizando.

A mulher, seguindo os olhos e o raciocínio da paciente, falou:

— Vou soltar as amarras já, já. Para o café da manhã. Promete que vai se comportar?

Victoria ergueu o rosto. Era por isso que estava amarrada? Por que não "se comportava"?

De vez em quando ela tinha consciência da movimentação das pacientes, da rispidez das enfermeiras e da truculência dos auxiliares masculinos, sempre com mãos pesadas para tudo.

— Quero tomar um banho — pediu Victoria mais uma vez.

— Sim. Vamos ver isso. Você tem tomado banho no leito.

— Aqui na cama? — Victoria arregalou os olhos. Como aquilo era possível? E por quê?

A menina, mesmo drogada com as medicações psiquiátricas, tinha alguma consciência, de vez em quando, dos gritos assustadores, dos urros de gelar o sangue com os quais tinha se acostumado. Será que ela andava dando muito trabalho? Não se recordava.

Depois que havia ficado presa na banheira – *disso* Victoria se lembrava –, nos poucos momentos de lucidez, notava estar sendo tratada com mais irritação e desdém. Como se ela fosse alguma espécie de encrenqueira, cujo único objetivo ali era infernizar a vida de todos. Mas esses períodos conscientes eram poucos e fugazes.

— Por que não posso... tomar banho no chuveiro?

A enfermeira suspirou e aproximou-se um pouco mais da cama, olhando nos olhos da paciente.

— Você não se comporta, Victoria. É muito difícil lidar com você.

— Como... assim?

— Não está *se lembrando*? — A enfermeira demonstrou um pequeno ar de surpresa, que Victoria, mesmo naquele estado, conseguiu perceber.

— Não. Não me lembro. Me lembro de ficar horas na banheira... e depois, eu dormi. A enfermeira da noite prendeu só um pulso... Por que estou com os

dois presos?

— Naquela noite, você se levantou da cama. Começou a gritar, e puxou tanto a amarra do único pulso preso que arrastou a cama por vários metros, bateu na cama de outras pacientes... Assustou todo mundo. Quando os auxiliares chegaram, infelizmente você chutou, bateu e mordeu... a enfermeira que deixou você meio solta quase perdeu o emprego. — Novo suspiro, mais profundo. — É por isso que não podemos soltar você. Você sempre é muito agressiva. Tem que colaborar, menina...

Victoria ficou quieta por vários minutos. A enfermeira saiu, e voltou com a bandeja de café da manhã.

— Então... Eu nunca saio da cama? — indagou Victoria, um pouco assustada.

— Sim, você sai. Fica na cadeira de rodas, no solário.

— Mas... presa? — disso Victoria também se lembrava, de estar na camisa de força e com os tornozelos presos à cadeira.

— Apenas com os pulsos e tornozelos contidos.

— Mas eu não me lembro disso! Nem sei onde é esse solário. É aí atrás? — Ela tentou virar a cabeça e olhar. Mas seu pescoço estava rígido e dolorido.

— Não. Aí atrás é a varanda. Mas você também fica aí, tomando sol! — A mulher quis dar um tom ameno ao comentário. Não funcionou. Então, explicou melhor: — O doutor tem receio de baixar a medicação sedativa nesses horários. Talvez seja por isso que sua memória não retém as coisas.

Embora Victoria não tivesse consciência disso, boa parte do tempo em que ela estava acordada, apenas flutuava ali, os olhos abertos sem ver nada, ou fixos por muito tempo em pequenas bobagens, como uma mariposa perto da lâmpada, ou um fiapo de lã solto na coberta. Ela olhava os raios de sol que batiam em sua cama, mudando de lugar, dando lugar às sombras da noite. Mas... que noite seria?

— Entenda — falou a enfermeira, em tom realmente muito sério. — Se você colaborar vai ser muito melhor. Vamos poder baixar a sedação até atingirmos um nível terapêutico adequado. Você não vai ficar zonza, como uma morta-viva, ou dormindo o tempo inteiro. Os doutores não conseguem avaliar se a medicação para esquizofrenia está começando a surtir efeito, porque têm que deixar você muito afundada o tempo todo. Se quiser ir *embora* daqui, Victoria, precisa fazer o que eles esperam que você faça.

— Mas eu não me lembro de ser agressiva, de machucar as pessoas. Eu... não sou assim.

— Não se lembra, talvez, porque temos que sedar você mais ainda, imediatamente. Cada vez que começa a sair desse estado de torpor, arruma alguma confusão. Se você acha que sendo uma paciente-problema vai receber alta, vai ser "expulsa" daqui por estarmos cheios de você, pode esquecer. Vai ficar aqui para sempre, desse jeito.

Victoria comeu em silêncio, pensativa. Quando a mulher veio pegar a bandeja, a menina pediu pela terceira vez:

— Posso tomar um banho? Por favor?

— Está bem. Eu mesmo irei levar você. Mas, como já disse, você tem que colaborar. Tem que ser esperta e agir como o doutor Ralf espera. Você *entendeu* isso, Victoria?

Ela assentiu. Desta vez, tinha entendido muito bem. A enfermeira tinha usado a palavra mágica: "ir embora". Victoria não iria esquecer.

Quando o doutor Ralf aparecia, era um pesadelo vivo. Ela notou que tinha flashes dessas lembranças. Ele lhe fazia perguntas, das quais boa parte Victoria sequer conseguia extrair algum significado, como se a claridade de sua mente se apagasse. A certeza dos detalhes, dos acontecimentos e da sequência dos fatos só parecia preservada quando sonhava. Diante do médico, se tentasse falar qualquer coisa, as palavras se arrastavam, como em câmera lenta, grudadas em uma boca sem saliva, aprisionadas em uma mente sem domínio.

Mas de uma coisa Victoria sabia, ela o odiava. Aquele sentimento era o mais visceral que já havia experimentado na vida, destituído de qualquer racionalidade. Ela não precisava saber que Ralf Muller estava por perto, não precisava ouvi-lo. Parece que sentia a sua presença horrorosa antes mesmo de ouvir seu sotaque, sentir seu hálito quando chegava perto dela. Victoria abria os olhos e dava de cara com os olhos fundos do médico, cobertos com aqueles óculos redondos. Odiava-o!

Talvez ele visse isso em seus olhos. Talvez não. Para Victoria, era como deixar derramar um balde de água no chão: ninguém deixaria de perceber.

Mas ela faria o que a enfermeira havia dito.

* * * *

Assim, um dia Victoria viu-se com a mente mais limpa.

Victoria percebeu o fato quando caía a tardinha. Talvez porque o céu estivesse com uma cor tão linda que a fez prestar atenção, notar os tons róseos e dourados que iam desmaiando aos poucos, enquanto uma ou outra estrelinha começava a brilhar. Por algum milagre, havia certo silêncio. Talvez porque parte das pessoas ainda estivesse cochilando o sono da tarde ou porque nem estivessem ali. O silêncio era quebrado apenas por alguns murmúrios e resmungos, um ou outro falatório sem sentido, mas nada da loucura diária. Sem choros, sem gritaria histérica ou urros de enregelar o sangue. Nem ameaças das enfermeiras e dos brutamontes.

Mas não duraria muito, Victoria sabia. Chegaria o jantar, e a bagunça voltaria. Naquele instante, porém, tudo estava bem.

Mexeu devagar as pernas esticadas sob as cobertas, abriu e fechou os dedos das mãos, ativando a circulação. Suas mãos estavam sempre presas. Afinal, ela era uma paciente "problemática", como disse a enfermeira.

O controle do tempo e do espaço voltou-lhe aos poucos, assim como a consciência do corpo, da mente e das emoções. Entendia quando estava de

manhã, participava do café, do banho coletivo. Tomava as medicações. Comia a gororoba sem reclamar. O dia terminava e ela sabia que tinha que dormir e acordar de novo no outro dia.

Um dia de cada vez.

Se haviam de fato diminuído a dosagem das medicações, ou ela tinha simplesmente se adaptado, se acostumado ao efeito, o fato era inegável. Sentia-se acordada pela primeira vez desde sua chegada. Ficou imaginando o que o doutor Ralf havia falado aos seus pais. À sua mãe! Victoria sabia que eles não viriam vê-la. Não se ela estivesse sedada o tempo todo; não sem que o médico a considerasse apta a ir embora.

O que vai ser da minha vida? – ela se angustiou. *Quanto tempo de aula já perdi?*

Victoria encolheu as pernas ao encontro do peito, apoiando os pés no colchão. Era muito aterrorizante.

Eu preciso sair daqui! A qualquer preço, a qualquer custo...

Não havia nada que pudesse fazer, exceto concordar com o médico, dar as respostas que ele queria.

Eu não posso entrar no jogo dele. Ele quer me fazer de louca, me transformar em uma.

Escureceu, a luz foi acesa. Algum tempo depois ouviu o som do carrinho do refeitório entrando no corredor, trazendo junto seu aroma enjoativo. O pão era a única coisa passável naquele lugar, e só vinha de manhã.

CAPÍTULO 16

Victoria acordou gritando. Desta vez, ela parecia louca. De verdade. Saiu da cama, e foi para o corredor como quem queria assassinar alguém.

— Ele me deixou lá, *rodando*! Rodando, rodando, rodando sem PARAR! — Ela urrava, para quem quisesse ouvir. — O que vocês estão pensando? Eu estava melhorando, o que fiz para merecer isso? Seus malditos! Torturadores!

O som dos berros fez com que surgissem enfermeiras e "guarda-costas" praticamente de todos os cantos da enfermaria. Sem esperar nenhum comando ou perguntar qualquer coisa, os homens voaram na direção da jovem. Afinal, era só isso que eles faziam, e sabiam fazer muito bem. Eram pagos para isso. O primeiro veio por trás de Victoria, tão rápido que ela não viu, ainda mais estando mergulhada naquele frenesi. Sentiu o homem envolver seu pescoço com um mata-leão muito apertado, para impedi-la de abaixar a cabeça e mordê-lo. Victoria, porém, cravou-lhe as unhas no braço com toda força e começou a arranhá-lo com sofreguidão. Parecia um animal selvagem, o rosto contorcido em uma máscara ferina.

— ME SOLTE, BRUTAMONTE!

Porém ele não se moveu. Apenas apertou mais o pescoço dela. Victoria mandou um dos cotovelos com força para trás, mas aparentemente o homem adivinhou o movimento e esquivou-se para o outro lado.

Outros correram até eles para tentar conter as pernas e os braços da paciente. Como se Victoria previsse que eles iam segurá-la por completo, contorceu-se como um touro amarrado e deu pinotes com tanta ira que sua força parecia ter aumentado. Berrava e chutava com violência, enviando socos a esmo, não se importando se alguém fosse atingido ou não, porque *todos* eram culpados!

Foram necessários quatro brutamontes para conseguir conter a garota e enfiá-la na camisa de força.

— NÃO, NÃO! — continuava Victoria. — Eu estava bem! Vocês é que me provocam! ME SOLTEM!

Algumas pacientes, que esperavam pelo café da manhã e estavam paradas no corredor, já tinham tomado distância de Victoria fazia tempo. Houve quem saísse de perto imediatamente. A maioria agora espreitava de longe.

Victoria berrava a plenos pulmões, os cabelos pareciam uma cortina desgrenhada que arrastou no chão quando dois dos brutamontes conseguiram, por fim, erguer e segurar as pernas dela. Sem falar na ajuda coadjuvante da enfermeira grisalha, correndo para trazer uma maca, e outra ajudando a segurar o quadril da moça.

— Deixe a maca para lá! — exclamou um dos homens, meio esbaforido. — Ela está bem segura assim, vamos carregá-la para o quarto.

— ME... — Victoria também estava esbaforida. Mais do que isso. Respirava rápido e entrecortadamente. — ME... SOLTEM! AARRG!

— Não aperte tanto o pescoço dela! Já chega — ralhou a enfermeira que cuidava de Victoria diariamente. — Ela já está presa.

— Essa *imbecil* merece! — respondeu o homem, exasperado. — Veja o que fez com o meu braço!

De fato, os antebraços do "guarda-costas" estavam lanhados e sangravam.

— Vá tomar uma antitetânica depois — disse a enfermeira, lacônica.

Victoria foi carregada para o quarto. Os tornozelos foram atados com as correias do próprio leito. Logo passaram as correias na altura do tórax e do quadril. Quanto mais aprisionada, mais furiosa Victoria ficava.

— Todos vocês *sabem* o que acontece aqui, e não fazem nada! — Ela olhou para a enfermeira e continuou aos gritos: — Ninguém diz NADA! O doutor Ralf deveria ser denunciado por tortura!

— Quem deixou essa louca dormir *solta*? — inquiriu outro dos brutamontes.

— O doutor — respondeu a enfermeira grisalha, sem acrescentar mais nada. Meneou a cabeça com certa tristeza e murmurou: — Ela estava evoluindo bem.

— Se isso é "bem"... — devolveu o mesmo homem.

— Esse médico indecente devia ser... processado por cárcere! Isso é desumano! Somos menos do que animais para vocês todos!

— Alguém chame logo o doutor Ralf — pediu alguém, da porta do quarto.

Victoria escutou e berrou mais ainda. Urrou.

— Tinha outros pacientes lá, todos amontoados como gado! Esperando para serem torturados como... como eu fui!

Victoria estava começando a se sentir esgotada. Agora, ao ver-se na camisa de força, sobre a cama, o peito contido por amarras para que não despencasse, o quadril e as pernas presas, ela desatou a chorar alto; mas continuava gritando, entre lágrimas e soluços.

— Vocês são uns monstros! O doutor Ralf é um monstro!

— Vamos ter que sedá-la — falou a mesma pessoa na porta do quarto. Victoria não a via, pois os biombos tinham sido fechados.

— Não. Mande chamar o doutor Muller. — Era a voz da enfermeira de cabelos grisalhos, atrás do biombo, ajeitando-o melhor. — Ele prescreveu e falou comigo também, que, se ela tivesse uma nova crise, deveríamos informá-lo imediatamente e esperar.

— Ele não estava aqui até tarde esta noite? — perguntou a pessoa da porta. — Está acordado?

— Maldito médico! Maldito! Ele me deixou *rodando*! — vociferou Victoria.

— Apenas mande chamá-lo, ande!

Diante da certeza de que veria Ralf Muller, Victoria sentiu que sua garganta queimou com a altura do urro.

— MONSTROS!

Os "guarda-costas" tinham saído para o corredor. A enfermeira deu a volta no biombo e chegou perto de Victoria:

— Victoria. Fique quieta. Esqueceu-se do que eu te disse?

— Eu tenho ficado quieta! — O rosto dela estava vermelho, contorcido, sujo de lágrimas e suor. — Mas ele me deixou rodando!

— Não temos nada disso aqui. Do que você está falando?

Victoria urrou de novo. E não respondeu coisa com coisa.

— Fique quieta antes que ele chegue. Me diga o que você acha que aconteceu.

— Eu não acho, eu sei! Ele me pôs em uma cadeira, que girava, girava, girava e me deixou lá por horas, até eu vomitar e vomitar de novo. E ele não me tirou da cadeira! Só de madrugada me trouxe de volta para cá, para a cama. Eu nem conseguia andar. Como vocês não viram?

— Não temos nenhuma cadeira giratória, Victoria!

— Têm, vocês têm, sim!

— Não fazemos terapia rotacional.

— Chame do nome que quiser, merda! — exclamou Victoria, entre lágrimas. — Mas o doutor Ralf ainda me disse que foi o avô do Darwin que inventou aquele trambolho! — Victoria estava descontrolada.

Diante do que foi dito, a enfermeira ficou quieta por um instante.

— Você sonhou, filha. Ou leu isso em algum lugar. Não temos...

— NÃO! Eu nunca tinha ouvido falar nessa bosta. De onde você acha que tirei isso? Foi ele quem me disse que ficar lá rodando iria diminuir a congestão no meu cérebro, que isso ia me ajudar a melhorar, que eu ia me sentir mais tranquila! Mas eu já estava melhorando! Só que ele não quer isso, ele combinou com o meu pai! Ele não vai me deixar melhorar, vai me deixar aqui para sempre! — O choro dela agora parecia um uivo.

A enfermeira sabia do que se tratava, afinal havia estudado. A terapia rotacional era uma técnica antiga.

A cadeira era especialmente projetada a fim de girar o corpo dos pacientes em torno de um eixo central. Os relatos diziam que, submetidos à rotação e à força centrífuga, pacientes com doenças mentais entravam em estado de tranquilidade após o procedimento. Também induzia ao sono, em alguns, o que era especialmente útil nos quadros de mania. Houve diversas variações do método, que se espalhou pela Europa e também pelos Estados Unidos. Porém...

Waverly Hills era um complexo imenso, mas...

Não, eles não tinham nada parecido, não era nada que Waverly Hills utilizasse. A técnica já caíra em desuso, pois os benefícios não se comprovaram efetivamente. Ela de fato não sabia do que Victoria estava falando. Além disso, o prontuário dizia que a moça havia dormido a noite

toda.

— Você sonhou... — Tentou a enfermeira, mais uma vez, antes de o médico aparecer.

— NÃO SONHEI! — berrou a menina, com fúria.

Não havia o que fazer. Victoria não ia se acalmar tão fácil.

Isso era péssimo.

* * * *

A enfermaria toda estava "em suspenso", depois da entrada triunfal de Ralf Muller pelo corredor, em passadas largas. Vinha impecavelmente trajado, com a gravata aparecendo debaixo do avental branco, estetoscópio ao pescoço e, no encalço, um dos colegas que também conheciam o caso de Victoria.

Depois do escândalo que a garota causou – e ainda estava causando –, pois não parava de gritar, todos estavam à espera do que ocorreria – a maior parte com uma satisfação relativamente expressa no semblante. Apesar de a menina ser *louca de pedra*, sentiam-se insultados com as acusações.

O doutor Ralf Muller e seu colega haviam ouvido, ao longe, os berros da paciente. Victoria exigia que a soltassem. Ameaçava ligar para os pais e para a polícia. Xingava a tal cadeira e o doutor Ralf, chamando a todos de carniceiros e monstros.

— Acho que vão colocá-la na solitária — aventou uma das auxiliares de enfermagem, com o semblante fechado, toda irritada. — Já que o doutor não a quer sedada!

— Não, acho que ela vai para o quarto acolchoado — disse o brutamontes arranhado, adorando a ideia. — Lá ela pode se debater, chutar tudo, socar o chão, as paredes e morder o próprio braço. — Além dos novíssimos arranhões nos antebraços, o homem ainda tinha, em uma das mãos, os sinais das mordidas mais antigas de Victoria.

O quarto acolchoado era um pequeno espaço, equipado com espuma resistente revestida de tecido grosso, do chão ao teto, nas quatro paredes.

— Hum. Ela bem que merece, essa louca dos infernos! — falou a auxiliar.

— Aí é que está — disse outra das enfermeiras, entrando na conversa dos dois. — Essa paciente é uma dessas moças ricas, bem cuidadas, com tudo do bom e do melhor. Isso é para chamar atenção. Ela não tem doença alguma. Quando fica sem sedação, me parece bem normal, sabe. A gente vê quando alguém é louco de verdade. Está nos olhos! No jeito. Não tem como esconder.

A auxiliar teve de concordar com a enfermeira.

— Nisso você tem razão — respondeu, emburrada.

A única que não dizia nada, aparentemente muito ocupada em organizar as bandejas com a próxima medicação dos pacientes, era a mulher baixinha e grisalha. O coração dela batia um pouquinho mais forte. Só voltaria ao quarto se fosse chamada pelo médico, já que Victoria era sua paciente. Caso contrário, preferia ficar longe e não assistir.

Se importar era perigoso, a mulher sabia disso. Se apegar era péssimo. Ela era antiga na profissão e trabalhava há muito tempo em Waverly Hills. Mesmo assim...

A solitária era muito cruel.

No quarto acolchoado, apesar da solidão, Victoria tinha como gastar toda aquela energia negativa, independentemente do tempo que durasse, e não teria ferimentos sérios. Naquele lugar não havia *nada* para se machucar. Poderia bater nas paredes, gritar e chorar à vontade. Pelo menos, não ficaria amarrada. Pelo menos não retrocederiam, colocando-a para dormir por três dias ou sabe-se lá por quanto tempo.

* * * *

Quando Victoria olhou para o doutor Ralf Muller, aos pés de sua cama, seu semblante incendiou-se de fúria ainda mais – e isso era possível, sim.

Para Victoria, vê-lo ali, frente a frente, era motivo para entrar, imediatamente, em convulsão. O médico com certeza sentiu a animosidade e a cólera da jovem.

Entretanto, como sempre fazia, o doutor aproximou o rosto da face de Victoria. Os olhos dele faiscavam com algo diferente, que Victoria não sabia definir, nem queria. Algo como satisfação. Como se ele a tivesse pegado finalmente em uma transgressão importante – afinal, era tudo o que ele mais queria.

— Já me contaram sobre sua história maluca de hoje — falou baixo Ralf Muller.

— Ah, já? É mesmo? — soltou Victoria, sem desviar o rosto ou o olhar. — Precisaram contar, foi? O senhor não sabia? Como assim? Foi o senhor quem me colocou lá...

— Está delirando de novo.

O rosto de Victoria se transformou. Mais uma vez.

— De-li-ran-do... — Ela usou o mesmo tom baixo. Aquele *maldito* tom baixo que o *maldito* médico usava! Victoria daria quase qualquer coisa no mundo para ver aquele homem descontrolado, gritando, com medo, amarrado. Exatamente como fazia com os outros!

— Sim. Delirando.

Foi neste momento que o médico afastou o rosto de perto dela. Foi a sua sorte, porque a menina ajuntava saliva na boca para cuspir direto em sua face. Ele deve ter adivinhado – afinal, um homem que extraía o pior das pessoas já deveria ter tomado muitas cusparadas na cara.

Ralf Muller lançou um olhar para o outro médico, parado ao lado dele, seguido de um sinal com o queixo na direção da porta. O sujeito exibia olhos espantados. Se um médico de Waverly Hills olhava assim para Victoria, era porque ela devia estar realmente assustadora. E essa constatação foi tão poderosa, que ela soltou uma risada. Riu alto, sem se controlar.

O médico mais jovem não esperou uma segunda ordem, virou nos calcanhares e imediatamente voltou com uma maca, seguido por dois "guarda-costas" dos mais brutamontes. Um deles era o mordido-arranhado.

— Para que essa maca? — perguntou Victoria.

— Por que não continua rindo? — comentou o doutor Muller, com ironia. — Deve ser divertido para você infernizar a todos.

— Eu? *Eu* infernizo? O senhor não se enxerga, não é? Você é que é um monstro! Vou te denunciar na polícia! Você vai ser preso, vai ter seu diploma caçado! Uns mil processos vão cair bem em cima da sua cabeça, vou achar cada pessoa que você maltratou! Darei entrevista a cada jornalista que quiser ouvir minha história. Este maldito sanatório vai ser fechado! SEU MONSTRO! MONSTRO!

— Bem, ela não me dá escolha — concluiu Ralf Muller, olhando para os enfermeiros auxiliares. — Coloquem a paciente na maca.

— Para onde vai me levar?

— Fique quieta! — declarou o médico-chefe, fuzilando-a com o olhar. — Apenas fique quieta, que vai ser melhor para você.

Isso fez com que Victoria se lembrasse do que havia falado a enfermeira, e surtiu efeito durante algum tempo, e, agora, facilitou a passagem do leito para a maca. Ao longo do corredor, ela via todos olhando em sua direção. As pacientes, assustadas, na maioria.

O pessoal da enfermagem, com semblantes sérios. Ou zangados – aqueles que tiveram de lidar com ela. Ou, então, impassíveis.

Victoria procurou com os olhos: onde estaria sua enfermeira grisalha? Ela sabia que as pacientes eram divididas por equipe, e sabia que ela era paciente daquela mulher. Quando estavam passando diante do posto de enfermagem, ela chegou à porta. Não por uma coincidência. Embora o rosto parecesse inexpressivo, os olhos lhe diziam: "Fique quieta, por favor".

Victoria soltou um muxoxo baixinho.

* * * *

A maca continuou pelo corredor, apressadamente empurrada por um dos brutamontes. Os outros homens a seguiram. Pararam diante do elevador, que logo abriu as portas. Desceram, desceram. Para onde?

— Onde estamos indo?

Sem resposta. Ninguém nem a olhava.

Victoria reconheceu o corredor onde havia passado com os pais, ao chegar ao sanatório. Mas, antes que desse por si e se localizasse melhor, a porta basculante com o letreiro vermelho em cima assomou-se diante dela.

Necrotério.

* * * *

O cheiro era de morte.

Victoria sabia que era cheiro de morte.

O lugar era bem grande, realmente. Havia cadáveres iluminados por holofotes sobre as mesas de mármore. Alguns estavam abertos. Outros, ainda fechados, estavam posicionados lado a lado na mesma mesa. E, talvez pela falta de espaço, havia cadáveres pendurados em ganchos no teto, como em um açougue. Era o cenário de um filme de terror. *Ipsis litteris*.

A violência daquela visão, a crueza que só revelava um profundo desprezo pela morte, porém muito mais, pela vida. Afinal, eram pessoas que aqueles médicos deveriam ter conhecido e que estavam vivas até... Quando? Não haveria de ser muito tempo. Aquele quadro pavoroso fez Victoria ficar muda.

O mesmo homem que ela vira sair, de avental branco, na tarde em que chegara com os pais, estava ali. Deveria ser um legista, então? Mas por que os corpos não estavam nas... isto é... nos... frigoríficos? Geladeiras? Ou como quer que fosse que chamassem aquilo! Mais um pensamento tenebroso atingiu Victoria: *Será que, porventura, estão cheios também?*

A mente de Victoria rodava, e as engrenagens tentavam se encaixar para obter uma resposta plausível. Mas todas se engancharam umas nas outras e pararam de funcionar; os pensamentos dela também. E o resultado foi nenhum.

Seria possível que toda aquela gente tinha morrido recentemente? Se os corpos ainda estavam ali para serem autopsiados... se a família ainda não os tinha levado para o funeral...

Mas, se não havia tantas mortes por tuberculose, como justificar aquela cena? É fato que Waverly Hills era um sanatório gigantesco, mesmo assim parecia gente demais. Ainda mais porque muitos eram jovens. Teriam morrido de quê?

De novo a palavra pipocou na cabeça dela: "Manicômio".

Será que, assim como faziam com ela, deixando-a "apagada" por dias, com a justificativa de "ajuste de doses"... será que testavam remédios nos pacientes? Drogas novas? Será que faziam pesquisa no sanatório?

Pesquisa era um termo muito brando e muito acadêmico para justificar aquela carnificina. Victoria não queria pensar nisso, mas se lembrou do pai, de sua identidade falsa, das armas de guerra. *Não*, ela não ia pensar nisso agora!

Em vez disso, Victoria procurou saber onde tinha ido parar sua língua, porque não conseguia formular nenhuma palavra. Talvez a língua realmente tivesse rolado garganta abaixo e, depois daquela visão, ela jamais conseguiria falar normalmente.

— Por que estamos aqui? — Victoria balbuciou, finalmente, com dificuldade. — Por que há tantos pacientes mortos?

— Gente louca também morre.

Foi a única resposta do doutor Muller. Depois, mais nada. A fúria insana que Victoria vinha sentindo se misturou a pavor.

— O que vocês vão fazer comigo?

Era como se ela não existisse.

— Oi, Ralf! Como vai? Ei, Mark, e aí? — cumprimentou o legista. Era um homem jovem, na casa dos trinta e cinco.

Os recém-chegados responderam aos cumprimentos, embora o rosto do doutor Muller continuasse como uma máscara pesada e inexpressiva. O legista finalmente olhou para Victoria, como se ela fosse um animalzinho de laboratório.

— Esta garota já está vindo para cá? O que ela aprontou?

Victoria encolheu-se instintivamente. Então ele se lembrava dela! Mas o que queria dizer com "ela aprontou"? Estaria prestes a sofrer algum tipo de castigo?

— Vai colocá-la na caixa de ferro? — continuou o médico-legista, em tom de voz um pouco mais baixo. Porém Victoria conseguiu ouvir.

— Por que vocês me trouxeram para cá? — Victoria perguntou mais alto, apesar da onda de terror enregelando o peito. Virava o pescoço, de um médico para o outro. Afinal, eram três.

O médico-chefe, no entanto, tinha se postado atrás da maca, de modo que Victoria não conseguia vê-lo direito. Quando percebeu que realmente não receberia resposta, recomeçou os gritos:

— O que vocês vão fazer comigo? Por que me trouxeram aqui? Por que vocês... — Ela se contorceu, tentou puxar as amarras concentrando toda a força que possuía; mas era impossível. Ela sabia. — Por que vocês não me respondem?

— Já estou farto da voz desta pirralha encrenqueira — comentou o doutor Ralf para os demais, com desdém, naquele tom irritantemente baixo e controlado. — Me ajudem aqui! — ele ordenou aos brutamontes.

Os dois, que agora estavam mais atrás, perto da parede, chegaram até a maca. O doutor Mark aproximou-se também, e ficou de sobreaviso. O legista, idem.

— E, cuidado! — avisou Muller da cabeceira da maca, olhando para o legista de modo significativo, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu avental imaculado. — Esse bicho morde.

Victoria olhava de um lado para outro. Tentou não ficar apavorada. Eles não podiam matá-la!

Ou podiam?

Viu quando Ralf Muller tirou de um dos bolsos o que parecia ser uma toalha cirúrgica, pequena e branca, e veio para o lado dela. O tal mordido-arranhado segurou a cabeça de Victoria com uma força hercúlea – pelo visto, ele era especializado em segurar cabeças.

Quando a garota sentiu a intensidade com que seu crânio foi prensado contra a maca, berrou, invadida, *sim*, pelo pavor. O doutor Ralf, como um raio, segurou a arcada dentária superior de Victoria usando a ponta da toalha para proteger os dedos, e o legista, igualmente rápido, forçou a arcada

inferior ainda mais para baixo.

Tudo se deu em milésimos. Ela nem viu acontecer, mas parecia que sua boca ia rasgar-se nos cantos a qualquer instante. Mesmo assim, Victoria tentou virar o rosto quando percebeu o que estava para acontecer. Impossível.

— Aaah! — Os sons saíram do fundo da garganta, urros guturais de fúria e terror. — *Aaaaah!*

A toalha foi enfiada dentro da boca de Victoria, o máximo possível. Uma mordaça surgiu, vinda de algum lugar, e foi colocada sobre a toalha, depois amarrada atrás da cabeça dela, bem apertada. Nem se deram ao trabalho de tirar adequadamente os cabelos dela de cima do rosto. Terminado o "serviço", soltaram-na. A menina virava a cabeça de um lado a outro, o movimento revelando toda sua angústia, os olhos petrificados.

Victoria ouviu a voz do doutor Ralf atrás dela, à cabeceira da maca. Tranquila, como se nada de anormal estivesse ocorrendo. Um cotovelo foi apoiado ao lado de sua orelha. A jovem puxou como pôde o pescoço para o outro lado. Então o médico deu a volta, ficou de frente para ela.

— Nós temos algumas formas de acalmar as pacientes rebeldes, sabe, minha cara? As pacientes que não aprendem. Que não dão valor ao tratamento que recebem, aos cuidados oferecidos por toda a equipe. Pelo contrário, fazem estardalhaços e nos ameaçam! — Ralf Muller chegou perto, muito perto do rosto de Victoria; mas, desta vez, no último instante, em vez de olhar dentro dos olhos da garota, ele aproximou a boca de seu ouvido. — Estou desolado com tanta ingratidão de sua parte. Denúncias à polícia... cassação de diplomas, processos... repórteres e merdas do tipo! Tss Tss Tss. — Ele emitia estalos com a língua, e depois riu. Bem no ouvido dela.

O ar quente de seu hálito fez com que Victoria se esforçasse em esticar o pescoço ainda mais para o lado oposto, enojada. Mas já tinha chegado ao máximo que as contenções lhe permitiam. Sem se importar, o doutor Ralf continuou, no mesmo tom, sem se mover um milímetro, a boca às vezes encostava-se à pele da orelha de Victoria.

— Para telefonar aos seus pais, você precisa estar viva... Para ir à polícia, conversar com repórteres... Precisa estar viva... Sabia? Acidentes acontecem o tempo todo. Pessoas problemáticas e *malucas* como você se suicidam... se atiram do alto do solário e... Buum! — O doutor Ralf fez aquele "buum" muito baixinho, como se fosse a explosão de bombinhas de artifício para crianças. Não porque desejasse evitar ser ouvido pelos demais, mas porque uma queda do quinto andar e a morte dela não mereciam mais do que aquela pequena interjeição.

Buum!

Ele se ergueu. E riu de novo, solto, desta vez olhando para os companheiros:

— Imaginem que esta *fedelhazinha* me disse hoje que a polícia iria fechar o sanatório, que ela iria contar o que ocorre aqui. — Ralf Muller olhou em torno, de modo teatral. — Mas *o que* ocorre aqui, senhores? Podem me dizer?

Tratamento de centenas de pacientes de uma só vez, em acomodações excepcionais, com alimentação elaborada por nutricionistas, medicina de ponta, profissionais gabaritados, ambiente amplo, arejado, bem-cuidado e salutar. É uma pena termos de lidar com gente ingrata. Doida e ingrata! Mas! — Ele apenas baixou os olhos para Victoria. — Hoje vamos deixar você pensando um pouco na vida, menina.

Victoria queria gritar, pedir ajuda, implorar por socorro, porém tudo que saía de sua boca eram sons abafados. O médico empurrou a maca para perto do que deveria ser um dos frigoríficos. Era de metal branco e estava encostado ao lado de uma estante também de metal. Era tão alto que o móvel chegava quase ao teto; contudo, era estreito. Havia três portinholas, uma sobre a outra.

A paciente chacoalhou a cabeça em negativa. Os sons que emitia ficaram mais agoniados e mais próximos uns dos outros, uma longa e desesperada frase gutural, abafada, como que vinda do fundo do mar. Antecipando o destino que lhe cabia, ela fechou os olhos: ia ser colocada lá dentro!

Uma portinhola foi aberta. Os olhos de Victoria abriram de novo e ela viu o gavetão profundo, com uma mesa de metal na base. Os olhos saltavam das órbitas. *Vão me colocar ali!*

— Como expliquei, vou deixar você pensando na vida, enquanto contempla um pouco da morte. — A voz de Ralf Muller veio de algum lugar atrás da maca. — Você precisa começar a ter um mínimo de disciplina. Não posso curar você assim. Eu preciso de sua ajuda, e sem disciplina não podemos nem começar.

Cura? Curar? *Curar?*

Era ali que punham os cadáveres! E de que disciplina ele falava? Ela deveria concordar com todos os maus-tratos que estava recebendo?

O som da mesa interna rolando sobre as roldanas de ferro produziu um rangido estridente, que arrepiou Victoria até o último fio de cabelo. Era o gavetão do meio, mais compatível com a altura da maca onde ela estava deitada.

— Vamos transportá-la... — Fez o médico-chefe, sem nenhuma emoção mais intensa do que a de distribuir cartas de um baralho. — Um, dois, três.

Os dois brutamontes de um lado, os doutores do outro: eles pegaram o corpo de Victoria ao mesmo tempo e ela foi transferida facilmente da maca para a mesa do frigorífico. Com a camisa de força e amordaçada, ainda assim a mente de Victoria só entendeu direito o que ocorria quando a puseram sobre a mesa. Ela se viu ali, naquela bandeja estreita, onde seus braços mal caberiam estendidos ao lado do corpo – caso ela não estivesse na camisa de força.

Então a mesa foi empurrada de volta para dentro do frigorífico. A menina sentiu o estrondo e o baque da bandeja nos fundos do gavetão. Quase foi a cabeça dela que explodiu ali, porque, sadicamente – disso ela tinha certeza –, o doutor Muller pusera Victoria com a cabeça virada para o fundo, bem longe

da portinhola.

E ela ficou fechada ali. Como um pedaço de carne morta, podre.

* * * *

Desespero era uma palavra muito branda. Agonia, muito superficial.

A escuridão era espessa, como se Victoria estivesse mergulhada em um aquário de tinta preta. Não fazia diferença os olhos estarem abertos ou fechados. Se balançasse o corpo para um lado ou outro, conseguia sentir as paredes do gavetão. Se erguesse a cabeça um pouco, podia tocar o teto com ela.

Olhou de um lado, de outro, no meio do escuro. Fez mais força para se soltar. Impossível. E mesmo que se soltasse... a portinhola deveria estar trancada. Lágrimas se acumularam nos olhos dela, pesadas e profusas. Lágrimas de humilhação e medo. Mas a jovem fez força para segurá-las, porque se seu nariz entupisse, como iria respirar?

Victoria ficou apavorada. Começou a inspirar profundamente, rápido, para se certificar de que o nariz funcionava bem. Mas e se o oxigênio acabasse ali dentro? Então, tentou respirar mais devagar.

Nova torrente de lágrimas, incontroláveis. Sentia os nervos por um fio, a um milímetro de entrar em pânico.

Não... não... respire devagar, respire... devagar...

Victoria usou toda a concentração que pôde extrair de dentro de si, e apenas inspirava... expirava... inspirava...

Seu coração tinha que bater mais devagar! As lágrimas tinham que se segurar dentro dos olhos. O corpo precisava parar de tremer.

O frigorífico estava desligado, de modo que o calor começou a ficar insuportável. Mesmo assim, seu corpo ainda estremecia.

Inspirar... expirar...

A tentativa de um exercício "zen" não estava adiantando. Um pavoroso medo de morrer a invadiu com tudo. Victoria nunca tinha realmente temido a morte, mas ali? Daquele jeito?

Mais uma vez tentou se soltar, usando toda a sua força. Ela já tinha lido em algum lugar que em situação de luta ou fuga, a força física poderia aumentar. Porém... não era... possível! Os gemidos eram sua única companhia, abafados pela mordaça. Ela fez força e fez força, e segurou as lágrimas, e tentou respirar devagar para não consumir o oxigênio.

Transpirava. Muito. Aquele pano estava fundo demais em sua garganta. Por um segundo, teve medo de vomitar. Se vomitasse, poderia morrer sufocada.

Por muito tempo – *muito* tempo –, ela lutou com as lágrimas, e com a respiração entrecortada, e com a sensação de vertigem e de que iria morrer. E fazia força, força, força contra as amarras.

Por um período tão longo...

... Que já não sabia quanto tempo havia passado.

CAPÍTULO 17

ANO 1944 D.C.

Desta vez o sonho – *pesadelo*, explicando melhor – dizia que ela havia estado naquele lugar várias vezes. Como ela tinha essa certeza? Não sabia. Era apenas uma certeza.

O pesadelo se repetia e se repetia, a ponto de Victoria não conseguir mais discernir se estava mesmo sonhando ou *acordada,* e vivendo aquilo.

* * * *

Tudo se misturava e se repetia. O trem de carga chegando ali, depois que ficamos três dias e três noites enfiados dentro dos vagões. Estavam tão abarrotados que dormíamos em pé, apoiados uns nos outros. O balde de necessidades em pouco tempo fedia insuportavelmente. Mal conseguíamos respirar. Pessoas entravam em pânico naquelas condições, choravam ou gritavam. Havia mãe com bebês de colo... crianças... velhos... todos jogados ali do mesmo jeito. Duas mulheres morreram em nosso vagão, e não sabíamos o que fazer com elas.

Ouço os alemães aos berros, gritando nos autofalantes, "*schnell, schneller*"; alguns tinham cães presos nas coleiras, outros estalavam chicotes para que as pessoas saíssem logo dos vagões. Centenas de pessoas tinham chegado mortas. Era madrugada e estava frio. Westerbork – o campo de transição de onde tínhamos vindo – agora parecia um paraíso.

Os "vivos" se empilhavam em filas quilométricas, alguns estavam muito apavorados. Outros ainda tinham um resquício de esperança, de que aquele seria apenas um campo de trabalho. Mas quando noto que há centenas de prisioneiros ali, ajudando os recém-chegados a desembarcar e *vejo* seus rostos... sinto vontade de vomitar. São tantos prisioneiros! Não apenas nós, que estamos chegando, mas os que já estavam lá. Mal há espaço na plataforma, ficamos empilhados, prensados uns aos outros, esperando a fila andar.

Percebo que os prisioneiros recebem a incumbência de retirar os mortos de dentro dos vagões. Muitos deles não passam de trapos humanos.

Quanto a nós, ali mesmo, no desembarque, somos separados. Homens de um lado, mulheres do outro. Os médicos nazistas determinam quais serão mortos imediatamente: os que não representam força de trabalho aproveitável vão para a câmara de gás – crianças muito pequenas, gente

idosa ou doente. Eu não sabia disso, na época.

Sinto um cheiro estranho no ar, de fumaça misturada a... a... prefiro não pensar a respeito.

Por fim, eu, minha mãe e minha irmã somos levadas, junto com uma infinidade de outras mulheres, para um pavilhão enorme. Meu pai e os outros homens que estavam no nosso grupo desaparecem; não sei para onde foram encaminhados. Eu não veria nenhum deles, nunca mais.

Tropeço nas pedras do caminho, mal enxergo onde estou pisando. Os oficiais nos mantém todas muito juntas, como um bloco. No pavilhão, nos mandam tirar nossas roupas. Está muito frio, e o outono só começa dentro de alguns dias. Os olhares de todas espelham uma imensa tristeza e algo como torpor – ou loucura. Como se algumas já nem estivessem aqui. Mais perto da morte que desta vida.

Meus cabelos são cortados, vejo os cachos caindo no chão, e engulo as lágrimas. Passam uma máquina brutalmente em minha cabeça, até que nada reste. No meu pulso é tatuado um número. Estou tão apavorada que aquilo dói mais do que deveria, eu acho. Não sei o que foi feito de minha bagagem. Foi levada, assim como a de todos. Ficamos sem nada, seja um agasalho ou uma troca de roupa.

Logo entendo o motivo. Deram-nos um uniforme listrado, e fim. Só mais tarde fico sabendo que estamos em Auschwitz-Birkenau. Somos encaminhadas para barracões enormes de madeira. Superlotados. Onde há apenas beliches apertados que chegam até o teto. Mais nada.

Aquele cheiro continua impregnando o ar.

Cheiro de morte.

* * * *

Passamos horas nas filas todos os dias, para sermos contadas. Horas. Não importa o clima. O trabalho é árduo e infindável. Carregam-se pedras para novas construções, acredito eu, e se está chovendo, tudo se torna um lamaçal. Pessoas morrem ali mesmo, de exaustão e doenças.

Ou são mortas. Depende do humor dos oficiais.

Descobri que cheiro é aquele. É o crematório. Funciona vinte e quatro horas por dia. Depois de mortos nas câmaras de gás, os corpos têm que ser transportados para o crematório. Os próprios prisioneiros têm de realizar essa tarefa.

Contamos os dias, para não perder a data do Rosh Hashaná: o ano-novo judaico. Foram poucas semanas de espera. Embora não haja comida, e nem possamos acender velas, cantamos baixinho, no escuro do barracão. “Darkecha Elokeinu” e “Ki Anu Amecha” E “Avinu Malkeinu”.

“Pois nós somos Teu povo, e Tu és nosso Deus; Nós somos Teus filhos, e Tu és nosso Pai. Veja como estamos perante a Ti, humildes e carentes de virtude. Bendito aquele que vem em nome do Senhor.”

Quem sabe o que poderá nos trazer esse novo período? Quem sabe o final da guerra? Foi esse o meu pedido...

Dentro de duas semanas é Sucot, a Festa dos Tabernáculos. Antes, é Yom Kippur. Será por acaso que estamos aqui, *justo* neste período? Embora seja tempo de pedir perdão; e depois, sete dias de regozijo e de gratidão, em Tishrei. Também é impossível deixar de recordar o significado principal do Sucot. O sangue dos cordeiros que impediu o Anjo da Morte de atingir os filhos primeiros dos hebreus. Me recordo da Libertação! E agora me pergunto: *por quê*? Por que Ele nos abandonaria?

Parece que todo o nosso sangue derramado não pode impedir que os novos Anjos da Morte atinjam-nos e nos firam...

Mesmo assim, ouso ter esperança. Durante os sete dias, cantamos e oramos, escondidas, no fundo do barracão. Outras se juntam a nós na escuridão. Aquelas que não são judias apenas ouvem e choram. Cada qual reza em sua própria língua, para o seu próprio Deus.

* * * *

Bergen-Belsen. Não é muito diferente do que já vivi em Auschwitz, onde passamos mais ou menos dois meses.

Lá eu me separei do meu pai, mas pelo menos, nós, as mulheres da família, tínhamos estado juntas até então. Contudo, eu e minha irmã fomos transferidas para Bergen-Belsen, e minha mãe ficou em Auschwitz. Ela não foi considerada apta para a remoção e o trabalho que nos aguardava. A saúde era fator fundamental, e ela não tinha o necessário. Então, somos só eu e Margot agora.

Há rumores de que os russos estão avançando. Ganhando terreno. Por isso os nazistas resolveram *ganhar tempo*, e enviar o máximo de prisioneiros que ainda têm força de trabalho, direto para a Alemanha. Ainda ouço a voz da minha mãe, gritando e chorando: "As crianças... as crianças!". Outras mulheres olham para nós, direto nos olhos. Um olhar compadecido, um olhar de "Aguente firme... vocês podem". Uma senhora do nosso barracão ampara minha mãe nos braços. Não vejo mais nada depois disso.

Fomos amontoadas de novo em um comboio lotado. Seguro a mão de Margot com força. Não me esqueço dos olhos dela, fundos no rosto, assustados. Nenhum oficial nos dizia nada sobre o que estava acontecendo.

Aqui, novamente nuas, temos o pouco de cabelo que havia crescido rapado outra vez. Estou com muito frio. Perdemos muito peso também. Às vezes, não sei se é melhor ficar aqui fora, onde há ar, mesmo no frio intenso... ou do lado de dentro dos barracões, empilhada ao lado dos outros. Logo será inverno e, ao que parece, estamos no Norte da Alemanha. Pensar que eu nasci aqui... que eu sou alemã! Mas, quando a guerra terminar, desejo me tornar holandesa. Afinal, de um jeito ou de outro, lá eu fui acolhida.

Quando tem sol, tiro o uniforme e me enrolo na coberta, para ver se os

piolhos saem das minhas roupas. Mas dura muito pouco, pois basta entrar no barracão à noite e logo começo a sentir a coceira novamente. O que me resta fazer senão colocar a roupa no sol de novo amanhã?

Todos os dias há mais corpos. Alguém que está vivo à noite, de manhã pode ser apenas um corpo jogado ali, para assombrar os vivos.

As semanas vão passando. O frio é terrível, e neva. Minha irmã tem febre alta. Muitos estão assim, disseram que há um surto de tifo que percorre os barracões por causa dos ratos, dos piolhos e das pulgas. Além dos mortos. Já tentaram enterrá-los em valas coletivas, mas há corpos demais, então apenas ficam por aí. Agora, estão queimando. O cheiro se espalha, dia e noite.

Em Auschwitz era pior. Com o calor que ainda fazia, os cadáveres apodreciam, em vez de congelar. Os nazistas usavam tratores para empurrar os corpos que não conseguiam cremar para dentro de buracos gigantescos. Eram pilhas... E pilhas. E pilhas.

Estou preocupada com minha irmã. Ela vomita. E agora tem diarreia. Percebo quando ela precisa sair do barracão, pelo modo como geme ao meu lado e se contorce. Eu me ergo para tentar ajudá-la. Mas Margot está piorando. Cada vez mais fraca, os ossos despontam, aparecendo. Os meus também aparecem, mas ainda tenho forças.

* * * *

Quando olho de novo, vejo que os dias passaram, e o corpo de minha irmã está cheio de manchas vermelhas. Fico assustada, e a chacoalho com cuidado pelo ombro. Mas desta vez ela não acorda. Balbucia quando chamo seu nome, mas está em uma espécie de entorpecimento. Fala coisas sem sentido, está mole e muito, muito quente.

Lá fora venta tanto, as correntes entram pelo barracão. Começo a chorar e apoio a cabeça dela em meu colo. Sua boca está entreaberta, e vejo como está seca. Puxo o lábio para baixo, e não há saliva. Quem sabe ela apenas precise de água? Está perdendo muita água... pois transpira muito, a diarreia está pior. Tenho que conseguir água.

Apoio a cabeça dela com cuidado no chão. A água que existe é da neve, mas já está muito suja, derretendo, cheia de lama. Mesmo assim saio do barracão, enxugando as lágrimas. Ninguém presta atenção em mim. Não sei o que fazer.

Assim que volto, ela está toda suja, deitada sobre suas próprias fezes e sangue. Não sei o que fazer! Alguém sugere que eu rasgue um pedaço do meu uniforme e a limpe. É o que faço, mas não resolve por muito tempo. Ela está se esvaindo na minha frente. Sei que não vai durar muito... Exatamente como os demais.

Se era para ser assim, eu teria preferido saber que Margot morreu nas celas de "banhos". Teria sido mais rápido...

Eu nunca fiquei sabendo exatamente o que acontecia lá. Ou *como*

acontecia. Mas vi as pessoas entrando em Auschwitz. Filas e filas. Na primeira vez, enquanto eu olhava, disseram que os agentes da SS os tinham levado para o banho, mas quando estavam todos lá dentro um agente subiu no telhado, colocou uma máscara de gás nele próprio e jogou alguma coisa pela portinhola lá em cima. Depois a lacrou.

Durou apenas alguns minutos. Meu corpo inteiro tremia, e fui tomada pelo pavor. Mesmo as paredes sendo tão grossas, era possível ouvir os gritos. Eu não quis ficar ali mais tempo, e fui o mais longe que podia. Minhas pernas hesitavam em me carregar, mas eu tinha que *ir longe*. Todos morrem ali.

* * * *

Quando a noite caiu, consegui carregar um pouco de água – o mais limpa que me foi possível encontrar –, mas não consigo fazê-la beber. Minha cabeça martela. *Não tenho como lhe dar água.* Fui rasgando pedaços de minha roupa para limpá-la, e fiquei deitada ao encontro de seu corpo para que não sentisse tanto frio. De manhã, estava morta. Enquanto eu chorava, duas mulheres arrastaram seu corpo para fora.

Não sei onde o puseram. E deito na cama, sem me importar. Ela se foi. Para ela, o sofrimento acabou. Essa é a libertação!

Depois... em poucos dias, era eu quem estava vomitando e febril. Minha mente afundava e depois ressurgia, em períodos mínimos de lucidez. Esperei por minha própria libertação. Sei que morri ali. Éramos apenas adolescentes.

Mas a guerra acabou logo. Bergen-Belsen foi libertada pelos britânicos, em abril de 1945. Poucos dias depois da minha morte. Porém, graças aos relatos do meu diário, enquanto minha família permaneceu escondida na Holanda, mais um dos meus desejos foi satisfeito: continuei a viver, mesmo após a minha morte.

* * * *

Como acontece nos sonhos, de repente eu era uma mulher adulta. Polonesa.

Estava lá, de novo. Entendi que meu espírito podia ser repartido e minha consciência dividida. Cheguei mais cedo em Auschwitz, desta vez. Antes de 1942. O trem de carga aportou ali de madrugada e ficamos muito tempo em uma fila. Eu não sabia direito onde estava, nem que lugar era aquele. Nenhum de nós sabia. Mas percebemos que devíamos passar primeiro por uma espécie de triagem feita pelos médicos nazistas do campo. Alguns eram liberados para um lado, alguns outros eram destinados para outro lado.

Fiquei sabendo depois que muitas das crianças e pessoas que não representassem força de trabalho iam direto para a câmara de gás. Naquele momento, eu não sabia. Os outros, aparentemente, também não. Estávamos

completamente perdidos.

Ali era diferente dos guetos; diferente de Varsóvia. Achávamos que era um local de trabalhos. Só não podíamos imaginar que trabalharíamos até a última gota de força. Até a morte por exaustão, maus-tratos, doenças ou espancamentos.

Percebi que as crianças estavam sendo separadas dos pais. Disseram que havia um campo só para as crianças. Comecei a ficar aflita, e os segurei. Meu filho de dez anos está ao meu lado, agarrado em mim, minha filha de oito, seguro-a no colo. Eu não conhecia aquele homem que estava diante de mim, fazendo a triagem. Mais tarde, soube que era o comandante de Auschwitz, Rudolf Höss.

Ele elogiou minha beleza, fez perguntas, fiz questão de deixar claro que não era judia nem comunista. Era polonesa e católica. Ele ainda perguntou: "Crê no Redentor?". Ao que eu respondi que sim! Dada minha condição "acima" dos malditos judeus, eu poderia escolher com qual dos meus filhos queria ficar.

Como eu podia escolher? Não tive sequer um minuto inteiro para isso. Höss disse que se eu não escolhesse, levaria as duas crianças para a morte imediata; e de fato o fez, quando não consegui dizer nada, exceto implorar! Implorei, pois não podia escolher, eu não podia! Mas, então, o comandante deu ordem para serem levados, e minha filha chorava muito. Estava muito cansada.

Em uma atitude de completo desespero, eu fiz minha escolha no último instante. E foi assim. Os dois foram levados de mim, naquele dia. Mal pude abraçá-las, minhas crianças. Uma foi enviada ao campo das crianças, mas eu jamais a vi novamente. A outra morreu naquela noite.

Muitas outras crianças estavam sendo separadas dos pais, e havia choradeira e gritaria, mas só até os oficiais e soldados que nos recebiam começarem a atirar, berrando e ordenando que calássemos a boca.

* * * *

Por que alguns morrem e outros apenas sobrevivem? Não sei dizer. A decisão que fui obrigada a tomar... ou melhor, a *não decisão* que tomei... assombrou a minha vida até o fim. Corroída pela culpa, assumi uma postura destrutiva em relação a *mim e* a quem eu amava, jamais pude *me deixar* ser feliz, mesmo tendo sobrevivido ao Holocausto.

Como sobrevivi em Auschwitz-Birkenau? Até janeiro de 1945? Em parte, sorte. Eu falava e escrevia alemão fluente e precisavam de alguém nessas condições para auxiliar em serviço de escritório. Durante um tempo, fiz esse trabalho. Enquanto estava ali, conseguia comida. Uma roupa melhor e menos exposição ao frio. Não precisei cavar valas, limpar latrinas, trabalhar no crematório. Mas fiquei no campo por tempo demais.

A perda de peso acentuada ia me deixando caquética. Quando não

comemos, o corpo devora a si mesmo, procurando energia. Derrete a gordura até não restar nada, e então digere os músculos e muitos outros órgãos. Os ossos também são consumidos, ficam frágeis. O coração perde massa muscular e, em um estágio avançado de desnutrição, não consegue mais bombear o sangue.

Eu percebia que meu corpo progressivamente não queria me obedecer, estava esgotado e sem energia, mesmo para coisas pequenas. Eu tinha que me obrigar. Tive anemia muito grave. Também dava para notar que algo estava errado com o meu sangue. Pequenos cortes e ferimentos levavam muito, muito tempo para estancar o sangue e para curar. As infecções – até as mais simples – podiam ser fatais porque nessas condições o sistema de defesa do corpo se desativa.

Tudo isso foi-me explicado pelos médicos depois, quando saí de lá. Disseram o que tinha acontecido com o meu organismo e o que fariam a fim de recuperá-lo.

A fadiga era indescritível e me acompanhava o dia todo. Era difícil caminhar, difícil me levantar, difícil trabalhar. O frio, o cansaço, o medo. As mortes. Infinitas. Eu me via apalpando braços e pernas. E sentia os ossos por baixo. Uma camada de pele sobre ossos. Acordava tremendo, encolhida. No inverno, a neve se acumulava e o frio cortava até os ossos.

Uma vez desmaiei, nem sei como. Ao dar por mim, estava caída na lama, o uniforme todo sujo e congelando de frio. Ninguém havia me ajudado, imaginando que eu estivesse morta. Meus cabelos cresceram um pouquinho, mas foram ficando como palha. Começaram a cair, cair. Até não sobrar quase nada. Minhas unhas eram uma fina película, que se dobrava. As menstruações cessaram por completo. Meus dentes iam caindo, um a um.

Os nazistas congelaram uma mulher, certo dia de inverno. Jogaram água nela, até que congelasse, o que levou bastante tempo. Puseram-nos em fila para assistir, no meio da neve. Os agentes ficaram com os fuzis apontados para nós, e ninguém podia interferir, inclusive a filha daquela mulher. Quase congelamos, nós também, ali, debaixo do vento, da geada. Eu não sentia meus pés. Depois, passaram a doer terrivelmente. Achei que pudesse perdê-los; eles congelariam como aquela mulher, depois seriam amputados a machadadas, talvez, e me deixariam sangrar até a morte.

Não era raro ouvirmos gritos de mulheres implorando por suas vidas. Mas um soldado da SS podia fazer tudo o que quisesse. Mandar uma mulher despir-se de suas roupas escassas apenas para que ele limpasse as botas nelas. Ou atiçar um dos cães das matilhas contra alguém que caísse ao chão, exausto. Uma prisioneira foi atacada de graça por um destes, e no final do dia morreu em decorrência de hemorragia e de estragos no pulmão, eu acho, porque foi ficando roxa, até parar de respirar. Uma morte súbita e aleatória.

Qualquer coisa podia virar uma arma nas mãos dos nazistas. A coronha de uma espingarda. Uma pá. Um cassetete. Durante todo o tempo seu trabalho era exterminar pessoas. E no fim do dia muitas vezes era possível ouvir as

cantorias, as marchinhas tocadas e a confraternização com os familiares e amigos nas casas que ficavam na orla do campo.

Como se bem ali ao lado não houvesse um matadouro humano. Pessoas morrendo de fome, privação do sono e inanição, de um brutal ritmo de trabalho, além do sadismo incessante por parte da SS.

Eu me sentia deprimida como nunca estive em minha vida. Olhava para fora dos barracões e via tudo coberto de neve, no inverno. Era uma visão desoladora e desesperançosa. Os médicos disseram que a depressão pode acompanhar os quadros graves de desnutrição.

O cheiro dos crematórios era constante, dia e noite. Uma lembrança eterna do que estava acontecendo. Quando a demanda de mortos era excessiva, eles os queimavam ao ar livre, em valas enormes. O cheiro de putrefação é medonho. O inferno não pode ser pior do que Auschwitz-Birkenau: aqui há fogo, chamas e fumaça e o cheiro de carne queimando. Cheiro de morte e morte espelhada em cada dos rostos dos vivos.

Depois que o exército vermelho libertou Auschwitz-Birkenau, fiquei internada por dois anos em uma clínica europeia. Pesava menos de quarenta quilos. Eu não tinha mais família, assim como tantos outros que sobreviveram à Segunda Guerra, de um jeito ou outro. Foi um milagre eu ter sobrevivido.

Para apagar os vestígios do que ocorreu no campo, antes da chegada do Exército Vermelho, a SS implodiu as câmaras de gás e evacuou a maioria dos prisioneiros. Muitos foram mandados para Bergen-Belsen, na própria Alemanha. E muitos outros prisioneiros foram obrigados a sair do campo, nas marchas da morte.

As forças que libertaram os campos foram testemunhas das condições inimagináveis impostas pelos nazistas, e ainda encontraram pilhas enormes de corpos que não haviam sido enterrados. Havia poucos sobreviventes. Muitos tão fracos que mal podiam mover-se.

* * * *

Muito tempo depois, conheci uma moça, sobrevivente de Dachau. Ela contou que os soldados americanos não estavam preparados para aquilo. O rosto deles dizia tudo, o pasmo, a indignação. A perplexidade absoluta. De repente, de soldados passaram a enfermeiros naqueles primeiros dias, até que equipes especializadas começassem a chegar de todas as partes.

O que os alemães haviam feito estava muito além de qualquer explicação. Os americanos precisaram de escavadeiras para ajuntar os corpos e enterrá-los em valas. Os alemães foram obrigados a ajudar. Mandaram vir as pessoas que moravam em vilas próximas, nas redondezas, para que *vissem* com seus próprios olhos o que tinha acontecido debaixo de seus narizes: eles eram culpados; *igualmente* culpados, como os nazistas. Deixaram acontecer. Fecharam os olhos. E eles foram obrigados a ajudar a enterrar os mortos.

Ela contou que milhares de prisioneiros estavam tão debilitados que morreram mesmo depois de o campo ser libertado. O dia raiava e, mesmo estando livres dos nazistas, havia mais e mais mortos, cujo organismo nem mesmo aceitava a ingestão de alimentos sólidos e calóricos que eles, sem saber o que fazer, davam-lhes.

* * * *

Por mais estranho que possa parecer, e absolutamente inverossímil, minha sensação é de ter estado nos campos... ter perdido minha família... meus amigos... meus amores... muitas vezes.

E não apenas nos campos. Naquele momento da história eu também fui alemã; nasci e vivi na Alemanha. Kassel, minha cidade, na região de Hesse, foi alvo de bombardeios contínuos, que começaram no início de 1942 e foram quase até o fim da guerra.

Estávamos acostumados a nos refugiar nos porões das casas, ou nos abrigos antiaéreos, mas, por algum motivo, naquela noite o sinal não disparou a tempo. As pessoas estavam dormindo. O barulho era sempre ensurdecedor, mas nessa noite foi muito pior. Era a madrugada de 22 para 23 de outubro de 1943, e a Força Aérea Britânica atacou sobre o centro da cidade. Foi uma tempestade incendiária.

Recordo a dor profunda de ter sido a única sobrevivente. Porque eu estava acordada; estava no porão, escrevendo. Só por esse motivo não morri como os outros. Eu *queria* ter morrido! Minha família, meus amigos e meus vizinhos, todos estavam mortos, e, depois que tudo acabou, foram enfileirados nos escombros da rua. Não tinha sobrado praticamente nada. A fumaça negra invadia o céu, e nos asfixiava. Os olhos das pessoas refletiam-se, escuros como a fumaça, olhando uns nos outros, tentando adivinhar...

Não apenas o próximo bombardeio, mas o que seria da Alemanha ao findar o conflito... pois havia outras cidades alemãs sendo devastadas por bombardeios. E se fôssemos invadidos?

Eu estava sozinha, agora. De novo. Só naquela noite, foram dez mil pessoas mortas em Kassel. Eu já tinha sido adotada uma vez – ocasião em que minha mãe entregou-me a uma família que poderia cuidar melhor de mim. Íamos os dois juntos, eu e meu irmão menor; mas o perdi antes de chegarmos. Agora, perdia minha família inteira pela *segunda* vez, em uma única vida! Perdi também o menino que eu amava, que me amava.

Mesmo sendo alemã, a guerra me privou de tudo o que eu tinha. Não era apenas a morte que eu experimentava, vez após vez, mas a perda dos que eu amava. Sempre. Um após o outro.

* * * *

Então eu era inglesa, e os bombardeiros alemães sobrevoaram e atacaram a capital do Reino Unido por setenta e seis noites consecutivas. Nós morávamos no campo, mas eu tinha assuntos a resolver na cidade, e estava lá quando tudo aconteceu. Ficamos ilhados, eu e alguns amigos de trabalho, escondidos nos escombros das casas, esperando que algo pudesse nos salvar em meio ao caos.

Era uma dificuldade e um risco sair dali para qualquer coisa; para arrumar suprimentos, comida e água. Cerca de vinte mil pessoas morreram naqueles dias. Mais de um milhão de casas foram destruídas. O som dos aviões, o som do lançamento das bombas; por fim, as explosões. Eu morri ali.

Eu morri em Hamburgo. Morri em Berlim. Eu sei que tudo isso aconteceu. Vi de perto o que os homens fazem uns aos outros.

* * * *

Eu morri em Waverly Hills...

CAPÍTULO 18

ANO 1959 D.C.

Mas... eu acordo... – ou penso que acordo? – e acabo me lembrando, depois de um tempo, percebendo em minha consciência onde estou e quem sou. Lembro-me que Victoria Ann d'Angerville nasceu em 1942.

Fico com a sensação da Segunda Guerra explodindo de cada fresta oculta, desconhecida e obscura da mente. Os campos, os prisioneiros, as bombas e os destroços estão diante dos meus olhos, e nada faz sentido.

Por algum motivo, sei que não apenas *morri*... lá... em tantas circunstâncias. Mas eu também *fiz* a diferença. Fiz a diferença como espiã, como pilota, como *sniper*, liderando tropas, arriscando-me e salvando pessoas. Assumi a vida em diferentes nacionalidades, usando características inatas do meu ser – do *meu* ser? Victoria d'Angerville não tem qualidades desse tipo...

Mesmo assim, nessas vidas, usando habilidades que me eram inatas, fui considerada heroína de guerra. Os nomes me vinham à cabeça, mas não conseguia retê-los. Eram como flocos de neve soprados pelo vento.

Acho que pelo fato de estar ali... – começo a me situar agora.

O fato de estar ali *dentro*... – sinto dores pelo corpo todo – dentro do gavetão...

Amarrada. Amordaçada... Acho que isso só me fez sonhar com morte.

Quando finalmente me situo é que percebo: devo ter desmaiado. A consciência simplesmente tinha me abandonado. Para me poupar, talvez. Ou para me trazer mais lembranças.

Lembranças muito compreensíveis e vívidas – mas ao mesmo tempo incompreensíveis. Porque não entendo o que têm a ver comigo. Perdi a noção de tempo e espaço dentro desta *caixa*.

Sou apenas um corpo imóvel, respirando. Respirando.

* * * *

Começo a acreditar que os "boatos" e histórias terríveis que descobri, com minhas amigas, são verdadeiros.

Muitas e muitas crianças foram levadas junto com os pais, mesmo sem estarem doentes, ou à revelia destes, justamente por terem sintomas da doença.

Se por um lado, no começo, todos amavam o lugar, considerando-o uma

bênção de Deus para os doentes e ninguém tinha medo de estar ali. Por outro...

Se no começo se dizia que os pacientes conviviam uns com os outros, jogavam cartas e descansavam; a cozinha cheirava o melhor possível e havia um *playground* para as crianças no telhado, onde podiam jogar bola e até brincar com um cachorro... Agora...

Começo a acreditar na quantidade de mortes. Nos pacientes que sofreram com os tratamentos experimentais da tuberculose, as técnicas que teoricamente melhorariam sua capacidade pulmonar, mas que terminaram em tragédias. A retirada de várias costelas e músculos do tórax, na tentativa de ajudar o pulmão a insuflar. A retirada de pedaços do pulmão afetado, ou um pulmão inteiro. Muitas vezes, sem uso de anestésicos, que já estavam ficando escassos.

As tentativas de colocar um balão dentro dos pulmões, ou a técnica do pneumotórax: para que o pulmão infectado "descansasse", culminando na cicatrização das lesões. Isso só apressou a morte de muita gente. E que dizer dos casos avançados? O que fizeram com ossos infectados, gargantas, cérebros?

Victoria não queria nem pensar. As histórias de gente que se suicidou ali: médicos, enfermeiras, pacientes... talvez houvesse verdade naquilo tudo.

* * * *

Victoria sentiu a luz bater em seus olhos quando a portinhola foi aberta. Escutou o barulho do ferro batendo em ferro ao perceber que o gavetão estava sendo puxado para fora.

Ela devia ter desmaiado. Ouviu a voz do médico-chefe, aquele maldito sotaque, aquela entonação baixa de pessoa-altamente-equilibrada-emocionalmente. *Maldito!* Se Victoria se visse frente a frente com o doutor Ralf Muller e estivesse *desamarrada*... Ah!

Ah, Ralf Muller, Ralf Muller! Espero que algum deus te guarde... Ou, quem sabe, o próprio diabo, de quem você deve ser o melhor discípulo... porque se eu tiver oportunidade...

Quase ela deu um sorriso ali mesmo, só de contemplar a possibilidade. Esmagar aqueles óculos redondos, enfiar os pés na boca do estômago daquele monstro, um coice duplo colossal; e quando ele envergasse, uma joelhada direto no rosto. Tão rápido que não teriam tempo de segurá-la! Quem sabe... Quem sabe, um dia.

O médico devia estar olhando para ela, deitada na bandeja. Esse foi o principal motivo que a fez manter os olhos fechados: não queria olhar para aquele homem. Mas escutou:

— Espero que você tenha aprendido a lição. Hoje você ficou umas poucas horas. Se eu precisar fazer isso de novo, deixarei você aí muito, *muito* mais tempo.

Alguns homens a transportaram de volta para a maca. E deslizaram com ela para fora dali.

* * * *

Outra vez na enfermaria. Victoria sentia-se massacrada.

Ela não conseguia se livrar, porém, de um sopro sutil que esvoaçava na mente e batia asas tão diáfanas que eram quase inaudíveis, quase invisíveis... Quase como nada! Mas estava lá, como uma pequena corrente de ar passando por baixo da porta do seu inconsciente. Escapando, como um fiapo de névoa e fazendo emergir a sensação de que havia muito mais atrás daquela porta.

Victoria sentia como se algo tivesse que ser reparado. Consertado *dentro dela*. E esses danos – o que quer que necessitasse tal reparação – vinham de uma outra vida. *Mas que vida? Qual delas?* Ela fechou os olhos. A exaustão era pétrea. Pensaria nisso depois.

Não mencionaria nada ao doutor Ralf. Nada do que sonhara, nada do que sentia. Não mais. Certamente ele não teria resposta para aquilo, o que o levaria a "ajustar" as doses e os tipos de remédios outras vezes, além de aplicar "tratamentos alternativos". Victoria já sabia que o médico não tinha intenção alguma de curá-la, de fazê-la melhorar. Ela é quem deveria mostrar-se ótima novamente, responsável e sem nenhum sintoma de qualquer doença. Além de obediente. Calma. Controlada.

Este lugar não é um hospital. Não é um lugar de tratamento. É um lugar de tortura, uma fábrica de loucos. O que fizeram essas pessoas para merecer tanto sofrimento?

Mais tarde, em sua cama, após o jantar, Victoria se permitiu prender os pulsos pela enfermeira da noite, responsável por seu leito. Tomou os remédios sem dizer nada. Não tinha vontade de falar. Não queria ninguém perto dela por mais tempo que o estritamente necessário. Não queria ver nada, saber de nada, só dormir, dormir, dormir.

* * * *

Mais uma vez, viu-se naquele lugar... Que não era "ali". Não no campo de extermínio, não no meio dos bombardeios e dos soldados, e chorando por tantas perdas. Mas em um campo de flores imenso.

Ela estava livre! E começou a correr pelas longas alamedas entre as flores. O céu tinha um suave tom rosado, e ela sentia-se *tão livre*! O corpo não era mais aquele do hospital, já em frangalhos. Não! Era um corpo forte, cheio de saúde, que respondia aos menores comandos com destreza.

Ela corria, mas não sentia cansaço ou fraqueza alguma. Era como se pudesse correr para sempre, sem medo, sem culpa.

Sem destino. Corria, e os dedos estendidos tocavam nas pontas das folhas, agitando-as. Ela se sentia tão forte e ao mesmo tempo tão leve, quase como se tivesse ... asas!

A luz do quarto foi acesa. Amanhecia. Uma manhã cinza e feia.

* * * *

Foi na noite seguinte àquela – quando Victoria sonhou estar no campo de flores. Estava ventando muito, o vento assobiava pelas janelas e o céu continuava cinzento.

A garota sentia-se triste, *afundada* em si mesma desde que voltara do necrotério. Uma coisa lhe chamava atenção, agora que tinha parado para pensar: não havia escutado a *coisa* desde sua chegada a Waverly Hills. Talvez o objetivo dela sempre tenha sido trazê-la para ali; e agora não precisava mais ficar rondando.

Durante o dia mal trocou uma palavra com qualquer um, até mesmo com a enfermeira grisalha. A mulher tinha puxado um pouco de conversa, para saber como Victoria estava se sentindo, com a desculpa de ter que anotar no prontuário.

Victoria apenas respondeu: "Como uma criminosa muito, muito perigosa".

Desde a manhã do dia anterior notava-se, pela primeira vez, a chegada do inverno. Ele se fazia muito presente agora, e Victoria tinha medo. Medo do que aquele clima inóspito e o céu cinzento poderiam causar em sua alma. Tudo estava muito triste. As outras pacientes deviam se sentir do mesmo modo, porque havia muito mais sons de choro e lamúrias de infelicidade do que gritos, propriamente. Era como se as nuvens densas de chuva houvessem conseguido entrar ali, dentro do sanatório, para contaminar a todos.

* * * *

Victoria não sabe em que momento da noite aconteceu. Devia ser madrugada, porque aquele silêncio que não se traduzia em paz estava presente. As pacientes estavam drogadas demais para emitir algum som, mesmo durante o sono. Mas o estranho era que nem a voz das enfermeiras da noite, de papo com os auxiliares troglodítas, dava para ouvir.

Victoria estava sonolenta; não sabia o motivo de ter acordado. Seus olhos continuavam cerrados, mas foi então que notou. O aroma. Ela gostava de cheiros. Mesmo de dentro da sua sonolência, ela inspirou fundo. O aroma a atingia em ondas, como se passasse por ela. Um perfume tão gostoso, diferente de tudo que já tinha sentido; e especialmente diferente de qualquer cheiro experimentado no sanatório. Waverly Hills não exalava perfumes agradáveis. Não como aquele.

O perfume a despertou um pouco mais. Victoria abriu os olhos, procurando a fonte do aroma. Mas, na penumbra do quarto, ela notou uma figura em trajes brancos, parada junto ao leito dela.

Imediatamente, Victoria encolheu-se, embora não muito. Os pulsos presos não permitiam que se movimentasse demais. Quem estava ali? Então, o perfume, de novo. Forte. Intenso. Ela olhou melhor para a figura ao lado, piscando, forçando a vista. Seria *dele*, o cheiro?

Sim, porque havia de fato um homem parado ali. O que chamou atenção dela de imediato foram os cabelos: compridos até abaixo dos ombros, e tão claros que pareciam quase brancos. Estavam soltos. A barba era rala, no mesmo tom dos cabelos.

Victoria ficou olhando para ele, sem saber se sonhava, se delirava – como o doutor Muller apregoava com tanta intensidade –, ou se era real. O homem tinha o rosto jovem, no final dos vinte anos. Era bem alto. E forte, com ombros largos, uma robustez que, mesmo naquelas condições, Victoria notou. Uma pontada de medo a invadiu, e por um fugaz instante Victoria tentou encolher-se de novo, virou o rosto para o outro lado, porque só *podia ser* um dos trogloditas.

Mas o que ele haveria de querer *ali*, no meio da noite? Ficou com medo. Naquele silêncio todo... E se a estuprasse? Quem iria acreditar nela, no dia seguinte? Então voltou o rosto na direção daquele homem outra vez, assustada. Tinha que estar muito atenta ao que ele faria. Estava a um passo de gritar por socorro.

Mas algo a impediu.

Talvez tenha sido o modo como ele inspirou, as narinas se dilatando suavemente, como se sentindo o cheiro dela. O que constrangeu Victoria – estaria *fedendo*? Se estivesse, a culpa não era dela, pois banhos pareciam não fazer parte das prioridades médicas. Ou então... Victoria olhou melhor... Talvez tenha sido algo no rosto dele, no modo como a olhava. Estava bem perto, à cabeceira da sua cama.

Victoria reconheceu o jaleco do hospital. Pelo tamanho do vulto, *tinha que ser* um dos auxiliares maquiavélicos, mas... Quando ele se aproximou ainda mais, uma nova onda de perfume a abalroou.

Os brutamontes não tinham aquele cheiro, de modo algum. Cheiravam a sangue, suor e éter; e ao odor nauseabundo do pavor humano. Mas *aquele* cheiro... O cheiro que se desprendia daquele homem... Victoria ergueu a cabeça de vez. Totalmente desperta, analisou o rosto do visitante, não muito claro na penumbra. Mesmo assim, para surpresa dela, os olhos que a encaravam, diretamente, mostravam... diversas coisas conflitantes, sim, mas uma era... era... uma dessas coisas *trazia*...

Foi como se o ventinho por baixo da porta do inconsciente ficasse mais forte. Como se a porta houvesse sido aberta por um rápido instante, e alguma memória fugidia escapulisse de lá. Mas Victoria não tinha como refletir a respeito. Não ali, debaixo do olhar do visitante. Em tão pouco tempo.

Então ela só absorveu a sensação. Acolheu-a.

Porém, havia algo claro como a própria luz. Havia... – seria possível? – uma bondade estranha espelhada nos olhos daquele estranho.

Bondade?

Não. Era um engano. Mesmo assim, um pouco perplexa, Victoria olhou melhor. Tudo não durou mais do que segundos. E a bondade continuava ali. Algo terno, carinhoso.

Não. Ela estava vendo errado. Tinha que haver *algo mais* por trás daquela expressão. Alguma ameaça ainda não detectada.

Ninguém ali olhava para ela ou para qualquer paciente com *bondade*, ternura ou algo "humano" assim. Era sempre um olhar altivo, ou austero, ou zangado; ou de quem estava, no fundo, divertindo-se. Além disso, os "guarda-costas" nunca apareciam sozinhos; eram sempre dois ou três, como se os doentes não passassem de facínoras muito perigosos, delinquentes ou marginais.

Explicações – ou a falta delas – foram cascateando pela mente da garota. É mais um sonho. Daqueles *bem reais. O que quer dizer que esse homem não é real, ele não é de verdade.*

Antes que Victoria divagasse mais, o homem apenas se inclinou sobre ela, perto de seu ouvido, e cochichou:

— Não fique com medo.

Sem dizer mais nada, ele simplesmente desamarrou as correias, com agilidade, como se desamarrar correias fosse sua especialidade. Victoria estava em um misto de perplexidade e temor. Se a estavam levando, para *onde* seria? O doutor Ralf a esperava? A queria para algum de seus "testes" ou o quê?

— Venha comigo — disse o homem, em um sussurro, olhando-a nos olhos e estendendo a mão.

— Mas aonde você vai me levar?

Ele pôs o indicador sobre os lábios.

— Só faça silêncio, e venha comigo.

Sua expressão era de vigilância absoluta.

Então Victoria segurou a mão dele, o que a ajudou a firmar-se, sentar-se e arrastar o corpo para fora da cama. Embora a mão do homem fosse muito forte, com músculos rígidos, a pele tinha um toque incrivelmente suave. Na verdade, aquele estranho parecia ainda mais forte do que os brutamontes imbecis.

Enquanto ele a ajudava a sair da cama, a manga do jaleco escorregou um pouco pelo antebraço do homem, e Victoria notou o início de uma tatuagem azul. Não dava para saber se era uma letra em outro idioma, algo abstrato, ou um pedaço de um desenho.

Ele segurou firme a mão da garota e levou-a até a porta do quarto. Todas as pacientes dormiam. Não havia nenhum ruído. Não havia qualquer voz. Mesmo assim, ele parou ao lado da porta e olhou primeiro, antes de sair pelo

corredor.

Foram caminhando lado a lado. O homem com passadas largas e decididas, apressadas, e Victoria trotando ao lado dele, acompanhando-o. Descabelada. Descalça. Vestida só com uma de suas camisolas – que finalmente tinham chegado de sua casa, mandadas pela mãe.

Eles passaram por toda a enfermaria e saíram no saguão perto do elevador. Mas, em vez de esperar, o estranho médico a guiou pelas escadas. Agora Victoria ouvia conversas, às vezes risadas. No terceiro andar, de longe, viu um enfermeiro empurrando uma maca; havia luzes em alguns quartos.

No entanto, ninguém cruzou com eles. Ninguém os viu. Os dois continuaram pelas escadas rapidamente, quase correndo. Quando saíram para o andar, Victoria encarou o jovem homem. *Precisava* perguntar:

— Você trabalha em que setor?

Silêncio. A mão forte apertou a de Victoria um pouco mais, e ele praticamente seguiu arrastando-a.

— Eu nunca te vi por aqui. Em qual andar você fica? — Ela insistiu.

Silêncio.

— Você me *conhece*? De onde você me conhece, afinal?

Mais silêncio. E ele a puxava ao longo do corredor. Victoria reconheceu o andar onde ficava o escritório particular do doutor Muller. A recepção, o laboratório. Mas tudo em absoluto silêncio, na penumbra. Parecia um hospital-fantasma – não que não fosse, dadas as circunstâncias ali dentro.

— Posso saber seu nome, *pelo menos*? — Desta vez Victoria foi um pouco áspera.

O homem parou por um breve instante. Olhou o rosto da garota. Firme.

— Neste momento, você só tem que pensar em uma única coisa: sair daqui.

— Como assim? "Sair" daqui? O que quer dizer?

— Vamos. Vamos!

— Você não está me levando para outra sala, algum lugar horrível, né? — Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Victoria freou um pouco, enrijecendo.

— Vamos! — Ele deu um puxão curto e forte que a arrancou do lugar.

— Sabia que sua educação ia durar pouco. *Onde* está me levando?

— Fique quieta.

Andaram mais um pouco. Victoria nem sabia por onde estavam passando, já que mantinha os olhos fixos no homem a maior parte do tempo, analisando-o, e apenas se deixava ser puxada para adiante.

Mas então ela reconheceu o corredor onde ficava o necrotério, e deu um solavanco para trás, instintivamente. Os pés pareciam terem grudado ao assoalho.

— Calma — ele murmurou.

— Não... Não! Eu não fiz nada!

— Vamos! Não temos muito tempo. Não vou levar você para lá!

O estranho puxou Victoria pelo outro extremo do corredor, para o lugar

onde ela sabia que tinha passado na data da internação, e que dava...

No túnel.

— Você... Vai *mesmo* me libertar? — indagou baixinho, olhando para o túnel. Um vento gelado subia por ele. Não parecia ser verdade.

— É só seguir. São cento e cinquenta metros. A porta lá embaixo vai estar aberta.

— Como você sabe?

— Vai estar.

O estranho a fitou no fundo dos olhos de Victoria por alguns instantes. Presa naquele olhar, ela assim permaneceu. Ele tinha olhos esverdeados, pelo menos naquela pouca luz. Mas havia algo *mais*. De novo a moça sentiu o ventinho escapando do inconsciente.

— Eu... te conheço de algum lugar? — Victoria passou os dedos sobre a testa, confusa, estreitando um pouco os olhos. — Nós... já nos vimos antes?

Mais uma vez ele não respondeu. Continuava segurando a mão dela, como se não estivesse plenamente pronto para largá-la. Porém logo aquilo passou, e ele apoiou a outra mão no ombro da jovem. Com carinho, pareceu. Ela apenas se mantinha olhando para cima, para o rosto dele. Era um rosto bonito. Familiar de algum modo, mas...

— Victoria, suas decisões podem determinar seu futuro — falou, por fim. — E você pode acabar voltando para este lugar... — Havia carinho, mas firmeza também, além de muito pesar.

Surpresa, Victoria notou que aqueles olhos meio verdes dele marejaram ao dizer isso.

— Por quê? O que você sabe a meu respeito?

— Você vai acabar voltando para cá, e se isso acontecer... não vou mais poder te ajudar. — Havia uma genuína tristeza não só no rosto dele, inclusive naquelas palavras.

Victoria ficou olhando-o. Não sabia o que dizer. Ele soltou a mão da jovem, que se virou para o túnel: ali estava sua chance de fuga! Quando ela olhou de novo para o desconhecido, ele estendeu um casaco, comprido e grosso, em sua direção. Abriu-o, aproximando-o dos ombros dela, de modo que Victoria apenas enfiou os braços dentro das mangas e puxou o tecido ao encontro do corpo. Era um sobretudo vermelho.

De onde saiu aquilo? Estivera pendurado em algum cabide?

— Está frio lá fora — disse ele.

Victoria estava mexida pela presença, pelo olhar daquele homem, por suas palavras. Com certo custo, desviou a atenção para o agasalho, a fim de fechar os botões. Enquanto isso, ela murmurava:

— Mas... um casaco *vermelho*? Desse jeito eu vou ser vista a um quilômetro de distância. — Victoria ergueu as sobrancelhas para ele.

O homem esboçou um sorriso. E estendeu um par de botas de couro macio, forradas com pele falsa.

— Seus calçados.

— Cor de *mostarda*? — Espantou-se Victoria de novo, fazendo careta.

— Vai manter seus pés aquecidos.

Mais uma vez ele mostrou um meio sorriso. Mas seu olhar continuava triste, o que Victoria não entendia bem, afinal o momento deveria ser de satisfação. Estava indo embora daquele mausoléu, daquele cemitério de pessoas que ainda respiravam, com a ajuda *dele*!

Paramentada, ela se olhou um pouco. Também deu um pequeno sorriso.

Mas ele ficou sério outra vez.

— Você tem seis horas de vantagem. — Foi tudo que respondeu. Apontou o túnel: — Vá embora o mais rápido que puder.

Em um impulso de gratidão, Victoria aproximou-se do estranho, abraçou-o forte e ergueu-se na ponta dos pés para dar um beijo em seu rosto.

— Não vou mesmo saber o seu nome? — indagou insistente, antes de soltar o abraço.

— Você agora só tem cinco horas e cinquenta e nove minutos.

CAPÍTULO 19

Victoria tentava correr escadaria abaixo, mas era impossível no meio da escuridão, mesmo com uma das mãos apoiadas contra a parede. Entretanto, foi tão veloz quanto o lugar e suas pernas, amortecidas há semanas, permitiam. A respiração logo ficou ofegante, e ela diminuiu um pouco o ritmo. Não queria despencar escada abaixo e ser carregada de volta ao hospital, ainda mais com uma perna quebrada.

Quando chegou à entrada do túnel, de fato a porta gradeada estava entreaberta. Entendeu que a tranca havia sido destravada. Sem parar para pensar, Victoria saiu como um bólido pela porta, e uma rajada de vento gelado atingiu-a em cheio, como se estivesse em um convés no meio do oceano. O vento dentro do túnel era uma brisinha perto daquilo.

Victoria olhou para cima e viu as nuvens escuras que viajavam, rápidas, carregadas de chuva, impulsionadas pela ventania. Havia apenas um fiapo de lua minguante, a maior parte do tempo escondida pelas nuvens. Portanto, estava escuro o bastante para mantê-la oculta, mesmo com o casaco vermelho berrante e aquelas botas inimagináveis.

* * * *

A menina não achou que correr na direção da estrada seria seguro. De modo que subiu a colina de volta, em parte, contornando-a para o lado mais ermo, embrenhando-se na mata ao redor do Waverly Hills Sanatorium.

Derrapou nos pedregulhos e quase caiu duas vezes. Victoria segurava-se em galhos e rezava. Tudo que desejava era em ir para longe, *muito* longe dali. De vez em quando olhava para trás, verificando a silhueta do sanatório que despontava acima das árvores, e que ia ficando cada vez mais distante, oculta no passado.

Waverly Hills seria como se jamais houvesse existido, apenas a névoa de um pesadelo que se dissolvia entre os pinheiros e as árvores nuas, sem folhas.

Victoria ofegava, mas continuava ora correndo, ora caminhando apressada, em meio à mata. De vez em quando, o vento cortava suas orelhas, porque a cabeleira, que poderia aquecê-las, voava em todas as direções.

O coração tinha se transformado em um martelo e suas têmporas eram a bigorna; os pulmões queimavam contra agulhas, no esforço da pressa. Pensou que fosse vomitar, então diminuiu um pouco o ritmo. Apoiou-se em uma árvore e respirou sofregamente, inalando o ar gelado da noite.

Vamos, Victoria, ande, ande, maldição...

As pernas que estavam acostumadas a pedalar quilômetros, vacilantes a princípio, agora criavam vida novamente. Depois do pequeno instante de descanso, quando o sangue jorrou de novo nos músculos, e a adrenalina voltou a pulsar, Victoria não parou mais. Não tinha a menor importância para onde estava indo. Primeiro tinha que se afastar dali.

* * * *

Victoria caminhava em meio à vegetação enquanto ia descendo a colina pelo outro lado. Para aumentar a distância sem descer rápido demais, fez alguns "anéis" no entorno da colina. Até que, por fim, chegou ao que pareceu ser o sopé da colina. O caminho agora era mais reto, e não descendente.

Não tinha levado tanto tempo. Mas, como não sabia onde estava, Victoria continuou caminhando em meio às árvores, como tantas vezes fizera, perto de casa. Estava muito, muito escuro, mas ela não teve medo. A chance de encontrar alguém ali, àquela hora, em uma noite fria era praticamente nula.

Depois de um bom período de tempo – quanto, ela nem sabia –, Victoria viu, entre o arvoredo, uma estrada de ferro próxima. A garota parou um pouco, olhando para um lado e outro, mas sem se mexer e muito menos sair da vegetação que acompanhava as margens da via férrea. Raciocinou um pouco: *Se eu for para casa... meu pai me trará de volta.* Seu estômago enchia-se de pedrinhas só de aventar a hipótese. *E o doutor Ralf me esfolará viva por eu ter fugido...* Ela se arrepiou toda.

A voz do desconhecido que a salvara ecoou em sua mente: "*Se você voltar para cá, não poderei ajudá-la*".

Ele falou também de escolhas. Victoria não tinha entendido muito bem o que aquilo queria dizer. Não era como se ela fosse *escolher* voltar para o sanatório!

Victoria lembrou-se do rosto do doutor Ralf, de sua voz insuportável, de seus olhos doentios, do hálito horroroso; e dos outros homens que a enfiaram sem compaixão e humanidade dentro daquele caixão. Lembrou-se da rispidez de boa parte das enfermeiras, da truculência revoltante daqueles brutamontes. Recordou-se da prisão em que sua mente era contida, enevoada por medicamentos e sedativos. Da comida que era obrigada a comer até o fim; da sonolência constante, a tristeza, os choros, os gritos. A banheira e a cadeira giratória.

— Eu não vou voltar *nunca*! — falou para si mesma, entredentes. A raiva pulsou dentro dela como o estalar de uma chama. — Não sei de onde aquele homem tirou a ideia de que eu poderia voltar para lá. *Nunca mais* eu volto! Por isso não adianta ir para a casa dos meus pais.

Encostou-se em uma árvore. Apesar do frio, depois de tudo que havia caminhado, estava até acalorada.

De repente, a luz da lua apareceu um pouco e Victoria pareceu notar, além

da linha do trem, uma estrada. O asfalto despontava adiante. E ambas aparentemente seguiam lado a lado.

— Aparecer na casa do meu avô também está totalmente fora de cogitação. Daria no mesmo. Ele me traria de volta. — Victoria mordia o lábio sem parar. — Sei que eu poderia procurar por minha mãe, quando meu pai não estivesse em casa ou minha avó. Mas elas não têm poder de fazer algo por mim. Não podem me ajudar. Não podem ir contra os maridos. Não têm sequer dinheiro próprio para me oferecer!

Mais uma vez Victoria lamentou a inutilidade do papel feminino para qualquer coisa além das tarefas cotidianas de uma casa. Sonhos esmigalhados, é o que muitas acumulavam. Desejos reprimidos, tornados repreensíveis e errados. Vidas despedaçadas.

— Não vai acontecer comigo!

* * * *

A jovem escolheu atravessar a linha de trem, cruzar o mato rasteiro adiante e chegar à estrada. Depois de olhar novamente dos dois lados, virou-se para a esquerda, por nenhum motivo em particular. Pôs-se a caminhar, acompanhando a via. Não exatamente por ela, mas às margens, ainda meio oculta pelos arbustos mais rasteiros e as árvores – embora isso a atrasasse, era melhor do que ser vista. Mesmo de madrugada, Victoria optou pelo máximo de segurança.

De vez em quando a moça observava com olhos compridos para o asfalto, onde ela poderia ganhar tempo correndo um pouco. Mas não quis se arriscar. Aquela era uma estrada de *asfalto*. Provavelmente uma via principal. Algum carro poderia passar. Um trem; já que as duas vias corriam paralelas e próximas. Para que dar sorte ao azar?

Além disso, havia uma ou outra casa a distância, à beira do caminho. Algumas estradinhas colaterais. E se alguém estivesse com insônia, lendo perto da janela, e visse passar uma figura incomum como ela, com aquelas roupas, cabelos desgrenhados, altas horas da noite? Sozinha? E... relativamente perto de Waverly Hills? Melhor continuar oculta.

Aquele médico disse que eu tinha seis horas de vantagem, lembrou-se. Ou seja, provavelmente até o amanhecer.

Victoria apressou-se, mas continuava tropeçando em pedras e enganchando o casaco em galhos difíceis de enxergar. E como ficou parada um pouco, encostada à árvore, pensando, agora sentia um pouco de frio. Foi enfiando as mãos nos bolsos do casaco para se aquecer. Porém, em um deles, havia algo que impedia sua passagem. Um volume grande.

— Mas o que esse homem esqueceu aqui, *afinal*...

Para surpresa de Victoria, ao retirar o volume do bolso, viu que era um maço... de *dinheiro!* Sua boca abriu, os olhos se arregalaram, as sobrancelhas voaram para cima.

— Meu... Deus...

Ela parou, soltou o elástico que prendia o maço e averiguou. Contou, meio por cima. Havia cinco mil dólares!

— *Holy smokes*! Caramba! Mas... *por que aquele médico faria isso por mim*?

Era espantoso, para não dizer surreal. Bizarro. Kafkiano. Em suma, não fazia sentido. Victoria chacoalhou a cabeça. Só então se lembrou de olhar o que havia no outro bolso, pois havia algo. Menor.

Rapidamente sacou o conteúdo: uma carteira pequena de couro. Dentro, havia um documento de identidade. *Dela!* Victoria estava embasbacada.

— *What the hell*? Que merda é essa? — Palavreado inadequado a uma dama, mas perfeito para a situação.

No meio da noite escura, a jovem forçou a vista para ver se estava enxergando direito. Não conseguia acreditar. E a cereja do bolo: de acordo com o documento, Victoria *Elsa Waldegrave* – um nome falso! – já tinha dezoito anos, completados no último dia 18 de outubro.

— Merda! — Era o mínimo a ser dito naquelas circunstâncias, era o *mínimo*. Outra interjeição ainda menos adequada, mas que era pura felicidade! — Mas que diabos! Merda, merda, MERDA! Aquele cara é... tipo, um falsário daqueles! Mas por que me escolheu? Ou será que volta e meia se compadece de alguém e... *Hello!* Até mais ver?

Victoria olhou e olhou, ficou virando e revirando o documento nas mãos. Perfeito! Não podia ser mais perfeito! Significava sua emancipação imediata. Poderia ir para qualquer lugar.

O único ponto negativo era sua foto.

— Argh! Medonha... — Assombrou-se a garota. — Não saí nada bem. Aliás, nem sei de onde saiu esta foto, não me recordo de tê-la tirado...

Victoria estava meio descabelada, com os olhos perdidos. Nem um mísero sorriso, ao contrário do que sempre fazia ao posar para fotos.

— Ah, já sei. Dado o *bom gosto* do meu salvador... acho que ele tirou esta foto lá no sanatório mesmo, e achou que serviria. *Good Lord!* Mas quando terá sido? Pela minha cara, eu estava mais para "caminhando nas nuvens do que com os pés em terra".

Um arrepio de desespero sacudiu seu corpo. Não tanto pelo fato de não conseguir se lembrar... – quer dizer, isso também –, mas se essa havia sido a melhor aparência que Victoria tinha apresentado naquele maldito hospital, era bom que não houvesse espelhos para mostrar os dias piores.

Um bilhete acompanhava o documento. Apenas duas frases: "Hospede-se no Ohio Riverside, um hotelzinho. É seguro".

Um pequeno mapa desenhado à mão mostrava o caminho. Não parecia tão perto, mas aparentemente Victoria estava indo na direção certa. O mapa mostrava o sanatório do lado direito do papel – um conjunto de quadradinhos e retângulos bem pequenos –, e uma linha bem longa do lado esquerdo, passando perto do sanatório e pegando toda a extensão do papel. A linha era toda cheia de risquinhos horizontais, e vinha com a legenda: "Estrada de

Ferro – Dixieland".

Victoria surpreendeu-se. Não imaginava que a Dixie passava tão perto de Waverly Hills. Havia setas indicando o caminho e, do modo como estavam desenhadas, mostravam que Victoria deveria chegar à linha de trem e seguir o sentido à esquerda. Pelos pontos cardeais colocados nos cantos do mapa, era a direção sul. E, adivinhe? A linha de trem era ladeada por uma outra longa linha, dessa vez sem risquinhos, e com legenda "Dixie Highway"!

Por um milagre, depois de perambular tanto, Victoria estava no rumo certo! Uma linha de trem e uma estrada, lado a lado. E ela já estava seguindo para o sul, por pura sorte.

Havia apenas mais duas indicações no mapa. A primeira mostrava que do sanatório até o ponto perto do rio Ohio, ao qual Victoria deveria chegar, eram cerca de 7,80 milhas – poderia ser um pouco mais, um pouco menos, porque Victoria havia caminhado a esmo por dentro do mato por um bom tempo. Por fim, um quadradinho assinalava o local da pousada, com o endereço e pequenos riscos mostrando as travessas a serem seguidas. Era fácil! Mesmo que errasse as travessas, o hotel ficava muito perto do rio.

Victoria não tinha ideia da hora, mas caminhou com ânimo dobrado. Triplicado!

Tinha um alvo. Um lugar onde se abrigar. E meios para manter-se, sem a ajuda de ninguém. Ao menos, por enquanto.

* * * *

Victoria gostou da fachada do Ohio Riverside logo de cara. Era de pedra, com janelas enfileiradas e telhado tipo chalé. Ela cruzou os últimos metros da alameda de pedrinhas brancas até a porta principal. Havia luz no andar inferior, uma luminosidade suave e aconchegante.

A moça empurrou a porta de madeira e entrou no saguão do hotel, que, milagrosamente, estava aberto àquela hora e tinha um atendente no balcão. Talvez estivesse quase amanhecendo? Ainda não dava para saber.

— Boa noite! — Foi o cumprimento do homem. Um senhor de uns sessenta anos, que procurou disfarçar a surpresa de ver uma garota tão jovem aparecer, sozinha, no meio da noite. E uma garota descabelada, com botas sujas. De casaco vermelho. Se ele visse que usava uma *camisola* por baixo daquele capote...

— Boa noite — respondeu Victoria. Apoiou as mãos no balcão. — Vocês têm um quarto?

— Fez reserva, *miss*?

— Não. — Victoria mordeu o lábio.

O homem sorriu, mostrando dentes ótimos e olhos joviais.

— Eu pergunto por mero protocolo, minha jovem. É claro que temos quartos!

Ele abriu um livro grande de capa de couro vermelho e pôs-se a anotar

alguma coisa. Victoria aproveitou para olhar em volta. Chão de tábuas largas de madeira, um tapete com desenhos geométricos coloridos sob um conjunto de cadeiras e poltronas cheias de almofadas, perto de uma lareira enorme de pedra. Havia cortininhas amarelas de algodão nas janelas, dois ou três vasos com flores, uma mesinha com revistas. Abajures. O fogo crepitava suave, mas era só para dar um charme, ela notou. O verdadeiro calor vinha dos aquecedores a óleo.

— Pode me fornecer o seu documento, *miss*?

Victoria inspirou fundo e o estendeu na direção do homem. Ficou tensa enquanto ele examinava-o, e olhava para ela. Victoria deu um sorriso amarelo, esforçando-se ao máximo para parecer normal.

Será que ele está desconfiando de alguma coisa? Ou só me achando ridícula nesta roupa?

— Pois bem, *miss* Waldegrave. Assine aqui.

Victoria pegou a caneta, tentando não deixá-lo notar o tremor em suas mãos.

— Está frio, não? — ela comentou.

— Muito. — Ele deu a volta no balcão. — Vamos então pegar a sua bagagem. Veio com o seu carro ou de táxi? Não escutei nada, acho que estava distraído.

— *Não!* — Victoria quase gritou, e deu um passo para colocar-se na frente do homem. — Por favor, é que... o senhor não precisa sair nesse vento todo, sabe, porque... — Ela tentou encontrar um argumento extremamente bom. — Quer dizer... eu... vim de táxi, sim, mas me esqueci da bagagem.

O homem arregalou os olhos.

— Meu Deus! A senhorita esqueceu-a onde?

— No trem...

— Talvez possamos mandar buscá-la de manhã. — Ele foi voltando para trás do balcão. — Diga-me o horário e o número do seu bilhete, deixe-me anotar. Veio pela *Dixie*?

Victoria foi falando o que lhe veio à cabeça:

— Não precisa, na verdade. É que o meu primo estava me acompanhando, mas... eu acabei descendo e me esqueci de pegar a bagagem... veja só a minha cabeça! — Ela deu uma risadinha. — Ele ia seguir adiante, visitar a mãe, minha tia, depois de dar uma passada na... Universidade de Louisville. E eu... eu estava na casa de uma amiga e acabamos chamando outras... amigas... o senhor pode imaginar, não é? Mulheres sempre têm muito o que conversar! Quando vi... — Victoria pôs as mãos na cintura, tentando parecer relaxada. — A hora já estava... adiantada... realmente...

Victoria achou melhor não dizer mais nada. Não tinha ideia se o que falava estava fazendo algum sentido. O homem ficou olhando para ela, enquanto assentia com a cabeça. Estaria achando-a muito confusa? Ou... meio... louca?

— Enfim! — Victoria enfiou a mão nos bolsos, já que não sabia o que fazer com elas. — Amanhã meu primo trará minha bagagem. Já nos falamos por

telefone!

— Ah. Que bom! — Mais uma vez o homem pareceu olhar para a moça como se a achasse muito peculiar.

Estou parecendo louca, meu Deus! Victoria suspirou, irritada. Não estava preparada para perguntas.

— Com a idade, *miss*, vamos precisando cada vez menos de horas de sono. E como sempre há muito que fazer e organizar por aqui, eu gosto de acordar muito cedo. Mas acho que não é o seu caso, e precisará descansar muito amanhã!

Victoria abanou a cabeça. Por que ele falava tanto? Sem dúvida era o dono do hotel e queria tratar bem os hóspedes, mesmo àquela hora.

— Sendo assim, qual seria o nome do seu primo? Vou anotar aqui, no caso de ele chegar cedo. Assim não precisaremos incomodar a senhorita. — Foi a vez de ele dar uma risadinha.

Victoria ficou com a cara imóvel, olhando fixamente para o rosto do senhor. *Processando*. Ele a olhava de volta, com um sorriso gentil, a caneta na mão.

— Robert — disse, de repente. — Robert Waldegrave.

— Muito bem. Primo Robert... Waldegrave. Perfeito! Devidamente anotado aqui. E como será a forma de pagamento, *miss*?

— Dinheiro.

— Recebemos antecipadamente. — E falou o valor do pernoite.

— É claro! — Victoria foi enfiando a mão no bolso onde estava o dinheiro. — O senhor poderia me arrumar um copo com água?

Enquanto o homem virava-se para pegar água de uma jarra, colocada sobre uma mesa perto da parede dos fundos, Victoria rapidamente sacou o dinheiro, sem dar mostra da quantia que carregava.

— A princípio vou ficar duas noites.

Até lá, já teria decidido o que fazer. Enquanto bebia a água sofregamente, o homem anotou o pagamento no livro e pegou um chaveiro. O relógio pequeno pendurado na parede marcava cinco e dez da manhã.

— Pois muito bem! Meu nome é Maxwell, a seu dispor. Acompanhe-me, *miss* Victoria.

— Posso beber mais um copo?

— É claro! — Se achou estranho, o homem procurou não dar mostras.

Terminado o segundo copo, Maxwell falou de novo, amistosamente:

— Acompanhe-me, *miss* Victoria!

Finalmente!

Subiram um lance de escadas e caminharam até o final do corredor, onde Maxwell parou diante da penúltima porta e enfiou a chave na fechadura.

O quarto era simples, mas confortável. As paredes tinham tom verde-claro, o piso de cerâmica formava um mosaico. Havia uma cômoda antiga de madeira, uma poltrona com estofamento azul-escuro. E a cama! Coberta por uma colcha de retalhos alegre e descontraída, com travesseiros e almofadas

verdes.

Havia um aquecedor sob a janela, que Maxwell adiantou-se para ligar. Victoria deu-lhe a gorjeta quase sem olhar para o homem, completamente extasiada pela pura perspectiva de dormir naquele quarto.

— Boa noite, *miss*. O café da manhã é servido das sete às nove e meia. Mas, para a senhorita, dada a hora avançada de sua chegada, podemos servir mais tarde.

— Boa noite — respondeu e fechou a porta atrás dele. O quarto tinha um leve aroma floral (talvez algum perfume para ambientes) e tudo parecia imaculadamente limpo. Melhor, impossível.

Victoria acendeu o abajur ao lado da cama e apagou a luz principal; então foi direto para o banheiro. Pequeno, antigo, com peças de louça branca. E toalhas brancas apoiadas em um suporte de ferro.

— Meu Deus... um banheiro só para mim!

Ela ligou o chuveiro imediatamente. Logo o vapor começou a inundar o recinto. De volta ao quarto, pendurou com cuidado o casaco vermelho, retirou as botas dos pés. Não fosse aquela forração, seus pés estariam com bolhas depois do longo caminho.

Por fim, puxou a camisola pela cabeça e ficou pensando no que fazer com ela. Não queria nem mandar lavar. O cheiro do sanatório jamais sairia do tecido, nem ela jamais colocaria de novo aquela peça no corpo. Não era seguro simplesmente jogar no cesto de lixo. Teria que descartar aquilo na rua, no dia seguinte.

A jovem abriu a cômoda e encontrou mais um cobertor, embalado em plástico de lavanderia. Enfiou a camisola dentro do saco plástico e deu um nó apertado. Deixou atrás da poltrona. Não queria nem ver o embrulho. Aquilo era parte do passado!

— Nunca mais... *Nunca* mais na minha vida eu volto para aquele lugar.

Então voltou ao banheiro, pegou o kit de higiene que havia sobre a pia e enfiou-se no chuveiro. O jato de água era forte, bem quente. Victoria deixou escorrer a água pelo rosto, pelos cabelos. Aquilo era tão bom que ela deu um soluço, rompido de dentro da garganta, e então não conseguiu mais se segurar. Apoiou as mãos na parede do boxe e, enquanto a água batia no pescoço, suas muitas lágrimas foram varridas pela correnteza de água quente.

Depois de um tempo, sentia-se melhor. Só então notou como seu corpo estava todo machucado. Além dos eternos ferimentos nos pulsos, havia hematomas nos braços, nas pernas, até nas costas. Victoria os viu ao olhar-se no espelho. Havia arranhões e ferimentos espalhados pela pele, dos quais ela sequer tinha lembrança, nem sabia como os adquirira. E as veias na dobra do antebraço! Havia marcas de picada e de sangue escorrido na pele.

Então começou a lavar cada centímetro de si mesma. Parecia que o cheiro do sanatório estava impregnado nela. Jogou uma enorme quantidade de shampoo na mão; era cheiroso, um toque de mel e oriza. O condicionador tinha o mesmo aroma. Ela se esfregou e esfregou, até sentir que a podridão

de Waverly Hills escoava pelo ralo. Então tirou o creme dos cabelos, pegou a escova de dente. Não se lembrava de ter tomado banhos decentes enquanto esteve lá, que dirá escovar os dentes!

Ao sair do banho, não tinha roupa para vestir. Teria que providenciar alguma coisa no dia seguinte. Olhou-se no espelho e notou que havia emagrecido. Mas o rosto, no momento, era o pior.

Nossa... eu estou acabada...

Olheiras escuras, mas também algo no fundo dos olhos que, ela achava, demoraria mais para desaparecer. Algo refletido da alma. Estava tão exausta, agora, que mal conseguiu erguer o pequeno secador para tirar, pelo menos, a umidade dos cabelos. Após o frenesi de limpeza, o efeito do calor e do bem-estar derramava-se sobre ela, pesando nos olhos, no corpo.

Victoria arrastou-se, literalmente, e jogou-se na cama. Cobriu até as orelhas. O quarto todo cheirava a banho. O corpo estava em frangalhos, inclusive pela longa caminhada. Porém a mente ainda estava alerta. Victoria olhou pela janela ao lado da cama. Havia deixado as cortinas entreabertas e notou que uma garoa forte caía lá fora.

Por pouco não cheguei aqui ensopada, avaliou.

De novo algumas lágrimas escorreram por seu rosto. Era tão bom estar ali! Parecia que até isso aquele médico sabia: quanto tempo a jovem levaria para chegar à pousada. Parecia quase cronometrado. Ela sorriu.

Quem seria aquele homem? Em que setor do sanatório trabalhava e por que a ajudou?

Eram perguntas sem resposta. Victoria lembrou-se dos traços do rosto dele. O pequeno sorriso que lhe enviou, quando ela falou das roupas. Era um homem um pouco estranho também, é verdade, com aquele cabelo tão claro, branco-prateado, e comprido; mas também muito bonito. Forte. E tinha um olhar tão bom... mas triste. Estava visivelmente triste.

Por quê? Por que se importava com ela, quando havia tantos outros pacientes? Victoria ficou conjeturando de novo se, de vez em quando, ele costumava "soltar" alguém. Não era possível. Seria muito arriscado...

Victoria lembrou-se: tinha seis horas de vantagem. Provavelmente seu tempo ainda não havia terminado. Deu umas risadas meio descontroladas, só de pensar na *cara* do doutor Ralf. Ah! Ela queria ser uma borboleta e pousar na janela, só para ver o susto de *todos* eles!

Bem feito! Seu desgraçado!

Ela ficou se lembrando de como várias daquelas pessoas pareciam gostar de maltratar os pacientes. Parecia haver um regozijo interno em ouvir os gritos, em amarrar, em infligir aquela tortura.

Victoria encolheu-se como uma bola, puxando os joelhos para perto da barriga. Mesmo estando aquecida, um tremor sacudiu o corpo dela.

Que bom que não estou mais lá... Meu Deus, meu Deus, graças àquele homem, que nem me disse o seu nome.

Victoria por fim estendeu o braço e desligou o abajur. Se encolheu de novo

na cama e ficou olhando a chuva, apreciando o quarto agradavelmente aquecido, seu corpo limpo. Mas os seus pensamentos continuavam voltando para o médico que a libertou.

O rosto. A voz. Parando para pensar agora, ele tinha um ligeiro sotaque, nada específico. Nada que Victoria podia identificar, mas, com certeza, não era do Sul. Parecia uma forma ligeiramente diferente de pronunciar uma sílaba ou outra, talvez.

O mais notável, contudo, foi aquele perfume. Tão gostoso! Parecia se desprender dele; e Victoria atribuiu ao aroma o fato de ter acordado. Mas *engraçado*! O perfume não vinha da roupa do médico. Victoria sentiu quando o abraçou. O avental ou a camisa não tinha nenhum cheiro especial. Será que o aroma não era dele, então?

Começou a sentir sono, o corpo relaxava. A nuca, contraída e dolorida, parecia bem melhor agora. Suas mãos, que estavam fechadas, apertadas, sem que Victoria sequer percebesse, se abriram suavemente. Ela podia se mover na cama... ficar na posição que quisesse... então, ficou deitada de lado, as mãos perto do rosto.

Quando estava quase dormindo, embalada pelo som da chuva, algo pareceu destravar dentro dela. O estranho estava rindo, alegre, olhando para alguém. "*Um eco de outra vida*"?

E a garota deu um trambolhão na cama, como um sobressalto. Do jeito como acontece, às vezes, quando estamos meio dormindo, meio acordados.

Nossa, já estava até sonhando...

Instantes depois, Victoria dormia profundamente, as lembranças de Waverly Hills tentando se esconder dentro dela, fugidias, afundando.

CAPÍTULO 20

Quando Victoria acordou, o sol batia em seu rosto, pois não havia fechado a veneziana. Ela apenas se ergueu um pouco, apoiada nos cotovelos, zonza e olhou pela janela.

Era a coisa mais linda, era como *renascer*! O céu estava límpido e azul, e o campo que se descortinava adiante era verde, cor de ouro, avermelhado e amarelo. As cores do outono. Tudo banhado na luz do sol. Ao fundo, o rio Ohio serpenteava, verde brilhante.

Victoria inspirou fundo, sentindo-se estranhamente emocionada. Feliz. Como se a vida se descortinasse diante dela, igualzinho àquele campo aberto, cheio de árvores, caminhos e possibilidades, perdendo-se no horizonte. Ou como o rio, que podia levá-la para longe dali, muito longe...

Ficou na cama ainda por um tempo, refletindo em tudo que tinha vivido. Depois, não querendo mais se lembrar do sanatório, levantou-se, escovou os dentes e estava tentando ajeitar os cabelos de algum modo, uma vez que não tinha sequer uma presilha. Lembrou-se do elástico no maço de dinheiro, então o usou para um rabo de cavalo. Menos mal.

Victoria encontrou atrás da porta do banheiro um roupão felpudo. Não reparou nele na noite anterior, já que não fechou a porta nem uma vez.

— Ah, que bom!

Vestiu o roupão e ficou pensando se seria constrangedor aparecer assim no café da manhã. Talvez não. Afinal, Mr. Maxwell sabia que havia chegado sem bagagem. Mas os demais hóspedes talvez se sentissem desconfortáveis, então ela vestiu o casaco vermelho por cima do roupão.

* * * *

O salão de refeições ficava nos fundos. Não era grande, mas tinha janelas à vontade, para todos os gostos. Victoria ficou do lado leste, onde a luz derramava-se sobre parte da mesa e ela tinha vista do mesmo campo que vira do quarto. Eram dez da manhã.

Havia apenas um casal terminando a refeição, conversando entre eles, e um homem sozinho atrás de um jornal e com um enorme *bagel* ao lado. Victoria recebeu cumprimentos educados ao entrar. Ninguém pareceu estranhar – muito – o casaco e as botas.

Mas o cheiro de café fresco inundou as narinas da jovem, e ela deixou para lá, não queria nem saber o que os outros estavam pensando. Mesmo porque já

estavam todos de volta ao que faziam antes.

Victoria notou o quanto estava faminta. Percebeu que nos fundos, perto da parede, havia uma mesa onde ela mesma podia se servir de café, leite, chá e suco de laranja. Mais que depressa ela foi até lá. Não havia canecas grandes o suficiente, então ela pegou duas de suco e duas de café.

Voltando à mesa, notou um jovem em uniforme cor de vinho, que sorria.

— Posso trazer seus ovos, *miss*? — Por favor! — Victoria devia estar parecendo esfomeada, porque o jovem sorriu e perguntou como ela gostava dos ovos.

— Com gema mole, e quero três. Três torradas também.

— Gosta de bacon ou prefere *country ham*?

— *Ham*. Tem *biscuits* com *gravy*?

— Sim, mas é claro, *ma'am*! Você está no Sul!

Victoria adorava o bolinho amanteigado, regado com molho à base de carne de porco.

— E um *bagel* como aquele — disse apontando para a mesa do homem com jornal. — É de quê?

— De canela e passas. Especialidade da casa.

— Especialidade? Ok, então me traga dois. O que mais vocês têm?

— Temos também ótimas panquecas.

— Fabuloso! — exultou Victoria.

— Hoje a panqueca é de geleia de morango caseira com manteiga de amend...

Os olhos de Victoria brilharam. Nem deixou o rapaz terminar:

— Perfeito! — Ela ficou com medo de começar a chorar de alegria. — Perfeito!

O jovem garçom parecia estar divertindo-se diante de tanto apetite. Ainda por cima vindo de uma dama! Ele anotou todo o pedido e deu uma olhadinha para a hóspede.

— É tudo?

— E água. Por favor — Victoria devolveu a olhadinha, satisfeita. — Por ora.

Enquanto o garçom ia embora com o pedido, ela começou a beber o suco de laranja, de uma vez só. Devia estar desidratada, sem sombra de dúvida. Depois pegou uma das canecas de café e começou a bebericá-lo, olhando pela janela. Era lindo lá fora, mas estava difícil se distrair. A verdade é que parecia que a comida demorava uma eternidade para chegar.

Mas então! Aaah! Lá vinha o atendente com uniforme cor de vinho, carregando uma enorme bandeja. Victoria aprumou-se na cadeira. O estômago contorceu-se e roncou.

Os pratos foram sendo colocados diante dela. *Deus!* Os ovos, as torradas quentinhas acompanhadas por um pequeno pote de manteiga, a aparência deliciosa e o aroma de *ham*, os *biscuits*, a consistência cremosa do *gravy*, os *bagels* macios, tostados e maravilhosos...

Victoria fez uma pausa em sua avaliação.

— E a panqueca? — indagou.

— Já está vindo. Fazemos na hora.

— Certo.

Victoria lançou-se à comida como um animal selvagem. Nem se lembrou de agradecer. Foi comendo de tudo, ao mesmo tempo, e então voltando ao que mais gostava. Comeu como uma leoa. Logo a energia daquela comida começou a fazer efeito, porque ela já estava ficando com muito calor. Bebeu a água, o outro suco. Mesmo assim...

Na manhãzinha fria de inverno a calefação do hotel tornava o uso do roupão sob o casaco e as botas com pele falsa um exagero.

Preciso arrumar o que vestir...

Embora o homem do jornal não houvesse sequer levantado os olhos da leitura, e o primeiro casal já tivesse saído do salão, ainda assim, um segundo casal, atrasado, apareceu.

— Ainda podemos tomar café? — imploraram.

Ok. Café da manhã para eles. Hospitalidade sulista acima de tudo.

Mesmo assim Victoria achou que não iriam reparar, ou considerar excessivamente inadequado, se tirasse o casaco e ficasse apenas com o roupão. Então, sem se levantar para não chamar atenção demais, apenas tirou os braços de dentro das mangas e deixou o *sobretudo* cair atrás de si, na cadeira. Puxou o roupão para perto do corpo, sentindo-se aliviada.

Naquele momento chegava a sua panqueca. O garçom alternava o olhar estupefato entre o casaco meio caído atrás dela, metade na cadeira, metade no chão, e o roupão com emblema do hotel.

— Aqui está, panqueca de geleia e manteiga de amendoim! — ele disse, colocando-a na frente de Victoria.

Antes de começar a retirar uma parte dos pratos sujos, o rapaz aproximou-se para pegar o casaco vermelho, sem fazer nenhum comentário, e o apoiou devidamente no encosto de outra cadeira, ao lado. Olhou disfarçadamente para a nuca da hóspede, já que o rabo de cavalo deslizava para a frente, sobre um dos ombros da moça. Um pedacinho das suas costas ficava à mostra também, onde o roupão estava mais frouxo.

Não era todo dia que uma hóspede vinha vestida *assim* ao salão. E uma hóspede muito *bonita*, por sinal, loura, com um cabelão enorme e lindos olhos claros; embora estranhamente esfomeada.

De onde será essa moça? – era uma pergunta sem resposta. *Por que está aqui sozinha?*

Victoria atacou a panqueca. Nunca havia comido algo tão bom. O garçom recolheu a louça suja, mas notou, agora, parte dos hematomas nos braços da garota. Totalmente discreto, apenas fez seu trabalho e afastou-se. Talvez estivesse fugindo de algum casamento malfadado, o que explicaria o fato de estar só. Não, não, ele era contra qualquer tipo de agressão física.

Victoria sentia-se plenamente satisfeita. Limpou a boca com o guardanapo

depois de tomar o último gole de café. Ainda pediu mais uma água ao garçom. Agora havia somente ela e o segundo casal no salão, os dois ocupados em pegarem um na mão do outro e darem risadinhas cochichadas.

Victoria espetava as migalhas de *bagel* com a ponta da faca, levando-as à boca, distraída, um cotovelo apoiado na mesa exatamente como lhe haviam ensinado a não fazer. Um tornozelo estava apoiado no joelho oposto, e o roupão caía cuidadosamente no meio das pernas para tapar qualquer indiscrição. Sua avó sempre se perguntava onde a neta havia adquirido esses modos.

É que era tão chato ser *certinha* o tempo todo! Era mais um tipo de prisão, e naquele momento tudo o que Victoria queria era celebrar a liberdade. Nada melhor que comer como um búfalo, de roupão em um lugar público, colocando cotovelos na mesa, cruzando as pernas como um homem. E sozinha!

Uau!

Olhou o relógio de cuco pendurado na parede oposta a ela. Onze horas. Tinha dormido poucas horas, mas, decidida, afastou a cadeira, não sem antes deixar a gorjeta sobre a mesa. Pegou o casaco e o jogou por cima do ombro. Sabia exatamente o que fazer. Ao sair do salão, reparou que o garçom a espiava pela porta da cozinha, olhos arregalados, admirado com as botas. Ééé... foi o pensamento do rapaz. Admirado, sim, mas não só com as botas.

Ele voou para retirar o resto de louça suja da mesa de Victoria, aproveitando para dar uma boa olhada naquele roupão pela parte de trás, enquanto a jovem seguia pelo corredor. Ele abanou a cabeça. *U-au!*

Victoria foi direto à recepção. Tinha intenção de ver com Maxwell se ele conseguiria arrumar para ela alguma roupa de camareira, só até arrumar algo para vestir. No entanto, o homem não estava lá. Havia uma moça jovem, que atendia uma senhora. Victoria esperou um pouco. Como o velho senhor não aparecia – provavelmente estava dormindo, já que ficou acordado de madrugada –, Victoria resolveu pedir um táxi. Colocaria o casaco sobre o roupão e seguiria imediatamente para o ponto comercial mais próximo.

Mas a jovem e a senhora não terminavam nunca. Então, Victoria decidiu que iria caminhando pelo lindo campo. Foi passando de fininho em direção à porta. Notou mais bagagem encostada no canto da porta. Algum hóspede, quem quer que fosse, reapareceria em instantes – e ela não queria ser vista saindo de roupão.

Passou atrás dos sofás, pisando de leve sobre o chão de madeira, os olhos já fixos na maçaneta da porta. Ótimo, em segundos ela estaria do lado de fora...

— *Miss* Victoria, *miss* Victoria!

Reconheceu a voz de Maxwell, em tom de urgência, atrás dela. E gelou por dentro.

Pronto! Fui descoberta! Perdi tempo demais dormindo e comendo, e é claro que desde cedinho Waverly Hills deve estar em polvorosa. E estão me procurando pela

região. Foi por isso que o médico me disse que eu acabaria voltando para o sanatório! Porque seria burra o suficiente para ainda estar aqui a esta hora!

O pensamento rodou na cabeça dela em milésimos de segundo, fazendo suas entranhas se contraírem de pavor. Então, Victoria fez que não ouviu o chamado e continuou caminhando reto para a porta, ainda mais depressa, quase correndo. Rodou a maçaneta com força, sentindo uma lufada de vento frio. Mas Maxwell não pretendia deixá-la escapar e vinha atrás da jovem como um perdigueiro.

— *Miss* Waldegrave! Espere!

Burra! Sua buuurrraa! O pessoal do sanatório sabe que uma paciente não poderia ter ido longe usando apenas uma camisola. Devem ter acionado a polícia, os bombeiros e o raio que o parta, e estão todos à minha caça!

— Por gentileza... *Miss! Miss!*

A garota não olhou para trás. Saiu, e já ia fechando a porta bem na cara de Maxwell, pronta para desbravar correndo pelo campo. Imaginava onde ele teria *escondido* os brutamontes, que a carregariam arrastada de volta para Waverly Hills. Mas demonstrando muita agilidade, o homem segurou a porta e estacionou diante de Victoria.

— *Miss* Victoria! Bom dia! — O sorriso se escancarou.

Maldição! E Victoria quase praguejou em voz alta.

— *Bom* dia! — Fez a jovem, azeda. Ela deveria ter colocado o casaco vermelho antes de sair do salão do café. Estava praticamente se entregando daquele jeito, saindo do hotel de roupão.

Talvez, então, o melhor fosse ganhar tempo. Envolver Maxwell com alguma conversa estimulante e inteligente, depois distraí-lo com algo – ela haveria de *descobrir* rapidamente o que poderia ser –, e daí simplesmente sumir. Por sorte o dinheiro estava com ela, e o documento também, embrulhado dentro do bilhete. Pena que a merda do saco com a camisola ainda estava escondido atrás da poltrona!

Sem nenhuma estratégia, a cabeça vazia e o coração acelerado, Victoria olhava por cima do ombro de Maxwell, e também para os lados. Literalmente farejando. Onde estariam os carros da polícia, a ambulância? Os enfermeiros com as seringas e a camisa de força?

— Desse jeito a senhorita vai pegar uma pneumonia. Está muito frio aí fora! — exclamou Maxwell, notavelmente preocupado. — E vestida desse jeito... Entre um pouco, por favor.

Ele quer me arrastar para dentro. Então a ambulância deve estar estacionada nos fundos. Assim que eu passar da soleira da porta, os malditos brutamontes vão cair em cima de mim e... já era. Nem por um decreto!

— Obrigada, mas estou com pressa — respondeu.

— Mas, *miss* Victoria, o tempo está frio...

Tempo. Isso. Ganhar tempo. Ganhar tempo. Ganhar tempo.

— Eu *vou* colocar o casaco, Maxwell, assim que tiver oportunidade! — retrucou Victoria, irritada. — Meu *Deus*, desse jeito você está parecendo a

minha mãe. E eu já estou com dezoito anos, Maxwell. Então posso cuidar de mim mesma! Por isso, já estou indo. *Vestirei* o casaco, certo?

Com ou sem estratégia, ela tinha que dar o fora dali. Por sorte, Maxwell levou a descompostura da jovem com descontração. E riu, encostando-se ao batente da porta e cruzando os braços.

— A senhorita é impagável. Saindo de roupão! — Riu de novo, bem-humorado.

Victoria olhou torto para ele, sem achar tanta graça.

— Sua funcionária é muito lerda, e eu não... não... não posso esperar o dia todo — estrilou Victoria. — Além disso, o senhor também não estava lá, pois eu pretendia pedir-lhe emprestada uma roupa de camareira para sair!

— Roupa de camareira? Mas por que a senhorita não está usando suas roupas de *ontem*?

— Mas estou usando, Maxwell, sabe. — Ela ergueu o casaco diante dele, chacoalhando-o.

Hello-o, pensou, mas não disse.

— Eu quis dizer as roupas que usava por baixo, *miss*.

Victoria piscou várias vezes, imaginando o que deveria responder.

— Ah, sim. Por baixo do casaco. É que meu vestido ficou ensopado com a chuva, e... ainda não secou. Está sujo. Imundo!

Só depois de dizer, Victoria lembrou-se de que havia chegado antes de a chuva começar, e não depois. Então se esforçou para dar um sorriso agradável, um sorriso completamente normal, sem nenhum traço de histeria ou loucura. Torcendo para que o homem também não se lembrasse do horário da chuva, ela emendou uma frase na outra para confundi-lo:

— Mas veja só, Maxwell, eu não estou saindo para ir *embora*! É só uma pequena saída e precisarei, claro, voltar aqui em algum momento para pegar o meu... vestido. Eu não iria embora sem ele, de modo algum. É de... de... — Ela estalava os dedos, tentando lembrar a palavra. — É de estimação! — Victoria deu uma fungada e ergueu os ombros. — Mas se o problema é que eu fuja com o roupão da sua pousada, e eu até considero sua preocupação muito justa... — Ela começou a remexer no casaco, procurando o bolso interno onde estava o dinheiro. — Claro. É uma preocupação importante, sem dúvida. Se cada hóspede levasse um roupão, não é? A pousada iria à falência! Por isso, eu pago por ele.

Maxwell começou a balançar a cabeça, desconfortável pela primeira vez, mas Victoria não lhe deu chance de falar:

— É realmente um roupão muito bonito, Maxwell, e vou levá-lo como *souvenir*, então... — Atrapalhava-se com o casaco. — Seu eu conseguir pegar esse... maldito dinheiro... Que inferno!

O homem ia abrindo a boca, mas uma lufada de vento mais forte ameaçou puxar o roupão de Victoria para cima. Ficar pelada bem ali não estava nos planos da garota, que, ao segurar imediatamente as barras do roupão, deixou o casaco cair a seus pés. Envergonhada e furiosa, mais que depressa Victoria

pegou o casaco vermelho e começou a vesti-lo.

— Era só isso, Maxwell? — Tentava respirar. — Só um momento, vou pegar o dinheiro.

— Minha querida hóspede, por favor! — implorou Maxwell, sentindo-se totalmente culpado. — Jamais me passou pela cabeça incomodá-la por causa do roupão. Preocupei-me ao vê-la sair assim, justamente porque sei que está sem sua bagagem... Por favor, *miss* Victoria, entre e acalme-se.

— Não quero entrar. — Ela afastou-se um pouco mais, descendo de costas as escadas do alpendre, quase tropeçando enquanto rebuscava à procura do dinheiro. — Pretendo dar uma volta e logo mais comprar algumas roupas para vestir.

— Mas é sobre *isso* que estou tentando lhe falar. Tenho boas notícias! Sua bagagem já chegou. Era isso que eu tentava lhe dizer, senhorita Waldegrave, perdoe-me se fui rude de algum modo!

Victoria perdeu a capacidade da fala por alguns instantes, e também a de processar dados por meio da mente. Como uma boneca vazia, ela ficou olhando para Maxwell, braços caídos ao longo do corpo. A boca ligeiramente entreaberta.

— Foi por isso que quis chamá-la rápido — continuou o homem —, antes que realmente saísse assim, desprotegida, neste frio. A preocupação da Ohio Riverside é com o seu bem-estar, *miss*, e não com o roupão. — Maxwell tentou amenizar a situação com uma brincadeirinha: — Mas, como a senhorita disse, se cada hóspede levasse um, não é?

Incapaz de uma reação aceitável, Victoria tossiu um pouco. Depois, mais um pouco.

— Por favor! — Desta vez Maxwell foi firme. — Entre de uma vez, *miss*, antes que eu precise chamar um médico.

A palavra "médico" teve efeito instantâneo. Victoria subiu os degraus e obedeceu.

— Hãããm... — Victoria saía do seu torpor estupefaciente em *slow motion*. — O senhor mencionou minha... bagagem?

— Pois, sim! Veja só que boa notícia. Seu primo deixou tudo aqui bem cedo, e pediu que não a incomodássemos.

— Meu primo... sim. — Novo acesso de tosse, ainda pior. — *Meu primo*?

Por que ela não conseguia parar de agir como louca?

— Sim, o senhor Robert! De uma simpatia invejável, *miss* Victoria. Muito distinto. Mandou-lhe lembranças, e pediu que eu lhe dissesse para "Comer bem e não tomar friagem desnecessária". Foram as palavras do senhor Waldegrave, que, infelizmente, não podia esperar para vê-la. Disse que voltaria assim que pudesse. Mas contou-me que há poucos dias a senhorita esteve resfriada. E que passou tempo demais exposta ao vento. Por isso corri atrás da senhorita desse jeito.

Maxwell abriu a porta do hotel e fez um gesto para Victoria entrar. Cautelosa ainda, olhando de um lado a outro, mas sentindo-se mal por ter

sido grosseira, Victoria caminhou de volta para o saguão. Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, envergonhada, a moça esperou Maxwell contornar o balcão da recepção.

— Aqui. — Ele pegou a mala baú que, para surpresa de Victoria, era grande e parecia pesada. Também havia uma mochila.

Eu deveria ter imaginado, refletiu Victoria, tentando esconder um sorriso.

— Ele disse que voltaria? — indagou Victoria, tentando não parecer ansiosa, mas dando uma olhada pelo corredor que levava ao salão de refeições e outra para a escada que dava no andar de cima.

Será que já não teria voltado, uma vez que passou por ali cedinho?

— Não disse quando. Mas assegurou que voltaria. Foi embora em seguida, pois parecia um pouco apressado. Mas imagino que a senhorita tenha como falar na casa da sua tia pelo telefone, não?

Victoria balançou a cabeça, afirmativamente, até com exagero.

— Hum... Como ele estava vestido, Maxwell?

Maxwell parou por um instante, coçando o queixo.

— *Miss* Victoria, sinceramente, eu não me lembro. Acho que nem reparei.

— É que ele me disse que iria cortar os cabelos e comprar um terno novo. Não reparou se os cabelos dele estavam bem curtos?

— Ah, quanto a isso, acho que ele não teve tempo, *miss* — Abriu um sorriso significativo.

— Estava com os mesmos cabelos compridos, então? — Victoria arriscou.

O homem assentiu, balançando a cabeça.

— Muito peculiar, o seu primo. Embora distinto, muito distinto! — reforçou.

— Claro, claro... Então... — Victoria deu um sorriso aberto na direção de Maxwell. — Para sua alegria, eu vou aproveitar para trocar de roupa. Assim, não terei como me resfriar! E não precisarei roubar o seu roupão — brincou.

Maxwell retribuiu o sorriso, inclinando um pouco a cabeça em uma mesura.

— Isso é muito sensato. Eu a ajudo com a mala.

— Não precisa, Maxwell. Obrigada!

A mala era bem diferente de qualquer uma que ela já havia visto. A mochila, idem. Ambas lindas!

— Muito obrigada — agradeceu Victoria, pegando a bagagem. — E me desculpe o jeito...

O homem apenas fez um gesto com a mão, que significava tipo: "Ora, vamos, não foi nada!".

Victoria virou nos calcanhares, disparando escada acima, exultante. Como tudo aquilo viera parar em suas mãos?

Um homem... de cabelos compridos. Será possível que aquele médico tinha ido até o hotel para trazer... O que, meu Deus? Parecia muita coisa! Ele já havia lhe entregado cinco mil dólares. O que mais?

É bem verdade que seu salvador sabia onde Victoria estava, pois havia

desenhado o mapa. Mas e quanto ao nome do "primo"?

Vai ver foi Maxwell mesmo quem deu a dica, Victoria pensou. *Do jeito como fala pelos cotovelos aquele homem...*

Enquanto subia as escadas, a garota quase podia ouvir o diálogo. Ela imaginava o médico entrando, imponente, bem-vestido e parando na recepção.

Ele diria: "Por favor, senhor. Procuro por Victoria *Waldegrave*" – havia sido ele quem escolheu, não?

Ao que Maxwell responderia, de modo perfeitamente natural: "Oh, tão cedo? Imagino que o senhor seja Robert Waldegrave, o primo da senhorita".

O médico, com o rosto impassível, mas sorridente, como se assumisse uma identidade falsa a cada semana, inclinaria de leve a cabeça para o senhor mais velho, cordialmente: "Sim, é claro. Sou eu mesmo. Trago a bagagem da minha prima".

Victoria abriu a porta do quarto aos trancos, entrou e apoiou a mala no centro do recinto. A mochila, tirou das costas e pôs sobre a cama. Então, correu para fechar a porta novamente, antes de remexer em tudo.

Estava sentindo-se tão feliz! Atirou o casaco vermelho sobre a poltrona, depois de pegar o documento e o dinheiro. Além do mapa. Guardaria até aquele pedaço de papel.

— Ele prometeu que voltaria!

* * * *

Do lado de fora da janela, uma figura metamórfica espreitava a felicidade da menina. Apesar do dia ensolarado, ele estava envolto em sombras, invisível. Os olhos, semicerrados, apareciam no fundo de sua capa, brilhando com a fúria que estava dentro dele. Bem guardada no coração.

Se ele apenas pudesse *atacar*. Agora! Mas precisava esperar; os *outros* a tinham auxiliado. Tudo dependia das escolhas dela, por ora.

O corpo da estranha aparição era semelhante ao corpo humano, dotado com músculos poderosos, que se contraíam vez ou outra. A pura vontade de *atacar*! Seu rosto, contudo, tinha algo de chacal e coiote, uma máscara carregada do desejo de vingança.

Não. Ela *não* iria ficar feliz! Ele não deixaria isso acontecer. O tempo tinha chegado. Era hora. Da provação, da dor.

"Ela me conhece como Anúbis. Podemos deixar assim, por enquanto. O nome não é importante."

Anúbis continuou olhando sua fúria crescente. Um som inaudível para os ouvidos dela começou a ecoar baixo, saindo de sua garganta. Um aviso. Um chamado. Depois um sibilar afiado que ficou mais estridente à medida que ele continuava encarando Victoria fixamente.

Tinha saído de perto dela *cedo* demais. Havia preparado cada detalhe, mas depois deixou que as coisas corressem por si. Contentou-se em deixar alguns

subalternos e dar, ele próprio, passagens ocasionais no Reduto da Morte, para testemunhar os piores momentos e relatá-los pessoalmente ao seu senhorio.

Agora... *Isso!* Deveria ter continuado a aterrorizá-la pessoalmente!

"Ele prometeu voltar!" – A voz dela, falando aquilo. Ficou na mente dele. A esperança da jovem.

Sim. Todos voltariam. *Todos eles*. Todos se encontrariam novamente, porque o jogo não tinha terminado. Ainda.

"Todos nós, *querida traidora*. Em breve nos veremos. Como já lhe foi dito: *talvez* você volte para lá!"

"*Eu não a perdoarei*" – esse era o recado que Anúbis havia sido incumbido de entregar a Victoria. De novo e de novo e de novo.

Ele não falharia. Não decepcionaria aquele que o enviou.

Ele era o mensageiro da dor. O destruidor da esperança. O portador da morte.

Um rosnado saiu da sua garganta. Gutural. Antigo. Bestial. Mas, desta vez, com um toque de regozijo no meio daquele oceano de cólera.

Victoria pegou a mochila e apertou o tecido, só para ter algo para fazer com as mãos. Conhecia aqueles lugares desde a infância. Era seguro.

Desviou os olhos para o outro lado, como quem não quer nada, como quem não viu nada. Mas a sensação de estar sendo olhada continuou.

Não é possível... outra vez, não...

A garota olhou de novo para o meio da vegetação. Forçou a vista para o mesmo ponto. Tinha algo ali, não era impressão. Era alguém escondido no meio da vegetação, onde havia pouco sol... ou seria alguma coisa escura, por si só? Um animal, talvez?

Victoria agora sentia o coração batendo nas têmporas. A garota começou fazendo de conta que olhava para o lago, mas sua visão periférica continuava centrada no tal ponto. Foi virando o binóculo, como quem está apenas observando a natureza e os animais ao longe; então desviou para o lado da mata.

Não. Não parecia haver nada. Olhou melhor. Nada. Desviou o binóculo para outro lado, um pouquinho, disfarçando... e voltou a olhar para aquele lugar específico. O corpo estremeceu involuntariamente. Porque, quer visse, quer não, algo a observava.



© arquivo pessoal

DANIEL MASTRAL é conferencista, youtuber e renomado escritor, vencedor do prêmio Areté. Ministra cursos e seminários que abarcam pautas de espiritualidade humana, em suas diversas faces, proporcionando estratégias para superar os obstáculos da jornada da vida. É autor de quatorze obras, inclusive a série best-seller *Filho do fogo – O descortinar da alta magia*, *Guerreiros de Luz – O treinamento, Voz do que clama no deserto – A conquista* e *Catedral das sombras*.

Saiba mais sobre o autor em: www.danielmastral.com.br

porticolivros

Porticolivros

planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros

Sonhos podem revelar verdades
impossíveis de serem entendidas
enquanto estamos acordados

Victoria d'Angerville é uma adolescente alegre com uma família amorosa e muitas amigas. Sua vida seria a de uma típica jovem do Sul dos Estados Unidos da década de 1950, não fossem os terríveis pesadelos que a assombram todas as noites, todos com as mesmas sensações de morte, perda, separação. E há os sonhos com *aquela* garota. A mesma garota.

Agora, Victoria tem certeza de estar sendo observada por algo – ou alguém. E, das sombras, surge uma voz que a ameaça, vultos que a cercam. Estaria ficando louca? Ou haveria um significado oculto por trás desses fenômenos – alguma coisa que precisa descobrir antes que seja tarde demais?

Do dia para a noite, Victoria vê sua vida ficar de cabeça para baixo. A revelação de um horrível segredo de família a coloca à mercê de um médico sem ética em um inferno físico e emocional, no meio do qual ela recebe uma ajuda improvável. Mas será Victoria capaz de mudar o seu destino? Ou a pergunta certa seria... o destino de Victoria d'Angerville pode ser mudado?

PÓRTICO


C.S.
LEWIS
ÉTICA
PARA VIVER
MELHOR
DIFERENTES
ATITUDES PARA AGIR
CORRETAMENTE
PÓRTICO

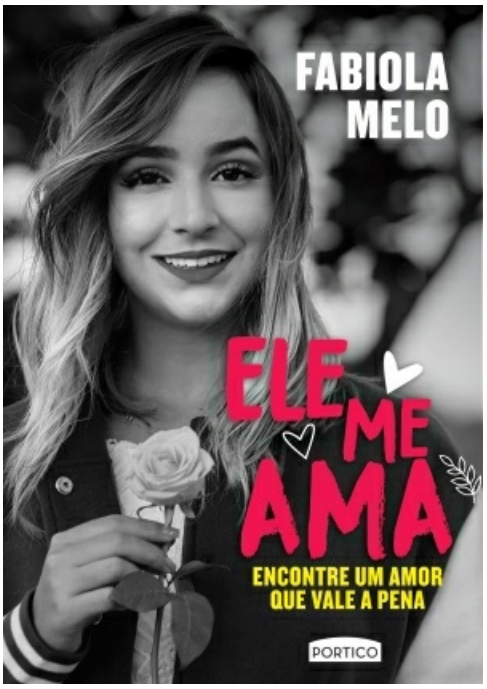
Ética para viver melhor

Lewis, C. S.
9788542210682
194 páginas

Compre agora e leia

Com uma abordagem original, C.S. Lewis propõe ao leitor de Ética para viver melhor reflexões sobre crenças e opiniõesinfundadas que para ele são a causa de grande parte dos males do século XX.Escrita entre 1940 e 1962, esta coletânea de ensaios revela, além da lógica e do brilhantismo de Lewis, toda sua sabedoriaacerca de preocupações éticas, morais e religiosas sempre atuais.Com discussões que vão desde a relação entre Deus e a filosofia até questões que tratam de democracia e igualdade, osensaios aqui reunidos possibilitarão ao leitor reflexões que somente um escritor como C.S. Lewis é capaz de proporcionar

Compre agora e leia


FABIOLA
MELO
ELE
ME
AMA
ENCONTRE UM AMOR
QUE VALE A PENA
PORTICO

Ele me ama

Melo, Fabiola

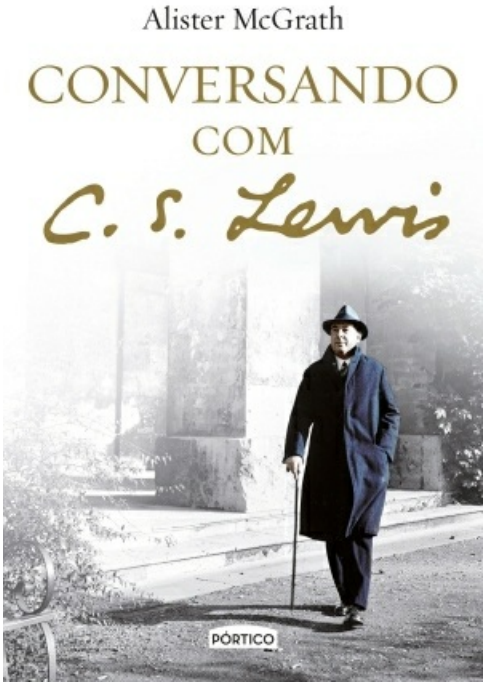
9788542210675

103 páginas

Compre agora e leia

Quando namorar? É realmente difícil encontrar a pessoa certa? O que fazer quando aquele garoto se aproxima e parece que o mundo parou?Durante a adolescência e a juventude, uma das grandes dificuldades da maioria das pessoas é ter um relacionamento saudável. A partir de uma linguagem divertida e descolada, Fabiola Melo, youtuber commais de um milhão de seguidores apresenta em Ele me ama: encontre um amor que vale a pena desde situações engraçadas pelas quais passou até conselhos inspiradores e cativantes para qualquer garota nesta fase de transição.Assuntos como ansiedade, a relação com os pais, a importância da espiritualidade, vida profissional e até mesmo o matrimônio serão tratados a partir de uma conversa entre jovens. Como ocorre em seu canal, a autora será capaz de apresentar soluções simples, porém muito profundas como uma verdadeira melhor amiga.

Compre agora e leia


Alister McGrath
CONVERSANDO
COM
C. S. Lewis
PÓRTICO

Conversando com C.S. Lewis

McGrath, Alister

9788542204551

146 páginas

Compre agora e leia

Você já imaginou como seria conversar com C. S. Lewis sobre diversos assuntos polêmicos? Você já pensou como seria uma entrevista com ele, falando sobre assuntos atuais e o que ele pensa sobre isso?

Compre agora e leia


Fabiana Bertotti
Uma NOVA MULHER em 30 dias
Dicas e conselhos para facilitar seu dia a dia e quebrar a rotina para sempre
PÓRTICO

Uma nova mulher em 30 dias

Bertotti, Fabiana

9788542206180

157 páginas

Compre agora e leia

Dicas e conselhos para facilitar seu dia a dia e quebrar a rotina para sempre.Conhecida por falar de assuntos do cotidiano em seu canal do Youtube, Fabiana Bertotti apresenta em Uma nova mulher em 30 dias algumas mudanças necessárias para a vida de toda mulher. Temas como autoestima, relacionamentos, perdão e felicidade são discutidos de maneira divertida e inteligente. Muito próximo de uma conversa entre amigas, este livro pode ajudar a desencadear uma atitude diferente perante a tudo.

Compre agora e leia


A RAZÃO DA MINHA ESPERANÇA
Resiliência e perseverança para nunca desistir
BILLY GRAHAM
PÓRTICO
Autor com mais de 12 milhões de exemplares vendidos

A razão da minha esperança

Graham, Billy
9788542211177
272 páginas

Compre agora e leia

Não desistir é o melhor caminho para alcançar seus objetivos Ser resiliente é um dos maiores desafios do nosso tempo. Por isso, a partir de uma mensagem motivadora, o autor de A razão da minha esperança nos mostra que desistir nem sempre é a melhor escolha e só aqueles que persistiram alcançaram seus objetivos. Para todos chega a notícia deste ou daquele personagem da história que teve sucesso ou conquistou um grande feito, mas pouco sabemos das inúmeras vezes que fracassaram e tiveram que tentar de novo para chegar a tal objetivo. Com exemplos práticos, histórias emocionantes e um discurso inspirador, este livro será capaz de manter-nos focados nos objetivos e principalmente a não perdermos a esperança independente de quantas vezes seja necessário tentar de novo.

Compre agora e leia